



**Universidade Federal de Pernambuco
Centro de Filosofia e Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História
Doutorado em História**

Jurandir Gonçalves Lima

**Memórias Afetivas de Teresina:
Tensões entre Tradição e Modernidade no Processo
de Modernização da Cidade (1970-2000)**

**Recife
2016**

Jurandir Gonçalves Lima

**Memórias Afetivas de Teresina:
Tensões entre Tradição e Modernidade no Processo
de Modernização da Cidade (1970-2000)**

Orientador: Professor Dr. Antônio Paulo Rezende.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em História da Universidade Federal de
Pernambuco como requisito complementar para a
obtenção do Grau de Doutor.

**Recife
2016**

Catálogo na fonte
Bibliotecária Maria do Carmo de Paiva, CRB-4 1291

L732m Lima, Jurandir Gonçalves de.
Memórias afetivas de Teresina : tensões entre tradição e modernidade no processo de modernização da cidade (1970-2000) / Jurandir Gonçalves de Lima. – 2016.
358 f. : Il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Paulo Rezende.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Pernambuco, CFCH.
Programa de Pós-Graduação em História, Recife, 2016.

Inclui referências.

1. Piauí - História. 2. Cidades e vilas. 3. Urbanização. 4. Capitais (Cidades). 5. Teresina (PI). I. Rezende, Antonio Paulo (Orientador). II. Título.

981.22 CDD (22.ed.)

UFPE (BCFCH2016-20)

Dedico estes ‘devaneios’ reflexivos aos meus pais – meu começo de tudo - *Diolina e Jacinto* em Saudosas e Avassaladoras Memórias de tempos que não volta mais;

Aos meus irmãos e irmãs *Jacilina, Jacira, Maria de Lourdes, Luiza, Juarez, Juacy, Monacy* e especialmente aos meus irmãos *Juracy, Joelina e Maria* que hoje se encontram, imagino, em um ‘Plano Superior’ ao nosso e na companhia dos nossos pais;

Às minhas filhas e fontes de inspiração *Yasmin Vida, Yana Vitória, Yasla Viviam e Luiza Gabriele*;

A minha esposa *Leonice*;

A guardiã das minhas filhas e colaboradora da nossa família *Conceição*;

Aos meus parentes e amigos;

A todos (as) aqueles (as) que (direta ou indiretamente) contribuíram para que edificássemos mais um degrau da escadaria da nossa vida pessoal e da formação profissional;

Aos meus colegas de turma desde os tempos da graduação até este doutorado;

Aos meus colegas de trabalho e de profissão docente;

Aos meus alunos, os maiores responsáveis por esta atitude ‘insana’ da vida acadêmica e dedicação ao magistério e à pesquisa.

Agradecimentos

À vida, nada comparável a esta ‘dádiva’;

A todos os Professores do Programa de Pós-graduação em História da UFPE, em especial aqueles com quem tivemos a grata oportunidade de interagir em algumas disciplinas: os Professores Miranda e George;

A todos os Professores do Programa de Pós-graduação em História da UFPI, que se disponibilizaram na construção do Projeto de parceria com a UFPE para a realização de convenio de pós- formação de quadro de professores de História da UFPI: Therezinha Queiroz, Pedro Vilarinho, Edwar Castelo Branco, Francisco Alcides do Nascimento e Francisco de Assis de Sousa Nascimento,

Ao professor Francisco de Assis de Sousa Nascimento por acreditar, ajudar a elaborar o projeto de qualificação de professores de História da UFPI e coordenar o Doutorado à nível local;

À professora Tânia Maria Pires Brandão por acreditar e ajudar a concretizar o convênio do projeto de qualificação de professores de História da UFPI fazendo a interlocução e coordenando as demandas da UFPI junta ao Programa de Pós-graduação em História da UFPE;

Aos Professores Edwar de Alencar Castelo Branco e Antônio Paulo Rezende de quem tive o privilégio e o prazer de receber a atenção e o acompanhamento nesta ‘viagem louca’;

Aos Professores Edwar Castelo Branco, Francisco Alcides do Nascimento, Francisco de Assis de Sousa Nascimento, Antônio Paulo Rezende e Tânia Maria Pires Brandão pelas críticas sempre pertinentes e sugestões na banca qualificadora;

Aos colegas e amigos de turma do Doutorado Mairton, Raimundo, Gleydson, Bernardo, Melo e Julinete com quem compartilhamos disciplinas, leituras, textos, alegrias e ansiedade;

Aos funcionários da Biblioteca Central da UFPI – Biblioteca Jornalista Carlos Castelo Branco;

Aos funcionários da Academia Piauiense de Letras – APL

Aos funcionários da Biblioteca Crommwel de Carvalho;

Aos funcionários do Acervo Público Piauiense;

Aos funcionários da Fundação Cultural Monsenhor Chaves;

Ao ex-aluno e colaborador Jordan Bruno pela socialização de parte de suas pesquisas iconográficas e hemerográficas sobre a vida e obra de Arimathéa Tito Filho, documentação esta que nos facilitou a escrita do primeiro capítulo e porque não dizer de todo o texto;

Aos meus Amigos de caminhada acadêmica, a quem não só agradeço, mas espero que este trabalho, apesar de sempre passivo de reescrita, possa ter correspondido em expectativa de novos saberes e conhecimentos sobre a cidade de Teresina e seu processo modernizador nas décadas finais do século XX.

Jurandir Gonçalves Lima



Jurandir Gonçalves Lima

**“Memórias Afetivas de Teresina:
Tensões entre Tradição e Modernidade no Processo de
Modernização da Cidade (1970-2000)”**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de **Doutor em História**.

Aprovada em: **01/03/2016**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Paulo de Moraes Rezende
Orientador (Universidade Federal de Pernambuco)

Prof. Dr. Edwar de Alencar Castelo Branco
Coorientador e Membro Titular Externo (Universidade Federal do Piauí)

Prof.^a Dr.^a Tanva Maria Pires Brandão
Membro Titular Interno (Universidade Federal de Pernambuco)

Prof. Dr. Francisco Alcides do Nascimento
Membro Titular Externo (Universidade Federal do Piauí)

Prof. Dr. Francisco de Assis de Sousa Nascimento
Membro Titular Externo (Universidade Federal do Piauí)

ESTE DOCUMENTO NÃO SUBSTITUI A ATA DE DEFESA. NÃO TENDO VALIDADE PARA FINS DE COMPROVAÇÃO DE TITULAÇÃO.

Teresina foi a primeira cidade do Brasil construída em traçado geométrico, no chão da mata derrubada. As casas de moradia tinham a parede da rua rente com as calçadas. Havia um corredor central, ladeando as salas e alcovas, a sala de refeição no meio, com peitoris para o saguão, e o célebre puxado de quartos, despensa, cozinha e banheiro. Esta estrutura ainda existe em muitas residências. Depois se construiriam palacetes.

Lista de Imagens

- Imagem 01 - **Bar Carnaúba na Rua 13 de Maio ao lado do Teatro 4 de Setembro** – p. 70
- Imagem 02 - **Vista Aérea do Campus da Universidade Federal do Piauí em Teresina na década de 1980** – p. 150
- Imagem 03 - **Entrada do Centro de Convenções de Teresina** – p. 168
- Imagem 04 - **Instituto de Educação Antonino Freire Inaugurado em 1973 – Nova Edificação onde passou a funcionar a Escola Normal de Teresina** – p. 171
- Imagem 05 - **Vista Noturna do Prédio do Tribunal de Justiça do Piauí** – p. 173
- Imagem 06 - **Assembleia Legislativa do Estado do Piauí na década de 1990** – p. 174
- Imagem 07 - **Pontão da Santa Maria da Codipi em Travessia sobre o Rio Poti no bairro Poti Velho em 1978** – p. 175
- Imagem 08 - **Ponte sobre o Rio Poti construída em 199, interligação do bairro Poti Velho com a Santa Maria da Codipi em Teresina** – p. 176
- Imagem 09 - **Embarcações no Cais do Porto no Centro de Teresina em 1979** – p. 179
- Imagem 10 - **Navio Comandante Fausto Fernandes e Silva em Teresina em 1988** – p. 181
- Imagem 11 - **Casas de ‘Pau-a-Pique’ construídas na Margem Leste do Rio Poti em Teresina na década de 1970** – p. 199
- Imagem 12 - **Margem Centro e Leste do Rio Poti na Ponte JK - final da década de 1980** – p. 200
- Imagem 13 - **Prolongamento da Avenida Maranhão e o Centro Administrativo** – p. 201
- Imagem 14 - **Mapa da Região Integrada dos Municípios da ‘Grande Teresina’** – p. 217
- Imagem 15 - **Obelisco em Homenagem ao Conselheiro Saraiva na Praça da Bandeira em frente a Igreja de Nossa Senhora do Amparo** – p. 218
- Imagem 16 - **Fachada da Maternidade Dona Evangelina Rosa** – p. 255
- Imagem 17 - **Manchete de Propaganda do Governo do Estado do Piauí sobre a Construção do Pré-metrô (Trem de Superfície) da Capital do Piauí** – p. 264
- Imagem 18 - **Três Torres do Condomínio Beverly Hills** – p. 272
- Imagem 19 - **Edifício Sede da Receita Federal no Piauí** – p. 273

Imagem 20 - Fachada Principal do Prédio do Departamento de Estradas e Rodagens do Piauí/DER-PI – p. 274

Imagem 21 - Vista Aérea do Conjunto Parque Piauí na Década de 1970 – p. 278

Imagem 22 - Rebaixamento da Linha Férrea do Pré-metrô na Estação Central de Teresina – p. 292

Imagem 23 - Enchentes no Rio Parnaíba em 1985 e Alagamento na Avenida Maranhão – p. 305

Imagem 24 - Estação de Bombeamento das Águas das Lagoas dos Bairros Mafrense e Poti Velho para o Rio Parnaíba – p. 307

Imagem 25 - Grupos de Amigos e Familiares em Manhãs de Lazer nas Coroas dos Rios de Teresina – p. 315

Imagem 26 - Banhistas nas ‘Coroas’ do Rio Parnaíba na Região da ‘Prainha’ – p. 316

Imagem 27 - Banhista e Quiosques da Prainha do Rio Parnaíba em Teresina na década de 1980 – p. 317

Imagem 28 - Quiosques e Bares da Prainha do Rio Parnaíba em Teresina na década de 1980 – p. 318

Lista de Tabelas ou Gráficos

- Tabela 01 – População Urbana e Rural de Teresina (1960 e 2000) – p. 203**
- Tabela 02 – Evolução dos Números e Estabelecimentos Formais no Comércio por Porte em Teresina entre 1985 e 2006 – p. 213**
- Tabela 03 – Evolução do número de estabelecimentos formais por porte em Teresina 1985-2000 – p. 252**
- Tabela 04 – Quantidade de Unidades de Saúde e Número de Leitos na Rede Municipal de Saúde sob a Responsabilidade da PMT – p. 257**
- Tabela 05 – Estabelecimentos de Serviços de Saúde e Atividades Produtivas Vinculadas Direta ou Indiretamente ao Polo de Saúde de Teresina – p. 260**
- Tabela 06 – Evolução da População do Município de Teresina (1950-2010) – p. 268**
- Tabela 07 – Evolução do Número de Estabelecimentos Formais na Agropecuária por Porte 1985-2006 – p. 269**
- Tabela 08 – Evolução do Número de Estabelecimentos Formais na Indústria por Porte 1985-2006 – p. 276**
- Tabela 09 – Evolução do Número de Estabelecimentos Formais em Teresina na Construção Civil por Porte 1985-2006 – p. 287**
- Gráfico 01 – Aspectos Demográficos do Distrito Industrial de Teresina 1991-2000 – p. 291**

Lista de Siglas

- ⇒ AABB - Associação Atlética Banco do Brasil
- ⇒ AC- Ambulatório Central
- ⇒ ADUFPI - Associação dos Docentes da Universidade Federal do Piauí
- ⇒ AGESPISA - Água e Esgotos do Piauí Sociedade Anônima
- ⇒ AGRIPISA – Agro Indústria do Piauí Sociedade Anônima
- ⇒ ARBEP Associação Recreativa dos Funcionários do Banco do Estado do Piauí
- ⇒ BEC - 2º Batalhão de Engenharia e Construção
- ⇒ BEP - Banco do Estado do Piauí
- ⇒ BNDE - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico
- ⇒ BNH - Banco Nacional de Habitação
- ⇒ CAT - Colégio Agrícola de Teresina
- ⇒ CDL-PI - Câmara de Dirigentes de Teresina
- ⇒ CEASA Central de Abastecimentos Horto Fruto Granjeiros e Alimentos Sociedade Anônima
- ⇒ CEF - Caixa Econômica Federal
- ⇒ CEPISA - Centrais Elétricas do Piauí Sociedade Anônima
- ⇒ CESPI - Centro de Ensino Superior do Piauí
- ⇒ CESVALE - Centro de Ensino Superior do Vale do Parnaíba
- ⇒ CEUT - Faculdade de Ciências Humanas e Jurídicas de Teresina -
- ⇒ CHESF – Companhia Hidrelétrica do Vale do São Francisco
- ⇒ CLINEFRO – Clínica Nefrológica do Piauí
- ⇒ CNDU - Conselho Nacional de Desenvolvimento Urbano
- ⇒ COHAB - Companhias de Habitação
- ⇒ COHAB-PI - Companhia de Habitação do Estado do Piauí
- ⇒ COHEBE - Companhia Hidroelétrica de Boa Esperança
- ⇒ CREA-PI - Conselho Regional de Engenharia e Arquitetura Piauí
- ⇒ DER – Departamento de Estradas e Rodagens
- ⇒ DETRAN-PI - Departamento Estadual de Transito de Estado do Piauí
- ⇒ EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisas Agropecuária
- ⇒ ETA - Estações de Tratamento d’Água
- ⇒ EUA - Estados Unidos da América
- ⇒ FACID - Faculdade Integral Diferencial
- ⇒ FACIME – Faculdade de Ciências Médicas

- FAESPI - Faculdade de Ensino Superior do Piauí
- FAET - Faculdade das Atividades Empresariais de Teresina
- FAMCC - Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários do Piauí
- FAP - Centro de Ensino Superior Piauiense
- FAPI - Faculdade Piauiense
- FAR - Faculdade Adelman Rosado
- FATEPI - Faculdade de Tecnologia do Piauí
- FATT - Faculdade de Tecnologia de Teresina,
- FETRACOMPI - Federação dos Trabalhadores no Comércio e Serviços no Estado do Piauí
- FGTS - Fundo de Garantia por Tempo de Serviço
- FRIPISA - Frigoríficos do Piauí Sociedade Anônima
- FSA - Faculdade Santo Agostinho
- FUNDAÇÃO CEPRO - Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí
- FUNDEC-PI - Fundação Estadual de Cultura e Desporto
- HCT - Hospital das Clínicas de Teresina
- HDIC - Hospital de Doenças Infectocontagiosas
- HGV - Hospital Getúlio Vargas
- HPM-PI – Hospital da Polícia Militar do Piauí - Hospital Dirceu Mendes Arcoverde
- HTI - Hospital de Terapia Intensiva
- IAPEP-PI Instituto de Assistência e Previdência estado do Piauí
- IBAM - Instituto Brasileiro de Assistência aos Municípios
- IBAMA-PI - Instituto Brasileiro de Meio Ambiente Piauí
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- ICF - Instituto de Ciências Jurídicas e Sociais Professor Camilo Filho,
- IPEA - Instituto Brasileiro de Planejamento Econômico e Social
- IPHAN-PI - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
- IPMT - Instituto de Previdência da Prefeitura Municipal de Teresina
- ISEAF - Instituto Superior de Educação Antonino Freire
- LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
- MEC – Ministério da Educação e Cultura
- NOVAFAPI - Faculdade de Saúde, Ciências Humanas e Tecnológicas do Piauí
- PDDU - Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano
- PDLI - Plano de Desenvolvimento Local Integrado
- PET - Plano Estrutural de Teresina
- PIEMTUR – Empresa de fomento ao Turismo do Estado do Piauí
- PM-PI - Polícia Militar do Piauí em Teresina
- PMT - Prefeitura Municipal de Teresina
- REFFSA - Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima

- ⇒ SDU - Superintendência de Desenvolvimento Urbano
- ⇒ SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio a Micro e Pequena Empresas
- ⇒ SEMAN - Secretaria Municipal de Meio Ambiente
- ⇒ SEMAR-PI - Secretaria Estadual de Meio Ambiente e Recursos Hídricos do Piauí
- ⇒ SEMDEC - Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico de Teresina
- ⇒ SEMPLAN - Secretário Municipal de Planejamento
- ⇒ SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial,
- ⇒ SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
- ⇒ SENAT – Serviço Nacional de Aprendizagem dos Transportes
- ⇒ SERFHAU - Serviço Federal de Habitação e Urbanismo
- ⇒ SESAPI – Secretaria de Saúde do Estado do Piauí
- ⇒ SESI – Serviço Social da Indústria
- ⇒ SEST – Serviço Social dos Transportes
- ⇒ SFH – Sistema Financeiro da Educação
- ⇒ SINDLOJAS-PI - Sindicato dos Diretores Lojistas do Estado
- ⇒ SINTUFPI - Sindicato dos Técnicos Administrativos da Universidade Federal do Piauí
- ⇒ STRANS - Superintendência de Transportes do Município de Teresina
- ⇒ TELEPISA – Telefones do Piauí Sociedade Anônima
- ⇒ UDI – Unidade de Diagnostico por Imagem
- ⇒ UESPI - Universidade Estadual do Piauí
- ⇒ UFPI - Universidade Federal do Piauí

RESUMO

Estes escritos compreendem narrativas de cunho teórico, metodológico e empírico que buscaram na heterogeneidade e na pluralidade conceitual das categorias História, Cidade, Urbanização, Modernidade e Cultura, captar os ‘movimentos’ do processo de Modernização de Teresina-PI decorrentes das mudanças urbanas e das transformações culturais da cidade nas três últimas décadas do século XX. Concentradamente, estes esforços reflexivos e analíticos buscaram ‘captar’ o fenômeno da Urbanização e seus efeitos sobre as práticas, os hábitos e os costumes do teresinense buscando descrever na observação da dialética cotidiana da *urbe*, as tensões que dela emergiram no ‘conflito’ ruptura *versus* permanência, mudança *versus* tradição, novo *versus* velho. A principal intenção do trabalho foi identificar e descrever nas metamorfoses da cidade, as memórias afetivas de Teresina a partir das transformações urbanas e sociais nela existentes de forma a descrever como seu processo modernizador influenciou em continuísmos, mudanças ou alternâncias de comportamento dos seus atores sociais como forma de explicitar a ‘predestinação’ de ‘Cidade Moderna’ que acompanha a história de Teresina. Metodologicamente, além da revisão de literatura embasada em autores como Bresciane, Rezende, Berman, Certeau, Giddens, Hall, Harvey, Matos, Rolink, Sevcenko, Abreu, Araújo, Lima, Nascimento e outros, os escritos estão fundamentados em farta empiria encontradas em crônicas de Arimathéa Tito Filho, jornais, projetos ou leis, decretos, mensagens de governo, planos de estruturação urbana, etc. Nele utilizamos ainda o recurso iconográfico de fotos, documentários, gravuras e desenhos. A Teresina que encontramos foi uma cidade que desde o seu nascedouro carregou consigo a ‘sina’ de ser ‘eternamente’ moderna, movimento ‘eterno’ este que, vez por outra, solapa tradições tanto na cidade como no sei cidadão ao ponto de lhes imprimir novos experimentos, novos ‘equipamentos, novas práticas, elementos estes que entendemos como responsáveis pelas mudanças de hábitos do teresinense que ajudaram na conformação do seu processo Modernizador.

Palavras-chave: História. Cidade. Modernização. Teresina.

ABSTRACT

These writings include theoretical, methodological and empirical narratives that sought in the heterogeneity and conceptual plurality of the categories: History, City, Urbanization, Modernity and Culture, to capture the 'movements' of Teresina-PI modernization process arising from urban changes and cultural transformation of the city in the last three decades of the twentieth century. Mindedly, these reflective and analytical efforts sought to 'capture' the phenomenon of urbanization and its effects on the practices, habits and customs of Teresina people, trying to describe in the observation of *urbe* everyday dialectics, the tensions that emerged from it in the 'conflict' break *versus* permanence, change *versus* tradition, new *versus* old. The main intention of the study was to identify and describe, in the city's metamorphosis, the emotional memories of Teresina from urban and social changes in that area in order to describe how their modernization process influenced in continuous situations, changes or behavior alternations of its stakeholders as a way to explain the 'predestination' of 'Modern City' that accompanies the story of Teresina. Methodologically, beyond the literature review grounded in authors like Bresciane, Rezende, Berman, Certeau, Giddens, Hall, Harvey, Matos, Rolink, Sevchenko, Abreu, Araujo Lima, Nascimento and others, the writings are based on abundant empirical data, found at Chronicles of Arimathea Tito Filho, newspapers, projects or laws, decrees, government posts, urban structure plans, etc. We also used the photos as an iconographic feature, documentaries, prints and drawings. The Teresina city that we found was a city that since its birth carried the 'fate' of being 'forever' modern, 'eternal' movement that, at times, undermines traditions in the city and in its everyday practices in a way to printing them new experiments, new 'equipment', new practices, matters that we understand as responsible things for the changes in habits from Teresina people, that have helped in shaping their Modernizing process.

Keywords: History. City. Modernization. Teresina.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
-------------------------	-----------

CAPÍTULO I

MEMÓRIAS AFETIVAS DE TERESINA NAS CRÔNICAS DE ARIMATHÉA TITO FILHO	42
---	-----------

Os Movimentos de Modernização de Teresina: Memórias Afetivas da Cidade nas Crônicas de Arimathéa Tito Filho	47
---	----

Tensão Histórica Entre o Moderno e o Tradicional na cidade Tranquila e Pitoresca de Arimathéa Tito Filho	73
--	----

Mudanças Culturais e Comportamentais na Cidade Tranquila e Pitoresca de Arimathéa Tito Filho.....	109
---	-----

CAPÍTULO II

TERESINA: HISTÓRIA, MODERNIDADE, URBANIZAÇÃO E MUDANÇAS CULTURAIS (1970-2000)	126
--	------------

Teresina: Concepções de Modernidade como Elemento Interconexo com a Tradição	127
---	-----

A Modernidade e os Signos ou Estigmas da Cidade	143
---	-----

Progresso e Desenvolvimento no Imaginário da Sociedade Teresinense.....	156
---	-----

Teresina, Obras Públicas e Advento Tecnológico na Reconstrução da Cidade Visível.....	183
---	-----

CAPÍTULO III

A MODERNIZAÇÃO DA CIDADE DE TERESINA: UM ETERNO EMBATE ENTRE O TRADICIONAL E O MODERNO	222
---	------------

Teresina e seu Processo Modernizador: Resultado do Conflito “Novo” Versus “Velho”, “Mudança” Versus “Permanência”, “Tradição”, Versus “Transformação”	223
---	-----

Urbanização e (I)Migração como Fenômeno ‘Dilatadores’ da Cidade	266
---	-----

Fluída como seus dois Rios: Teresina, Cultura e Lazer	303
---	-----

(IN)CONCLUSÕES	319
-----------------------------	------------

BIBLIOGRAFIAS E REFERENCIAS.....	337
---	------------

FONTES	350
---------------------	------------

Introdução

Teresina nasceu sob o signo da modernidade. Sua ‘predestinação’ de ‘Cidade Moderna’ está tão imbricada na sua historicidade, que mesmo antes da sua construção em 1852, na sua invenção a partir da ‘utopia’ de José Antônio Saraiva¹ já estava circunscrita de uma ideologia modernista. O período de ‘*Pax Imperial*’ que reinava sobre o Brasil, não era o mesmo do ponto de vista político, econômico e administrativo para a cidade de Oeiras, condição que levou a mesma a perder nos primeiros anos da década de 1850 o *status quo* de sede da Província do Piauí. Teresina nascia assim já como proposta moderna e modernizadora de nova Capital para a Província, condição que a ‘velha’ Oeiras não conseguia atender. Sua predestinação de ‘Cidade Moderna’ ‘atravessou’ o tempo sendo foi passada de geração em geração a ponto de, ora discursivamente, ora a partir de ações práticas, permanecer viva em parte considerável de seus cidadãos.

Os contatos experimentais com essa modernização eram tornados realidade tanto visualmente como comportamentalmente. Visualmente, o impacto de obras e construções públicas ou privadas impressionava pela capacidade que as novas paisagens tinham de seduzir e produzir entorpecimento no imaginário de homens e mulheres, ainda que algumas dessas obras tenham parecido indesejáveis em alguns momentos e por alguns atores sociais da cidade. Igualmente, a ‘utopia’ da cidade moderna idealizada ou concretizada em novas paisagens produziram representações e imagens da *urbe* difíceis de apagar.

Comportamentalmente, o contato com o ‘novo’ - primeiro e mais elementar significado do que era entendido como moderno - levava ‘naturalmente’ a estranhamentos, que por sua vez se desdobravam em práticas de aceitação ou rejeições das ‘ditas’ novidades. No processo/movimento de consolidação/transformação do moderno em tradição, ou seja, no movimento de transformação do ‘Novo’ em ‘Velho’, havia recusas e aceitações, o que levava a que, total ou parcialmente, ele fosse solapado ou implodindo à luz do tempo. O convívio com a utopia da modernização da cidade virou assim uma obsessão, condição esta que passou a nutrir nossa tese - a de que em Teresina, ao longo de toda a sua existência, sobretudo nas três últimas décadas do século XX, transformaram-se os espaços, criaram-se novos lugares,

¹ Presidente da Província do Piauí e um dos grandes responsáveis pela mudança de sede da capital da província de Oeiras para a Barra do Poti, local onde foi construída a nova capital Teresina.

modificaram-se as práticas sociais, surgiram novos hábitos e costumes, aspectos estes que assumiram formas sempre inacabadas, o que fazia deles paradigmas a ser constante e continuamente buscados construir. Neste movimento, memórias afetivas da cidade foram construídas, outras foram solapadas em decorrência das tensões entre ‘Tradição’ e ‘Modernidade’ no processo de modernização da cidade de Teresina, no entanto, a ‘predestinação’ de ‘Cidade Moderna’ como projeto eternamente inacabado permaneceu.

A considerar o título do nosso objeto de estudo *‘Memórias Afetivas de Teresina: tensões entre Tradição e Modernidade no processo de Modernização da cidade’* e o objetivo central destes escritos *‘analisar memórias afetivas da cidade presentes nas muitas transformações urbanas e sociais vivenciadas em Teresina entre as décadas de 1970 e 1990 com vistas a evidenciar as tensões entre o Moderno e o Tradicional neste processo modernizador*, uma condição se fez premente e obrigatoriamente necessária esclarecer: ainda que no momento de construção destes escritos se realize intenso debate acadêmico ‘mundo a fora’ em torno de já vivenciarmos tempos ditos ‘pós-modernos’, a análise do nosso objeto esteve situado no campo de compreensão do ‘movimento de modernização de Teresina’ como ‘projeto inacabado’, portanto, em constante construção, a considerar a ‘Predestinação’ de ‘Cidade Moderna’ que Teresina demonstrava carregar consigo desde sua fundação.

Neste estudo, categorias de análises importantes para a compreensão dos escritos como ‘Cidade’, ‘Moderno’, ‘Modernidade’, ‘Modernização’, ‘Urbanização’ e ‘Tradição’ precisaram ser, se não desveladas - já que se tratavam de categorias bastante complexas conceitualmente até mesmo para estudiosos do tema - mas, pelo menos, apresentados alguns significados ‘aceitos’ e compreendidos nos estudos sobre Cidade². Estes conceitos ou significados estiveram diluídos ao longo de todo o texto como forma de fundamentar e de

² Segundo Castilho (2010, p. 128), “autores como Eisenstadt (1968), Black (1971), Germani (1974), Habermas (2002) e Schwartzman (2004) apresentam um debate sobre a dinâmica da modernização. Este último apregoa que o termo existe no mundo das ideias como valores e afirmações morais sobre a vida humana [...] e como interpretação de um amplo processo de mudança social (2004, p.16). Schwartzman (2004, p. 18) afirma ainda que a expansão da modernidade era descrita a partir de termos como progresso e evolução. Mais tarde, economistas começaram a falar de ‘desenvolvimento econômico. Muito mais recentemente, cientistas sociais adotaram o termo modernização”. Ainda para Castilho (2010, p. 137) “É importante ressaltar que, apesar da proximidade dos termos modernização, modernidade e modernismo, há diferenças substanciais entre eles. Segundo Harvey (1993), modernidade é a racionalidade em evidência. Ela não apenas envolve uma ruptura com as condições históricas precedentes, como é caracterizada por um interminável processo de rupturas e fragmentações internas inerentes (HARVEY, 1993). Para este autor, modernismo enquadra a razão universal por meio dos códigos de valores universais. Podemos dizer, por conseguinte, que modernismo é uma corrente artística. Já a modernização é o capitalismo em ação por meio de suas classes hegemônicas; é o seu processo de expansão e/ou territorialização pelos lugares”. Para melhor compreensão sobre os sentidos da modernização ver: CASTILHO, Denis. **Os Sentidos da Modernização**. B.goiano.geogr. Goiânia, v. 30, n. 2, p. 125-140, jul./dez. 2010. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg/article/view>.

facilitar uma melhor compreensão do nosso objeto à luz da teoria.

Apresentar uma opção conceitual para as categorias com as quais trabalhamos na perspectiva de dar conta do que ora propomos como objeto de análise correspondeu à tentativa de ‘sintetizar’, com base tanto na fundamentação teórica como no contato com a empiria, elementos que nos ajudasse a compreendê-las e, por elas, poder captar o movimento de modernização de Teresina, cidade objeto deste estudo. Nela, o fenômeno observado – a modernização de Teresina – está diluído ao longo de todo o texto, o que certamente demanda dos leitores destes escritos um esforço maior de leitura e compreensão. Ainda assim, julgamos pertinente, ‘pulverizar’ nestes escritos introdutórios significados e conceitos elementares das categorias de estudo com as quais pontuamos as discussões nos capítulos deste estudo.

Ao considerar que o objeto de estudo foi ‘Cidade’, e, Teresina foi o ‘*Lócus*’ de observação, foi por esta categoria que iniciamos a apontar breves análises nos quais nos fundamentamos para narrar as Memórias Afetivas de Teresina observando nela as tensões entre tradição e modernidade no seu ‘eterno’ processo de modernização.

Mas, o que vem a ser mesmo uma cidade? Porque elas se tornaram o centro da vida moderna? Porque igualmente se consolidaram como ‘espetacular’ objeto de estudo da História?

Sobre Cidade do ponto de vista conceitual, o primeiro elemento a expor aponta que qualquer significado a ela atribuído ou tentado atribuir, seria sempre subjetivo e por mais esforço reflexivo que se fizesse, seria sempre incompleto, sobretudo se considerarmos isto em poucas linhas ou poucas páginas.

Ainda que tenha sido abordada de forma diferente e sob diversas perspectivas (urbana, geográfica, histórica, sociológica, política, etc.) ou de forma bastante genérica, porém buscando uma síntese, entendemos por Cidade às formas de organizações humanas e produtivas que se diferem do formato de organização social campesino ou ruralesco primordialmente sob dois aspectos: um, pelo fenômeno do adensamento populacional e o outro o pela urbanização. Mais especificamente, uma cidade compreende um aglomerado populacional organizado em um espaço geográfico específico que possui administração própria, estando circunscrita a um determinado território e população, concentrada num sítio urbano onde possam habitar, trabalhar e se divertir. Nela, o trabalho como meio de sobrevivência está prioritariamente ligado ao setor secundário e terciário da economia, já que

predominantemente, as atividades ligadas ao setor primário se desenvolvem na zona rural.

O surgimento das cidades foi um marco definidor na história da humanidade. Pois foi a partir da organização das sociedades em cidades, que “os seres humanos teriam passado de sujeitos das leis da natureza para agentes que a dominam” (SILVA; SILVA 2009, p. 52), igualmente, a grande quantidade e variedade de demandas humanas que a cidade passou a potencializar respostas, levou este espaço a se tornar o *locus* preferencial da vida moderna.

Falar em modernidade, em modernização e mesmo em moderno relacionando a algo, a um lugar ou a alguma ação era bastante escorregadio, portanto, era pisar em um terreno de contradições, pois esses conceitos eram muitas vezes postos em oposição ao de Tradição, questão bastante complexa visto que estes podiam ser comparados ou contrapostos dando a entender ‘*status*’ de poder diferenciado entre essas categorias, igualmente podiam ainda ser consideradas de modo saudosista ou mesmo como algo retrógrado.

Por ‘moderno’ e sua relação tanto com o objeto ‘Cidade’ como com as práticas e costumes dos seus moradores entendemos ser aquilo que se apresentava como Novo. Novo este capaz de mostrar-se como alternativa viável a uma demanda humana num espaço-tempo presente, momento onde a Tradição apresentava-se como incapaz de dar respostas às questões que suscitavam alternativas modernas. Por moderno podemos entender ainda aquilo que emerge de dentro da Tradição e que nela já não encontrava mais capacidade de atender ou de responder satisfatoriamente a uma demanda humana do mundo moderno. O moderno está circunscrito conceitualmente como aquilo capaz de alterar a vida cotidiana de forma a produzir melhor qualidade de vida, fenômeno que, via de regra, era complementado nas relações de produção e de consumo projetadas pela modernidade, notadamente percebido pelo ‘signo’ do novo, da novidade, elementos indispensáveis para a compreensão da modernidade.

Etimologicamente, a modernidade corresponde a um termo derivado do latim *modernus*, significando *recentemente*³. Charles Baudelaire (1997)⁴ pensava a modernidade como o conjunto de mudanças que iam se operando em seu presente. A modernidade era um movimento em constante (re)construção, sobretudo nas transformações impostas aos costumes, à arte e à moda com vistas a atender demandas sempre presentes que a Tradição não conseguia atender satisfatoriamente. Já para Jacques Le Goff (1994), a ideia de

³ Termo que desde o século V, a partir dos escritos de Santo Agostinho, passou a ter diversos significados.

⁴ Escritor francês da segunda metade do século XIX.

modernidade surgiu quando o humano passou a produzir um sentimento de ruptura com o passado. Logo a modernidade passou a ser compreendida como um ‘eterno devir’ ao ponto em que se afastava de uma dada tradição vista ainda que momentaneamente como obsoleta.

Por ‘modernização’, entendemos ser um ‘processo’ ou ‘movimento’, portanto, um ‘projeto’ sempre inacabado de mudanças e transformações nas formas de pensar e agir humanas com vistas a atender um conjunto de demandas impostas no mundo moderno, demandas estas circunscritas sob a ótica mercantil-capitalista no pós ‘Renascimentos’⁵.

Por modernização urbana aplica-se a mesma compreensão de movimento ou processo de ‘metamorfoses’ na *urbe* que alteram sua estrutura urbanística e arquitetônica com vistas a atender às demandas dos tempos modernos, mudanças estas que destroem ou adaptam certas tradições em nome do ‘novo’ igualmente alterando a vida do cidadão, sedento por melhor qualidade de vida, fenômeno que, quase sempre, era locupletado nas relações de produção e de consumo, típicas da sociedade capitalista. Por modernização da cidade entendemos ainda a adoção de atividades e formas de pensar e agir ligadas à produção de bens, produtos e serviços vinculados aos setores secundários e terciários da economia, atividades típica e predominantemente urbanas, condição indispensável para o fenômeno da urbanização. A modernização na *urbe* atuava igualmente alterando hábitos e costumes dos cidadãos em nome do novo e das novidades que eram apresentadas como projeto futuro ou como realidade ao morador da cidade. Onde a modernização não consegue impor mudanças, têm-se ali as forças da tradição reagindo e fazendo-se preservar-se ainda como moderno, ou seja, era a Tradição reafirmando seu prazo de validade num dado contexto histórico.

Por ‘urbanização’ e sua relação com o processo modernizador de Teresina entendemos ser todas as intervenções e ações tanto públicas como privadas feitas com o objetivo de melhor organizar, gerir e usufruir, individual ou coletivamente, dos equipamentos urbanos da cidade a exemplo de avenidas, ruas, passeios, praças, parques, bosques, pontes, viadutos, rebaixados, elevados, etc. Intervenções essas capazes de construir no imaginário do morador da *urbe* ‘sensação’ de progresso e de desenvolvimento da cidade e de seus moradores.

Por fim, por ‘tradição’ no contexto do movimento de modernização de Teresina entendemos ser a força subjetiva ‘onipresente/onipotente’ na cidade capaz de fazer prevalecer

⁵ Aplicamos à categoria Renascimento o Plural por entender que o advento da modernidade compreende fato-processo histórico decorrente de muitos Renascimentos a destacar o ‘mental’, o ‘religioso’, o ‘científico’, o ‘urbano’, o ‘comercial’, o ‘artístico’, etc., notadamente destacado por dois novos paradigmas: o da nova visão de Homem e o de nova visão de Mundo via, respectivamente, Teoria Antropocêntrica e Heliocêntrica.

o interesse pelas ‘permanências’ em detrimento das mudanças e das transformações, fosse na estrutura urbana da cidade, fosse nos hábitos e costumes de seus moradores ou ainda nas suas formas de pensar e agir. A Tradição compreende ainda todas as ações e atitudes individuais ou coletivas, públicas ou privadas com vista à defesa da preservação de ‘lugares’ e ‘entre lugares’⁶ ou práticas sociais diante do advento do Novo.

Ainda que análises ou conceitos destas categorias apareçam no decorrer deste documento, foi com base na compreensão conceitual anteriormente apresentada que nos fundamentamos para descrever e elucidar nossa tese e objeto de estudo: uma Teresina que se modernizava e com ela igualmente se transformavam as práticas (hábitos e costumes) e as formas de pensar (mentalidade) de seus habitantes, modernização esta em constante construção, portanto, ‘sempre inacabada’ à luz da sua Historicidade.

Outro elemento de ordem teórico que se fez necessário esclarecer, diz respeito aos possíveis significados e conceitos de ‘Cidade Visível’ e ‘Cidade Invisível’, conceitos que ‘atravessaram’, vez por outra, nosso estudo já que buscamos captar memórias afetivas da cidade.

A Cidade Visível foi por nós apresentada como a Cidade Objetiva, aquela vista sob a forma monumento, física, estrutural. Podia ainda ser entendida pela cidade vista sob a perspectiva do *Voyeur*. Já a Cidade Invisível era aquela que se apresentava sob a forma de Cidade Subjetiva, materializável nas lembranças e memórias, na sensibilidade saudosista ou sentimental de seus habitantes. Podia e devia ainda ser vista sob a perspectiva do *Flaneur*.

A considerar a fragilidade das fronteiras culturais, materiais e imateriais, advindas do fenômeno Globalização, qualquer análise do universo urbano, micro ou macro, cultural ou não, perpassava obrigatoriamente pelo entendimento das transformações e mediações - perdas e conquistas - travadas entre o tradicional e o moderno, entre a permanência e a ruptura, entre o velho e o novo, pois, Teresina à medida que mostrava uma parte sinuosa ou retilínea de sua cartografia urbana, escondia os sorrisos, gemidos e sussurros de seus moradores nas ruas e vielas, nos bares ou calçadas, nas casas, casebres, apartamento e mansões. Dos cemitérios, lugares das lágrimas às casas de espetáculos lugares do riso, passando por lugares outros de serenidade, a cidade também estava ‘pulverizada’ de ‘entre lugares’ objetivos e subjetivos, concretos e abstratos, materiais e imateriais. Neles, mesmo perpetuados certas resistências, rupturas modernizadoras da cidade ‘cicatrizavam’ na estrutura urbana ou nos costumes de

⁶ Materiais e imateriais, objetivos ou subjetivos.

seus moradores, memórias afetivas tanto do Novo que se instalava quanto do Velho que resistia ou até mesmo sucumbia diante do advento da modernidade.

A considerar que objetivamos identificar mudanças de viés modernizador na estrutura urbanística da cidade, assim como igualmente identificar e analisar mudanças nos hábitos e costumes dos seus moradores decorrentes do conflito moderno e tradição, de antemão afirmamos não abrir mão da necessidade de trabalhar com estes dois sujeitos observadores da *urbe*, sujeitos que têm as suas peculiaridades de ver e vivenciar a cidade: um na sua totalidade e o outro na sua particularidade, o *Voyeur*⁷ o *Flaneur*⁸. Um deles foi utilizado sob a perspectiva macro, aérea, objetiva, matéria/física, visível. O outro foi ‘explorado’ no seu prisma micro, por baixo e por dentro, subjetivo, flexível, invisível. A necessidade destes dois olhares podia melhor ser entendida para este estudo a partir da perspectiva de que não há um todo sem as partes, assim como também não há justificativa da existência das partes se não for para compor um todo.

A tessitura do texto deu-se alimentado pelo desejo de investigar o movimento das transformações urbanas e sociais ocorridas em Teresina entre o início da década de 1970 e fins de 1990, nutrido principalmente pela necessidade de compreender como as metamorfoses urbanas e sociais modificaram os hábitos e costumes do teresinense numa perspectiva de imprimir nos seus moradores a ‘estigma’ de ‘cidade moderna, ‘estigma’ esta que passou a fazer parte da historicidade de Teresina e de seus habitantes.

Nele, as transformações que buscamos evidenciar ao longo deste estudo foram tanto objetivas quanto subjetivas, ou seja, tanto aquelas apresentadas de forma concreta - através de prédios, monumentos, vias públicas - como abstrata - as memórias, sentimentos, ressentimentos, etc. Isto porque, se por um lado a cidade contemplou a construção e usufruto de centenas ou até milhares de obras físicas, públicas e/ou privadas, a exemplo de passeios, ciclovias, calçadas e calçadões, pontes, viadutos, estradas, ruas, avenidas, parques, praças, campos de várzea, quadras de esportes, ginásios e estádio de futebol, sistemas de trens urbanos, Centro de Convenções, Centro Administrativo, hospitais, maternidades, shoppings, prédios públicos, edifícios comerciais e residenciais, conjuntos habitacionais, etc. Por outro, estas obras e tantas outras, de dimensões físicas pequenas, médias ou grandes, colaboraram historicamente para a criação de novos hábitos, novos costumes, novas formas de pensar e

⁷ O *Voyeur* como observador da cidade a certa distancia, visualizando-a no seu aspecto mais geral.

⁸ O *Flaneur* como observador que ‘perambula’ por todos os lugares da cidade, visualizando-a no seu aspecto tanto macro, como micro espacial.

agir de seus moradores.

Estas mudanças, materiais e imateriais, trouxeram consigo situações de ‘tensões’ entre alguns moradores da cidade entre si ou entre estes e algumas instituições que, quase sempre, estavam à frente das muitas intervenções na cidade. No caso de Teresina, capital do Estado do Piauí, buscamos evidenciar estas mudanças observando as tensões e conflitos que delas emergiram provocando novas necessidades de ordenamento, de harmonização, de ‘ajustamentos’ das relações sociais com vistas a manter o percurso ‘natural’ e ‘cotidiano’ da vida dos habitantes na cidade.

Estas mudanças se refletiram em conflitos e tensões provocadas no ‘choque’ entre elementos da tradição e as forças da modernidade produzindo enfrentamentos históricos entre os moradores da cidade ao se depararem diante dessas duas possibilidades: o ‘velho’ e o ‘novo’, entre o estabelecido e o indeterminado, entre, enfim, a ‘permanência’ e ‘ruptura’, dos quais resultaram os novos modos de vida e os velhos jeitos de ser, sentir e vivenciar a cidade.

Considerando as permanências ou as rupturas vivenciadas pela cidade e pelos seus moradores, este estudo ao propor mapear e analisar um conjunto de obras decorrentes de ações públicas e privadas (indistintamente) que aceleraram os processos de transformações da cidade de Teresina numa perspectiva modernizante, processo seguido de mudanças nos hábitos e costumes de seus moradores, buscou construir uma narrativa das muitas compreensões historiográficas possíveis ou ainda porvir sobre a cidade dos sonhos de Saraiva.

A intenção de trabalhar a cidade deu-se, portanto, por entender que ainda existe um universo grande e vasto de informações para se pesquisar sobre a História de Teresina e de sua redefinição espacial, com efeitos em mudanças mentais e comportamentais nos seus habitantes.

O recorte temporal que apontou as três últimas décadas do século XX deu-se por entendermos este como um dos momentos mais promissores da fase de modernização da cidade, momento marcado pela ascensão, estabilidade e queda do Regime Militar, pelo período de redemocratização, pela instalação de Governos Neoliberais e, por fim, pela ascensão da Esquerda ao poder político no Brasil.

Justificou sua execução, descrever nesta investigação o cotidiano vivido pelas famílias teresinenses a partir do ‘contato’ com os elementos modernizantes que aqui se instalaram através de obras que contribuíram para modificar o espaço urbano da cidade, transformando-a num verdadeiro “complexo urbano, formado, social e economicamente por uma importante

concentração populacional não agrícola dedicada a atividades, principalmente, mercantil, industrial, financeira, cultural e social” (CORREA, 1995, p. 36).

Neste caso, fazer um estudo dos comportamentos e costumes da sociedade teresinense analisando os desdobramentos de intervenções propiciadas pelo Poder Público eclode como uma essencialidade neste estudo, haja visto que, as ações mais impactantes e transformadoras da estrutura urbana da cidade e dos costumes de seus moradores, tanto do ponto de vista urbano e arquitetônico como cultural, foram resultado de intervenções públicas via União, Estado ou Município, individual ou coletivamente.

Individual ou coletivamente, fosse através do Poder Público ou de ações da iniciativa privada, os equipamentos modernizantes experimentados pela sociedade teresinense alteraram a dinâmica da cidade possibilitando a ela e a seus moradores respirar ‘ares’ de cidade grande, de centro urbano, de metrópole, ainda que nas franjas dessa mesma cidade se nutrisse ainda a tradição de cidade pacata, acanhada, tacanha. Parecia haver duas ‘Teresinas’, uma moderna visualizada no concreto, no cimento, no ferro, no asfalto, na tenacidade do comércio, da quantidade de veículos automotores, nos serviços médicos e educacionais. De outro, a cidade atravessada pela tradição ruralesca, pelos animais soltos pelas ruas, da lata d’água na cabeça, das casas de taipa, do lamaçal dos esgotos a céu aberto ou da poeira da estrada de chão batido, de homens, mulheres e crianças sem ‘horizonte’ algum.

Nesta ambivalência, a partir da década de 70, Teresina, capital do Estado do Piauí, passou a adquirir uma nova forma de existência, um novo formato de âmbito urbano, social, político e administrativo local e regional, mesmo que elementos que caracterizavam modernidade e tradição se misturassem numa panaceia utópica de progresso, de desenvolvimento, de modernidade. Neste contexto, a cidade passou a receber maior e melhor atenção do poder público, até mesmo porque, foi no último quartel do século XX que o Estado, nas suas três esferas e nos seus três poderes, melhor se estruturou institucional, administrativa e organizacionalmente através tanto de espaços físicos, como de quadro de funcionários e de legislação, estes últimos marcados pela promulgação da Constituição Cidadã de 1988.

Em Teresina, a própria montagem do aparato burocrático do Estado do ponto de vista institucional, somados a realização de diversas outras obras de urbanização alterou substancialmente a geografia urbana e arquitetônica da cidade, produzindo em seus atores sociais anseios por novas demandas de consumo de viés modernistas que colocou a cidade e sua população numa nova fase de sua existência, criando assim novos aspectos urbanos que

até então a mesma desconhecia.

A considerar a quantidade de ações interventivas executadas tanto pelo poder público, como pela iniciativa privada, atribui-se que parte desta política urbanística modernizadora da cidade foi fruto do momento que vivia a economia do país que respirava os ares do ‘milagre’ econômico.

Naquele contexto, sendo o poder público uma das mais importantes instituições modeladoras das cidades, o mesmo atuava promovendo, via execução ou financiamento, um conjunto significativo de obras, obras essas que acabava por influenciar não só nas transformações que processavam na estrutura urbanística de Teresina, mas sim, nas mudanças de hábitos e costumes nas práticas cotidianos do morador da cidade, sobretudo aquelas que produziam melhor qualidade de vida para os habitantes da cidade, prenúncio do ingresso da cidade e de seus moradores numa ‘época’ de ‘civildade’ e de ‘modernidade’.

Assim, acabamos analisando também a prática participativa do Poder Público no planejamento e elaboração de elementos ou obras que visavam o melhor bem estar social do morador da cidade, mesmo quando essas ações ocorreram por força de pressão popular, legitimadas na necessidade de atender a reclames por obras ou serviços básicos. Neste aspecto, o poder público agiu ou exercendo seu papel constitucional ou sendo ‘cobrado’ pela sociedade civil através de cidadãos comuns ou de entidades representativas a executar ações com vistas a atender as demandas reclamadas pela população.

Considerando a quantidade de novas áreas ocupadas e incorporadas à estrutura urbana da cidade em decorrência do surgimento de vilas, favelas, conjuntos habitacionais e bairros, muito das ações públicas objetivando oferecer a essas populações obras e serviços essenciais se deram mediante a cobrança organizada de instituições representativas daquelas comunidades, a exemplo das associações de moradores, dos grupos de mães, dos grupos de jovens e até mesmo de federações representativas a exemplo da Federação das Associações de Moradores e Conselhos Comunitários do Piauí – FAMCC⁹.

Ainda que o Poder Público atuasse buscando atender as demandas da população, a sociedade civil através de seus órgãos representativos ou associações acabavam

⁹ A mobilização popular das camadas menos favorecidas tem ocorrido historicamente através de instituições representativas a exemplo de associações de moradores, de grupos de mães, de filiação sindical, de filiação política partidária ou em movimentos de igrejas. Por eles, esses grupos tem adquirido conscientização política, levando-os a reivindicar e pressionar os agentes públicos governamentais a apresentar soluções para suas demandas básicas essenciais. Para fazer existir na prática este instrumento de pressão, se faz necessário que as comunidades unam-se e formem seus órgãos representativos a exemplo dos acima citados.

desempenhando papel importante na construção de canais alternativos de negociação entre população e os gestores públicos, sobretudo os de função executiva a exemplo do governo estadual e municipal, sobretudo este último, aquele que responde mais imediatamente sobre as questões da cidade e de seus moradores.

Por todo o texto, a questão central que se buscou responder foi quais as transformações urbanas, sociais e culturais ocorridas na cidade de Teresina ao longo das três últimas décadas do século XX de forma a definirmos este período como de recrudescimento do movimento de modernização da cidade de Teresina?

De forma mais específica e como questões periféricas capazes de subsidiar solucionar o problema central deste estudo, levantamos os seguintes questionamos para a as análises na primeira parte do estudo: Nas ‘memórias afetivas’ que Arimathéa Tito Filho constrói de Teresina em suas crônicas, quais as transformações que marcaram a história da cidade e de seus moradores nas três últimas décadas do século XX? Como essas transformações interferiram nos hábitos e costumes cotidianos do morador de Teresina no recorte proposto de forma evidenciar nestas mudanças movimentos de modernização da cidade? Quais as tensões históricas entre o moderno e o tradicional nos hábitos e costumes do morador da cidade evidenciados por Arimathéa Tito Filho em suas crônicas sobre Teresina?

Já para a segunda parte os questionamentos foram: Na história e memória de Teresina como a concepção de cidade moderna foi se construindo a partir das transformações na paisagem urbana e nas mudanças de hábitos e costumes de seus moradores, a ponto desta recrudescer entre 1970-2000? Como as Concepções de ‘progresso’, ‘desenvolvimento’ e ‘crescimento’ que acompanham a história da Teresina potencializaram no imaginário de seus moradores a construção de uma ‘estigma’ de ‘predestinação’ de ‘Cidade Moderna’ para a capital do Piauí? Quais as transformações urbanas ou mudanças culturais pelas quais passaram a cidade ou seus moradores a ponto de se atribuir uma ‘estigma’ de cidade moderna a Teresina? Qual a influencia de sua função política, administrativa e econômica na construção histórica do seu movimento de modernização, processo este potencializado nas décadas finais do século XX?

Para a construção do terceiro capítulos ou parte do texto, os questionamentos foram: De que forma a análise dos ‘conflitos’ Tradição *versus* Mudança possibilitam compreender o movimento de modernização da cidade de Teresina? Qual a importância do estudo dos ‘binômios ‘Novo-Velho’, ‘Mudança-Permanência’, ‘Tradição-Transformação’ no processo de modernização da cidade de Teresina? Quais os elementos que nos ajudam a compreender no

processo de modernização da cidade que corroboraram para a mudança de uma Teresina tranquila e pitoresca em ‘Cidade Moderna’? Qual o papel do poder público como agente gestor e, quase sempre executor, do processo de modernização urbana de Teresina entre os anos de 1970 a 2000?

Ainda que questionássemos não a cidade, mas as diversas ‘cidades’ presentes em Teresina e os comportamentos de seus moradores sob o prisma histórico, geográfico, sociológico, etc., ainda assim havia ‘lacunas’ de conhecimentos a se buscar sobre tão efêmero e plural objeto de estudo. Mais do que responder às questões sobre a cidade de Teresina, propomos nas reflexões dos capítulos que seguem este estudo, fazer deste objeto um ‘canteiro fértil’ para novas abordagens.

Atingir os objetivos propostos para esta pesquisa, o de identificar e analisar na cidade suas mudanças físicas, (infra) estruturais e comportamentais nos hábitos e costumes de seus moradores, Tateando-a, elaborando uma ciência da prática singular, observando a cidade com as lentes do *Flaneur* de Walter Benjamin e ao mesmo com o olhar do *Voyeur* de Michael de Certeau foi uma tarefa árdua, levada somente ao campo do ‘possível’ mediante interrogações que fazem do objeto ‘cidade’, um objeto aparentemente físico, ‘estático’, emergir dele reflexões que lhes possibilitasse compreender em constante ‘movimento’, um constante devir.

Em linhas gerais o estudo analisou parte da História e Memória da cidade de Teresina a partir das tensões sociais urbanas, reflexos do processo de urbanização e de modernização vivenciado pela cidade e pela sociedade teresinense entre 1970 e 2000. Para atingir tal intento buscamos: a) Mapear nas crônicas de Arimathéa Tito Filho as Memórias Afetivas de Teresina, memórias estas exaltadas pelo autor em decorrência das muitas transformações urbanas e sociais ocorridas na cidade, mudanças estas que acabaram impactando o cotidiano do teresinense, impondo-lhes novas práticas nas três últimas décadas do século XX, práticas estas atravessadas por tensões históricas entre o moderno e o Tradicional. Nela buscamos identificar e analisar os elementos que ajudavam a compreender no processo de modernização da cidade a mudança de uma Teresina tranquila e pitoresca em cidade moderna, ou seja, que ‘mutava’ da condição de cidade pacata para cidade agitada, marca das cidades modernas; b) Narrar na História e Memória de Teresina como a concepção de cidade moderna foi se construindo a partir das transformações na paisagem urbana e nas mudanças de hábitos e costumes de seus moradores, a ponto desta recrudescer entre 1970-2000, recrudescimento este fomentado pelas concepções de ‘progresso’, ‘desenvolvimento’ e ‘crescimento urbano’ que atravessam a História da Teresina potencializando no imaginário de seus moradores a

construção de uma ‘estigma’ de ‘predestinação’ de ‘Cidade Moderna’ para a capital do Piauí, concepção esta influenciada pela sua função política, administrativa e econômica, e c) Analisar como ‘conflitos’ e ‘tensões’ originários do binômio Mudança/Tradição, Permanência/Ruptura, Velho/Novo, Ontem/Hoje possibilitaram compreender o movimento de modernização da cidade de Teresina no recorte proposto.

Em síntese, mapear e caracterizar as transformações urbanas, sociais e culturais ocorridas na sociedade teresinense entre as décadas de 1970 e 1990 numa perspectiva de analisar o fenômeno da modernização da cidade e da influencia desta na ‘imposição’ de mudança de hábitos e costumes do morador da *urbe*, não foi tarefa fácil, a considerar o seu aspecto sempre incompleto e em constante movimento de construção-reconstrução.

O percurso metodológico da pesquisa foi outro elemento que nos impôs constantes desafios tanto antes quanto na sua própria fase de execução. Antes porque, mesmo nas fases de planejamento e elaboração do projeto, nos sentíamos a todo instante desafiados a definir um foco de estudo e de abordagens - que Teresina queria pesquisar – condição que nos levava vez por outra a ser tomados pela ânsia de querer estudar a cidade na sua totalidade, espacial, temporal e sob múltiplos olhares e abordagens, uma ‘utopia’ desvairada. Depois porque, mesmo definido o objeto e já no decurso da realização da pesquisa, nos sentíamos a todo instante ‘embriagado’ pelas armadilhas da sedução de praticar ‘adultério’ ao objeto da pesquisa, tamanha eram as possibilidades de ‘Teresinas’ que se apresentavam para nós a todo instante como objeto de estudo, situação que se repetiu constantemente tanto no contato com a empiria como no contato com literatura sobre ‘Urbanização’, sobre ‘Modernidade’, sobre ‘Cidade’ e sobre, especificamente, ‘Teresina’.

Voltando à questão metodológica do estudo, a pesquisa foi baseada no critério qualitativo visando garantir a representatividade das informações e conseqüentemente, rigor metodológico ao trabalho, ainda que nele vez por outra tenhamos nos apropriado de dados quânticos. A aproximação da ‘realidade’ desejada foi feita inicialmente a partir do método de estudo das fontes históricas secundárias seguidas pela análise comparativa com as fontes primárias encontradas em farta hemerografia e iconografia. Por elas e através delas, na análise das fontes imagéticas e escritas, buscamos levantar informações que pudessem viabilizar reflexões/respostas às questões de pesquisa e aos objetivos do estudo, capazes de evidenciar mudanças urbanísticas da cidade e nos comportamentos do cidadão teresinense, ajudando a construir no imaginário do leitor e do morador da *urbe* a percepção do movimento modernizador de Teresina na sua ‘historicidade’.

Uma ‘Teresina capital política’ e viável economicamente para a Província do Piauí da utopia real do ‘Conselheiro’ Jose Antônio Saraiva¹⁰. Uma Teresina ‘Cidade Verde’ do poeta e escritor maranhense Coelho Neto¹¹. Uma ‘Teresina cristalina’ que se assemelhava ao sabor doce e aveludado da cajuína, alardeada e cantarolado por Caetano Veloso¹². Uma ‘Teresina meu amor’ das efêmeras crônicas e confissões de amor a Teresina feitas por Arimathéa Tito Filho (TITO FILHO, 1973). Uma ‘Tristeresina’, a cidade subjetiva, invisível, subversiva de Torquato Neto (CASTELO BRANCO, 2006). Uma Teresina ‘moderna e desenvolvida’, ‘capital do Nordeste’ na utopia do Governador Alberto Silva¹³, eram ‘Teresinas’ que não acabavam mais.

Ainda que atravessada pelas fontes do tipo monumentos, fontes estas que melhor definem as transformações/mudanças, arquitetônicas, urbanísticas e geográficas da cidade, observáveis nas edificações, nas ruas, avenidas, pontes, viadutos, praças, etc., o trabalho para captar o movimento das mudanças de hábitos e costumes dos atores sociais buscou nas fontes históricas diversas, desde jornais, cronistas, gravuras, fotografias, leis, mensagens de governo e até registros da cultura material a exemplo dos meios de transporte, de móveis, das roupas, dos utensílios domésticos, entre outros, encontrar elementos que retratassem o cotidiano da *urbe* e de seus moradores, cotidiano este tencionado e percebido nos binômios Tradição/Moderno, Permanência/Ruptura, Velho/Novo, Ontem/Hoje.

Essa polissemia de cidades numa só Teresina que nos eram apresentadas era igualmente diversificada pela quantidade de fontes que se apresentavam a todo instante. Relativo a este aspecto, começaria por afirmar que não negamos e nem privilegiamos fontes, ainda que algumas delas tenham se apresentado como mais densas, mais explícitas, o que cobrou ainda mais cautela e rigor nas suas análises. A Teresina que buscávamos descrever nas mudanças comportamentais de seus moradores também era uma cidade constituída tanto geográfica como sociologicamente.

¹⁰ A Teresina desejada, sonhada e concretizada por Saraiva em 16 de agosto de 1852.

¹¹ O poeta e escritor maranhense Coelho Neto atribuiu a Teresina a definição de ‘**Cidade Verde**’ em 1899.

¹² Como a Teresina que está presente na letra da música ‘**Cajuína**’ de Caetano Veloso.

¹³ Alberto Tavares Silva, pamaibano, ex-prefeito daquela cidade em dois mandatos (1948-1951 e 1955-1959), governou o Piauí em duas oportunidades (1971-1975 e 1987-1991). Foi ainda Senador em duas oportunidades (1979-1987 e 1999-2007) e Deputado Federal pelo Piauí também em dois mandatos (1995-1999 e 2007-2009), idealizou uma Teresina moderna e desenvolvida a ponto de comparar-se com Recife, Fortaleza e Salvador. Para tanto foi idealizador, planejador e executor de várias obras na cidade, muitas delas consideradas desenvolvimentista e modernizadora da cidade para uns, porém, consideradas grandiosas (faraônicas) demais para a capital de um dos estados mais pobres da federação, para outros. Morreu em 28 de setembro de 2009 sem realizar um dos seus maiores sonhos, ser prefeito da capital que tanto amava e por quem muito trabalhou.

O *corpus* documental que possibilitou a realização do estudo deu-se mediante a utilização tanto de uma ‘memória cultural’¹⁴ já produzida sobre ‘Cidade’, sobre Teresina outras cidades nas fontes secundárias bibliográficas consultadas, como no uso fontes hemerográficas e iconográficas.

A fundamentação teórica e conceitual que possibilitou a narrativa dessa trajetória histórica de transformações urbanas e culturais da cidade foi feito no contato com as fontes bibliográficas como livros, artigos, capítulos de livros, teses, dissertações, [impressos e digitais] sobre o objeto de estudo Cidade, sobre Teresina e sobre outras cidades que igualmente, passaram por reformas modernizadoras de sua estrutura urbana.

A narrativa empírica foi elaborada a partir da análise de farta documentação escrita a exemplo de Jornais, Crônicas, Romances, Poemas, Relatórios, Letra de Música, Censos, Leis, Decretos, Cordel, Planos Diretores, Agendas para a Cidade, Mensagens do executivo municipal e estadual à Câmara e Assembleia e, secundariamente, as fontes orais¹⁵. Nelas e por elas, buscamos fazer um ‘mapa’¹⁶ da cidade o que favoreceu perceber e analisar as mudanças e transformações da *urbe* - em constante movimento. Essa documentação hemerográfica nos ajudou a perceber na cidade o alcance social e imaginário das transformações urbanas, assim como também perceber os conflitos e tensões dela emergentes no cotidiano de moradores da cidade.

O recurso da iconografia como fonte histórica para o nosso objeto foi construído no contato com fotografias, postais, desenhos, gravuras, charges e documentários. Eles tiveram a finalidade de evidenciar melhor as situações ‘contraditórias’ na cidade no intuito de mostrar aos leitores a percepção de situações de ‘antes e depois’, ou ainda demolições, construções, reforma e processo de transformações urbanas modernizantes ou preservadoras no seu patrimônio arquitetônico, criando ‘novos’ ou destruindo ‘velhos’ monumentos ao qual Pierre Nora (1993) chama de ‘Lugares de Memória’ ainda que fundamentado na tríplice acepção

¹⁴ Utilizamos a expressão ‘memória cultural’ para designar um conjunto de conhecimento sobre a cidade de Teresina, conhecimento este encontrado sobretudo na escrita e na literatura acadêmica e não acadêmica. Não se trata de memória neurológica, ou seja, aquela relacionada às lembranças, nem tão pouco de memória social, aquela constituída frut das relações sociais, como fenômeno social que se estabelece em determinados contextos espaços-temporais e que criam identidades, sentimento de pertença.

¹⁵ O uso de fontes orais neste trabalho foi feito de forma secundária, uma vez que recorremos a elas somente via outros autores e trabalhos (ou fontes) já que não utilizamos nem entrevistas e nem relatos de vida para a sua elaboração.

¹⁶ Aplique-se aqui a compreensão de ‘mapa’ como sendo um instrumento (meio) capaz de descrever mudanças e transformações tanto físicas e geográficas da cidade como dos hábitos e costumes dos atores sociais no cotidiano de Teresina.

desta categoria, aos lugares materiais de memória¹⁷. Lugares esses que colocam no cenário de tensões e conflitos diversos setores e seguimentos da sociedade da capital piauiense. O recurso do uso da iconografia foi bastante recorrente, pois, nos possibilitou compreender melhor as transformações que se processaram na cidade assim como também as mudança de hábitos do morador da cidade à medida que nos possibilitou perceber comparativamente o ‘antes’ e o ‘depois’ da cidade, já que conseguimos em alguns casos ter acesso a fotografias de determinados espaços da cidade em tempos distintos.

Neste estudo, os usos de recursos imagéticos possibilitaram aos leitores da cidade perceber o movimento da paisagem fotografada até mesmo estando aquele registro ‘eternizando’ um momento estático da cidade. Pelo uso imagem, vez por outra a descrição e a narração se tornaram elementos secundário diante da ‘potência’ da imagem de descrever o seu objeto, potencial este que muitas vezes fez emergir da imagem muitos não ditos, detalhes que muitas vezes fugiram ou do alcance crítico do narrador ou mesmo sequer se apresentava como foco da paisagem fotografada. O não dito, muitas vezes, apareceu na ‘periferia’ da fotografia como se ele nada quisesse dizer ou mostrar.

O recurso do uso de memórias, embora secundário, já que optamos por utilizá-lo a partir do enfoque dado por outros autores, sobretudo autores locais que estudam Teresina, deve-se em parte ao fato, já apontado, entre outros, por Nora (1993), de que a memória corresponde a “um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente” (p. 9) e que serve para nos dar uma noção bastante robusta do ‘antes’ e do ‘depois’ dos lugares, das pessoas, das práticas, dos comportamentos, dos costumes, da cultura. Seguindo este breve conceito, isto leva-nos a entender ser indispensável a utilização dessa ferramenta nesta pesquisa, já que no caso de Teresina, essa memória cultural encontra-se presente também tanto nas fontes bibliográficas, como iconográficas e hemerográficas de um tempo passado-presente compondo esse espaço urbano “[...] vivenciado por tramas históricas, por sua dinâmica permanente, transformação e reconstrução” (ARAUJO, 2004, p. 28).

Para o desenvolvimento do estudo tomou-se por base alguns estudos já feitos sobre a cidade de Teresina e sobre outras cidades, assim como também sobre o tema cidade de um modo geral. Neles, o enfoque foi a modernização da *urbe*, para só a partir de então, lançarmos

¹⁷ Para Pierre Nora (1993), os **Lugares de Memória** são, em primeiro lugar, **Lugares** em uma tríplice acepção: são **Lugares Materiais** onde a memória social se ancora e pode ser apreendida pelos sentidos; são **Lugares Funcionais** porque tem ou adquiriram a função de alicerçar memórias coletivas e são **Lugares Simbólicos** onde essa memória coletiva, é vale dizer, essa identidade - se expressa e se revela. São, portanto, **Lugares** carregados de uma **vontade de memória**.

nossas apreciações sobre o nosso objeto e tema específico.

Depois de identificadas e organizadas, a análise das fontes deu-se na sua relação com a história urbana da cidade de Teresina e do potencial das mesmas nos ajudar a compreender basicamente dois fenômenos: a) mapear e caracterizar as transformações urbanas que evidenciaram o movimento de modernização da cidade nas três décadas finais do século XX e b) identificar e historicizar as tensões sociais e os conflitos de interesses nela existentes, dando enfoque ao papel do poder público como agente gestor dessas transformações.

Ainda sobre a questão do trato com as fontes, contar com dados demográficos e geográficos neste estudo, nos levou a compreender melhor a importância que teve para Teresina, a construção dos grandes conjuntos habitacionais nela existentes, uma vez que, o crescimento periférico de Teresina associado ao êxodo rural em ascendência, fenômeno bastante vigoroso em todo o país na segunda metade do século XX, provocou mudanças na demografia teresinense levando ao surgimento de vilas e favelas em áreas inóspitas ou nas periferias da cidade. Como ‘causa-efeito’ destes fenômenos a cidade vivenciou intenso processo de urbanização, verticalização, horizontalização, periferização e adensamento populacional alterando não só a geografia da cidade, mas trazendo problemas sociais em diversos setores da sociedade local.

A pesquisa documental deu-se prioritariamente, a partir de fontes iconográficas e hemerográficas. A primeira justificada em partes pela capacidade elucidativa e informativa que a imagem propicia do objeto/fato que se pretende mostrar. Aqui o uso da fotografia, em alguns momentos substituiu as tentativas do historiador de descrever a cidade em movimento. Embora não fosse nossa intenção analisar o recurso imagético, seu uso possibilita ao leitor ‘viajar na imaginação’ e descortinar uma Teresina de outrora, Teresina esta que não era mais a mesma a cada instante. Já a segunda, pela sua capacidade descritiva e narrativa da escrita que igualmente o leitor terá acesso em algumas transcrições que disponibilizamos no texto.

Dentre a diversidade de fontes com as quais trabalhamos os jornais e crônicas talvez tenham sido aquelas fontes que mais nos impuseram desafios pela ‘singularidade’ dos interesses discursivos subjetivados nas narrativas daqueles que os elaboraram¹⁸, pois, muito

¹⁸ Toda fala, toda escrita, todo discurso são dotados de interesses, intenções, objetivos. Quem fala, fala de um local, de um mirante cujo objetivo é fazer ecoar entendimento, aceitação, compreensão, convencimento, manipulação, persuasão. Quem fala, fala movido pela vontade de ser ouvido, de ser entendido, compreendido, seguido. Falar, discursar, orar, é dar sentidos, significados, signos, valores, conceitos, características, marcas a algo. Linguisticamente, o discurso pode ser definido como um encadeamento lógico, racional de palavras que se desdobram, via de regra, em frases, seguindo/segundo determinadas regras gramaticais, de forma a indicar a outro(s), o que lhes pretendemos comunicar, informar, significar, dar a entender. O ato de falar, de discursar, de

semelhantes às letras de música, do poema, do romance e do cordel, estas fontes estavam ‘carregadas’ de sentimentos, de ideologias, de interesses, de objetividade discursiva, porque se utilizavam da palavra escrita e/ou da palavra dita, objeto de cooptação, emancipação e controle. Pois, é por ela, a palavra, que os ‘homens’ se impõem frente a si mesmo, aos seus ‘pares’ e à natureza.

Garimpar fatos, informações como quem buscava pedras preciosas mais não sabia o que ia encontrar, se era que ia encontrar, era enigmático. Encontrado algo, passar a analisá-lo para saber se era válido, se era precioso, não foi tarefa fácil. Vejamos o caso do uso das crônicas e dos locais onde elas geralmente eram publicadas, os jornais e diários. Neste estudo, o uso das crônicas deu-se preferencialmente pela capacidade destas fontes poderem expressar formas contextualizadas num espaço-tempo de como os cronistas percebiam, analisavam, criticavam ou mesmo davam sentido a algum tema, fato ou acontecimento. As crônicas, pela capacidade de explicitar tramas, dramas, tensões, conflitos ou até mesmo a harmonização das relações sociais do morador da *urbe* na luta cotidiana pela sobrevivência, potencializaram a compreensão de época, de contexto, de espaço-tempo no qual o historiador jamais seria capaz de vivenciar.

Porque do recurso metodológico do uso das crônicas, de jornais e da imagem como fontes historiográficas sobre cidades, especialmente sobre Teresina no contexto das décadas finais do século XX?

As crônicas representam formas distintas de um narrador ver, sentir, analisar ou criticar determinados fatos, acontecimentos, temas, à luz da história, numa dada cronologia não necessariamente linear (passado-presente), nela registrando ‘memórias’ muitas vezes saudosistas de tempos e situações de outrora, sejam eles vistos como pequenos ou grandes fatos, a considerar que a sua importância ou dimensão era dada pelo cronista e não necessariamente pelo público leitor, ainda que isto fosse possível. A crônica ganhou força na modernidade depois do advento da imprensa e à medida que esta se universalizou tornou-se cada vez mais usual, sobretudo nos jornais, revistas ou folhetins, passando a compor importante meio de se registrar a vida social, política, econômica, cultural do cotidiano do ‘homem moderno’, notadamente consumida no meio urbano, espaço de maior fluidez literária. Se originalmente tinha aptidão por iluminar grandes fatos ou grandes figuras

orar, antes de demonstrar, informar, argumentar, é, principalmente, um ato de persuasão. Quem fala, portanto, intenciona persuadir, formar opinião. Assim, tanto os jornais como as crônicas que ali possam estar contidas são e estão cheios e cheias de intenções discursivas.

históricas, na contemporaneidade indistintamente, diante do advento de novas formas de publicação, se tornou cada vez mais ‘democrática’ no enfoque de seus sujeitos e dos acontecimentos objeto de narrativa¹⁹.

No entanto, estas mesmas crônicas, fontes descritivas por essência da cidade e dos costumes de seus moradores, apresentaram-se carregadas de subjetivismos e de ‘armadilhas’, pois, por serem produzidas por pessoas, estas traziam ‘valores’, ‘concepções’ políticas, religiosas; estavam ainda sujeitas a amores, a paixões, a ódios, a gostos e desgostos, de pessoas, de lugares ou de fatos da realidade histórica da cidade nos contextos em que foram dadas a ser escritas. Igualmente, as crônicas se apresentavam para nós como ‘fontes potencialmente perigosas’, uma vez que elas eram tencionadas, movidas e até motivadas por interesses, por vontades persuasivas dos seus narradores, ou seja, representavam vontades discursivas de seus criadores, e, isto dificultava nossas análises. Somem-se a isto, os meios de comunicação usualmente utilizados para dar ‘vazão’ a elas, as crônicas, os jornais, eram instrumentos discursivos historicamente definidos e caracterizados pelas posições editoriais ideológicas de interesses dos grupos políticos e econômicos aos quais representavam ou estavam ligados, ou a quem pertenciam. Estes aspectos tornavam esses mesmos jornais espaços de disseminação ideológica, política, religiosa e cultural elitista, o que por vezes dissimulava uma realidade dada, fosse suprimindo, fosse ‘camuflando’ em entrelinhas, a cidade que não deveria aparecer. Igualmente tornavam-se espaço de persuasão e de formação de opinião, espaço de dominação, espaço de poder e de disputas de poder.

Os usos de jornais como fontes deram-se por motivos diversos. Primeiro, porque eram fontes cujo conteúdo emerge da própria organização social cujo maior público era os próprios moradores da cidade, ainda que seu alcance contemplasse também áreas não urbanas. Segundo, porque seus próprios atores sociais e os acontecimentos por eles noticiados eram,

¹⁹ A crônica, etimologicamente tem sua origem associada à palavra grega ‘*khronos*’ e significa ‘tempo’ e com o passar dos anos fez derivar a palavra ‘*chronikós*’ que significava ‘relacionado ao tempo’. Já no latim, a crônica derivou da palavra ‘*chronica*’ cujo essência designava ‘fazer registro de acontecimentos históricos verídicos dentro de uma dada cronologia’. Uma de suas características era a não necessidade necessariamente de aprofundamento de análise ou interpretação dos fatos. A considerar que se trata de gênero literário que existe desde os tempos da antiguidade Greco-romana, a crônica não esteve imune ao tempo no aspecto mudança, uma vez que os meios de acesso a ela acabaram se transformando o seu principal agente transformador, pois, à medida que ganhava novos espaços de publicação, passou a ganhar novos adeptos e novas formas de abordagem, além de novos sujeitos e novos ‘objetos’ de enfoque. Considerando que historicamente o domínio da escrita e da leitura era restrito a grupos sociais de *status* social privilegiado, as crônicas acabavam sendo produzidas envolvendo o ‘universo social’ de grupos sociais abastados a exemplo de Reis, Imperadores, Generais. Na contemporaneidade, pelo grande número de pessoas que atinge, os cronistas têm feito uso deste gênero literário para registrar, seja de forma mais jornalística ou poética ou até mesmo lírica, os acontecimentos ‘pitorescos’ ou *sui generis* de uma época, escrita facilitada cada vez mais de acesso pela amplitude de possibilidade de publicação por ocasião da grande diversidade de ‘veículos de comunicação’ em que passaram a publicadas.

prioritariamente, mas não só eles, os moradores da *urbe* e os fatos que eles produziam na dinâmica cotidiana da cidade. Terceiro, os jornais traziam registros impressos do cotidiano das diversas tramas urbanas. Quarto, os jornais representavam ‘painéis’ diversos da cidade. Compreendiam um mosaico de informações cotidiana e rotineiras da cidade e de seus cidadãos marcados pela ineditude da publicação seguinte. Embora cotidiano e rotineiro, os painéis da cidade não se repetiam, pois, a cada nova edição, o inédito da rotina da cidade se manifestava de forma diferente, em sujeitos diferentes, com dinâmicas diferentes e com desdobramentos outros.

Porque cuidados especiais com o uso de jornais e crônicas? Porque eles nos impuseram mais desafios nas análises como fontes? Quais os riscos dos interesses discursivos subjetivados nas narrativas daqueles que as elaboraram? Porque mesmo sabendo destes riscos, nós as tomamos para a pesquisa?

No Piauí difundiu-se uma tradição em relação ao alinhamento de determinados grupos políticos no poder a determinados segmentos da imprensa e dos meios de comunicação de massa, notadamente o jornal escrito e o rádio até meados da década de 1970 e, depois desta época, passou a compor também esta tradição, os meios televisivos. Dela usufruiu historicamente os grupos políticos no poder, inclusive fazendo deste mecanismo, meio de manutenção dos privilégios e dos cargos públicos, sobretudo os eletivos de quatro em quatro anos que intercalados por calendários diferentes de eleições eletivas para cargos do executivo estadual e municipal, acabam ocorrendo de dois em dois anos. Por esta prática, o Poder Público tem atuado como um dos principais agentes mantenedor da mídia local. Esta relação se dá, na maioria das vezes, sob três formas: através de anúncios pagos; através da identificação e convergência ideológica, bem como pelo ‘aliciamento’ de jornalistas nestes meios de comunicação via cargos, funções e contracheques no setor público. Fosse por manutenção de contratos, por afinidade ideológica político-partidária ou por aliciamentos a jornalistas, no decorrer do estudo observamos certo alinhamento dos jornais escritos no sentido de enaltecer as ações do Poder Público em quase todos os governos tanto estaduais e municipais.

A pesquisa intitulada ‘Memórias Afetivas de Teresina: Tensões entre Tradição e Modernidade no Processo de Modernização da Cidade (1970-2000)’ foi tomada como um conjunto de esforços de estudo que visou, à medida do possível, solucionar alguns questionamentos no que se refere à História e Memória da Cidade, buscando evidenciar as tensões histórica entre o moderno e o tradicional, entre o ‘novo’ e o ‘velho’, entre a

‘permanência’ e a ‘mudança’, sobretudo a partir do papel do Poder Público nas transformações urbanas que se processaram na capital do Piauí durante as três últimas décadas do século XX. No interior da percepção dessas mudanças, das tensões observadas entre o moderno e o tradicional, buscamos também evidenciar as mudanças nos hábitos e nos costumes de seus atores sociais diante do advento do moderno.

Estudar e caracterizar o movimento de modernização da cidade de Teresina, movimento este que repercutiu diretamente nas mudanças de hábitos e costumes de seus moradores fruto das tensões entre o moderno e o tradicional, nos colocou diante de pelo menos dois grandes desafios: o primeiro foi fazer uma história da cidade (Teresina) evidenciando a validade da ‘novidade’ (do novo) sem desprezar em importância e teor a ‘tradição’ (do velho), o outro foi fazer uma história da cidade de Teresina numa perspectiva historiográfica²⁰ mesmo que em alguns momentos tenhamos recorrido a conhecimentos da sociologia ou da geografia urbana clássica a despeito dos contributos de Milton Santos (1985, 2008) e Lobato Corrêa (1991, 1994, 2002). Outro aspecto a considerar foi a articulação de estudos locais sobre a cidade de Teresina tanto na perspectiva geográfica como historiográfica, encontrados tanto em Façanha (1998) como em Nascimento (2001, 2002, 2004 2007, 2008, 2014).

Embora a temática “Cidade” suscitasse uma compreensão que a associava como objeto de estudo da geografia, não era recente o estudo da ‘categoria’ Cidade como campo de abordagem da história. A este respeito, sugere Façanha que:

A realidade que envolve e permeia as cidades contemporâneas faz com que se assumam uma postura mais flexível, desafiando os limites territoriais do conhecimento geográfico. Mas é necessário ter a certeza de que o conhecimento geográfico não é capaz de oferecer, sozinho, todas as respostas da problemática urbana (1998, p. 25).

O estudo e a escrita da cidade de Teresina, além de desvelar pela narrativa historiográfica aspectos da cidade outrora percebidos quase sempre isoladamente e através de lembranças e reminiscências saudosistas de alguns de seus moradores - lembranças essa

²⁰A exemplo de Leonardo Benévolo (1993), Walter Benjamin (2000), Ítalo Calvino (1990), Ana Fani Carlos (2001), Michael Certeau (1994), Henri Le Febvre (1999), Izilda Matos (2002, 2007), Stella Bresciani (1985, 1992), Lewis Mumford (1965), Nascimento (2002), Raquel Rolnik (1995), Nicolau Sevcenko (2000), Gilberto Velho (2006).

instigadas no contato com ‘Lugares de Memória’, por fotografias ou por escritos que registraram determinados acontecimentos da cidade - pode registrar parte da história da cidade de forma a torná-los mais acessíveis, além de potencializar o contato da ‘História Ciência’ com outras áreas do conhecimento que têm a cidade e seus moradores como objeto de estudo, a exemplo da Geografia, da Sociologia, da Arquitetura, entre outras.

Os elementos que justificam a definição deste objeto e seu consequente estudo compreendem um misto de anseios pessoais e acadêmicos. Pessoal porque, ao migrar de uma cidadezinha do interior do Piauí- Floriano - e nunca ter vivenciado a experiência de viajar para ou morar numa cidade maior do que a que morava, o contato com Teresina, capital do Estado do Piauí, nos fascinou. O impacto visual ao chegar à Teresina em 28 de fevereiro de 1986 vindo de Floriano, diante da quantidade de luzes, do tamanho e largura das avenidas, do ‘frenesi’ e do movimento de pessoas no Terminal Rodoviário Governador Lucídio Portela, da grandiosidade das edificações – especialmente o Estádio Albertão, da quantidade de automóveis na Avenida Miguel Rosa, produziu em nós uma ‘embriaguez’ de sensações, sobretudo, a de Teresina como ‘Cidade Moderna’, condição que explicava, em tese, o uso da expressão ‘cidadezinha’ para nos referir a Floriano.

Academicamente, a cidade que já havia nos contagiado pela sua grandiosidade, nos ‘perseguia’ positivamente, a ponto de se tornar nosso objeto de estudo, uma vez que, diante da necessidade de realização de um estudo monográfico como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em História pela Universidade Federal do Piauí, a cidade de Teresina nos foi ‘apresentada’ como objeto de ‘deleites’ narrativos, condição gratamente retomada *a posteriori* na escolha e definição desta - Cidade - como objeto de estudo para a elaboração da Tese de Doutorado na Universidade Federal de Pernambuco.

Igualmente, justifica ainda esta pesquisa não a escassez de estudos, mas sim a restrição de foco sobre a cidade de Teresina, sobretudo aquele que possibilite compreender na amplitude do conjunto de transformações ocorridas na cidade, os impactos das novidades à qual a cidade passou a vivenciar no modo de vida de seus atores sociais. Neste contexto, este estudo contribuirá para uma melhor compreensão e entendimento da importância dessas mudanças a partir das rupturas de comportamentos que tais transformações provocaram no teresinense. A intenção de trabalhar este objeto/tema deu-se, portanto, por entender que ainda existe um universo grande e vasto de informações para se pesquisar sobre a história da cidade de Teresina e de sua redefinição espacial ou das mudanças de hábitos e costumes de seus moradores - nas três últimas décadas do século XX - tanto pela História como por outras áreas

do conhecimento.

A relevância do estudo reside não só em elaborar escritos historiográficos capazes de desvelar o processo de modernização da cidade de Teresina e as transformações que tanto a cidade urbanisticamente como os seus moradores comportamentalmente passaram, produzindo uma ‘Memória Cultural’, mas de descrever o movimento de modernização da cidade de Teresina observando nela não só a nova concepção de cidade, de modernidade, de desenvolvimento, mas também de mostrar à luz da História, as múltiplas possibilidades de vida [*educação, saúde, emprego*] vislumbradas por Teresina para aqueles que nela se estabeleceram ou se estabelecerão. Investigar uma parte das transformações urbanas e sociais ocorridas em Teresina podia ser justificada principalmente na necessidade de compreender como estas transformações modificaram os hábitos e costumes do cidadão morador desta *urbe* ajudando a configurar a ‘predestinação’ ou ‘estigma’ de ‘Cidade Moderna’ que acompanha Teresina desde suas origens ainda em meados do século XIX.

Para melhor significar o movimento de modernização de Teresina no recorte proposto, foi necessário dialogar tanto com literatos do objeto ‘Cidade’ como da própria capital do Piauí – Teresina – nos diversos recortes temporais e sob as diferentes abordagens de análise historiográfica. Igualmente se fez necessário recorrer a estudiosos da temática ‘Modernidade’ e ‘Pós-modernidade’. Neste aspecto, autores como Marshall Berman, Anthony Giddens, Stuart Hall e David Harvey foram essenciais na compreensão, definição e análise conceitual destas categorias, igualmente nos ajudando a compreender seus estreitamentos de relações com o ‘Urbano’.

Para compreender a categoria Cidade, o diálogo com os estudos de autores nacionais e internacionais como Maria Stella Martins Bresciane, Ana Fani Carlos, José Murilo de Carvalho, Roberto Lobato Correa, Milton Santos, Antônio Paulo Rezende, Maria Izilda Santos de Matos, Raquel Rolnik, Gilberto Velho, José D’Assunção Barros, Nicolau Sevcenko, Sergio Paulo Rouanet, Michel de Certeau, Lewis Mumford, Ítalo Calvino, Henri LeFebvre, Raymond Williams, Leonardo Benévolo, entre outros, foram fundamentais, haja visto a possibilidade de abordagens com que os quais pontuam análises sobre as Cidades.

No caso mais específica de Teresina, foram inúmeros os estudos que tomaram esta cidade como objeto de estudo, escritos estes que ‘iluminaram’ nossa narrativa. Uma breve revisão de literatura demonstrou a pujança da capital piauiense como temática que atrai a atenção de pesquisa de vários estudiosos a exemplo de geógrafos, sociólogos, arquitetos, educadores, cientistas políticos, historiadores, etc. Entre eles, os escritos de Irlane Gonçalves

de Abreu, Maria Mafalda Araújo, Antônio Cardoso Façanha, Antônia Jesuíta Lima, Iracilde Maria de M. Fé Lima, Francisco Alcides do Nascimento, Therezinha Queiroz, Raimundo Nonato Monteiro de Santana, Arimathéa Tito Filho, Joaquim Chaves, Gercinair Silvério Gandara, Claudio Melo, Odilon Nunes, entre outros, nos possibilitou uma ‘viagem’ às diferentes ‘Teresinas’ com as quais não tínhamos nos deparado até então.

Apesar da profusão de autores e seus respectivos trabalhos, entretanto, a cidade não se esgotou enquanto objeto historiográfico. E nem poderia, afinal, como aponta Jenkins (2007) sendo a história um discurso sobre o passado, ela é, decorrentemente, inesgotável.

Assim, foi na perspectiva de observar o conjunto de transformações e mudanças que a cidade de Teresina e seus atores sociais sofreram ao longo das últimas décadas do século XX, com vistas a descrever ou narrar os experimentos de novos elementos modernizantes - a exemplo de bens, produtos e serviços, mais também da adoção de novos hábitos e costumes advindos do contado com os bens gerados pela racionalidade técnica, marca da contemporaneidade - que trabalhamos as Memórias Afetivas de Teresina em seu processo modernizador ao longo deste texto Tese. Neste contexto, a distribuição das análises sobre o objeto supramencionado, ficou assim disposta:

No capítulo I intitulado ‘*Memórias Afetivas de Teresina nas Crônicas de Arimathéa Tito Filho*’ buscamos formular análises capazes de captar os movimentos de modernização da cidade decorrentes das transformações urbanísticas que a cidade de Teresina passou ao longo de sua existência. Nele concentramos esforços reflexivos com vistas a apontar as metamorfoses da cidade e as mudanças de hábitos e costumes de seus atores sociais no decorrer das três ou quatro décadas finais do século XX a partir das memórias afetivas da cidade de Teresina formulada por Arimathéa Tito Filho, análises estas observadas em dois momentos ou aspectos: a primeira parte do texto concentrou-se na análise de três crônicas de Arimathéa Tito Filho²¹ intituladas Tombação I, Tombação II e Tombação III e publicadas no Jornal O Dia de agosto de 1988. Na segunda parte do texto, continuamos a trabalhar com

²¹ Arimathéa Tito Filho foi Historiador, Cronista, Jornalista, Escritor, Advogado e Professor. Como Literato foi Secretário Geral e Presidente da Academia Piauiense de Letras (APL) por duas décadas entre de 1991 a 1992. Nasceu em Barras, a 27 de outubro de 1924 e faleceu em Teresina no dia 23 de junho de 1992. Filho do Desembargador José de Arimathéa Tito e Nise Rego Tito. Foi casado com Delci Maria Ribeiro Matos Tito. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, dedicou sua vida às letras. Como professor, ensinou no Colégio Estadual do Piauí, hoje Zacarias de Góis, na Escola Normal Oficial e na antiga Faculdade Católica de Filosofia. Foi diretor do Colégio Estadual do Piauí. Um dos fundadores e primeiro Presidente da Associação dos Jornalistas Profissionais do Estado do Piauí depois transformada em Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado do Piauí. Foi Secretário de Cultura e de Educação do Estado do Piauí. Secretário da Biblioteca, Arquivo e Museu do Piauí (Casa Anísio Brito).

outras crônicas do autor publicadas nos jornais da cidade onde o mesmo foi colaborador como cronista ou administrador. Em todas as análises, o foco foi ‘mapear’ as transformações urbanísticas e as mudanças comportamentais ocorridas na cidade, mudanças essas capazes de assegurar a tese da existência de um ‘movimento’ de modernização da cidade de Teresina ao longo de toda sua história, modernização esta que concentramos esforços em ‘elucidar’, nas três ou quatro décadas finais do século XX, espaço-tempo de múltiplas transformações no espaço urbano brasileiro com impactos nos hábitos e comportamentos tanto do cidadão como dos habitantes da zona rural.

No capítulo II, intitulado *‘Teresina: História, Modernidade, Urbanização e Mudanças Culturais (1970-2000)’*, buscamos desenvolver algumas narrativas de cunho teórico e empírico que ‘misturassem’, na heterogeneidade de cada uma das categorias ‘História’, ‘Cidade’, ‘Urbanização’, ‘Modernidade’ e ‘Cultura’ – estes três últimos como elementos metamórficos construtores de um movimento de transformações na *urbe* - fatos, fenômenos, processos históricos inerentes ao fenômeno da modernização das cidades brasileiras ao longo de século XX. Concentradamente, estes esforços reflexivos e analíticos buscaram observar e descrever o fenômeno da Urbanização da cidade e seus efeitos sobre as práticas, os hábitos e os costumes - cultura - do cidadão teresinense nas três últimas décadas deste mesmo século.

No capítulo III, intitulado *‘A Modernização da Cidade de Teresina: um ‘eterno’ embate entre o tradicional e o moderno’*, buscamos analisar o movimento de modernização da cidade de Teresina, ao longo de seus mais de um século e meio, como desdobramentos dos (des) encontros entre ‘tradição’ e ‘mudança’, ou melhor, como resultado dos conflitos históricos travados entre seus habitantes e/ou com aqueles que aqui se estabeleceram de alguma forma, fosse ele duradouro ou momentâneo, processo este resultado das tensões ‘Novo’ e ‘Velho’, ‘Mudança’ e ‘Permanência’, ‘Tradição’ e ‘Transformação’ desvelando no seu tecido social, seus contrastes, seus conflitos de interesse aparentemente antagônicos, mas ao final, percebidos como comuns: a busca/construção de uma cidade utópica - a cidade harmônica - a cidade moderna.

Em síntese, narrar, descrever ou caracterizar o movimento/processo de modernização da cidade de Teresina e seus impactos na mudança urbanística [arquitetônica] e também comportamental [hábitos e costumes] dos seus atores sociais atribuindo a ela aspectos modernizantes constituiu o ‘cerne’ deste trabalho.

I

Memórias Afetivas de Teresina nas Crônicas de Arimathéa Tito Filho

A Boa Teresina

Vejo-a sem as pracinhas de donzelas faceiras, que rodavam num sentido, os gajos em sentido contrário, no fascinante namoro de olhos... No cinema, o casal se dava o gosto de bolinação... Namoro de mão nos peitinhos arrebitados.

Vejo-a sem o símbolo que foi a Maria Preá, mulata boa de cama, com estudante de bolso vazio ou desempregado de prestígio firmado.

Hoje, vejo-a urbanizada de pombais, ou casinholas habitadas do êxodo interiorano; povoada de veados de luxo ou simples viciados na inversão dos locais do prazer; vejo-a na falsa convivência dos coquetéis, das uiscadas e das festas de caridade; vejo-a no comércio com o nascimento de Jesus e com as mães, merecedoras pelo menos de um pouco de respeito; vejo-a despudorada, meninas ricas sem roupa, por deboche, meninas pobres do mesmo jeito, por miséria.

Vejo-a uma imensa putaria de homens e mulheres, com as devidas exceções; vejo-a violenta, estúpida, deseducada - milhares tipo debaixo-da-ponte, alguns felizardos da vida ociosa à custa de golpes e falcatruas e outros tantos no repasto oficial da República sem freios.

Vejo-a sem futuro, sem esperança, mas ainda creio no resto de otimismo que me sustenta os olhos sofridos da saudade dos tempos que não voltam mais [...] ²².

De início apontamos que, a cidade que o cronista já não consegue mais ver, igualmente, também não a víamos mais, a não ser nas memórias e lembranças de uma Teresina ‘tranquila e pitoresca’ dos tempos de outrora.

Os objetivos deste capítulo, para além de descrever as transformações urbanas e sociais de Teresina, processo ao qual denominamos de ‘Movimento de Modernização’ da cidade, captados nas memórias afetivas que Arimathéa Tito Filho produziu sobre a capital do Piauí, era igualmente demonstrar como as crônicas publicadas em jornais entre as décadas de 1970 e 1992²³, momento em que a imprensa escrita não sofria a concorrência de outros meios

²² A Crônica ‘a Boa Teresina’ de Arimathéa Tito Filho foi publicada no ‘Jornal O Dia’ em Teresina (PI) em 03 de janeiro de 1989, p. 7.

²³ Arimathéa Tito Filho faleceu em Teresina no dia 23 de junho de 1992.

de comunicação de massa escritos, constituiu-se como fonte de pesquisa cada vez mais recorrente por historiadores, notadamente aqueles mais preocupados com a emergência do urbano e do cotidiano como campos de abordagem da História.

A crônica como fonte passou a ocupar lugar de prestígio entre os historiadores pela capacidade de demonstrar a cidade como grandes painéis, a exemplo dos jornais - meio tradicional de sua publicação, porque expunham em narrativas, sentimentos e representações dos cronistas sobre determinadas temáticas ou atores sociais da cidade.

Neste aspecto, ainda que possa contar com o auxílio de outras fontes hemerográficas ou iconográficas, os estudos da cotidianidade no urbano ficou quase impossível de se escrever sem se fazer uso das crônicas como fonte, pois elas possibilitaram não só aos leitores, mais *a posteriori*, a outros estudiosos da questão urbana (historiadores, geógrafos, cientista sociais, cientistas políticos, etc.), perceber o movimento/processo de constituição da cidade como fenômeno intermitente e plural. Aqui, a cidade em movimento, a cidade pulsante a quem se buscava criticar, embora sempre defendendo suas tradições, era a cidade ‘tranquila e pitoresca’ de Arimathéa Tito Filho que a todo instante era atravessada pelas metamorfoses dos tempos modernos, fenômeno que incomodava o cronista porque os ‘ventos’ da modernidade fazia erodir as memórias saudosistas que tinha dos tempos de outrora da cidade a quem declarara amar no livro ‘Teresina meu amor’ (TITO FILHO, 1973) e a quem ‘lapidou’ em crônicas e outros escritos e estilos literários²⁴ até as vésperas de sua morte em 23 de junho de 1992.

Os escritos a seguir compreendem análises cujo objetivo foi descrever os movimentos de modernização decorrentes das transformações urbanísticas que a cidade de Teresina passou ao longo de sua existência. Notadamente, os esforços reflexivos concentram-se em buscar captar as ‘Metamorfoses da Cidade e as Mudanças de Hábitos e Costumes de seus moradores no decorrer das três décadas finais do século XX.

A primeira parte do texto concentrou-se na análise de três crônicas de Arimathéa Tito Filho intituladas *Tombação I*, *Tombação II* e *Tombação III* e publicadas no Jornal O Dia de agosto de 1988. Na segunda parte do texto, continuamos a trabalhar com outras crônicas do autor publicadas nos jornais da cidade onde foi colaborador. Em todas as análises, o foco foi ‘mapear’ as transformações urbanísticas e as mudanças comportamentais ocorridas na cidade e no cotidiano do morador da capital piauiense, mudanças essas capazes de assegurar a Tese

²⁴ Livros, Artigos, Caderno de Anotações, Poemas, Ensaios, Biografias, Relatórios, etc.

da existência de um ‘movimento’ de modernização da cidade de Teresina ao longo de toda sua Historicidade, modernização esta que concentramos esforços em ‘elucidar’ observando o recorte temporal que compreendeu o período situado entre as décadas de 70 a 90 do século XX, tempo de múltiplas transformações no espaço urbano brasileiro com impactos nos hábitos e comportamentos tanto do cidadão como dos habitantes da zona rural.

A utilização do gênero literário ‘Crônica’ como fonte historiográfica nestes escritos podia ser compreendida pela forma como o cronista Arimathéa Tito Filho ‘recriava’, ‘relatava’, ‘narrava’, ‘descrevia’, ‘dava a entender’ os fatos que definiam ou davam significação à cidade de Teresina como um lugar tranquilo e pitoresco, ainda que atravessada pelas ‘agruras do tempo’²⁵, condição que fazia de Teresina seu amor²⁶.

O uso metodológico das crônicas como fonte nestes escritos podem ser justificadas pela compreensão do particular e pela sensibilidade de descrever ou narrar a cidade ou os hábitos e costumes dos seus moradores, ‘artimanha’ utilizada pelo cronista para seduzir ou embriagar os leitores de suas crônicas e igualmente os ‘andarilhos’ da cidade que ele desejava fazer conhecer. As crônicas escritas por Arimathéa Tito Filho sobre Teresina, buscava, acima de tudo, imprimir uma visão do particular, levando o leitor a se sensibilizar podendo inclusive ‘sentir’ os cheiros, sons e ruídos da cidade pela sua capacidade descritiva. Para que isto ocorresse, ele aplicava uma linguagem que muitas vezes não era sua, mas dos próprios moradores da cidade, condição que não desqualificavam as crônicas como fonte da história²⁷.

Do ponto de vista tanto teórico como metodológico, uma das grandes justificativas

²⁵ Expressão utilizada para retratar o sofrimento, as aflições, os dissabores da vida experimentados em um determinado espaço-tempo.

²⁶ O livro **‘Teresina meu amor’** é um dos livros escritos por Arimathéa Tito Filho no qual o autor declara seu amor por Teresina, cidade onde viveu a maior parte de sua vida. Outra forma de declarar e demonstrar seu amor por Teresina foram as centenas de crônicas que escreveu sobre a cidade. Embora declaradamente apaixonado por Teresina, Tito Filho não poupava crítica à cidade e ao comportamento de muitos dos seus moradores. Ente as críticas mais contundentes sobre a cidade ou aos seus moradores estava o esbanjamento, a luxúria, a ostentação e a ‘embriaguez’ cultural frente a algumas ‘futilidades’ advindas com a modernidade e impostas pela ‘cultura consumista’ do modo de produção capitalista. Para ele, alguns modismos não só descaracterizava a cidade, mas modificava hábitos e costumes de seus moradores enraizados na tradição da cidade impondo um modo de vida a sua população que mas alienava, desterritorializava do que emancipava. Para maiores informações sobre a forma apaixonada com que o autor descrevia Teresina ver: TITO FILHO, Arimathéa. **Teresina, meu amor**. Teresina: COMEPI. 1973.

²⁷ As crônicas correspondem a formas literárias de narrativas sobre determinados fatos ou acontecimentos que podem se apresentar textualmente de forma muito peculiar, particularidade esta dada pela forma de narrativa pela qual o cronista se vale para descrever seu objeto podendo variar em aparência, aproximando-se de um estilo do tipo ‘conto’ ou até mesmo de uma matéria ‘jornalística’, pois, sendo os jornais um de seus locais potenciais de publicação, acabou ela sendo ‘confundida’, ou melhor, ‘associada’ a este tipo de conteúdo. Este aspecto acabava contribuindo para uma memorização ou existência breve da crônica, o que suscitava sua escrita quase que cotidiana, assim como os jornais ou diários.

para o seu uso como fonte não só na historiográfica, mas em parte considerável das Ciências Sociais, reside exatamente na grande quantidade e qualidade de ‘leituras’ das transformações sociais que a mesma potencializa descritivamente. Em síntese, a crônica valoriza a História Social, logo se preocupa com o cotidiano e as mutações que homens e mulheres de todas as classes sociais, todos os credos, todas as profissões, impõem ao meio social em que estão inseridos²⁸.

As crônicas por serem textos produzidos por autores de diferentes campos de atuação profissional, a exemplo da polissemia de ‘ambientes culturais’ em que Arimathéa Tito Filho atuava²⁹ e também por serem publicadas em diversos meios de comunicação, acabavam ‘carregadas’ de marcas das atividades daqueles que as escrevia. Esta marca jornalística que fazia de suas crônicas painéis da cidade, mas também literária que imprimia sensibilidade nas formas de sentir a cidade, fez das crônicas de Arimathéa Tito Filho narrativas descritivas contumazes das mudanças vivenciadas pela cidade e por seus moradores cotidianamente³⁰.

A cidade vislumbrada por Arimathéa Tito Filho era ‘paradoxalmente’ concreta e abstrata. Concreta por todas as características presentes nas suas descrições e críticas. Abstrata nas memórias saudosistas ou no desejo da preservação dos ‘lugares de lembranças espirituais’. Este aspecto se aproxima do pensamento que Castelo Branco (2007) lançou sobre Teresina ao descrevê-la a partir dos anos de 1960 como lugar metamórfico e coabitado por várias cidades, notadamente percebidas sob dois aspectos: uma cidade visível e uma cidade invisível, ou melhor, sob o prisma de uma cidade objetiva e outra subjetiva.

²⁸A crônica enquanto gênero literário que registra a história social indistintamente, acabou por se consolidar como fonte historiográfica quando passou a ser percebidas pelos historiadores como ferramenta de narrativa dos acontecimentos históricos cujo objetivo não era abordá-lo pela sua grandeza, mas sim pela sua singularidade e cotidianidade, talvez por isto, certo gosto ou zelo dos cronista pelo o uso de expressões ‘íntimas’, peculiares, cotidianas, ou seja, do senso comum do contexto que se apegam em descrever. Na crônica, o diálogo entre o cronista e o leitor é despojado e se situa no campo da compreensão ‘rasa’, simples e imediata, ainda que vez por outra utilize expressões bastante peculiares, carregadas de conceitos e significados regionalmente construídos, portanto, vez por outra, voltada para ‘um particular’. Seu terreno de abordagem predileto envolvem reflexões, críticas da vida social, política, econômica, cultural feitas pelo ‘veio’ poético, humorístico, ‘ensaístico’, peculiaridades estas que situam e lhes garantem pertencimento como um gênero da literatura. Sua forma de descrever fatos e acontecimentos cotidianos *sui generis* da vida social em determinados espaços-tempos mesclando escrita e oralidade torna sua compreensão mais acessível, por serem narrativas quase sempre breves, leves, envolventes e de fácil acesso, condição que possibilita ‘deleites’ de muitos leitores, mesmo quando recorre a linguagem mais coloquial.

²⁹ Arimathéa Tito Filho foi historiador, cronista, jornalista, professor e literato. Vida de vigorosa eferescência cultural que fez com que o mesmo se tornasse membro da Academia Piauiense de Letras – APL.

³⁰ As crônicas apesar de todos os estilos possíveis de abordagens, via de regra, acabam se enquadrando em três grandes grupos: as poéticas, as humorísticas e as do tipo ensaístico. Apesar de abordarem fatos, acontecimentos e temáticas diferentes, seus domínios mais abrangentes são as análises de temas e fatos ligados a questões políticas, sociais, econômicas, temas de maior relevância cultural para os adeptos deste tipo de gênero literário.

Na sensibilidade literária, ou mesmo na sensibilidade ou na perspicácia de uma ‘arte subversiva’ que pululava do seu objeto de estudo, Castelo Branco (2005, 2006, 2007) vislumbra a existência de uma nova Teresina, de uma Teresina que incorporava hábitos modernos, não necessariamente por observar macro transformações pelas quais passavam a cidade, a exemplo do olhar de Façanha (1998), de Nascimento (2002, 2004, 2008), mas pelo viés da literatura, da poesia, do cinema, da dramaturgia, que em um dado momento ou contexto histórico da cidade, violava normas, infringia regras, ‘negava’ a tradição, que carecia ser invisível, indizível, subversiva.

Na citação a seguir Castelo Branco (2006, p. 4), em ‘A cidade que me guarda: um estudo histórico sobre ‘Tristeresina’, a cidade subjetiva de Torquato Neto, sugere uma compreensão deletéria da Cidade Visível, objetiva, tátil e propõe exaltar outra cidade, mais substancial, embora subjetiva. Aponta ainda para o reconhecimento da existência de uma incongruência entre a Cidade Visível, expressa no discurso urbanista e uma Cidade Invisível, expressa ou subjetivada na forma como os ‘caminhantes’, subvertem uma determinada ordem oferecida em códigos, planos e discursos urbanistas.

Nesta cidade, nossas caminhadas, ainda que se deem em meio ao burburinho de um parque ou orquestradas pela algazarra de meninos soltando papagaio e correndo atrás de bolas, serão sempre necessariamente solitárias. Curiosamente, esta cidade é tão mais viva e visível quanto mais nos distanciamos dela, de maneira que a cidade de que falo é, em primeiro lugar, filha de um paradoxo: andamos pelas ruas de uma cidade, atarantados pelo vertiginoso fluxo de veículos e deslumbrados com o colorido do neon, mas não é a esta cidade que nossas subjetividades veem. Superposta, contrastando com esta situação em que tudo circula, uma cidade ancestral teima em se insinuar. As músicas, os slogans publicitários, os filmes, as produções teatrais, os doces encontros com o namorado ou a namorada, a discussão política no barzinho da esquina, tudo isso parece nos arrastar para um centro, nos localizar, nos dar um lugar na cidade cujo signo é o movimento, mas alguma coisa nos agarra, nos enrosca e conduz à cidade petrificada, imóvel. E esta cidade subjetiva exige, de cada um de nós, um constante reengendramento, uma vez que ela será, sempre, a expressão de *um si mesmo emergente*. (CASTELO BRANCO, 2006, p. 4).

A cidade que poderia ser vista por aspectos como suas questões políticas, econômicas e religiosas; ou ainda debatida na sua arquitetura em gabinetes, escritórios ou até mesmo em mesas de bar,³¹ agora era proposta ser vistas nas caminhadas do autor, em meio aos

³¹ Constitui hábito comum na maioria das cidades brasileiras a discussão dos mais variados temas em mesas de

burburinhos dos parques e bosques, na algazarra, gritaria e correria de meninos pelas ruas e campinhos de várzea soltando pipas ou mesmo jogando bolas. Ao cotidiano da cidade, negócios e burocracias concorriam com uma cidade despreziosa e ‘anárquica’, liberta das questões oficiais e oficiosas. Cidade esta vista detalhadamente viva e visível não na aproximação, mas no ‘distanciamento’ que dela fazia o seu morador-observador. Uma cidade paradoxal de poder andar nas ruas sem ter a certeza de que estas ruas pertenciam aos seus moradores que as viam tomadas por ‘maquinas loucas’ e devoradoras de vidas, embora maravilhosas. O automóvel, invenção moderna que fascinava era o mesmo que amedrontava e flagelava famílias quando ceifava vidas ou aleijavam um de seus pares pela força da violência.

Paradoxos de andar nas ruas ‘certos’ da função social destes espaços, porém, atordoados, tendo que concorrer com o vertiginoso fluxo de veículos e com o deslumbramento do colorido das luzes e placas luminosas que ofuscavam a ‘vida dura’ na cidade para que muitos nela pudessem sobreviver. O que satisfazia e seduzia o autor não era uma cidade imóvel, petrificada, mas era exatamente a cidade não tátil, não cor, não reta nem circular, não descrita, não dita, não visível, mas sim, a cidade movimento, invisível, subjetiva, cidade pulsante esta que exigia de seus moradores constantes reformulações, constante encontros e desencontros com os outros e consigo mesmo.

Ainda que a cidade panóptica, saudosista, lembrada, por exemplo, nos cartões postais represente uma forma de ver a *urbe*, forma esta que não possibilita perceber o pulsar da cidade nas pessoas, *urbe* simulacro, o que se buscava era uma leitura de cidade movimento que apontasse e desvelasse as práticas microbianas que constituíam e constituem a cidade invisível, pois, eram estas cidades que verdadeiramente vivenciávamos.

Se habitávamos a Cidade Objetiva, visível, materializada no discurso e nas práticas urbanísticas, era na Cidade Invisível que vivenciávamos a utopia do empório de estilos, condição que fazia a Cidade Subjetiva nos habitar, morar em nós próprios, quando todos pensavam que éramos nós que habitávamos na cidade.

bar. Em Teresina, as conversas perpassam questões pessoais e chegam até as problemáticas da cidade e nela os assuntos prediletos vão desde a própria intimidade, a vida alheia, a política, a economia até o futebol.

Os Movimentos de Modernização de Teresina: Memórias Afetivas da Cidade nas Crônicas de Arimathéa Tito Filho

A segunda metade do século XX foi marcada por mudanças que alteraram bastante o espaço urbano brasileiro. Muitas dessas mudanças foram desdobramentos do advento da sociedade industrial que fez emergir, a partir da Europa, o modelo de cidade capitalista baseada na produção (via setor secundário da economia) e no consumo (potencializado pela abrangência e força do setor terciário), sociedade essa que se apresentou como modelo para o resto do mundo desde o século XIX, chegando ao Brasil na transição século XIX/XX pela sede da República, a cidade do Rio de Janeiro e logo ganhando ‘eco’ em outros grandes centros como São Paulo, Salvador e Recife ainda na primeira metade do século XX.

Se a primeira metade do século XX foi momento que marcou o cenário urbano de algumas poucas cidades do Brasil, na sua maioria capitais, a segunda metade daquele século agudizou transformações urbanas e sociais em um número cada vez maior de cidades, a considerar que foi por tida a segunda metade do século XX que a urbanização se consolidou como fenômeno que veio para ficar na história do país.

Ainda que o recorte deste estudo aponte para as três últimas décadas do século XX, o fenômeno da urbanização e de mudanças comportamentais por ele impostas aos moradores de Teresina foram desdobramentos de um ‘movimento’ urbanístico mundial, portanto, temporalmente impreciso e fluido.

Castelo Branco (2005) afirma que já na segunda metade do século XX, mais necessariamente em meados da década de 1960, emergiu no Brasil e no mundo, a ‘Cidade’, não apenas como o centro e espaço das atividades humanas, mas também como notório objeto de reflexão. Momento em que devido à rápida assimilação das novidades técnicas ao espaço urbano, a cidade assumiu a condição de ‘objeto’ ideal e desejável, passando a desempenhar uma força magnética atraindo e seduzindo pessoas para a sua órbita.

Nesta ‘onda’ urbanizadora, em escala local, regional, nacional e global, as fronteiras territoriais e as distâncias geográficas se ‘esvaíram’ frente à velocidade das informações e da subjetivação das riquezas, agora deslocadas de uma nação para outra em segundos com o teclar no computador.

No campo da teoria sobre cidade passou-se a pensar o momento urbano pelo menos sob duas teses que, em essência, se confrontavam e se negavam: uma que apontava que aquele

momento no urbano, “a cidade estava sendo vitimada por um sistema racionalizado e automatizado de produção e consumo de massa de bens materiais”; a outra, a de que, “na prática, os anos sessenta assistiram a uma enorme produção de signos e imagens” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 3) que sugeria uma condição pós-moderna (HARVEY, 1992).

Vista sob o prisma da primeira tese, o da existência de um sistema racionalizado e automatizado de produção e consumo de massa de bens materiais, temos não a emergência, mas a consolidação em escala mundial de um fenômeno definido de globalização.

O processo de globalização³², sobretudo econômica, que impôs mudanças tanto em escala mundial quanto local, trouxe igualmente, mudanças culturais na vida cotidiana do morador da *urbe*, não só porque legitimou o advento da predominância das relações sociais urbanas sobre o *modus* de vida ruralesco, ainda que a tradição rural tenha continuado a oferecer resistência buscando manter vivos muitos de seus hábitos e costumes, inclusive ele próprio incorporando os elementos advindos das maravilhas tecnológicas da modernidade.

Nas cidades, o *modus* de vida urbano passou a ser identificado e diferenciado da tradição agrária pelo advento de novas práticas ligadas tanto a processos produtivos condicionantes da sobrevivência humana, como no cotidiano do lazer, da cultura e da técnica, práticas essas subsidiadas num conhecimento de viés cartesiano.

Na *urbe*, a velocidade com que o novo passou a ser colocado frente ao velho, transformou este espaço num ‘templo’ do conflito e de tensões, num mundo urbano talhado no confronto entre dois sistemas culturais marcados um pelo desejo de permanência e outro pelo desejo de ruptura, ou seja, tradição e modernidade colocados frente a frente numa dialética da permanência e da ruptura.

Vista sob a ótica do prisma da segunda tese, a de que, “na prática, os anos sessenta assistiram a uma enorme produção de signos e imagens” (CASTELO BRANCO, 2005, p. 3), que sugeria uma condição pós-moderna (HARVEY, 1992), a imagem da cidade passava a ser vista potencialmente como um ‘empório de estilos’, onde regamentos, controles, hierarquias, homogeneidade, códigos, proibições, encontram-se em “vias de dissolução”, engolidos pelo terreno movediço do “é proibido proibir”. Onde a censura que outrora era o algoz, agora ela

³² Para Manuel Castells (2002, p. 2) a Globalização pode ser definida pelo estabelecimento de padrões comuns através da difusão de matriz produtiva, baseada nas novas tecnologias, apagando distâncias, havendo, por outro lado, reações locais que “nascem marcadas pela ampliação da comunicação e pelas novas práticas sociais”. Já, Antony Giddens (2002, p. 27) afirma que o conceito de globalização “é melhor compreendido como expressando aspectos fundamentais do distanciamento entre tempo e espaço. A globalização diz respeito a intersecção entre presença e ausência, ao entrelaçamento de eventos e relações sociais ‘à distância’ com contextualidades locais”.

própria encontrava o seu algoz, a subversão juvenil, as ‘flanâncias’, as táticas caminhanças de sujeitos marginais.

Assim, tinha-se que numa cidade havia um ‘*empório de estilos*’, nela,

[...] o morador da cidade não era um sujeito dedicado à racionalidade matemática, capaz de articular racional e burocraticamente todas as suas ações. O cidadão era, antes, o habitante de um enorme teatro, onde, em diferentes palcos, *podia* ‘operar sua própria magia distintiva enquanto representava uma multiplicidade de papéis’ (CASTELO BRANCO, 2005, p. 3).

A considerar que muitos dos desdobramentos do que ocorreu na década de sessenta se estendeu contaminando comportamentos e ações, mas também definindo as transformações da cidade e as mudanças nos hábitos e costumes cotidianos dos moradores de Teresina nos anos ou mesmo décadas vindouras, neste sentido, tomamos como ponto de partida a análise das transformações que se processaram em Teresina nas três últimas décadas do século XX, momento de profusão do processo de estreitamento entre o local e o global, ou seja, momento de aguçamento das relações entre Teresina e o mundo e vice versa, fosse sob o prisma da cidade capitalista, vitimada por um sistema racionalizado e automatizado de produção e consumo de massa de bens materiais e serviços, fosse pelo prisma da produção de novos signos e imagens que transformaram a cidade num ‘empório de estilos’.

A Teresina vista numa perspectiva macro, aérea, parecia resumir-se tão somente a sua geografia, a seu formato urbanístico e arquitetônico. Elementos como economia, política, lazer, trabalho, cultura, violência, amores, paixões, adultérios, etc., só podiam ser visto numa perspectiva microscópica de análise da cidade. Do ponto de vista físico e material, a forma mais expressiva de perceber a cidade estava no conjunto de seu acervo arquitetônico formado por casas, lojas de comércio, prédios públicos, praças, ruas, avenidas, parques, entre outras construções humanas. Considerando o seu aspecto macro, a modernização da cidade apresentava-se como um momento em que Teresina se sintonizava e se conectava, passando a reproduzir, as tendências nacionais e internacionais. O novo ou a ‘moda’ chegava pela velocidade do motor, pela resistência do concreto, pelas ‘ondas’ do rádio ou pelo som e imagem da ‘telinha’.

Numa perspectiva microscópica de percepção da cidade, Teresina estava povoada por um movimento de ações, de práticas, de hábitos, de costumes que quase desapareciam diante

de elementos como a economia, a política e os empreendimentos arquitetônicos. Havia uma relação de poder e uma força centrífuga desproporcional que ofuscava o cotidiano simples e pacato, sobretudo das populações que povoavam as ‘franjas da cidade’. No Interior da cidade visível, concreta, objetiva, fluía uma cidade invisível, uma cidade subterrânea, marcada pelas ações ofuscadas de seus moradores nas ruas e vielas, nos bairros e nas vilas, nas casas, casebres, apartamento e mansões, ainda que esta última apontasse para grupos ou centros detentores de poder. Para além de perceber a cidade no que era noticiado no rádio ou impresso em jornais, era preciso ouvir os murmurinhos dos moradores nos quintais das casas, era preciso compreender os sussurros dos pedidos de socorro daqueles que não sabiam como e nem onde estariam no final do dia.

Assim, era além ou na confluência da cidade concreta com a cidade subjetiva que reside o nosso olhar sobre Teresina. Margeada pelas transformações físicas e estruturais da *urbe*, este trabalho objetivou evidenciar como, paralelo a isto, transformações nos modos de viver no morador da cidade foram se consubstanciando, imprimindo à cidade e ao seu morador novas feições físicas, estruturais e comportamentais, nos hábitos e costumes, nas formas de ver e sentir a cidade como um eterno devir. Nela, por exemplo, a moda e o uso de novas vestimentas, o cinema, o teatro, o esporte e o lazer, a música e a culinária, o carnaval e as festas noturnas, nos forneceram pistas reais das mudanças comportamentais do teresinense no momento em que a cidade e seus moradores se transformavam e se modernizavam para poder ingressar no novo século (XXI).

Vista numa perspectiva macro, o processo de modernização pelo qual passou a cidade de Teresina ao longo de sua existência e não somente no recorte ora proposto (décadas de 1970 a 1990), foi realizado tomado por uma postura autoritária e violenta, sobretudo por parte de seus agentes promotores, notadamente o Poder Público. Foi assim com a começar pela sua fundação, pela vontade de Saraiva³³, continuou pelas ações dos governos municipal e estadual

³³ Jose Antônio Saraiva, ou simplesmente Conselheiro Saraiva, foi nomeado, por Carta Imperial de 23 de junho de 1850, Presidente da Província do Piauí, tendo presidido essa província entre sete de setembro de 1850 a 12 de março de 1853 (com apenas 27 anos), se tornou um dos maiores responsáveis pela transferência da capital de Oeiras para a região da Barra do Poti, local que passou a responder como nova capital da província com o nome de Teresina. Oficialmente têm-se o dia 16 de agosto de 1852 como data da instalação da nova capital provincial. Foram muitos os motivos tanto internos como externos que justificaram a adoção de tal medida. Internamente o declínio da economia pecuarista da província; a incapacidade da elite política Oeirense de oferecer alternativas econômicas e administrativas viáveis tanto para a província como para a manutenção da sede da província na região do ‘Racho da Mocha’; o não favorecimento da localização geográfica de Oeiras que a colocava em certo isolamento em relação a outras importantes cidades da Província e do Nordeste, entre outros. Externamente, as dificuldades de acesso a sede provincial desde o norte em São Jose da Parnaíba; a pujança econômica da rota de comércio que colocava a cidade de Caxias (MA) como importante rota de comércio do ‘Meio Norte’; a possibilidade de explorar o Rio Parnaíba como rota de comércio e de transporte de pessoas e mercadorias; a

na primeira metade do século XX, a exemplo das tentativas de controle dos usos e posse do solo urbano no centro da cidade diante da ameaça dos incêndios criminosos, prosseguiu com os códigos de postura e com os planos gestores de desenvolvimento urbano e com os planos de transporte urbano a exemplo das intervenções agressivas na estrutura física da cidade nas décadas finais do século XX pela construção do Pré-metrô e da Potycabana, dos planos de reestruturação e revitalização do centro da cidade, pelas Agendas para a cidade, entre outros.

Numa perspectiva microscópica, paralela às grandes ‘metamorfozes’ geo-espaciais da cidade, coexistiam a elegância do universo dos frequentadores do teatro, a sagacidade do cinema marginal, os acordes atravessados das músicas das casas de espetáculo, a boa conversa em bares e restaurante, a busca do prazer e do lazer noturno, entre outras experiências, buscava-se a prática de hábitos e costumes requintados em determinados espaços da cidade, enquanto que em outros, quando pululavam em parcela significativa da população, práticas provincianas numa população desejosa e sedenta pelo assunto da vida alheia, desde o ‘papo de botequim’ até os ‘fuxicos’ entre vizinhos nas calçadas.

Neste canteiro fértil em que se transformou a cidade, modernidade e tradição disputavam espaços de legitimação a ponto de se colocarem ora como complementares ora como concorrentes *das e nas* ações do morador da *urbe*.

Considerando a polissemia de abordagens e concepções de cidades que podemos nos aventurar a buscar na Teresina que ora propomos tentar ‘desvelar’, considerando ainda a opção de desvendar as tramas e tensões de uma cidade micro se não invisível, mas pelo menos subterrânea, sem negar a existência de uma cidade imperiosa, forçosa de matéria, real e concreta, mais expressivamente percebida no concreto que dá sustentação a sua arquitetura, as

localização e escolha de uma nova área, a Vila do Poti, situada às margens do Rio Parnaíba, interligando dezenas de cidades ribeirinhas do Piauí e do Maranhão, entre outros motivos, pesaram para a decadência política da antiga capital e conseqüentemente para o fortalecimento da ideia de transferência e construção da nova capital da província do Piauí (Teresina). Apesar de vários os motivos, o fator econômico e a coragem e vontade política de Saraiva foram determinantes para a mudança. A mudança da capital provincial foi fundamental para a uma nova fase da história social, cultural, política e econômica do Piauí. A ousadia e a coragem de Saraiva de convencer parte da sociedade piauiense, sobretudo suas elites políticas, da necessidade de transferência da capital, medida muito contestada, significou não só a possibilidade de ‘oxigenação’ da vida econômica e da vida administrativa da província, mas a inserção da mesma no ideário novecentista de ‘progresso’, de ‘desenvolvimento’ e de ‘modernização’ da nova capital frente ao Império. A história política e administrativa de Saraiva transcende a Província do Piauí, Saraiva ainda governou Alagoas (nomeado em agosto de 1853, presidiu a província de 19 de outubro de 1853 a 26 de abril de 1854, e de março a 20 de maio de 1856); São Paulo (nomeado em junho de 1854, presidiu a província de 26 de junho de 1854 a 16 de maio de 1855) e Pernambuco (nomeado em 17 de dezembro de 1858, presidiu a província de 27 de janeiro a 20 de abril de 1859). Para maiores detalhamentos de Jose Antônio Saraiva e sua passagem política e administrativa pela Província do Piauí ver: SANTANA, R. N. Monteiro de. **Piauí: Formação, Desenvolvimento, Perspectivas**. Teresina: Halley, 1995 e NUNES, Odilon. **Pesquisa para a História do Piauí**. Teresina: FUNDAPI. 2007. Coleção Grandes Textos. Vol. 1, 2, 3 e 4.

questões a seguir apontam caminhos e trilhas a percorrer para se chegar numa Teresina de Memórias Afetivas: Em que ou qual Teresina habitamos? Habitando na cidade, uma Teresina igualmente nos habitava? Qual era a Teresina verdadeira? Era uma Teresina talhada na sua arquitetura ou uma cidade construída *do e no* trabalho de sua população? Era uma cidade dos administradores ou para seus moradores? Era um território dos *estabelecidos* ou dos *outsiders*? Era uma cidade dos especuladores imobiliários ou dos desterritorializados? Era uma cidade do acúmulo ou do prazer? Uma cidade do boêmio e literato ou dos andarilhos e caminhantes ordinários? Cidade comércio ou cidade lazer? Cidade diurna ou cidade noturna? Cidade matéria ou cidade memória? Cidade visível ou cidade invisível? Cidade objetiva ou cidade subjetiva?

Da cidade concreto, visível, palpável, materializada na arquitetura urbana³⁴ à cidade abstrata, invisível, subjetivada no ‘subterrâneo’ de cada casa, de cada roda de conversa, em cada ação lícita ou ilícita, era preciso desvelar Teresina, desvelar as tensões e as tramas que pululavam dos contrapontos entre o a mudança e a permanência no processo de modernização e de manutenção de tradições na cidade de Teresina nas décadas finais do século XX. Ainda que, segundo Castelo Branco (2006, p. 12) “as cidades, fora do discurso técnico e urbanista, só existam em sua forma invisível, carregadas e constantemente recompostas aqui, nesta região escondida e funda, maquinaria desejante a que chamamos de subjetividade”. Esta subjetividade transforma-se numa espécie de ‘combustível’, de enredo, que fazia emergir dentro da cidade, várias outras possibilidades de cidades.

Galvão (2008, p. 40), ao buscar formular uma compreensão das múltiplas cidades que podem ser encontradas em Teresina, cidades essas encontradas na subjetividade transmitida por imagens, por exemplo, expõe que é,

[...] através dos cinco sentidos que se conhece uma cidade e que se constroem as cidades particulares com gostos, sons, cores, formas e superfícies específicas. Uma cidade é sentida e conhecida com o corpo inteiro, ao ponto dela habitar os corpos de seus habitantes e o fazer de modo diferenciado em cada um, pois os percursos pessoais na cidade também são diferenciados.

Nesta perspectiva, o que Galvão (2008) tenta explicitar era que ainda que o historiador da cidade vez por outra tentasse expor ou caracterizar uma cidade matéria, física, concreta,

³⁴ De concreto armado e cimento.

objetiva, visível, nesta mesma cidade existiam cidades abstratas, subjetivas, subterrâneas, invisíveis.

Nascimento (2004) também nos apresentou a existência de uma Teresina subjetiva, invisível, possível de ser percebida nas experiências vivenciadas individual ou coletivamente, cidade esta ainda perceptível à luz da memória. Uma cidade que pode ser captada a partir de fontes como as paisagens, as expressões gestuais das pessoas e em suas experiências. O espaço de uma rua ou de uma praça, como exemplos de paisagem urbana, “funcionam como um detonador das lembranças e também como documento/monumento” sugere Nascimento (2004, p. 318).

A considerar que também trabalhamos com a ideia de uma cidade imaginária³⁵, nela, os limites temporais e espaciais que recortamos e apontamos como necessários para este estudo acabaram se mostrando “necessariamente fluidos” (NASCIMENTO, 2004, p. 319), condição que fez da análise do nosso objeto vez por outro ‘atemporal’, no sentido de se perpassar o recorte por nós estabelecidos - fora do domínio do tempo.

A Teresina que tentamos ‘descrever’ em memórias, era uma cidade que já não existia mais. Era uma cidade suprimida no tempo pelo advento de novas ‘cidades’ que surgiam a cada memória, a cada exaltação a Lugares de memória. Era exatamente a ausência da cidade de outrora que nos fazia perceber a existência de uma nova cidade, de novos signos, de novos símbolos.

As reminiscências saudosistas, nada mais representam do que a tentativa de ‘ressuscitar’ símbolos, signos de outrora, símbolos estes superados pelo ‘eterno’ movimento da modernidade. Movimento este que insiste em colocar o ‘novo’ como modelo a ser buscado, movimento cíclico que está a todo instante propondo um novo ‘novo’.

A cidade como palco da tradição, a exemplo das conversas de calçada onde pessoas pobres ou da elite conversavam entre si falando dos seus problemas ou mesmo da vida alheia, da vida dos vizinhos ou até mesmos dos problemas da cidade, como política e economia, foram se perdendo na individualidade da ‘correria’ da cidade capitalista. Cidade esta que foi prendendo seus moradores dentro das suas próprias residências³⁶, condição que tornou

³⁵ No sentido de subjetiva, abstrata, buscada tatear ou dar sentido nos significados que seus atores sociais davam e ela nas experiências vivenciadas e lembradas nas memórias.

³⁶ O próprio estilo de vida e moradia adotado por quem optou por residir em condomínios de apartamentos verticais e/ou até mesmo horizontais criou nos grandes centros urbanos ‘ilhas’ de isolamento do restante da cidade e de parte de seus moradores, tudo em nome da segurança diante do avanço da ‘violência’ e da ‘insegurança’ urbana.

algumas ruas, praças e parques em locais, vez por outra, ‘impróprios’ para permanência ou ainda em locais de medo.

Numa cidade pacata, de poucos afazeres ligados ao lazer, as conversas nas calçadas atuavam como parque de diversão. Aguardava-se ansiosamente o final de semana, domingo era dia de missa, por vez era dia de usar a melhor roupa para algum evento, mesmo que fosse o passeio à praça, local onde se desfilava a copia de roupas ou cabelos tirados de revistas (NASCIMENTO, 2004) de moda produzidas lá pelo sudeste do país ou até mesmo na Europa.

As cidades como organismos em constantes transformações, a cada instante criam ou inventam novos espaços, territórios estes que, via de regra, fogem do campo de visão daqueles que vivenciam a cidade, por esta razão, segundo Nascimento (2004, p. 327), “quando se busca uma cidade guardada na memória de alguns atores sociais, ‘constrói-se’ uma cidade de determinado momento”.

A cidade que buscamos evidenciar no movimento-processo que denominamos de modernização e que buscamos captar nas relações de conflito ou complementação entre moderno e tradição era uma Teresina que podia ser capturada em diversos monumentos, em diversas práticas, em diversas memórias. As transformações urbanísticas e arquitetônicas ‘metabolizadas’ ao longo da história da cidade, percebidas nas construções, demolições, reconstruções, não são suficientes para descrever o movimento de mudanças da cidade na sua totalidade. A observância das mudanças de práticas, do abandono de determinados comportamentos e da adesão a outros, nos possibilitam melhor compreender as mudanças da cidade não pela sua transformação física, mas pelas mudanças de hábitos e costumes, mudanças estas seduzidas pelo gosto do ‘novo’, da novidade, do moderno, ainda que aqui e ali, motivadas pelo desejo da permanência, do apego ao ‘velho’, do zelo à tradição, elementos que ajudavam a compor ‘identidades’ à cidade.

As fontes monumentos urbanas e arquitetônicas, as fontes culturais – presentes nos hábitos e costumes, as fontes memória ‘ressuscitadas’ em ‘frágeis’ lembranças, estão postas e sobrepostas com vistas a compor a história de uma Teresina processo, de uma Teresina movimento, de uma Teresina que teve e tem como perspectiva e trajetória desde o seu planejamento, a ‘sina’ da busca incessante por sua modernização como elemento de ‘identidade’ e sobrevivência.

A Teresina vista numa perspectiva de cidade que se modernizava, não era uma Teresina que estava situada no espaço-tempo tão somente encontrado no recorte ora proposto

- entre as décadas de 1970-1990. A ‘metamorfose’ da cidade em busca da modernização era uma marca de toda a sua existência e o combustível de suas mudanças físicas e culturais ou mesmo comportamentais de seus atores sociais, que seduzidos pelo novo, pela novidade, adotaram o moderno como eterna utopia.

A considerar que o moderno era sempre um movimento em direção ao novo, conforme já enunciado anteriormente, ainda que nele estivessem presentes os ‘germes’ da tradição, era só pela compreensão do que era velho que chegávamos à compreensão do novo. Era pela compreensão de um conjunto de mudanças que se processaram em Teresina ao longo de sua Historicidade, mudanças estas contidas em três crônicas, que buscamos conceituar e caracterizar as categorias de nosso estudo, aplicando-as a uma Teresina que buscava se modernizar a cada instante, no qual entendemos ter sido as décadas de 1970 a 1990 o espaço-tempo de maior efervescia deste fenômeno.

Para tentar explicitá-la à luz da empiria, nos apropriamos inicialmente de três crônicas de Arimathéa Tito Filho - intituladas *Tombaço I*, *Tombaço II* e *Tombaço III* - onde o mesmo aponta nas mudanças ocorridas na cidade, mudanças pelo qual o mesmo deu vida em memórias saudosistas de tempos de outrora, a existência de um ‘eterno movimento’ de modernização da cidade.

A Teresina que buscamos descrever em processo de modernização era uma cidade que não existia mais, por que se transformava a cada dia. Era uma cidade processo, era uma cidade progresso, era uma cidade desenvolvimento. A cidade de ontem que contrastava com a cidade de hoje não existia, mas precisaria ser ‘ressuscitada’ nas lembranças do cronista e memorialista, para ser sentida/percebida na sua ‘eterna’ mutação.

Metodologicamente, na primeira parte do texto, os usos destas três crônicas podem se apresentar como incongruentes para os nossos propósitos nestes escritos, já que, o recorte temporal das crônicas utilizadas como empiria para buscarmos a compreensão do objeto de estudo, perfazia todo o século XX, enquanto que o nosso objeto de estudo apresentava recorte das três décadas finais daquele mesmo século (1970 a 1990). No entanto, as crônicas nos possibilitaram captar os ‘movimentos de modernização’ da cidade tornando possível compreender e descrever o contexto histórico que antecedeu o recorte proposto para depois, de ‘posse’ deste conhecimento, ‘conflitarmos’ com os aspectos modernizantes da cidade e das práticas de seus moradores nas três décadas finais do século XX. Igualmente, na segunda parte do texto continuaremos a buscar captar as transformações modernizantes da cidade em outras crônicas publicadas em jornais escritos por Arimathéa Tito Filho.

Apesar de aparentemente parecidas e até mesmas confundidas como sinônimas, e mesmo sabendo que há diferenças substâncias do ponto de vista conceitual entre categorias como moderno, modernidade, modernização, uma condição parece apontar como comum entre estes termos, que eles tratam de ‘algo’ em movimento, de que eles tratam de ‘algo’ processo, de que expressam ruptura com ‘algo’ anteriormente dado socialmente. Estes termos ao serem aplicados ao movimento de modernização da cidade de Teresina, vez por outra também podem parecer confundir-se com categorias como crescimento, desenvolvimento e progresso.

Era exatamente neste aspecto de ‘movimento’, de processo e de contínuo, aplicável à análise do nosso objeto, que nos valem de aspectos sempre incompletos, em processos em construção e reconstrução, que nos apropriamos do jeito de ser/estar da sociedade teresinense num momento ‘longínquo’ para buscar dar sentido a uma cidade mais próxima de um ‘Tempo presente’.

Optamos por este percurso porque acreditamos que as memórias afetivas de Teresina tensionadas pelos ‘opostos’ moderno e tradicional presentes nas metamorfoses do processo de modernização da cidade presentes nas três últimas décadas do século XX, podem e devem conter os ‘germes’ de uma Teresina saudosamente desvelada por Arimathéa Tito Filho nas crônicas a seguir analisadas.

Igualmente, o deslocamento temporal e o uso destas crônicas nestes escritos, só nos ajudam a defender a ideia de movimento e de processo, de fato, pelo qual nossas categorias de estudo precisam preencher para serem aplicadas no nosso objeto. Elas, as crônicas, foram o ‘mote’, um ponto de partida, um tempo-espaço, para darmos início a ‘viagem’ pelos escritos que buscaram captar, dar a ver e sentir, a modernização da cidade de Teresina.

Visto de forma atemporal e sob a perspectiva de processo/movimento o nosso objeto, o nosso texto, embora enfoque as décadas finais do século XX, não se tornou refém deste recorte para dar sentido a Teresina das memórias afetivas com a qual nos ‘deleitamos’.

Na crônica ‘Tombaço I’ depois da morte de sua mãe e diante a transferência de seu pai, o juiz de direito José de Arimathéa da cidade de Barras, expõe o cronista:

“Tombaço I”

[...] Transferido para Teresina meu pai, com a família, habitava casa alugada, mas acalentava o sonho de construir confortável residência. Vendeu as propriedades de minha mãe, que eram minhas e construiu a espaçosa casa da Rua Eliseu Martins, recebendo-a dos empreiteiros em setembro de 1933. Com a morte de Arimathéa a casa passou a viúva, cabendo-me outra por compensação. Nela meu pai trabalhava, descansava, e todos nós o admirávamos na sua alegria e no seu entusiasmo pela vida. Trinta anos depois, dela saía o bom do velho morto para a morada derradeira.

Minha madrasta morreu doze anos depois do marido. Os bens que ela possuía passaram a familiares seus. A mim não coube uma simples xícara de servir café. Nada quis nem me convinha reclamar. Os herdeiros venderam o imóvel.

Hoje me proibi de andar pelas imediações dessa casa de esquina, ampla e de relativo conforto. Dói-me o espírito vê-la como está dividida em vários compartimentos comerciais. A sala onde meu pai lia e escrevia brilhantes sentenças jurídicas agora expõe calcinhas íntimas, sutiãs e mais que seja. Tudo se repartiu em lojas de variado tipo. A chamada sala de visitas, em cujas cadeiras se sentou gente importante, como José Américo, está desfigurada, serve de venda de tintas. As mangueiras frondosas desapareceram.

Fico a pensar na ambição dos homens. O dinheiro torna vil quem o ambiciona e o tem como deus. Pois aí está a que ponto relegaram a memória de Arimathéa Tito, meu pai, um dos mais admiráveis juízes do Piauí, reto, caráter sem nódoa, homem de bem, pobre, humilde, mas dedicado servidor de sua terra, havendo ocupado vaga do Tribunal de Justiça e lecionado na velha Faculdade de Direito.

A casa a que ele dedicou cuidados constantes, melhorando-a sempre que podia - e que tem muito da sua vida ilustre, tornou-se um balcão de dinheiro, com que se azinhavra a memória dos homens e das belezas de Teresina.

A tombaço ou o tombamento é o remédio.³⁷

A começar pela crônica ‘*Tombaço I*’, o que dela podia ser tirado para dar-nos a entender ou captar ‘Memórias Afetivas’ de Arimathéa Tito Filho sobre Teresina? O que dela podia ser tirado que nos possibilitasse compreender o que era ser moderno em Teresina na primeira década do século XX? O que estas crônicas traziam que poderiam nos ajudar a compreender nelas ‘marcas’, signos, sinais de modernização da cidade de Teresina?

As respostas a estas questões, tendo como parâmetro as crônicas de Arimathéa Tito Filho, abordavam temporalmente, praticamente, toda a história da cidade, o que de certa forma, fugia ao recorte temporal proposto para este estudo, no entanto, este aspecto não foi impedimento para nos apropriar destas fontes.

³⁷ A Crônica ‘*Tombaço I*’ de Arimathéa Tito Filho foi publicada no ‘Jornal O Dia’ em Teresina (PI) em 19 de agosto de 1988, p. 4.

Embora fazendo menção a meados da primeira metade do século passado, a crônica externalisava um ‘movimento’ de construção e reconstrução da cidade, mas também da ação/reação da sociedade frente ao processo de mudanças, de transformações pelo qual passou e continua a passar a cidade de Teresina ao longo de sua existência.

A proibição a si mesmo de andar e de ‘despojar’ do conforto e aconchego da casa que outrora fora sua; a dor de ver sua antiga casa desfigurada pela ‘voracidade’ com que o modelo de sociedade capitalista impõe às tradições; a repulsa à ambição que tomou de conta dos homens a quem o dinheiro tornou figuras vis, ainda que não fossem apresentados como memórias saudosistas, eram memórias afetivas de Teresina, pois, em essência, pretendiam ‘preservar’ tanto uma cidade ideal como também comportamentos desejáveis de seus moradores.

As análises a seguir permeiam a compreensão dos embates entre permanências e rupturas, entre preservação da tradição e a mudança via modernização da cidade.

A permanência de famílias inteiras nas cidades do interior podia ser compreendida como a manutenção de uma tradição. A tradição de manter-se na terra natal e a tradição de manter o ‘quinhão’ da família. Já transferir-se para a capital - a cidade grande - podia ser considerado não só a quebra de uma tradição, mas uma ação moderna fruto de um condicionante da modernidade, a confirmação da atração que as cidades grandes exerciam a ponto de, vez por outra, nos entregarmos a ela e, lá, irmos morar, situação que se deu com a família do cronista.

Nas cidadezinhas do interior ou na zona rural destas cidades, ainda que em condições precárias, via de regra, morava-se em casa própria ou como agregados, situação que não levava ao pagamento de aluguel. Isto podia ser considerado uma tradição, no entanto, com a mudança para a capital, situação que representava uma ação da modernidade, porque representava quase sempre a busca de atendimento de demandas potencializadores de qualidade de vida, poderia ainda ser exemplificada como prática moderna pela necessidade de alugar casa para morar, casa esta sempre vista como provisória, já que uma das utopias do homem na cidade grande, igualmente uma utopia da modernidade na cidade, era a construção da casa própria, preferencialmente, como expôs o cronista ao referir-se à utopia de seu provedor, ‘espaçosa e confortável’.

A permanência da família durante muito tempo em uma mesma residência poderia representar uma tradição, situação que aconteceu com o pai do cronista, saindo de lá depois de

morto para a ‘moradia derradeira’. Já, o ato de buscar novas residências, novos domicílios, ou até mesmo novas cidades, poderia representar uma atitude moderna, situação que também se deu com a família do cronista.

A permanência do imóvel na família, até mesmo porque ali se viveram bons tempos, representava uma tradição, mas vender o imóvel passou a representar uma novidade, uma possibilidade moderna. A venda situação que só se concretiza pela compra, marca concreta da cidade capitalista, tira dos vendedores direitos sobre o imóvel ao ponto que potencializa aos compradores dar o melhor fim ao bem adquirido. Não demoraria muito e o cronista viria a confortável moradia de outrora ser dividida em “vários compartimentos comerciais”, situação que lhes causara ‘dor espiritual’, já que a sala onde seu “pai lia e escrevia brilhantes sentenças jurídicas” agora era dada à exposição de “calcinhas íntimas, sutiãs” e outras coisas. Tudo havia se repartido em “lojas de variado tipo”. Era o movimento da modernização da cidade desfigurando uma tradição.

Explicita ainda o cronista que “a chamada sala de visitas, em cujas cadeiras se sentou gente importante” agora se encontrava desfigurada, servindo para venda de tintas. Nem mesmo as frondosas mangueiras resistiram ao movimento da modernidade que pairava sobre a cidade, desfigurando o centro da cidade (na Eliseu Martins), transformando aquele espaço da cidade, que outrora era ocupados por moradias tradicionais em área de intenso comércio. Eram os ventos da modernidade soprando sobre a cidade e sobre a vida do cronista também. Era a modernização agindo sobre a tradição por meio de forças hegemônicas, movidas pelos interesses mercadológicos, num processo de transformação dos lugares e de territorialização de novos interesses (HARVEY, 1993), porém, igualmente, era espaço de desterritorialização de outros, neste caso, do cronista.

Podemos afirmar que a falta de ambição dos homens representou em determinados espaços-tempos uma tradição. Igualmente, podemos afirmar que a ambição do homem da cidade capitalista representou um ato moderno que se consolidou como uma prática moderna, prática esta que acabou se consolidando como uma tradição da cidade capitalista. Pois nela, ‘o dinheiro’ que tornou ‘vis’ os homens que o ambiciona, acabou transformando o dinheiro em ‘deus’. Assim, as ‘metamorfozes’ modernizantes da cidade não se importavam nem mesmo com a memória de admiráveis homens a exemplo de seu pai (reto, caráter sem nódoa, homem de bem, pobre, humilde, dedicado servidor de sua terra), a quem a ambição do capital fez ser renegada sua importância.

A prática da dedicação de cuidados constantes nos melhoramentos da casa se tornou um costume na cidade e fazia parte da compreensão de modernização do morador que buscava dar a casa aspectos dignos dos tempos modernos, assim como também demolir casas e memórias em nome do desejo de fazer delas “um balcão de dinheiro”, mesmo que no embalo da modernidade, as belezas antigas e tradicionais da cidade tivessem que sucumbir diante do moderno. Fazemos nosso o questionamento do cronista, a ‘tombação’ ou o ‘tombamento’, qual deles era o remédio para a ‘destruição espiritual’ da cidade?

A crônica denominada *‘Tombação II’* continuou a nos possibilitar compreender o movimento da modernização atuando sobre Teresina, permitiu ainda perceber o embate ou o encontro entre o Moderno e o Tradicional no eterno processo de modernização, estigma da cidade de Teresina. Nela Arimathéa Tito Filho analisou o livro “Revivendo Teresina” a quem disse ser um trabalho de ‘amor e afeição’ à Teresina, cidade maltratada, ferida, desfigurada na sua memória social.

As narrativas de *‘Tombação II’* possibilitou ao cronista descrever mesmo que de forma cartesiana, algumas ações de gestores frente às muitas demandas da cidade e de seus moradores. Delas e por elas emergia uma nova cidade à medida que sucumbiam ‘Lugares de Memória’.

Outro aspecto a considerar foi a importância dada pelo cronista às transformações da cidade enfocando o papel dos representantes do poder público como sujeitos transformadores e responsáveis pela Modernização da cidade, ainda que o cronista se inquietasse exatamente com o ‘descaso’ pela preservação da memória da cidade contida em muitos ‘Lugares de Memória’, respeitosamente chamado por ele de ‘lugares de lembranças espirituais’ da cidade.

“Tombação II”

[...] Tranqüila e pitoresca, como sempre eu disse dela, da sua gente querida, singela nas suas habitações, nos prédios públicos. A antiga Vila Nova do Poti tem sido dia por dia modificada pela exploração imobiliária e ganância de certos proprietários sem alma, sem respeito à lembrança dos que a construíram.

Leônidas Melo iniciou o processo. Mandou derribar o edifício do fórum, merecedor de respeito, pois ali pontificaram luminares da ciência jurídica que constituíram o Tribunal de Justiça do Estado. No lugar se constituiu o Hotel Piauí, hospedaria governamental arrendada a particulares que encheram a pança de dinheiro por conta e patrocínio dos cofres públicos desta terra sem rumo e sem objetivo. Havia acordo entre o arrendante e o arrendatário. Dos dinheiros do arrendante o arrendatário descontava, nos governos seguintes, a hospedagem gratuita e criminosa de deputados e dos protegidos oficiais. Tanto gritei que o hotel foi vendido, anos depois. Ainda bem. Demoliu-se o tradicional Café Avenida, onde homens ilustres se encontravam para palestra amistosa. Hoje o local serve de estacionamento de automóveis. Quanta desafeição a uma comunidade acomodaticia e inconsciente dos seus direitos.

Passado o tempo, houve o deprimente espetáculo de desproteção aos bens espirituais de Teresina decretado pelo governador Helvídio Nunes. Sacrificou-se o prédio enorme, em que se alojavam antigamente a Secretaria de Fazenda, a Faculdade de Direito, a Diretoria das Obras Públicas, a Chefia de Polícia - um conjunto de heranças históricas - derribando para a bestialógica construção de um centro administrativo desnecessário. Ali se inaugurou o centro telefônico automático, em 1937. Sem dinheiro para terminar o elefante branco, vendeu-se o arcabouço ao Ministério da Fazenda, que o concluiu e nele assentou vários dos seus setores administrativos. Proeza de heróis, a do conterrâneo Helvídio Nunes.

[...] Nunca perdi a lembrança do prefeito Lindolfo Monteiro, que administrou a cidade uns dez anos. Médico de crianças. Ele não fez esgotos, mas tinha cuidados especiais com a cidade. Nesse tempo não havia verbas federais no tesouro municipal. As cidades viviam dos seus próprios recursos. Na história de Teresina, Lindolfo representa um dos seus mais admiráveis governantes. Antes, houve Luís Pires Chaves.

Luís arborizou, uma lindeza, a Praça Saraiva. O criterioso Lindolfo criou o Parque da Bandeira - simples, bonito, sem desfigurar cousa alguma. Por volta de 1936 Francisco do Rego Monteiro, prefeito, deu mais graça e harmonia à praça Rio Branco, antiga praça Uruguaiana, lugar em que se acenderam as primeiras lâmpadas elétricas de Teresina.

Lindolfo fez mais. Cidade limpa. E urbanizou a velha e boa Praça Aquibadã, que depois se chamou João Pessoa e finalmente Pedro II.

Assassinaram as lembranças espirituais de Teresina, em nome de um progresso sem entranhas, destruindo-se, por causa do dinheiro, a memória desse xodó maravilhoso que foi a cidade de Saraiva de Antigamente, desambiciosa, tranqüila e pitoresca.³⁸

³⁸ A Crônica ‘Tombação II’ de Arimathéa Tito Filho foi publicada no ‘Jornal O Dia’ em Teresina (PI) em 20 de agosto de 1988, p. 5.

Repetimos o questionamento que nos levou a refletir a crônica supracitada como potencializadora da compreensão do movimento de modernização da cidade, do afastamento ou encontro entre o moderno e o tradicional, de forma a compreender os conceitos/categorias-chaves do estudo da cidade de Teresina.

O que podia ser tirado desta crônica que nos possibilitava compreender o processo/movimento de modernização da cidade ao longo de sua historicidade? O que elas traziam de ‘mapeamento’ de caracterização das transformações urbanas e sociais vivenciadas por Teresina nas décadas finais do século XX?

A compreensão do presente é matéria dada no passado. A compreensão do novo é igualmente formada a partir da compreensão do velho, de algo dado anteriormente. A compreensão da tradição é assim essencial para a compreensão do moderno, mas também da intensificação das transformações que produzem a modernização. Assim temos a cidade como lugar da transformação, mas também da tentativa de manutenção da tradição frente ao movimento que produz a modernidade, já que a cidade é por essência, o espaço da mudança.

A Teresina ‘tranquila e pitoresca’ de gente “querida, singela nas suas habitações” e nos prédios públicos perdeu-se no dia a dia das mudanças que gradativamente ‘azinhavraram’ a cidade. Com ela tradições foram (e são) estupidamente esgarçadas em nome do novo. A antiga Vila Nova do Poti era dia a pós dia modificada pela exploração imobiliária e ganância de certos ‘proprietários sem alma’, sem ‘respeito à lembrança dos que a construíram’ num movimento que criava novos espaços, novos monumentos, novas memórias, impondo à cidade a modernização, mesmo que preterida.

Espaço-tempo da ação de homens simples ou de governantes arrojados³⁹, local da ação da iniciativa privada ou do poder público - um de seus maiores fomentadores, a *urbe* tem se apresentado como campo de embate de seus criadores. Nela vivem e convivem forças de interesses muitas vezes antagônicos, mas essenciais para a existência da cidade moderna, a força da tradição ameaçada pelos ventos da mudança. As demandas da cidade fluem no tempo-movimento das compras, das vendas, das trocas, da produção, dos serviços, do lazer e até mesmo do sossego e da contemplação⁴⁰.

³⁹ Luiz Pires Chaves foi Prefeito de Teresina de 17 de março de 1932 a 10 de maio de 1935; Francisco do Rego Monteiro foi Prefeito da Capital piauiense entre 14 de setembro de 1935 a 1 de fevereiro de 1936 e Lindolfo do Rego Monteiro foi prefeito de Teresina entre 01 de fevereiro de 1936 a 11 de novembro de 1945.

⁴⁰ A cidade também como lugar da reclusão da vida agitada. A cidade como espaço de templos de contemplação.

A Teresina que ora tentamos caracterizar como em constante processo de modernização como bem observou o cronista foi feita por homens singulares e plurais. Ainda que fruto da ação humana que impuseram registros na história da cidade através das construções e das intervenções urbanísticas mais contundentes, fazendo renascer uma nova cidade a cada dia, a cada nova obra constatamos nas fontes que o Poder Público individualmente⁴¹, foi o agente construtor que mais exerceu papel modernizador da cidade, ainda que suas intervenções tenham sido travadas ora na ‘dialética’ ruptura *versus* permanência, ora na complementação tradição e transformação.

Nela, o Poder Público apresentava-se como agente transformador e modernizador da cidade visando atender demandas de seus atores sociais num tempo-espaço onde se fazia necessário acompanhar o desenvolvimento e o progresso tecnológico, no entanto, este mesmo ‘Estado’ ao atuar a serviço de grupos ou sujeitos restritos na *urbe*, feria preceitos de Modernidade, ‘talhado’ na democratização ao máximo da cidade tanto dos bens culturais materiais como imateriais.

A ‘magoa’ do cronista com o desvio do Poder Público das funções essenciais e coletivas para a melhoria da qualidade de vida da população da *urbe*, estão marcadas na crítica que o mesmo fez à atuação governamental construindo hospedarias para encher a ‘pança’ de muitos com dinheiro patrocinados pelos ‘cofres públicos’ de uma terra por ele apresentada como “sem rumo e sem objetivo”.

Superar a tradição da espoliação dos cofres públicos em benefício de poucos era uma necessidade premente. Igualmente era urgente impor práticas democratizantes de acesso aos bens da cidade, condição que representava uma importante ação modernizadora da *urbe* e do próprio Estado, pois, ainda que o hotel tenha sido vendido anos depois, não era difícil constatar ao longo de sua existência o quanto o mesmo foi utilizado em benefício dos interesses privados de pessoas que adotaram como prática comum ‘parasitar’ no Estado.

A demolição do tradicional Café Avenida, local onde ‘homens ilustres’ se encontravam para conversas ou saborear algum quitutes, representava bem o movimento de Modernização da cidade pela adoção de hábitos requintados, mas também o embate ou encontro entre tradição e modernização.

⁴¹ Coletivamente, o somatório de todas as intervenções dos moradores da *urbe* se sobrepõem às intervenções feitas pelo Poder Público como agente transformador tanto arquitetônico como urbanisticamente da cidade.

Se em determinados momentos o centro da cidade passou a perder seu aspecto de espaço de habitação para espaço comercial como bem descrito na crônica *'Tombação I'*, com o passar dos anos e com a massificação do acesso ao automóvel como meio de transporte popular em substituição a animais, bicicletas, casarões residenciais e até mesmo casarões comerciais passaram a ser demolidos para a construção de estacionamentos como denunciava o cronista em agosto de 1998 ao relembrar os bons tempos do Café Avenida, local que acabou se transformando em estacionamento de automóveis.

A modernidade de Teresina podia ser compreendida pela racionalidade em evidência, racionalidade esta manifesta no usufruto dos bens advindos com as tecnologias que objetivam quase sempre produzir qualidade de vida para os moradores da cidade. Neste aspecto, 'o deprimente espetáculo de desproteção aos bens espirituais de Teresina' feitos em nome do Estado que sacrificava prédios onde eram alojadas muitas repartições públicas, expõe que a Modernidade, sempre que necessário, suprimia a tradição sem levar em consideração seus desdobramentos.

No caso da crítica do cronista, a Modernidade forçava a derrubada de prédios cuja natureza representava uma herança histórica em nome da 'bestialógica' Modernização da estrutura administrativa do Estado via construção de um Centro Administrativo para acomodar repartições públicas. De forma bastante elementar, a tensão moderno *versus* tradição podia ser aqui representada pela intervenção do Estado e a observância do cronista que via na de construção do Centro Administrativa como desnecessária.

A considerar que a modernização da cidade podia ser percebida pelo capitalismo em ação por meio de suas classes hegemônicas e o seu processo de expansão e/ou territorialização pelos lugares (HARVEY, 1993), o assassinato das lembranças espirituais da cidade de Teresina em nome de um 'progresso sem entranhas', que em nome do dinheiro, destruía a memória da cidade 'xodó'⁴²do cronista - cidade antigamente 'desambiciosa', tranquila e pitoresca - expõe que a Modernização da cidade, por força imperiosa da Modernidade e do capitalismo, sempre que necessário, ignorava a tradição.

O embate tradição *versus* modernidade foi mais uma vez externalizado na crítica do cronista, visto que atribuía à cidade certo bucolismo ao adjetivar Teresina como desambiciosa, tranquila e pitoresca antigamente, porém, agora, em nome da modernização, varrida pelos

⁴² Xodó maravilhoso faz referência à Teresina, cidade das utopias de Saraiva.

‘ventos do progresso sem entranhas’ destruía e assassinava ‘lembranças espirituais da cidade’, desfigurando-a em nome da ganância dos homens do dinheiro.

Na compreensão do autor, modernidade e tradição poderiam conviver harmonicamente, ainda que diante da necessidade dos governantes atuarem em nome de demandas prementes de um tempo presente. Neste aspecto, o cronista cita a arborização da Praça Saraiva, tornando-a linda; a criação do ‘parque’ da Bandeira⁴³ sem desfigurá-la em ‘cousa’ alguma; a preservação da Praça Rio Branco, ex-praça Uruguaiana, lugar onde se instalaram e acenderam as primeiras lâmpadas elétricas de Teresina; a manutenção da limpeza da Cidade e, por fim, a urbanização da velha e boa Praça Aquibadã, que depois se chamou João Pessoa e finalmente Pedro II como bons exemplos de convivência harmônica entre passado e presente e afirma ser possível mudanças sem gerar agressão às lembranças espirituais da cidade de Teresina.

Na crônica ‘*Tombação III*’, Arimathéa Tito Filho, continua a descrever o processo-movimento de Modernização da cidade ao longo de sua existência. Nela o cronista se apropria do desejo de ‘tombamento’ de ‘Lugares de memória’ como forma de preservar o patrimônio e a dignidade cultural de Teresina.

Ainda que atribua aos gestores da cidade, aos seus homens públicos, a responsabilidade pelas metamorfoses da cidade, a estes mesmos homens públicos o cronista impõe severas críticas, sobretudo porque via nestas mudanças impostas pelos gestores mais jogos de interesses pessoais que coletivos, mais vaidades do que necessidades, mais ambição do praticidade.

O uso de expressões como ‘obras de fachada’, construção ‘desplanejada e torta’, ‘aleijada’ para se referir as construções feitas a partir do Estado em favor da cidade e de seus moradores era bastante elucidativa da concepção de Modernidade que o cronista internalizava das intervenções públicas feitas na cidade de Teresina.

⁴³ Uma referência a Praça da Bandeira

“Tombaço III”

Tombar significa cair, derrubar, mas também preservar o patrimônio artístico, enfim, cultural das coletividades. Teresina tem sido destruída, perversamente, por motivos ambiciosos, ofendida na riqueza dos seus bens espirituais, dia após dia, em nome da ganância por dinheiro para a luxenta vida sem sentido ou dos programas de governo apoiados sobre obras de fachada. Leônidas Melo sacrificou o antigo e bonito FÓRUM. Helvídio Nunes, para construir um vistoso conjunto administrativo desplanejado e torto, desalinhando a rua Rui Barbosa, arrasou a edificação de estilo neoclássico de ordem dórica denticular, feita em 1919, em que funcionaram a Fazenda, a Polícia, as Obras Públicas, a Faculdade de Direito, o Centro Telefônico. Sem dinheiro para concluir a aleijada programação, vendeu o arcabouço ao governo federal, que o aproveitou e terminou as obras para alojamento de órgãos fazendários .

E o Sobrado dos Azulejos Amarelos, na Rua Bela (Teodoro Pacheco), esquina da rua Boa Vista (Rui Barbosa)? Mandou construí-lo o fazendeiro José Félix Alves Pacheco, que não se trata do poeta simbolista do mesmo nome. Para os serviços veio mestre-de-obras de São Luís, que assentou os azulejos portugueses. Demoliram-no em 1969. No lugar se fez o espigão chamado Palácio do Comércio, destinado quase a aluguel de salas.

Se Alberto Silva levantou o Albertão, estádio de futebol sem plateia, o seu fidalgo inimigo Dirceu Arcoverde devia efetuar cousa igualmente monumental, e botou abaixo a velha penitenciária, um dos marcos do começo de Teresina, e levantou o Verdão determinando o fechamento de vias públicas com que mais uma vez se alejava a cidade.

Desapareceu a casa de Antonino Freire. Os calçadões liquidaram a Praça Rio Branco, recanto agradável de tradição.

João Mendes Olímpio de Melo, prefeito, deformou o Teatro 4 de Setembro no primeiro centenário de Teresina. A querida casa de espetáculos tinha de cada lado área ampla arborizada, de inconfundível beleza. Anularam-na e no lugar surgiu casa de bebidas e comidas arrendada a cidadão argentino que explorou quanto mais o ramo e nele enriqueceu. A estalagem passou a boteco de segunda classe com o correr dos anos. A imponente área plantada do outro lado foi cedida pelo prefeito Agenor Almeida a comerciantes que no local mandaram construir certa espelunca de dois andares. No térreo instalou-se venda de pastéis e bolos, na parte superior funcionava jogatina permanente.

O patrimônio cultural de Teresina, a sua dignidade, os seus valores tradicionais, o exemplo dos seus filhos humildes, os que, com trabalho e sacrifício, a construíram - esse patrimônio tem sido maltratado, insultado, descaracterizado, sob protestos de poucos, de alguns corajosos amigos deste xodó, deste bem-querer que José Antônio Saraiva confiou aos homens, na imensa fé de que a sua criatura maravilhosa haveria de ser respeitada, mas a verdade está em que Teresina sofre exploração de ambiciosos do dinheiro, ou a deformam administradores de mau senso.

Só a tombação resolve o problema. O Estado e o Município têm o dever de resguardar a memória do que no passado foram dignos de suas responsabilidades⁴⁴.

⁴⁴ A Crônica ‘Tombaço III’ de Arimathéa Tito Filho foi publicada no ‘Jornal O Dia’ em Teresina (PI) em 22 de agosto de 1988, p. 4.

A primeira e mais premente compreensão que se fazia da leitura desta crônica e do contexto na qual foi produzida, ou melhor, do contexto ao qual tentou descrever, era do ‘intenso descontentamento’ do autor com as transformações impostas à Teresina por homens públicos em nome de interesses e ‘ vaidades’ pessoais, homens estes que deveriam era ‘resguardar a memória da cidade’.

A Teresina que se transformava, cidade metamórfica em busca da ‘eterna’ modernização estava marcada em toda sua existência por mudanças físicas e culturais em si e em seus atores sociais. Nela a superação de um *modus* de ser descontextualizado do presente ‘vanguardista’ fazia a cidade desejava da novidade e da busca pelo sempre Moderno. Mas as mudanças a ela impostas em nome do Moderno não se fazia sem um preço a pagar, o preço da perda de parte de sua memória cultural que se ‘esvaia’ sempre que sua arquitetura ou urbanidade eram atingidas.

Nela, como afirmou o próprio cronista, derrubar mas também preservar o patrimônio artístico cultural das coletividades se fazia necessário. No seu movimento de modernização, a cidade acabava sendo destruída perversamente em nome dos interesses de ‘ambiciosos’ e pelas formas perversas da modernidade se manifestar, circunscrita em valores materiais. Valores materiais estes que ofendiam a ‘riqueza’ dos ‘bens espirituais’ da cidade todos os dias em nome da ganância por dinheiro e da luxúria numa ‘vida sem sentido’.

Na cidade, a ‘grande moradia dos homens’ como afirmou Resende (1997), o poder público, um dos maiores responsáveis por obras responsáveis por empreender cada vez mais e melhor qualidade de vida aos seus moradores, na prática, historicamente não passa de um ‘teatro’ e nelas, muitas vezes, elaboram ‘programas de governo’ apoiados em ‘obras de fachada’. O uso da expressão ‘obras de fachada’ pelo cronista demonstra não só uma crítica, mas aponta uma situação que remete o elemento discursivo⁴⁵ à condição de componente do movimento de modernização pelo qual passavam as cidades e seus moradores.

Na crônica, o autor menciona a ação de um agente público que ‘sacrificou o antigo e bonito Fórum’ em nome da realização de outra obra em seu lugar. Menciona a demolição de uma edificação de estilo neoclássico, construído ainda em 1919, local onde haviam

⁴⁵ O uso da retórica, do discurso, da promessa para atingir determinados interesses pessoais, políticos, econômicos, etc.

funcionado diversas repartições públicas⁴⁶ para a construção de um conjunto administrativo desplanejado e torto, obra que acabou desalinhando a rua Rui Barbosa⁴⁷.

Na grande moradia dos homens, a ação dos seus criadores era implacável e indubitavelmente voltada para atender uma ordem que ganhava legitimidade no espírito materialista do homem Moderno. Na cidade como empório de estilos, os homens eram os idealizadores e executores das obras que transformavam a cidade a exemplo do fazendeiro José Félix Alves Pacheco que mandou construir o sobrado dos azulejos amarelos,⁴⁸ na antiga rua Bela, atual Teodoro Pacheco, esquina da rua Boa Vista, atual Rui Barbosa, edificação demolida em 1969 para a construção do ‘espigão’ do prédio do ‘Palácio do Comércio’, certamente uma das mais belas obras da arquitetura Moderna da cidade, à época.

A modernização que seduzia ou encantava alguns poucos, parecia igualmente produzir desafetos em outros. O cronista era um destes sujeitos. Embora observando a cidade em um grande recorte temporal, ele não deixava de demonstrar ora satisfação, ora insatisfação, quando homens, alteravam sua grande morada⁴⁹. Se o antigo sobrado de azulejos amarelos era uma dessas construções saudosamente lembradas, a construção de um estádio de futebol sem plateia era, por outro lado, uma clara demonstração de sua insatisfação.

Se o discurso aparece como componente do movimento de modernização pelo qual passavam as cidades, as práticas governamentais voltadas para a realização de obras grandiosas pareciam igualmente compor uma concepção de modernidade aplicada à cidade e a seus atores sociais.

Segundo o cronista, a construção do Estádio Albertão era igualmente buscada imitar por outros governantes a exemplo do Governador Dirceu Mendes Arcoverde que acabou mandando demolir a velha penitenciária - um dos marcos do começo de Teresina - para a construção do Ginásio Verdão, obra determinante no fechamento de ruas e vias públicas do

⁴⁶ A Fazenda Pública, a Delegacia de Polícia, a Faculdade de Direito e o Centro Telefônico.

⁴⁷ O autor da crônica afirma que esta obra não pode ser concluída por problemas financeiros do Estado à época, situação que ocasionou sua cessão ao Governo Federal, que o concluiu aproveitando para alojar ali órgãos fazendários, local onde depois foi construído o prédio do Ministério da Fazenda na Praça Rio Branco.

⁴⁸ Segundo o cronista, para a realização dos serviços de construção do sobrado veio ‘mestre-de-obras’ de São Luís, pessoas que ficaram com a responsabilidade do assentamento dos azulejos portugueses.

⁴⁹ A insatisfação do cronista aqui parece estar evidente na futilidade da construção do estádio de futebol Albertão, pois, apresentá-lo como estádio sem plateia, descaracteriza-o em sua utilidade e praticidade dentro do processo de modernização da cidade.

centro aleijando a cidade⁵⁰, mas que igualmente ‘eternizou’ o nome daquela governante na história da cidade e do desporto local através daquele importante ginásio de esportes.

Até mesmo os calçadões, obras que passaram a facilitar a interligação entre as praças Saraiva e Rio Branco, ativando e facilitando o fluxo de pessoas no centro comercial da cidade, pareciam desagradar o cronista, pois, para ele a construção dos calçadões ‘liquidaram’ a Praça Rio Branco, recanto de outrora agradável tradição.

Aqui temos que a Modernidade não só era antagonista à tradição em concepção, apesar dela própria ser percebida na ruptura com um modelo estabelecido, mas também na prática da manutenção das condições urbanas, arquitetônicas e culturais da cidade, já que para se tornar hegemônica, quando não ‘enterra’, ‘lapida’ determinadas tradições.

Quando a assunto era tradição, o movimento de modernização da cidade afetou uma de suas mais tradicionais edificações, o Teatro 4 de Setembro, que teve suas antigas áreas laterais arborizadas e de inconfundível beleza, deformadas para construção em um dos lados do Bar Carnaúba, ‘casa de bebidas e comidas’ arrendada a cidadão argentino que nela teria enriquecido segundo o cronista⁵¹.

Imagem 01: Bar Carnaúba na Rua 13 de Maio ao lado do Teatro 4 de Setembro



Foto: Acervo **Fundac**. Bar Carnaúba, ao lado do Theatro 4 de Setembro, na década de 50. Demolido nos anos 70 no Governo de Alberto Silva.

⁵⁰ No sentido norte sul interrompeu o prolongamento da rua Rui Barbosa e no sentido Leste-Oeste a rua Tiradentes, condição que ‘quebrava’ o modelo de tabuleiro de xadrez das ruas do centro velho da capital.

⁵¹ Segundo Arimathéa Tito Filho o Bar Carnaúba foi construído em detrimento das reformas na cidade para o seu primeiro centenário. Naquela ocasião, João Mendes Olímpio de Melo, prefeito, deformou o Teatro 4 de Setembro, ‘querida casa de espetáculos’ que tinha de ‘cada lado área ampla arborizada, de inconfundível beleza’ fazendo em uma dessas laterais uma ‘casa de bebidas e comidas’ arrendado a cidadão argentino’ que explorou o ramo, dele tendo enriquecido. Fonte: A. Tito Filho. **Tombação III**. Jornal O Dia, Teresina, 22 de agosto de 1988.

Até a vida útil ou a própria continuidade existencial do Bar Carnaúba foi criticada pelo cronista ao afirmar que tempos depois aquela estalagem acabou se transformando em ‘boteco de segunda classe’.

Já a outra imponente área lateral do Teatro outrora bem arborizada, foi cedida pelo chefe do executivo municipal⁵² a comerciantes – segundo o cronista, homens gananciosos do dinheiro, que no local mandaram construir certa ‘espelunca de dois andares’, onde passou a funcionar no térreo ‘venda de pastéis e bolos e na parte superior ‘jogatina permanente’. Mais tarde neste edifício passou a funcionar o Cine Rex, o mais importante cinema de Teresina por quase toda segunda metade do século XX, quando foi paulatinamente perdendo sua clientela por força da instalação das modernas e aconchegantes salas de cinema, primeiramente do *Baloon Center* no bairro São Cristóvão, depois as salas dos dois *shoppings centers*⁵³ que se instalaram em Teresina em meados da década de 1990.

Mesmo que ora sob o aspecto de embate, ora sob o aspecto de encontro, tradição e modernidade, permanências e rupturas, velho e novo estiveram presentes e evidentes em todas as três crônicas aqui analisadas. Nelas o saudosismo do cronista nas lembranças de uma Teresina linda, bela, calma, pacífica, amistosa, acolhedora, tranquila e pitoresca parecia ter sido amargamente solapada em nome do dinheiro, da ganância, dos negócios de acumular bens materiais, dos ambiciosos do dinheiro e dos deformadores ‘administradores de mau senso’. Pois, para Arimathéa Tito Filho, foi no desejo do acúmulo de bens materiais, tão importantes para os homens modernos, que ‘o patrimônio cultural de Teresina’, que a sua ‘dignidade’ e os seus ‘valores tradicionais’ foram sendo secundarizados, amordaçados, deteriorados, solapados.

Neste movimento de modernização de viés materialista, ‘seus filhos humildes, aqueles que com trabalho e sacrifício construíram a cidade, perderam para ambiciosos do dinheiro ou para os administradores de mau senso. A Teresina lírica passou a ter seu patrimônio maltratado, insultado, descaracterizado, sob protestos de poucos’, conseqüentemente sob o consentimento de muitos. Os poucos que protestavam contra a modernização solapadora da cidade e que defendiam uma Teresina saudosamente lembrada em ‘Lugares de memória’, como suas belas ruas e praças arborizadas ou mesmo seus casarões, o cronista adjetivou de ‘corajosos amigos deste xodó, deste bem-querer’ que seu criador ‘José Antônio Saraiva

⁵² A época, o então Prefeito Agenor Almeida.

⁵³ Riverside Shopping e Teresina Shopping.

confiou aos homens, na imensa fé de que a sua criatura maravilhosa haveria de ser respeitada'. Porém, nem a 'utopia' e vontade de Saraiva nem a 'profecia' do cronista se realizaram na sua totalidade.

Para o cronista, a verdade era que Teresina sofria da 'exploração de ambiciosos de dinheiro' e dos administradores deformadores da cidade. Condição que o inquietava tanto a ponto dele se questionar se o tombamento *seria* ou *não* uma possibilidade para a memória material e espiritual da cidade, para quem atribuiu forte responsabilidade aos seus gestores públicos como detentores do dever de 'resguardar a memória' daqueles que no passado 'foram dignos de suas responsabilidades'.

As memórias afetivas de Teresina povoavam o imaginário do teresinense, não só do cronista. Memórias afetivas estas presentes nas lembranças e nas identidades que os moradores criaram com a cidade e com seus 'Lugares de memória' em tempos distintos. Memórias estas que estão nas suas edificações que ainda estão de pé, mas também naquelas que já tombaram frente ao movimento de modernização da cidade. As memórias da cidade estão presentes ainda nas lembranças de hábitos e costumes que caíram em desuso (esquecimento), naqueles ainda vigentes mesmo que na tradição modernista da cidade, mas também estão igualmente presentes nas lembranças de práticas e ações que o movimento de modernização da cidade determinou sua 'morte' e superação. Lembranças saudosistas ou lembranças a ser esquecidas, o certo era que a modernização da cidade de Teresina tinha respondido historicamente como movimento-processo de 'fluxo' contínuo e estigmatizada como um 'eterno' devir, sempre em direção ao novo.

Se nestas memórias afetivas da cidade, tensões entre modernidade e tradição, entre o válido e o superado, o novo e o velho, entre ruptura e permanência ocorreram, deram-se porque a cidade era feita de sonhos e desejos (RESENDE, 1997) e estes por sua vez não se faziam sem tensões, sem conflitos. Eram exatamente estes elementos que faziam das cidades cenários emblemáticos da modernidade como bem evidenciou Rezende (1997, p. 21) desde as "suas ruínas" ou mesmo nas "suas tentativas de reconstrução".

Os escritos a seguir devem concentrar esforços reflexivos em descrever e analisar as transformações urbanas e sociais pelos quais passaram Teresina nas três décadas finais do século XX, buscando, repito, captar e sentir a cidade no seu 'eterno' movimento de modernização, assim como fez Arimathéa Tito Filho, na observância do embate tradição *versus* moderno, velho *versus* novo, permanecia *versus* mudança na 'historicidade' da cidade.

Tensão Histórica Entre o Moderno e o Tradicional na Cidade Tranquila e Pitoresca de Arimathéa Tito Filho

O processo de modernização das cidades no Brasil compreende fenômeno impreciso do ponto de vista temporal, até mesmo porque se deu de forma diferente em decorrência dos diferentes processos de colonização nas regiões do país, devendo se considerar ainda aspectos como economia, política, cultura e até mesmo a proximidade geográfica da costa litorânea do Brasil com a Europa e com a América do norte (EUA), local por onde se entrava ou saía do país.

A considerar a predominância do *modus* de vida *ruralesco* sobre o urbano até pelo menos fins do século XIX, atribuímos ao século XX como espaço-tempo de ‘consolidação’ do modo de vida urbanístico⁵⁴, *modus* de vida este herdado predominantemente da Europa ou pela colonização portuguesa e depois italiana, alemã ou pela busca de padrões de vida franceses ou ingleses⁵⁵.

Associadas às mudanças infraestruturas das cidades, intervenções médico-sanitaristas como campanhas de educação e vacinação em massa, permitiram o estabelecimento de melhores padrões sanitários nas cidades brasileiras, padrões esses já experimentados na Europa desde o século XIX, apesar do imenso déficit deste tipo de serviços nas regiões Norte e Nordeste. Para ter uma noção mais apropriada deste déficit, Teresina, capital do estado do Piauí, em plena transição para o século XXI apresentava apenas e tão somente 17% de cobertura sanitária⁵⁶ no seu perímetro urbano.

⁵⁴ O projeto desenvolvimentista proposto por Getúlio Vargas por ocasião da Revolução de 1930, que buscava ‘emancipar’ a economia nacional do setor primeiro começou a dar frutos ainda no segundo quartel do século XX. Por ele, ao procurar desenvolver o setor secundário e terciário, acabou também fomentando a urbanização, fenômeno inerente ao processo de crescimento econômico industrial, comercial e de serviços nas sociedades capitalistas.

⁵⁵ Até o início da década de 1920, em função da polarização e do quase isolamento das cidades do ponto de vista dos transportes, já que não havia ainda um verdadeiro mercado nacional integrado (uma vez que cada região apresentava as características de um mercado isolado), no final dos anos 20, com o fortalecimento de uma política de integração nacional via rodovias, o que se observou foi um reforço da interligação dos entroncamentos rodoviários no interior de vários estados, malha viária essa que não tardaria a se integrar nacionalmente, fenômeno que vigorosamente se consolidou no pós década de 1940 e teve nas décadas de 1970 e 1980 momentos de grande expansão (nacional). Por todo o século XX, respeitadas as limitações financeiras de algumas regiões e no interior destas, algumas de suas cidades, a infraestrutura urbana foi intensamente reforçada por grandes investimentos em obras de aspecto viário, urbanístico, sanitário, como sistema de abastecimento de água, de captação de esgotos e de melhoramentos das vias públicas: ruas, passeios, avenidas, praças.

⁵⁶ Entenda por cobertura sanitária a capacidade de coleta e tratamento dos esgotos e resíduos produzidos nas residências, empreendimentos comerciais, industriais e de serviços, antes de serem lançados de volta na natureza.

A personificação de padrões de vida e de organização urbano nos moldes de alguns países da Europa aqui no Brasil consolidou a realização de planos urbanísticos de grande envergadura, a exemplo do que já tinha ocorrido com a cidade do Rio de Janeiro, o Estado de Minas Gerais também foi contemplado com um plano urbanístico arrojado elaborado para a construção da nova capital Belo Horizonte. Além dessas cidades, outras como São Paulo, Belém e Recife também passaram por reformas⁵⁷.

No Brasil, o binômio industrialização/urbanização foram provocadores de mudanças na *urbe*, mudanças alicerçadas em duas linhas de preocupação, uma ‘estético’ modernizante e outro de ordem ‘técnica’ organizativa. Uma tinha como parâmetro o ‘belo’, o embelezamento da cidade, o outro, a viabilidade e a praticidade do uso dos bens e equipamentos individuais e coletivos da *urbe*, ambos, predominantemente, demandas burguesas. Fenômeno comum a todas as regiões de Brasil e que, sobretudo nos grandes centros, forçou implantação de novos padrões de tecido urbanos, notadamente voltado para o automóvel, secundarizado em importância as vias e passeios públicos, como espaços de convivência humana.

O elemento novo experimentado na segunda metade do século XX foi que nas áreas centrais, os espaços de aparência europeia, legado da colonização ou das reformas urbanísticas do final/início do século XIX/XX, foram sendo substituídos por edificações de maior altura, mais próximos dos padrões norte-americanos, nos moldes dos edifícios e arranha-céus, que logo tomaram de conta da estrutura urbana das cidades concentradamente no centro das cidades ou em áreas de ‘*alto status*’ social e/ou imobiliário.

Ao longo da segunda metade do século XX intensificaram-se os debates sobre a arquitetura moderna e sobre um urbanismo racionalista visando maior adequação do aspecto das cidades a uma sociedade de hábitos e costumes burgueses alicerçadas no setor produtivo e de serviços. Nesses tipos de cidades, as transformações iniciais de importância fundamental não tiveram alcance geral, ocorreram contemplando apenas um pequeno segmento da sociedade brasileira como parte importante de um processo mais amplo em escala

⁵⁷Considerando que a ‘Crise de 1929’ teve o mesmo efeito sobre a Primeira República que a ‘Abolição’ da escravatura teve sobre o Império, destruindo as bases políticas e abrindo espaços para uma ampla reorganização do país, os anos que se sucedem a 1930 até pelo menos meados de 1940 a industrialização do país foi potencializadora da urbanização e da introdução de novos hábitos no cidadão. Essa urbanização igualmente possibilitou a busca de maior integração do mercado interno, o que por sua vez possibilitou também a integração do sistema urbano. Em consequência disso, o aumento populacional nos principais centros urbanos e a complexidade crescente das relações econômicas e da vida social deram nova importância aos planos urbanísticos e às mudanças institucionais capazes de responder aos novos desafios da sociedade. As cidades estavam se tornando em espaços cada vez maiores e mais complexos forçando, quase que ciclicamente, novas e constantes intervenções públicas e privadas na *urbe*.

internacional que transformava os centros urbanos para o mundo capitalista. Isto aponta que os privilégios, ou seja, os aspectos positivos da modernização não se deram de forma homogênea e nem tão pouco foi pensado para todos os segmentos sociais.

Nas cidades, as construções, as reformas e a instalação de equipamentos e serviços urbanos não se limitaram apenas ao setor urbanístico ou arquitetônico. Os programas oficiais incluíam formas de melhoria dos serviços públicos que asseguravam a presença de equipamentos e instalações como hospitais e escolas públicas e privadas, teatros, cinemas, clubes sociais e esportivos, praças, parques e passeios, complementando as reformas infra estruturais de estilo sanitarista, estetizante e de ordem técnica organizativa. Isto em linhas gerais explicitava que ‘observar’ a cidade requeria um olhar de *voyeur*, no entanto, já ‘tateá-la’, senti-la requeria a sensibilidade do *Flâneur*.

Observar e sentir a cidade requeria sensibilidades, olhares atentos e sutileza. Requeria sagacidade, parcialidade, pois, na polissemia arquitetônica e urbanística, nos hábitos e costumes do morador da *urbe*, existiam elementos culturais endógenos e exógenos que empreendiam aos seus atores sociais aspectos que os tornavam simultaneamente plurais e singulares. A cidade do rico não era mais somente sua, era dos pobres também, pois, a própria concepção de riqueza só poderia ser ‘legitimada’ no reconhecimento do seu oposto, a pobreza, ainda que ambos usufríssem de formas diferentes dela e isto ajudava a fazer da cidade, lugar plural.

A cidade do boêmio, do devasso, libertino, licencioso era igualmente do conservador e do quieto. A cidade caótica era igualmente cidade da tranquilidade. A cidade tempo-velocidade era igualmente uma cidade pacata, tranquila e pitoresca, sem pressa de chegar. A cidade movimento era também a cidade estática e calma. A cidade negócio, empreendimento era igualmente cidade lar, lugar de se morar e enamorar. A ‘cidade dia’ também pedia passagem à noite como espaço-tempo-lugar de sociabilidades. A cidade adulta, amadurecida, ‘enrugada’, era também cidade jovem, ou melhor, era uma cidade que nascia e renascia a cada instante. Na cidade singular residia a cidade plural e vice-versa, na cidade existiam cidades.

Olhar a cidade requeria do observador a atenção, o afeto, a tenacidade, o vigor, pois, para captar as mudanças era necessário mapear as permanências e vice-versa. Retratar *flashes* da cidade em movimento exigia do observador a necessidade de fazê-lo andar pelas ruas como se elas fossem ‘artérias’, pois, as artérias levam sangue, levam vida ao ‘organismo humano’, enquanto que as ruas levam e trazem pessoas, aqueles que dão vida ao ‘organismo urbano’, mas não só a ele.

Matos (2007, p. 113-114), referindo-se a Adoniram Barbosa e a forma como este observava e captava sensivelmente as várias imagens e possibilidades de uma São Paulo ‘mutante’, em incessantes transformações, registra que:

[...] observar a cidade implicava o exercício de caminhar a pé (dia e noite), aproximar-se, conversar, ouvir, atentar para as entonações, sintaxes, sonoridades e também se distanciar, buscando a inspiração-reprodução [...]. Produzir esta matéria modelar [...] subtendia integrar-se com as experiências através do seu falar, presente o sotaque [...], mas também, nas paisagens sonoras, nas melodias e no modo de cantar específicos da cultura urbana [...].

Quem não anda pela cidade, quem não passeia pela cidade, quem não ver a cidade de perto e por dentro, não podia narrar, descrever, caracterizar a cidade com ‘autoridade’, como um autêntico *Flaneur*, assim como fez Walter Benjamin ao observar o social, e estético, o cultural durante longas caminhadas por Paris. A ideia de *Flaneur* como um observador sensível à cidade moderna, como referência para compreender os fenômenos urbanos fruto do advento da modernidade que encontra na Revolução Industrial expressão máxima, dar-se talvez pelo seu desprendimento, mas ao mesmo tempo pela sua dependência da cidade para sua sobrevivência.

É este desprendimento contraposto pela dependência que potencializa ao andarilho-observador descrever uma cidade que não era possível de ser descrita de forma ‘aérea’, superficial, situação esta só possível se feita *nas e pelas* ruas, becos, vielas, avenidas, passeios, praças, parques, casas, condomínios, lojas, mercados, botecos, cantinas, lanchonetes e diversos outros ‘territórios’ da cidade.

No tatear, no sentir, no olhar a cidade, questões e demandas diversas saltavam aos olhos do observador comum e se evidenciavam muito mais ainda aos olhos do observador perspicaz. Problemas, soluções, alegrias, tristezas, pobreza, ruídos, silêncios, um universo de situações encontravam na *urbe* campo de possibilidades.

Questões-problemas inerentes à cidade como desemprego, poluição, violência e criminalidade, consumo de drogas, insegurança, saúde, educação, desigualdades sociais, déficit habitacional, insalubridade urbana, ausência de saneamento básico, epidemias e doenças, lixo e meio ambiente e sustentabilidade, faziam parte do cotidiano das grandes, médias e pequenas cidades e cobravam de seus atores sociais - moradores, visitantes e gestores - soluções imediatas, porém, contínuas.

Os territórios diversos das cidades assumiam particularidades que expressavam identidades próprias, uma vez que, na expressão de suas marcas estavam os ditos e os não ditos da cidade. Assim temos que os lugares ‘falam’ e isto nos ajuda a constituir as “imagens” que temos da cidade. Na *urbe*, cabe aos seus moradores captar e expressar as múltiplas linguagens dos ‘Lugares de memória’ de acordo com suas experiências - individuais e coletivas - e vivências sociais nestes territórios de múltiplas possibilidades, as cidades.

Expurgo(s) via periferação, inconformismo(s) pela exclusão, rejeição pela ausência de práticas cidadãs faziam da cidade local da acomodação e de resistência(s), local da rudeza e da aspereza que contém ao mesmo tempo elementos de sensibilidade(s), de sociabilidade(s), de solidariedade. Aliás, eram na presença das dificuldades e dos problemas que se evidenciavam práticas solidárias como marca das cidades, apesar da individualidade, dos muros e barreiras que elas colocam para a vivência coletiva *do e no* seu espaço (urbano).

A cidade, ‘a grande moradia dos homens na modernidade’ (REZENDE, 1997) passou a ver-se solapada pelas próprias invenções humanas. Criações da modernidade, nem todas eram capazes de assegurar a harmonia do convívio social racional e racionalizado.

A opulência das construções e das intervenções feitas na arquitetura da cidade ou na sua estrutura urbana com desdobramentos diversos nas formas de ver, sentir e usufruir da cidade, foram potencializadores desta noção de modernidade. Se a opulência, a grandiosidade e a suntuosidade eram as marcas das construções urbanas símbolos da modernização da *urbe*, ao longo de século XX, sobretudo na sua segunda metade, o signo de modernidade que perseguia o cidadão passou a estar presente também nas pequenas cidades ou até nas reformas de pequenos imóveis particulares mesmo que fossem em reformas domésticas.

Fossem em obras públicas ou empreendimentos privados de grandes, médios ou pequenos portes, desde a concepção dos projetos até a sua execução, a máxima das obras eram movimentadas pelo ‘signo’ do progresso, do desenvolvimento e da modernidade. Teresina, nas últimas décadas do século XX, por exemplo, se tornou refém desta máxima e de lá para cá convivia ora harmônica, ora conflituosamente com este signo, com este estigma do moderno, como se não pudesse dele se libertar sob o risco de passar a ser vista como cidade símbolo do atraso⁵⁸.

⁵⁸ Vale apenas observar que o signo da modernidade e do progresso persegue toda a história da cidade de Teresina até antes da mesma ser idealizada por Saraiva. Suas origens e constituição nasceram exatamente da concepção de ‘atraso’ que recaía sobre Oeiras (capital da Província do Piauí). Tal concepção de ‘atraso’ fez muitos crerem que Oeiras não dava mais conta de atender às demandas de uma capital de província que deveria

No percurso da constituição de identidades com a cidade e da sua aproximação à máxima modernizadora, foram muitas e diversas as formas encontradas pelos moradores de gostar, de se apaixonar e de amar a cidade, assim como declamava Arimathéa Tito Filho sobre Teresina. Neles estavam contidos gostos/zelos da *urbe* como espaço empreendedor (cidade negócio), como lar (cidade moradia), como aconchego (cidade acolhedora), como espaço saudosista (cidade memória), como lazer (cidade aprazível).

O gosto, o zelo, o apelo pelo moderno e pelo progresso imprimia ‘condição’ de cegueira em parcela da população das médias e grandes cidades brasileiras. A cidade inchada, adensada demograficamente, produzia e reproduzia fossos sociais que ‘saltavam aos olhos’ de todos, mas, ainda assim, declarar amor à cidade era declarar amor a si próprio. A cidade ‘orgânica’ confundia-se com a cidade ‘organismo’. A ideia de cidade ‘coração’ que sempre cabia mais um ‘filho’ ajudava a difundir, mas também a construir identidade com a cidade. Nela vivem e convivem diferentes etnias, diferentes credos, diferentes gostos, diferentes posturas políticas ou estéticas e arquitetônicas. A cidade-identidade que sofria pela ausência de ‘rosto’, de ‘cara’ própria, exatamente porque era múltipla, era ao mesmo tempo singular e plural.

A cidade como espedro multifacetado (polissêmica, singular e plural) era assim entendida por Matos (2007, p. 88): “[...] a cidade se assume como múltipla e sem rosto, mas com o coração dos que optaram viver nela, migrantes e imigrantes, buscando o convívio da diversidade, num território marcado pela heterogeneidade”.

A heterogeneidade da cidade apontava para a existência de várias cidades dentro de uma cidade. Cidades legais e cidades clandestinas. Cidades de inclusos e de excluídos, cidade do afago e da opressão, cidade central e periférica, cidade riqueza e pobreza, cidade beleza e ‘feitura’, cidade lenta - quase parando - e cidade velocidade, cidade luz e escuridão, cidade coletivo e solidão, cidade cruza e solidariedade, cidade estática e mutante, cidades dentro da cidade que não para de pulsar, de pedir e de doar frio e calor, a cidade, as cidades. Cidade, território do possível, que tudo cabe e que a todos comporta.

A cidade se apresentava heterogênea nos sons e ruídos. Cidade motor, cidade buzina, cidade música, cidade choro, cidade sorriso, cidade silêncio. A cidade grande, cidade com ares de metrópole, cidade que aparentemente comportava a todos, pois, na sua condição de cidade complexa acabava por segregar muitos, já que não conseguia atender a todas as

demandas que dela eram esperadas. A Cidade de ‘coração grande’ a quem a todos acolhia, oferecia a alguns mais e melhores oportunidades que a outros. Nesta relação acolhimento *versus* expurgo apresentava-se como espaço/lugar de alegrias e também de mágoas, pois, como lugar da complexidade e, portanto, da não unanimidade, desagradava a alguns como lugar para se viver, mas, ao mesmo tempo, agradava a outros como lugar de esperança.

Assim tem-se que a cidade que oferecia oportunidades, também excluía. A cidade como espaço de liberdades para uns era a mesma cidade que enclausuravam outros. A cidade como espaço constituído de identidade de liberdade à exemplo da sua função de *habitat*, de trabalho, de lazer, era a mesma que aprisionava seus moradores dentro das casa ou apartamentos - fortalezas onde a liberdade do cidadão era está trancado dentro do lar. A rua não era mais lugar de ‘ir e vir’.

Disfarçadas de moradias, casas e apartamentos com suas muralhas cada vez mais altas separam os usuários dos espaços públicos da cidade - ruas e avenidas, praças e parques, passeios e calçadas - locais por direito dos cidadãos. Neste movimento, estes mesmos espaços tornam-se lugares privativos de poucos, sobretudo de desviantes. A rua como local de contato, de interação, de construção de sociabilidades, se perdia na imensidão da solidão e do isolamento que solapava seu papel social coletivo e a restringia a espaço privado, onde aconteciam crimes e delitos e onde reinava o medo e a escuridão.

O abandono da rua, a perda do hábito do sentar-se na porta de casa, do ocupar praças e passeios públicos, de trocas de experiências de seus moradores, não só mutila a cidade por ‘matar’ seus locais de sociabilidades, mas mutila a cidade de seus principais equipamentos, os espaços públicos. Nestes antagonismos da cidade, encontramos ao mesmo tempo amor e ódio *da e na* cidade.

O dia - matutino e vespertino - como espaço-tempo do trabalho e a noite como espaço-tempo do descanso já não existem mais como padrão das práticas sociais cotidianas da *urbe*. A cidade imprime ao seu morador novas práticas, novos tempos, novos espaços, novas formas de sociabilidades, inclusive práticas cada vez menos civilizadas, àquelas que ferem direitos básicos e elementares e ao mesmo tempo mutilam deveres semelhantes. A cidade como espaço da proteção e do acolhimento também tem se apresentava como espaço do delito, do crime, dos desvios de conduta, de práticas que afugentam e tiram da cidade sua identidade de lugar de ‘coração grande’.

Nas memórias que o morador guardava da *urbe* - indiferente dos lugares: fossem das ruas, praças, parques, bares, restaurantes, botecos, cantinas ou lanchonetes; indiferente das práticas: fossem as conversas, os fuxicos e mexericos; indiferente dos temas: fosse a vida alheia, a política, a religião ou o futebol, a cidade tinha vida própria e nela as boas amizades ou até mesmo as intrigas davam o tom dos bate-papos de fins de tarde.

Nas periferias, entre uma dose de pinga⁵⁹, uma cerveja, um refresco ou suco de frutas, entre uma porção de panelada⁶⁰, uma mão de vaca⁶¹ ou sarapatel⁶², ou ainda entre um carteadado e outro, a conversa corria solta⁶³. Aqui e ali gargalhadas, vez por outra interrompidas pelo ‘esguelamento’ de algum xingamento que acabavam em pequenas confusões. ‘Numa cidade moderna, progressista - como muitos dizem: desenvolvida - com seus muros altos ou com pessoas trancafiadas em suas casas e apartamentos e suas cercas elétricas, práticas como conversas, fuxicos, mexericos na porta de casa ou na sombra das árvores nas ruas encontram-se ameaçados. Até mesmo as conversas, a atualização sobre a vida alheia em espaços como ruas, praças e parques foi se perdendo no tempo. Bares, restaurantes, botecos, cantinas ou lanchonetes passavam a compor cenários para esse tipo de prática: o bom bate papo.

Temas de conversas como ‘a vida alheia’, a política, a religião ou o futebol, davam lugar a temas pouco expressivos para demonstrar o gosto e o zelo pela cidade. Transito caótico, violência, corrupção, inflação, insegurança, entre outros, tornavam cada vez menos saudosistas as conversas *na* e sobre *a* cidade.

Os botecos e quiosques de ‘ponta de rua’ ou dos mercados eram os locais prediletos para comer panelada, buchada, mão de vaca, sarapatel, galinha caipira; beber uma pinga ou uma cerveja; tomar um café, um suco ou um refresco; fumar cigarro ou cachimbo ou até

⁵⁹ Bebida típica da região nordeste também chamada de Cachaça ou Aguardente

⁶⁰ “Panelada”, espécie de iguaria da culinária nordestina onde se servem cozidas em tempero e caldo as vísceras de gado vacum.

⁶¹ “Mão de vaca”, espécie de iguaria da culinária nordestina onde se servem cozidas (em tempero e caldo) as patas dianteiras e/ou trazeiras do gado bovino serradas. Nela são saboreados além da carne, os nervos, as cartilagens e ossos com “tutano” (medula) do animal.

⁶² “Sarapatel”, espécie de iguaria da culinária nordestina onde se serve cozida em tempero e caldo as vísceras de vísceras de criação (caprinos e ovinos) ou porco cozidas com o sangue do animal.

⁶³ “Bate papo” cotidiano costumeiramente feito nas calçadas ou sombra de árvores em frente às casas nos bairros (vilas ou favelas) onde vizinhos e moradores buscam se refrescar e fugir um pouco do calor da cidade, calor esse mais rigoroso no interior das casas. No centro das médias e grandes cidades essa prática tem se perdido ao longo dos anos à medida que o centro foi se tornando lugar-espaco preferencial das atividades e práticas econômicas da cidade. Na periferia essa prática ainda resiste mais tem sofrido problemas de continuidade, sobretudo, pelo aumento da violência nas médias e grandes cidades. É importante ressaltar que a questão da violência urbana não é mais um ‘problema’ das médias e grandes cidades, com a difusão das drogas ilícitas somados aos problemas sociais históricos do país, este problema chegou às pequenas e, ate então, pacatas cidades do interior do país.

mesmo mascar e jogar um carteadado, dominó ou sinuca. Com o advento de locais mais requintados como bares, restaurantes, boates, churrascarias, espaços estes quase sempre associados a hábitos tidos como mais refinados e mais civilizados, espaços também associados a condições e práticas mais higiênicas, contribuíram para que aqueles antigos lugares fossem, pouco a pouco, perdendo espaço e caindo no esquecimento de muitos moradores da cidade, o que não os eliminou totalmente, já que muitos deles ainda resistem e mantêm, mesmo limitadamente, algumas tradições e práticas alimentares e de lazer associadas à 'boemia' ou a 'vadiagem'. Era uma tradição mesmo que apresentando resistência em alguns atores sociais de cidade, já dava sinais de prazo de validade vencida e fazia surgir uma nova tradição, permeada de modernidade, sempre associadas a signos estetizantes ou higienísticos.

Contribuía negativamente na manutenção daqueles lugares, a fama de locais promíscuos, pouco higiênicos, vulgares, sujos, inóspitos. Locais que de certa forma ofereciam riscos à saúde da população e por conta disto passavam a sofrer constantes intervenções dos órgãos de fiscalização e controle da saúde pública. Como causa-efeito deste processo foi surgindo gradativamente novos e mais requintados espaços e territórios de experiências populares⁶⁴.

Em locais mais 'nobres' da cidade, 'saraus', 'tertúlias', 'serestas', bailes de discoteca tornavam a noite da cidade mais 'caliente', mais prazerosa, mais romântica, ainda que, vez por outra, também atravessada por conflitos. A cidade que trocava o dia pela noite incomodava aqueles que preferiam a noite como espaço-tempo de descanso. Assim tinha-se que, quando a noite se apresentava como lugar de lazer para uns, ao mesmo tempo se transformava em momento de tormento para outros. Nesta dinâmica, a cidade ia sobrevivendo de forma diferente - convergente ou antagonicamente - e construindo suas identidades *em si e nos seus* moradores.

As atividades festivas de lazer noturno desenvolvidas em áreas nobres da cidade consagraram espaços de ostentação e de luxúria como práticas vinculadas ao processo civilizador típico das grandes cidades e dos seus bairros de alto padrão social. Desfile em carros, apresentar-se bem vestidos, desfrutar dos melhores bares e restaurantes, frequentar as melhores boates, não se constituíam apenas em hábitos civilizados, atribuídos quase sempre aqueles mais bem nascidos, mais ajudava a identificar e compreender as múltiplas cidades e

⁶⁴ Bares, restaurantes, boates, churrascarias, espaços estéticos e estruturalmente mais organizados, quase sempre associados a hábitos mais higiênicos e tidos como mais requintados e mais civilizados.

as múltiplas práticas que nela se realizavam, era a *urbe* demonstrando-se plural e singular simultaneamente.

Se até meados do século XX o automóvel era objeto de luxo e de ostentação de poucos, na segunda metade do século XX, inaugurou-se um acelerado processo de popularização deste bem, símbolo dos tempos modernos, do progresso e do desenvolvimento. Se com o surgimento do automóvel a cidade teve que ser reinventada, com a sua popularização, a cidade teve que ser reestruturada. Neste processo, a cidade passou a ser reelaborada cada vez mais para as máquinas e cada vez menos para os humanos.

Na *urbe* moderna, o alargamento ou construção de ruas e avenidas, pontes e viadutos, estradas de rodagem e BR's não passaram a compor a dinâmica dos tempos modernos com fins de possibilitar única e exclusivamente mais e melhor qualidade de vida ao cidadão, mas para atender as demandas do 'progresso' fomentadas pela a indústria automobilística.

Na dinamicidade, na polissemia e na complexidade das grandes cidades, o automóvel tomou o lugar dos homens/mulheres e passou a ser o objeto dos desejos, dos sonhos e, finalmente, tornou-se o objeto da realidade. Condição esta que impôs à cidade e ao seu morador um preço de qualidade de vida muito alto: o de ter se transformado em sujeito secundário de suas próprias criações⁶⁵.

Arimathéa Tito Filho foi observador atento e detalhista das transformações ocorridas na cidade, mudanças estas que, nem sempre, salvaguardam os criadores de serem transformados em sujeitos secundários de suas próprias criações na *urbe*. Arimathéa Tito Filho foi um daqueles cronistas que se apropriaram da cidade como um *Flâneur*, uma vez que ao emitir crítica sobre o movimento de modernização da cidade se sensibilizava 'saudosamente' ao perceber a possibilidade de morte da memória de muitos lugares de memória da cidade em decorrência da força avassaladora da modernização, do progresso e do desenvolvimento que pra ele solapava Teresina. A observação, o sentir a cidade na sensibilidade e no olhar atento e sutil do cronista Arimathéa Tito Filho conseguia perceber o embate 'Moderno' *versus* 'Tradição', 'Novo' *versus* 'Velho', 'Mudança' *versus* 'Paralisia'.

⁶⁵ Entenda-se por 'secundarização' ao processo de desumanização do homem/mulher frente aos interesses de ordem materiais típicos da sociedade capitalista. Nele e por ele, a máquina, a propriedade privada, o negócio comercial, a busca de riquezas materiais se transformaram em elementos mais importantes do que o próprio humano e sua convivência harmônica *com e entre* seus pares.

A crônica ‘Teresina’, publicada no Jornal O Dia de 12 de setembro de 1990 demonstra bem não só o movimento de modernização da cidade, mas como este se deu no embate com o seu oposto, a força que tentava impor a permanência e a tradição.

“Teresina” (1ª parte)

Teresina foi a primeira cidade do Brasil construída em traçado geométrico, no chão da mata derrubada. As casas de moradia tinham a parede da rua rente com as calçadas. Havia um corredor central, ladeando as salas e alcovas, a sala de refeição no meio, com peitoris para o saguão, e o célebre puxado de quartos, despensa, cozinha e banheiro. Esta estrutura ainda existe em muitas residências. Depois se construiriam palacetes.

Teresina não nasceu espontaneamente, mas de modo artificial, prevendo-se praças e ruas. Fizeram-se as edificações mais necessárias: mercado, cemitério, hospital, cadeia. Surgiu o jornal. Criaram-se clubes. Animada vida teatral. Festivos carnavais. Fundaram-se clubes recreativos. Apareceram os primeiros cafés e restaurantes. Jogo de bilhar, passeio de cavalo. O costume das serenatas. Os festejos religiosos.

Ainda no alvorecer do século XX e nas proximidades de 50 anos, Teresina não tinha serviço d'água encanada nem luz elétrica: comuns os cargueiros d'água que abasteciam as residências, montados no jumento bisonho, trepado na cangalha gigante. Deliciosos tempos de Teresina doutrota. O astro era o acendedor de lampiões - candeeiros no alto dos postes, queimando querosene. Ao lado do desconforto, da poeira, das raras medidas de higiene, da tuberculose e da sífilis, do casebre de palha, a maledicência generalizada nas rodas de calçadas e nos serenos de bailes.

Nos primeiros anos do século, a água encanada. No Governo Miguel Rosa, luz elétrica, sociedades literárias animavam a cidade. Chegou a era do cinema: o mudo, depois musicado, finalmente o falado. O jardim, o jardim da Praça Rio Branco, de doce lirismo, rapazes rodando num sentido e garotas noutro para o namoro paroquiano mais gostoso, o namoro dos olhos. Chegaria a vez da Praça Pedro II. Do mesmo jeito, olhos dele grudados nos dela⁶⁶.

Teresina, a considerar sua criação 1852 e o tempo de escrita desta crônica, 1990, podia ser considerada uma ‘cidade madura’, pois, passados estes 138 anos, insistia em não abandonar sua disposição para cumprir a ‘sina’ pelo qual tinha pensada, planejada, criada: a de ser uma cidade modelo, cidade moderna, cidade sede que deveria cumprir papéis-funções⁶⁷

⁶⁶ A crônica “Teresina” de Arimathéa Tito Filho foi originalmente publicada na íntegra no Jornal O Dia de 12 de setembro de 1990 (p. 4), no entanto, metodologicamente, por se tratar de texto um tanto quanto extenso, resolvemos dividi-la em duas partes. Igualmente em dois momentos distintos fizemos sua análise.

⁶⁷ Teresina foi criada não só para ser a capital, sede política e administrativa, da Província do Piauí, até mesmo porque a Província já tinha sua capital, Oeiras. A criação de Teresina como nova sede da capital da Província deveu-se para além dos anseios particulares ou coletivos de Saraiva ou de uma parte da elite local. Deu-se em decorrência da necessidade de fomentar as condições de crescimento, de desenvolvimento e de progresso do

que Oeiras, capital da Província do Piauí, à época, demonstrava não realizar mais.

Se Oeiras apresentava aspectos geográficos negativos - tais como localização em pleno Sertão, provocando isolamento geográfico, ausência de uma bacia hidrográfica pujante, topografia desfavorável, dispersão, dissociabilidade e dificuldades de comunicação, economicamente também apresentava aspectos desfavoráveis - como baixas condições financeiras da população, pobreza, baixa atividade comercial, distancia de centros dinâmicos da economia do Nordeste, estagnação ou decadência econômica, atraso frente outras províncias.

Política e administrativamente, a elite defensora da permanência da capital da Província do Piauí em Oeiras, não conseguiram sustentar aquela cidade como sede provincial. Some-se aos anseios de Saraiva, aspectos como localização geográfica na ligação de vigorosa rota de comércio entre o Sobral no Ceará e Caxias no Maranhão, mais a proximidade dos rios Parnaíba e Poti, contribuíram para a execução do projeto da nova sede da capital da Província transferir-se para a Barra do Poti, local idealizado para ser executado o projeto de construção de Teresina⁶⁸.

Piauí, situação que Oeiras, encravada no sertão, não conseguia dar sustentação. Aspectos negativos como localização isolamento geográfico, condições financeiras, dificuldades de comunicação, hidrografia, topografia, baixa atividade comercial, distancia de centros dinâmicos da economia do Nordeste, dispersão, dissociabilidade, decadência econômica, pobreza, atraso, estagnação, entre outros, favoreceram para a decadência da antiga capital sustentar-se como sede provincial. Some-se aos anseios de Saraiva, aspectos como localização geográfica na ligação de vigorosa rota de comércio entre o Sobral no Ceara e Caxias no Maranhão, mais a proximidade dos rios Parnaíba e Poti, contribuíram para a execução do projeto da nova sede da capital da Província transferir-se para a Barra do Poti, local idealizado para ser executado o projeto de construção de Teresina, ainda que o local onde a cidade foi construída tenha sido alguns poucos quilômetros rio Parnaíba acima por apresentar um relevo menos propicia a alagações. Para maiores informações sobre aspectos que favoreceram a mudança da capital da Província do Piauí de Oeiras para a Barra do Poti, local onde em suas proximidades foi construída Teresina, ver: SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. (Org.) **Piauí: Formação, Desenvolvimento, Perspectivas**. Teresina: Halley, 1995; CHAVES, J. **Como Nasceu Teresina**. 2º ed. Teresina: PMT/Fundação Cultural, 1987; NUNES, Odilon. **Pesquisas para a História do Piauí**. Vol. I, II, III, IV. Teresina: FUNDAPI, 2007. SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. **Perspectiva Histórica do Piauí**. Teresina: Ed. Cultura, 1965; Et. A1.

⁶⁸ A cidade de Teresina foi construída tendo a Vila Nova do Poti como referencia de localização, no entanto, as edificações públicas e privadas para acomodar a nova sede administrativa da Província do Piauí foi construída a alguns poucos quilômetros Rio Parnaíba acima por apresentar um relevo mais elevado, portanto, menos propicio a alagações, já que as proximidades de confluência dos dois rios apresentava tendência a alagamentos.

“Teresina” (2ª parte)

Correram mais de 50 anos. Teresina crescia, mas permaneciam os costumes provincianos. O bom gelado do pega-pinto, o sorvete de gelo rapado, os tipos populares, o freges da panelada, a cidade pacata, dorminhoca às 21 horas, familiarmente. Boa bolinação nos cinemas, em que as normalistas gostosas namoravam apimentadas. E os cabarés da Raimundinha Leite, da Gerusa, da Rosa do Banco, repletos de borboletas fornidas e nos quais se ombreavam desembargadores, estudantes e vareiros.

Crime só de longe em longe por motivos passionais as mais das vezes. Raros assassinatos bárbaros. Contam-se, assim, de memória, as mortes do motorista Gregório, de Lucrécio Avelino e do motorista trucidado por Catanã.

Ainda em 1952, época do primeiro centenário da cidade, Teresina padecia tristíssimas condições de conforto, em todos os sentidos. Péssimo calçamento das ruas, ausência de higiene, falta de escolas, mendicância generalizada. Chegaria, porém, o chamado progresso físico, o asfalto, os aviões a jato, o comércio de prestações, os restaurantes sofisticados, o carro financiado, a casa do BNH, a televisão, o jornal moderno, a civilização da lancheira, o supermercado onde as matronas compram frango depenado. Nos velhos tempos as senhoras carrancudas só compravam galinhas soprando-lhes as penas e lhes apertavam o bico a ver se o gogo escorria. Os bons cabarés da Paissandú desapareceram, substituídos por motéis e gramas de praças para o amor.

De trinta anos para cá a cidade mudou muito. Desespiritualizou-se. Tem no dinheiro o status e o conforto material repousa em dívida. Vigora o cheque sem fundo. Por onde anda o pega-pinto que ajudava a fazer pipi? Teresina possui contrastes aviltantes. Jôquei e Itararé. Mansão e casebre. Morreram hábitos. Surgiu Universidade e hoje se fabricam doutores para o desemprego.

Garotas ricas se desnudam ao lado das ruas que não têm com que cobrir as suas vergonhas.

Mas Teresina reencontrará o bom caminho. Cada dia fica mais bonita em graças construídas pelas mãos do homem. Os seus intendentes e prefeitos cada qual tem melhorado, dentro das suas possibilidades, os aspectos da criatura de José Antônio Saraiva.

É necessário lutar pela humanização da cidade. Fazer que ela retorne à vida espiritual de antigamente. Enquanto a gente pensar assim, Teresina será sempre um instante de beleza no coração dos que amam⁶⁹.

A crônica de Arimathéa Tito Filho conseguia fazer não só um breve resumo da historicidade de Teresina, observando e evidenciando sua predisposição para o desenvolvimento e para o progresso, via constante movimento de recriação de novos lugares, novos espaços, como conseguia igualmente descrever mudanças de hábitos e costumes, incorporação de novas práticas e de novos papéis sociais a seus moradores. Mudanças estas

⁶⁹ Crônica ‘Teresina’ de Arimathéa Tito Filho publicada no Jornal O Dia em Teresina (PI) em 12 de setembro de 1990, p. 4.

elucidadas na visualização historiográfica graças aos desvelamentos do embate travado entre o ontem e o hoje, o velho e o novo, a permanência e a ruptura, o tradicional e o moderno, o atraso e o progresso, o ser provinciana e o ser desenvolvida. Era a identidade por ele atribuída de ser um lugar ‘tranquilo e pitoresco’ sendo ameaçado pelos ‘ventos’ da Modernidade.

A crônica descreve quase cento e quarenta anos do processo de construção, reconstrução espacial, física, geográfica, urbanística, arquitetônica da cidade, via permanências ou criação de novos espaços, de novos lugares, de novos territórios *da e na* cidade. Neste mesmo espaço-tempo, a crônica descreve a reconstrução, morte-ressurreição, permanência-ruptura de hábitos, costumes, práticas sociais que nos possibilitam compreender não só o processo, mas o movimento, da ‘eterna’ busca da cidade e de seus atores sociais de encontrar-se, de vivenciar, de ser moderno. Ter o moderno como ‘sina’ e como ‘vocaçãõ’ - desde a sua idealização utópica ou na sua execução já em traçado geométrico - virou uma ‘saga’ da cidade. Embora descreva mais de um século de história das mudanças e alterações das relações de sociabilidades, das práticas, dos hábitos e costumes de seus moradores, a crônica possibilita compreender que, num ‘ontem qualquer’ ou num ‘hoje impreciso’, tanto a cidade como seus atores sociais acompanham um movimento que ‘empurrava’ a cidade rumo à modernidade e, conseqüentemente, à sua modernização. A crônica nos possibilita compreender as memórias afetivas de Teresina presentes no seu patrimônio arquitetônico ou nas ações de seus sujeitos sociais pelos embates e tensões entre a tradição e modernidade na sua ‘totalidade’ temporal e espacial.

Ainda que a crônica nos possibilite identificar e analisar algumas das muitas transformações urbanas e sociais vivenciadas pela cidade de Teresina ao longo dos 138 anos de caracterizações nela descritos, foi sobre o movimento de transformações urbanas e sociais vivenciados pela cidade e seus atores sociais entre as décadas de 1970 e 1990 com vistas a evidenciar as tensões entre o moderno e o tradicional, que nos concentramos, porque defendemos a tese de que transformaram-se os espaços, criaram-se novos lugares, modificaram-se as práticas sociais, surgiram novos hábitos e costumes que foram colocados ciclicamente como paradigmas. Neste processo, forças da resistência e da tradição e forças da mudança e da ruptura combateram, ora em favor, ora contrários, o ‘inevitável’ movimento da mudança, marca maior das cidades modernas.

Na crônica, a forma com que Arimathéa Tito Filho descreve a cidade de Teresina sugere vários questionamentos. Onde podemos identificar na crítica do cronista, o movimento da modernização da cidade? Onde podemos constatar o movimento ou processo de adoção de

novos hábitos e novos costumes, com conseqüente abandono de certas práticas, no morador da *urbe* que caracterize embates, encontros e desencontros entre a tradição e a modernidade? Quais hábitos e costumes da cidade lutam para permanecer na tradição de seus oradores? Quais novos elementos evidenciam a emergência de uma nova Teresina, assim como também de novas práticas de sociabilidade?

No processo ou movimento de criação e da constante busca pelo novo, pelo moderno da cidade de Teresina, o ‘chão da mata derrubada’ contrasta com uma cidade pensada e construída em traçado geométrico para ser a nova capital do Piauí⁷⁰. Este último aspecto implicou uma ‘identidade’ à cidade que a influenciou arquitetonicamente por décadas.

As construções passaram a ‘obedecer’ o traçado original. Internamente, as casas de moradia com corredor central, ladeado por alcovas com sala de refeição no meio, com peitoris para o saguão, com puxado de quartos, despensa, cozinha e banheiro com a ‘parede da rua rente com as calçadas’, expressavam a força da resistência à mudança. Estes casarões resistiram ao longo de décadas, vindo muitos deles a serem transformados em pontos comerciais e, depois, já nas décadas finais do século XX, por força da popularização do automóvel, demolidos para dar lugar a estacionamentos, locais estes que ‘ajudavam a enterrar’ a memória arquitetônica do centro velho da cidade. Era a cidade pacata, singela, pitoresca, ‘provinciana’, cedendo lugar à cidade capitalista. Era ainda a modernização da cidade consumindo lugares da tradição para forjar novos lugares, novas e fluidas tradições. No espaço-tempo onde estes casarios resistiram à força da expansão do comércio de atacado e de varejo, de secos e molhados surgiram novos concorrentes para a preservação destes casarios. Os estacionamentos surgiam como ‘algozes’ de uma cidade indefesa e injustiçada por demolidores de ‘Lugares de memória’.

Além dos muitos estacionamentos que surgiam a cada dia, as décadas de 1980 e 1990 marcaram uma nova fase da cidade no tocante à ‘metamorfose’ da arquitetura dos casarios da área central, pois, muitos deles passaram a serem demolidos para a construção de clínicas, hospitais, laboratórios, pensões, hotéis, farmácias, óticas, consultórios, etc. Era uma nova fase da modernização da cidade de Teresina caracterizada pelo fortalecimento do setor de serviços, setor que impôs grandes transformações à dinâmica econômica e social da cidade,

⁷⁰ Primeira cidade planejada e construída no Brasil oitocentista seguindo parâmetros geométricos para a definição de seu sítio urbano, cujo quadrante (quarteirões) central foi pensado em forma de um tabuleiro de xadrez. Para maiores informações sobre aspectos da definição do formato geográfico da planta do mapa do projeto original da cidade de Teresina ver: GANDARA, Gercinair Silvério GANDARA. **Teresina: a Capital sonhada do Brasil Oitocentista**. In: História (São Paulo) v.30, n. 1, p.90-113, jan/jun, São Paulo, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/his/v30n1/v30n1a05.pdf>. Acessado em 23 de julho de 2015.

notadamente destacada pelo setor educacional e médico-hospitalar.

Na periferia da cidade, bastante marcada pelo surgimento de novas construções para moradia, sobretudo pela influencia dos conjuntos habitacionais horizontais de casas ou verticais de apartamentos, outros formatos de habitações menores, porém mais funcionais foram passando a compor o cenário urbano da cidade. Na *urbe* capitalista, a influência da especulação imobiliária, faziam dos terrenos urbanos bens cada vez mais caros e igualmente cada vez mais raros, sobretudo os grandes lotes. Nos novos tipos de construções habitacionais dos grandes centros, cômodos como ‘corredor central’, ‘alcovas’, ‘peitoris’, ‘puxados’, ‘vários quartos’, ‘várias salas’, ‘saguão’, foram sendo eliminados das novas plantas das casas, primeiro porque deixavam os imóveis muito grandes, condição nem sempre possível de construção devido à necessidade de grandes terrenos e de grandes investimentos⁷¹, segundo porque os conjuntos habitacionais se tratavam de política habitacional pública e as plantas dos imóveis, nem sempre competiam à vontade dos moradores, salvaguardados alguns poucos contratos de imóveis, quase sempre de alto padrão, onde os proprietários faziam valer no projeto, plantas de imóveis mais planejados e melhor elaborados.

Como afirma o próprio cronista, com o advento de uma nova cidade, muitas destas estruturas ainda resistiram, porém, muitas delas se constituíram ‘palacetes’. Neste movimento de transformação da cidade, novos espaços, novos lugares passaram a povoar o sítio urbano da cidade. Os novos conjuntos habitacionais que marcaram a história da cidade depois dos anos de 1960 deram-nos uma boa compreensão da nova geografia periférica da cidade. Igualmente, áreas até então periféricas, com o surgimento de uma nova geografia urbana densamente habitada que dilatou o sítio urbano da cidade, transformou muitos bairros tradicionais da cidade em áreas de alto valor imobiliário e de alto *status* tanto residenciais como comerciais a exemplo dos bairros mais tradicionais da zona leste de Teresina⁷².

O nascimento planejado da cidade, já que “Teresina não nasceu espontaneamente, mas de modo artificial, prevendo-se praças e ruas”, fortaleceu a ideia já anunciada da ‘sina’ de cidade progresso, de cidade modelo, de cidade planejada para ser, ou buscar ser, sempre moderna, condição que carrega consigo, com alguns de seus governantes e com muitos de

⁷¹Casa muito grande consumia enormes somas de recursos tanto para a compra de materiais como para o pagamento de mão de obra. Igualmente dependia de lotes cada vez maiores, portanto, cada vez mais caros, sobretudo se estes lotes fossem situados no centro ou nas áreas de elevado status social da cidade.

⁷² Jóquei Clube, Bairro de Fátima, São Cristóvão e Ininga. Inclua-se ai os bairros São João e Recanto das Palmeiras, bairros um pouco mais a sudeste da cidade.

seus moradores, numa espécie de ‘utopia’ da cidade⁷³.

O movimento, o crescimento, o processo, que caracterizava e fazia evidenciar o movimento de desenvolvimento e de modernização da cidade se evidenciava, não só na construção de edificações essenciais como mercado, cemitério, hospital, cadeia, jornal, clubes, teatro, mais em coisas sofisticadas como aeroporto, restaurantes, cafés, supermercados ou mesmo elementares a exemplo do calçamento ou asfalto, nas casas e apartamentos do BNH.

Na *urbe* metamórfica, entre a simplicidade e o requinte via-se surgir o comércio de prestações e crediário, o fiado de caderneta, o carro financiado, o canal de televisão, o jornal moderno, a molecada das escolas privadas da ‘civilização da lancheira’, as máquinas de vender frango já prontinho - depenado e assado e a ‘fábrica de doutores’, a Universidade, que segundo o cronista, formava doutores para o desemprego⁷⁴.

A animada vida teatral, os festivos carnavais, os bailes nos clubes se estenderam até a segunda metade do século XX, período em que foram fundados diversos clubes recreativos, assim como também foram construídas sedes sociais com boa estrutura de lazer para seus sócios. Dentre os mais tradicionais que já existia, mas que passaram a ter belíssimas sedes sociais tivemos o Jockey Club, o Iate Clube e as Classes Produtoras. Dentre os tradicionais clubes de futebol da capital que passaram a investir em sedes sociais tivemos as agremiações de futebol como o River Atlético Clube, o Esporte Clube Flamengo, o Piauí Esporte Clube, o Tiradentes, entre outros, clubes estes que muito contribuíram para fomentar o lazer e a diversão dos finais de semana do teresinense⁷⁵.

Outros clubes recreativos também foram construídos a exemplo da Associação Recreativa dos Funcionários do Banco do Estado do Piauí – ARBEP; da Associação Atlético Banco do Brasil – AABB; o Clube dos Economiários - Clube Social dos funcionários da Caixa Econômica Federal; a ADUFPI - Associação dos Docentes da Universidade Federal do

⁷³Fazer-se grande, moderna, autossuficiente, porém, em constante processo de modernização, já que muitos dos seus moradores não param de idealizar e buscar concretizar novas demandas suas e da cidade.

⁷⁴ Se para Felipe Mendes (1995) a instalação da Usina Hidrelétrica de Boa Esperança foi a maior obra de infraestrutura para o Estado, a Universidade Federal do Piauí foi, no nosso entendimento, a obra que marcou a história da cidade como um ‘divisor de águas’ rumo ao progresso cultural.

⁷⁵ Essas mesmas agremiações de futebol - River Atlético Clube, Esporte Clube Flamengo, Piauí Esporte Clube, Tiradentes e outros times de cidades do interior como Floriano, Parnaíba, Picos e mais recentemente já na década de 1990, Campo Maior, Piripiri e Barras, fizeram a alegria de muitos torcedores nas tardes e noites dos finais de semana na capital Teresina. Eram tempos de clássicos disputadíssimos e de torcida vibrante, aguerrida e presente. O estádio Albertão vivia seus tempos de pleno vigor e utilidade.

Piauí e o Sindicato dos Técnicos Administrativos da Universidade Federal do Piauí - SINTUFPI, entre outros. Estes clubes eram frequentados como opção de lazer semanal pela classe média ou por funcionários a eles associados.

No final da década de 1990, com a crise do futebol piauiense, os clubes sociais ligados a times de futebol da capital, foram sendo desativados como espaços de lazer dos sócios, situação que mais tarde levariam estes clubes de futebol a venderem suas sedes sociais a fim de sanar débitos diversos, sobretudo, trabalhistas com atletas, ex-atletas e funcionários a exemplo do Flamengo, do River e do Piauí Esporte Clube, situação igualmente vivenciada na transição século XX/XXI por outras Associações ou Clubes a exemplo da ARBEP, das Classes Produtoras e do Jockey Club.

Nas camadas menos abastadas, por conta da impossibilidade financeira de frequentar outros clubes sociais da cidade, parte do lazer estava associado às ‘reuniões’ de família ou de amigos realizadas em casa; em espaços mais democráticos como as ruas, as praças e as coroas dos rios da cidade. Na periferia da cidade, as ‘peladas’⁷⁶ nos campinhos de bairro ou no meio da rua; nos bares; nos bancos ou fontes das praças; nos banhos, nos piqueniques ou nas barraquinhas das ‘coroas’⁷⁷ dos rios Parnaíba e Poti, a bebedeira ‘corria solta’. No caso das coroas dos rios, esses espaços se destacavam como locais que faziam a alegria de centenas e até milhares de pessoas nos finais de semana e feriados, situação que fazia dos banhos de rio lugar de sociabilidade e, contraditoriamente, de muitas brigas e confusões.

Monte (2010, p. 195) ao referir-se em algumas de suas passagens sobre o lazer daqueles considerados suburbanos da Teresina da década de 1970, expõe:

Nos subúrbios, onde as pessoas mais pobres residiam, também eram realizadas atividades festivas. Impossibilitados financeiramente de frequentar clubes e churrascarias, os mais novos espaços de lazer da classe média, as residências, mesmo de aspecto simples e com pouco conforto, eram espaços para reunir os amigos, ao som de uma radiola, para ‘botar o papo em dia’ e estabelecer vínculos de amizade e camaradagem.

A crônica de Arimathéa Tito Filho prossegue nos evidenciando contrastes e tensões *da*

⁷⁶ Expressão que se aplica ao jogo de futebol – brincadeira informal - praticada em campos de várzea, quadras ou mesmo no meio da rua ou quintais, muito comuns em cidades de todo o Brasil.

⁷⁷ Bancos de areia que se formam nos leitos dos rios nos períodos de maior estiagem e seca, onde banhistas aproveitam para se divertir em banhos e fazer farras de comida e bebida.

e na cidade, *do* e *no* morador da *urbe*. Igualmente nos possibilitando perceber o movimento de mudança - para o qual estamos denominando modernização - da cidade e das práticas de seus moradores. Nela e por ela, a permanência ou a mudança de hábitos e costumes dos moradores foram evidenciadas num espaço-tempo, cujo horizonte era a sedução pelo novo, pela novidade, pela modernidade. Nela ainda podemos observar as transformações físicas, infra estruturais da *urbe*, transformações estas marcadas pela demolição, construção, reconstrução, invenção de lugares. Lugares de moradia, lugares de trabalho, lugares de lazer, lugares de contestação e de contemplação, todos, 'Lugares de memória'. Nela foram evidenciadas práticas que demonstravam tanto austeridade de permanência e continuidade como de mudanças e rupturas.

Na crônica, a ausência de água encanada e luz elétrica da primeira metade do século XX contrastavam com uma Teresina que passava a contar com água tratada encana fornecida pela AGESPISA e com energia elétrica pública e privada distribuída pela CEPISA. A primeira se propunha a acabar com a insalubre tradição da falta de água para consumo humano em casa, situação que ocasionava que homens, mulheres e crianças vivessem a perambular 'rua a cima rua a baixo' com 'latas d'água na cabeça'. Pretendia igualmente fazer aposentar os animais de cargas como jumentos e mulas com suas cangalhas gigantes com ancoretas como cargueiros d'água. A segunda deveria aposentar os lampiões, lamparinas e candeeiros. Pela energia elétrica, a Teresina que adormecia cedo da noite foi pouco a pouco produzindo nos seus moradores e visitantes o costume de dormir mais tarde ou até mesmo 'troca do dia pela noite'⁷⁸.

Ainda que muito tenha de fato modificado, sobretudo porque cada vez mais moradores tiveram acesso a estes serviços essenciais, os problemas da cidade e de parte dos seus moradores inerentes a estes dois elementos, água tratada nas torneiras dos moradores e energia elétrica de qualidade para os moradores da cidade atravessaram o século XX e em tempos mais recentes, ainda se presenciavam filas em muitas regiões da cidade de pessoas com baldes e latas para o transporte de água até suas casas, já havia ainda falta de água em muitas regiões da cidade. Quanto ao fornecimento de energia elétrica, mesmo na transição para o século XXI, muitas foram as áreas da cidade não atendidas com este serviço, sobretudo aquelas formadas a partir de ocupações em terrenos particulares onde a questão fundiária da posse legal da terra dificulta a intervenção de serviços oferecidos pelo poder público.

⁷⁸ Trocar o dia pela noite significava a adoção de hábitos noturnos em substituição à vida diurna. Prática típica dos boêmios e de pessoas que ficavam na rua, na diversão, até altas horas da madrugada.

O ‘consumo’ dos espaços públicos, a exemplos de praças, parque e passeios, perdia-se nos usos e desusos, perdia-se em novas práticas que conflitavam com o ‘lirismo’ de outrora. As praças como espaço de conversas, de descanso, de ‘contemplação’ da natureza e de namoros e flertes parecem despovoadas pouco a pouco dessa função. Locais líricos onde moças e rapazes rodopiavam pela praça em sentido contrário flertando, alimentavam um ‘namoro paroquiano’ mais gostoso que se concretizava mais com os olhos do que entre beijos e trocas de carícias. De local de ‘vil função mercantil’ ou de ‘moradia’ ainda que provisória de despossuídos e desviantes, as praças passavam a vivenciar e a desempenhar outras funções na cidade, de local de lazer, de limpeza da vista e dos pulmões, de local onde olhos se entrecruzavam pitorescamente ‘desejantes’, a local do abandono ou mesmo da promiscuidade.

Se a cidade outrora parecia provinciana, tacanha, acanhada, de uns ‘trinta anos para cá’, esse provincianismo parecia esbarrar nas mudanças pelas quais passava, explicitava o cronista, a cidade mudava em sua essência perdendo seu sentido ‘espiritual’ passando a ter no dinheiro e no conforto o parâmetro de vida material desejado.

A crônica captava a transformação, a mudança da cidade, o esforço da permanência e da preservação de práticas e de uma cidade saudosamente lembrada. Às mudanças, às transformações, estamos denominando de ‘movimento de modernização da cidade’. Ao choque, ao conflito entre tradição e a novidade nos interessa anotar como processo de resistência ao movimento de modernização da cidade. Era a identificação da cidade como espaço-tempo que superou o provincianismo, mas que também adotou uma eterna modernidade como sina que buscamos anotar como cidade moderna. Ao processo de construção deste espaço buscando conectá-la ao mundo, sofrendo influencia mais também influenciando, que buscamos anotar uma Teresina moderna, cidade que acreditamos estar evidenciada nos desdobramentos das grandes transformações que se processaram no Brasil e no mundo na segunda metade do século XX e que julgamos impactar Teresina nas décadas de 1970 a 1990.

O que se buscava evidenciar era uma Teresina do ‘bom gelado’ do ‘pega-pinto’, do ‘sorvete de gelo rapado’ que passou a conviver com o ‘picolé’, com o ‘sorvete’ e com o ‘*pettit gateau*’; dos ‘tipos populares’, dos ‘freges da panelada’ aos tipos requintados dos passeios no *shopping center* ou dos badalados e requintados restaurantes e cafés da cidade. Da ‘cidade pacata, dorminhoca às 21 horas; da ‘boa bolinação nos cinemas, em que as normalistas

gostosas namoravam apimentadas’, dos cabarés⁷⁹ ‘repletos de borboletas fornidas e nos quais se ombreavam desembargadores, estudantes e vareiros’ à cidade que não dorme, onde o sexo fácil, pago ou não, podia ser buscados nas esquinas, nas ‘boates’, nos bares e concretizados nos motéis. As dondocas da noite eram agora as universitárias e alunas das faculdades e seus lugares de ‘prazer’ variavam entre os bancos dos carros e os quartos de motéis. A cidade local de poucos crimes⁸⁰, local de ‘raros assassinatos bárbaros’ era avassaladoramente tomada pela violência urbana materializada em assaltos, arrombamentos, roubos e furtos. Em síntese, aos olhos do cronista, a Teresina ‘tranquila e pitoresca’ não existia mais.

A Teresina moderna agora vista pelo cronista era uma cidade em que vigorava o ‘cheque sem fundo’ que contrastava muito provavelmente com a Teresina da tradição da caderneta, do fiado e da confiança na palavra dos homes e mulheres de ‘bem’ e de ‘vergonha’. Na Teresina moderna pululam ‘contrastos aviltantes’. Jóquei e Itararé. Centro e periferia, Mansão e casebre. Uma Teresina que até o seu primeiro centenário, padecia tristes condições de conforto, em todos os sentidos. Péssimo calçamento nas ruas, ausência de higiene verificada no esgoto a céu aberto, falta de escolas, mendicância generalizada, era a Teresina centenária, porém, provinciana.

Na cidade que se modernizava e se apresentava como nova para o cronista ‘morreram hábitos’, ainda que diante o advento do novo fizesse az surgir novas tradições a exemplo de uma sociedade letrada por força da criação da Universidade, local da fabricação de doutores, mesmo que fossem para o desemprego. A cidade moderna que o cronista evidenciava em criticas, se tratava de uma cidade indesejada aqui e ali, pois era um local onde ‘garotas ricas’ se desnudavam nas ruas em trajes que mal cobriam seu ‘vergonhas’.

A falta de ‘condições de conforto’, a má qualidade do calçamento das ruas; a ausência higiene, a falta de escolas foi paulatinamente substituída por uma cidade onde o ‘progresso físico’ presente no asfalto, nos aviões a jato, no comércio de prestações, nos restaurantes sofisticados, no carro financiado, na casa do BNH, na televisão, no jornal moderno, na civilização da lancheira, no supermercado, coisas de cidades grandes, de centros desenvolvidos do Brasil e do Nordeste, definitivamente chegaram e passaram a fazer parte da vida do morador da *urbe*.

Na cidade moderna, o hábito de comprar frango, por exemplo, onde ‘senhoras

⁷⁹ Os cabarés da Raimundinha Leite, da Gerusa e da Rosa do Banco.

⁸⁰ “Crime só de longe por motivos passionais as mais das vezes” segundo Arimathéa Tito Filho.

carrancudas' só compravam galinhas soprando-lhes as penas para ver a 'titela'⁸¹ou apertando 'o bico' da 'penuda' para ver se o 'gogo escorria' ficou para traz. Na cidade moderna, senhoras ou matronas compram frango agora era depenado e caso desejassem, também já os poderia comprar até assados.

Mas uma nova Teresina bonita e graciosa surgia a cada dia como afirmava Arimathéa Tito Filho na crônica “a velha Teresina” publicada em agosto de 1989:

“A velha Teresina”

Mas Teresina reencontrará o bom caminho. Cada dia fica mais bonita em graças construídas pelas mãos do homem. Os seus intendentos e prefeitos cada qual tem melhorado, dentro das suas possibilidades, os aspectos da criatura de José Antônio Saraiva. É necessário lutar pela humanização da cidade. Fazer que ela retorne à vida espiritual de antigamente. Enquanto a gente pensar assim, Teresina será sempre um instante de beleza no coração dos que a amam.⁸²

O caminho que Teresina havia de encontrar segundo o cronista era o da ‘boa e velha’ Teresina das memórias saudosistas. No entanto, a Teresina que se desejava encontrar e realizar à luz da vontade das ações de representantes do poder público e de muitos moradores da cidade, inclusive de classes sociais distintas, era uma cidade moderna, bela, desenvolvida, capaz de comportar harmonicamente a todos, indistintamente. O conflito entre tradição e modernidade, ora se negando ora se complementando, pululava na historicidade de Teresina. Suas origens remontam à vontade de Saraiva em mudar a sede da província, decisão que encontrou muita resistência e que provocava debates acalorados vez por outra.

Nada nas transformações pelas quais passava a cidade parecia escapar aos olhos do cronista. O que para muitos modernizava e embelezava a cidade, para ele parecia atuar exatamente de forma inversa, enfeando, deformando a cidade. Futebol, cinema, televisão, educação, saúde, segurança, entre outros temas, nada escapava às críticas do cronista.

A inabilidade dos gestores públicos, a inutilidade de algumas obras e o desapego à memória da cidade parecia estar na ordem do dia das críticas de Arimathéa Tito Filho. Ao

⁸¹ Nome atribuído ao peito da galinha, a parte mais carnuda do animal.

⁸² Crônica ‘**A velha Teresina**’ de Arimathéa Tito Filho publicada no Jornal O Dia em Teresina (PI) em 17 de agosto de 1989, p. 4.

referir-se à febre dos estádios de futebol ‘Brasil a fora’, decorrência da conquista do tricampeonato mundial de futebol pela seleção canarinho no México, Tito Filho explicita:

“Estádios”

[...] Ora se me lembro e quanto. Ditadura no auge das benemerências e dos triunfos bestas. Construía-se a ponte Rio-Niterói, um dos assombros universais, unindo duas cidades terríveis de problemas populares. Médici, ditador-mor, criou o milagre: tricampeões do mundo os tupiniquins. Arrotava-se orgulho. Por toda parte, o slogan cretino: "*Brasil, ame-o ou deixe-o*".

Houve a febre dos estádios. Estádios em toda e qualquer biboca chamada Pau Fincado ou Pindura Saia. Até em Demerval Lobão, suburbiozinho de Teresina, edificaram um campo gramado para os futuros craques internacionais.

Pelo começo da década de 1970 a doença nacional era o estádio, os gigantes maravilhosos. Andei de passo errado, pregando no deserto. Teresina não podia dar-se o luxo de rapariga bonitona em farra com português cheio de ervas. Mas fez-se o estádio. Sessenta mil pessoas. E aí está, ainda hoje, 1988, sem platéias pululantes ou mudas, o famoso elefante-branco, às moscas, vazio, substituído quase toda semana pelo inesquecível campozinho do Lindolfo Monteiro [...] ⁸³.

A crítica de Arimathéa Tito Filho parece apontar não somente para a ‘grandiosidade’, ‘inutilidade’, ‘opulência’, ‘altos custos’ ou ‘futilidade’ das obras e empreendimentos públicos. Sua preocupação crítica parece estar endereçada diretamente ao Regime Militar. Expressões como “*triumfos bestas*” em referência ao poder dos militares; “*assombros universais*” para se referir à opulência arquitetônica e financeira da ponte Rio-Niterói que passava a unir duas cidades terríveis de problemas populares; “*ditador-mor*” para referir-se ao presidente Médici, criador do ‘milagre’; “*tupiniquins*” em alusão à seleção brasileira de futebol e aos tricampeões mundiais do México; “*Arrotava-se orgulho*” embora sem direitos políticos e civis; “*slogan cretino*” em alusão à obrigação de amar o Brasil ou o deixar, entre outras expressões apontavam claramente para a insatisfação e para o repúdio do cronista às ações do Regime. Merece destaque observar que o cronista concentrava críticas tendo como foco dos ataques as obras realizadas pelo comando administrativo do regime de recessão, imagine às atrocidades que se faziam dentro e fora dos quartéis ou dos órgãos de repressão, como eram encaradas pelo cronista?

Apesar de apaixonado declaradamente pela cidade de Teresina, paixão esta explicitada

⁸³ Crônica ‘Estádios’ de Arimathéa Tito Filho publicada no Jornal O Dia em Teresina (PI) em 12 de fevereiro de 1992, p. 4.

em várias crônicas de elogio à cidade amada a exemplo do livro ‘Teresina, meu Amor’ de 1974, no entender do cronista, Teresina, no caso da construção do Estádio, se equiparava a ‘qualquer biboca’ e a ‘febre dos estádios’ construídos a vontade na sua maioria na década de 1970, era uma ‘doença nacional’ pelos quais se sangravam os cofres públicos enchendo as cidades de obras desnecessárias, verdadeiros ‘elefantes brancos’. Denominá-los de “gigantes maravilhosos”, mas se apresentava como crítica e ironia do que qualquer elogio a quem as denominava ‘elefante-branco’ ou mesmo as caracterizavam como entregue às ‘moscas’, sem ‘plateia’ e ‘vazio’, substituído quase toda semana pelo inesquecível ‘campozinho do Lindolfo Monteiro’. Nem mesmo a cidade de Demerval Lobão, ‘suburbiozinho’ de Teresina escapou à ‘navalha afiada’ do cronista opositor ao Regime, a quem ele expressava ironicamente, ser lugar de atuação de craques internacionais.

No contexto dos elementos modernizantes experimentados pela cidade de Teresina, pareceu certa unanimidade de aceitação e entusiasmo a chegada do sinal de TV e a posterior inauguração da TV Radio Clube, emissora responsável pela retransmissão local do sinal da Rede Globo em Teresina. A chegada da televisão em Teresina para muitos foi o que de mais espetacular aconteceu no Piauí no último terço de século XX. Sua chegada impôs mudanças em hábitos e costumes locais ao explicitar a ‘cultura’ de outros locais do Brasil e até do exterior, sobretudo dos EUA e da Europa, para aqueles milhares de piauienses que nunca haviam tido a oportunidade de sair do Estado.

Com o passar dos tempos, a imposição de determinados padrões exógenos à cultura local, sobretudo o padrão de vida europeu, muitos passaram a ver aquela tecnologia (da televisão impondo padrões muitas vezes entendidos como desviantes) como uma ‘ameaça’, responsável por ‘desgraçar’ padrões morais e éticos da família e da sociedade brasileira, porque não dizer piauiense e teresinense. Nela e por ela banalizou-se a vida, a família, a violência. Nela e por ela chegava a cultura da formação e da deformação. Se por um lado servia como mecanismo de formação de consciência política e cultural, por outro difamavam a mulher tanto pelas novas formas de vestir-se de apelo sexual exagerado das roupas copiadas como pelas letras de músicas que transmitiam conteúdos difamatórios, por exemplo.

No que diz respeito à chegada da televisão no Piauí e da forma como ela gradativamente se impôs formando opinião e moldando comportamentos, Tito Filho não poupou críticas, já que ela no seu entender deformava comportamentos e imprimia padrões perniciosos à sociedade impondo-lhes uma ‘cultura’ empobrecida.

“A Televisão”

Estudiosos em geral depõem que a televisão se tornou um processo dos mais ativos para que se inquiete o homem, sobretudo o futuro do homem, a criança, quando deveria ser importantíssimo meio de educar as coletividades para a vida. Observe-se que as novelas, de platéias numerosas e obcecadas, de conteúdo passional e emocional, dia por dia transformadas em coceira nacional - as novelas deformam personalidades, impõem hábitos, ensinam condutas violentas, deterioram a língua pátria. Pior do que as mazelas condenadas, a televisão brasileira vem praticando a perversidade do empobrecimento cultural do Brasil e assim se uniformizam costumes regionais da pátria enorme.

[...] Institui-se por força da publicidade a civilização dos enlatados. Sumiram-se as danças típicas, e em lugar delas vigoram os trejeitos, as macaquices, a barulheira e o histerismo do roquenrol, que o anticivismo importou dos norte-americanos, que aqui ganham milhões nos festivais de praça pública. A cozinha dos quitutes gostosos dos nossos avós se transformou na fábrica dos pratos sofisticados de denominação estrangeira nos restaurantes de toda parte. O cinema tem fundamento na violência, no sexo, no adultério, na vileza das ações humanas. A criança desconhece as encantadoras estórias da boca da noite, antes do sono tranqüilo. [...] A novela orienta a juventude, a maturidade, a velharia para o desrespeito recíproco. Pais e filhos se xingam e se insultam. Os bicheiros, os assaltantes, os traficantes de droga, os vendedores de crianças ganham admiração generalizada [...]. Não se mostra a atividade honesta, não se elogiam os que cumprem o dever. [...] Não se vê na televisão, salvo raramente, a realidade brasileira, o quadro das suas populações sofridas, angustiadas, nenhuma delas exceto alguma vez por exceção, demonstra o mínimo interesse em que os brasileiros conheçam os progressos culturais das regiões do país. Desaparecem pouco a pouco as festas cívicas e populares. Até o carnaval carioca, pleno de bom humor antigamente, festa de encantamento e beleza, perdeu as suas características de rua e de clubes, liquidadas pelos bilhões de cruzados gastos na estroinice das escolas de samba, no peladismo pátrio e nas baixezas e perversões sexuais dos bailes de degenerados.

A televisão pratica verdadeiro crime espiritual, uniformizando o Brasil. Música, cantoria, cozinha, vestuário, usos, hábitos, costumes, estória, sexo, brinquedos infantis, teatro, cinema, linguajar, lendas, diversões - tudo se vai bitolando para que se eduque um pobre povo abandonado e que se orienta para comprar, para gastar dinheiro na imposição de quanta impostura o industrial fabrique - educação para a conquista de um falso conforto. Os canais de propaganda insinuam que o afeto se reduz ao presente para a mãe, para o namorado, para o pai, e haja dinheiro para enriquecimento sempre maior dos que fabricam e dos que vendem. Desapareceram as práticas regionais. Sufocou-se a arte verdadeira. Impera a sublitteratura. A deformação é geral. O Brasil está totalmente submisso a uma civilização empacotado⁸⁴.

Arimathéa Tito Filho compartilhava da compreensão de estudiosos da importância da televisão como instrumento ativo para movimentar positivamente a “inquietude” humana pelo

⁸⁴ Crônica ‘A Televisão’ de Arimathéa Tito Filho publicada no Jornal O Dia em Teresina (PI) em 07 de fevereiro de 1992, p. 7.

conhecimento transformador que podia fomentar e também como “importantíssimo meio de educar” as coletividades para a vida. No entanto, para o cronista, a programação, sobretudo através das novelas, acabava por transformar “platéias numerosas” em pessoas obcecadas por “conteúdo passional e emocional” que produzia uma “coceira nacional”, deformando “personalidades”, impondo maus hábitos, ensinando “condutas violentas” que deteriorava “a língua pátria”. Complementa Arimathéa Tito Filho afirmando que “pior do que as mazelas condenadas”, a televisão brasileira praticava “a perversidade do empobrecimento cultural do Brasil”.

Quanto às mudanças de hábitos na cultura local, a interferência da televisão podia ser observada na substituição de costumes alimentares ‘naturais’ pela cultura da “civilização dos enlatados”, pela substituição das “danças típicas” pelos trejeitos, macaquices, barulheira e histerismo do ‘roquenrol’ que o ‘anticivismo’ importou dos Norte-americanos e que aqui ganhava milhões de adeptos nos “festivais” em praça pública. A alimentação saudável da cozinha de casa e dos “quitutes gostosos dos nossos avós” foram sendo trocados por “pratos sofisticados” de denominação estrangeira fabricados em “restaurantes de toda parte”. O cinema, por sua vez, maravilhoso invento da modernidade, fabulosa fábrica da alegria, do lazer e do entretenimento, impunha uma ‘cultura’ apelativa para a violência, para o sexo e para o adultério, transformando os outrora ‘heróis’, em ‘vilões’.

As crianças passaram a desconhecer as “encantadoras estórias da boca da noite” contadas para dormir em sono tranquilo. As novelas e seus conteúdos perniciosos agora eram quem orientava a “juventude, a maturidade” e até a “velharia” para o desrespeito recíproco. Pela TV, coisas até então nunca vistas, agora eram dadas como corriqueiras, pais e filhos se xingavam e se insultavam como coisa comuns e usuais. ‘Anti-heróis’ como os bicheiros, os assaltantes, os traficantes de droga e os vendedores de crianças passaram a ganhar admiração generalizada se transformando em novos ‘heróis’ da criança.

Honestidade deixava de ser qualidade para se tornar dever. Para A. Tito Filho, a realidade brasileira era omitida, as festas cívicas e populares eram esquecidas. Até mesmo o carnaval carioca, pleno do bom humor e festa de encantamento e beleza perdia suas características de carnaval popular de rua e de clubes, liquidado pelos “bilhões de cruzados gastos na estroinice”⁸⁵ das escolas de samba, no ‘peladismo’ pátrio e nas baixezas e perversões sexuais dos bailes de degenerados”. Em síntese, o cronista era taxativo quanto aos males da

⁸⁵ Expressão que remete a desperdício.

TV na deformação de valores da sociedade brasileira e piauiense. Entendia ele que a TV praticava “verdadeiro crime espiritual, uniformizando o Brasil”. Para ele, elementos da cultura local e nacional como “música, cantoria, cozinha, vestuário, usos, hábitos, costumes, estória, sexo, brinquedos infantis, teatro, cinema, linguajar, lendas, diversões” tudo se transformava bitolando o povo para uma educação pobre, orientada para o consumismo, para comprar, “para gastar dinheiro na imposição de quanta impostura o industrial fabrique”, criando uma educação para a conquista de um “falso conforto”. Pela TV, mediante a aceitação da cultura importada, desapareceram as práticas regionais, sufocando a arte verdadeira, condição que acabou impondo uma ‘subliteratura’ e uma ‘deformação’ geral do Brasil transformando-o num país totalmente submisso a uma civilização empacotado.

O automóvel foi outro dos elementos advindo com a modernidade que causou admiração e perplexidade ao cotidiano da *urbe* e de seus cidadãos. Com o aumento significativo da frota de veículo de Teresina na transição de séculos XX para o XXI, o bem que outrora representava o “fetiche” de quase todas as pessoas, passou a ser visto com receio por muitos, uma vez que este trouxe consigo a ‘ceifação’ de muitas vidas. A popularização do automóvel, somados ao aumento da população urbana e as precárias condições de tráfego e de mobilidade urbana na maioria das médias e grandes cidades brasileiras ocorridos no decorrer da segunda metade do século XX, transformou a ‘máquina maravilhosa, objeto do desejo’, o automóvel, em ‘máquina mortífera’⁸⁶.

Na dinâmica das transformações materializadas com a emergência das novas obras, muitos atores da cidade foram favoráveis ou beneficiados, outros, no entanto, se sentiam incomodados e às vezes manifestavam essa insatisfação. Críticas essas que muitas vezes iam parar nos jornais da época, a exemplo da correspondência de reclamação encaminhada a Arimathéa Tito Filho pelo senhor Frederico Brandt - gerente da loja ‘A Pernambucana’ localizada na Praça Rio Branco - publicada no Caderno de Anotações do Jornal do Piauí em 30 de janeiro de 1979.

⁸⁶ Em decorrência do aumento do número de acidentes (fatais ou não) que envolviam esta “máquina” fruto do advento do progresso e da tecnologia, símbolo da modernização da sociedade ocidental (e fora dela) e das dificuldades de mobilidade cada vez mais presentes em muitas cidades por todo o mundo, o automóvel caminhou para se tornar um ‘tormento’ das cidades ainda que simultaneamente continuasse a fascinar muitas pessoas.

A Pernambucana da Praça Rio Branco, na suposição de que também exprime a opinião e o pensamento de quantos militam no comércio, bancos e outras atividades localizadas no quarteirão da citada praça, entre as ruas Anfrísio Lobão e Areolino de Abreu, submete à vossa consideração, para eventual divulgação pelo excelente programa "Variedades RCT", que o mestre tão bem interpreta e difunde, e para que chegue, principalmente, ao Sr. Prefeito Municipal a anomalia existente com a interrupção - pelo tapume - da calçada no prédio em construção de Sr. Roland Jacob, pela Construtora Lourival Sales Parente.

Em face de tal interrupção, os pedestres se vêem obrigados a se desviar para o meio da rua, o que, numa artéria tão transitada por veículos, ainda mais nos dias de chuva, como é a citada, constitui sério perigo para as pessoas mais idosas, senhoras gestantes, crianças e outros.

O serviço da obra está parado há cerca de dois anos, não se justificando, a nosso ver salvo melhor juízo, essa anomalia prejudicial aos transeuntes, ao comércio, enfim, às atividades e aos interesses de cada um naquele setor⁸⁷.

Como podemos observar, o processo de modernização da cidade manifesto até mesmo nas intervenções privadas na construção ou reforma de casas e lojas de comércio na cidade, eram suficientes para explicitar a ‘dialética’ do ‘embate’ entre modernidade e tradição nos binômios novo/velho, permanência/ruptura. Outro aspecto a considerar era a impossibilidade de buscar fazer alguma benfeitoria - pública ou privada, coletiva ou individual - na cidade sem que esta, em algum momento de sua construção, não provocasse algum desconforto a outros moradores da cidade. Neste caso, o simples tapume de proteção do espaço da obra do prédio do Sr. Roland Jacob, tapume que interrompeu parte do tráfego de pessoas na rua que dificultava o acesso a loja “A Pernambucana” foi motivo suficiente para demonstrar a insatisfação do gerente daquela loja, que em nome da população - a quem dizia ele constituir sério perigo para pessoas idosas, gestantes e crianças - passou a reclamar via meio de comunicação de massa.

O cronista incomodado e sensível à reclamação por ele entendida como ‘justa’ do alto funcionário da loja ‘A Pernambucana’ deu encaminhamento de tal correspondência ao prefeito da cidade cobrando ‘providências’.

Considerando a noção de identidade individual e coletiva que os moradores criam com os espaços e territórios que frequentam ou ocupam na cidade, as transformações que se processavam na paisagem urbana da cidade acabavam evocando lembranças saudosistas de tempos-espaços de outrora. Experiências e memórias ali construídas fruto da interação com o

⁸⁷ Crônica de Arimathéa Tito Filho publicada no ‘Caderno de Anotações’ do **Jornal do Piauí em** Teresina (PI) em 30 de janeiro de 1979, p. 2.

espaço se apagavam na materialidade da arquitetura transformada, porém, se ‘solidificavam’ nas lembranças e memórias do passado.

A rua, a praça, o bairro, o tempo de trabalho, de escola ou de lazer produziam e reproduziam lembranças que faziam construir uma cidade *da* e *na* memória dos seus moradores. Nessa cidade visitada e revisitada nas memórias do passado, a noção de territorialidade, desterritorialidade, reterritorialidade fazia-se e desfazia-se à medida que não era mais encontrada ‘hoje’ a cidade de ‘ontem’ nas ruas e ‘Lugares de memória’ da cidade pelos quais passamos, mas sempre que preciso a visitamos em nossas lembranças (memoriais) de outrora. As mudanças que se processavam de forma cada vez mais aguçada na arquitetura da *urbe* ajudavam a decompor não apenas a paisagem arquitetônica da cidade, elas fomentavam uma “amnésia” de sentidos das representações que estes lugares produziram sob nós, por terem sido locais marcados na história da *urbe* e na memória de parte de seus moradores por um conjunto de práticas que ali outrora se realizavam.

Outros lugares remetem a memórias e ‘identidades’ do morador da cidade com a Teresina tranquila e pitoresca das crônicas de Arimathéa Tito Filho. Os prostíbulos da Rua Paissandu, as tertúlias da ‘Feirinha’ da Praça Saraiva - antiga Feira de Arte⁸⁸; o Vôlei-bar; o ‘Quebra Bunda’ do Teatro 4 de Setembro; as noitadas na ‘Baixa da Égua’; o Bar Nós & Elis, constituíram-se como ‘territórios’ de memória que só existem nas lembranças daqueles que vivenciaram aquelas experiências. Os mercados mais tradicionais da cidade, a exemplo do Mercado Velho, do Mercado da Piçarra, do Cajueiro, da Vermelha e do Mafuá, igualmente ajudaram a compor identidades entre os moradores frequentadores desses espaços e a cidade.

Arimathéa Tito Filho, ora em tom de saudosismo, ora em tom de crítica ou ironia, assim se referia aquele amontoado de pessoas que frequentavam alguns lugares do centro da cidade em busca do prazer, sobretudo nas datas comemorativas.

⁸⁸ A ‘Feirinha da Praça Saraiva’, também denominada de ‘Feira de Arte’, correspondia a um local da praça onde centenas e até milhares de pessoas se reuniam aos finais de semana (domingo) depois da missa na Igreja de Nossa Senhora das Graças. Ali a juventude se divertia ao som de música eletrônica, consumo de bebidas e namoros. O evento reunia aos domingos muitas pessoas na praça, em busca de divertimentos ou para a compra e venda de produtos de artesanato e pratos de comidas típicas. Sua criação/idealização é atribuída à produtora cultural Luiza Vitória Figueiredo, mais conhecida como ‘Sulica’, servidora pública ligada às instituições de fomento cultural do Estado.

“Licenciosidade”

[...]

Sábado, dia que se convencionou como do Zé-Pereira, centenas de indivíduos, machacás, meninotes, mal vestidos, de pouco ou nenhuma educação para a convivência, e balzaquianas na casa dos 30 ou mais, garotas, meninas, umas de saia tão curta que a calcinha aparecia, promoveram a grande farra no Beco do Prazer, localizado ao lado do convento de São Francisco e em frente da Igreja de São Benedito. Cachaça aos barris. Danças mambembes, tocadas pela embriaguez geral dos participantes. Gargalhadas. No local não existem sanitários, de forma que as necessidades de homens e mulheres se efetuavam ali mesmo.

Desrespeito inominável aprovado pelas autoridades. Os humildes frades não puderam dormir. Os fiéis católicos fugiram indignados do tempo tão venerado pelos teresinenses.

Sempre escrevi que Teresina semelha uma cidade sem compostura, entregue à molecagem e ao desenfreamento dos deseducados⁸⁹.

A Teresina descrita pelo cronista em ‘tom’ saudosista ou mesmo de ironia podia ser percebido nas referências às lembranças da quantidade de pessoas, ‘centenas’ ou mesmo milhares de indivíduos; de meninotes mal vestidos e de pouca ou quase nenhuma educação para a convivência em grupo; das balzaquianas na casa dos 30 anos ou mais; das garotas ou meninas, algumas de saia tão curta que a calcinha aparecia; das farras das prévias (do Zé Pereira) e dos dias de carnaval no “Beco do Prazer”, localizado ao lado do convento⁹⁰ de São Francisco em frente da Igreja de São Benedito, espaços tornavam o centro da cidade ainda um lugar de sociabilidades numa ‘harmonia’ tolerável, condição que a aproximação com tempo de transição para o século XXI fez aquele espaço perder, tornando-se quase que exclusivamente em ‘lugar do consumo’, do dinheiro e dos homens de negócio.

O tom de crítica está presente ainda na referência ao consumo de barris de cachaça, na embriaguez, nas gargalhadas, na ausência de sanitários para homens e mulheres que fazia do muro do Seminário São Francisco e das paredes e portas da igreja São Benedito ‘miquitórios’ onde as necessidades fisiológicas dos ‘foliões’ eram plenamente satisfeitas. Demonstração de “desrespeito inominável” relevados pelas autoridades para com os “humildes frades” que mal conseguiam dormir.

⁸⁹ A Crônica ‘Licenciosidade’ de Arimathéa Tito Filho foi publicada no **Jornal O Dia em** Teresina (PI) em 27 de fevereiro de 1992, p. 4.

⁹⁰ Embora o cronista denomine este espaço religioso de Convento, a considerar que o mesmo afirma que nele residiam Frades, entendemos ser este espaço, portanto um Seminário, considerando ser o primeiro, lugar de formação de Freiras.

A importância dos carnavais de rua e dos desfiles das escolas de samba e de blocos de sujo - realizados por toda a segunda metade do século XX na Avenida Frei Serafim, nos clubes sociais e nos bairros de Teresina - exerceram tamanha influência daquela festa como ‘Lugar de memória’ identitárias com a cidade que Arimathéa Tito Filho assim a descreveu:

“Licenciosidade”

Hoje pretendi escrever o segundo estudo sobre CINESÍFORO, mas surgiu assunto oportuno merecedor de censuras, ligado ao carnaval teresinense, permitido pela polícia e por outras autoridades conceituadas.

O carnaval sempre foi uma festa de alegria, de entusiasmo, de danças, requebros, fantasias e máscaras. Anos atrás, sobretudo o elemento masculino, vestia trajes espalhafatosos, usava bisnagas, pó-de-arroz e desfilava pelas ruas, numa animação que dava gosto presenciar a folia. Havia o curso de automóveis pelas vias públicas, dando mais vibração aos dias do reinado de momo. Antigamente quando se encerravam os festejos de rua, com os participantes cansados de pulos e danças e a cachaça já produzia os efeitos da embriaguez, a cidade parecia dormir. Ledo engano. Iniciavam-se as noites maravilhosas nos clubes sociais, festejos internos que alcançavam as madrugadas, sem excessos perniciosos e condenáveis.

Chegariam os novos tempos revelados pela televisão e desta copiados. Transformou-se a moral. A família acompanhou a depravação dos costumes. Desnudou-se a mulher. No Rio os bailes internos mostram cenas de sexo e embriaguez de sentidos condenáveis, sem que a polícia e a justiça adotem providências proibitivas desse festim ignóbil. Homossexuais promovem bailes [...], transmitidos para todo Brasil, como espetáculo de opulência em fantasias e beleza dos que as vestem.

O famoso carnaval de rua está desaparecendo da cena carioca. O de Teresina, outrora divertido, também se acaba de ano a ano. Até umas horríveis escolas de samba, sem graça, com algumas fêmeas peladas, foi-se na voragem dos novos tempos, com a desculpa de que as autoridades não fornecem dinheiro para a patuscada. Em Teresina nunca os cofres públicos financiaram folia carnavalesca. De certo tempo para cá aprendeu-se a sábia modalidade de pinotar e beber cachaça por conta dos cofres públicos (TITO FILHO, *Ibidem*).

O saudosismo de Arimathéa Tito Filho transcende a própria questão do carnaval, deslocando-se para o comportamento dos foliões frente à tranquilidade da cidade nas suas madrugadas, sem que a violência afugentassem por “excessos perniciosos e condenáveis” aqueles que desejassem usufruir a noite na cidade.

Tanto o carnaval de rua e bloco de sujos, como dos desfiles das escolas de samba nas décadas de 1980 e 1990, tinham grande participação da população da cidade. Parte dessa participação devia-se a identificação da população com o local onde eram realizadas aquelas

atividades festivas da cidade. O carnaval como festa de alegria, de entusiasmo, de danças, requebros, fantasias e máscaras, de trajes espalhafatosos, das bisnagas, do pó-de-arroz, da Maizena e do ‘mela-mela’ pelas ruas, levavam quase todos os foliões da cidade à Frei Serafim. À medida que aquele território da cidade deixou de ser espaço da realização das melhores e maiores comemorações populares de Teresina, tanto o carnaval de rua como o carnaval das escolas de samba foram perdendo identidade e vigor, desfigurando-se a ponto de quase desaparecer já na primeira década do século XXI.

O advento da televisão foi certamente um dos elementos que marcou a compreensão de modernidade, de tecnologia e de progresso no Brasil na segunda metade do século XX. Em Teresina, uma estação de TV local chegou década de 1970 e ainda que visto positivamente por muitos, para Arimathéa Tito Filho foi visto com certo receio pela ameaça aos bons costumes e a moral da juventude teresinense, situação esta que ameaçava a família pela depravação dos costumes (bons) já solapados em cidades ditas mais desenvolvidas a exemplo do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Para Arimathéa Tito Filho, o contato com práticas culturais a exemplo das práticas vivenciadas na cidade do Rio de Janeiro, representavam riscos para os bons costumes e para o pacato modo de vida da sociedade teresinense, pois, naqueles centros mais desenvolvidos práticas promíscuas de comportamento social se popularizaram mais rapidamente, fruto do contato com os liberalismos advindos com os ‘ventos’ da modernidade que sopravam da Europa ou dos EUA.

Embora temeroso pela penetração em Teresina da cultura “profana” já experimentada no Rio de Janeiro, cronista comparava a ‘falência’ do ‘autentico’ e saudoso carnaval carioca com o de Teresina.

Outra crítica estava concentrada no parasitismo no dinheiro público aplicados em festas profanas. Aliás, apesar do saudosismo representado na falta que faziam os carnavais com os desfiles das escolas de samba na Avenida Frei Serafim, havia de se registrar esta prática como vício histórico dos diretores das escolas de samba que desde tempos remotos buscavam captar recursos para a realização dos desfiles tendo no custeio público sua principal fonte de receitas. Mesmo quando os desfiles deixaram de serem realizados na Avenida Frei Serafim, perdendo muito do seu brilho e da sua tradição, as escolas de samba continuaram a depender de recursos e de logística mantida com dinheiro público de tal forma que, quando este se omitiu em patrocinar a ‘Festa de Momo’ em determinados anos, o carnaval de rua e os desfiles das escolas de samba não aconteceram ou quando ocorreram, foram um fiasco.

A preocupação do cronista dos carnavais que outrora se realizavam em Teresina transcende elementos da observação do próprio carnaval em si, passando a contemplar práticas, costumes, hábitos morais e éticos dos moradores. Para ele as novas feições do carnaval não ameaçavam tão somente o carnaval, mas a própria história da cidade e os preceitos dos bons costumes do morador, elementos indispensáveis para a manutenção da família como a maior instituição do teresinense. Para o cronista, o advento dos novos tempos no Brasil fez abolir a censura e a falta de respeito tornou-se comportamento padrão.

“Ontem e Hoje”

Quem viu os carnavais antigos nunca esquece a alegria e o entusiasmo dos foliões. As fantasias bonitas, os bailes de intensa animação, as melodias inesquecíveis, os préstitos, as batalhas de confetes, - rodelinhas coloridas atiradas pelos foliões uns aos outros, as lança-perfume, as serpentinas, os cordões, os blocos, o corso - tudo isto se resume em muita saudade de tempos maravilhosos.

De certo tempo a este ano de 1989, o carnaval transformou-se nos bailes e nas ruas, em exibição de bumbuns e seios, numa concorrência erótica das mais perniciosas, beirando o fescenino, o cinismo, o íntegro despudoramento de fêmeas bem pagas para os gestos e as posturas desavergonhadas pelos rendimentos da publicidade.

No recinto dos clubes a paisagem de desolação moral se torna chocante, com homens e mulheres em cenas degradantes, mostrando as vergonhas que Deus mandou que fossem cobertas. Que dizer da selva dos homossexuais?

Neste país se aboliu a censura para a falta de respeito. Não existem mais normas que devam reger os princípios de moralidade pública. A própria Constituição Federal garante o imoralismo.

O carnaval brasileiro se resume nos bailes de nus dos clubes elegantes e nos desfiles de luxo das escolas de samba, estas patrocinadas pelos cofres públicos - e os Estados e municípios vão copiando a prática e ovacionando a falta de decoro por todos os cantos e recantos.

[...] Sinal dos tempos. Parece que a loucura da carne e do dinheiro está levando a humanidade à completa insensibilidade espiritual⁹¹.

O apego ao novo, o apelo ao consumo, a falta de pudor, o exagero das práticas carnais, o fim da moral, da ética e dos bons costumes como ‘sinal dos tempos’ modernos chocava não só o cronista, mas a sociedade, que ‘inerte’ assistia a tudo ‘boquiaberto’ numa falsa sensação de felicidade, de alegria. Parecia que a loucura da carne expressa na falta de pudor com o

⁹¹ A Crônica ‘Ontem e Hoje’ de Arimathéa Tito Filho foi publicada no **Jornal O Dia** em Teresina (PI) no dia 06 de março de 1992, p. 4.

corpo feminino e do dinheiro expressa na ganância estava levando a humanidade à completa “insensibilidade espiritual”.

Na crônica ‘o nu das mulheres’ Arimathéa Tito filho impunha severas críticas à naturalização do nu e da ‘permissividade’ dos ‘usos’ e ‘abusos’ do ‘consumo’ da mulher como objeto do desejo e também do prazer masculino.

“O Nu das Mulheres”

[...] Chegaria ao mundo a civilização dos norte-americanos, que instituiu a produção em massa de produtos industriais e necessariamente deveriam criar nos dois sexos a filosofia da compra, ou processo civilizatório do consumismo. Criaram-se anúncios comerciais por através de um processo de condicionamento de reflexos. Revistas, jornais, cinema, cartazes, televisão, envoltório dos mais diversos objetos - de sabonetes, de rádio, de pente, de perfume, de pó-de-arroz, de brilhantina, de loção, de alpergata, - tudo começou a estampar mulher quase nuas, nádegas descobertas, por trás fiorental, seios perfurantes ou balançando com o topless, sueteres colados para maior realce de pontos e lugares e saliências provocantes de sensualidade. Peças íntimas cada vez mais reduzidas expunham-se em vitrinas. Realçava-se a esbelteza do busto à custa de acolchoamentos. O método mais certo de atrair fregueses para a filosofia da compra esteve na exibição de corpos femininos desnudos, ao lado dos produtos anunciados. Em tudo a sexualização dos sentidos. Estabeleceram-se os concursos de misses, as misses de remexos lascivos para a cupidez das platéias estrondeantes em palmas demoradas para exaltação da carne. Simplesmente, o nu da propaganda, sem aspecto artístico de espécie alguma. Não se tratava de um nu de Ticiano, mas do nu comercial, convocativo. Cada hora que passava a mulher perdia roupa até que chegou ao peladismo total e constante nas buates, nas praias, nas ruas - e a gente já cansou de ver tanta fêmea despida que o feitiço virou contra o feiticeiro. As revistas de nu total e sexo explícito estão sobrando e os editores já apelam para o sexo mulher versus animal. Uma estupidez este fim de século XX. Se o escritor de Pedro Álvarez Cabral chegasse hoje ao Brasil, escreveria ao rei dando a notícia do descobrimento e das mulheres que os marujos encontraram: "Ali andavam entre três ou quatro moças, bem novinhas e gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas costas; e suas vergonhas, tão altas e tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as nós muito bem olhamos, não se envergonharam".

Alguns idiotas pensam que o nu é progresso e mostra a beleza feminina - mas os idiotas jamais aplaudiriam que suas respeitáveis mães, esposas e filhas desfilassem nuinhas em pêlo pelas praias, pelas ruas, pelos becos de folia momesca ou frequentassem os motéis luxentos e luxuriantes de camas giratórias. Nu é bonito e bom na mãe do distinto amigo, na esposa do próximo, na filha de alheios pais⁹².

⁹² A Crônica ‘O Nu das Mulheres’ de Arimathéa Tito Filho foi publicada no **Jornal O Dia** em Teresina (PI) em 11 de março de 1992, p. 4.

Se para muitos a exploração do nu feminino representava progresso, por que por ele se vendia tudo na cidade dos homens gananciosos por dinheiro, para o cronista o nu representava não só o atraso, mas a perda de valores essenciais à moralidade e aos bons costumes da sociedade, até mesmo porque, aqueles que exploravam o nu feminino como negócio, não faziam isto expondo suas irmãs, mães, filhas ou esposas, mas sempre as mulheres do próximo ou dos outros.

O carnaval foi se constituindo num lugar de ‘despudoramento’ e de prevalência do nu. O carnaval que alegrava e entusiasmava os foliões, o carnaval das bonitas fantasias, dos bailes animados, da animação, das machinhas e melodias inesquecíveis, das serpentinas, dos cordões, dos blocos, do corso, não passava agora de recordação, de muita saudade daqueles tempos maravilhosos. Para o cronista, o ano de 1989, marcava negativamente a história do carnaval teresinense, pois, o carnaval dos bailes, de rua e das escolas de samba tinham se transformado em locais para exibição de bumbuns e seios e de concorrência erótica perniciosa. Nele passou a reinar o ‘fescenino’, o ‘cinismo’, o ‘despudoramento’ de “fêmeas bem pagas” para gestos e posturas desavergonhadas pelos “rendimentos da publicidade”. Nos bailes dos clubes sociais da cidade as cenas de ‘imoralidade’ eram comuns, “com homens e mulheres em cenas degradantes, mostrando as vergonhas que Deus mandou que fossem cobertas”.

Nem mesmo a Constituição Federal escapou à crítica do cronista, uma vez que, para ele, no Brasil, a abolição da censura ocorreu não para preservar o direito de liberdade e expressão, mas “para a falta de respeito” contrariando as normas que deveriam “reger os princípios de moralidade pública”. A própria Constituição Federal garantia o “imoralismo”, situação que agredia a moral e os bons costumes que asseguravam aos moradores da *urbe* convivência harmônica, tranquila e respeitosa.

Arimathéa Tito Filho construiu boa parte das suas crônicas sobre Teresina se posicionando contrário às noções de progresso, desenvolvimento ou modernização da cidade quando estes fenômenos ameaçam não só a memória de determinados lugares da cidade, mas igualmente quando o tradicional rivaliza-se com o moderno, de forma que a tradição venha a perder espaço diante do advento da modernidade ‘fútil’, ‘gananciosa’, vislumbrada no capitalismo e no ‘lucro a qualquer custo’.

Na crônica “Malvadeza” a quem fez severas críticas a CEPISA e aos acidentes quase sempre fatais que vez por outro sua rede elétrica provocava, o cronista não poupou adjetivos ‘negativos’ à modernização e à urbanização da cidade.

“Malvadeza”

[...] Tenho dito e repetido que Teresina possui apenas progresso material. De longuíssima data vegeta nos mais tristes e insolentes atrasos urbanísticos. Constroem-se mansões nos bairros ditos luxuosos, onde os marajás afrontam a miséria de habitações desumanas, mas nessas áreas inexistem um metro de esgoto. Ainda a cidade se serve dos matos adjacentes ou de buracos residenciais para os aperreios fisiológicos.

Urbanizar significa civilizar. A urbanização compreende um conjunto de processos materiais, espirituais, psicológicos, bom gosto e outros, que tornem as comunidades aprazíveis, de forma que a gente nelas se sinta feliz, satisfeito, no gozo de permanente bem-estar.⁹³

Nem mesmo as transformações urbanísticas pelas quais passava a cidade eram aceitas de acordo com a concepção de urbanização defendida pelo cronista. Para ele, urbanizar significava não necessariamente impor obras ao sítio urbano da cidade, mas sim, o ato de “civilizar” a partir de um conjunto de elementos que envolviam processos materiais, espirituais e psicológicos de bom gosto capazes de tornar a vida comunitária mais “aprazível” de forma que as pessoas se sentissem felizes e satisfeitos no ‘gozo’ de permanente bem-estar.

As formas com que Arimathéa Tito Filho explicitava a cidade que teve outrora, da cidade que tinha - cidade esta ameaçada pela modernidade capitalista e da cidade ‘imaginária’ – desejada, eram todas cidades ‘concebidas’ no embate, na dialética - ora opositora, ora complementar, entre ‘ontem’ e ‘hoje’, ‘velho’ e ‘novo’, ‘permanência’ e ‘mudança’, ‘tradição’ e ‘modernidade’.

A multiplicidade e a complexidade de demandas que envolvem a vida na *urbe* sempre foram ‘atormentadas’ pelas noções de progresso, de modernidade e de anseio pelo novo, pela novidade, pelo inédito. Neste contexto, a emergência do novo não se consolida como ‘novidade’ sem a compreensão de seus ‘opostos’ como a tradição, o rural, a acomodação, a preservação, o ‘velho’. Até mesmo porque, no ‘novo’ estão contido os ‘germes’ de sua criação, ou seja, o imediatamente ‘anterior’.

⁹³ A Crônica “Malvadeza” de Arimathéa Tito Filho foi publicada no **Jornal O Dia** em Teresina (PI) em 7 de outubro de 1988, p. 4.

Mudanças Culturais e Comportamentais na cidade Tranquila e Pitoresca de Arimathéa Tito Filho

A cidade capitalista como lugar da mudança, da transformação, do progresso, da acumulação, se faz e refaz no contato com a criação das tecnologias advindas na modernidade mediante o advento do conhecimento científico-tecnológico, conhecimentos estes que uma vez ‘depurados’ como essenciais, eram aplicados na produção de bens, produtos e serviços colocados à disposição da ‘melhor qualidade de vida’ e do bem estar humano, embora, nem todos tenham tido acesso a eles e igualmente, aqui e ali, nem todas estas criações implicassem em bem estar.

No ocidente, mas não só nele, o advento das tecnologias que visavam produzir melhores condições na qualidade de vida da sociedade, foram se constituindo realidade à medida que o conhecimento formal - via educação escolar - foi se consolidando frente ao conhecimento informal - de senso comum. Isto implicava que o advento da modernidade acabava por impor à instituição escolar, novas funções e papéis vitais para as contemporâneas formas de organização social, tanto no campo como nas cidades⁹⁴.

Apesar da debilidade nas décadas iniciais de sua execução, a fase educacional laica inaugurada com Pombal, ganhou novos contornos no Brasil depois da chegada da Família Real portuguesa ou Brasil (1808). Este evento teve fortes implicações na forma de organização do pensamento na colônia, sobretudo porque impôs à sede da coroa portuguesa na América nova fase, nova feição, novos equipamentos públicos e privados, sobretudo o aparato institucional escolar formal mediante a criação de colégios, faculdades, academias militares, bibliotecas, Jardim botânico, Liceus, Escolas Normais, etc.

As transformações que se processaram no Rio de Janeiro, paulatinamente passaram a influenciar várias cidades do país, sobretudo as sedes provinciais e depois estaduais diante do novo pacto federativo inaugurado com a República. Fenômeno que também ocorreu no Piauí, influenciando não só reformas em sua sede administrativa, mas inclusive na construção de uma nova cidade-sede política e administrativamente ativa e capaz de superar os entraves vivenciados por Oeiras – econômica e politicamente estagnada.

⁹⁴ No Brasil, embora nos primeiros séculos da colonização lusitana e na formação da sociedade, o conhecimento escolar aqui aplicado tenha tido forte resistência à inovação, os ‘ventos do iluminismo’ europeu começaram a soprar em meados do século XVIII e início do século XIX.

Teresina, como nova capital provincial já nasceu cercada por elementos da modernidade, da mudança, do progresso. Se por um lado a transferência do aparato burocrático da Província cobrava novas edificações, nova estrutura urbana e habitacional, por outro, a médio e longo prazo, as instituições escolares aqui implantadas a exemplo do Liceu e da Escola Normal, foram responsáveis pelas mudanças de mentalidade e de comportamento de sua população, fortemente influenciadas pelo *modus* de vida campesino e pela forte tradição religiosa católica, via de regra, avessa ao progresso e às mudanças, sobretudo aquelas que afrontassem seus dogmas.

Não só por causa da emergência da instrução formal, mas muito influenciada por ela, as transformações modernizantes que se processaram em Teresina - alterando os modos de ser, sentir e agir dos teresinenses - ocorreram em todas todos os grupos sociais, ainda que chegando mais tardiamente aos segmentos sociais menos abastados.

À medida que a escola impunha mudanças na vida de muitos piauienses, internamente, muitas transformações igualmente se processaram no cotidiano das práticas educacionais de professores e alunos. As ‘aulas magistrais’ centradas na oratória dos professores e na observância dos alunos definindo ações de atividade e de passividade no ato educativo deram lugar à sala de aula como espaço-tempo de interatividade.

As aulas mediadas pelos registros das dicas e dos rascunhos anotados pelo professor no ‘quadro negro’, anotados pelos alunos em seus cadernos, já que até a década de 1960 o material escolar reduzia-se quase que exclusivamente a caderno, lápis e borracha, deu lugar a um amontoado de novos materiais. Se até a década de 1960, os livros didáticos eram raros até mesmo em escolas particulares, a partir de então este material passou a ser amplamente utilizado, chegando a fins dos anos de 1990 a se popularizar quando chega às escolas públicas como política de estado para a educação.

Observando estas transformações no campo educacional, Arimathéa Tito Filho demonstrava estarecimento inclusive com a quantidade de material escolar que as novas práticas educativas demandavam de pais e alunos. A crônica “escola” publicada jornal diário da cidade, O Dia, em 2 de abril de 1992 chamava a atenção exatamente para esta questão, a quantidade e a diversidade de material escolar cobrados das famílias em nome de uma nova educação, condição que o cronista não conseguiu observar sem comparar ao seu tempo de escola e emitir crítica.

“Escolas”

Quase os estudantes não gastavam com livros, se não os que queriam nas raras livrarias da cidade. As aulas eram suficientes para o aprendizado, o que não acontece hoje, com aulas mastigadas, incompreensíveis pelos pobres e abandonados pupilos. Tanto faz que entendam ou não o ensinamento, nada se repete.

Hoje as mães vivem nas ruas. Instituíram-se creches, onde os meninos aprendem a engatinhar. Em seguida, escola maternal. Depois, jardim, alfabetização - e a seguir o primeiro e o segundo graus, tudo em estabelecimento de negócios particulares. As escolas do governo, ditas hoje do primeiro e segundo grau, oferecem péssimas condições de ensino, razão pela qual os pais se sacrificam nas escolas particulares, de elevado preço e exigências absurdas de vinte cadernos, coleções de madeira, de cera, hidrocor, figurinhas de jogador de futebol, resmas de chamex, cinco tesouras, um binóculo, vinte rolos de papel higiênico, trinta pacotes de absorventes para as mulheres, vinte folhas de estêncil, uma máquina de escrever, um computador dos Estados Unidos e contribuições para as festas. Os jovens, machos e fêmeas, carregam tanto peso que ficam tortos de um dos lados - fora lençinho de papel, toalha, escova de dente, pasta, sabonete, desodorante, roupa de banho e outros ingredientes que me fogem da memória. Tudo moderno e amplamente atual⁹⁵.

Para o cronista, as mudanças na educação com implicações no dia a dia das famílias (e vice-versa), eram enormes. Com a instituição das creches, maternal, jardim e depois alfabetização, local onde as crianças agora aprendem a engatinhar, não mais o fazendo em casa, até mesmo porque, na cidade capitalista, “as mães vivem nas ruas”. A comparação ‘antes’ e ‘depois’ no olhar do cronista se fazia quase impossível de não se realizar, pois, o ensino público que outrora gozava de qualidade e zelo, passou a oferecer péssimas condições de ensino, razão que acabava motivando pais a se sacrificarem pagando escolas particulares caras e de “exigências absurdas”.

O cronista ao referir-se à enorme lista de material escolar apontava que, outrora os alunos usavam basicamente caderno, lápis e borracha, no entanto, com a decadência do ensino público e do advento da escola privada como modelo de qualidade, as escolas passaram a exigir vários cadernos, coleções (de madeira e de cera), figurinhas, resmas de papel, tesouras e até binóculo. O cronista prosseguiu dando ênfase à enorme e estranha lista de material escolar: papel higiênico, absorventes para as mulheres, folhas de estêncil, máquina de escrever, computador (dos EUA) e contribuições para as festas, diversas dela ao longo do ano. Era a escola sendo ‘atravessadas’ pelas datas cívicas e comemorações advindas do modo de

⁹⁵ Crônica “Escolas” de Arimathéa Tito Filho publicada no Jornal **O Dia**, Teresina-PI, a 2 de abril de 1992, p. 4.

produção capitalista. Era a escola se rendendo ao modo de sociedade do consumismo. Como se não bastasse, a lista de material não esbarrava só nestes materiais, nelas pediam ainda as escolas: “lencinho de papel, toalha, escova de dente, pasta, sabonete, desodorante, roupa de banho e outros ingredientes”. Para o cronista, eram tantos materiais que os jovens meninos e meninas, ficavam tortos “de um dos lados” de tanto peso colocados em suas mochilas, tudo em nome da modernidade e da atualidade. A quantidade de material escolar que era exigido levar à sala de aula nesses novos tempos exigiam esforços inclusive mecânicos dos pais e dos alunos, tendo os mesmos que recorrer inclusive a mochilas cada vez maiores e mais versáteis, muitas delas contanto com alças e rodinhas, já que as crianças não conseguiam mais carregar tanto peso em material escolar. Se outrora era levado para a escola apenas cadernos (anotação e caligrafia), cartilha de ABC, tabuadas, lápis e borracha, hoje se levava de tudo.

No campo educacional, fosse frequentando escolas públicas ou particulares, foram muitos os teresinenses e piauienses que tiveram suas vidas transformadas pelo acesso à educação formal. Por ela, tivemos na capital piauiense na primeira metade do século XX, a consolidação da Escola Normal e do Liceu Piauiense, importantes escolas da capital que já existiam desde a segunda metade do século passado ainda que marcadas por problemas de continuidade. Já no pós década de 1950, a educação continuou a avançar, condição que levou à implantação de centenas de escolas públicas e privadas, tanto no ensino fundamental como no ensino médio, consolidando a educação básica da capital. Em nível superior, tivemos neste mesmo século a implantação das faculdades de Direito, Filosofia, Medicina e Odontologia, faculdades essas que fundidas deram origem a Universidade Federal do Piauí no início dos anos de 1970, da qual seu legado tornou possível a criação da Universidade Estadual do Piauí (1985) e dezenas de faculdades privadas, potencializando, mais recentemente, a consolidação de forte polo de educação e de saúde, público e privado em Teresina.

As transformações que alteraram a cidade no seu tecido urbano igualmente afetaram seu tecido social imprimindo-lhes novas práticas e novos costumes. Os modismos que pouco a pouco passaram a compor uma nova tradição na cidade chegavam com a velocidade da implantação e da popularização do rádio, dos jornais, da telefonia, das revistas e da TV.

O quebra das barreiras físicas que a distancia geográfica outrora representava foi eliminada não só pela telefonia, pelo rádio, mas também pelas comunicações em tempo real possibilitadas pela televisão e pelas transmissões ‘ao vivo’. Nela e por ela não chegavam apenas o contato com novos comportamentos, mas também a ‘desterritorialização’ de culturas e a ‘inculcação’ de novos hábitos e de novos costumes.

Arimathéa Tito Filho na crônica ‘empacotamento’ descreve esse movimento de diluição e reconfiguração de hábitos e costumes a partir da influência da TV tanto em nível local como nacional. Parte da crítica consubstanciou-se na observância da ‘americanização’ de costumes em nome da modernidade.

“Empacotamento”

Nas festas fraternas dos 29 anos do Sindicato dos Jornalistas do Piauí, mês passado, houve um momento em que poucos meditarão. Não meditei sobre um assunto de incontestável seriedade porque mais de uma vez havia denunciado a perversidade desse empacotamento cultural do Brasil, que Armando Rollemberg, corajoso e claro, denunciou no instante de sua fala aos jornalistas piauienses - o empacotamento com que a Televisão Uniformiza hábitos e costumes regionais brasileiros. Pouco a pouco desaparecem os agradáveis piqueniques de familiares e amigos, pobres e ricos, substituídos pelos americanizados coquetéis residenciais ou nos clubes, nos quais só a soçaita destes atormentados anos se delicia nos salgadinhos sem gosto, enfeitados de rodelinhas de azeitonas e salsicha, o tira-gosto da moda após cada taleigada (taleigada mesmo) de uísque gelado. Institui-se a civilização do enlatado. As danças típicas sumiram-se. Só se dança nos dias que correm, cada homem e cada mulher, separadamente, ou homem com homem e mulher com mulher, pinotando ou careteando que nem macaco, na barulheira e histerismo do roquenrol. Não se bebem mais cajuínas, sim coca-cola, expressão do progresso das coletividades patricias. A panelada de bucho e tripa e a mão-de-vaca, comidas de sustança na confecção de machos verdadeiros, cederam lugar aos perfumados estrogonofes. O cinema tem fundamento na violência. Criança não ouve mais as encantadoras estórias das vovós bondosas. Educam-se nos xôs das xuxas. O texto é um só, no Brasil: bumbuns de fora, pornografias no ar. A linguagem de gatos e gatas e até de mestres qualificados vigora, deformada, no iê-iê da nação toda. TU e VOCÊ são pronomes idênticos. A novela orienta a juventude, a maturidade, a velharia para o desrespeito recíproco. Pais e filhos se xingam. O bicheiro tem "status" - e aos estudantes serve de exemplo a uma carreira de conforto e de conquistas amorosas fáceis. Dinheiro a rodo lucram os profissionais da esperteza. Muitos homens de variado tipo usam brincos nas orelhas e difundem a usança pela tevê.

A televisão brasileira, de ‘propriedade dos espertos’, dos ‘tubarões da publicidade’, praticam verdadeiro crime espiritual. Uniformizando o Brasil. Música, cantoria, cozinha, vestuário, usos, hábitos, costumes, estórias, sexo, brinquedos infantis, livro, teatro, cinema, perfume, linguajar, lendas, modos de mentir, diversões - tudo, mais alguns anos, estará bitolado. Educação para comprar, para gastar dinheiro na aquisição de quanta impostura a indústria fabrique. Afeto um só: presente para a mãe, para o namorado, para o pai, para cada classe do dia que a inteligência dos negociantes aponta. As cousas e práticas regionais desaparecem a cada instante. Não se mostra arte, nem se educam as coletividades, senão num ou programa que as platéias recusam. A deformação é geral. O Brasil ingressou no caminho da civilização empacotada⁹⁶.

⁹⁶ Crônica “Empacotamento” de A. Tito Filho publicada no Jornal **O Dia** em Teresina em 19 de maio de 1988.

A que se refere o cronista ao denominar estes escritos de empacotamento? O termo utilizado pelo cronista para ‘destilar’ suas críticas à americanização de hábitos e costumes regionais e nacionais foi a ‘uniformização’ de comportamentos do teresinense tendo como parâmetro uma cultura exógena em detrimento do ‘abandono’ e do desprezo da cultura endógena. Esta questão era tão seriamente observada pelo cronista que qualquer intervenção física - a exemplo de obras, comportamental - a exemplo de hábitos e costumes ou mesmo mental - a exemplo das formas de pensar, eram severamente criticadas por Arimathéa Tito Filho em nome da defesa dos lugares e das práticas que remetessem à cultura local.

Na crônica ‘empacotamento’ o cronista dá voz ao jornalista Armando Rollemberg representante do Sindicato dos Jornalistas, a quem fazia severas críticas ao “empacotamento cultural” no qual o Brasil estava inserido.

Para o jornalista e para o cronista o empacotamento cultural chegava pela capacidade da televisão ‘uniformizar’ hábitos e costumes regionais brasileiros, situação que levava ao desaparecimento de agradáveis costumes a exemplo dos ‘piqueniques’ entre familiares e amigos, hábitos que foram sendo substituídos pelos ‘coquetéis’ americanizados em residências ou clubes dos quais só a elite se deliciava, festas essas alimentadas a ‘salgadinhos sem gosto’, diferentemente dos tradicionais ‘tira-gosto’ baseados na culinária local a exemplo do ‘sarapatel’, da ‘panelada’, da ‘buchada’, da carne assada com farofa, comidas que eram servidas nos encontros com os amigos, quase sempre regados a ‘cachaça’ ou ‘cerveja’.

O cronista também recorre ao termo “civilização do enlatado” para caracterizar exatamente o processo de descaracterização dos costumes e hábitos locais e regionais. A denúncia sobre a civilização do enlatado foi direta: “As danças típicas sumiram-se”. Agudiza as críticas ao expor que as danças nos dias atuais eram muito diferentes, ‘homem’ e ‘mulher’ dançando separadamente, uma para cada lado, quando não, era “homem com homem” e “mulher com mulher”, ‘pinotando’ ou fazendo caretas “que nem macaco”. Para o cronista, a tradição da dança entre casais, por exemplo, aparece como coisa do passado.

As bebidas típicas a exemplo da cajuína passaram a ser substituídas pela referência de bebida americana, a coca-cola, a quem o cronista atribuía ser “expressão do progresso das coletividades patricias”. O mesmo movimento de gradativa substituição também ocorreu como comidas típicas como a “panelada de bucho e tripa e a mão-de-vaca”, comidas que davam sustança de “de machos verdadeiros”, acabaram por ser substituídas por “perfumados estrogonofes”.

A televisão passou a ter conteúdo fundamentado na violência, nos bumbuns de fora e na pornografia e as crianças já não ouviam mais “encantadoras estórias” contadas pelas “vovós bondosas”, educavam-se agora as crianças e jovens nos programas de TV como os “xôs das xuxas”. Na civilização do enlatado e da uniformização, a “novela” passava então a orientar e ‘educar’ a juventude até a maturidade, mas também a “velharia para o desrespeito recíproco”. Nela e por ela os bons costumes, os valores morais e éticos ‘assentados’ da tradição católica foram sendo substituídos por costumes impostos pelos ‘gringos’.

A ideia de responsabilidade e de ascensão social pelos exemplos dos pais ou pela educação escolar formal que era oferecida na ‘boa e velha escola pública’ foi sendo substituída pelos maus exemplos de vida fácil, potencializada no exemplo do ‘bicheiro’, pessoa de *status*, que acreditava ser possível levar uma vida repleta de conforto e de conquistas amorosas fora do trabalho e do ‘ganha pão de cada dia’ pelo suor.

Até a coerência ortográfica e gramatical da língua portuguesa ia perdendo seus aspectos formais transformando-se numa linguagem rasa e simplória. A ‘gíria’ ou a banalização dos pronomes pessoais (de tratamento) deformavam as conversas, nela “tu e você” tornaram-se “pronomes idênticos”. Na crítica do cronista nem mesmo o jeito de vestir ou usar indumentárias escaparam à sua ‘língua afiada’, já que o mesmo não via com bons olhos o fato de homens usarem brincos como prática comum, a considerar que a tradição apontava para estes ‘pindurucalhos’ como sendo acessórios do embelezamento tipicamente feminina.

Em nome da audiência e do dinheiro dos espertos ‘tubarões da publicidade’, a televisão brasileira passou a praticar o que o cronista considerava um “verdadeiro crime espiritual”, americanizando o país, uniformizando as músicas, as cantorias, a culinária, o vestuário, a linguagem, a literatura, o cinema, a sexualidade, os hábitos, os costumes, as estórias e lendas locais e regionais. Nem mesmo os brinquedos e as brincadeiras infantis escaparam a influência do modo de vida americanizado. Nada escapava à cultura do enlatado.

Formava-se assim, no Brasil uma civilização para a cultura do consumo, onde a ganância na compra de qualquer coisa que se fabricasse fazia a festa dos tubarões. Nela, na sociedade do consumo e da futilidade, as datas comemorativas criadas para tornar o brasileiro refém do comércio faziam todos adeptos da geração do presente: presente para a mãe, para o namorado, para o pai, para cada classe do dia que a inteligência dos negociantes apontar. Na sociedade do consumo, as coisas e práticas regionais simples, porém típicas, tradicionais, desapareciam a cada instante, tudo em nome da novidade. Para o cronista, no Brasil não se

mostrava mais arte, nem se educavam as coletividades nos bons exemplos da família ou dos amigos, pois, a televisão era agora a grande educadora. Por ela, a deformação era geral e o Brasil ingressava no caminho da civilização que desprezava suas tradições. E com ela ia-se nossa identidade, nossa diversidade cultural. Agora éramos uma civilização uniformizada, empacotada.

A sociedade que aceitava a imposição de uma cultura do consumo também se rendia diante das ideias de modernização pela reforma urbana imposta à cidade, reforma esta que também se enquadrava no modelo de cidade capitalista, mais voltadas para as demandas do mercado do que para as práticas de sociabilidade e harmonia humanas.

Em Teresina, nos anos que sucederam à década de 1970 e se estenderam até fins dos anos de 1990, a modernização da cidade através de intervenções e obras públicas, ficaram mais evidentes na arquitetura e na mobilidade da capital com vistas a atender à demanda crescente do fluxo de veículos. Nela, na cidade capitalista, Teresina, sua mobilidade urbana fazia convergir para os espaços de forte atuação ‘mercantil’, primeiramente para o centro comercial ‘velho’, marcado pela tradição histórica de espaço de atração da maioria das demandas de Teresina e já em fins da década de 1990 para a zona leste e a região dos dois shoppings, embora a cidade pudesse contar com vários espaços de fortes atividades comerciais nas mais diferentes regiões como o Mocambinho, o São Joaquim, o Dirceu Arcoverde, o Parque Piauí, o Saci, o Promorar, o Bela Vista, a Piçarreira e o Satélite⁹⁷.

Sob os efeitos do ‘milagre econômico’ ou do ‘entorpecimento da redemocratização’, Teresina vivia sob o signo do progresso. Os automóveis, um dos bens que melhor representava a modernidade e a cidade capitalista, ganhavam cada vez mais espaço na cidade e no imaginário de muitos cidadãos que passava a vê-lo não mais como um sonho, mas como uma realidade. Junto com eles, as largas e iluminadas avenidas que surgiam gradativamente representam o novo momento da capital.

A relação ‘tradição’ e ‘modernidade’ marcava o cotidiano da cidade e do seu morador, ainda que a ‘estigma’ de cidade moderna fosse ‘alardeada’ por governantes e de parcela da elite local. Animais de carga e trapiches marcavam o cotidiano de muitos bairros centrais a exemplo da Piçarra, da Vermelha, do Cajueiro e do próprio Centro da cidade. Nestes bairros o fator da existência de mercados populares e feiras livres favoreciam a permanência dessas

⁹⁷ Ainda que o centro e a zona leste de Teresina atuassem atraindo um fluxo muito grande das atividades comerciais e de serviços, nas bordas da cidade, nas mais diferentes regiões, se constituíam novas áreas de comércio e de prestação de serviços.

práticas, uma vez que para lá convergiam vendedores e compradores de animais para consumo alimentício como aves (galinhas, patos, perus e capotes), caprinos, ovinos e suínos. Outrossim, se negociavam animais de trapiche como jumentos, burros, mulas e cavalos, além de materiais como celas, cias⁹⁸, cabrestos e açoites de couro.

Nas vilas e favelas na periferia da cidade, hábitos ligados à tradição campesina também encontravam adeptos, o que não tornava difícil encontrar criatórios de galinhas, patos e ou suínos nos quintais das casas ou às soltas pelas ruas. Dada à proximidade com os rios Poti e Parnaíba e várias lagoas, muitas vacarias encontravam-se situadas em pleno sítio urbano da cidade. Igualmente encontravam-se ainda o hábito de moradores que criavam animais como jumentos, burros, mulas e cavalos de norte a sul e de leste a oeste da cidade.

Novo e velho, moderno e tradição conviviam conjuntamente, ora harmônica ora antagonicamente, por todo o século XX no Brasil. A segunda metade do século XX no país foi marcada pela assustadora ascensão e consolidação da indústria automobilística, atividade que por sua vez acabou influenciando quase todas as diretrizes e políticas urbanas e administrativas das cidades de médio e grande porte por todo o Brasil. Cidades estas que se transformaram em ‘grandes depósitos’ de carros, máquinas do fetiche e do horror, da alegria e da tristeza a ponto de na virada do século XX para o XXI, o caos urbano ter se instalado por conta da grande quantidade de veículos nas ruas. Congestionamentos, engarrafamentos, atropelamentos, acidentes automobilísticos e mortes transformaram as grandes cidades a ponto de deixá-las quase que intrafegáveis, desumanizadas, caóticas.

Por um lado, os motores dos automóveis movimentavam a vida nas ruas alimentando o sonho de consumo de muitos por estas “máquinas maravilhosas”, igualmente, motores elétricos ou a óleo movimentavam o interior das fábricas em processos produtivos cíclicos alucinantes; por outro, a vida pacata nas casas, ruas, feiras, quiosques e quitandas da cidade marcavam o cotidiano do homem e mulher simples de Teresina.

As lojas de comércio do centro da cidade buscavam os caminhos do progresso, seguindo o modelo de cidade capitalista, modelo este capaz de inventar e reinventar mecanismos fomentadores de práticas mercantis, ainda que estas fossem um tanto quanto ‘fúteis’. Arimathéa Tito Filho fazia menção a esta eventual futilidade ou mesmo falta de necessidade de comprar, vender, consumir marca cada vez mais dominante das cidades por imposição da ‘cultura capitalista’.

⁹⁸ Amarras utilizadas em animais de carga ou de transporte de pessoas.

“Namorados”

No meu tempo não havia estas datas comemorativas, os dias disto e daquilo: dia das mães, do papai, do vovô, da vovó, da criança. Cada ramo profissional tem o seu: dia da aeromoça, dia do comerciante, dia do comerciário, da meretriz, do funcionário público, do motorista. A indústria e o comércio deveriam criar outros, como o dia do netinho, da titia, do coveiro. Que tal uma data que lembre as ‘*Coroas*’, mulheres que deram o ‘tiro na macaca’ e que são as mais apetitosas ‘*rabos-de-saia*’ da paróquia? Por extensão, também se assinalava a data homenageadora das ‘*Bonecas*’, outra das ‘*Dondocas*’. O dia-guei e o dia-sapatão. Nestes dois últimos as vendas seriam espetaculares [...]. [grifos do autor]⁹⁹.

Observando a crítica do cronista, as transformações pela qual passava a cidade com repercussões nas práticas do morador da *urbe*, podem ser percebidas tanto na questão temporal através do binômio ‘tempos de outrora/tempos de agora’ presentes na expressão “no meu tempo não havia estas datas comemorativas, os dias disto e daquilo.”, sugerindo inclusive a criação de novos dias comemorativos para diversas categorias ou ramos de atividade; quanto na questão comportamental, ao sugerir a criação de datas que lembrassem as ‘*Coroas*’, ao adjetivá-las como mulheres que deram o ‘tiro na macaca’ ou mesmo de ‘mais apetitosas ‘*rabos-de-saia*’ da paróquia’.

Parecendo preconizar os avanços e conquistas das liberdades individuais do fim do século XX e início do século XXI, sobretudo dos grupos sociais considerados ‘minoritários’, mas também expressando ironia e ao que parece mesmo pré-conceito, o cronista ‘destila’ adjetivações ideologizantes contra os homossexuais sugerindo uma ‘evolução’ das práticas culturais de viés capitalista a ponto de se chegar a criar datas comemorativas às ‘*Bonecas*’, às ‘*Dondocas*’ ou até mesmo ao ‘dia-guei’ e ‘dia-sapatão’. Nestes dois últimos, “as vendas seriam espetaculares”, insinua o cronista. Mal sabia o cronista, embora tenha previsto, que sua ‘premonição’ se realizariam poucos anos depois.

Em outra crônica, considerando a necessidade de observar as mudanças de hábitos e costumes ocorridos nos moradores da cidade, mudanças essas decorrentes do contato com elementos modernizantes experimentados em outros centros urbanos do país, Tito Filho fazia referências críticas aos comportamentos dos jovens frente ao namoro. No seu entendimento, os métodos contraceptivos, os locais próprios para afagos mais acalorados, consumiam o pudor das moças recatadas da cidade de outrora.

⁹⁹ A Crônica “**Namorados**” de Arimathéa Tito Filho foi publicada no **Jornal O Dia** em Teresina (PI) em 20 de março de 1992, p. 4.

“Namorados”

[...] Já se festeja o dia dos namorados, o que não acontecia alguns anos atrás. Também já não se namora como antigamente, o casalzinho de mãos dadas apenas para que o público visse tanta inocência nas praças animadas das retretas musicais, ou no uso de certas bolinações na penumbra dos cinemas.

Nos tempos atuais as farmácias estiveram repletas de moços e moças na compra do melhor presente para os receios de cada qual: as camisinhas. Módicas de preço e de resultados mais ou menos seguros nos motéis que já estão cobrando por minuto de ocupação das camas redondas e filmes de ensinância pornográfica.

Minha primeira namorada foi uma matutinha muito alva, filha de latifundiário do antigo Marruás, hoje Porto. A menina com os pais comparecia nos festejos de Nossa Senhora dos Remédios. A gente dançava mal nos bailes de primeira que iam das dez da noite às duas da madrugada. Amor platônico, que a gente não sabia ainda das senvergonhices da vida.

Já taludo, consegui em Teresina namorar um morenã cheio de carnes, cabelos negros, bonita como quê, e ao lado dela, assistindo a filme de amor, aprendi a arte sublime da bolinação, como se dizia o pegamento nas saliências do colo bem feito. A garota também sabia adotar as suas liberdades provocativas.

E segui o meu destino de namorador constante, e vivi momentos inesquecíveis e deliciosos. Foram tantos. Mas a gente ficava nessas primícias encantadoras dos primeiros contactos. Avançava-se um pouco, e mais não se fazia nem se tentava, salvo se quisesse descontar o vale e sujeitar-se ao casório infalível.

Hoje se namora de modo diferente. Extinguiram-se as virgens, feitas as exceções ilustres e de praxe. Os namorados buscam as tardes e as noites nos motéis, ou nos relvados das praças esquecidas, ainda nas areias das coroas dos rios, no tempo de estio, também debaixo dos pés de pau. E nos automóveis todo tempo, em posições dramáticas (TITO FILHO, *Ibdem*).

Mais uma vez as transformações sociais e comportamentais do teresinense eram caracterizadas através do destaque da categoria ‘Tempo’. Ao evocar expressões como ‘já não se namora como antigamente’, ou ‘nos tempos atuais as farmácias estiveram repletas de moços e moças’ e ‘hoje se namora de modo diferente’, o cronista não só anunciava novos tempos, o que potencializava perceber um ‘movimento’ de novas práticas rumo à novidade, mas simultaneamente apontava a existência de novas práticas e novos comportamentos.

O olhar atento e detalhista do cronista para novas práticas e novos comportamentos do morador da *urbe* também estiveram presentes na observação de como os casais se comportavam em públicos, cheios de ‘pudor’ e ‘inocência’, andando de mãos dadas, enquanto que nas penumbras das praças ou no escurinho dos cinemas, as ‘bulinações’ corriam às soltas. Destaca ainda o cronista que a permissividade do ‘tateamento’ e deleite corpóreo era total quando a privacidade estivesse assegurada pelas quatro paredes dos motéis, que cobravam por minuto de ocupação das camas redondas e filmes de ‘ensinância’ pornográfica. Neste caso, o

‘namoro sério, o “amor platônico” e a fidelidade aos romances de outrora, davam lugar a relações amorosas muito superficiais definidas em categorias como ‘pegamento’, situação que para o cronista justificava em partes a extinção virgens.

Até ele próprio se inseria nas análises feitas das transformações comportamentais do contexto espaço-tempo que descrevia. Se sua primeira namorada foi “uma matutinha muito alva, filha de latifundiário do antigo Marruás, hoje Porto”, as meninas da capital não pareciam mais tão inocentes, matutas puras. O comportamento que descrevia das moças do tempo de outrora, dava conta de que elas não sabiam ainda das ‘senvergonhices’ da vida, condição que agora era aproveitado pela juventude que se deleitava em namoros e amassos picantes no escuro dos bancos ou ‘relvados’ das praças, nas areias das coroas dos rios Poti ou Parnaíba nos tempos de ‘estiagem’ ou ainda ao fazerem uso corriqueiro das camas de motéis da cidade nos fins de tarde ou a noites.

Nas praças, nas ruas no interior dos carros ou no escurinho do cinema assistindo a filme pornô ou de romance diante da telona dos cinemas Royal ou Cine Rex, namorados, paqueras e casais recém-formados, dedicavam-se a ‘bolinação’, aos ‘amassos’ picantes, as ‘liberdades provocativas’. Nesses locais, ‘momentos inesquecíveis e deliciosos’ passavam a compor práticas cada vez mais comuns e corriqueiras no cotidiano de parcela dos moradores da cidade. Por estas práticas, as primícias encantadoras dos primeiros contatos entre casais foram se perdendo no tempo, a inocência foi dando lugar a ‘senvergonhice’ o que levavam muitos deles a perder o medo de ‘descontar o vale’, ou seja, desvirginar uma garota, situação que quase sempre resultava em ‘casório infalível’ nos bons e velhos tempos onde imperava o pudor, o respeito e a moral.

As décadas finais do século XX representam para o morador da cidade momentos de saudosismo, de perplexidade, de curiosidade, mas também momentos de estranhamentos frente ao ‘novo’. A cidade vista pela ótica do consumismo, do desenvolvimento a qualquer custo, da perda de ‘identidade’ com a tradição dos bons costumes, agora ameaçada, amedrontada, assustada e trazia à tona um aspecto: a incerteza no amanhã e dela alguns questionamentos emergiam: Porque Teresina tem mesmo que ser uma cidade moderna? Quais os impactos da modernização da *urbe* na família e na tradição de cidade pacata, de povo honesto, de meninas decentes, de filhos educados?

Na história da cidade, muito do que nela se apresentava como moderno quase sempre era importado, mesmo que fossem apenas ideias. Bens, produtos ou serviços, pouco ou quase nada disto era *in natura*, além do mais, o próprio fato de vir de fora já favorecia à concepção

de moderno, logo, possivelmente viável e desejável. Como nem tudo que chegava à cidade vinha sob a forma de um ‘bem’ ou um ‘produto’ - mercadoria nos moldes da cidade capitalista - as ondas do rádio, os jornais e revistas impressos, as telonas do cinema e as telinhas da TV, foram responsáveis por ‘propagandear’ e ‘propagar’ muitas novidades até então só experimentada nos grandes centros do sudeste do Brasil ou mesmo da Europa e dos Estados Unidos. Estes equipamentos advento da modernidade, impreterivelmente, acabaram influenciando na formação de novos comportamentos e novas visões de mundo, potencializando não apenas novas opiniões, mas igualmente definindo novos hábitos e novos costumes nos atores sociais da cidade.

A modernidade produzia em escala geométrica novos conhecimentos científicos e tecnológicos e estes por sua vez ‘forjavam’ novos equipamentos, novos bens e serviços alimentando a cultura do consumo. Nela, a todo instante a novidade era dada como algo essencial, portanto buscada possuir. As folhas dos jornais impressos, as ‘ondas’ do rádio, a telona do cinema e, mais recentemente, a telinha da TV, aparecem na história brasileira como instrumentos que representam a modernidade, mas igualmente, eram tecnologias de formação de opinião e de divulgação de novos valores, novos hábitos e novos costumes. Neste mesmo espaço-tempo, havia aqueles que viam estes mesmos equipamentos - representantes da modernidade e signos do progresso e do desenvolvimento - como instrumentais de ameaça da tradição e dos ‘bons costumes’, elementos estes forjados a ‘ferro e fogo’ no Brasil, fosse pela tradição patriarcal e escravista, fosse pela influencia religiosa crista católica. Arimathéa Tito Filho foi um destes críticos da ‘deformação’ moral do ‘mau’ uso destes instrumentos.

A formação familiar e profissional de Tito Filho, somados a sua erudição e apego à cultura regional - a considerar os meios de comunicação pelos quais fazia tornar público seu pensamento como sujeito formador de opinião - o cronista via a televisão como uma tecnologia temerária, tamanha era seu potencial de alcance e de ‘manipulação’ de comportamento frente aos anseios dos interesses capitalista. Embora não estivesse explicitado nas suas críticas, mais o baixo nível de formação escolar, de consciência cidadã e política histórica da população de Teresina contribuía para a ‘cegueira’ diante da manipulação imposta pelos meios de comunicação, a exemplo da TV, frente aos interesses do dinheiro dos homens de negócio.

Considerando o jornal impresso, o rádio ou a TV na formação de opinião, na transmissão e socialização da informação, mas também na inserção e proliferação de novos hábitos, de novos costumes, de novas linguagens na sociedade, nem tudo que estes

equipamentos da modernidade traziam à sociedade figurava no campo da positividade, da reprodução da ética e dos bons costumes. Percebendo esse aspecto relativamente promíscuo, nocivo que parte da programação da TV representava para a sociedade teresinense, afetando valores morais do morador da pacata, tranquila e pitoresca Teresina, Arimathéa Tito Filho externalisava seus sentimentos de insatisfação:

“Monotonia”

Basta que a autoridade proíba a exibição de programas ou quadros televisivos perniciosos, logo se enfurecem os falsos defensores da liberdade de comunicação, sob invocação de mandamento constitucional que veda toda e qualquer censura de natureza política, ideológica e artística. Esquecem os pregoeiros da total exibição de aspectos nocivos das cousas e dos fatos, como as pornografias e as cenas de degeneração moral - esquecem que a constituição de 1988 determina que se observem, nos programas de televisão, as finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas e se respeitem os valores éticos e sociais da pessoa e da família.

Já se escreveu que a TV no Brasil se tornou um processo de maus exemplos, deseducativo por excelência. A sua poderosa influência revolucionou hábitos familiares, sobretudo por através das novelas de conteúdo passional e emocional, em que filhos desrespeitam os pais e estes se entregam a cenas deprimentes no recesso do lar. Não se pode fugir à triste realidade de que os freios morais da sociedade brasileira estão quase desaparecidos graças à televisão. A própria linguagem, um dos mais sérios símbolos da pátria, se degrada nas descomposturas, no calão, na baixeza das expressões entre pessoas que bem deveriam respeitá-la como instrumento maior de transmissão do pensamento.

Há no Brasil, em todas as partes do território nacional, baixeza moral, política de espertezas, ausência de ética, fuga aos deveres mais caros - e quase a totalidade das mazelas que desencantam os brasileiros se deve à televisão¹⁰⁰.

Para o cronista, os programas de televisão, além de perderem suas finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas previstas inclusive na Carta Magna de 1988, colocava em ‘cheque’ os valores éticos e sociais individuais e coletivos, ameaçava a integridade e valores morais da família teresinense enraizados à décadas ou mesmo séculos. A programação da TV brasileira para o cronista ‘deseducava’ a juventude, impondo-lhes conteúdo novelesco de viés ‘passional’ e ‘emocional’ em que filhos desrespeitam os pais potencializando cenas deprimentes nas casas de nossa sociedade. Para o cronista, a televisão, pela sua poderosa influência revolucionava hábitos familiares levando quase que ao

¹⁰⁰ Crônica “**Monotonia**” de Arimathéa Tito Filho publicada no **Jornal O Dia** em Teresina em 23 de março de 1992, p. 4.

desaparecimento dos ‘freios morais’ que davam sustentação aos valores e aos bons costumes da sociedade brasileira. Para o cronista, se o conteúdo visual desagrava pelo seu teor, a linguagem - um dos mais sérios símbolos da pátria - tinha se degradado nas descomposturas, no uso de palavras de baixo “calão”, nos palavrões e na baixeza das expressões entre pessoas que bem deveriam respeitar-se como instrumento maior de respeito.

Prossegue ele com ‘estocadas’ e críticas e severas à (má) qualidade da programação da TV brasileira:

A escolinha de Chico Anísio constitui severa censura ao ensino nacional e serve de péssimo exemplo aos jovens que vêem televisão, revelando só tipos de alunos que a freqüentam, o homossexual, os débeis mentais, os ridículos, os estropiados da língua, os imbecis, os embriagados, enfim uma ‘fauna’ que caracteriza de modo às vezes absurdo, às vezes real, as aulas brasileiras.

[...] O governo Collor está no dever de consertar os programas da televisão brasileira. Nela, na TV, inexistem moral. Para angariar audiências, anulam-se os valores éticos. Rebaixa-se a sensibilidade do povo, com o ridículo em tudo, num deboche permanente aos problemas, dramas, derrotas e misérias dos brasileiros (TITO FILHO, *Ibidem*)

O exemplo evidenciado pelo cronista demonstra apenas um entre dezenas de programas de TV que têm contribuído negativamente na (de) formação de valores da sociedade brasileira. Nela, na TV, inexistem moral e envolvida da ganância capitalista para angariar audiências a qualquer custo, expõe em sua programação uma concepção de sociedade que apregoa, anula e ou distorce os valores éticos e morais construídos a duras penas. Nela, segundo o cronista, estavam presentes elementos que rebaixava a sensibilidade do povo aos seus próprios problemas, expondo-os ao ridículo e ao deboche, atuando diretamente na deformação do povo brasileiro pela imposição da ‘cultura’ do ‘fútil’ e do ‘surreal’.

A considerar o conceito de modernidade com o qual estamos trabalhando, conceito este que ‘incorpora’ elementos de racionalidade técnica colocada a serviço do acúmulo de capital, o jornal, o rádio, o cinema, a TV, apesar de suas ‘autonomias’ enquanto criação humana, acabaram se colocando a serviço do movimento de modernização que alimentava a dinâmica da cidade capitalista. Os meios de comunicação não só influenciavam e alteravam práticas e comportamentos do cidadão, como também se associavam às práticas e atividades produtivistas, mercantis e de serviços para impor a constituição de novos hábitos no morador da cidade aos quais nem eles próprios se davam conta.

A segunda metade do século XX foi marcada por mudanças e transformações profundas na estrutura urbana e viária de muitas cidades brasileiras, notadamente as capitais de Estado. Essas transformações foram também igualmente significativas para ‘impor’ mudanças comportamentais nas populações dessas cidades. Neste mesmo período tivemos a urbanização consolidando-se como um fenômeno essencialmente moderno com fatores causais internos e externos para a organização da *urbe* e da vida de seus moradores. Em Teresina, as reformas urbanísticas ganharam vigor nos anos que seguiram a ascensão dos militares ao poder em 1964, causa-efeito do ‘Milagre econômico’ que inaugurou vigorosa política habitacional, responsável pela criação de milhares de casas populares por diversas regiões da cidade.

Internamente, as cidades funcionavam como imãs e sua infinidade de produtos e serviços, como, saúde, educação, comércio, indústrias, sistema bancário, entre outros, acabam atraindo novos moradores e/ou pessoas com hábitos outrora ruralescos. Elas, as grandes regiões metropolitanas receptoras ‘naturais’ desse enorme contingente populacional - cerca de 50 milhões de brasileiros que migraram do campo para a cidade entre 1950 e 2000 – passaram a receber investimentos públicos em obras de infraestrutura urbana - habitação saneamento básico, equipamentos de saúde, de educação, de lazer e de abastecimento. Apesar dos investimentos, a demanda por moradia e emprego era crescente.

Em muitas cidades, o crescimento desordenado acabou por acelerar o surgimento de moradias em condições subumanas em decorrência do surgimento de invasões e ocupações ilegais de terrenos nas franjas da cidade, sobretudo ao redor de bairros industriais. Teresina, por não ter esta característica marcante no seu tecido urbano, sobretudo quando comparada a outras capitais do Nordeste ou do Sudeste, teve seu crescimento horizontal marcado por dois distintos processos: um de ações regulares e planejadas, a exemplo da construção de vários conjuntos habitacionais e outro por intervenções informais e irregulares, favorecendo o surgimento de muitas vilas e favelas.

Nas grandes cidades, e Teresina não fugia a esta regra, parte deste contingente populacional que carecia de habitação por força da imigração rural que não tinham sido inseridos nos programas habitacionais dos anos de 1970, 80 e 90, passou a sobreviver em condições subumanas decorrentes da ausência de planejamento e da execução de políticas públicas preventivas de êxodo rural e de inserção social nas cidades.

Externamente, as dificuldades que passavam os moradores de áreas urbanas como a questão da posse da terra, as secas sucessivas (sobretudo na região nordeste), a falta de

infraestrutura, as dificuldades de custeio da terra, a baixa escolarização, entre outros, acabavam favorecendo a migração para as grandes cidades, sobretudo a capital de cada estado ou em situações mais extremas, cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Brasília.

Em síntese, na relação tradição e modernidade, velho *versus* novo, havia ainda muito saudosismo dos tempos de outrora, mesmo que para os defensores da modernidade ele representasse tempos de “atraso”. O progresso e a modernidade, ao ponto em que fascinavam, também suprimiam a tranquilidade, a calma e instalaram a correria e o caos, consumindo na *urbe* o que ela tinha de pitoresca. O progresso suprimia hábitos e costumes humanos e instalava a sociedade do consumo e do ter. Agia transformando o ‘ser humano’ em ‘ter humano’, pois, desqualificava as pessoas pelo que elas eram e imprimia-lhes reconhecimento pelo que elas tinham, sobretudo, no seu aspecto material. Assim, tinha-se que, se a modernidade, processo pelo qual Teresina passou e passa desde a sua fundação até os dias atuais, provocava deslumbramentos em muitos, em igual forma provocava cautela, medo, ‘desencantos modernos’ em outros.

II

Teresina: História, Modernidade, Urbanização e Mudanças Culturais (1970-2000)

A busca pelo moderno se fez em oposição às representações do mundo rural, como elemento de arcaico e atraso. Contraditoriamente o arcaico foi revestido de valores positivo, aparecendo como um estilo idílico, tranquilo, pacífico, de pureza ingênua em contraposto com a pressão urbana, seu ritmo acelerado, seu tempo linear e progressivo. O rural despertava sentimentos nostálgicos frente a aceleração das mudanças urbanas e o desenraizamento, levado à busca das temporalidades cíclicas, contato com a natureza e seu ritmo (MATOS, 2007, p. 112-113).

A busca pelo moderno foi, é e continuará sendo uma marca da cidade de Teresina e dos que a fizeram, a fazem e dos que a farão. Teresina, até mesmo antes de sua construção enquanto cidade objetiva foi uma ‘invenção’ fruto da modernidade, pois, embora materializada na ‘utopia’ de Saraiva, já nasceu da necessidade de fazer atender demandas que a cidade de Oeiras não conseguia mais dar conta como principal cidade e sede da Província do Piauí. Resumidamente, a invenção de Teresina se deu por um conjunto de fatores, sobretudo porque Oeiras já não conseguia mais ‘agregar’ valores e ‘adjetivos’ qualitativos o suficiente para manter-se como ‘cidade magnética’, condição digna das sedes de província, à época. Ao apresentar-se como superada, acabou se transformando numa cidade arcaica, atrasada¹⁰¹. A modernidade era um fenômeno ‘auto multiplicador de si’ no espaço urbano e seu ritmo acelerado, linear e progressivo clamava por uma nova cidade, ainda que alguns sentimentos nostálgicos por Oeiras fizessem resistência. Mas outras vozes ecoavam, era a hora e a vez de uma nova capital, surgia assim Teresina, filha da necessidade de novos significados, porém, justificada pela ‘fadiga’ da velha e boa Oeiras.

Os escritos a seguir compreendem narrativas de cunho teórico e empírico que buscaram descrever e caracterizar o processo de modernização da cidade de Teresina

¹⁰¹ Embora, em determinadas situações, o arcaico possa apresentar-se revestido de valores positivos.

enfocando elementos de sua metamorfose urbana e seus efeitos na mudança de hábitos e costumes de seus moradores. Nele buscamos ainda compreender conceitualmente as categorias História, Cidade, Urbanização e Cultura aplicadas no ‘movimento de modernização’ da capital piauiense, modernização esta igualmente ‘atravessada’ pelas concepções de ‘progresso’, ‘desenvolvimento’ e ‘crescimento urbano’. Concentradamente, estes esforços reflexivos e analíticos buscaram observar e descrever o fenômeno da Urbanização da cidade e seus efeitos sobre as práticas, os jeitos de ver, sentir e vivenciar a cidade do teresinense nas três últimas décadas do século XX.

Teresina, Concepções de Modernidade como Elemento Interconexo com a Tradição

O conjunto de transformações e mudanças que se processaram em Teresina ao longo de sua existência compreenderam ações tanto de ordem informal como formal. A informalidade das transformações da cidade compreendeu um movimento quase que ‘natural’ que lhe impôs movimento, dinâmica, vida própria desde a condição de ‘Vila’ de pescadores até se tornar capital da província. Já as transformações formais ou planejadas ocorreram buscando dar à cidade formas organizativas e funcionais, condição que inclusive fundamentou sua criação e a acompanhou por toda a sua Historicidade. Este processo se deu historicamente a partir da incorporação das concepções de ‘modernidade’, de ‘desenvolvimento’ e de ‘progresso’ – bastante vigorosas no ocidente desde o século XIX – tanto em seus gestores públicos como nos seus cidadãos, processo esse travado no embate com os elementos da Tradição que pululavam na cidade. Temporalmente, foi fenômeno que acompanhou toda a história da cidade, mas que, no nosso entendimento, se intensificou nas três décadas finais do século XX, dando nova feição à cidade e empreendendo novos comportamentos nos seus moradores, preparando-os para o novo século (XXI) e novo milênio (terceiro).

Por se tratar de objeto de estudo relacionado à cidade, foi por esta categoria que iniciamos por apontar breves conceitos ou significados, instrumentos teóricos que igualmente aplicamos a outras categorias¹⁰² que atravessaram este estudo. Nela, ao dialogar com seus múltiplos significados na interface com as transformações que a cidade sofreu nas três décadas finais do século XX, buscamos construir nossa tese, narrar as ‘memórias afetivas’ de Teresina observando nela as ‘tensões’ entre ‘tradição’ e ‘modernidade’ evidenciando sua

¹⁰² Moderno, Modernidade, Progresso, Desenvolvimento Urbano, Crescimento Urbano e Tradição.

‘estigma’ de ‘eterno’ processo de modernização.

Não só as cidades, mas as tentativas de conceituá-las são plurais, logo, subjetivas e mutantes de acordo com o contexto histórico observado. De acordo com Silva e Silva (2009, p. 51), “de forma geral, uma cidade é um aglomerado populacional organizado em um espaço geográfico específico, que possui administração própria e onde a maioria dos habitantes não trabalha na produção de alimentos”, a exemplo de atividades ligadas ao setor primário da economia - agricultura, pecuária e extrativismo vegetal ou mineral – onde, de forma intensiva ou extensiva, parte considerável do processo produtivo deste setor está centrada na produção de gêneros alimentícios *‘in natura’*.

De forma simplificada, podemos definir e ao mesmo tempo caracterizar a ‘Cidade’ como uma área ‘densamente’ povoada onde se realizam várias atividades - residencial, comercial, industrial e de prestação de serviços - concentrando ou não as atividades secundárias e terciárias da economia em oposição ao campo ou zona rural que agrega o setor primário da economia: agricultura, pecuária e extrativismo vegetal ou mineral - ainda que no campo se preserve também o aspecto residencial.

A cidade como espaço onde existe maior concentração de habitantes, é o lugar da sede do município, sendo ele composto ou não de uma zona rural. No contexto federativo brasileiro, cada ‘Estado’ corresponde a áreas composta por um conjunto de cidades, da qual, uma delas é a sua sede política e administrativa, denominada de capital. Sendo ainda que o próprio país, também tem sua capital, situada no território denominado de Distrito Federal.

A compreensão da noção de cidade pode variar de acordo com o espaço, com a sociedade e com cada época (CARDOSO, 1996). Ainda assim, há uma unanimidade entre os historiadores que concordam que a origem das cidades foi um marco definidor na história da humanidade. Pois, a partir da organização das sociedades e depois do surgimento das cidades que “os seres humanos teriam passado de sujeitos das leis da natureza para agentes que a dominam” (SILVA; SILVA 2009, p. 52).

Na cidade, a sobrevivência humana requeria novas demandas e novas formas de organização do trabalho, elemento condicionante da manutenção da vida. Nelas, o processo de manutenção da vida passou a estar estabelecido simultaneamente na aproximação/distanciamento entre o ‘velho’ e o ‘novo’, entre o ‘ontem’ e o ‘hoje’, entre a ‘permanência’ e a ‘ruptura’, entre a ‘tradição’ e ‘modernidade’.

Para Silva e Silva (2009, p. 298), a modernidade podia ser definida como “um

conjunto amplo de modificações nas estruturas sociais do Ocidente, a partir de um processo longo de racionalização da vida”. Para Jacques Le Goff (1994), o conceito de modernidade estava estritamente vinculado ao pensamento ocidental, marcado por um processo de racionalização que se estendeu desde a economia, passando pela política até chegar à cultura.

No plano político, a racionalização deu-se quando a esfera política deixou de estar vinculada ao carisma, ao ‘Direito Divino’, ao costume, à tradição e passou a ser legitimada em fundamentos racionais, em um contrato, em regras estabelecidas pelos cidadãos. No plano cultural, aos poucos ocorreu o *desencantamento* do mundo: o mundo moderno passou a poder só ser entendido pela razão, sem necessitar recorrer a mitos, a lendas, ao temor, à superstição. Nela a ciência passou a gozar do *status* de poder explicar, com valor de verdade, toda uma compreensão de mundo, concorrendo com as explicações de bases teológicas - divinas. Outra mudança que caracterizou a modernidade foi a separação e a autonomia entre a ciência, a moral e a arte. Antes, essas esferas de valor estavam embutidas na religião.

Recorrendo a Karl Marx, Marshal Berman (2007, p. 24) afirmava que ser ‘moderno’ era antes de mais tudo, fazer parte de um universo no qual, “tudo que é sólido desmancha no ar”. Portanto, é fazer parte de um momento de incertezas no mundo dos objetos concretos. O moderno permeia o momento da implosão de tradições e do surgimento de novos movimentos, de novos ritmos sociais, da constituição de ‘novas tradições’, algumas mais consistentes e duradouras, outras, nem tanto. O que não resiste ao tempo e ao movimento da mudança tomaremos aqui como moderno (BERMAN, 2007). Às transformações que este movimento colocava ao que era moderno numa perspectiva de enquadramento da cidade ao modo de produção capitalista, atuando por meio de classes sociais hegemônicas, de forma a manter um processo de expansão e/ou desterritorialização, sobretudo na *urbe*, denominamos modernização. Já a compreensão e aplicação da racionalidade, técnica caracterizada pelo processo cíclico de rupturas e fragmentações internas na sociedade moderna, denominamos de modernidade. Aqui, temos que, a relação entre modernidade e modernização deve ser entendida da seguinte forma: a primeira podia e deveria ser entendida como ‘racionalidade normativa e ideológica’ e a segunda como ‘racionalidade técnica e instrumental’ assim como defendia Harvey (1993).

Em outra passagem, o mesmo Berman (2007, p. 28) expõe que:

[...] para tentar identificar os timbres e ritmos peculiares da modernidade do século XIX, a primeira coisa que observaremos será a nova paisagem, altamente desenvolvida, diferenciada e dinâmica, na qual tem lugar a experiência moderna. Trata-se de uma paisagem de engenhos a vapor, fábricas automatizadas, ferrovias, amplas novas zonas industriais; prolíficas cidades que cresceram do dia para a noite, quase sempre com aterradoras consequências para o ser humano; jornais diários, telégrafos, telefones e outros instrumentos de mídia, que se comunicam em escala cada vez maior; Estados nacionais cada vez mais fortes e conglomerados; multinacionais de capital; movimentos sociais de massa, que lutam contra essas modernizações de cima para baixo, contando só com seus próprios meios de modernização de baixo para cima; um mercado mundial que a tudo abarca, em crescente expansão, capaz de um estorrecedor desperdício e devastação, capaz de tudo exceto solidez e estabilidade.

As novas paisagens altamente desenvolvidas, diferenciadas e dinâmicas, na qual têm lugar as ‘experiências modernas’ ao qual Berman (2007) se refere, encontra em Matos (2007) a contraposição campo/cidade. Pois, se para o primeiro a modernidade apresentava “uma paisagem de engenhos a vapor, fábricas automatizadas, ferrovias, amplas novas zonas industriais” dos quais emergiam “prolíficas cidades que cresceram do dia para a noite, quase sempre com aterradoras consequências para o ser humano”, para a segunda a emergência da modernidade, fenômeno que se generalizou no ocidente e fora dele, era concentradamente perceptível nas cidades e nas práticas sociais do cidadão. Ou seja, para Matos (2007) a emergência do moderno ocorre exatamente na sobreposição e no predomínio da tradição urbana *versus* a tradição rural, momento em que esta última perde força e foco nas experiências modernas. Perda de força e foco este que não significou total abandono, até mesmo porque, o movimento de modernização, marca do século XX, foi igualmente estendido à zona rural sob vários aspectos, sobretudo naqueles que englobavam parte do processo produtivo naqueles espaços assentados nas concepções de produção, consumo e acúmulo, típicas do modo de produção capitalista, fenômeno predominantemente moderno.

A emergência da modernidade, concentradamente perceptíveis nas cidades e nas práticas sociais do cidadão, alteraram domínios da vida e da cotidianidade do morador da *urbe*, mas também daqueles que se situam *no* e *entre* o campo e a cidade¹⁰³. Nela, a produção tanto ‘material’ como ‘imaterial’ “passaram a ter como destino os mercados de massa” (MATOS, 2007, p. 67).

¹⁰³ Um ‘Entre-lugar’ tanto na acepção de BHABHA (2003) em ‘**O local da Cultura**’ como em NORA (1998) em ‘**Entre Memória e História: a problemática dos lugares**’.

Os elementos de ordem teórica que fortalece a compreensão de modernidade, mas também as concepções de vida moderna estão mais clarificadas se observarmos estas duas categorias centradas nas formas de organização social na ótica da sociedade capitalista. Neste aspecto, segundo Matos (2007, p. 67),

A ideia de moderno estava relacionada a estilos de vida, novas organizações de tempo-espço, comportamentos e hábitos difundidos mais amplamente pelos meios de comunicação, também a veiculação de um modo de vida calcado em referenciais como funcionalidade, conforto, eficiência, racionalidade.

Assim, tem-se que o moderno se apresentava como uma ‘solução’ prática para alguma demanda humana cuja forma de contemplá-la, passava por uma nova forma, uma nova via, uma nova prática, uma nova ‘formula’ e um novo produto. Nestes termos, a modernidade se constituía como fenômeno humano que trazia transformações tanto materiais como culturais que possibilitava às diversas sociedades, reconhecer num campo de experiências acumuladas a projeção ou realização de novas formas e novos meios de chegar a determinadas respostas para ‘velhas’, porém, atuais, questões.

Com a modernidade, estabeleceu-se uma tendência segundo a qual

[...] uma espécie de vetor homogeneizador, que criava a impressão de que os elementos da modernidade predominavam de modo absoluto. Não que todos compulsoriamente tivessem passado a viver de acordo com esses padrões e absorvido essas perspectivas, mas as imagens desse novo ideal de vida não deixaram de ser sonhadas, desejadas e incorporadas por uns e refutadas por outros (MATOS, 2007, p. 67),

Esta perspectiva do ‘novo’ em detrimento do ‘velho’, da transformação como possibilidade à imutabilidade, encontrava na cidade e nos moradores da cidade maior penetração do que nas relações historicamente construídas e consolidadas na tradição campesina¹⁰⁴. Merrington (1997, p. 215) apontava, em linhas gerais, elementos suficientes

¹⁰⁴ Segundo Merrington (1997), na Europa feudal, por exemplo, até a ‘baixa idade média’, as demandas materiais das questões de sobrevivência humanas, quase que na sua totalidade, eram prontamente atendidas no campo através da agricultura, da pecuária e do extrativismo. Já, as questões de ordem espiritual eram atendidas nos cultos e nos ritos religiosos que no ocidente teve no cristianismo-católico seu modelo hegemônico.

para entendermos a cidade no contexto da modernidade diante da dinâmica capitalista. Para ele,

A cidade é o princípio dinâmico do progresso, o campo é inerte e passivo, exigindo um estímulo externo, o ‘puxão do mercado’ exercido pelas cidades como núcleos concentrados de transações de trocas e de riqueza em capital, que por sua vez constitui o poderoso fundamento para a ideologia da burguesia ascendente: a vitória do capitalismo é a vitória da civilização urbana e dos princípios da liberdade de mercado¹⁰⁵.

Dito de outra forma, Merrington (1997, p. 215) atribuía o progresso de produtividade no campo como uma vitória do capital urbano sobre o que ele denominava de “atraso rural”, pois, "as cidades, ao invés de constituírem o efeito, foram a causa e a ocasião da melhoria e refinamento do campo”.

A modernidade não implicou e nem implicava a construção de padronização ou hegemonização total entorno do novo, de estilos de vida, fosse em seus aspectos materiais ou culturais. A modernidade implicava desde o século XIX, a conflituosa e também harmônica convivência e manutenção de experiências residuais diante de criações emergentes, sem conflitar relações reguladoras com vistas à substituição de padrões já consolidados. A modernidade convivia e aceitava perfeitamente a tradição, desde que esta não se apresentasse como superada dentro de padrões racionais, científicos, academicamente aceitos, ainda que estes viessem a ser superados (*a posteriori*). Este era, aliás, o signo do moderno - a capacidade de perceber a superação de rotinas quando estas não respondiam mais às demandas espaço- temporais históricas e socialmente construídas (MATOS, 2007). Com o advento da *urbe*, as demandas materiais das questões de sobrevivência humana, assim como as demandas espirituais, não puderam mais ser atendidas a partir da cultura e da tradição campesina, ainda que não a dispensasse em nenhum momento. A *urbe* apresentava peculiaridades e particularidades próprias, entre elas a emergência de novas formas de pensar e agir com vistas a fomentar respostas às questões materiais vitais para a sobrevivência humana. Nela, as demandas por bens, produtos e serviços, não eram mais prontamente atendidas no escambo, na troca ou na permuta. Na cidade, evidenciou-se uma mercadoria capaz de se equiparar e ser trocada ou negociada por qualquer outra mercadoria: a moeda. Em

¹⁰⁵Para maior compreensão da relação urbano e rural na baixa Idade Media ver: MERRINGTON, Jonh. A cidade e o campo na transição para o capitalismo. In: SWEEZY, Paul; DOOB, Maurice, et al. **A Transição do feudalismo para o Capitalismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

contrapartida, embora sem negar os valores da ótica capitalista, a tradição campesina estava mais em contato com a natureza e nela ‘contemplava’ boa parte de suas demandas e necessidades.

Foi neste embate entre a ‘tradição rural’ e a emergência e consolidação da ‘tradição urbana’ que o advento da modernidade se legitimou e se situou sem negar e sem se sobrepor à primeira, apenas colocando-se como campo de possibilidades que encontrava respaldo na racionalidade técnica, no pragmatismo, na ‘crença’ num ‘estilo’ de vida consumista. Nela consolidou-se uma cultura e tradição, fundamentados em referenciais como a funcionalidade, o conforto, a eficiência, a racionalidade, o conhecimento técnico e o acúmulo.

Nesse campo de possibilidades, Matos (2007, p. 69), afirmava que na ‘trama urbana’ estabelecia-se “oposições entre solidariedades e conflitos, aumento de mobilidade e desejos de enraizamento, planificação-ordenamento e criação-identidade, num fluxo contínuo de tensões”. Isto não implicava que o moderno se estabelecia exatamente no conflito e no choque de interesses entre a tradição ruralesca e a emergente cultura urbana, entre campo e cidade, mas exatamente nos aspectos que davam identidades a cada um destes espaços e a cada uma destas culturas, sendo que o moderno era ‘contaminado’, tomado, pelo novo, diferentemente do Tradicional que se apega no que estava enraizado na tradição, insistindo nesse paradigma fixado (numa dada sociedade/cultura) como capaz de oferecer respostas pertinentes e ainda válidas.

Era importante observar que a *urbe*, por si só, não era eminentemente o lugar do eternamente moderno, nela, o novo, a transformação ou a mudança consolidava-se em ‘modelos’ aceitos e válidos se transformando em tradição ou simplesmente alguns desses ‘modelos’ envelheciam e se ‘esvaiam’ diante do novo. O mesmo se aplicava ao campo, que por si só não podia e não devia ser visto como lugar do velho, da tradição e do atraso. O campo impunha fluxos que modernizava a cidade e vice-versa.

Colocamos a *urbe* como *locus* hegemônico do moderno pela complexidade e pelo conjunto de desdobramentos novos apontados a cada instante na busca de atender as necessidades constituídas nesse espaço. Igualmente, era na cidade que se concentravam predominantemente e hegemonicamente formas modernas e sistematizadas de racionalizar respostas para as demandas cada vez mais complexas do cidadão, fosse *para* e *na* própria *urbe*, fosse para o campo.

Foi neste movimento campo-cidade, rural-urbano, que as cidades brasileiras, sobretudo as de médio e grande porte, se constituíram como campo de possibilidades e sobrevivência para contingentes populacionais cada vez mais numerosos, cada vez mais diferentes e sedentos por novas oportunidades. Neste aspecto, o advento da *urbe* como espaço do moderno, do progresso, do desenvolvimento, embora já ocorresse desde o século XIX, se intensificou no Brasil durante o século XX, notadamente na sua segunda metade.

Teresina não fugiu a esta condição e teve sua história, cultura e tradição, drasticamente alteradas ao também ‘acompanhar’, não por escolha própria, o movimento campo-cidade, rural-urbano, sem negar nem sem apagar a força e os valores da tradição agrária do país. Esta tradição agrária, somados a valores urbanos contingenciados pelas experiências de capital política, econômica e cultural do Piauí desde 1852, fez a cidade experimentar vivências envoltas de contradições (e desigualdades sociais). Nela viveram e conviveram ao longo de sua existência gerações de estabelecidos e de *outsiders*¹⁰⁶, de migrantes e imigrantes. Nela se desenvolveram historicamente relações de poder a partir das várias ‘microcidades’ nela existentes¹⁰⁷. Nela coadunavam-se forças das várias comunidades, guetos, colônias de

¹⁰⁶ Para melhor compreender as complexas e polissêmicas relações existentes entre diferentes grupos sociais existentes na cidade, assim como para compreender a lógica da configuração e das relações sociais de interdependência que se verificam na *urbe* (violência, discriminação, exclusão social, lazer, trabalho) ver: ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. Nessa obra, os autores observam a dinâmica de uma cidade (Winston Parva) analisando-a a partir de sua subdivisão em três zonas, três bairros distintos: na zona “A”, habitavam as pessoas mais privilegiadas economicamente, cuja ascensão social permitiu que elas se mudassem para a área de classe média da cidade, deixando, assim, a zona “B”; nas zonas “B” e “C” residiam os operários das fábricas locais. Entretanto, por detrás da aparente semelhança existente entre os residentes dessas duas últimas áreas da cidade, profundas disparidades foram verificadas entre seus grupos, uma vez que os habitantes da zona “B”, território mais antigo de Winston Parva, consideravam-se superiores aos demais pelo simples fato de habitarem o local há mais tempo. Não existiam, pois, diferenças étnicas, nos níveis de desenvolvimento econômico ou educacional, nem mesmo de atividade profissional entre esses sujeitos, mas, mesmo assim, os habitantes da zona “B”, chamada por eles próprios de “aldeia”, negavam-se a manter contato com os recém-chegados da zona “C”, o “loteamento”. A ‘rejeição’ (a não identidade), materializava-se exatamente pelo fato de serem recém-chegados, de serem *outsiders* na terra daqueles estabelecidos. Foi neste contexto que entendemos estabelecerem-se as múltiplas e diversas relações entre as ‘gerações de estabelecidos’ que em seu interior se subdividem socialmente, com aqueles que chegaram há menos tempo e que tentam se estabelecer (que também se subdividem em grupos sócias distintos), que veem-se também ameaçados com os ‘recém chegados’. Teresina tem seus *outsiders*, e esses, assim como os demais, tentam a todo instante se estabelecer, mas encontram resistências dos primeiros e dos segundos, restando a estes, quase sempre, a periferia da cidade e das práticas sociais da mesma, são estes os excluídos ou excluídos.

¹⁰⁷ Considerando a expressividade do crescimento populacional de Teresina que em 1950 tinha 90.723 habitantes, dos quais apenas 51.417 habitantes residiam na área urbana (correspondendo a 56.67 % da população total da cidade) e que no ano 2000 já apresentava uma população total de 715.360 habitantes dos quais 677.470 habitantes (o equivalente a 94.70 % da população) habitavam o sítio urbano da cidade, é possível afirmar que tanto o aumento populacional como a superação da população urbana em comparação a população rural da capital, deu-se exatamente e predominantemente por fluxos migratório campo-cidade e também por migração de populações de cidades (menores) do interior e de outras regiões para a capital do Piauí. Sendo estas populações que superpovoam as cidades tendo migrado, sobretudo do campo para a cidade, entendemos formarem elas, nas cidades com tradição “magnéticas” (para fluxos migratórios), dezenas de outras cidades. Essas ‘micro cidades’

moradores imigrantes que constituíram a cidade. Nestes espaços, tensões e conflitos levaram muitos de seus moradores à ‘experiências’ fragmentadas e diversificadas, contrastando com as representações tradicionais da cidade como lugar singular e de unidade (MATOS, 2007).

A imigração se constituiu como elemento importantíssimo não só na definição demográfica de Teresina ao longo de sua existência, mas igualmente na conformação de suas identidades, de sua cultura plural.

Observando de forma mais abrangente, a evolução da população do Piauí entre 1960 (1.290,821 habitantes) e o ano 2000 (2.843,272 habitantes), comparando-a com o aumento da população do município de Teresina que sai de 142.691 habitantes (1960), para 715.360 habitantes (2000), podemos constatar que a população total do Estado cresceu cerca de 220% apenas (mais que duplicando), enquanto que Teresina, neste mesmo período teve sua população aumentada em 501%, ou seja, mais que quintuplicando (IBGE, CENSO DEMOGRÁFICO 1950-2010; 2010a). Isto de certa forma nos levava a crer que Teresina, ao ter sua demografia aumentada nestes termos tornou-se campo de embates entre seus estabelecidos e seus *outsiders*, embates esses que prosseguem junto com as tramas cotidianas¹⁰⁸ da cidade. Em ambos os casos, era ‘relativamente confortável’ afirmar que este fenômeno seria impossível de ocorrer sem conflitos e tensões de ordem diversas sem afetar o cotidiano destas populações.

No caso do Piauí, a frequência destas tensões e conflitos foi mais recorrente na sua capital, uma vez que era para Teresina que convergiam à maioria das demandas do Estado e da população (piauiense e teresinense) com suas respectivas necessidades e expectativas, tornando-a num ‘turbilhão’ de vontades, desejos, anseios, sonhos e utopias, mais também de frustrações. Na Teresina das décadas finais do século XX, a maioria de suas demandas eram buscadas resolver na capacidade que a cidade tinha de fomentar o moderno, o progresso, o desenvolvimento, *locus* preferencial da modernidade. No trabalho ou lazer, na saúde ou educação, na segurança ou no cotidiano comum, era na cidade moderna que residiam as

dentro de uma cidade maior (Teresina) dar-se por força da formação de pequenas comunidades, guetos, colônias de moradores vindos das mais diferentes regiões do estado, do nordeste e até do Brasil, populações essas que trazem consigo hábitos, costumes, culturas diversas, que ajudaram a formar uma ‘colcha de retalho’, um ‘mosaico’ cultural na capital, que só é ‘una’ enquanto capital.

¹⁰⁸Para Michel de Certeau (1996, p. 31), “o cotidiano é aquilo que nos é dado cada dia (ou que nos cabe em partilha), nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão no presente. [...] O cotidiano é aquilo que nos prende intimamente, a partir do interior. [...] É uma história a caminho de nós mesmos, quase em retirada, às vezes velada. [...] Talvez não seja inútil sublinhar a importância do domínio desta história ‘irracional’, ou desta ‘não história’ [...]. O que interessa ao historiador do cotidiano é o Invisível [...]”. (1996, p. 31).

eventuais respostas às questões da sociedade na contemporaneidade. Estes elementos ajudam a entender porque, de certa forma, entre os(as) estudiosos(as) de cidade, categorias como modernidade, progresso e desenvolvimento, apresentam-se como sinônimas às questões urbanas. A este respeito, Matos (2007, p 88), afirmou que “perseguir o moderno se generalizou como uma aspiração presente na cidade, nos seus gestores e moradores”. Para ela, cabia destacar ainda que, “[...] nesse processo, diferentes sentidos da modernidade foram construídos e reconstruídos através dos tempos e por vários grupos e setores”.

Ainda que compreendidas como sinônimas, essas mesmas categorias quase sempre apresentam variáveis explicativas próprias de uma cidade para outra, de uma cultura para outra, de um país para outro. Isto implicava dizer que tanto as pequenas como as médias e grandes cidades brasileiras tinham suas particularidades e expressavam aspectos sócios históricos inerentes à ‘cultura’ do país sem desprezar os regionalismos e os fatores de ordens diversas das diferentes regiões do país.

Ainda que o espaço urbano¹⁰⁹ fosse convergente nas formas de manifestação da modernidade, do progresso e do desenvolvimento, este espaço era igualmente marcado pela atuação das forças da tradição. Ou seja, sem a tradição era impossível perceber o movimento que levava à modernização da *urbe*. Assim tinha-se que tanto nas cidades como na zona rural, o encontro ou embate entre modernidade e tradição era importantíssimo para manter o equilíbrio no processo de reconstrução desses espaços de forma dialógica a conciliar tanto vontades de rupturas como de permanências. Era, portanto na contraditória relação que o moderno mantinha com o tradicional e que o novo mantinha com velho, que encontrávamos movimento naquilo que outrora era visto como estático, mas que nos fazia ver no que era aparentemente imutável, a suave silhueta da mudança. Aqui a relação com o novo, com o moderno, com o inovador assumiu o mesmo significado e atribuiu ao efêmero valor até então pouco consolidado. Por ele, novas trajetórias de ver, sentir, ouvir, consumir a cidade ganharam novos contornos. Nele pululavam elementos de uma cultura centrada na produção e no consumo, na opulência do novo e na ameaça à tradição que não se alinhava aos ditames da racionalidade técnica de viés mercadológico.

Diante do novo, elementos consolidados na tradição e que outrora se apresentavam como imutáveis foram gradativamente sendo substituídos sem nenhum apego. A tradição, neste caso, apresentava-se como uma ameaça ao progresso ao atuar sobre este como

¹⁰⁹ Para Roberto Lobato Correa (2002) o espaço urbano compreende espaço simultaneamente fragmentado, articulado, reflexo e condição social, igualmente simbólico e campo de lutas.

“bloqueio”, como um entrave, o que, portanto, justificava sua superação (HOBSBAWM, 1985).

Sem o novo não haveria que entendemos como velho. Logo, sendo o velho (o antigo), a ‘matéria prima’ da história e do historiador, estes só existiam por inevitável existência da mudança e do efêmero (da transformação). Em síntese podemos afirmar que a História existe e sobrevive graças ao embate entre a tradição e as rupturas que nela se estabelecem, essas rupturas convergem para a formação do entendemos como novo, logo como moderno. A história, portanto, precisa da dialética da mudança que se instala no conflito entre o antigo e o novo, entre o tradicional e o moderno para existir. Em equivalência era o que W. Benjamin (2000) chamaria de modernidade ‘metamorfoseando-se’ para continuar a existir.

A categoria ‘modernidade’ possui diferentes concepções e flexibilidade conceitual enquanto objeto de estudo do historiador podendo representar diferentes interpretações. Seu uso em diferentes temporalidades e manifestações históricas necessitava, portanto, de situá-la no espaço-tempo, uma vez que ela estava associada à ideia que cada tempo fazia de si e de uma dada ‘novidade’ que ele oferecia em relação a seu presente e ao passado. Isto nos levava a deduzir e afirmar que cada época elegia o que considerava necessário para compor sua própria modernidade. Segundo Fontinelis (2009, p. 02), cada modernidade estava circunscrita em um tempo/espaço que lhe era particular e que possibilitava ainda “estabelecer comparações e distinções, indicando geralmente uma noção de superioridade do presente em relação ao passado comparado”, embora em certas configurações nem sempre isso se confirmasse. Assim, ser moderno se apresentava como algo em constante processo de mudança no qual se chegava a algo novo. Era em equivalência o mesmo que a superação de uma tradição. Ou, uma tradição tendo o seu prazo de validade vencido social e culturalmente. No seu lugar, o que dele emergia era dado como novo ainda que passivo de superação, portanto, de matéria-prima da história.

Mais uma vez recorremos aos escritos de Cláudia Fontinelis (2009, p. 2-3) para amparar fundamentos da discussão em torno da categoria ‘modernidade’, pois, para ela, a modernidade, “além de ser uma manifestação histórica, é uma manifestação circunscrita há um tempo histórico que eleger prioridades e valores, estabelecendo distinções entre o ‘antes’ e o ‘depois’ com os olhos do porvir”. Assim, cada época elegia sua modernidade e lutava por conquistá-la e por refigurá-la conforme seus anseios e necessidades, mas também mediante suas possibilidades. Para a autora, discursos e projetos do moderno estão sempre em renovação, mutação, em construção e busca do “porvir”.

A compreensão da categoria modernidade poderia igualmente ser melhor explicitada não pelas suas próprias características, mas por seus elementos opostos, a exemplo do conceito ou concepção da categoria tradição. Segundo Silva e Silva (2009, p. 406) a categoria tradição teve originalmente um significado construído no meio religioso e buscava transmitir a doutrina ou prática religiosa transmitida século a século, através de exemplos ou pela oratória. Sentido que depois se expandiu, passando a poder significar elementos culturais diversos presentes, por exemplo, nos costumes, nas artes, numa tradição herdada no passado. Em sua definição mais simples, “a Tradição é um produto do passado que continua a ser aceito e atuante no presente. É um conjunto de práticas e valores enraizados nos costumes de uma sociedade”.

A tradição tem, na perspectiva sociológica, a função de preservar em uma dada sociedade costumes e práticas que já demonstraram ser eficazes no passado. Para Weber, os comportamentos tradicionais são formas puras de ação social, são atitudes que os indivíduos tomam em sociedade e são orientadas pelo hábito, pela noção de que sempre foi assim. O comportamento tradicional seria, então, uma forma de dominação legítima, uma maneira de se influenciar o comportamento de outros homens sem o uso da força (SILVA; SILVA, 2009, p. 405).

Nas observações das Ciências Sociais, com o advento da sociedade industrial, a tradição passou a ter dificuldades em acompanhar as transformações e, à medida que o Liberalismo e o Individualismo foram ganhando espaço no Ocidente, os comportamentos tradicionais passaram a perder Espaço, cedendo lugar a rotinas cada vez mais assentadas na ciência e na técnica.

Embora se apegue ao interesse pela permanência, pela preservação de determinados hábitos e costumes, a tradição não diz respeito tão somente a algo estático, parado num tempo-espaço, “as tradições evoluem e se transformam com as novas necessidades de cada sociedade, funcionando inclusive para impedir que ela se dissolva”, o que levava ao surgimento de novas tradições (SILVA; SILVA, 2009, p. 406).

Outro elemento que merece destaque é que nem tudo que diz respeito à tradição, situa-se no campo da sociedade não industrial, pois, todas as sociedades, mesmo as ditas modernas, a exemplo das sociedades capitalistas contemporâneas, possuem tradições. É por ela que a modernidade é percebida, mesmo em sociedades industriais. Para o historiador Eric Hobsbawm (1984), a tradição é igualmente inventada em dados contextos para assegurar

determinados valores e normas de conduta ou controle social mesmo na modernidade.

Segundo Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva (2009, p. 407).

O termo tradição possui muitos significados: pode estar atrelada ao conservadorismo e ao resgate de períodos passados considerados gloriosos; pode ser inventada para legitimar novas práticas apresentadas como antigas. Muitas vezes é pensada como imóvel, mas hoje cada vez mais estudiosos percebem suas ligações com as mudanças.

As tradições têm como função legitimar determinados valores pela repetição de ritos antigos (ou de ritos definidos como antigos, no caso das tradições inventadas), que dariam uma origem histórica a determinados valores que devem ser aceitos por todos que se opõem a costumes novos.

Se conceitualmente a categoria tradição podia representar conservadorismo, resgate, imobilidade, valores, repetição, preservação, invenção, ritos, o certo era que sua percepção se dava exatamente na ocorrência ou na percepção da mudança.

Os estudos sobre ‘Cidade’ ou sobre ‘Questões urbanas’, sobretudo, aqueles vistos numa perspectiva de buscar captar elementos da modernidade nestes espaços, eram constantemente atravessadas por outras categorias conceitualmente (ou aparentemente) sinônimas. Na tentativa de descrever o processo de modernização da cidade de Teresina e das mudanças nos hábitos e costumes dos seus moradores em decorrência dessa modernização, as categorias ‘crescimento urbano’ e ‘desenvolvimento urbano’, apesar de guardarem suas diferenças conceituais, apareceram, vez por outra, como sinônimas tanto nas fontes primárias como nas secundárias, condição que nos levou à necessidade de conceitua-las nas análises sobre Teresina à luz do seu processo modernizador nas três décadas finais do século XX.

Ao observar a constituição destes fenômenos urbanos na cidade de Teresina no recorte proposto, sentimo-nos na responsabilidade de, minimamente, diferenciá-los no tocante à capital do Piauí naquilo que se apresentou como mais explícito na história da cidade: seu movimento de modernização marcado por transformações urbanas com desdobramentos na mudança de hábitos e costumes de seus atores sociais.

As cidades modernas foram afetadas, tanto pelo fenômeno da urbanização como do crescimento urbano. Analisando-os à luz do movimento de modernização de Teresina nas décadas finais do século XX, dele decorre a necessidade de diferenciar ‘desenvolvimento urbano’ de ‘crescimento urbano’.

À ‘urbanização’, denominaremos o conjunto de ações humanas que provocam na cidade tanto o seu ‘crescimento urbano’ como o seu ‘desenvolvimento urbano’, podendo alterar ou não a estrutura urbana, econômica, cultural e comportamental de seus habitantes. A urbanização incorporava elementos de ordem infra estrutural, organizacional, administrativo e de serviços que visavam atender às demandas de seus cidadãos. Um bom exemplo diz respeito à mobilidade urbana e o setor de transportes.

A Urbanização, fenômeno inerente à maioria das médias e grandes cidades no Brasil no século XX, sobretudo na sua segunda metade, foi fenômeno constituído resumidamente de dois outros fenômenos: a industrialização e a imigração. A urbanização podia ainda ser observada a partir da relação causa-efeito tanto do ‘crescimento urbano’ como do ‘desenvolvimento urbano’.

De forma simplificada, os elementos conceituais que nos ajudam a compreender ou a diferenciar cada um destes fenômenos eram: o primeiro consistia em ações que levavam à urbanização de uma cidade através de intervenções não necessariamente planejadas, não organizadas ou não sistematizadas - informais. Por exemplo, pelo surgimento de vilas ou por favelas, uma cidade podia crescer sem necessariamente se desenvolver. Já o segundo, consistia exatamente na execução de ações planejadas e elaboradas formalmente com vistas a dotar o espaço urbano de políticas ‘positivas’ de organização e funcionamento. Por exemplo, os conjuntos habitacionais foram, quase sempre, pensados e construídos de forma a poder oferecer aos seus moradores um mínimo de qualidade, conforto e urbanidade, já que neles estavam inclusos quase sempre a oferta de serviços que asseguravam o mínimo de urbanidade¹¹⁰. Neste aspecto era necessário observar que as vilas e favelas - mesmo originárias na sua maioria na informalidade – eram espaços passíveis de ações planejadas, logo formais, podendo vir a constituir a cidade numa perspectiva de espaço de desenvolvimento urbano. Para isto, bastava políticas de intervenções urbanísticas, sociais, culturais e de lazer a exemplo do que ocorreu com o ‘Projeto Vila Bairro’ ou o ‘Projeto Morar Bem’ ou outros projetos de melhorias habitacionais e urbanísticas, além de ações para resolver questões ligadas à posse e usos dos lotes de terra, invadidos/ocupados ou não.

Ao crescimento desordenado das cidades que inclui adensamento e crescimento populacional por conta do êxodo rural e de processos migratórios intercidades, atribuiu-se

¹¹⁰ Como fornecimento de água, energia elétrica, serviço de coleta de lixo, transporte público, posto de saúde e escolas, etc. No aspecto fornecimento de água, mesmo com a expansão da capacidade de oferta de água tratada às mais diversas áreas da cidade, a capital do Piauí entrou o século XXI tendo ainda severos problemas de abastecimento, sobretudo nas regiões mais altas da cidade.

responsabilidade potencial pela maioria das questões e problemáticas que afligem as *urbes* à exemplo das desigualdades sociais, da favelização, dos congestionamentos, da poluição, das diversas formas e tipos de violência, da insegurança, do desemprego ou subempregos, da informalidade funcional, do analfabetismo, entre outros.

Na Teresina moderna o crescimento urbano vinha precedido de problemas a resolver: favelização, desemprego, déficit habitacional, analfabetismo, violência, etc. O ‘Crescimento urbano’ criava novos problemas ou agudizado os já existentes, ainda que demandas de resolutividade fossem igualmente buscadas exatamente pelo advento da racionalidade técnica, outra condição da modernidade. Nesta mesma *urbe*, o ‘desenvolvimento urbano’ vinha precedido de ações reguladoras e criadoras de condições mínimas de moradia, lazer, escola, convivência, civilidade, mediante ações ‘positivas’ no ‘desenvolvimento urbano’ do seu sitio com implicações numa melhor qualidade de vida de parte de seus moradores ou de seus frequentadores¹¹¹.

A concepção de ‘crescimento urbano’ adotada nestes escritos perpassava elementos de ordem tanto estrutural como infra estrutural no tocante às transformações pelos quais passavam as cidades, podendo ser ele ‘ordenado’ ou ‘desordenados’. O primeiro era regulado, normatizado, sistematizado, tanto pelo ‘poder público’ como pelo cidadão, a exemplo das obras ou construções que obedecem aos códigos e leis urbanísticas municipais - que ajudam a compor a compreensão de ‘desenvolvimento urbano. Já o segundo era desregulada, desorganizada, informal, igualmente realizado tanto pelo ‘poder público’ como pelo cidadão - a exemplo das ocupações ou invasões que resultavam em construções irregulares ou mal planejadas ou no surgimento de vilas e favelas, sendo que ambas feriam as normas presentes nos códigos de ordenamento urbano presentes em quase todos os municípios brasileiros. Ao crescimento urbano ordenado da cidade, o enquadraremos nestes escritos como fenômeno fomentador e potencializador do desenvolvimento urbano, que por sua vez se aproxima da noção de ‘progresso’ e de ‘modernização’ urbana com o qual estamos trabalhando.

Já a concepção de ‘desenvolvimento urbano’, perpassava obrigatória e exclusivamente, a adoção de elementos planejados, ordenados, regulados, normatizados, sistematizados, tanto pelo ‘poder público’ como pelo cidadão nas ações transformadoras, tanto de ordem estrutural como infra estrutural da cidade a exemplo do cumprimento nas

¹¹¹ As cidades podem ainda passar por um processo inverso de crescimento urbano, marcado por diminuição populacional, retração das atividades econômicas e até mesmo perda de parte de seu sitio urbano, fenômeno denominado de ‘encolhimento urbano’ ou ‘retração urbana’.

novas construções, nas demolições ou também nas reformas dos códigos e leis urbanísticos que regulam as diferentes formas e tipos de uso do solo das cidades.

Os países desenvolvidos também apresentavam problemas urbanos decorrentes do crescimento urbano desordenado, não sendo, portanto, este fenômeno uma marca das cidades de economias periféricas. A diferença básica deste fenômeno em desfavor dos países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento era que, quase sempre, as questões e problemas urbanos mais agudos, passavam pela questão da favelização com desdobramentos diversos. Não estava tão somente no traçado muitas vezes irregular, tortuoso, disforme ou impreciso do solo, das ruas e avenidas, marca das favelas brasileiras, por exemplo. No caso das cidades europeias, algumas consolidaram processos de urbanização em áreas de solo bastante sinuoso (irregular, tortuoso, disforme), à exemplo das muitas cidades à beira do Mediterrâneo, no entanto, não desenvolveram ou não mantiveram os problemas sociais percebidos nas cidades de países subdesenvolvidos ou em desenvolvimento.

O caso Francês, quero crer, inaugurou o discurso e a prática da adoção do conceito de moderno para as cidades no ocidente. No Brasil, o século XX se apresentou como o espaço/tempo onde perseguir o moderno ‘generalizou-se’ nos discursos e nas práticas interventivas tanto de gestores como dos moradores da cidade. Nela, na cidade, o elemento divisor entre o ser moderno e o ser tradicional apontava para ‘o novo’ como elemento a ser buscado, incorporado. Assim, tudo, ou quase tudo, que rompia fronteira com o já existente, sendo dotado de concepção modernizante, era, potencialmente, colocado como aceito, como bem vindo. *Na e para* a cidade, os elementos que transformassem sua estrutura física ou o comportamento de seus habitantes numa perspectiva modernizante eram ‘prontamente’ aceitos. Eram ainda colocados como algo a ser buscado, dado forma e materialidade na cidade, sobretudo se estas transformações incorporassem as tecnologias e as demandas de mercados advindas do modo de produção capitalista.

Outro ponto que nos ajuda a compreender melhor esta noção de moderno na cidade, dizia respeito ao estreitamento de significado entre a categoria ‘atraso’ à noção de ‘problema’ urbano. Aqui o moderno assumia a condição de solução, logo, o futuro da cidade e a modernidade pareciam se associar conceitualmente nas formas de pensar e produzir a cidade. Era, portanto, a noção de ‘solução’ ou ‘resolução’ dos problemas das cidades que justificavam, perante seus moradores, as ações interventivas e transformadoras das cidades a partir da perspectiva do ‘novo’ - da ‘modernidade’, do ‘desenvolvimento’, do ‘progresso’.

A Modernidade e os ‘Signos’ ou ‘Estigmas’ da Cidade

Como já afirmado, a cidade moderna como lugar complexo, dinâmico e plural, acaba possibilitando a existência de ‘outras várias cidades’ no seu interior. Cidade cultura, cidade economia, cidade religião, cidade lazer, cidade negócio, cidade ordeira, cidade delinquência, cidade de imigrantes, cidade de nativos, várias cidades ‘povoam’ e podem ser percebidas em Teresina.

Na capital piauiense, tenha sido através do poder público ou através da iniciativa privada, todos os projetos interventivos transformadores da cidade ao longo de sua história, de alguma forma, objetivaram resolver algum tipo de problema, fosse individual ou coletivo, público ou privado, mesmo que em algum momento tenha trazido outro tipo de problema ou prejuízo a outro ou à cidade. Dois exemplos servem bem para ilustrar esta questão, um diz respeito à geografia da cidade, que, delineada pelas calhas dos leitos dos rios Poti e Parnaíba, acabaram interferindo em outras intervenções estruturais urbanísticas da cidade. A outra diz respeito à mobilidade urbana, pois, a linha férrea que cortava a cidade no sentido sudeste/noroeste, acabava afetando drasticamente os usos do solo urbano da cidade, sobretudo, pelo sistema de transporte urbano delineando formas ‘aleijadas’ no crescimento da cidade que passava a ter sua mobilidade comprometida pela linha férrea que corta boa parte do perímetro urbano.

Estes dois casos, somados a outros elementos como a horizontalização provocada pela favelização, pelos conjuntos habitacionais e pela criação de loteamentos; pelo adensamento populacional em áreas de alto *status* via verticalização imobiliária e comercial; mais a incorporação de áreas outrora pertencentes ao perímetro rural da cidade, impuseram para além do centro da cidade, outras zonas de povoamento, ocupação e urbanização com padrões distintos. Estes aspectos ajudaram a definir como cada região da cidade foi se compondo no imaginário de seus moradores ao longo de todo o século XX.

Embora o século XX tenha sido marcado intensamente por transformações que impôs a Teresina mudanças no seu sítio urbano, a década de 1970 inaugurou um momento de grandes intervenções na cidade, levando a expandir seu sítio urbano consideravelmente nas décadas de 1980 e 90 nos sentidos sul, norte, sudeste e leste – estes três últimos expandindo a geografia urbana da cidade para além dos rios que demarcavam o sítio/quadrante em formato

xadrez originário da ‘velha cidade’ - processo esse que seguiu nos anos que abriram o novo século (XXI).

O processo de crescimento da cidade no sentido zona sul delineou-se por diversos fatores: uma população de nível social médio em algumas áreas dessa região; a proximidade com o centro da cidade; relevo relativamente plano (exceto alguns bairros como o Monte Castelo, Três Andares e Macaúba); a não existência de áreas alagadiças e à construção de conjuntos habitacionais como o Saci e o Parque Piauí, o Promorar, o Bela Vista e o Morada Nova, que foram ocupados marcadamente por funcionários públicos ou pessoas estabelecidas funcionalmente, ajudaram a ‘segregar’ parte da região sul como área de *status* social médio. Além das áreas já citadas, gozavam deste *status* médio na zona sul os bairros Ilhotas, Piçarra, Vermelha, Cajueiro e Pio XII. Mesmo assim, muitas famílias de baixa renda buscavam estes espaços como única possibilidade de morar na cidade em áreas mais próximas ao centro comercial.

A Zona Sul foi ocupada principalmente ao longo das vias de comunicação, seguindo as áreas mais elevadas do planalto, como a ‘estrada do gado’ (atual Av. Miguel Rosa). O primeiro bairro que se formou nessa região mais próxima do rio Poti (que abriga vários bairros e ainda hoje é conhecida por Catarina), recebeu e permanece até hoje com o nome de ‘Piçarra’, por ter sido essa estrada aterrada com o material assim chamado pela população. O traçado do prolongamento dessa avenida para o Sul, acompanhou os divisores de água dos afluentes dos rios Poti e Parnaíba, nos topos dos baixos planaltos, até ligar-se à BR-343 que segue para o Ceará e Pernambuco (TERESINA, 2015, p. 5).¹¹²

Do ponto de vista da instalação de empreendimentos, a zona sul recebeu a sede da Companhia Energética do São Francisco – CHESF, o polo industrial, a Central de Abastecimentos (de frutas, verduras e legumes) – CEASA, entre outros, no entanto o que deu notabilidade econômica à região sul foi a construção do Distrito Industrial com consequente instalação da ‘Cervejaria Antártica’ na década de 1980.

¹¹² Para melhor compreender o processo de ocupação da zona sul de Teresina ver: TERESINA, Prefeitura Municipal de - PMT. **Teresina Agenda 2015**: A cidade que queremos. Diagnósticos e cenários: Meio Ambiente. Elaboração: Iracilde Maria de Moura Fé Lima – UESPI – Coordenadora, Antônio Luiz Alves de Oliveira – FLOAGRO, Carlos Antônio de Moura Fé – IBAMA, Maria Goretti Maia Mendes – PMT, José Herculano de Carvalho – EMBRAPA. Teresina-PI: s/d. disponível em <http://teresina.pi.gov.br/portalmpt/orgao/SEMPPLAN/>. Acessado em 27 de fevereiro de 2015, p. 5.

A região norte da capital, apesar de ter bairros relativamente organizados no seu ordenamento urbano, à exemplo do Marquês, da Vila Operaria, de parte do bairro Matinha, do Mafuá, do Aeroporto e do Acarape, teve sua geografia e seu processo de urbanização sistematizado, marcadamente comprometido pela influencia hidrográfica dos rios Poti e Parnaíba. Na região norte da capital, área mais inóspita e de menor valor imobiliário da periferia teresinense - causa-efeito da influencia dos rios e de lagoas no baixo relevo/hidrografia da região - cresceu uma cidade desordenada e desorganizada. Parte desta desorganização se deu por conta da ausência do estado, da falta de uma cultura higienista dos moradores, da falta de conhecimento técnico habitacional dos moradores e por conta de condições econômicas de construir edificações nos parâmetros dos códigos e órgãos que regulamentam a construção de imóveis na cidade. Contribui ainda a formação de vilas e favelas em sobras de terreno nas proximidades daqueles rios.

Nos casos das áreas ocupadas irregularmente e rapidamente transformadas em favelas e vilas, a intervenção pública através de serviços básicos como água, luz, calçamento, coleta de lixo, escola, segurança, ficou limitada devido à falta de regularização fundiária dos espaços ocupados que, legalmente, eram propriedades privadas e não podiam sofrer intervenções com custeio público.

Nesta mesma região, ao longo das últimas décadas, também ocorreu a expansão de áreas urbanas sobre espaços que outrora correspondiam a zona rural da cidade. Neste espaço, sítios e chácaras já existentes ou novos que foram construídos, passaram a integrar a zona urbana de Teresina. Nela, no lugar de casas de taipas ou casas mais rústicas, foram construídos em áreas planas ou altiplanos, casas de campo arejadas, num processo mais 'natural' e espontâneo do que organizado. Neste caso, a intervenção do poder público encontrava limitações na organização e regulação do crescimento da cidade, uma vez que estas propriedades eram, quase sempre, de pessoas de alto poder aquisitivo ou ligadas, de alguma forma, à elite política, administrativa ou econômica da cidade, o que provoca quase sempre demandas judiciais favoráveis aos moradores. Situação outrora vivenciada pela zona leste que primeiramente ocupada por sítios e chácaras foi aos poucos se transformando em área de elevado *status* habitacional e comercial. Nestes casos, historicamente 'falava mais alto' o poder econômico, político, administrativo e cultural¹¹³ que, fazendo uso de sua influência, impediam as ações públicas.

¹¹³ Quase sempre pessoas com elevados índices de escolarização quando comparados à media de escolarização local.

Nas partes mais baixas, úmidas e pantanosas da cidade de Teresina, a exemplo dos bairros da zona norte situados entre os rios Poti e Parnaíba, a cidade se expandiu de forma irregular, deficitária de bens e logradouros públicos, abrigando precariamente seus moradores - a massa de trabalhadores, autônomos, desempregados, imigrantes e operários - a conviver quase sempre em condições insalubres com a miséria, a fome, o desemprego, o analfabetismo, a violência, a carestia. Nestas áreas pululavam as dificuldades com a moradia. Embora não fosse uma condição exclusiva da zona norte de Teresina, nela predominavam um número muito grande de lagoas e áreas alagadiças em decorrência da presença próxima dos dois rios que banham a cidade¹¹⁴.

Considerando as péssimas condições em que viviam a grande maioria dos moradores da zona norte de Teresina, sobretudo aqueles residentes nos bairros Poti Velho, Mafrense, São Joaquim, Matadouro e Nova Brasília, boa parte deles tinham seus hábitos cotidianos de sobrevivência ligados às atividades típicas de ribeirinhos dos rios Poti e Parnaíba, sobrevivendo da pesca, da olaria produzindo tijolos e telhas, do artesanato de barro produzindo jarros e filtros ou cultivando pequenas roças e hortas nas proximidades destes rios. Neste caso, a condição natural, somada a fatores históricos da ocupação da área como a falta de regularização fundiária, acabou por 'estigmatizar' aquela região como área de baixo *status*, condição percebida nos preços dos imóveis, tidos como os de menor valor imobiliária da cidade.

A zona leste de Teresina caracterizou-se ao longo de sua ocupação como área de alto *status*. Sua origem como espaço segregado de elevado valor imobiliário estava intimamente ligada ao processo de ocupação do solo e da expansão urbana ocorrida em Teresina do lado leste do rio que 'corta' a cidade em dois 'territórios' bastante distintos. Antes da construção da ponte Juscelino Kubitschek sob o rio Poti na continuação da Avenida Frei Serafim continuação leste com a BR 343 na área urbana da cidade - via que na década de 1980 passou a se chamar Avenida João XXIII - a zona leste de Teresina compreendia área intermediária entre a zona rural e o sítio urbano da zona central da cidade.

¹¹⁴ Este tipo de problemática era característica recorrente em quase todas as capitais do país, sobretudo aquelas que têm seu sítio urbano situado nas proximidades de rios ou que estão situadas na beira mar, este último caso, pela ocupação de morros e encostas à exemplo do Rio de Janeiro.

A atuação da igreja foi elemento primordial para o início do povoamento da zona Leste, e especificamente do bairro de Fátima, já que a instituição se fez presente não só pela pequena igreja que foi edificada ali, como também pelo Centro Social de Fátima, que, por muito tempo prestou serviço aos moradores do bairro e da zona como um todo, especialmente depois que a pequena igreja foi elevada à condição de Paróquia, em 1969, pelo Arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela (ARAUJO, 2009, p. 105).

Esta área foi durante muito tempo ocupada principalmente por chácaras e sítios utilizados por seus proprietários e familiares nos finais de semana em momentos de descanso e de lazer ou mesmo como moradia. Condição que não suportou o processo de modernização, de crescimento e de desenvolvimento urbano, fenômenos agudizado na década de 1970 e dado continuidades nas décadas de 1980 e 1990.

As modificações urbanas verificadas em Teresina se processam, de forma mais visível, através da produção de habitações destinadas às classes sociais mais abastadas, caracterizando-se como uma produção verticalizada e de forte conteúdo elitista, o que projeta no imaginário coletivo uma concepção de cidade moderna, ao mesmo tempo em que cria e/ou consolida áreas urbanas segregadas espacialmente. Os indicativos desse processo estão expressos nas alterações urbanísticas verificadas em algumas áreas da cidade, notadamente nos bairros Frei Serafim e “área do Jóquei”, formada pelos bairros Jóquei Clube, Fátima, São Cristóvão, Horto Florestal e, ainda, o bairro dos Noivos e Cabral. Essas alterações estão relacionadas com a produção de edifícios de apartamentos, configurando uma nova forma de ocupação dessas áreas, com profundas mudanças na paisagem urbana (LIMA, 2001, p 14).

Ser área de moradia, descanso e lazer inicialmente, com aspectos ruralescos, porém muito próximo do sítio urbano da cidade, tendo apenas o rio como ‘obstáculo, contribuiu para que em pouco tempo se estabelecesse ali uma pista de corrida de cavalos, onde aqueles mais abastados ocupavam parte do seu tempo compondo moradia, descanso, lazer e negócios.

Neste aspecto é importante anotar que o sítio do quadrante original da cidade estimulava a interligação da cidade por uma ‘raio’ de um rio a outro, ou seja, do Parnaíba ao Poti foi planejado uma via que de certa forma estimulava o crescimento da cidade no ‘entresrios’ e não necessariamente na direção sul, área potencialmente capaz pela inexistência de barreiras naturais, condição que os rios representavam.

A ocupação da zona leste de Teresina se originou até mesmo antes da construção da ponte de madeira sobre o Poti, possibilidade tornada concreta pelo fluxo da navegação em

pequenas embarcações que faziam a travessia de pessoas, animais e mercadorias entre aquela região e o lado do centro expandido da cidade que vinha desde a área da beira do rio Parnaíba (Avenida Maranhão) até as margens oeste do rio Poti (Avenida Marechal Castelo Branco)¹¹⁵.

A construção da ponte de madeira - em menor grau, e depois da ponte de concreto - em maior grau, potencializou não só o crescimento da cidade naquela direção, como também favoreceu intenso processo de desenvolvimento e de urbanização da zona leste possibilitando a ela constituir os elementos favoráveis à sua transformação em área de alto *status*.

A construção da Ponte JK, sobre rio Poti, inaugurada em 1957, contribuiu para acelerar o processo de ocupação elitista daquela área da cidade. Sua origem como área de alto padrão e de alto valor imobiliários esteve ligado a diversos fatores, sobretudo, o poder aquisitivo das primeiras famílias que ali mantiveram propriedades e a própria qualidade de casas, sítios e chácaras ali construídas. No pós década de 1970, esta valorização intensificou-se mediante processo de verticalização; da transformação da área em regiões de forte comércio, além da própria valorização imobiliária especulativa. Somem-se a isto, as constantes intervenções públicas na estrutura urbana da região, dotando-a de largas ruas e avenidas, todas pavimentadas com calçamento poliédrico ou asfalto, saneamento básico, coleta de esgotos e dejetos sanitários, etc.

Tendo este histórico de área de moradia, descanso, lazer e negócio - mesmo que com aspectos ruralescos - e contando com a construção de uma pista para corrida de cavalos, pista esta que acabou servindo de 'embrião' para a criação de um dos mais importantes e mais tradicionais clubes sociais de Teresina até fins da década de 1990 - o Jockey Club do Piauí - não demorou para que a região leste se transformasse na mais valorizada e na melhor área urbanizada da cidade.

A zona leste que no início servia como espaço de 'refúgio' para moradia, descanso, recreação e lazer da elite piauiense que morava ou passou a residir em Teresina à medida que a cidade se modernizava tornando-se centro magnético atrativo de populações do interior do

¹¹⁵ Semelhante ao que ocorreu com a zona Leste de Teresina, tivemos com a ocupação da zona norte no entorno da Santa Maria da Codipi. Neste caso, a travessia de veículos, mercadorias e pessoas era feita até o início da década de 1990 tanto por pequenas embarcações como por uma balsa, popularmente denominado de 'Pontão'. Com a construção da Ponte sobre o rio Poti no bairro Poti Velho, não demorou para que novos bairros, vilas e favelas se estabelecessem naquela região da cidade, forçando o poder público à realização de obras de urbanização e melhorias habitacionais, notadamente destacado pelo 'Projeto Vila Bairro' e pela construção de dezenas de conjuntos habitacionais. Na transição para o século XX, a região da 'Grande Santa Maria da Codipi' já aparecia como uma das que mais crescia, condição explicitamente possibilitada pela construção da ponte do Poti Velho que favoreceu a inserção daquela região no tecido urbano de Teresina.

estado e de todo o “meio norte” acabou se transformando num local de ‘segregação’ como evidenciou Irlane Gonçalves de Abreu ainda em 1983 em sua dissertação de mestrado.

Do ponto de vista habitacional, à medida que esta área ganhava o *status* de área elitizada da cidade, pessoas de alto poder econômico passaram a buscar residir ali, assim, a especulação imobiliária passou a atuar fortemente criando os primeiros loteamentos residenciais que deram origem aos bairros Jóquei Clube, Fátima, São João, São Cristóvão e Ininga.

A modernização e desenvolvimento da região leste deveu-se, entre outros fatores, ao fato de que durante décadas nela foi se desenvolvendo intenso processo de segregação, transformando-a gradativamente de área de habitação da classe média e média e alta da cidade em área comercial, condição que igualmente favoreceu a implantação de vários empreendimentos na ótica da cidade capitalista, fazendo aquela região também tornar-se importante zona de comércio e de prestação de serviços da cidade, a ponto de na década de 1990, ali se estabelecerem dois shoppings centers, empreendimentos comerciais e de serviços que abriram uma nova fase desenvolvimentista daquela região¹¹⁶.

Como afirmado anteriormente, o crescimento urbano da região leste de Teresina ganhou ainda mais vigor e intensidade na segunda metade do século XX por ocasião primeira da construção da ponte sobre o Rio Poti. No entanto, na década de 1970, outra obra modernizante da cidade consolidou aquela região como espaço ‘privilegiado’ da cidade. A instalação do Campus da Universidade Federal do Piauí transformou sobremaneira, não só aquela região como a cidade no todo sob diversos aspectos. Era a cidade de Teresina entrando na ‘era do conhecimento científico e tecnológico, experiências já vivenciadas isoladamente com as Faculdades de Direito, de Medicina, de Filosofia e de Odontologia.

Urbanisticamente, a criação do Campus da Universidade Federal do Piauí no bairro Ininga acelerou o processo de intervenções públicas e privadas naquela região com destaque para a construção da ponte da Primavera e de várias avenidas. A ligação da Avenida João XXIII ao Campus da UFPI no bairro Ininga através da Avenida Nossa Senhora de Fátima ajudou a dilatar a geografia e o sítio urbano da cidade, contribuindo ainda mais para a valorização imobiliária daquela região.

¹¹⁶ A existência de sítios ou chácaras e o elevado padrão econômico e social de muitos dos seus moradores, favoreceu na ocupação fundiária da cidade naquela região que a mesma preservasse alto valor imobiliário tanto para a moradia como para o empreendimento empresarial.

Imagem 02: Vista Aérea do Campus da Universidade Federal do Piauí em Teresina na década de 1980

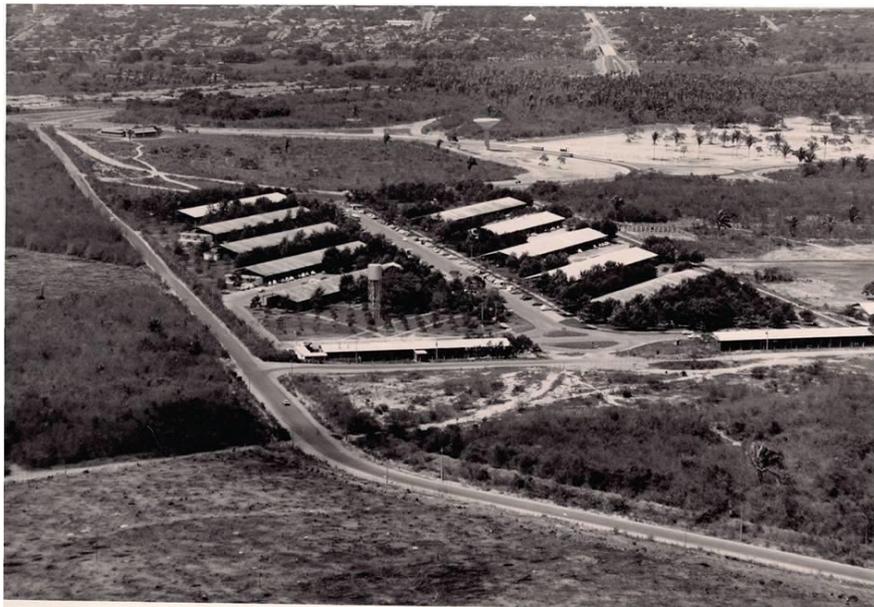


Foto: Acervo **FUNDAC** - Vista aérea do **Campus da UFPI - Ininga** e seu entorno pouco habitado ou urbanizado

Como é possível observar na imagem anterior, a construção do Campus ad UFPI foi feito numa região ainda bastante afastada de áreas habitadas da zona leste abrindo uma enorme ‘vácuo’ ocupacional que acabou sendo preenchido no decorrer das décadas de 1980 e 1990, assim como ocorrera na zona sul pela criação dos conjuntos habitacionais do Parque Piauí, Saci, Promorar, Bela Vista e Morada Nova. Ou ainda na zona sudeste pela construção dos conjuntos Dirceu Arcoverde e Renascença. Situação também comum na zona norte pela construção do IPASE e Primavera nos anos de 1960 e 70 e do Acarape e Mocambinho na década de 1980.

Todo o crescimento da região leste e as demandas por regularização das diferentes formas de uso do solo da capital acabou por influenciar o poder público municipal a buscar melhor regular a questão fundiária urbana da cidade vindo a criar o Plano Diretor do Município, instrumento pela qual a Prefeitura de Teresina passou a estabelecer a definição de dimensões dos lotes urbanos assim como também a regular e melhor controlar a construção, demolição e reformas das casas e outras edificações a partir da obrigatoriedade do recuo mínimo em relação ao passeio público (rua ou avenida) para as novas edificações. Neste caso, a presença do poder público regulando e organizando a questão fundiária, sobretudo preservando áreas para ruas e avenidas acabou contribuindo para aumentar ainda mais a

atração da população com origem nas camadas média e alta da sociedade teresinense pelos bairros da região leste, a principio para moradia e depois como área de empreendimento comercial e de serviços.

A região sudeste de Teresina, assim como a região leste, teve seu processo de crescimento e de desenvolvimento urbano, de certa forma, delineado pela necessidade de superar o rio Poti como obstáculo natural à urbanização da região, há visto que, fosse como área habitacional ou como espaço para empreendimentos públicos e/ou privados, até a construção das pontes sobre o rio Poti naquela direção, a mesma manteve aspectos ruralescos.

A construção da ponte sobre o rio Poti na BR 343 favoreceu o crescimento da cidade naquela região tanto como área potencial para a habitação como para empreendimentos públicos e privados. No aspecto habitacional a zona sudeste da capital do Piauí recebeu vários conjuntos habitacionais ao longo das três últimas décadas do século XX, notadamente importantes pela grande quantidade de unidades habitacionais e conseqüentemente pela grande quantidade de famílias que recebeu. Contribuíram para o crescimento ordenado naquela área da cidade a construção do Conjunto Dirceu Mendes Arcoverde I, II e II - mais conhecido como Itararé; o Renascença I, II e III; o São Paulo; o Tancredo Neves e Novo Horizonte, entre outros, formando a região do 'Grande Dirceu', uma das regiões mais populosas da cidade.

Quanto ao crescimento econômico, por conta da instalação de diversos empreendimentos, a região se desenvolveu bastante por conta da construção do Terminal de Petróleo da cidade, terminal esse que ficou com a responsabilidade de armazenamento e distribuição de combustíveis para todo o Piauí e cidades do vizinho Estado do Maranhão; da instalação do Pátio de Manobras da Rede Ferroviária Federal S/A – REFFSA, companhia ferroviária responsável pelo transporte de combustível, mercadorias e pessoas tanto de São Luís (MA) como de Fortaleza (CE) para a capital do Piauí. A estrada de ferro que passou a ligar Teresina a Fortaleza e a São Luiz, não representava tão somente progresso e desenvolvimento da capital do Piauí ao ver-se interligada a dois outros importantes estados do Nordeste, mas às múltiplas relações econômicas e culturais que a capital do Piauí passava a estabelecer com outras importantes cidades destes estados a exemplo do que cantou Luiz Gonzaga na música 'De Teresina a São Luiz'.

Peguei o trem em Teresina
 Pra São Luiz do Maranhão
 Atravessei o Parnaíba
 Ai, ai que dor no coração
 O trem danou-se naquelas brenhas
 Soltando brasa, comendo lenha
 Comendo lenha e soltando brasa
 Tanto queima como atrasa
 Tanto queima como atrasa
 Bom dia Caxias
 Terra morena de Gonçalves Dias
 Dona Sinhá avisa pra seu Dá
 Que eu tô muito avexado
 Dessa vez não vou ficar
 O trem danou-se naquelas brenhas
 Soltando brasa, comendo lenha
 Comendo lenha e soltando brasa
 Tanto queima como atrasa
 Tanto queima como atrasa
 Boa tarde Codó, do folclore e do catimbó
 Gostei de ver caboxas de bom trato
 Vendendo aos passageiros
 "De comer" mostrando o prato
 O trem danou-se naquelas brenhas
 Soltando brasa, comendo lenha
 Comendo lenha e soltando brasa
 Tanto queima como atrasa
 Tanto queima como atrasa
 Alô Coroatá,
 Os cearenses acabaram de chegar
 Meus irmãos, uma safra bem feliz
 Vocês vão para a pedreira
 Que eu vou pra São Luiz
 O trem danou-se naquelas brenhas
 Soltando brasa, comendo lenha
 Comendo lenha e soltando brasa
 Tanto queima como atrasa
 Tanto queima como atrasa
 Peguei o trem em Teresina
 Pra São Luiz do Maranhão
 Atravessei o Parnaíba
 Ai, ai que dor no coração
 O trem danou-se naquelas brenhas
 Soltando brasa, comendo lenha
 Comendo lenha e soltando brasa
 Tanto queima como atrasa
 Tanto queima como atrasa
 Tanto queima como atrasa
 Tanto queima como atrasa
 Tanto queima como atrasa¹¹⁷

¹¹⁷ Luiz Gonzaga do Nascimento. 'De Teresina a São Luiz'. Autoria de João do Vale e Helena Gonzaga. RCA, 1962.

O transporte ferroviário entre Teresina e o litoral maranhense ou cearense ou a rota inversa, representava o progresso, pois, pelas locomotivas e sua capacidade de transporte de mercadorias, o Piauí estava interligado com importantes economias do Nordeste, mais especificamente a Caxias, Codó e Coroatá no Maranhão e a Sobral e Fortaleza no Ceará. Outro aspecto a considerar era que a letra da música chama a atenção para o ‘choque’ entre o moderno e o tradicional, uma vez que o próprio sistema de transporte ferroviário representava a modernidade, mas ao mesmo tempo desbravar ‘as brenhas’, soltando brasa e comendo lenha, apontava para a ausência de motores das locomotivas movidos a combustíveis derivados do petróleo, outro elemento simbolicamente definidor e ao mesmo tempo representante da modernidade.

A contar da instalação destas e de outras obras a região sudeste de Teresina passou a contar com intenso processo de crescimento urbano, demográfico e econômico, transformando-se numa das que mais cresceu nas décadas finais do século XX, fenômeno esse até então exercido pelo papel de ‘bloqueio natural’ desempenhado pelo Rio Poti.

Em maior ou menor grau, o crescimento da cidade em várias direções esteve relacionado à própria incapacidade do antigo centro da cidade de atender a todas as demandas que a ele eram suscitadas, outrossim, nas franjas da cidade foram surgindo fortes e importantes centros comerciais e de prestação de serviços. Na impossibilidade de dar conta a tantas demandas, de não suportar fisicamente a instalação de tantos empreendimentos, assim como também, de possibilitar moradia aos fluxos populacionais de origem migratória interna e externa ao estado, não restou outra saída a não ser o crescimento primeiro horizontal para a periferia da cidade e depois vertical, aproveitando-se as áreas tanto de alto como de baixo valor imobiliário. Neste aspecto, os sujeitos sociais ou os tipos de atividades que se buscavam estabelecer atuavam como definidores dos espaços a ocupar: se de alto valor de estratificação urbana imobiliária a exemplo do bairro Ilhotas e de grande parte da zona leste ou se de baixo valor como em quase toda a periferia, exceto naquelas áreas onde a estratificação por especulação imobiliária para a criação de condomínios fechados ou loteamentos se encarregaram de encarecê-los.

Com o crescimento da cidade de Teresina, vale ressaltar que, após a década de 1980, os bairros mais próximos do “velho” centro comercial da cidade, a exemplo dos bairros Cabral, Cidade Nova, Cristo Rei, Ilhotas, Macaúba, Mafuá, Marquês, Matinha, Monte Castelo, Morro da Esperança, Nossa Senhora das Graças, Piçarra, Pio XII, Porenquanto, Pirajá, Redenção, São Pedro, Três Andares, Vermelha e Vila Operária, foram formando um

grande sítio urbano considerado centro “novo” da cidade. Vale à pena ressaltar que, por conta da geografia da cidade na zona leste ser delimitada pelo rio Poti, muitos bairros daquela região, mesmo que bastantes próximos do centro velho da cidade, não foram incorporados como região central.

Considerando que o fenômeno do crescimento urbano foi peculiar a todas as zonas da cidade, ainda que algumas tenham apresentado processos mais bem elaborados que outras, a cidade de Teresina vivenciou no pós década de 1960 o surgimento de dezenas de bairros por toda a cidade, notadamente bairros surgidos a partir de conjuntos habitacionais ou de vilas e favelas.

Na zona sul, destaque para o surgimento e crescimento dos bairros Bela Vista, Catarina, Distrito Industrial, Esplanada, Lourival Parente, Morada Nova, Parque Piauí, Porto Alegre, Promorar, Saci, Vermelha, Monte Castelo, Redenção, Pio XII, Três Andares, Macaúba, São Pedro, Nossa Senhora das Graças e Tabuleta.

Na zona norte, os bairros Acarape, Aeroporto, Água Mineral, Alto Alegre, Parque Alvorada, Buenos Aires, Itaperu, Mafrense, Matinha, Matadouro, Memorare, Mocambinho, Morro da Esperança, Nova Brasília, Poti Velho, Primavera, Real Copagre, São Joaquim, Pirajá e Santa Maria da Codipi passaram a vivenciar processos de urbanização com vistas a melhor estruturar ruas, praças e passeios.

Na zona leste, os bairros de Fátima, Horto Florestal, Ininga, Jóquei Clube, Morada do Sol, Noivos, Pedra Mole, Piçarreira, Planalto Uruguai, Recanto das Palmeiras, Santa Isabel, São Cristóvão, São João, Satélite, Socopo e Zoobotânico, ajudaram a expandir ainda mais os limites geográficos do seu sítio urbano.

Já na zona sudeste os bairros Itararé, Gurupi, Novo Horizonte, Parque Ideal, Parque Poti, Redonda, Renascença, São Paulo, Tancredo Neves, Todos os Santos e Usina Santana, ajudaram a tornar aquela região da cidade como uma das mais populosas e com forte vigor comercial.

Em síntese, neste intenso processo de crescimento urbano mediante aumento populacional; desenvolvimento urbano via construção de conjuntos habitacionais com consequência na horizontalização e na verticalização; desenvolvimento econômico via fomento de novas áreas com tradição comercial nas diversas regiões, com o surgimento de polo industrial ainda por ampliar e melhorar; o surgimento de novos centros comerciais a exemplo de dois grandes shoppings, novidade até então para a cidade e seu morador, entre

outros tantos experimentos, Teresina vivenciou nas décadas finais do século XX o contato simultâneo com o ‘tradicional’ e com o ‘moderno’. Sua população experimentou coisas novas, novas práticas, novos empreendimentos, o que lhe impôs novas necessidades, necessidades essas ‘infinitas’, postas como novos desafios.

Progresso e Desenvolvimento no Imaginário da Sociedade Teresinense

Como já afirmado, as cidades modernas, na sua grande maioria, foram construções do Estado, com Teresina, capital do Estado do Piauí, não foi diferente. Idealizada no imaginário utópico de José Antônio Saraiva, se tornou ‘real’ em 1852, no entanto, a sua construção enquanto espaço-tempo de múltiplas possibilidades e sociabilidades, não parou mais. Foi pensando nesse aspecto sempre constante de construção da cidade de Teresina, que recorreremos à historiografia, para narrar/descrever uma parte da história da cidade na qual seus moradores ‘acreditavam’ ser depositária do ‘progresso’, do ‘desenvolvimento’, da ‘modernidade’.

Teresina, outrora capital da Província do Piauí, depois capital do Estado do Piauí, ao longo de sua existência, vivenciou e ainda vivencia ora lentos, ora acelerados processos de transformações econômicas, políticas, culturais e sociais. Igualmente, transformações urbanas provocaram mudanças (infra) estruturais e demográficas no sítio urbano da cidade a ponto de despertar tensões e conflitos nos seus diversos atores sociais. Considerados o volume e a intensidade dessas mudanças e os grupos sociais que as mesmas incluíram essas tensões, em alguns momentos e em locais distintos, colocaram frente a frente duas concepções de cidade: uma baseada nas ideias de modernidade, desenvolvimento e progresso e outra em ideias centradas na tradição e na preservação de valores, hábitos ou costumes.

Temporalmente, podemos afirmar que esse fenômeno é bastante *sui generis* e perpassa toda a história da cidade de Teresina. Mais proficuamente, a ideia de ‘modernidade’ aqui presente converge para o pensamento de Berman (1986) que o ver como um ‘projeto inacabado’, buscado a todo instante, um eterno devir’, uma ‘eterna’ busca daquilo que é ao mesmo tempo contemporâneo e vanguardista.

Considerando que o mesmo fenômeno varia em intensidade e que, às vezes, até sofreu problemas de continuidade, entendemos que o mesmo ao se manifestar de forma ora mais

intenso, ora mais acanhado, ganhou vigor e forma diferenciada e se desenvolveu mais duradoura por toda a segunda metade do século XX, destacadamente entre as décadas de 1960 e 1990, ainda que em alguns momentos tenha recrudescido. Observado a existência deste fenômeno modernista, desenvolvimentista e progressista *da e na* cidade com efeitos nas formas de pensar e agir de seus moradores, compreendê-lo acabou por nos levar à escolha de tal objeto como campo-objeto de estudo.

Tendo sido a segunda metade do século XX momento de profícuas mudanças (infra) estruturais da cidade de Teresina com reflexos comportamentais em seus moradores, entendemos que tal fenômeno tenha fomentado processos de transformações urbanas que ganharam maior dinamismo na década de 1970, reduzindo-se um pouco na década de 1980 -, por conta das “agitações” ocorridas no Brasil nesta década¹¹⁸ -, passando a ganhar novo dinamismo na década de 1990.

Causa-efeito desse fenômeno verificou-se acentuado crescimento urbano da cidade com desdobramentos na mudança de alguns hábitos e costumes cotidianos de seus moradores a exemplo das formas de trabalho e lazer, mais também no desenvolvimento de diversas atividades ligadas aos setores primário, secundário e terciário da economia, notadamente estes dois últimos, fenômenos tipicamente urbanos, por onde Teresina se constituiu como importante polo regional nas áreas de saúde e de educação. Tais transformações afetaram também as concepções demográficas, urbanísticas, arquitetônicas, habitacionais, comerciais, educacionais, médico-hospitalares, culturais, rodoviárias que os diversos grupos sociais¹¹⁹ passaram a ter da cidade.

Apesar de ocorrerem fortemente no sítio urbano já estabelecido da cidade, as transformações que afetavam a *urbe* e seus moradores também ganhavam vigor na periferia, esse fenômeno acabava por influenciar a dilatação física e geográfica da cidade afetando

¹¹⁸ Crise econômica e crise social-política que se resume no processo de transição da “República Militar”, para a redemocratização do país com a “República Nova”. A campanha das ‘Diretas Já’ representa o ponto de culminância deste processo em termos de mobilização política e social no país. Em termos legais sua culminância foi a Emenda Dante de Oliveira Pereira Carvalho, Proposta de Emenda Constitucional – PEC nº 05/1983 que objetivava reinstalar as eleições diretas para presidente da República no Brasil. A proposta foi derrotada, pois, por se tratar de Emenda Constitucional precisava de 2/3, ou seja, 320 dos votos na Câmara dos Deputados para que a proposta seguisse para o Senado. Na votação da Emenda o resultado foi de 298 deputados à favor, 65 contra e 113 ausências ao plenário da Câmara. Mediante rejeição da Emenda, a eleição para a presidente da República Federativa do Brasil no ano de 1985 foi novamente indireta, elegendo Tancredo Neves como novo Presidente e Jose Sarney como vice-presidente, vindo este último a assumir a presidência em decorrência da morte de Tancredo Neves antes mesmos da sua posse. Já a legitimação de todo o processo teve como ápice a Promulgação da nova Constituição do país, a Constituição Cidadã de 1988.

¹¹⁹ O Estado, os Grupos Sociais Excluídos, os Promotores Imobiliários, os Proprietários dos Meios de Produção e os Proprietários Fundiários.

assim a dimensão de controle da territorialidade e de espaço do perímetro urbano, fenômeno este que desencadeava a necessidade de um conjunto de ações tanto públicas como privadas no sentido de atender as novas demandas que ali foram se constituindo como essenciais.

A concepção de progresso para o Piauí e para sua capital compreende uma construção histórica marcadamente presente, pelo menos, desde os debates acalorados que circunstanciaram a consolidação do projeto de José Antônio Saraiva, cujo ‘projeto’ era transferir a capital da Província do Piauí da cidade de Oeiras para a “Barra do Poti” em meados do século XIX. A própria necessidade de uma nova capital ajudava a compreender que, de alguma forma ou por alguns motivos, Oeiras, então capital da província, apresentava incapacidade de atender às múltiplas demandas que uma capital de província requeria. Oeiras estava superada, sendo, portanto, uma nova capital, o lugar do novo, do progresso, da modernidade uma necessidade imediata. Porém, este ‘projeto’ requeria somas grandiosas de recursos, condição que econômica favorável que a província do Piauí não possuía, o que o deixava nas mãos de D. Pedro II, por isto a referencia vez por outra de ‘utopia’ atribuído à vontade de Saraiva ainda em meados do século XIX.

A dependência histórica do Piauí dos recursos do tesouro nacional para a construção de grandes obras estruturantes era igualmente secular, sendo que, para uns, reconhecidamente, só veio a ocorrer na década de 1970 com a inauguração da Usina Hidrelétrica de Boa Esperança na cidade de Guadalupe.

Considerando o período de forte intervenção do Estado na economia, período para muitos denominados de ‘Milagre Econômico’, um jornal da cidade noticiava em janeiro de 1970 a ida do governador do Piauí à capital do país em busca de recursos para fomentar o desenvolvimento do Estado.

“Helvídio vai falar com o Presidente”

O governador Helvídio Nunes viaja hoje para o Rio de Janeiro onde terá uma audiência com o Presidente Médici, devendo discutir problemas atinentes ao desenvolvimento do nosso Estado. Após o encontro com o Presidente da República, o chefe do executivo piauiense dialogará com os ministros do planejamento, transportes e educação, objetivando a obtenção de subsídios e verbas ao seu governo, que está chegando ao fim (JORNAL DO PIAUÍ: TERESINA, 17/01/1970, p. 09).

Embora ilustrado apenas uma manchete da imprensa escrita local sobre a passagem de um governante do Piauí em Brasília para pedir recursos, esta prática histórica é comum e rotineira para a maioria dos estados brasileiros, sobretudo aqueles de economia mais tímida a exemplo de estados do Norte e Nordeste como o Piauí que não tem nenhum histórico de um produto - *commodity* - que lhes assegurasse destaque no Produto Interno Bruto (PIB) nacional, salvaguardada algumas poucas boas fases como a da bovinocultura, a da borracha de maniçoba, a da cera de carnaúba e, mais recentemente, a da soja da região dos cerrados.

Ao longo da história de Teresina e da estreita relação que a cidade tem com os discursos e com ações efetivamente modernizadoras, essa história tem encontrado na revolução científica e na racionalidade técnica, o ‘mote’ das ações interventivas na sua estrutura urbanística, intervenções estas que acabavam influenciando os comportamentos de seus atores sociais.

A década de 1970 aponta para um momento marcante na história da cidade como um dos eventuais¹²⁰ pontos de partida deste movimento de revolução científica e tecnológica ou período técnico científico no Piauí, processo este notadamente inaugurado na sua capital, de onde, *a porteriori*, progressivamente buscou atingir positivamente outras regiões e cidades do Piauí. Embora já existissem faculdades isoladas que fomentavam a realização de cursos superiores na capital piauiense, a criação da Universidade Federal do Piauí, foi o motor propulsor deste fenômeno, condição que propiciou novas visões de mundo, novas práticas, novas crenças, novos papéis sociais e novos sujeitos nas ‘tramas’ urbanas da cidade que nasceu sob o signo do progresso, do desenvolvimento e da modernidade.

No Piauí, a UFPI representou o ‘desdobramento’ de um movimento de racionalização do conhecimento que marcou a história do ocidente desde o século XIX, mas que só se estabeleceu no Brasil com mais vigor no século XX. Nele, a década de 1970 consolidou no contexto mundial o espaço-tempo onde a ciência passou a exercer papel mais que fundamental na reorganização do processo produtivo mundial, predominantemente nos países da economia capitalista, processo este que acabou também se consolidando no Brasil, ainda que em situação de país importador de tecnologias e exportador de *commodity*'s.

¹²⁰ Utilizamos a expressão ‘um dos eventuais momentos’ porque entendemos que a história da cidade é marcada por sucessivos processos e eventos que apontam o seu movimento de modernização. Nele, cada contexto histórico ou cada geração, escolheram ou elegeram seus elementos indicadores desta modernização. O próprio planejamento e construção da cidade inaugura este ‘eterno’ e permanente projeto modernista de Teresina.

A revolução dos meios de comunicação e de transportes que se processou ao longo do século XX possibilitou às economias periféricas o contato e consumo do legado científico e tecnológico produzido *no e pelos* países capitalistas de economias centrais nas regiões até então ‘isolados’ do contexto econômico e produtivo mundial, como era o caso do Piauí.

Foi nessa “onda” científica e tecnológica que as concepções desenvolvimentistas e modernizantes encontraram fôlego e espaço para se estabelecer como signos e modelos a ser seguido. Igualmente ao que ocorreria com o país no plano nacional, no Piauí, ainda que um pouco mais tardiamente, este processo se fez realizar pela concepção de estado produtor e interventor, capaz de fomentar (infra) estrutura necessária par dar sustentação e continuidade às concepções de progresso, desenvolvimento e modernização que outrora contaminou o Brasil desde o governo Vargas. Neles, suas marcas de atuação estiveram voltadas para a execução de equipamentos como geração e transmissão de energia, recuperação e ampliação da malha viária, ainda que já contasse com considerável malha ferroviária. Verificou-se ainda, considerável desenvolvimento de equipamentos no setor de transportes nas regiões com potencial marítimo portuário.

No Piauí, estes equipamentos chegam ainda que timidamente, mas suficientemente capazes de empreender mudanças significativas no desenvolvimento regional com impactos sociais que modificaram o cotidiano de parcela da população do estado, sobretudo aquelas que vivem na região metropolitana de suas principais cidades: Teresina, Parnaíba, Picos e Floriano.

Embora haja uma distancia econômica a ser considerada entre o centro da economia capitalista mundial e sua periferia, a exemplo de regiões anteriormente isoladas da América Latina, a década de 1970 inaugurou o que poderíamos chamar de “era da civilização planetária”, época onde bens, produtos e serviços se ‘mundializaram’ de tal forma que, áreas anteriormente excluídas da dinâmica econômica mundial passaram a ser integradas compondo parte importante das atividades produtivas mundiais. Foi neste contexto que se buscou viabilizar a inserção do Piauí no contexto mundial desenvolvimentista, ainda que respeitados suas limitações, foi por sua capital que tal fenômeno começou a se consolidar.

A imprensa escrita assim deu destaque ao que podemos entender como elementos que nos ajuda a compreender a ‘legitimidade’ do fenômeno da modernização se consolidando no

Estado e em sua capital do Piauí. As manchetes do jornal escrito¹²¹ chamam a atenção para as comemorações de um ano de Governo do primeiro mandato do senhor Alberto Tavares Silva.

- “Uma infra-estrutura industrial para um Piauí desenvolvido” (p. 02);
- “O Piauí é um formidável canteiro de obras para crescer e desenvolver” (p. 03);
- “Energia para desenvolver, comunicação para integrar” (p. 04);
- “Universidade e projeto para ajudar o crescimento do Piauí” (p. 05);
- “As criações do espírito, são agora amparadas e dinamizadas” (p. 06);
- “Entendo política como arte de servir e não ciência de enganar” (p. 07);
- “Banco de Estado do Piauí será o suporte financeiro para o crescimento” (p. 09);
- “Rodovias integram o Piauí levando progresso ao interior” (p. 10);
- “Tranquilidade e segurança ao lado da promoção e da previdência” (p. 11);
- “Uma indústria sem chaminé para tornar o Piauí conhecido” (p. 12).

Ao referir-se a criação da Empresa Piauiense de Fomento ao Turismo (PIEMTUR), expôs ser ela “Um projeto que se constrói com trabalho e dinamismo” (p. 14). Já ao referindo-se ao êxito obtido com as várias obras planejadas para o início do governo Alberto Silva, o jornal deu destaque: “Uma agricultura racional para o suporte do desenvolvimento” (p. 04). No campo educacional o jornal também fez o destaque “O Piauí continua sendo educado para ser um Estado desenvolvido” (p. 05) ao referir-se a obrigatoriedade da construção do Instituto de Educação Antonino Freire (JORNAL DO PIAUÍ: TERESINA, 15/03/1972).

Os ‘ares’ do desenvolvimento parecia contaminar ideias e práticas tanto nacional como regionalmente e nessa onda o Poder Público local conseguia concretizar antigos sonhos ligados ao melhoramento de equipamentos públicos, sobretudo.

O Jornal do Piauí noticiou no dia 15 de março de 1972 (p. 01) manchete de uma página inteira dando o seguinte destaque:

¹²¹ Manchetes das Comemorações de um ano de Governo Alberto Silva. **Jornal do Piauí**: Teresina 15 de março de 1972.

“O Piauí de ontem pedia, o Piauí de hoje convida”

1.ª Parte; O Piauí de ontem pedia

O Piauí sempre viveu da esperança, no dizer de Carlos Castelo Branco¹²². Seu povo e suas autoridades sempre choraram miséria, e o estado, enganando-se a si mesmo, sob o pretexto de que era uma terra pobre, jamais sonhou, nunca voou alto, não tinha coragem de ser o otimista e preferiu viver como terra de transição. Seu povo não obstante, a inteligência privilegiada, ao longo dos séculos carregou a desdita de ser o filho do “primo pobre da federação” e, como que conformado, suportava resignadamente os gracejos e as anedotas de mau gosto, atiradas contra a terra-mãe. Seu mar, seus rios, sua exuberante natureza, os minérios e os babaçuais representavam pouco para uma gente que pedia o sono do conformismo consciente de que lhes restava apenas pedir e aparar as migalhas que caíam da mesa dos ricos.

2.ª Parte; O Piauí de hoje convida

O Piauí hoje é o da boa certeza, no dizer de César Calls Oliveira Filho¹²³. Seu povo e suas autoridades estão tomadas de uma mística de crescimento em busca do desenvolvimento. Há um esforço comum, uma vontade hercúlea de trabalhar, visando ao bem coletivo. É o Piauí da energia elétrica farta, das perspectivas animadoras de uma saída para o mar e de uma consciência coletiva de nossas potencialidades. É um povo que cresce e se agiganta trabalhando as 24 horas do dia, descontando a letargia dos séculos, e lutando para acompanhar o crescimento dos demais estados. Se ontem estendia a mão, para pedir, hoje acena convidando, oferecendo riquezas infindas e oportunidades invejáveis. Não somos mais o Piauí apenas do “*meu boi morreu*”, mas das jazidas minerais, das riquezas incalculáveis do babaçu e sobretudo, de um governo que, cheio de otimismo, deseja “*queimar etapas para o desenvolvimento*”.

Povo e autoridades tomadas da ‘utopia’ do crescimento, da busca do desenvolvimento. Esforços e vontade de trabalhar pelo bem coletivo. Energia elétrica farta; consciência coletiva das potencialidades do Estado; povo que crescia e se agigantava trabalhando 24 horas por dia; ações no sentido de superar a letargia que imprimia atraso secular ao Estado e a seu povo; luta para acompanhar o crescimento dos demais estados, entre outros enfoques representavam o desejo da sociedade piauiense e eram disseminados tanto na imprensa escrita como na mídia

¹²² Carlos Castelo Branco: Advogado, Jornalista e Literato. Formou-se em Direito em Minas Gerais no ano de 1943, dedicando a maior parte de sua vida ao jornalismo. Começou sua carreira no jornalismo em 1939 nos Diários Associados onde exerceu cargos de chefia. Depois de algum tempo passou a dedicar-se a reportagens políticas no O Jornal em 1949, depois na Revista O Cruzeiro. Na literatura iniciou-se com a obra Cantinhos Brasileiros. Foi Secretário de imprensa no Governo Jânio Quadros em 1961, depois assumiu a chefia da sucursal do Jornal do Brasil em Brasília de 1962 a 1972, onde criou a Coluna do Castello. Foi preso e levado a interrogatório durante a Ditadura Militar. Tornou-se membro da Academia Piauiense de Letras e da Associação Nacional dos Escritores. Foi Ministro do Tribunal de Contas da União. Faleceu em 1993.

¹²³ César Calls Oliveira Filho governou o Ceará entre 1971 a 1975. Militar, Engenheiro, Professor, Empresário e Político, exerceu também as funções de Senador entre 1979 e 1987 e Ministro de Minas e Energia entre 1979 e 1985.

falada. O Piauí de riquezas infindas pedia oportunidades e buscava superar suas próprias condições, apontava a imprensa. O Piauí da pobreza buscava recompor-se pelas riquezas naturais e extrativistas das jazidas minerais ou dos babaçuais, O poder público aparecia agora potencialmente capaz de “*queimar etapas*” e promover “*o desenvolvimento*” (JORNAL DO PIAUÍ: TERESINA, 15/03/1972, p. 01).

Esse fenômeno local seguia uma dinâmica nacional, cujas consequências mais imediatas foram a aceleração do processo de urbanização e a consolidação de atividades produtivas ligadas ao setor secundário e terciário da economia, notadamente, a terceirização da produção e dos empregos, além da gradativa substituição do emprego manual pela utilização de máquinas e equipamentos.

Nas médias e grandes cidades consolidava-se gradativo processo de valorização do trabalho intelectual em atividades especializadas que demandam conhecimento técnico formal. Neste mesmo contexto, de forma antagônica, o governo federal investiu muito na construção civil em todo o país como forma de gerar emprego para a mão de obra não qualificada, uma vez que atividades manuais ou de baixa demanda do conhecimento sistematizado, gerava ‘exercito’ de reserva de mão de obra abundante, fator favorável ao acúmulo de riquezas na cidade capitalista.

Neste aspecto, tanto na sua perspectiva intelectual como produtiva, o Piauí recebeu fortes investimentos, o que viabilizou a transformação da antiga Escola Industrial de Teresina (criada em 1942) em Escola Técnica Federal do Piauí (em 1967) oferecendo cursos técnicos Edificações, Agrimensura que depois se transformou em Estradas e o curso de Eletromecânica que depois se desmembrou em Eletrônica e Mecânica, condição que contribuiu para a gradativa extinção do curso Ginásial Industrial.

As escolas Sistema “S”¹²⁴, a UFPI e depois a UESPI contribuíram fortemente para a passagem do Estado para uma nova fase educacional e cultural como de intenso desenvolvimento de sua capital. Discursivamente, a educação esteve sempre na pauta de prioridades para Teresina nos governos Alberto Silva, Dirceu Arcoverde, Lucídio Portela, Hugo Napoleão, Freitas Neto e Mão Santa, já que todos eles se preocupavam em manter a capital como reduto eleitoral, situação comprovada pela quantidade de votos que receberam

¹²⁴ Composto por escolas ou centros de treinamento do SESI-SENAI, SESC-SENAC, SEST-SENAT E SEBRAE.

em pleitos onde concorreram a senadores da República, cargo exercido por todos eles, depois de se tornarem governadores do Piauí.

No setor produtivo, Teresina inaugurou sua fase de modernização e desenvolvimento industrial mais recente com a criação do ‘Parque Industrial’ com desdobramentos no setor secundário. Efeito semelhante também experimentou o terceiro setor da economia, conseguindo estabelecer importantes referências no setor de serviços hospitalar com um ‘Polo de Saúde’ referencia no Norte e Nordeste e como ‘Polo Educacional’ regional com grandes escolas de nível fundamental e médio, duas grandes Universidades públicas e dezenas de faculdades privadas.

O que passou a ocorrer no Piauí correspondia a desdobramentos de um fenômeno que se dava a nível nacional. No entanto, ambos compreendiam uma ordem causa-efeito de um processo que emergia nas economias centrais, prioritariamente nos EUA, na Europa e no Japão e que rapidamente se estendeu à América Latina, parte Ásia e da África, inserindo essas três últimas regiões em áreas em espaços tanto produtores como consumidores das novas demandas mundiais, demandas estas quase sempre forjadas e formadas no período denominado de técnico-científico com atuação tanto nas zonas urbanas como rurais, prevalecendo a atuação sobre a primeira delas (SANTOS, 1985).

As mudanças que se processavam na sociedade piauiense, causa-efeito desse processo, podiam ser percebidas em setores diversos, perpassando tanto à economia, como a cultura, a estrutura educacional e a reformulação do Estado como uma das instituições reguladoras desse fenômeno. Paralelo a tudo isto, uma nova concepção reformulada de Estado, via Neoliberalismo, ganhava força em parcela dos grupos políticos e econômicos dominantes - partidos políticos de direita e nos donos dos meios de produção - e de parcela da intelectualidade acadêmica de tradição conservadora e elitista, não só no Brasil, mas no mundo capitalista como um todo. Em tese esses grupos buscavam sufocar a capacidade do Estado de gerir tal processo modernista e desenvolvimentista, transferindo os setores produtivos de acúmulo de capital, todas para o setor privado. No Brasil, os setores de telecomunicação, geração e transmissão de energia elétrica, abastecimento d’água, bancário, rodoviário, ferroviário, portuário, aeroviário e minerador, entre outros, passaram progressivamente por processo de privatização, fenômeno que igualmente se repetiu no Piauí a partir de sua capital Teresina que viu a Telepisa, a CEPISA e o BEP perderem a condição de patrimônio do Estado, sendo a primeira privatizada e os outros dois federalizados.

Considerando que o fenômeno desenvolvimentista priorizava setores infra estruturais e produtivos ligados à indústria e ao setor de serviços, no Brasil e no Piauí não foi diferente, a estrutura urbana foi aquela que mais impacto sofreu fruto dessas mudanças. O sistema rodoviário brasileiro, a exemplo do que ocorreu Piauí, concentrou a maior parte das intervenções ‘regulatórias’ ou capazes de adequar a sociedade ao novo contexto histórico, visto que era preciso que as áreas consideradas periféricas na nova dinâmica produtiva mundial conseguissem agregar ‘*superávit*’ tirando assim algum proveito próprio deste processo.

O Jornal do Piauí em 15 de março de 1974 (p. 6-7) noticiava em manchete a necessidade da interligação do Piauí a outras regiões do Brasil: “O DER promove integração do Piauí Regional ao Nacional”. Prosseguia a matéria reforçando ainda a importância de sua interligação interna para depois partir para uma integração nacional via sistema rodoviário: “O projeto de interligação de todo o Piauí de Norte a Sul do Estado é urgente, a partir desse interligamento interno interligara-se a todas as capitais do Nordeste e do Brasil”.

O projeto desenvolvimentista colocado em prática no plano nacional também era seguido na maioria dos estados brasileiros ainda que muitos deles sofressem contingenciamento financeiro próprio, a exemplo do Piauí. Essa condição justificava em partes as constantes viagens de chefes do executivo municipal e estadual ao Distrito Federal na tentativa de capitanear recursos e obras.

Apesar de diversificar os campos de atuação (infra) estrutural para a modernização do país, de estados e de municípios, o setor rodoviário desempenhou papel primário nesse processo, fator que explicava a concepção de desenvolvimento da época, qual seja, os caminhos do progresso e do desenvolvimento do país passavam obrigatoriamente pela sua malha rodoviária, ao contrário de economias centrais, sobretudo os países de dimensão continental a exemplo dos EUA, que investiram em ferrovias, hidrovias e portos.

Embora dependente de tecnologias ligadas à microeletrônica, à mecatrônica, ao armazenamento de dados em *microchips*, à informação *online* e em tempo real, elementos importantes para explicar o fenômeno modernizador e desenvolvimentista na segunda metade do século XX nas médias e grandes cidades, a concepção de progresso nas *urbes* eram atravessadas pelas grandes obras, pelas grandes intervenções estatais ou mesmo privadas, sobretudo aquelas que fomentavam a urbanização e a mobilidade nos grandes centros. Neste contexto, a modernidade encontrava nas grandes obras a sua face mais visível do desenvolvimento e do progresso dos grandes centros urbanos no Brasil e fora dele tornando-se

um paradigma a ser seguido, condição igualmente replicada em Teresina, a quem o progresso foi representado sempre pela construção de grandes obras e pela busca incessante do novo.

A própria ‘invenção’ e construção da nova capital do Piauí constituiu legado da concepção de modernidade por grandes construções, fato este que marcou a história da Província depois Estado, como a maior e mais moderna obra da história da sociedade piauiense. Outras construções como as ferrovias e BR’s que ‘cortam’ o Estado, a Usina Hidrelétrica de Boa Esperança, o Estádio Albertão, o Pré-metrô, a Potycabana, o Terminal Rodoviário, o Verdão, entre outras, estão entre as grandes obras feitas pelo poder público no Piauí.

A concepção de modernidade estava tão estreitamente associada à realização de grandes obras, que, no caso do Piauí, disseminou-se a ideia de que a construção de um porto no litoral piauiense (na cidade de Luís Correia) concretizaria a ‘utopia’ desenvolvimentista, levando o mesmo a fomentar o tão sonhado progresso do Estado. Esta condição continua a ser ‘alimentada’ no imaginário do piauiense, pois, mesmo sendo esta obra um projeto ainda do início do século XX, a mesma foi iniciada e paralisada na década de 1970, tendo sido diversas vezes retomadas e abandonada sua conclusão¹²⁵.

No trato das questões urbanas, categorias como Modernidade e Desenvolvimento, aparecem como sinônimas e quase sempre estão ligadas à construção de grandes construções, o que fazia do ferro e do concreto a base do progresso. Nelas, nas médias e grandes cidades brasileiras, o advento do novo, servia como elemento que propagandeava e justificava as várias demandas que nelas surgiam a todo instante, fosse em bens, produtos, mercadorias ou serviços.

O fenômeno da modernidade e do progresso em Teresina não fugia a essa regra e chegava através das obras públicas e privadas cercadas sempre de discursos justificados no estético, no higiênico, na civilidade, na mobilidade, na funcionalidade, na novidade. Temporalmente, era impreciso estabelecer com exatidão quando ele se deu. No entanto, a considerar os elementos que justificavam uma nova sede administrativa e a forma como Teresina foi ‘inventada’, dada a ser, toda a história da cidade acabava sendo marcada por tal fenômeno. Marca de todo este percurso histórico de mudanças infra estruturais na cidade foi a

¹²⁵ A construção do Porto de Luís Correia no litoral piauiense tem servido historicamente para ‘alimentar’ os discursos dos grupos políticos no poder ou desejosos dele a exemplo das elites políticas que há décadas se revezam no controle do Estado. Se por um lado o porto favoreceu a ascensão à vida pública e política de muitos, por outros, o mesmo continua inacabado, servindo de eterna ‘promessa’ de progresso e de desenvolvimento econômico do Piauí.

atuação do poder público à frente das intervenções que a conduzia rumo ao desenvolvimento, ao progresso, à modernização, fenômenos sempre inacabados, portanto, sempre buscados e construídos.

Algumas delas criadas nas décadas de 1950 e 1960, mas se consolidando como fornecedoras de serviços essenciais nas décadas de 1970 e 1980, Nascimento (Et. Al., 2004, p. 4) também atribuiu importância às empresas públicas como essenciais na realização de intervenções necessárias para a adequação da cidade de Teresina à nova realidade do Brasil e do Nordeste, assim se posicionando:

Naquela oportunidade foram criadas algumas empresas estatais que tinham como objetivo o desenvolvimento de que carecia o Piauí. Assim, foram instituídas seis empresas de economia mista, a saber: Frigoríficos do Piauí S/A (FRIPISA), em 1957; Banco do Estado do Piauí S/A (BEP), em 1958; Centrais Elétricas do Piauí S/A (CEPISA), em 1959; Agro-indústria do Piauí S/A (AGRIPISA), em 1959; Telefones do Piauí S/A (TELEPISA), em 1960 e Águas e Esgotos do Piauí (AGESPISA), em 1962.

Além das obras já citadas podemos ainda destacar a entrega ao público do Cine Royal em 1966 já que a cidade sempre sofreu da carência de cinemas e teatros embora o Cine Rex e o Teatro 4 de setembro já fizessem parte da cultura do teresinense há décadas. Em 1967 teve início a construção dos serviços de esgotos de Teresina e a elaboração do PDLI (Plano de Desenvolvimento Local Integrado).

Na década de 1970 prosseguiu a criação de várias empresas públicas e privadas com implicações importantíssimas para o desenvolvimento e modernização da capital do Piauí. Dessas, a instalação da TV Clube, emissora de TV responsável pela retransmissão do sinal da Rede Globo de Televisão e a inauguração do estádio “Albertão” em 1973, apontam como bastante impactantes, uma vez que passaram a exercer influência nas formas lazer do morador da capital. No caso da TV, como já antecipou Arimathéa Tito Filho, influenciou comportamentos, reformulou formas de pensar e agir e atuou fortemente propagandeando a cultura do consumismo.

A década de 1970 apontava com bastante promissora. Outras obras mereceram destaque: a chegada a Teresina da energia elétrica produzida na Barragem da Boa Esperança no município de Guadalupe no Piauí e a instalação da Universidade Federal do Piauí. Em 1973 houve ainda a inauguração do Instituto de Educação Antonino Freire, antiga Escola

Normal; em 1975 houve a criação do Parque Zoobotânico que ampliou e diversificou as possibilidades de lazer e passeios da cidade; em 1976 ocorreu a inauguração da Maternidade Dona Evangelina Rosa, centro médico especializado para o atendimento geriátrico de mulheres grávidas, atendimento esse até então concentrado no HGV. Naquele mesmo ano ainda tivemos a entregue ao público teresinense do Centro de Convenções, espaço onde durante décadas (1970-1990) funcionou uma sala de cinema bastante frequentada pela elite local que não se sujeitava às exibições filmográficas do Cine Rex, quase sempre reservava as exibições noturnas para filmes pornô de público adulto e filmes de ação, cinema bastante frequentado por homossexuais, prática bastante condenável por parte da população conservadora da cidade contingenciada pela forte influência dos dogmas católicos e de outras religiões protestantes.

O Centro de Convenções foi no último quartel do século XX um dos principais espaços da cidade para a realização de grandes eventos empresariais - a exemplo de feiras e exposições – e culturais a exemplo de palestras, seminários, amostras. Naquele local também funcionou por vários anos, desde a segunda metade da década de 1980 até meados dos anos 90, uma importante sala de Cinema da cidade, o ‘Cinema Centro de Convenções’

Sua boa localização situada no centro da cidade nas proximidades do prédio do Palácio da Justiça e da Assembleia Legislativa facilitava seu acesso. Outro aspecto a considerar era que até pelo menos final da década de 1980, Teresina reservava apenas este espaço destinado pelo poder público para grandes eventos no seu sítio urbano, sendo o outro espaço localizado na zona rural, o Parque de Exposições onde se realizava anualmente a Feira Agropecuária do Piauí - EXPOAPI.

Imagem 03: Entrada do Centro de Convenções de Teresina

Foto. **José de Araújo Veras**, no Centro de Convenções em 1980. Disponível em <http://www.cidadeverde.com/teresina160anos/>. Acessado em 14 de novembro de 2014.

Em 1977 tivemos a implantação das Estações de Tratamento d'água - ETA e a construção de reservatórios de águas a exemplo das caixas d'água do conjunto habitacional Parque Piauí, dos bairros Morro da Esperança e Buenos Aires, da vila Risoleta Neves, do Satélite e do centro da cidade nas proximidades do Hospital Infantil. Finalizando a década de 1970 e cidade ainda foi contemplada com a inauguração do Ginásio de Esportes Dirceu Arcoverde, popularmente conhecido como 'Verdão', em 1978.

No seguimento esporte e lazer houve ainda a entrega do Parque da Cidade em 1982 que somado ao 'Albertão', ao 'Verdão', ao 'Zoobotânico', mudaram as práticas de lazer e esporte do morador de Teresina. Estes locais, marcados pela formalidade arquitetônica ou urbanística, acabavam sendo utilizados por grupos sociais mais abastados da cidade, condição que não impedia que práticas esportivas e de lazer fossem praticadas em campos de várzeas ou nas 'coroas' dos rios Poti ou Parnaíba nos períodos de diminuição do volume das águas destes rios.

No ano de 1983 o Governo do Estado do Piauí inaugurou o Terminal Rodoviário Lucídio Portela¹²⁶ e o Centro Administrativo - conjunto de prédios que passou a concentrar várias Secretarias de Estado a exemplo da Educação, da Administração, da Saúde e da

¹²⁶ O novo Terminal Rodoviário de Teresina foi inaugurado no final do ano de 1983, porém só passou a funcionar aberto ao público no início de 1984.

Fazenda. Igual ação organizativa do ponto de vista administrativo também adotou o poder público municipal em 1985 com a transferência da sede da Prefeitura para um ‘novo’ prédio, local onde funcionava a Escola Normal, passando a se denominar ‘Palácio da Cidade’.

No aspecto educacional, Teresina e sua população têm ‘identidades’ muito fortes tanto com o Liceu Piauiense, como com a Escola Normal, as mais tradicionais escolas públicas da capital – com mais de cem anos de história, ao lado do Colégio Diocesano e da Escola Sagrado Coração de Jesus (Colégio das Irmãs), estes últimos, escolas privadas, ambos criados em 1906, portanto, escolas com mais de um século de tradição.

Até meados da década de 1970 muitos jovens - potenciais alunos – vindos de vários municípios do Piauí e até de outros Estados buscavam o Liceu Piauiense e a Escola Normal para estudar. Outros buscavam a capital em busca de melhores oportunidades de sobrevivência. No caso do Liceu Piauiense, embora tenha mantido o ‘posto’ de escola pública mais tradicional¹²⁷ do Piauí e de Teresina por quase todo o século XX, a década de 1990 marcou fase de crise de qualidade. Paralelo a este fator, a educação privada encontrava no ‘vácuo’ deixado pela escola pública, possibilidades concretas de expansão, situação verificada nos três níveis de ensino, a contar pela grande quantidade de escolas e faculdades privadas que se estabeleceram naquela década e nos anos vindouros a ela. Na Teresina da transição do século XX para o XXI, eram poucos os vestígios de uma Teresina onde jovens - sobretudo de cidades do interior do Piauí e do Maranhão - buscavam a escola Liceu Piauiense para estudar o ensino médio, na certeza de ‘entrar’ na universidade via vestibular como nos bons tempos do Liceu de outrora. A Escola Normal, juntamente com Liceu Piauiense foram as mais tradicionais escolas públicas do Piauí por todo o século XX indubitavelmente. Nelas eram matriculados jovens teresinenses ou oriundos de cidades circunvizinhas do Piauí e do Maranhão.

Se o estudo no Liceu estava voltado para o ensino superior, os cursos profissionalizantes eram oferecidos pela Escola Técnica Federal do Piauí para a preparação de muitos jovens que estudavam em Teresina para o mercado de trabalho. Naquele contexto, até meados dos anos de 1980, ter o ensino médio era um diferencial, situação que fazia também da Escola Normal bastante disputada por jovens que necessitavam de formação profissional e que ‘sonhavam’ com o trabalho educativo como vocação. Neste aspecto, a Escola Normal piauiense foi, anteriormente a UFPI e a UESPI, a instituição que mais contribuiu na formação

¹²⁷ Tradicional pelo legado histórico deixado para a educação pública de qualidade no ensino médio do Estado.

de profissionais para o magistério e para o trabalho no ambiente escolar formal até pelo menos meados da década de 1990, quando, pela nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a Lei 9.394/96 – lbe foi dada nova função e aspecto formativo, mudança esta que lhe ‘condenou’ ao malogro em poucos anos, uma vez que o exercício do magistério em nível de formação média, tipo de formação dada pela Escola Normal, passou a ter os dias contados, fator mais que suficiente para o ‘fim’ da Escola Normal nos moldes e na tradição dos bons tempos de outrora. A transformação da Escola Normal em Instituto de Educação Antonino Freire, inaugurado em 1973, representou apenas um breve suspiro de ‘morte’ daquela que foi a mais tradicional escola de formação para o magistério do Piauí desde a segunda metade do século XIX, ainda que tenha sofrido problemas de continuidade naquele século, problema que não se verificou mais entre 1909 e 1996.

Ainda que a Escola Normal tenha sobrevivido como espaço de formação para o magistério em nível médio até fins do século XX, a década de 1970 abria espaço para a UFPI e a década de 1980 para a UESPI como referenciais de deslocamento de alunos de Teresina e de outras regiões do Piauí e do Norte-Nordeste para estudar nessas instituições públicas de ensino superior. Mesmo funcionando como instituições públicas de ensino, o ‘acesso’ a essas instituições se dava por exames vestibulares o que condicionava seu ‘êxito’ à aprovação nesses ‘exames’, o que quase sempre se dava mediante melhor formação no ensino fundamental e médio, condição que colocava em desigualdade muitos alunos oriundos de escolas públicas que vivenciaram nas décadas finais do século XX, sucateamento e perda de qualidade quando comparadas com algumas escolas privadas. Um marco negativo da história da educação pública piauiense foi a greve de professores e funcionários que durou seis meses no ano de 1990, condição que acarretou a perda do ano letivo nas escolas públicas do estado. Em contra partida, neste mesmo contexto, a educação privada da capital piauiense se consolidava como referência regional, o que colocava Teresina como ‘polo’ educacional no ‘Meio-Norte’ do Brasil. No âmbito da educação pública local, apesar de todos os problemas enfrentados nos anos finais do século XX, a Escola Normal e o Liceu e posteriormente a UFPI e a UESPI foram as instituições precursoras deste processo que consolidou a qualidade da educação oferecida em Teresina. Fenômeno fortalecido nos anos que ‘inauguraram’ o século XXI tanto pelas escolas como pelas faculdades privadas.

Os referenciais migratórios para Teresina nos anos finais do século XX - ainda que migrações temporárias - estiveram fortemente relacionadas às condições de polo de saúde e de educação secundária e superior em que a cidade se transformou como referência para as

regiões Norte e Nordeste do Brasil. Considerando que este processo de transformações na cidade se agudizaram em dimensões geográficas e espaciais na segunda metade do século XX, não encontramos mais neste início de século (XXI) aquela cidade calma e pacata dos tempos de outrora. O centro da cidade, calmo e pacífico, que conseguia manter harmoniosamente a função de espaço habitacional e comercial até meados dos anos de 1970, só existe na memória saudosista de poucos moradores e no “mofo” dos arquivos.

Imagem 04: Instituto de Educação Antonino Freire Inaugurado em 1973 – Nova Edificação onde passou a funcionar a Escola Normal de Teresina



Fonte. Acervo: **Academia Piauiense de Letras.**

Em frente ao Cemitério São Jose, passou a funcionar em substituição à antiga Escola Normal o Instituto de Educação Antonino Freire, projeto no início da década de 1970 idealizado pelo arquiteto Antônio Luiz Dutra. Nele, milhares de moças e alguns poucos rapazes alimentaram o sonho do magistério e de se tornarem educadores, aspecto que foi pouco a pouco sendo transferidos para a UFPI e para a UESPI, à medida que os cursos de formação em nível médio para o magistério foi perdendo o *glamour*, condição transferida para as graduações por força da Lei 9.394/96 que passou a exigir formação em nível superior para o exercício do magistério.

O número de pessoas que buscavam melhores oportunidades de vida em Teresina aumentava à medida que a população da capital crescia e nesta a escolarização apresentava-se como potencializadora de novas e melhores oportunidades de trabalho e de vida.

Até início dos anos de 1980, a simples conclusão do ensino médio ainda representava elemento facilitador para se conseguir algum posto de emprego. Condição esta bastante aumentada se a pessoa fosse portadora de algum curso profissionalizante de nível médio a exemplo daqueles oferecido pelas Escolas Técnicas Estaduais ou pela Escola Técnica Federal ou pela Escola Normal que formava mão de obra abundante para o trabalho no campo educacional da educação básica. Cursos como o de Técnico em Contabilidade, Técnico em Enfermagem, Técnico em Administração, Técnico em Estradas (Topografia), Técnico em Eletrônica, Técnico em Eletrotécnica, Técnico em Informática, Técnico em Edificações, Técnico em Segurança do Trabalho, entre outros, facilitavam bastante a ocupação de um posto de trabalho.

Considerando as dificuldades de conseguir aprovação em exames de vestibular tanto da UFPI como da UESPI, a maioria dos jovens encerravam seus estudos apenas com o ensino médio. O acesso ao ensino superior acabava sendo privilégio quase que exclusivo de pessoas de melhores condições sociais que tinham frequentado a rede particular de ensino, escolas que melhor preparavam os alunos para os concorridos vestibulares da cidade, condição que acabava favorecia o acesso aos cursos tidos como ‘elitizados’ a exemplo de medicina, odontologia, enfermagem, direito e engenharia. Restava aos grupos sociais menos abastados oriundos do ensino público de qualidade contestada os cursos menos concorridos.

Ainda como espaço de formação técnica para o trabalho, só que na área educacional, a Escola Normal, depois transformada em Instituto de Educação Antonino Freire desempenhou importante papel na melhoria da educação em Teresina, igualmente formando milhares de jovens e adultos que passaram a trabalhar na educação básica, prioritariamente no magistério na educação infantil e nas séries iniciais do ensino fundamental.

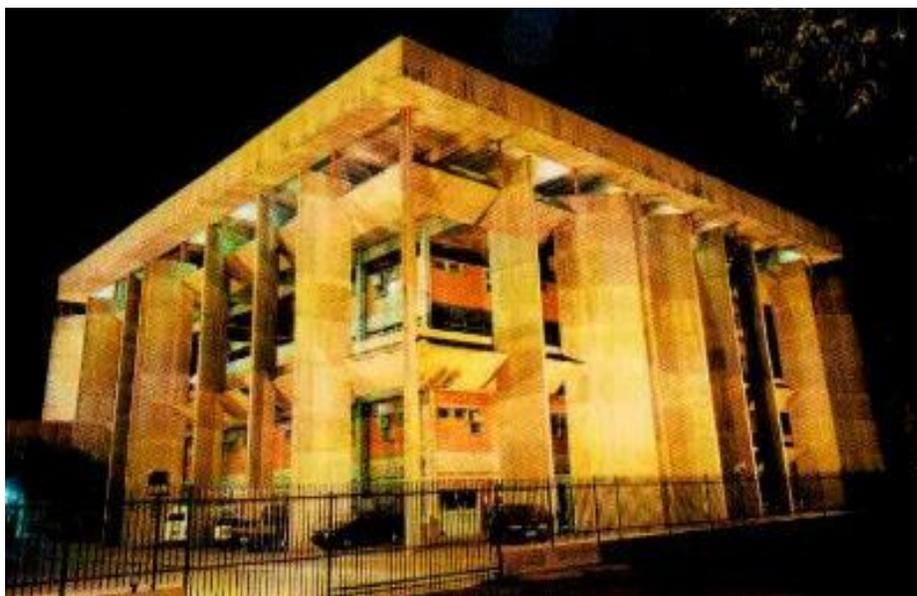
Já para aqueles que fizeram curso superior na Universidade Federal do Piauí e na Universidade Estadual do Piauí até fins da década de 1990, as chances de emprego eram quase totais. Nessas universidades os cursos mais comuns foram os bacharelados¹²⁸ e as licenciaturas¹²⁹ voltadas para a formação de quadros de pessoal para o magistério da educação básica e superior, tanto pública quanto privada.

¹²⁸ Em Agronomia, Medicina Veterinária, Administração, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Direito, Serviço Social, Física, Matemática, Enfermagem, Farmácia, Medicina, Nutrição, Odontologia e Engenharia Civil.

¹²⁹ A exemplo dos cursos de Artes Visuais, Música, Pedagogia, Filosofia, Geografia, História, Letras [Inglês, Português, Francês], Ciências Biológicas, Física, Matemática e Química.

As obras e reformas atingiam as mais diversas áreas. No aspecto da acomodação de instituições públicas, a estrutura judiciária ganhou nova edificação com a construção do prédio do Tribunal de Justiça, construção imponente e grandiosa para os padrões da época. Por ele o Poder Judiciário piauiense centralizava suas atividades em sede própria, motivo que facilitou os trabalhos de servidores e usuários.

Imagem 05: Vista Noturna do Prédio do Tribunal de Justiça do Piauí



Fonte: **Acervo TJPI** – Tribunal de Justiça do Piauí

Na década de 1980, o Poder legislativo do Estado, ganhou novo prédio por conta da inauguração da sede da Assembleia Legislativa do Estado, o Edifício Petrônio Portela Nunes na Avenida Marechal Castelo Branco às margens do Rio Poti.

Na imagem a seguir, além da edificação do prédio da Assembleia Legislativa do Estado do Piauí, temos o prédio do Palácio da Justiça, sede da justiça estadual (no auto esquerdo da foto), o prédio do Centro de Convenções (ao centro marcado com o logo da PIEMTUR – Empresa de fomento ao Turismo do Estado) e ao fundo as três torres do Condomínio *Beverly Hills*, um dos primeiros e maiores empreendimentos habitacionais verticais privados de alto padrão da cidade inaugurado na década de 1990.

Imagem 06: Prédio da Assembleia Legislativa do Estado do Piauí – década de 1990

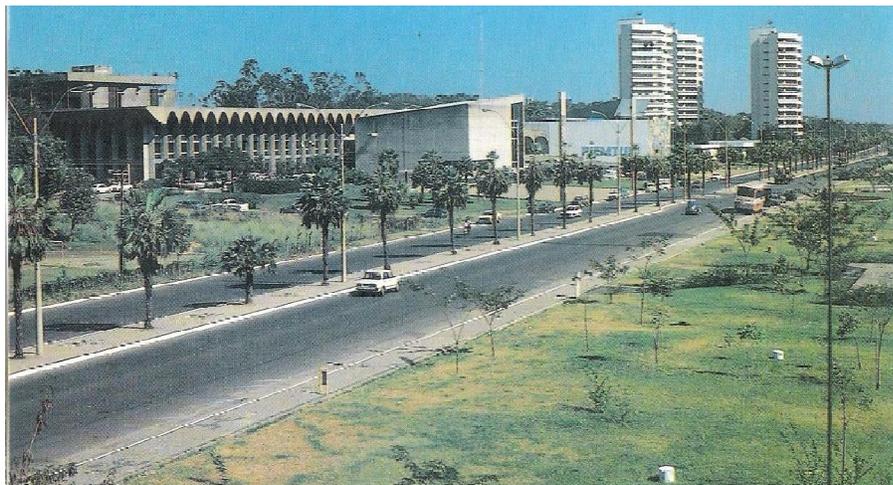


Foto. **Edson C. Delgado**. Cartão Postal (recortado). **Editora Cluposil**. Campina Grande – PB.

Em 1985 houve ainda a criação do Centro de Ensino Superior do Piauí - CESPI, que em 1993 foi reconhecida oficialmente como Universidade Estadual do Piauí - UESPI. Já no ano de 1986 foi inaugurada a primeira faculdade privada da capital, o Centro de Ensino Superior do Vale do Parnaíba - CESVALE. A década de 1980 se encerrou com a aprovação em 1988 do II Plano Estrutural de Teresina - II PET¹³⁰.

A década de 1990 ainda consagrou a fase de grandes obras estruturais e modernizantes da cidade tanto fomentadas pela iniciativa privada como pelo Poder Público, tanto federal, como estadual e municipal. No ano de 1992 a cidade passou a contar com o Centro Integrado de Saúde Dr. Lineu Araújo - Ambulatório Central, importante obra pública na área de saúde que ajudou a ‘desafogar’ os atendimentos no Ambulatório do Hospital Getúlio Vargas - HGV. Por ele, consultas e exames passaram a ser feitos em atendimento à demanda do Sistema Único de Saúde - SUS, tanto do município como do Estado já que esses dois entes federativos eram responsáveis de forma compartilhada pela saúde pública em Teresina, sendo o Estado responsável pelos atendimentos de alta e média complexidade e o município pela baixa

¹³⁰ Os Planos Diretores de Estruturação Urbana em Teresina apresentam historicamente, em linhas gerais, duas características, quais sejam, a primeira é de ficarem quase sempre no plano do planejamento, ou seja, apenas no papel. O outro é que, quando saem do papel, quase sempre são planos, na verdade, de planejamento e especulação imobiliária, ou seja, são planos que organizam e executam intervenções na cidade mais voltadas à promoção e especulação imobiliária de determinadas regiões da cidade do que voltado para área social e para o planejamento sustentável do solo urbano da cidade. Historicamente não se tem percebido de forma aguda a contemplação também das populações de baixa renda da cidade, sobretudo aquelas sem habitação ou que ocupam locais insalubres e inóspitos da cidade para construir seus casebres e barracos.

complexidade, ações estas feitas nas várias unidades ou postos de saúde espalhados pelo município tanto na área urbana como na zona rural.

Outra importante obra que ajudou a ampliar a área do sítio urbano de Teresina porque favoreceu muito o crescimento da cidade na direção norte à beira do rio Parnaíba, foi a construção da ponte sobre o Rio Poti em 1993 no bairro Poti Velho, ponte essa que interligou a parte mais antiga da cidade, o bairro Poti Velho (antiga Vila Nova do Poti), ao bairro Santa Maria da Codipi, ligação essa anteriormente feita por intermédio das travessias do rio por barcos, lanchas, canoas ou através do ‘Pontão’¹³¹. É importante mencionar que, até a década de 1970, aquela região representava área rural do município de Teresina caracterizada como espaço para a criação de gado leiteiro e de corte, condição que ainda permaneceu até a década de 1990 a considerar que nela permaneceram várias fazendas e vacarias, mesmo depois da sua transformação em bairro da capital. A construção da ponte sobre o rio Poti no bairro Poti Velho favoreceu nos anos finais do século XX o surgimento da região da ‘Grande’ Santa Maria da Codipi composta por vários bairros, conjuntos habitacionais, vilas e loteamentos.

Imagem 07: Pontão da Santa Maria da Codipi em Travessia sobre o Rio Poti no bairro Poti Velho em 1978



Pontão / Santa Maria da Codipi - 1978

Fonte: Foto de **Assaí Campelo**: Prefeitura Municipal de Teresina. **Teresina 155 anos**. Caderno: Lentes de Teresina: a cidade que queremos ter. PLUG Propaganda Oe Marketing: Teresina, 2007.

¹³¹ O ‘Pontão’ do Poti velho, espécie de grande embarcação impulsionada por motores, fazia a travessia de pessoas, mercadorias, animais e veículos dos dois lados do rio Poti ligando os bairros Poti velho à região da ‘grande’ Santa Maria da Codipi.

Um fato curioso marca a história da construção da Ponte sobre o rio Poti no Bairro Poti Velho, pois, a considerar que essa ponte era prometida à décadas à população daquela região, o então prefeito de Teresina, senhor Heráclito Fortes, em campanha eleitoral, havia prometido a construção da mesma em 100 (cem) dias, situação que de fato ocorreu, uma vez que depois de aprovada e assinada a ordem da construção, a ponte foi feita em tempo recorde de aproximadamente cem dias, como prometido anteriormente.

Imagem 08: Ponte sobre o Rio Poti construída em 1993 interligação do bairro Poti Velho com a Santa Maria da Codipi em Teresina



Fonte: **Itamar Neiva** (editada). Ponte sobre o rio Poti no Bairro Poti Velho, construída durante a gestão do Prefeito Heráclito Fortes, foi inaugurada em 1993.

O ritmo das obras estruturantes da cidade ganhou vigor na década de 1990. Entre os anos de 1993 e 1995 a cidade de Teresina ganhou a instalação do Tribunal Regional Trabalho 22ª Região (1993); a Universidade Estadual do Piauí - UESPI, antigo Centro de Ensino Superior do Piauí - CESPI. O ano de 1993 marcou a história da telefonia piauiense mais uma vez por conta da instalação do sistema de telefonia celular através da TELEPISA Celular.

No ano de 1995 o destaque em termos de obra para a cidade foi a construção sobre o rio Poti da Ponte Wall Ferraz, ponte que interligou a Avenida Higino Cunha (sul) ao bairro São João (leste)¹³². Por ela a interligação centro e sul da cidade às zonas leste e sudeste se tornou mais acessível se comparado ao antigo trajeto feito através da ponte JK na Avenida

¹³² A construção da Ponte Wall Ferra em 1995 acabou favorecendo a construção no início dos anos 2000 das avenidas Cajúfna (leste) e dos Ipês (sudeste).

Frei Serafim na região central da cidade ou pela ponte próxima do Terminal Rodoviário em direção ao conjunto habitacional Tancredo Neves na BR 343, na região sul-sudeste da capital.

Na segunda metade da década de 1990 intensificaram-se a realização de obras que marcaram fortemente o crescimento da estrutura urbana da cidade, obras esta que ajudaram a dinamizar sua economia ao ponto que impôs novas práticas ao morador de Teresina. A inauguração dos dois primeiros *shoppings centers* da cidade - o Riverside Shopping inaugurado em 1996 e o Teresina Shopping inaugurado em 1997 - ampliaram sobremaneira o potencial tanto no setor comercial como de serviços da capital piauiense. Igualmente aos shoppings, reforçou a área de eventos na cidade a inauguração do Pavilhão de Feiras e Eventos Governador Guilherme Melo (em 1996), um Centro de Convenções alternativo da que passou a funcionar no local onde se planejava construir a nova rodoviária da cidade na junção da BR 316 com a BR 343, na região sul de Teresina, projeto que não vigorou.

O ano de 1998 marcou a história da cidade no setor médico-hospitalar com a ampliação do Pronto Socorro do Hospital Getúlio Vargas; a instalação da primeira UTI Pública no Hospital Getúlio Vargas, a implantação do primeiro Serviço de Nefrologia Pública no Hospital Getúlio Vargas; a implantação do curso de Medicina na Universidade Estadual do Piauí – UESPI e da realização do primeiro transplante cardíaco no Estado feito no Hospital Santa Maria.

Os anos finais do século XX e início do século XXI -, espaço-tempo limite do nosso recorte temporal para as análises em torno do objeto de estudo “Cidade” enfocando Teresina e seu processo modernizador -, foram marcados pela revitalização de diversas praças do centro da cidade, a exemplo das reformas feitas na Praça São Benedito, na Praça Saraiva, na Praça João Luís Ferreira e na Praça Pedro II. Em 2001 houve a abertura ao trânsito da capital a Avenida Raul Lopes. Em 2002 foi finalizada a construção da ponte Presidente José Sarney, popularmente conhecida como ‘Ponte da Amizade’ interligando Teresina à Timon, ponte essa que levou uma década para a sua finalização. Construção polemica marcada por paralisações retomadas na sua construção e pela suspeita de desvios de recursos, motivos pelos quais teriam atrasados em tanto tempo sua finalização¹³³.

¹³³ Ainda que fora do recorte temporal proposto para este estudo, citamos algumas obras realizadas já no novo milênio, uma vez que elas ainda reforçam as ações públicas que demonstrava ainda ao ‘ares’ e tempos modernizantes que a cidade vivenciava desde a ascensão dos militares ao poder e depois à redemocratização do país. No ano de 2003 foi inaugurada a interligação do trecho compreendido entre o Shopping Riverside e o Setor de Esportes da Universidade Federal do Piauí - UFPI, via que passou a chamar-se de Avenida Raul Lopes, enquanto que o trecho entre a ponte da Avenida Frei Serafim e o balão da BR 343 nas proximidades do Terminal de Petróleo na zona sudeste passou a denominar-se de Avenida Cajuína. O ano de 2004 encerra nossas análises

Embora emblemáticas e polêmicas, estas obras aparecem como marcos final para o nosso estudo exatamente pela capacidade que elas apresentaram de servir como referências para a história urbana de Teresina. Emblemáticas ainda porque envolveram grandes somas de recursos e vários aditivos de reajustes de preços para que se chegassem às suas respectivas conclusões. Problemáticas porque envolveram igualmente diversas paralisações por questões ambientais que envolveram o Ministério Público. Algumas destas obras envolveram ainda ações judiciais reclamationárias de indenização, a exemplo da ponte Estaiada, indenizações estas justificadas por conta das dezenas de desapropriações de imóveis feitas para liberar as áreas tanto de construção da ponte como das ruas, avenidas e alças de acesso.

A concepção de modernização que perpassou tanto a história do Piauí como a de sua capital estiveram estreitamente associadas à realização de grandes obras ou uso de novas tecnologias advindas com os tempos modernos.

Na história das transformações urbanas de Teresina e seus impactos nos moradores da cidade, as pontes sobre o rio Poti ou Parnaíba e a estreita relação que os teresinenses têm com estes rios, ajudaram a consolidar importantes ‘marcas’, ‘signos’ na cidade e em seus moradores.

Historicamente, a navegação do Parnaíba foi bastante promissora durante a primeira metade do século XX, notadamente na década de 1930. Nele, os barcos a vapor desempenhavam importante papel no transporte de mercadorias e passageiros, atravessando o Rio Parnaíba, também chamado de “Velho Monge”, considerado também o principal meio de comunicação entre as populações de várias cidades dos estados do Piauí e do Maranhão, sobretudo aquelas que estavam às margens do rio, contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico desses estados pelo vigor produtivo da sua bacia¹³⁴. Sua navegabilidade

sobre o processo de reforma e estruturação urbana da capital do Piauí numa perspectiva modernizante. O início de duas obras bastante significativas para a compreensão das reformas estruturantes e modernizantes de Teresina: o início das obras da Ponte do Sesquicentenário denominada de João Isidoro França, mais conhecida como Ponte Estaiada, que interliga os bairros Morro da Esperança (zona norte da capital) e bairro de Fátima (zona Leste) e também do início das obras da ampliação da linha do Metrô no trecho Estação Matinha e Estação Governador Alberto Silva no centro da capital na região da Praça da Bandeira, do Shopping da Cidadania e do Troca-Troca. Estas obras foram bastante emblemáticas e polêmicas, porém importantíssimas para uma nova fase da cidade e que “abriram as portas” do novo milênio para o teresinense carregando o mesmo estigma de quando foi fundada: o estigma de buscar ser Moderna.

¹³⁴ Registros dão conta de que a navegação no rio Parnaíba foi iniciada entre 1858-1859. Para maiores informações sobre a navegação no rio Parnaíba ver: GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba...** Cidades-Beira. 2008. Tese (Doutorado em História). Brasília: UnB, 2008; ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **O Rio Parnaíba: um olhar sobre a história de sua navegabilidade.** Monografia apresentada como requisito para obtenção do título de especialista em História do Piauí; BARBOSA, Edison Gayoso Castelo Branco. **O rio Parnaíba; contribuição à história de sua navegação.** Teresina, Projeto Petrônio Portella, 1986; BORGES, Jôina Freitas. **A História Negada: Em Busca de Novos Caminhos.** Teresina: FUNDAPI, 2004; CLARK, Antônio

começou a entrar em declínio no final da década de 1940 quando o Estado brasileiro passou a priorizar o transporte rodoviário via construção de centenas de rodovias por todo o país¹³⁵.

A navegação no rio Parnaíba e sua relação com Teresina fez do cais do centro da capital piauiense durante décadas, ponto importante de carga e descarga de mercadorias ou mesmo de passageiros, ajudando a dar vida e vigor econômico ao centro da cidade, historicamente, principal área econômica da cidade.

Imagem 09: Embarcações Ancoradas no Cais do Porto no Centro de Teresina em 1979



Foto: Assai Campelo. Teresina 155 anos. Lentes de Teresina: PMT. Teresina, 2007.

A concepção de modernidade também residia não só em construir, mas em desejar, em sonhar ter algumas grandes obras. Neste aspecto, o fim da década de 1980 e início dos anos 90, o ser moderno e desenvolvido no Piauí ou em Teresina, passou a encontrar na navegação do Rio Parnaíba e na construção de um porto no litoral piauiense, exemplo de projetos capazes de promover o progresso e o desenvolvimento econômico do Piauí, projetos estes que ficaram no papel, embora aquele de retomada da navegação no Parnaíba tenha sido executado

Castelo Branco. **O rio Parnaíba**: Grandeza e decadência. Almanaque da Parnaíba. 49ª ed. ANO XLVI, 1969; DOBAL, H. **O Tempo Consequente**. Teresina: Corisco, 1998. DOMINGOS NETO, Manoel. Reflexão em torno da estagnação de Parnaíba. In: **Almanaque da Parnaíba**, 1982, n.59, entre outros.

¹³⁵ VÍDEO o Navio do Sal. Documentário. Fonte: TV Educativa do Piauí. Disponíveis em <http://portalparnaibanoticias.blogspot.com.br/2014/03/barca-do-salum-sonho-que-afundou.html>. Acessado em 14 de novembro de 2014.

inicialmente pela construção do navio graneleiro Comandante Fausto Fernandes e Silva, projeto este que malogrou junto com a ‘Barca do Sal’, embarcação construída em Parnaíba.

Durante décadas, o progresso de Teresina passava ou tinha relação direta com a navegação do/no Rio Parnaíba, como já antecipado. A *pólis* política, econômica e centro administrativo do Estado tinha parte de sua sobrevivência, de seus negócios ligados à navegação do rio Parnaíba e do papel umbilical que este desempenhava com outras cidades ribeirinhas dos dois Estados por ele banhados, no Piauí e o Maranhão. Com o advento da indústria automobilística e da opção política pelo transporte de pessoas e de mercadorias pelo modelo rodoviário, somados à degradação ambiental¹³⁶, a navegação e o próprio rio perderam importância tanto como meio de transporte - entrando em processo de decadência econômica e de navegabilidade por força do assoreamento das suas nascentes e margens, de sul a norte - como comercial, falência esta interligadas.

A segunda metade do século XX ficou marcada, pelo menos discursivamente, por tentativas de restabelecer a navegação deste importante rio para a cidade de Teresina. Em fins dos anos de 1980, o poder público estadual tentou executar na prática uma política de navegação do Rio Parnaíba. A proposta passava pela navegação e transporte de mercadorias no rio desde a região sul do estado até a foz do rio na cidade de Luiz Correia. Para tanto, foi construída a “Barca do Sal”, nome pelo qual ficou conhecida a embarcação construída com o propósito de retomada da navegabilidade do rio.

Depois de empenho pessoal do governador à época, o senhor Alberto Tavares Silva, para a construção do navio do sal, aos dez dias do mês de maio de 1988, o navio graneleiro Fausto Fernandes e Silva, deixou o estaleiro em que foi construído na cidade de Parnaíba e entrou no Rio Igaracu, o primeiro ‘braço’ de Rio Parnaíba antes de desembocar no ‘Delta’ das Américas. O navio viajava em velocidade variável de oito a dez nós, a aproximadamente 17 km por hora e estava carregado com duzentas toneladas de sal. Saindo de Parnaíba, tinha como primeira parada a cidade de Luzilândia no Piauí, devendo passar por várias cidades ribeirinhas, inclusive a capital Teresina, devendo subir o rio até chegar ao porto final programado para a viagem, a cidade de Guadalupe no sul do Piauí. O final da rota ficou ali estabelecido porque precisaria ainda da construção de eclusas elevatórias para que as embarcações continuassem a subida do rio no trecho da barragem da Usina Hidrelétrica de

¹³⁶ Dentre os diversos fatores que contribuem para o assoreamento do rio Parnaíba estão o crescimento das cidades e das populações ribeirinhas ao rio, a construção de casas em áreas cada vez mais próximas do leito do rio, o desmatamento, as queimadas e roçados para a prática da agricultura familiar, além também da prática do agronegócio.

Boa Esperança. Seu objetivo era transportar mercadorias do norte do Piauí aproveitando as potencialidades locais até o sul do estado, de onde retornaria com produtos e mercadorias fruto da produção e do potencial daquela região, rica na produção de grãos. Objetivava ainda interligar a hidrovia do Parnaíba com a região central do Nordeste e de outras áreas do Brasil central.

O projeto vislumbrava a navegabilidade do rio acenando para uma modernização que olhava para traz, ou seja, para os tempos áureos da navegação do Rio Parnaíba. Por ela, o progresso chegaria a Teresina trazendo consigo novas receitas, por causa do reaquecimento da economia da cidade via transporte fluvial ‘rio a baixo, rio-a-riba’, retomando tempos de uma época onde o progresso do estado passava pelo rio navegável, condição igualmente aplicável a sua capital.

Imagem 10: Navio Comandante Fausto Fernandes e Silva em Teresina em 1988



Fonte: Acervo **Academia Piauiense de Letras**. ‘Barca do Sal’ aportada no cais do porto do Rio Parnaíba em Teresina em 21 de maio de 1988 nas proximidades do ‘Troca-Troca’.

Ainda que estudos anteriores apontassem para a possibilidade da navegabilidade do rio com potencial econômico nos transportes de produtos e mercadorias pelo seu leito, o projeto sucumbiu, ou melhor, como a própria imprensa noticiou: a ‘Barca do Sal, um sonho que afundou’¹³⁷. A ‘barca do sal’ não conseguiu resistir às dificuldades naturais de navegabilidade

¹³⁷ **BARCA do sal, um sonho que afundou.** Portal Parnaíba Notícias. Disponível em <http://portalparnaibanoticias.blogspot.com.br/2014/03/barca-do-salum-sonho-que-afundou.html>. Acessado em 14 de novembro de 2014.

do Rio Parnaíba que perdeu parte da sua capacidade de vazão, sobretudo nos períodos de seca, quando o volume de suas águas era bastante reduzido pela ausência das chuvas que também atingia aos outros rios que são seus afluentes. Os efeitos mais imediatos, porém duradouros, desse fenômeno foram o surgimento de ‘bancos de areia’, praias naturais que se formam no leito dos rios, regionalmente chamadas de “Coroas”, o que implicou a não navegabilidade comercial e de cargas.

Ao longo destas quase cinco décadas da não exploração comercial da navegabilidade do rio, contribuiu para piorar suas condições de navegabilidade as queimadas, as roças e roçados e a erosão de suas margens, fenômenos que ajudaram a despejar milhares de toneladas de terra no seu leito e em seus canais de navegação, naquele que é o segundo maior rio do Nordeste e mais importante para os estados do Piauí e Maranhão, tornando um rio “morto” para a navegação.

A existência e importância do rio Parnaíba, a utopia da sua navegabilidade e a certeza do malogro de sua viabilidade navegável, contrastam os desejos modernizantes que atravessam a história da cidade, desejos estes que sempre viram no rio uma alternativa do desenvolvimento e do progresso do estado e de sua capital. O malogro do projeto da ‘Barca do Sal’; o assoreamento do rio; a diminuição do volume de águas causa-efeito das secas e estiagens, o aparecimento de barrancos de areia ao longo do rio, sobretudo em áreas urbanas, entre outros, apagavam o sonho do rio navegável, situação que igualmente comprometia o projeto de desenvolvimento e de progresso econômico do Estado e de sua capital.

Teresina, Obras Públicas e Advento Tecnológico na Reconstrução da Cidade Visível

A cidade de Teresina foi marcada nas últimas três ou quatro décadas pelos emblemas da modernidade assim como outras capitais do país. Processos distintos e às vezes antagônicos fazem parte desta fase. Verticalização desigual e concentrada; horizontalização descontroladas e irregulares via favelização¹³⁸ e surgimento de vilas contrapunha-se a uma horizontalização controlada e planejada pelo Estado através da construção de grandes conjuntos habitacionais.

¹³⁸ A favelização registrada em Teresina entre os anos de 1970 e 1990 se proliferou tanto na periferia dilatando o sítio urbano da cidade como em áreas próximas do centro ou bairros de classe média o que cobrava do poder público através do executivo estadual e municipal de políticas de intervenção urbanística e infra estrutural nestas áreas.

A abertura de novas avenidas ou o alargamento das já existentes ou a criação de ruas e a pavimentadas das mesmas se tornaram essenciais para interligar estas novas áreas surgidas na periferia do sítio urbano da cidade. Mesmo essencial para as condições mínimas de urbanidade e civilidade na cidade, a ausência de pavimentação asfáltica ou poliédrica, além de saneamento e coleta de lixo e esgoto, atravessou a história da cidade e se constituem em problemas sempre atuais e cotidianos do teresinense.

À medida que a cidade se expandia horizontalmente, mas também verticalmente, construir corredores de tráfego para desafogar a concentração de carros e pessoas ou facilitar o acesso dos habitantes das áreas mais distantes ao centro da cidade se tornava mais que uma necessidade, era uma condição de sobrevivência da cidade e de mobilidade de seus moradores. As vilas e favelas e os conjuntos habitacionais contribuía para aumentar as distancias entre habitação, trabalho e utilização dos serviços oferecidos no centro da cidade ou até mesmo das diversas regiões da cidade entre si.

O Jornal do Piauí de 29 de janeiro de 1970 (p. 04) assim noticiou a ampliação e reforma da Avenida Miguel Rosa:

“As obras da Miguel Rosa”

[...] A avenida Miguel Rosa, assim concluída, terá uma atuação excelente para a cidade, pois vai servir como ponto de irradiação, livrando-nos de suportarmos a corrida pelo centro da cidade, de carros peados que chegam e demandam de outras praças. Feito esse serviço, poderão eles vindos do sul, entrar pela BR 316 na antiga Tabuleta e logo ali ir servindo-se da Miguel Rosa, enquanto os que demandam do Ceará poderão tomar a Frei Serafim e ali ganharem a mesma área ao lado da Estação Rodoviária. É como se vê um trabalho que no futuro, quando a cidade começar a sentir a sua importância lhe emprestará o devido e necessário valor.

É uma obra do futuro. Terá sua expressão nos dias vindouros, vez que muito irá concorrer para o maior e mais rápido progresso de Teresina. Não temos dúvida.

Embora o conteúdo da matéria enfoque ainda na década de 1970 a necessária conclusão das obras da Avenida Miguel Rosa para melhorar o acesso e o fluxo de carros em direção ao centro da cidade, inclusive destacando esta construção como “uma obra do futuro”, não findaria a década de 1990 e a avenida já apresentava sinais de estrangulamento das demandas de veículos que nela trafegavam diariamente.

O mesmo jornal já em fins daquele mesmo ano voltou a noticiar a reforma da mesma avenida. Fato interessante a observar é que se o título da matéria sugere a finalização das

obras da avenida, na síntese da matéria as obras ainda demonstram estarem em pleno andamento, haja visto que os serviços de terraplanagem agora era que se iniciavam. Outro aspecto a considerar na síntese da matéria foi o aspecto humanístico da reforma visto que os esclarecimentos do chefe do executivo municipal - Haroldo Borges - apontam para o uso da referida avenida em “duas pistas para lambretistas, ciclistas e pedestres”. Tal direcionamento sugere que aquela avenida ainda era pouco explorada por veículos, ônibus ou caminhões, diferentemente do que passou a ocorrer em fins do século XX, situação que transformou a Avenida Miguel Rosa em um dos mais importantes corredores de automóveis da cidade.

“Avenida pronta: Haroldo opera”

O Prefeito Haroldo Borges, informou esta manhã à assessoria de imprensa que deseja até o fim de seu mandato deixar concluídos os trabalhos da Avenida Miguel Rosa. Acrescentou o chefe da municipalidade que os trabalhos continuaram normalmente e a terraplanagem já começou a ser feita.

Esclareceu ainda o prefeito que será duas pistas para lambretistas, ciclistas e pedestres. O 2.º Batalhão de Engenharia está ativamente ajudando ao chefe da edilidade nesta obra gigante e que muito representará para o futuro desenvolvimento de Teresina (JORNAL DO PIAUÍ, TERESINA, 24/10/1970, p. 01).

À medida que a cidade crescia em várias direções, originando novos bairros ou novas áreas de intervenção empresarial, novos costumes, novas maneiras de viver que incorporavam novos hábitos, hábitos esses que por sua vez empreendia em parcela dos moradores da *urbe* um estreitamento com a noção de civilidade, de luxo, de elegância, de ‘educação’, ou seja, de modernidade, iam passando a fazer parte do cotidiano de seus moradores.

As novas construções ou reformas empreendidas pelo poder público na estrutura urbana da cidade ou as intervenções privadas na construção ou reforma de casarões ou prédios comerciais nas áreas mais antigas ou mais centrais da cidade afetavam sua estrutura urbana provocando, gradativamente em cadeia, novas outras modificações. As ruas ganhavam calçamento, as avenidas eram alargadas e ganhavam pavimentação asfáltica e os casarões outrora construídos para a moradia foram sendo transformados em pontos comerciais ou eram até mesmo demolidos para a construção de empreendimentos para o setor comercial ou de prestação de serviços, ou mesmo virarem estacionamentos.

As casas de taipa ou os casarões de tijolo de barro cru eram substituídos por casas ou edificações de alvenaria, ferro, cimento, madeira e vidro. As casas cobertas com palhas de

palmeiras como a carnaúba ou o coqueiro eram substituídas por casas cobertas de telha cerâmica, amianto ou zinco. Mesmo nos bairros mais longínquos, muitas casas já eram construídas não mais no formato de taipas, passando a seguir o tipo de construção que se processavam nos conjuntos habitacionais: casas de alvenaria, com piso em cimento ou cerâmica, porém rebocadas e cobertas com madeira serrada e telhas cerâmicas.

Do ponto de vista urbanístico, as novas construções, alargamentos e ou pavimentação de ruas e avenidas não só melhorava as condições físicas e sanitárias da cidade, mas também empreendia novos hábitos nos moradores. As ruas passaram a ser mais e melhor iluminadas, o que favorecia não só a prática do hábito de sentar-se à porta da rua ao final da tarde e início da noite, mas também dormir um pouco mais tarde. O ‘novo’ por vez, tido como ‘moderno’, chegavam por todos os lados e nas diversas frentes. Iluminação pública e energia elétrica nas casas, telefonia, água tratada, coleta de lixo, pavimentação poliédrica e asfáltica, representavam elementos da modernidade que por sua vez empreendiam ao morador da *urbe* novos hábitos.

De um lado, entre 1964 e 1985, tínhamos os moradores da *urbe* reclamando demandas de serviços essenciais por toda a cidade, por outro tínhamos o poder público, responsável por fazer tornar possível estes bens e serviços. Entre os dois estava o ‘Estado de Recessão’, que por um lado fazia uso da força para estar no poder, do outro a população desejava de bens e serviços de direito que poderia oferecer mais cidadania. No final da década de 1980 e por toda a década de 1990, causa-efeito do processo de redemocratização e da própria promulgação da Constituição Cidadã de 1988, os reclames por direitos sociais¹³⁹ tornaram-se mais vigorosos o que possibilitou Estado e sociedade ‘dialogar’ na execução de demandas cada vez mais necessárias à vida na cidade (e também no campo).

O processo de modernização da cidade de Teresina nas décadas de 1970, 80 e 90, dentro de um contexto mais amplo, se deu marcado por alguns antagonismos, a começar por ter se dado boa parte dele dentro de um regime de recessão, o período de ditadura civil-militar (1964-1985), marcado por perdas de direitos civis e políticos, porém, pela ampliação de direitos sociais (CARVALHO, 2002). Nele a cidade vivenciou intensos acirramentos pela ocupação do solo urbano, quase sempre circunscritos pela repressão policial, que deram origem à criação de várias vilas, favelas e assentamentos urbanos, locais que absorveram fluxos migratórios do campo e de cidades do interior do Piauí e de outros estados do país.

¹³⁹ Pós 1985, os direitos políticos e civis no Brasil foram reestabelecidos, no entanto, o país precisava avançar nas conquistas sociais.

Contraditoriamente, neste mesmo período, dezenas de conjuntos habitacionais com casas e apartamentos populares foram construídos na cidade. Se as liberdades das ruas eram ameaçadas pelas forças de repressão policial, por outro, criaram universidades e escolas fomentando a universalização da educação básica, assim como também houve ampliação da rede hospitalar e a constituição de políticas de saneamento básico por várias cidades do país, política esta marcada negativamente na história da cidade até mesmo em tempo mais recente, já que, na virada de século XX/XXI, Teresina contava com apenas 13% de cobertura sanitária, ainda que 95% da população tivessem acesso ao abastecimento de água¹⁴⁰.

Neste contexto, a modernização da cidade que passava por ações planejadas e por políticas de habitação, por outro, sofria de um crescimento indesejado que fazia crescer nas franjas da cidade dezenas de comunidades em situação insalubres de vida e moradia. Assim, tinha-se que o moderno contrastava com o caótico e com o insalubre num momento em que a cidade e seus governantes esforçavam-se para desenvolver ações planejadas de ordenamento urbano. Os diversos planos de estruturação e desenvolvimento urbano da cidade na segunda metade do século XX foram exemplos reais das tentativas de ações planejadas do Estado¹⁴¹. Leis, Decretos e Projetos de Leis foram igualmente apresentados e aprovados com vistas à execução de obras e melhoramentos urbanísticos na cidade neste mesmo período (1970-2000), tanto pelo Governo Estadual como pelo Governo Municipal.

No século XX, o discurso de modernização contagiou o poder público, notadamente esse discurso se dava na cidade e estava voltado, sobretudo, para ela própria. Mesmo que se referindo ao Recife na década de 1920, Resende (1997, p. 37) expõe que ainda que “adotando

¹⁴⁰ Segundo o Relatório ‘Teresina, Agenda 2015’: A cidade que temos (s/d, p. 17), “até 1997 os esgotos domésticos coletados e tratados em Teresina correspondiam a apenas 4% do total de ligações de água. Era um baixíssimo índice de tratamento de esgotos e, evidentemente, implicava em sérias condições de insalubridade para a comunidade. A partir de 1998, com o Projeto SANEAR, o sistema de esgotos de Teresina começou a ser ampliado. Em 2002 a rede coletora atingiu 325 km, correspondendo a um atendimento de 13% da população abastecida com água, o que, embora configure um progresso no período recente, ainda é um baixo índice de cobertura. Na maior parte da cidade os esgotos escorrem pelas sarjetas, ruas e terrenos, desaguando nos rios Parnaíba e Poti, diretamente ou através de lagoas ribeirinhas. Estas lagoas, terrenos, córregos e rios poluídos se transformam em focos de doenças”. p 17. Acessado em 10 de agosto de 2015. Disponível em: <http://www.teresina.pi.gov.br/portalpmt/orgao/SEMPPLAN/doc/20080924-160-585-D.pdf>.

¹⁴¹ Entre 1964 e 1985, o planejamento urbano de Teresina foi colocado em prática como ação pública através da elaboração de Planos Diretores a partir de 1969 com a publicação do Plano de Desenvolvimento Local Integrado – PDLI, realizado pela Prefeitura Municipal de Teresina e a COPLAN, plano esse mediado na sua elaboração pelo Serviço Federal de Habitação e Urbanismo – SERFHAU, órgão do Ministério do Interior. Outros dois planos urbanos foram propostos para a cidade de Teresina: o I Plano Estrutural de Teresina (I PET) em 1977 e o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), em 1983. Já entre 1986 e o ano 2002 tivemos o II Plano Estrutural de Teresina (II PET) em 1988 e o Plano de Desenvolvimento Sustentável – Teresina Agenda 2015 elaborado em 2001/2002 e publicado na legislação do município em 2006. In: RODRIGUES, Rodrigo da Silva; VELOSO FILHO, Francisco de Assis. **A evolução dos Planos Urbanos de Teresina no contexto do Planejamento Urbano no Brasil**. Disponível em <http://www.geociencias.ufpb.br/posgrad/sernne/artigo59.pdf>. Acessado em 10 de agosto de 2015.

políticas conservadoras, era constante nas mensagens dos governadores de Estado projetos e referências a atitudes administrativas voltadas para a modernização, dentro das possibilidades da época”. A observação de Resende (1997) nos fez perceber o quanto no Brasil, as políticas de modernização das cidades estiveram concentradas na figura do poder público, a exemplo do que ocorreu no Rio de Janeiro, em São Paulo, em Belo Horizonte e em Teresina desde 1852, ano da fundação da nova capital do Piauí¹⁴².

O projeto modernizador da cidade de Teresina nas décadas finais do século XX se deu em múltiplas frentes e não se tratava somente da modernização estética, arquitetônica, urbanística e paisagística, implicava ainda, como já afirmado, na adoção de hábitos e costumes tidos como civilizados, hábitos estes ligados a questões médico-sanitaristas, educacionais, culturais, posturais, éticas e morais, ainda que a mais impactante, pelo menos do ponto de vista visual, fosse a questão urbanística e arquitetônica da cidade.

A considerar o impacto das obras físicas como remodeladoras da cidade, a modernização passava obrigatoriamente pela construção de pontes, viadutos, rebaixados ou elevados. Notadamente cimento, ferro, concreto e asfalto davam o tom da concepção de progresso. O impacto visual que a arquitetura das obras apresentava, sobretudo, na altura também representava outra ‘matriz’ do moderno na *urbe*. Nesse projeto modernizador, as pontes e os viadutos, estes últimos um pouco mais tardiamente, foram sendo construídos ainda em demanda sempre deficitária para a realidade da cidade, no entanto, os rebaixados ou elevados vieram com a construção do ‘Pré-metrô’, sobretudo na Avenida Miguel Rosa, ficando os das BR’s que cruzam o sítio urbano da cidade ainda por serem executados, situação que não havia se concretizado até a virada de século (XX/XXI).

O jornal ‘O Estado’ de 10 de janeiro de 1981 (p. 3) já noticiava a necessidade da construção de um viaduto no cruzamento das duas mais importantes e movimentadas avenidas do centro de Teresina, as avenidas Miguel Rosa no cruzamento com a Frei Serafim:

“Viaduto”

O Prefeito José Raimundo Bona Medeiros anunciou e a Empresa Teresinense de Urbanismo - ETURB já está providenciando o estudo em torno da construção de um viaduto na confluência das avenidas Frei Serafim e Miguel Rosa no centro da capital (JORNAL O ESTADO. TERESINA, 10/01/1981, p. 3).

¹⁴² A ausência de elementos que alimentassem a capacidade de Oeiras *ser* ou a possibilidade de *poder vir a ser* moderna teve implicações muito graves para aquela cidade. E na ausência desses elementos, isto lhe implicou um preço muito alto, perder a condição de sede administrativa da província do Piauí, sentença que lhe custou a ‘paralisia’ enquanto projeto de cidade moderna, restando-lhes a identidade saudosista de ex-capital provincial.

Embora noticiado repetidas vezes, a construção deste viaduto nunca saiu do papel, igualmente ficou quase impossível sua realização por dois motivos: o primeiro dizia respeito ao tombamento histórico de parte daquela área da cidade por conta dos prédios do DER e da Estação Ferroviária e o segundo por conta do rebaixamento da linha férrea da REFFSA paralela à Avenida Miguel Rosa utilizada pelo 'Pré-metrô' no trecho urbano da capital.

No ano seguinte, em fevereiro de 1982, um Jornal de grande circulação no Piauí, através da manchete 'Viadutos ficam prontos antes de maio', chamava a atenção para a necessidade de resolver o problema da passagem dos trens de passageiro e de cargas da linha Fortaleza-Teresina-São Luís pelo centro da cidade de Teresina. Nele, a matéria evidenciava a construção e brevidade da inauguração de viadutos sobre a linha férrea que cruzava o perímetro urbano da cidade, dos quais dois desses viadutos foram construídos no bairro Mafuá facilitando acesso melhor e mais seguro entre os bairros das zonas norte, centro e sul. O outro viaduto foi construído na Rua São Pedro ligando o centro da cidade ao bairro Ilhotas, contribuindo para diminuir o fluxo de veículos que circulavam pela Frei Serafim, principalmente no cruzamento com a Avenida Miguel Rosa, que em horários de 'pico' provocavam enormes engarrafamentos tornando aquele cruzamento local de constantes acidentes, principalmente nos momentos de passagem dos trens de carga, situação que deixava os carros a poucos metros do trem em movimento na passagem daquele cruzamento (JORNAL DO PIAUÍ. TERESINA, 09/02/1982, p. 8).

À medida que a cidade crescia em população e conseqüentemente expandia em tamanho o seu sítio urbano, fruto das novas áreas ocupadas formal e informalmente, por conjuntos habitacionais e por ocupações onde surgiram vilas e favelas, havia uma necessidade constante de melhoramentos das estradas que interligavam Teresina a outras cidades circunvizinhas pelas PI's ou a outros estados pelas BR's, ou ainda à própria zona rural de Teresina pelas estradas carroçais ou vicinais¹⁴³.

O projeto modernizador que atuava em múltiplas frentes previa ainda a preocupação com a higiene de ruas, avenidas e prédios públicos. Este aspecto não contemplava apenas a aparência de limpeza da cidade a olhos vistos, incluía ainda o cuidado com a salubridade de determinadas áreas, a exemplo do que ocorrera com as fontes luminosas de praças e avenidas que acabaram desaparecendo da paisagem urbana da cidade, pois, ainda que esteticamente belas, se apresentavam como locais propícios a doenças devidos a ocupação destes locais por

¹⁴³ Termo utilizado para fazer referencia a estrada de terra, estradas empiçarradas ou em barro, sem tratamento poliédrico (pedra e paralelepípedo) ou asfáltico.

animais, insetos e até mesmo moradores de rua que as utilizavam destes espaços para lazer, banhos ou até mesmo como latrinas e miquitórios. As fontes d'água que funcionavam nas praças Rio Branco e Pedro II ou na Avenida Frei Serafim, foram exemplos de fontes que durante muito tempo refrescaram e embelezaram a cidade, remetendo muitos moradores a memórias saudosistas daqueles espaços, mas que acabaram sendo retiradas em atendimento aos novos conceitos de salubridade e de higiene da cidade que viam nelas, a possibilidade concreta 'moradia' de insetos e outros animais transmissores de doenças infectocontagiosas. Destas permaneceu ainda funcionando a fonte da Praça da Bandeira.

A noção de Modernidade espalhava-se e 'contaminava' diversos seguimentos da sociedade. A iniciativa privada agia mais empreendendo em negócios no formato da cidade capitalista. Comércio, produção e serviços influenciaram e dinamizaram as intervenções remodeladoras da cidade. Tanto numa visão arquitetônica como empreendedora, novas atividades e novos negócios passaram a compor a economia da cidade. O poder público por sua vez também buscava modernizar sua capacidade de gerenciar a *urbe* e suas demandas. Prédios e repartições públicas iam sendo construídos com vistas a atender a demandas cada vez mais crescentes da cidade. Fornecimento de água, energia elétrica, coleta de lixo, limpeza dos espaços e passeios públicos (ruas, avenidas, praças, parques), transporte, educação, saúde e segurança, estavam entre as demandas mais prementes da população.

Destas demandas cotidianas e essenciais à sobrevivência minimamente digna na cidade, a questão da água era aquela que mais atormentava a vida dos moradores a ponto de marcar negativamente a história da cidade de Teresina neste aspecto no período em análise, motivo que levava a imprensa local a noticiar esta questão quase que cotidianamente. As manchetes e recortes de matérias em jornais da cidade em dois momentos distintos retratam um pouco desta questão.

Em 1977 a imprensa assim expunha em uma de suas matérias de primeira página:

“Uma obra que merece ser conhecida”

O Governo do Estado, através da AGESPISA, está realizando a construção da obra mais importante dos últimos vinte anos do Piauí. Trata-se da Estação de Tratamento D'água a que sem favor algum pode-se chamar de 'a obra do século' pela sua importância nos aspectos mais significativos, pois envolve em profundidade um decantado problema, o do saneamento básico hoje recebendo um tratamento cuidadoso e especial em todo o mundo (JORNAL DO PIAUÍ. TERESINA, 21/06/1977, p. 1).

A questão do abastecimento de água para o morador da cidade era tão importante que a imprensa atribuiu a construção de uma Estação de Tratamento de Água (ETA) como ‘obra do século’ para a população de Teresina.

Em 1983 a imprensa noticiava ações do poder público com vistas a tentar solucionar o problema do abastecimento de água na cidade:

“AGESPISA conclui reservatórios”

Os seis grandes reservatórios projetados pela AGESPISA para aumentar a capacidade de reserva d’água do sistema de abastecimento de Teresina estão prontos - Disse o presidente da empresa Sampaio Rameiro, anunciando para os próximos dias a entrega oficial das obras pelo Governador Lucídio Portela [...].

São três unidades no Parque Piauí. Uma com capacidade para cinco milhões de litros para atender a área alta de Teresina, compreendendo o Parque Piauí, Saci, Lourival Parente, Redenção, Tabuleta, São Pedro e outros, outra com 2,4 milhões de litros para o Promorar e a terceira com 700 mil litros para atendimento aos conjuntos Bela Vista I e II.

Para atender a zona sul e a zona centro foi construído o reservatório “Panorama” no bairro Monte Castelo, capacitado para cinco milhões de litros e para a zona norte um outro reservatório para 2,4 milhões de litros está pronto no morro da esperança, bairro Primavera.

Além dessas unidades o Governo inaugurou o grande reservatório da zona leste localizado na Avenida Presidente Kennedy, bairro São Cristóvão. Somando-se a capacidade de todos os reservatórios Teresina terá elevada sua reserva de água tratada em mais de 17 milhões de litros de água, assegurando abastecimento a todas as áreas da cidade (JORNAL DO PIAUÍ. TERESINA, 27/01/1983, p. 3).

A considerar a localização dos bairros onde os reservatórios foram construídos, a cidade passava a ser atendida em todas as áreas, não aparecendo na matéria a região do ‘Grande Dirceu Arcoverde’, região importante e densamente povoada da cidade.

A mobilidade urbana via construção, alargamento ou expansão de ruas e avenidas; as melhorias habitacionais executadas através da construção de conjuntos habitacionais ou projetos de urbanização de vilas e favelas; a saúde e higiene, através da construção de hospitais e postos de saúde e a questão educacional, via construção de creches, escolas de primeiro e segundo grau, estavam entre as ações que mais preocupavam os gestores que de alguma forma tinham responsabilidades sobre a capital do Piauí.

Em âmbito municipal, o poder público atuava nas mais diversas regiões da cidade e nas mais diferentes frentes – transporte, mobilidade, urbanidade, saúde, educação,

saneamento, geração de emprego e renda, etc. -, de forma a produzir melhorias para a cidade e para seu morador. No âmbito estadual, as obras apresentavam preocupação mais infra estruturantes - rodovias, centro administrativo, pontes, geração e distribuição de energia, produção e distribuição de água tratada, etc. -, ainda que algumas delas se distanciassem bastante da concepção de essencialidade para o bem estar da população teresinense. A construção de um estádio de futebol - o Albertão para os times profissionais da cidade e do estado, do Parque Zoobotânico, do Parque Potycabana, de um ginásio poliesportivo - o Verdão, de um sistema de trens urbanos – o Pré-metrô, entre outras obras, foram e ainda são bastante contestados¹⁴⁴ no processo de modernização da cidade de Teresina entre os anos de 1970 e 2000. Fundamentavam as críticas feitas a essas últimas obras, consideradas desnecessárias, supérfluas ou mesmo ‘elefantes brancos’, o déficit habitacional, a precariedade do sistema de abastecimento d’água, a ausência de saneamento básico e esgotamento sanitário, a necessidade de pavimentação, a construção de escolas, entre outros.

Na década de 1990, por força da proliferação dos ideais neoliberais em determinados seguimentos políticos dominantes do país, do estado e do município, muitas dessas obras passaram a ser vistas no imaginário de parte dos moradores da cidade como obras ociosas, obsoletas, desnecessárias e caras em manutenção para o poder público, condição que favoreceu a difusão da ideia de privatização das mesmas, situação que já se vislumbrava sobre os serviços de águas e esgotos e energia elétrica. Fato que acabou se consolidando com três importantes órgãos públicos do Estado, a companhia de energia elétrica do estado – a CEPISA¹⁴⁵ e o banco do estado - BEP¹⁴⁶ que acabaram sendo federalizados. Por fim a companhia de telefonia fixa e depois móvel do estado – a Telepisa¹⁴⁷ que foi privatizada, todos estes patrimônios do estado do Piauí foram negociados na transição século XX/XXI.

A modernização da cidade chegava por grandes e exuberantes obras, mas também era igualmente marcada por pequenas obras, porém, essenciais. Se a vida nas vilas e favelas estava marcada pelas precárias condições de vida, evidentes nas moradias de baixa qualidade,

¹⁴⁴ As contestações pró e contrárias que envolveram as construções dessas obras passaram por questões como alto custo técnico e financeiro que implicou o gasto de elevadas somas de receitas do estado que poderiam ser aplicadas em obras de cunho mais social e no pagamento dos salários dos servidores estaduais a exemplo do que ocorreu com as contas públicas do estado com a construção do Pré-metrô e do Parque Potycabana; ociosidade pelo pouco uso e elevado custo, tornando-se ‘elefantes brancos’; baixa utilização retorno social e, por fim, o de serem obras descontextualizadas da realidade teresinense a época de suas construções.

¹⁴⁵ Centrais Elétricas do Piauí S/A.

¹⁴⁶ Banco do Estado do Piauí S/A

¹⁴⁷ Telecomunicações do Piauí S/A.

na ausência de saneamento básico, de água e iluminação pública e residencial, salvaguardado os casos onde moradores faziam desvios clandestinos destes serviços -, os chamados ‘gatos’, feitos tanto na rede elétrica como na de abastecimento d’água -, a lama em tempos de chuva e a poeira em tempos de seca agravavam ainda mais as condições de permanências e de insalubridade dos moradores nestas regiões da cidade.

Nelas, uma das formas mais evidentes da modernização chegar era a realização das obras de pavimentação poliédrica ou asfáltica. Por elas e a partir delas, as comunidades passavam a serem vistas pelos agentes públicos, obras que fomentavam novas outras construções e novas outras práticas, a exemplo da melhoria das casas, uma vez que, com a regularização fundiária dessas ocupações, tanto o Poder Público como os moradores estavam mais seguros para providenciarem ações de melhorias urbanas e residenciais, elementos importantes para o crescimento, progresso ou desenvolvimento destas áreas.

Os melhoramentos urbanos contribuía na substituição gradativa das casas de ‘pau-a-pique’ por casas de alvenaria e telhas¹⁴⁸ e na melhoria das condições de salubridades nas ocupações pela coleta de lixo, pela pavimentação poliédrica ou asfáltica que eliminavam os lamaçais no meio da rua por onde crianças e animais circulavam, igualmente diminuindo que causava problemas respiratórios ou de pele. Nestas regiões, depois do calçamento (JORNAL O DIA, TERESINA, 19-20/08/1971, p. 2), tínhamos ainda a instalação do sistema de fornecimento de água e os serviços de energia elétrica que acelerava ainda mais as transformações nestas comunidades pela quantidade de novas oportunidades que ali se consolidavam como quitandas, bodegas, açougues, farmácias, bares, lanchonetes, padarias, armazéns, frutarias, etc. Em síntese, as mudanças nas melhorias das casas das vilas e favelas ou as novas moradias em conjuntos habitacionais horizontais (casas) ou verticais (apartamentos) implicavam para seus moradores um processo de mudanças nos hábitos e costumes, hábitos estes que na maioria das vezes contingenciavam práticas insalubres e expandiam práticas higiênicas e de maior civilidade.

Nas ações governistas com vistas à modernização da cidade, até mesmo antes delas

¹⁴⁸ Nas décadas de 1970 e 1980, nas ocupações que tiveram sua questão de posse dos lotes urbanos resolvidos, muitas de suas casas recebiam fossas cépticas com banheiros pré-moldados construídos nos pequenos quintais. Já na década de 1990, os projetos de reforma e melhoria habitacional executados pelo poder público passaram a prever a construção de banheiros no interior das casas e, aos poucos, a cultura das fossas e banheiros feitos nos quintais, entrou em processo de desuso, ainda que muitos resistam até os dias atuais. No caso dos conjuntos habitacionais e dos apartamentos populares, desde os anos de 1970, suas plantas já traziam banheiros internos com fossas, o que melhorava sobremaneira a qualidade de vida e as condições de salubridade dos moradores desses conjuntos e novas comunidades que no seu entorno se formavam.

acontecerem de fato, a propaganda chegava antes das obras, pois, os governos contavam com a colaboração cooptada da imprensa local para exaltação do pacto com o moderno, com o desenvolvimento, com a ‘ordem e o progresso’. Projetos de obras que em muitos casos ficavam mesmo no planejamento e no discurso das promessas eleitorais. Na história da cidade de Teresina, muitos governadores ou mesmo prefeitos eleitos, encaminharam mensagens de governo às suas respectivas Casas Legislativas com projetos modernistas para a cidade, no entanto, a maioria deles ficavam apenas no papel ou serviram de ‘palanques eleitorais’ em busca de votos nos períodos eleitorais. Parte dessa propaganda visava diminuir a força das oposições políticas, das oposições intelectuais e dos movimentos sociais contrários aos ‘projetos modernistas’ que eram ‘anunciados’ a cada governo ou a cada disputa eleitoral. Neste contexto, o esquema da exacerbação da propaganda funcionava sistematicamente e ainda que a imprensa escrita e falada não fossem tão recentes assim na história da cidade de Teresina, essas estratégias apareciam como prática renovadora para a época, mesmo que fosse estrategicamente eleitoreira. Prática válida e aplicada não só pelos grupos políticos no poder, mais pelas forças políticas de uma elite de oposição sedenta pelo desejo de chegar ao poder.

Nos projetos¹⁴⁹ de modernização, planejados e tentados executar em Teresina nas três décadas finais do século XX, o poder público parece não ter tido a preocupação de adotar políticas de ‘entesouramento’ ou de ‘poupança’ de recursos públicos. Neste período, a marca do desperdício e do endividamento tanto do estado como do município em nome do desenvolvimento do estado e da modernização de sua capital, Teresina, parece ter dado o tom das ações dos representantes do poder público. Se até meados da década de 1980, os recursos públicos para obras e intervenções nas cidades brasileiras eram enviados com alguma facilidade pelo governo federal, muito desses recursos a fundo perdido, na década de 1990, diante do advento do neoliberalismo no Brasil, o custeio público para a realização de obras de urbanização nas médias e grandes cidades ficaram mais escassas e passaram a conter contrapartida dos governos locais.

A ‘onda’ desenvolvimentista levava muitos governantes a ações não só de endividamento do poder público, como também a elaboração e execução de projetos ‘faraônicos’, a obras grandiosas que muitas vezes não eram concluídas ou ficavam obsoletas.

¹⁴⁹ Entendemos como ‘projetos’, no plural mesmo, por percebermos que se tratavam de projetos que eram lançados a cada candidatura ou disputas eleitorais tanto para o executivo estadual como para o municipal, já que em todos eles, uma nova proposta era apresentada e tentada colocar e execução pelos grupos políticos eleitos. Além dos projetos para a cidade ligados ao poder público, ocorreram ainda muitas propostas de ações de modernização privados da cidade, projetos estes ligados a interesses particulares mas que acabavam contemplando a cidade com obras e serviços considerados modernos e, portanto, modernizadores de Teresina.

Aqui e ali, parte da imprensa lançava críticas severas à realização de obras pouco úteis à população.

“Obras de fachada”

[...] Obras de fachada não representam a grandeza econômica de uma nação. De que adianta o Brasil ter metrô e pontes gigantescas como a Rio-Niterói, como usinas nucleadas, quando, no país, é ainda considerável o índice de analfabetos, de menores abandonados, de mortalidade infantil, de mendigos e subnutridos, nas cidades e nos campos? De que valem as cidades colossais e suntuosas, quando nelas se encontram fome, miséria e pauperismo, com legiões de criminosos, de facínoras terríveis, roubando, matando e espalhando o terror no seio de suas populações ordeiras e laboriosas? Todo esse quadro social, triste e sinistro, é por culpa também da desídia dos governos [...] (JORNAL DO PIAUÍ. TERESINA, 19/02/1982, p. 2).

A crítica encontrada na imprensa escrita demonstrava não somente a noção de modernização, de desenvolvimento e de progresso solapados ou ameaçados pela falta de planejamento, mais também levava a perceber o embate, o conflito do projeto modernizador vigente com a realidade de fato do povo brasileiro, que em nada se ‘agasalhava’ com a proposta modernista. Pois, de que adiantava o Brasil ter metrô, pontes gigantescas e usinas nucleadas, quando, os índices de analfabetismo, o número de menores abandonados, de mortalidade infantil, de mendigos e subnutridos, nas cidades e nos campos, eram altíssimos? De que valia ou para que serviam ‘cidades colossais e suntuosas’, quando nelas nos deparamos com a fome, a miséria, o pauperismo e com legiões de criminosos, de facínoras terríveis, roubando, matando e espalhando o terror no seio da sociedade brasileira, povo ordeiro e trabalhador? Ainda no seio da população fosse passivo de encontrar pessoas responsáveis por esta situação, a crítica vinda do jornal apontava para um quadro social triste e sinistro, de responsabilidade e de culpa do ‘desleixo’ e negligência dos governos.

Os projetos de modernização da *urbe* vinham acompanhados, quase sempre de obras grandiosas. Elas representavam a ‘bandeira’ da modernização e do progresso ainda que vez por outra rodeadas em críticas. Algumas dessas obras procuravam levantar a autoestima do morador, igualmente buscava elevar o nível intelectual do povo, mostrando-lhes as exigências contidas no projeto modernizador de uma cidade. Elas ajudavam a desvendar aspectos novos para a população que estava acostumada a coisas pequenas, tacanhas, ao ponto em que contribuíram para formar mentalidades mais ‘adiantadas’, típicas dos grandes centros urbanos

REZENDE, 1997).

A estrutura do aparato burocrático do Estado e do Município sofreu severas mudanças ao longo das décadas finais do século XX. Algumas de natureza físicas pela construção de prédios e sedes para os diversos órgãos do poder público nas suas três esferas, outras de natureza de quadro técnico mediante utilização de concurso público para a contratação de servidores para compor o quadro de funcionário e para treinamento destes e, por fim, de natureza tecnológica mediante compra e aquisição de equipamentos e tecnologias de gerenciamento e controle de dados administrativos, de recursos humanos, de finanças e contabilidade, potencializando o controle de informações pelo poder público mediante informatização de seus sistemas de gerenciamento de dados.

Na parte de estruturação física, a construção do centro administrativo para a concentração de diversas secretarias de Estado numa mesma área figurou entre as obras mais importantes neste seguimento. As contratações de servidores por concurso colocando o critério da meritocracia como forma mais justa para se chegar ao serviço público, apresentava-se como uma modernização do sistema de nomeação de pessoas devidamente habilitadas para o exercício de funções públicas de carreira. Por fim, com o desenvolvimento da informática, com o surgimento e melhoramento de microcomputadores e de programas de gerenciamento de informações e dados, tanto o Governo do Estado, como a Prefeitura Municipal passaram a ter melhor controle do conjunto de informações de uso recorrente que precisava gerenciar. Para cuidar da aposentadoria e da saúde dos servidores públicos do Estado e do Município foram criados os Institutos de Previdência e assistência médica e social. Neste aspecto o governo do Piauí criou o IAPEP¹⁵⁰ para os servidores do Estado e a

¹⁵⁰ O sistema de previdência dos servidores públicos do Estado do Piauí foi instituído pelo Governador João Luiz Ferreira, através da Lei 1.079, de 18 julho de 1923, que criou a Caixa Beneficente, com a finalidade de amparar os familiares dos servidores públicos por ocasião da morte destes, concedendo-lhes um benefício de pecúlio. Em 31 de janeiro de 1966, foi sancionada a Lei N° 2.742, transformando a Caixa Beneficente em Instituto de Assistência e Previdência do Estado do Piauí – IAPEP, com natureza jurídica de Autarquia e sediado na Capital do Estado do Piauí, na Rua Sete de Setembro N° 121/centro-sul, com o objetivo de assegurar aos seus beneficiários os meios indispensáveis por morte daqueles de quem dependiam economicamente, concedendo-lhes os benefícios de auxílio funeral, pecúlio por morte e pensão por morte, além de outros benefícios, como auxílio natalidade, auxílio nupcialidade, assistência financeira, assistência habitacional e operações de seguro, bem como a prestação de serviços à saúde. Em 21 de junho de 1986, foi editada a Lei 4.051, criando o Regime de Previdência Social dos Servidores Públicos do Estado do Piauí, com a finalidade de assegurar aos seus beneficiários os meios indispensáveis de manutenção, por motivo de idade avançada, incapacidade, tempo de serviço, encargos familiares, prisão ou morte daqueles de quem dependiam economicamente, e a prestação de serviços de assistência à saúde. Com o advento da Lei Federal 9.717, de 27 de novembro de 1998, iniciou-se a reforma previdenciária no Brasil, estabelecendo regras gerais para a organização e o funcionamento dos regimes próprios de previdência social dos servidores públicos da União, dos Estados e dos Municípios, seguindo-se com maior amplitude através das Emendas Constitucionais N° 20, 41 e 47. Para se adequar à nova sistemática previdenciária imposta pela legislação acima citada, o Governador Wellington Dias sancionou, no dia 14 de julho de 2004, um conjunto de Leis Complementares disciplinando o regime de previdência dos servidores públicos do

Prefeitura Municipal criou o IPMT¹⁵¹ para os servidores do município.

No campo educacional, depois da inauguração do Colégio Agrícola de Teresina¹⁵² na década de 1950, durante e depois da ditadura (1964-1985), foram inaugurados várias escolas, estaduais, municipais, além da ampliação da Escola Técnica Federal, dos novos centros de ensino superior com a UFPI e a UESPI, além da construção do Instituto de Educação Antonino Freire¹⁵³, escola em que veio a funcionar a antiga Escola Normal de formação

Estado do Piauí, quais sejam: a Lei Complementar Nº 39, que instituiu o Fundo de Previdência Social do regime próprio de previdência social dos servidores públicos, policiais militares e bombeiros militares, ativos e inativos, e dos pensionistas dos Poderes Legislativo, Executivo e Judiciário, do Ministério Público e do Tribunal de Contas do Estado do Piauí; a Lei Complementar Nº 40 que dispõe sobre o Plano de Custeio do referido Regime previdenciário dos servidores civis, e a Lei Complementar Nº 41, que disciplina o plano de custeio dos militares e bombeiros militares do Estado do Piauí. O IAPEP, desde sua criação, tem como objetivo o bem-estar dos servidores públicos estaduais propiciando-lhes os benefícios previdenciários e assistência à saúde através do IAPEP-SAÚDE e PLAMTA. Quando o IAPEP foi criado, a assistência à saúde oferecida aos servidores públicos e seus dependentes, limitava-se à assistência médico-ambulatorial e hospitalar básica. Para melhor assisti-los, foi instituído o PLAMTA por meio do Decreto Nº 6.311, de 11 de julho de 1985, com a finalidade de complementar e suplementar a assistência médico-hospitalar prevista na Lei 2.742, de 31 de janeiro de 1966. Com a implantação da reforma previdenciária supracitada, não mais foi possível o custeio da assistência à saúde com recursos das contribuições previdenciárias, motivando a criação do IAPEP SAÚDE, através do Decreto Nº 12.049, de 26 de dezembro de 2005. Disponível em <http://www.iapep.pi.gov.br/historia.php>. Acessado em 12 de agosto de 2015.

¹⁵¹ O IPMT, Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Município de Teresina – IPMT, criado pela Lei, nº 2.062, de 18 de julho de 1991, passa a denominar-se Instituto de Previdência dos Servidores do Município de Teresina – IPMT, entidade autárquica, com personalidade jurídica de direito público interno, com autonomia financeira e administrativa, padrão hierárquico de Secretaria Municipal e subordinada diretamente ao Chefe do Poder Executivo Municipal, denominado, simplesmente, IPMT, Órgão de Gestão do Sistema de Previdência do Município, nos termos desta Lei. (Redação alterada pela Lei nº 3415, de 28/04/2005). Em 2001 o referido instituto passou por reformas regulamentadas na Lei, Nº 2.969, de 11/01/2001, por ela, o IPMT passava a ter como finalidade a concessão a todos os seus segurados e respectivos dependentes, dos benefícios previdenciários obrigatórios, previstos nesta Lei. Disponível em <http://ipmt.teresina.pi.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/Lei-2969-com-as-alteracoes-da-Lei-3415-IPMT.pdf>. Acessado em 12 de agosto de 2015.

¹⁵² O Colégio Agrícola de Teresina foi instalado em 10 de Maio de 1954 por iniciativa do Governo do Estado e Federal. No primeiro acordo firmado entre os Governos, o Estado doou a União uma gleba de terras para que nela fosse instalada uma Escola Agro técnica e um Centro de Tratorista. Em 09 de Julho de 1954 foi nomeado seu primeiro Diretor, o Engenheiro Agrônomo Carlos Estevam Pires Rebelo. A Escola Agro técnica de Teresina pertenceu ao Ministério da Agricultura vinculada a Superintendência do Ensino Agrícola e Veterinário de 1954 até 1964. Pelo Decreto Nº 53.558 de 13.02.64 passou a denominar-se Colégio Agrícola de Teresina. A partir de 21.05.64 por determinação Presidencial através do Decreto Nº 60.731/64 passou para o Ministério da Educação e Cultura, vinculado ao Departamento de Ensino Médio (DEM) onde permaneceu sob orientação até o ano de 1973 quando foi criada a Coordenação Nacional de Ensino Agropecuário (COAGRI), essa subordinada ao Departamento de Ensino Médio. O Curso Técnico em nível de 2º Grau teve início no ano de 1971 (Técnico Agrícola). O período de controle direto do MEC prolongou-se até o ano de 1976, quando o Governo Federal através do Decreto Nº 78.672 de 05 de Novembro de 1976, vinculou o referido Colégio à Universidade Federal do Piauí. A primeira turma de Técnicos Agrícolas em nível de 2º Grau saiu em 1973, e a partir de 1976, o nome foi modificado para Técnico em Agropecuária, o que permaneceu até a Reunião do Conselho Universitário da UFPI do dia 23/01/2013 alterando o nome dos Colégios Técnicos vinculados através da RESOLUÇÃO Nº 003/13 da UFPI. Disponível em <http://www.ufpi.br/cat/index/pagina/id/237>. Acessado em 12 de agosto de 2015.

¹⁵³ “A história do Instituto Superior de Educação Antonino Freire (ISEAF) se confunde com a história de Teresina. Fundado há 103 anos, ele nasceu como Escola Normal e durante décadas foi um dos principais responsáveis pela formação de docentes do Piauí. O Instituto começou com o desejo de educadores que criaram em Teresina a Sociedade Auxiliadora da Instrução, da qual surgiu a Escola Livre com um curso de quatro anos

pedagógica para o magistério das primeiras séries da educação básica na capital. Obras marcadas pela preocupação de urbanização, higiene, instrução pública e saúde, uma vez que pela educação formal, a população se tornaria mais civilizada, portanto, apta a conviver e praticar hábitos de civilidade, o que empreenderia à cidade e aos seus moradores noções de modernidade e de desenvolvimento.

Por obras deste tipo, fossem elas pela modernização da burocracia estatal ou na instrução pública de seus habitantes, para Rezende (1997, p. 41), uma das marcas do século XX foi o governo colocar-se no ‘dever imperioso’ de “acompanhar os rumos do progresso, livrar-se do atraso que persegue o país, aperfeiçoar os serviços públicos com métodos modernos de organização”. Este aspecto demonstrava “o Estado como grande incentivador e promotor do progresso”. Por ele, o governo também conseguiria proporcionar “conquistas morais e intelectuais” para a sociedade. Neste aspecto, o legado da Escola Normal, das faculdades isoladas que deram origem a UFPI (e ela própria), a UESPI e toda a rede educacional pública e privada que se constituíram nas décadas finais do século XX, tornando Teresina um polo educacional, podem e devem ser vistas como exemplos de ‘conquistas morais e intelectuais’, não só pelas escolas em si e pelas conquistas materiais da cidade que

de duração, onde os professores lecionavam gratuitamente. Em 1915, a escola passou a ser denominada Escola Normal Antonino Freire, em homenagem ao governador que a criou. Em 1973, a Escola Normal foi transformada em Instituto de Educação, mudando de endereço, antes na Praça Marechal Deodoro, para sua sede atual, na Praça Firmina Sobreira, zona Norte de Teresina. Há cinco anos, um projeto de lei do Governo do Piauí elevou o Instituto de Educação à condição de Instituto Superior de Educação Antonino Freire - Centro Integrado de Formação de Profissionais na Educação ISEAF”. Disponível em: <http://www.piaui.pi.gov.br/noticias> . Acessado em 12 de agosto de 2015. Com o advento da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996, onde cita no seu artigo 62 que “a formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior em Curso de Licenciatura, de graduação plena, em universidade e institutos Superiores de Educação”, acende novamente o espírito de mudança principalmente por parte do corpo docente. Nessa mesma Lei no seu Art. 87 e complementado pelo seu parágrafo 40, ficou instituída a década da Educação a iniciar-se nesse mesmo ano, a partir da publicação de Lei, e que até o fim da referida década somente seriam admitidos professores habilitados em nível superior ou formado por treinamento em serviço”. Com base nesses ditames constituídos em Lei e buscando o seu cumprimento desde o ano de 1999, o segmento docente deste Instituto emprenhou-se dessa necessidade e através de constantes mobilizações sensibilizou o poder público, diretamente o executivo, que viabilizasse projetos de Lei, respaldado em um Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI, elaborado por um grupo de professores representantes da comunidade escolar, para na conjugação de esforços propugnar a emancipação do Instituto em Instituição Superior. Essas manifestações, após passar pelo crivo de dois governos estaduais, recebeu a atenção esperada do atual governo de José Wellington Barroso de Araújo Dias, tendo na frente da pasta da Educação o Deputado Prof. Antônio José Castelo Branco Medeiros, quando foi sancionada a Lei nº 5.402 de 14 de julho de 2004, criando o Instituto Superior de Educação Antonino Freire — ISEAF, sendo regulamentada pelo Decreto nº 11.561, de 01 de dezembro de 2004. No fim dessa caminhada de mais de nove décadas, o Instituto de Educação foi elevado ao nível de pessoa jurídica de direito público interno, como autarquia vinculada à Secretaria Estadual de Educação e Cultura, dotado de autonomias administrativa, financeira e pedagógica, com a finalidade de promover a formação de profissionais da educação de nível médio e superior, no Piauí. Exercendo a sua autonomia pedagógica, este Instituto ministra hoje o Curso de Licenciatura Plena em Normal Superior e outros cursos de formação profissional e continuada, sendo credenciado através da Resolução do Egrégio Conselho Estadual de Educação - CEE-PI nº 038 de 15 de dezembro de 2004, homologada pelo Sr. Secretário Estadual da Educação e Cultura. Disponível em <http://www.iseaf.pi.gov.br/historia.php>. Acessado em 12 de agosto de 2015.

eles representaram, mas pela capacidade transformativa de práticas, de ações, de mentalidades e de visões de mundo que elas podiam e conseguiam propiciar.

Os aspectos que podiam ser analisados no processo de modernização da cidade de Teresina misturavam transformações físicas, arquitetônicas e urbanísticas, de viés estético e higienista, com mudanças comportamentais e de mentalidades de seus atores sociais, mudanças essas buscadas concretizar na adoção de hábitos e costumes ‘filtrados’ conceitualmente como civilizados, modernos. Isto implicava, às vezes, o afastamento de determinadas práticas assentadas numa tradição, muitas delas consideradas como rudes, atrasadas, inapropriadas para o contexto urbano de uma cidade que buscava ser moderna e desenvolvida. A tradição de criar animais no formato de uma pecuária rural nos quintais de casa ou soltos nas ruas na cidade se transformou em algo abominável dentro do contexto de modernização. O mesmo se aplicava como prática incompatível com a modernização, o cultivo de roças e roçados nos quintais de casa na área urbana das médias e grandes cidades do país, situação bastante evidente em Teresina até fins dos anos de 1970.

Os espaços das ruas e avenidas eram buscados transformar a todo instantes com vistas ao belo, ao estético, ao prático tanto para o uso das pessoas como para o automóvel – a máquina que mais e melhor representava a modernização das cidades, pois, *por elas e para ela*, as cidades foram e eram a todo instante planejadas, repensadas, reelaboradas e modificadas.

Por toda a segunda metade do século XX, a construção, alargamento, ampliação e pavimentação de ruas e avenidas ou de estradas de rodagem nas zonas urbanas e rurais da cidade apareciam constantemente nos projetos de modernização da cidade. Em Teresina, depois da construção de vias públicas como a Miguel Rosa, a Frei Serafim e a Barão de Gurguéia, a João XXIII, a Henry Wall de Carvalho, a Jóquei Clube, a Presidente Kenedy, a Nossa Senhora de Fátima, a Duque de Caxias, a Rui Barbosa, as obras de construção das avenidas marginais dos rios Poti (Avenida Marechal Castelo Branco, Raul Lopes e Cajuína) e Parnaíba (Avenida Maranhão e Boa Esperança), aparecem como importantes intervenções urbanísticas que influenciaram Teresina a ‘despojar’ dos encantos de uma cidade moderna, pois, por elas, as distâncias físicas entre diversas regiões da cidade pareciam ter encurtado dado a facilidade de mobilidade e deslocamento de pessoas e automóveis que elas propiciaram.

No caso das marginais do rio Poti, essas vias acabaram favorecendo para que nas suas proximidades fossem se formando áreas de elevado valor imobiliário e de alto *status* social

tanto residencial como comercial. Local onde anteriormente só existia lagoas ou áreas alagadiças e pantanosas, agora imperava a ‘indústria imobiliária’. Este fenômeno podia ser atribuído originalmente à construção do Parque Potycabana e aos shoppings Teresina e Riverside na década de 1990. Junto com a modernização e o progresso da cidade nestas áreas, a degradação de enormes áreas verdes naturais, nascentes de água e do *habitat* de pássaro e outros animais, a exemplo dos ‘ninhais’ de garças e das lagoas povoadas por peixes e jacarés.

Imagem 11: Casas de ‘Pau-a-Pique’ construídas na Margem Leste do Rio Poti em Teresina na década de 1970



Fonte: Acervo FUNDAC.

A imagem anterior registra moradias de ‘pau-a-pique’ na margem leste do rio Poti, local onde foi construído o Parque Potycabana que serviu de referencia para que depois ali em frente fosse construído o Teresina Shopping, atribuindo alto valor imobiliário àquela região que anteriormente era ocupado por áreas alagadiças e pantanosas, local que servia de *habitat* para animais que se refugiavam naquele local. Nela podemos observar ainda ao fundo da imagem, o prédio do Hotel Rio Poty na década de 1970, momento em que já se despertava para o interesse imobiliário da marginal oeste do rio Poti, região onde foi construída a Avenida Marechal Castelo Branco.

A imagem a seguir já registrou a mesma região da margem leste do rio Poti em processo de terraplanagem para a construção do Parque Potycabana e de uma via urbana, via esta que veio a ser a Avenida Raul Lopes na década de 1990. Na mesma imagem podemos observar ainda que a especulação imobiliária da marginal oeste do rio Poti avançava e junto

com ela a construção de ‘espigões’ residenciais na região do bairro Ihotas região que rapidamente adquiriu elevado valor imobiliário, razão que favoreceu para que se ali intensificasse vigoroso e lucrativo processo de verticalização da cidade de Teresina no último quartel do século XX.

Imagem 12: Margem Centro e Leste do Rio Poti na Ponte JK no final da década de 1980

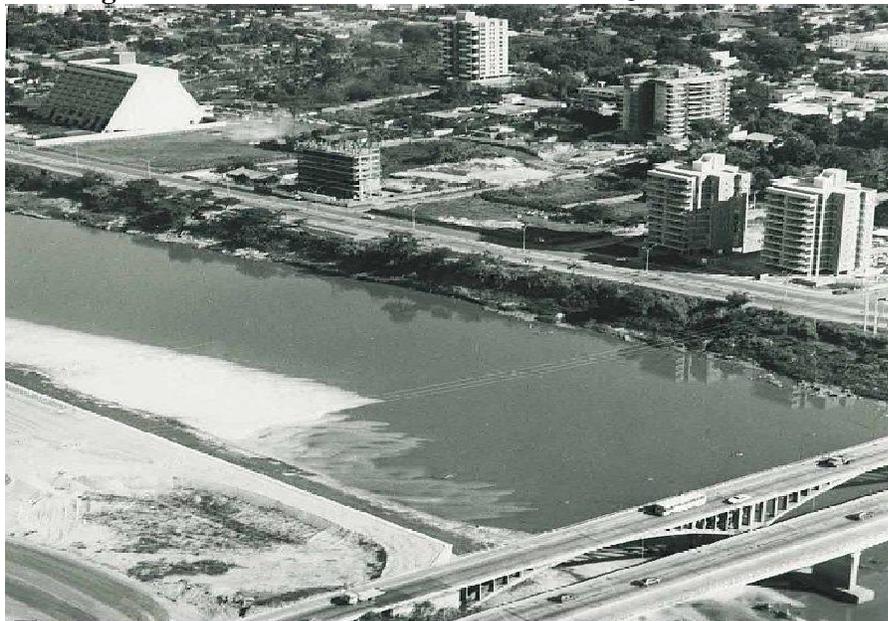


Foto: Ponte JK e Marginais Oeste/Leste do Rio Poti.
Fonte - Acervo FUNDAC.

A imagem acima, além de focar a utilização da marginal leste do Rio Poti para a construção do Parque Potycabana através de aterro e terraplanagem de áreas anteriormente pantanosas ou alagadiças, destaca a ‘orla’ oeste do rio Poti em pleno processo de expansão imobiliária por edificações verticais caracterizadas como empreendimentos habitacionais de alto padrão.

O perigo eminente de agressões ao meio ambiente naquela região por contas daquelas obras levou a acalorados debates e acirramentos entre entidades, órgãos públicos, imprensa e pessoas ligados à preservação do meio ambiente e o poder público. Entre defensores e contrários à construção daquelas obras estavam, de um lado aqueles que entendiam as obras como necessárias e potencializadora de desenvolvimento econômico e urbanístico à cidade, inclusive eliminando aquela região insalubre, atrasada, cheia de bichos (pássaros, cobras e jacarés), de importante área central da cidade. Do outro, entre os contrários, estavam aqueles

que entendiam as obras como maléfica ao meio ambiente e ao rio Poti que já passava por processo de assoreamento de suas margens em quase toda zona urbana da cidade e que ainda passaria a contar com despejo de mais dejetos e esgotos domésticos, comerciais e hospitalares por conta do fomento imobiliário daquela região da cidade. Entre os contrários, encontravam-se aqueles que viam nessas obras meras imitações de que já ocorrera em outras cidades do país a exemplo das marginais construídos nos rios que cortam a cidade de São Paulo (Tiete e Pinheiro), situação que só agravou as condições da qualidade da água e da sobrevivência dos animais que povoavam aqueles rios. No meio do ‘fogo cruzado’, prevaleceu o discurso da modernização e dos ganhos econômicos e sociais que aquelas obras trariam à cidade e aos seus moradores. Como na maioria dos casos de intervenção na cidade, prevaleceu o ‘império’ da força e da autoridade do Poder Público.

As intervenções modernizadoras passavam corriqueiramente pela melhoria do sistema viário da Teresina, tanto interno como externamente, sistema este que seria fundamental na ligação das áreas já existentes na zona rural e urbana da cidade com as novas áreas que surgiam a todo instante, fruto de ocupações ou dos projetos habitacionais que emergiam nas franjas da cidade ano após ano.

Imagem 13: Prolongamento da Avenida Maranhão e o Centro Administrativo



Foto: **Avenida Maranhão e Centro Administrativo** do Estado do Piauí (projetado em 1976).

Fonte. **Acervo FUNDAC.**

Na zona sul, além da expansão da Avenida Maranhão desde o cruzamento com a Joaquim Ribeiro desde a rotatória da CEPISA até a confluência com a Avenida Henri Wall de Carvalho no bairro Saci e proximidade com o Bairro Parque Piauí, foram construídas ainda a própria Henri Wall de Carvalho, que correspondia ao prolongamento da Barão de Gurguéia e a duplicação das pista da BR 316 formando o Anel Viário Sul até a saída da cidade na caixa d'água da AGESPISA no bairro Parque Piauí. No sentido norte houve a construção da Avenida Duque de Caxias, Centenário, Rui Barbosa, Jerumenha e Freitas Neto. No sentido leste a Avenida João XXIII que na década de 1990 ganhou pistas de duplicação no perímetro urbano da cidade, onde ainda pertence à BR 343, a Avenida Presidente Kenedy, a Nossa Senhora de Fátima, a Jóquei Clube, Don Severino e a Homero Castelo Branco. No sentido sudeste foi construído a intercessão das BR's 316 e 343, a Avenida Principal do Dirceu, a Avenida das Hortas, Noé Mendes, Mirtes Melão, Joaquim Nelson, entre outras.

Em Teresina, as intervenções coletivas mais contundentes na imposição de mudanças do seu sítio urbano foram ações do Poder Público. Estas intervenções eram justificadas no atendimento das demandas da cidade, no entanto, os aspectos modernizantes, estetizantes e sanitaristas, visavam, sobretudo, proporcionar à cidade acompanhar, via reformas internas, as demandas urbanas surgidas pelo adensamento ou crescimento populacional. Nela, as ocupações e invasões de áreas urbanas fomentadas pelos fluxos migratórios campo-cidade marcou a segunda metade do século XX, levando Teresina a um crescimento do seu sítio urbano, muitas vezes desordenado, o que contribuiu negativamente para que o Poder Público pudesse intervir como novas obras e serviços. No caso das ocupações planejadas, a exemplo dos conjuntos habitacionais, quase sempre aquelas áreas já eram entregues aos moradores com projetos de urbanização e atendimento de vários serviços como energia elétrica, água encanada, pavimentação e coleta de lixo. Nelas, em curto e médio prazo passavam também a contar o sistema de transporte público.

Como já afirmado, o 'inchaço' populacional que Teresina vivenciou na segunda metade do século XX foi sobremaneira potencializado pela imigração. Considerados os aspectos diversos que favorecem o fenômeno da imigração interna no Brasil, Lisboa (p. 86), esclarece que:

Após o aumento da importância da migração interna no contexto demográfico nacional, verificou-se que os principais movimentos migratórios aconteciam das áreas rurais para as urbanas, constituindo a migração rural-urbana, campo-cidade ou êxodo rural. As principais áreas de destino foram as cidades grandes e as metrópoles. Neste período verificou-se um intenso movimento de concentração da população e das atividades econômicas na região Sudeste e, sobretudo no estado e cidade de São Paulo. Este momento está intimamente relacionado ao processo de urbanização, modernização e desenvolvimento econômico do país.

Mesmo considerando que o fluxo migratório interno no Brasil tenha sido marcado pela busca de grandes centros na região sudeste, internamente, Teresina passou a representar uma possibilidade clara de melhores condições de vida e de oportunidade de emprego e negócios para muitos piauienses e pessoas de outras regiões do país. A condição de cidade magnética e capital do meio norte do Brasil, com destaque no setor de educação e saúde, associados às condições precárias de permanência no campo - situação que se agravava de tempos em tempos pelas secas e estiagens - fez a população de Teresina quase que quintuplicar em quatro décadas, saindo de 142,691 habitantes em 1960 para 715.360 habitantes no ano 2000, conforme tabela a seguir.

Tabela 01: **População Urbana e Rural de Teresina (1960 e 2000)**

Período	População total	População urbana quantid.	População urbana percentual	População rural quantid.	População rural percentual	Densidade demográf.
Ano 1960	142.691	98.329	68,9%	44.362	31,1%	78,88
Ano 2000	715.360	677.470	94,7%	37.890	5,3%	425,86

Fonte: IBGE. Censos Demográficos e Estimativas Populacionais. In: TERESINA. Prefeitura Municipal de. **Plano municipal de saneamento básico de Teresina**. Produto 02: diagnostico da citação do saneamento básico. Teresina, s/d. DRZ Geotecnologia e Consultoria, p. 38.

Neste período, os fatores predominantes que levavam a população a optar pela migração para os grandes centros estavam diretamente associados às transformações na estrutura agrária de todo o país e no desenvolvimento econômico das grandes cidades de cada região ou de centros polarizadores na região Sudeste ou na capital política e administrativa do Brasil - Brasília. Paralelo a isto, as cidades exerciam atração sobre a população campestre ao ponto em que também se verificava a estagnação das relações de trabalho no campo em

decorrência da modernização da agricultura.

A partir da década de 1980, fruto ainda dos efeitos do “milagre econômico brasileiro” as características do tipo e do fluxo migratório, mudam consideravelmente no Brasil. Nele, sua maior alteração estava na descentralização industrial de São Paulo e de grandes cidades, passando a industrialização a atingir outras capitais e cidades de médio porte regionalmente, como as cidades do interior paulista, mineiro, carioca, ou ainda da grande Recife, Fortaleza, Salvador, Manaus, Belém, Curitiba e Porto Alegre. Nesta ‘onda’ industrial, Teresina deu passos mais planejados com a criação do ‘Distrito Industrial’ na região sul, marcando aquele momento a criação de uma grande indústria de bebidas, a Cervejaria Antarctica.

A este respeito Lisboa (s/d. p. 86-87), fez as seguintes considerações:

Na década de 1980 houve uma desconcentração industrial de São Paulo, associada à formação de economias de aglomeração nas áreas metropolitanas e da formação de economias de aglomeração em outras regiões, no processo de unificação do mercado nacional. Alguns fatores incentivam desconcentração econômica e populacional: o aumento da poluição, do crime e da marginalidade, aumento dos custos da terra e do trabalho e do custo de vida das grandes cidades, na medida do seu crescimento. Paralelamente à diminuição da importância das metrópoles como São Paulo e Rio de Janeiro, verifica-se o aumento da importância das metrópoles regionais para a economia do país. As características migratórias, a partir dos anos 80, apontam para a existência de novos padrões, verificando-se uma significativa diversidade de situações de deslocamentos populacionais e uma forma muito distinta com que essa diversidade se manifestou no território nacional. Houve transformações acentuadas nos volumes, fluxos e características dos movimentos migratórios no Brasil neste período. As migrações que marcam o período após 1980 ‘deixam de ser majoritariamente de tipo campo-cidade’ [...] e há maior equilíbrio na distribuição populacional com a diminuição do crescimento de grandes cidades e metrópoles, verificando-se maior crescimento das cidades médias. Verifica-se também uma alteração no perfil dos migrantes, que passam a exibir melhor qualificação em função da sua origem urbana.

Estas e outras marcas fizeram as décadas de 1980 a 1990 inaugurar a emergência de novas territorialidades no país, sobretudo em regiões não costeiras, que influíram nos movimentos migratórios que fizeram surgir novos centros ‘magnéticos’ de desenvolvimento urbano. Teresina, embora sofresse com problemas (infra) estruturais aparecia como centro aglutinador dos fluxos migratórios no Piauí, incorporando imigrantes inclusive de cidades de estados circunvizinhos como Pará, Maranhão e Ceará. O fluxo migratório que caracterizava a dinâmica brasileira na segunda metade do século XX era um fenômeno mundial. Segundo

Matos (2007, p. 43) “No final do século, cerca de 80% da população mundial vivia em cidades, sendo que metade dessa população ocupava núcleos urbanos com mais de um milhão de habitantes”.

Se até meados do século XX a maioria dos empregos da cidade concentravam-se na agricultura ou na indústria. Entre 1901 e 1910, cerca de 78% da população brasileira vivia no campo, ao final deste século, mais de 70% dos empregos formais em cidades com mais de cem mil habitantes concentravam-se no setor terciário, devendo se considerar ainda o emergente crescimento de empregos ou subempregos ligados a setores informais da economia. (MATOS, 2007).

Diante do adensamento populacional nas cidades, não tinha como a “questão urbana” não ser colocada no centro das discussões da sociedade brasileira na atualidade. O cronista do jornal ‘O Estado’, Pedro Augusto Freire, em maio de 1980, já denunciava não só os graves problemas pelo qual passava Teresina e seus efeitos em sua população, mas também chamava a atenção para a necessidade dos agentes públicos, responsáveis pela gestão da cidade, de promoverem ações imediatas e práticas na resolução dos problemas que afetavam a cidade e seus moradores.

“Teresina e o futuro” (Por Pedro Augusto Freire)

Teresina hoje, segundo estimativas realistas e confiáveis, abriga uma população fixa superior a 450.000 habitantes. Outra realidade também verdadeira e confiável, mensurada por organismos governamentais, indica que esta população cresce - pasmem - a razão de 8,9 % ao ano. A corrente migratória do campo, de cidades circunvizinhas, incluindo entre estas dezenas do estado do Maranhão, contribuem de forma decisiva para indicação deste alto percentual [...].

A luz dos números [...] Podemos concluir que, *pari passu* com o crescimento demográfico, crescerão também as mazelas, o desconforto, enfim, todos os problemas sociais. Urge que, em ação conjunta, os governos municipal e estadual providenciem com a rapidez que o problema indica, um profundo planejamento para que num futuro próximo não se veja a braços com óbices gigantescos que as gigantescas cidades, miseravelmente, oferecem.

Assim, compete à Prefeitura Municipal, se antecipando aos fatos e na qualidade de administradora de nossa capital, planejar com arrojo e ousadia nosso desenvolvimento urbano, definindo áreas e locais onde serão construídos os inevitáveis viadutos, pontes, passagens exclusivas para pedestres, sanitários públicos, áreas verdes, saneamento, mercados, avenidas, trevos, alongamento de ruas e outras tantas obras que uma cidade deste porte reclama e exige.

De vital importância é a criação de leis de recuos, que impeçam, desde já, a construção de edificações, que estarão fadadas a futuras demolições e que custarão, a título de desapropriação, um alto preço aos cofres públicos, ou seja, do contribuinte.

É oferecida de maneira pretensiosa, a oportunidade para que o governo se transforme em um paladino e em um governo de sempre (JORNAL O ESTADO: TERESINA, 27/05/1980, p. 03).

Para o cronista o crescimento demográfico a percentuais em torno de 8,9%, era causa-efeito da corrente migratória do campo, de cidades circunvizinhas e de estados vizinhos a exemplo do Maranhão, que contribuía de forma decisiva para o aumento dos problemas sociais e da desorganização urbana da cidade de Teresina. Igualmente, o aumento da população fazia da cidade deficitária de obras de infra estruturais condizentes com sua importância histórica, o que requeria urgentemente ação conjunta dos governos municipal e estadual, tanto no planejamento da cidade como na execução de obras como viadutos, pontes, passagens exclusivas para pedestres, sanitários públicos, áreas verdes, saneamento, mercados, avenidas, trevos, alongamento e alargamento de ruas e avenidas, para o desenvolvimento urbano da capital, com conseqüente melhoria na qualidade de vida de seus moradores.

Igualmente importante e necessário para a cidade era a criação de leis que regulassem o uso do solo, sobretudo no sentido de assegurar a obrigatoriedade dos ‘recuos’ quando da construção de edificações em relação à rua ou avenidas, para que no futuro, não fossem

obrigadas a serem demolidas custando caro aos cofres públicos, ou melhor, ao bolso dos contribuintes, por eventuais desapropriações ou demolições.

Na cidade, problemas ligados à violência, ao trabalho e emprego, à saúde, à segurança, à educação, à poluição ou preservação do meio ambiente, influenciavam diretamente as formas de se pensar, planejar, executar e vivenciar a cidade tanto pelo poder público coletivamente como pelas ações privadas - igualmente coletiva ou individualmente. No interior dos debates e ações que perpassavam estas questões, categorias como desenvolvimento, progresso, crescimento, modernização tornavam-se quase que sinônimas e indispensáveis nas ações de invenção, construção, reconstrução da cidade com vistas a lhes impor mudanças e transformações capazes de atender as demandas que advinham na própria história/processo de metamorfose das *urbes* modernas.

Ainda que a História e a Geografia tenham preservado abordagens privilegiadas de estudo no tocante à temática “cidade”, no campo da História, até fins do século XX, grande parte dos estudos neste domínio concentrou seus estudos no campo das relações de poder atravessados pelas categorias política e economia. Nela busca-se evidenciar as relações de trabalho e emprego e as relações produtivas no âmbito da industrialização crescente.

No interior dos debates sobre as *urbes*, progresso, evolução, mudanças e desenvolvimento urbano contribuía na invenção e reinvenção da compreensão das cidades, no entanto, embora estes estudos trouxessem análises relativas à cotidianidade, trabalhos voltados especificamente sobre este aspecto das cidades só ganharam força na transição séculos XX/XXI. Os estudos sobre cidades focados no cotidiano da *urbe* e dos seus moradores possibilitaram ‘questionar’ imagens, hábitos, costumes já consolidados, rastreava as tensões e os conflitos sociais no interior das múltiplas experiências cotidianas dos atores e atrizes do palco das tramas urbanas (MATOS, 2007). Estes aspectos ajudaram a consolidar o emprego da História na análise das tramas cotidianas dos sujeitos que faziam/davam movimento a *urbe*.

A dinâmica econômica, as ações públicas na produção de bens de infraestrutura e a ação dos agentes imobiliários produziam e reproduziam espaços estratificados diversos no interior da *urbe*. Se as cidades eram habitadas por outras cidades em decorrência das ‘ilhas’ culturais que nela existiam¹⁵⁴, estas ações acabavam por impor estratificação na disposição dos usos e domínios do solo da *urbe* e conseqüentemente definiam, pelo menos

¹⁵⁴ Diferentes colônias de imigrantes, disposição comercial em algumas áreas e habitacional em outras, áreas consolidadas na tradição, outras pela mudança, cidade central e cidade periferia, cidade status e cidade pobreza

temporariamente, a ‘vocação’ de determinadas regiões na história cotidiana da cidade.

Economicamente, a vocação comercial, industrial, habitacional ou de prestação de serviços, entre outros aspectos, influenciavam na definição dos usos do solo e conseqüentemente da sua ocupação. Teresina, desde a sua origem e fundação, teve sua historicidade influenciada por estes elementos.

Nas áreas mais baixas da cidade, marcadamente o caso da zona norte, região úmida e alagadiça por influencia da proximidade dos rios Poti e Parnaíba, além das muitas lagoas, a cidade ali se expandiu envolta de muitos problemas. Área habitacional marcada por uma massa considerável de pessoas em condições precárias de moradia, vivendo muitos deles de subempregos e ‘bicos’¹⁵⁵, boa parte analfabetos que insistiam em ali residir, trabalhar e sobreviver, mesmo sabendo que anualmente corriam o risco de nos período de ‘inverno’¹⁵⁶ sofrerem com doenças e alagações e durante o período de ‘verão’¹⁵⁷ sofrerem pela poeira nas áreas sem pavimentação ou pela falta de água nos bairros de relevo mais elevado.

O relatório da Prefeitura Municipal de Teresina “Teresina Agenda 2015: A cidade que queremos. Diagnósticos e cenários: Meio Ambiente”, elaborado por uma equipe composta por técnicos como Iracilde Maria de Moura Fé Lima (UESPI) que atuou como coordenadora, Antônio Luíz Alves de Oliveira (FLOAGRO), Carlos Antônio de Moura Fé (IBAMA), Maria Goretti Maia Mendes (PMT), José Herculano de Carvalho (EMBRAPA), que atuaram como colaboradores, assim caracterizam a região norte da cidade:

A Zona Norte da cidade, principalmente depois da instalação do aeroporto e conjuntos habitacionais da Cohab, passou a ser ocupada pela população de menor poder aquisitivo, por se constituir em uma área de largos terraços fluviais pontilhados com muitas lagoas plúvio-fluviais, trazendo problemas decorrentes da falta de saneamento e da convivência periódica com as inundações, que, nos anos períodos mais chuvosos alagam as residências e desabrigam as famílias. É de longo tempo também a extração de minerais, pelos oleiros que artesanalmente aí fabricam telhas, tijolos e artefatos domésticos, que, sem orientação técnica, terminam por ampliar o número de lagoas e a degradação do ambiente.

Os pescadores dessa área, também por não contarem com orientação/apoio técnico, tratam do pescado em locais e em condições inadequadas, contribuindo para aumentar a poluição e a ocupação inadequada da área de

¹⁵⁵ Informalidade funcional seja como autônomos seja como empregado temporário sem registro de carteira ou recolhimento das contribuições sociais legais.

¹⁵⁶ O Inverno no Nordeste corresponde ou se caracteriza como período chuvoso.

¹⁵⁷ O Verão no Nordeste corresponde ou se caracteriza como período regionalmente definido como de seca.

preservação permanente (TERESINA, 2015, p. 5).

Estas áreas, muitas delas de ocupação imobiliária irregular acabam por não sofrer intervenção do Estado através de bens e serviços públicos essenciais como água, luz, saneamento ou pavimentação, coleta de lixo, etc., o que precarizava ainda mais as condições de vida de seus moradores. Prioritariamente, as características geográficas e a própria ilegalidade da posse da terra nestas áreas acabavam por contribuir na ausência de planejamento e atenção do poder público e dos próprios ocupantes. Fenômeno bastante diferente das zonas sul e leste, que passaram por um crescimento mais planejado e, portanto, organizado, com destaque para esta última que logo assumiu aspecto de zona de alto status, notadamente influenciada por dois aspectos: ainda que no passado tenha sido ocupada por sítio e chácaras, seus ocupantes representavam pessoas bem sucedidas economicamente ou politicamente na cidade. O outro aspecto foi que ao ser incorporada na geografia urbana da cidade, a ‘força’ política, econômica e social de seus moradores, acabou influenciando ações e intervenções infra estruturantes do poder público naquela região.

O crescimento da cidade e em especial o caso da zona norte de Teresina, até a década de 1980, parecia disforme de outras áreas. Esta região da cidade não conseguia crescer para além do lugar do sítio onde teria se originado a cidade - velha. O rio Poti era o entrave natural que, se não permitia, pelo menos dificultava o crescimento daquela região. Todo o transporte de pessoas, produtos, mercadorias e animais eram feitos por canoas, barcos ou por uma ‘balsa’, regionalmente conhecida como “Pontão”¹⁵⁸ que ficava nas proximidades do ‘Pesqueirinho’, tradicional restaurante da cidade no bairro Poti Velho na margem do rio Poti.

Na condição de capital do estado, o desenvolvimento urbano e a expansão das atividades econômicas de Teresina em muito se devia à dependência ao Estado, nas suas três esferas, como maior empregador. Ou seja, o poder público ao atuar efetivamente tanto nas questões urbanas como econômicas e sociais da cidade, acabou também se transformando historicamente no maior “empregador” e, conseqüentemente, responsável pelo fomento econômico local (serviços, comércio e indústria, formais ou informais), economia esta que acabou se tornando refém do pagamento de salários do Estado aos seus servidores.

¹⁵⁸ Espécie de embarcação de piso plano com pequeno ou médio calado (que dependendo da região do Brasil recebe denominação diferente, podendo se chamar de barca, barcaça, balsa, pontão, *ferry boat*) motorizada (ou movimentada pela força humana mediante uso de varas pressionados sobre o leito do rio) com grande capacidade de carga de bens, mercadorias e passageiros e/ou veículos utilizados, via de regra, para fazer travessias de rios, estreitos ou baías.

A dependência da economia local dos recursos oriundos dos salários pagos pelo Poder Público como empregador era tamanha que, no segundo governo do senhor Alberto Silva (1987 a 1991), o estado chegou a atrasar o pagamento do servidor público estadual em seis meses, situação que comprometeu sobremaneira a economia da cidade com efeitos diversos, sobretudo no seu setor de comércio e serviços que em cadeia comprometeu a arrecadação, principalmente da sua capital, local de maior concentração de servidores do Estado. A capital foi bastante afetada porque a economia teresinense dependia e depende de Estado como maior empregador, uma vez que a capital Teresina, historicamente não desenvolveu outra ‘tradição econômica’, apesar de sua predisposição como polo de serviços médicos, educacionais, comerciais e da existência de um incipiente Parque Industrial.

Embora a cidade tenha crescido bastante por influencia da economia e política nacional desenvolvimentista adotada durante e após a ditadura civil-militar (1964-1985), era fato que as maiores intervenções estruturais nela realizadas foram ações do poder público. Individualmente a iniciativa privada também colaborou sobremaneira, situação que nos leva a concluir que coletivamente, suas ações superaram as iniciativas públicas.

Embora muito tímidas inicialmente, foi partir deste período que podemos observar maior vigor na construção de empreendimentos privados, inicialmente buscando o centro da cidade pela questão comercial e de serviços, depois, notadamente no setor da construção civil, com muitas edificações no Bairro Ilhotas se estendendo em sequencia para a zona leste, prioritariamente nos bairros Jóquei Clube, Fátima, São Cristóvão e São João e Ininga, intervenções estas que abriam possibilidade para a implantação de dois shoppings centers na década de 1990 e centenas de empreendimentos habitacionais como condomínios tanto verticais como horizontais de médio e alto padrão, condição que favoreceu para que naquela região se expandisse vigoroso e importante centro de comércio local concorrente do antigo centro da cidade.

O Shopping Riverside, inaugurado em 1996, foi o primeiro empreendimento deste tipo a ser inaugurado em Teresina. Por ele, novos hábitos e novos costumes ligados às compras, ao lazer e a alimentação foram introduzidos no cotidiano de parte significativa da população da capital piauiense. A ideia de um grande centro comercial, com várias lojas em um só local, alterou não a concepção de comércio ou de compras, como o comportamento do consumidor da cidade. Isto, em principio assustou alguns lojistas do velho centro comercial da cidade, mas logo perceberam que Teresina comportava este tipo de empreendimento, condição que continuou possibilitando a sobrevivência dos novos e dos velhos centros comerciais da

cidade. Neste aspecto Teresinha tinha consolidado: a) o comércio do centro velho da cidade; b) o comércio da zona leste, mais coeso assim como o do centro e, c) o comércio de bairro das outras regiões, notadamente definidos nos centros de comércio dos Bairros Dirceu, Parque Piauí, Vermelha, Piçarra, São Joaquim, Mocambinho, Buenos Aires, Mafuá e Piçarreira.

O Teresina Shopping, inaugurado em 27 de abril de 1997, assim como o Riverside, transformaram o cenário socioeconômico e cultural de Teresina e toda uma região que se relacionava com a capital do Piauí. Desde então, uma vez experimentando a ‘cultura’ do empreendimento comercial no formato Shopping Center, que a cidade de Teresina continuou a expandir seu setor de comércio e serviços, tornando-se geradora de tendências e centro de excelência em diversas áreas. O Riverside Shopping e o Teresina Shopping tiveram uma grande influência nesse resultado, uma vez que abriram novas oportunidades nos mais variados campos da economia, da arte, dos serviços, do esporte, do lazer, da gastronomia e das manifestações culturais de toda ordem. A concentração de lojas; a variedade de produtos e serviços ofertados nos segmentos de comércio, saúde, escola, bancos, alimentação, esporte, lazer; a comodidade do estacionamento; o conforto das lojas; a climatização total do ambiente no caso do Teresina Shopping, ou das lojas individualmente no caso do Riverside; a disposição das vitrines, entre outros fatores, favoreceu para que rapidamente a população da cidade se adaptasse a este tipo de empreendimento. A cultura do Shopping Center passava a fazer parte de vez do dia a dia do teresinense.

Nestes espaços, além de poder comprar, alimentar-se, beber, estudar, seus frequentadores ainda tinha a opção de buscar serviços na área de saúde e de lazer a exemplo das salas de cinema, que modificaram o lugar e a forma do teresinense assistir sessões de cinema (filmes), prática esta feita anteriormente, quase que exclusivamente, no Cine Rex ou no Royal.

Como já anunciado, para alguns comerciantes da região central, o surgimento dos dois shoppings ajudaram a agravar ainda mais os problemas do tradicional centro comercial de Teresina em meados dos anos de 1990. Para outros significou alívio ao verem concorrentes potenciais buscarem outros espaços mais elitizados da cidade para empreenderem. Além do surgimento de novas áreas com predisposição comercial, os problemas estruturais do centro como a carência de estacionamento, o fator segurança, a mobilidade, a higiene e o conforto acabavam contribuindo para o agravamento daquela região, situação comum não só a Teresina mais a diversas cidades brasileiras que viram seus centros tradicionais de comércio entrar em crise a ponto de alguns deles se transformarem em áreas ‘desertas’ em determinados dias ou

horários, situação que demandava do poder público e da iniciativa privada ações de ‘revitalização’ do centro¹⁵⁹, a exemplo do que ocorreu em Teresina. No entanto, as questões e problemáticas que envolviam o centro da cidade de Teresina eram antigas e não diziam respeito exclusivamente à questão comercial.

O centro comercial de Teresina no último quartel do século XX sofreu com o fenômeno do abandono enquanto área de moradia e habitação, principalmente pela elite que passou a preferir morar em bairros elitizados ou em áreas de alto *status* à exemplo das mansões, dos condomínios horizontais ou em edificação de condomínios verticais. Outros grupos de antigos moradores do centro, na tentativa de preservar o hábito de morarem espaçosos casarões, passaram a morar em grandes mansões na zona leste ou em sítios e chácaras na zona rural próxima da cidade de Teresina a exemplo das moradias estabelecidas no bairro Jóquei Clube, Fátima, São João, São Cristóvão ou nas estradas da “Cacimba Velha”, da “Usina Santana”, na Rodovia BR 343 na estrada Teresina a Altos e BR 316 na estrada Teresina a Demerval Lobão e nas rodovias estaduais, costumeiramente chamadas de PI’s, Teresina a União, Teresina a Jose de Freitas e Teresina a Nazária.

Considerando estes e outros fatores, o velho casario do centro da cidade foi gradativamente sendo destruído e substituído por lojas comerciais de atacado e varejo, por prédios públicos das esferas Federal, Estadual e Municipal, por escolas e faculdades, por clínicas médicas, hospitais, consultórios, laboratórios ou escritórios de serviços diversos. No entanto, o que mais marcou negativamente o patrimônio histórico daquela região foi o processo de transformação do centro comercial da cidade pela destruição dos velhos casarões para a construção de estacionamentos para veículos automotores como carros e motos, uma vez que o espaço do sítio urbano central da cidade, notadamente as vias públicas – ruas e avenidas, não comportavam desde meados dos anos de 1990 a demanda de veículos e pessoas que para lá se dirigem cotidianamente.

¹⁵⁹ TERESINA, Prefeitura Municipal de. **Teresina Agenda 2015, a cidade que queremos**: diagnóstico e cenário, revitalização do centro. Teresina, s/d. Acesso em 29 de maio de 2014. Disponível em <http://www.teresina.pi.gov.br/portalmpt/orgao/SEMPLAN>. .

Tabela 02: Evolução dos Números e Estabelecimentos Formais no Comércio por Porte em Teresina entre 1985 e 2006

PORTE	1985	1990	1995	2000	2005	2006	VARIAÇ %
Micro	949	1.181	1.997	2.977	3.718	3.942	6.02
Pequena	83	99	123	155	237	239	0.84
Média	10	11	15	19	23	33	43.48
Grande	02	01	01	02	03	03	0.00
TORTAL	1.044	1.292	2.136	3.153	3.981	4.217	5.93

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (RAIS). **Fundação CEPRO**. In: PIAUI, Governo do Estado do. Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí – CEPRO. Síntese Tabular da Evolução do Emprego Formal no Piauí 1985/2006. Relatório, abril de 2008.

Observando os dados apontados pela Fundação CEPRO (2008), a evolução dos números e estabelecimentos formais no comércio por porte em Teresina entre 1985 e o ano 2000 apenas, foi possível constatar que o número de estabelecimentos de micro porte mais do que triplicou, saindo de 949 em 1985 para 2.977 no ano 2000. As pequenas saíram de 83 para 155 e as média de 10 para 19 no mesmo período.

As questões urbanas mais graves no caso brasileiro tinham como origem problemas sociais diversos como a pobreza ou a miséria, o analfabetismo, a falta de habitação e desemprego. Outro aspecto que diferenciou historicamente o fenômeno do crescimento urbano nas economias centrais e nas economias periféricas foi que no primeiro, a maioria da população carente passou a viver em conjuntos habitacionais populares, fenômeno que fomentou tanto a horizontalização de algumas cidades como a verticalização de outras. Já nas economias dependentes, a exemplo do Brasil, toda a segunda metade do século XX foi marcada por intenso processo de favelização em todas as regiões do país e em todas as grandes cidades, capitais ou não, provocando crescimento urbano desordenado com efeitos diversos nas formas de viver e conviver na *urbe*. Situação que se agravou potencialmente pela total ausência de planejamento nos usos e ocupações destes espaços. Some-se a isto, a situação geográfica ou hidrográfica destas áreas, muitas delas íngremes ou alagadiças. Neste último aspecto, a proximidade com córregos e lagoas ou o próprio leito dos rios Poti e Parnaíba, fazia desses espaços quase sempre insalubres.

Este fenômeno suscitou intervenções planejadas tanto do ‘poder público’ como da iniciativa privada com vistas à execução de formas planejadas de intervenção no uso do solo urbano de forma mais racional, com vistas a diminuir os impactos da favelização. Essas intervenções patrocinaram a criação e execução de intensa política habitacional popular nas décadas de 1960, 70, 80 e 90 através do Sistema Financeira da Habitação - SFH, ‘patrocinado’

pelo Banco Nacional da Habitação – BNH e executado em algumas das principais cidades brasileiras pelas Companhias de Habitação - COHAB's criadas em todos os Estados da federação.

Como já afirmado, o crescimento desordenado das cidades exigiam ações planejadas de intervenção urbana. O resultado dessas intervenções planejadas chamou-se 'desenvolvimento urbano'. Seu foco não foi tão somente a questão habitacional, objetivou igualmente tentar resolver os problemas da mobilidade e dos engarrafamentos (e de outros deles decorrentes), causa-efeito do advento da modernidade e do progresso técnico-científico, uma das principais questões urbanas do final século XX.

A segunda metade do século XX acabou sendo marcado por forte corrida rodoviária entre estados, entre cidades e entre estados e cidades. Neste contexto, a *urbe* passou a vivenciar intenso processo de urbanização planejada e não planejada com a criação de vias expressas como ruas e avenidas que passaram a interligar diferentes partes da cidade, espaços estes cada vez mais disputados por pedestres, ciclistas, motociclistas e motoristas no final daquele século. Além de outras questões urbanas, a problemática marcante das médias e grandes cidades brasileiras no final do século passado acabou sendo os congestionamentos e a e a mobilidade de um número cada vez maior de pessoas nas ruas e avenidas nos principais centros urbanos do país.

Como paradigma fundante das sociedades de acumulação de bens, sobretudo no ocidente, a ideia de 'crescimento' fundamentou quase todas as ações tanto governamentais como empresariais, sobretudo no aspecto econômico. Quando aplicado às questões urbanas, a categoria 'crescimento' não era suficientemente capaz para dar conta da ideia de progresso nem tão pouco de desenvolvimento, com implicações positivas na qualidade de vida do cidadão, visto que na *urbe*, era cada vez mais crescente um conjunto de problemas causa-efeito do próprio inchaço desordenado da *urbe*.

Nas cidades, o fenômeno da urbanização como elemento capaz de recriar as condições favoráveis e necessárias para o convívio harmônico de sua população, passou a depender de certa simetria entre categorias como praticidade, necessidade, disponibilidade de recursos e gestão, condição indispensável para a execução de obras de (infra) estrutura indispensáveis como abastecimento de água, rede de esgoto, energia elétrica, serviços de transporte público eficiente, segurança, saúde, educação, telefonia, comércio e serviços públicos e privados.

Na *urbe*, o crescimento físico-espacial do sítio urbano decorrente do crescimento da

população e pela expansão da necessidade de novas áreas e de novos espaços para habitação, lazer e trabalho gerou demandas por urbanização, que por sua vez, estiveram ligados a formas e processos planejados de crescimento. Na contramão deste processo ocorria um crescimento urbano sem planejamento tanto na ocupação quanto nos usos do solo, situação que favorecia o surgimento de vilas e favelas - a favelização, fenômeno que se agravou nas maiores cidades do Sudeste do país por conta da ‘conurbação’¹⁶⁰, mas que também se intensificou nas meias e grandes cidades de outros importantes centros do norte, nordeste e sul do Brasil.

Fortemente influenciado pela tradição agrária e escravista, o crescimento urbano no Brasil esteve quase sempre associado à transferência de fluxos populacionais do campo para a cidade. No interior deste processo, ainda que incipiente, a urbanização aparece demograficamente, como fenômeno de redistribuição das populações oriundas das zonas rurais, mais também de outras cidades, para espaços dotados de infraestrutura e equipamentos urbanos. No Brasil do século XX, sobretudo pós década de 1960, o exemplo mais notado desta política foram os conjuntos habitacionais primeiramente horizontais e, posteriormente, verticais de baixo, médio e alto padrão¹⁶¹.

No Brasil, a urbanização¹⁶² como fenômeno transformador da cidade, se deu tanto, e compreendeu fenômeno dependente do processo de industrialização do país no século passado (XX), que por sua vez foi marcado pelo fomento do deslocamento do centro da vida social do brasileiro do campo para as cidades. O fenômeno industrial do país foi tão intenso e impactante em alguns momentos para as grandes transformações do país, que tanto as cidades como o próprio campo acabaram suas vítimas. No país, a urbanização em determinadas cidades, estiveram historicamente relacionados e dependentes aos recursos naturais disponíveis ou ao tipo de atividades produtivas de cada região ou à condição de sede

¹⁶⁰ A ‘Conurbação’ corresponde ao fenômeno urbano que provoca a união de duas ou mais cidades, como se fossem uma só, em decorrência tanto de crescimento, como do desenvolvimento e da urbanização de suas periferias até juntarem num só grande aglomerado urbano. Dentre os exemplos mais clássicos do caso brasileiro temos a união do município de São Paulo (capital) a outros municípios vizinhos à exemplo de Santo André, São Bernardo do Campo, São Caetano, Diadema, Osasco e Guarulhos (Formando a Grande São Paulo). Os efeitos mais graves da conurbação é que, pelo histórico negativo de políticas urbanas estruturantes (planejamento e execução de projetos de urbanização), é a transferência dos problemas de uma cidade para a(s) outra(s) vizinha(s).

¹⁶¹ A urbanização pode e deve ainda ser considerada como o fenômeno do aumento da população urbana de uma determinada área em relação ao seu número de habitantes da zona rural. O êxodo rural tem contribuído bastante para este fenômeno no Brasil na segunda metade do século XX.

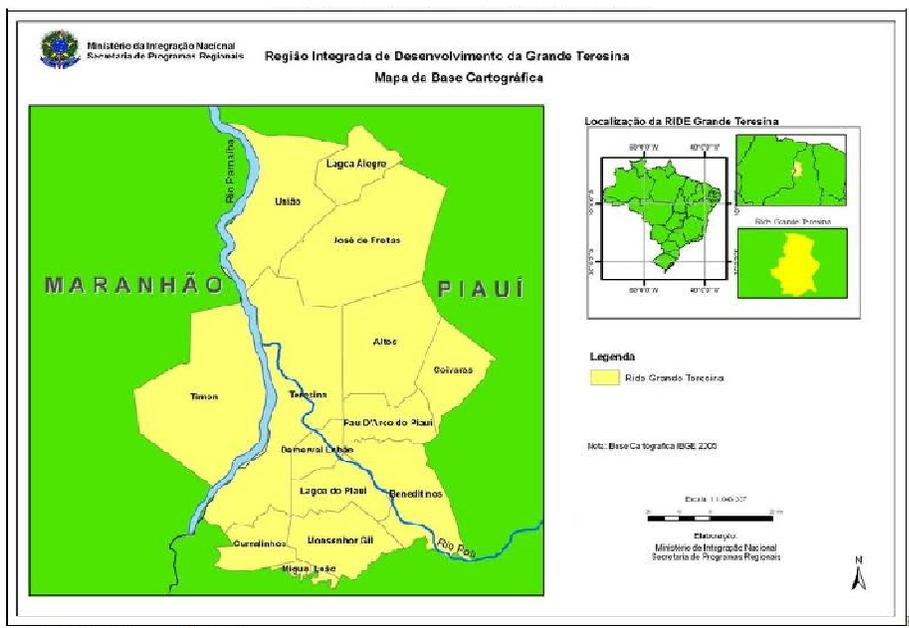
¹⁶² A urbanização pressupõe fenômeno transformador das cidades numa escala progressiva tanto populacionalmente como das transformações urbanísticas mediante crescimento e/ou pelo desenvolvimento urbano. Crescimento urbano corresponde ao processo de crescimentos das cidades e de suas demandas podendo ser ele planejado ou não, enquanto que, desenvolvimento urbano pressupõe sempre ‘evolução’ ordenada e planejada das demandas urbanas.

administrativa e política. Teresina ao longo de sua existência exerceu estreita relação com esse fenômeno, tradição no país, a exemplo do que ocorreu com Brasília e outras capitais por todo o país.

Considerando que historicamente Teresina não tinha tradição na exploração de nenhum produto natural, que não tinha tradição produtiva industrial, nem tão pouco foi geradora de nenhuma *commodity*, restou à capital do Piauí, a condição de cidade magnética por conta de centralizar as decisões políticas e administrativas locais, condição que acabou levando igualmente a centralizar as tomadas de decisões econômicas do Estado. Outro aspecto a considerar era a dependência ao “Estado” (poder público) nas suas três esferas, como agente empregador e, portanto, fomentador da economia, conseqüentemente, como gestor e executor das políticas de urbanização e desenvolvimento para a sua população.

A considerar que a industrialização foi um dos agentes de maior causa-efeito nas transformações pela quais passaram as cidades brasileiras no século passado, não podemos desconsiderar a influência e o poder da indústria automobilística na definição dos processos interventivos tanto pelo Estado como pela iniciativa privada nas *urbes*. Se o século XX surpreendeu pelas grandes transformações nas *urbes*, para além das tecnologias presentes na comunicação e na capacidade de armazenamentos de dados em espaços cada vez menores, na telefonia fixa e móvel (celulares), nos microcomputadores e seus ‘microchips’, aquele século foi marcada como a ‘era’ dos automóveis (e da tecnologia automobilística), sendo este talvez um dos elementos que mais contribuiu nas transformações das cidades e nos hábitos cotidianos de seus moradores. Sua presença potencializou sobremaneira a discussão em torno das questões urbanas, porque se transformou no objeto de desejo ‘todos’, incondicionalmente.

Imagem 14: Mapa da Região Integrada dos Municípios da ‘Grande Teresina’



Fonte: Ministério da Integração Nacional. In: CEPRO, Fundação. **Piauí em Números**. 9ª edição. Teresina, 2012.

Os impactos das grandes transformações urbanas e culturais que se processaram sobre a cidade de Teresina nas últimas décadas consolidaram seu papel de ‘metrópole’ do ‘Meio norte’ do Brasil. Se por um lado ela passou a interagir com várias cidades circunvizinhas, concentrando um conjunto de demandas relacionadas com o advento da modernidade, do desenvolvimento e do progresso, buscadas pelas populações dessas mesmas cidades, por outro, o somatório desse adensamento populacional contribuiu para potencializar o crescimento urbano da cidade, passando a ser influenciada, mas também influenciando, as cidades com as quais interagira mais diretamente todos os dias dando origem à “Grande Teresina”¹⁶³.

Eram as metamorfoses da cidade fazendo evidenciar nela própria, novas cidades, múltiplas cidades. Cidades objetivas (monumentos estruturais) e cidades subjetivas (memórias, vivências, desejos e utopias). A sina de cidade progresso, cidade moderna e de

¹⁶³ A “Grande Teresina” corresponde a região que compreende Teresina e outras 14 cidades próximas e interdependentes. Nela reside uma população superior a 1.135.000 habitantes vivendo numa área de muitos contrastes e desafios. Nela encontra-se convivendo conjuntamente riqueza e miséria, além de alta tecnologia a estratégias mínimas de sobrevivência. A região integrada de desenvolvimento da “grande Teresina” foi instituída pelo decreto federal nº 4.367, de 9 de setembro de 2002. Abrange os municípios piauienses de Altos, Beneditinos, Coivaras, Curalinhos, Demerval Lobão, José de Freitas, Lagoa Alegre, Lagoa do Piauí, Miguel Leão, Monsenhor Gil, Teresina, Pau D’Arco do Piauí e União, além do município maranhense de Timon, que se encontra na margem esquerda do rio Parnaíba, defronte à capital piauiense. Esses municípios ocupam uma área de 10.527 km², na qual vive 1.135.920 habitantes, representando 37% da população do estado do Piauí (IBGE, censo, 2007).

símbolo de desenvolvimento da província/estado que acompanhava Teresina desde seu nascedouro, influenciava na constatação/construção das diversas cidades contidas nela mesma.

A nova cidade planejada para ser a capital da província do Piauí, cidade essa fundada por Saraiva (Teresina), foi construída em um novo sítio geográfico, relativamente distante da antiga sede (Oeiras). Do novo espaço, anteriormente ocupado por uma vila de pescadores, ficou apenas a referência da Vila Nova do Poti para a definição geográfica da área onde foi planejado e executado o projeto de construção da nova cidade sede. Se a vila de pescadores foi a referência geográfica inicial para a definição de sua localização, certamente favorecida pela ‘fertilidade’ da presença dos dois rios - Poti e Parnaíba – o Obelisco que representa oficialmente seu marco zero foi colocado a alguns poucos quilômetros ‘rio a riba’, antes da confluência dos rios, local onde hoje está situado a Praça da Bandeira, área central da cidade, região um pouco distante da Vila do Poti no bairro Poti Velho, área que a tradição e a História apontam como *locus* original de surgimento da cidade ainda no início do século XIX.

Imagem 15: Obelisco em Homenagem ao Conselheiro Saraiva na Praça da Bandeira em frente a Igreja de Nossa Senhora do Amparo



Foto: Thiago Amaral. **Obelisco em homenagem ao Conselheiro Saraiva** esculpido em Mármore Carrara localizado na Praça da Bandeira. Ao fundo a Igreja de Nossa Senhora do Amparo e o prédio da Receita Federal.

Teresina foi a primeira capital planejada e construída durante o período do Brasil Império, mas a história de seu planejamento e fundação tem elementos próprios das ações urbanísticas do período do Brasil Colonial. Sua construção se fez num traçado de um grande “tabuleiro” de xadrez, como comumente se fala.

Assim diz Braz e Silva (s/d. p. 218) sobre este traçado e suas origens:

Sua concepção documentada em discurso oficial e a representação gráfica do plano inicial, disponíveis para pesquisa, indicam que a forma urbana de Teresina, capital do Piauí, é o resultado da rigorosa legislação portuguesa para criação de vilas e cidades coloniais brasileiras. Embora seja uma ocorrência do século XIX, o planejamento de Teresina retoma a aplicação de alguns dos mesmos princípios utilizados na reconstrução de Lisboa. Esta peculiaridade estabelece um vínculo formal com a capital de Portugal e fornece um indício de que [...] o programa urbano português experimentado no século XVIII tinha sido exitoso.

O modelo urbano português se caracteriza por apresentar linhas retilíneas, regularidade de volume, rigidez geométrica e concentração dos poderes estabelecidos - governo, justiça - no entorno da praça principal. Diferentemente de Lisboa, um terceiro poder se estabeleceu na praça principal em Teresina: a religião, que assumiu importante papel na ocupação da cidade e esteve relacionada à implantação da igreja matriz na Praça Deodoro da Fonseca.

Tais características indicam um padrão espacial com dimensionamento de traçado e agrupamento tipológico que podem ser observados na forma e métrica das praças centrais das cidades coloniais brasileiras. Esses mesmos princípios também estão presentes no plano de Teresina, indicando a influência do modelo português. O fato de ser repetido um século depois apenas confirma a aplicabilidade dos princípios urbanísticos da escola portuguesa.

Considerando as análises de Braz e Silva (s/d), podemos observar que a “concepção” de modernização para o planejamento e construção de cidades, via intervenção do ‘Estado’, já era uma realidade ainda em meados do século XIX aqui na América. Ainda que o autor não enfoque a influência do caso francês que culminou com uma ampla reforma na cidade de Paris¹⁶⁴, este caso acabou influenciando muitas outras intervenções reformadoras de cidades por vários lugares do mundo a exemplo do que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro¹⁶⁵ no

¹⁶⁴ Paris, a capital francesa, sofreu grandiosa reforma urbana entre 1852 e 1870 por iniciativa de *Georges-Eugène Haussmann*, à época, prefeito da cidade. Essa reforma tinha diversas finalidades como melhorar os espaços para manobras militares, circulação das pessoas, higienização, estética, nessa reforma foram demolidos construções da época medieval, vias pequenas ou estreitas também da época medieval deram lugar a largas e grandiosas ruas e avenidas. Completaram essa reforma a criação de imensos *boulevards*, jardins e parque no centro da cidade, intervenções que ajudaram a urbanizar o espaço central da cidade permitindo assim uma melhor harmonia arquitetura, urbanística, paisagística com impactos no estilo e na qualidade de vida da população parisiense.

¹⁶⁵ A Reforma do Rio de Janeiro do início do século xx foi uma iniciativa municipal do então prefeito pereira passos. Sua intervenção reformadora modernizante de concepção estetizante (embelezador), arquitetônico, urbanístico e higienizadora, ocorreu mediante a derrubada de centenas de construções, sobretudo casarões e cortiços (estes últimos se multiplicavam em decorrência de fluxos migratórios interno e externo) do centro da cidade para a construção de largas e longas ruas e avenidas, passeios e prédios públicos. Ficou conhecida de como “bota a baixo” pela grande quantidade de construções que foram demolidas para a execução da reforma. Com forte objetivo higienista a reforma visou controlar doenças e modernizar o tráfego de transportes e

início do século XX.

Ainda que a reforma urbana de Teresina, capital do Piauí, tenha sido resultado interventivo da rigorosa legislação portuguesa para criação de vilas e cidades para além-mar, a considerara a aplicação de alguns dos mesmos princípios utilizados na reconstrução de Lisboa, é possível afirmar que, dado a proximidade temporal, o caso da reforma da cidade de Paris tenha sido levado em consideração para o caso de Teresina, ainda que a dinâmica do formato do projeto de ‘radial’ aplicado na capital francesa tenha sido substituído aqui pelo formato ‘xadrez’ que consignava várias ruas paralelas umas as outras, tanto no sentido paralelo aos rios Parnaíba e Poti como os interligando. O caso de modelo urbano português se caracterizava por apresentar linhas retilíneas, regularidade de volume, rigidez geométrica e concentração dos poderes estabelecidos no entorno da praça principal ou no entorno de ‘templos’ religiosos (BRAZ e SILVA, s/d), a considerar a tradição portuguesa, templos católicos, condição que se aplicou na nova capital da Capitania do Piauí.

Em Teresina, ainda que todos os prédios públicos precisassem ser construídos, o fator ‘religião’ exerceu influência contumaz entre os planejadores na definição da planta da cidade. Tal influencia culminou com a criação dos espaços destinados para a construção dos templos cristãos católicos que por sua vez acabou definindo o quadrante territorial que deu origem a nova sede da Província do Piauí. Bom exemplo deste aspecto a considerar está no “Marco Zero” da cidade situada na Praça Marechal Deodoro da Fonseca, também chamada de Praça da Bandeira, praça essa que recebeu no seu entorno a Igreja Matriz da cidade – a Igreja de Nossa Senhora do Amparo¹⁶⁶.

A construção de Teresina, de certa forma, fugia ao modelo de ocupação e origem da maioria das cidades piauienses do século XIX, quais sejam o de estarem ligadas à questão pecuarista ou extrativista. Nasceu sob o signo do poder político como capital e sede das

mercadorias e a comunicação entre pessoas das diferentes regiões para com o centro da cidade. Se por um lado a reforma apresentou-se como modernizadora de uma determinada área da cidade, por outro provocou ou agravou ainda mais os problemas sociais da cidade, à exemplo da criação e expansão das favelas pelo sítio urbano acidentado da cidade, o que a fez ser vista como uma reforma excludente, já que a população pobre expulsa do centro da cidade foi obrigada a ocupar áreas inóspitas à exemplo dos morros onde passaram a habitar em construções improvisadas e sem nenhuma estrutura de serviços públicos oferecidos pelo poder público.

¹⁶⁶ Há de se considerar ainda o inverso da possibilidade, qual seja, a Matriz da cidade – a Igreja de Nossa Senhora do Amparo como definidora do “Marco Zero” da cidade, que por sua localização, ensejou a criação da Praça Marechal Deodoro da Fonseca, também chamada de Praça da Bandeira, praça em frente à Igreja Matriz. Outro aspecto que merece consideração é que para alguns historiadores ou mesmo moradores de Teresina, a antiga vila de pescadores, local onde depois passou a ser o bairro Poti Velho, corresponde ao local onde a cidade se originou, ainda que a estrutura planejada tenha sido construída na extensão territorial onde atualmente temos a parte central de Teresina (o Centro Velho).

decisões políticas e administrativas, do comércio e da utopia do progresso dada à proximidade com Caxias, vigorosa cidade e rota comercial entre o Ceará e o Maranhão, Nasceu ainda sob a influência religiosa católica que lhe impôs templos e construções que definiram o quadrante do sítio urbano primário, aquele que posteriormente se transformou no centro da cidade.

Na trajetória histórica que constitui o processo de construção, desconstrução, reconstrução da cidade de Teresina, seu referencial material no plano físico foi tão alterado ao longo de sua existência, que em nada a Teresina de hoje se assimila à vila de pescadores que outrora (meados do século XIX), deu origem a esta cidade. Na área onde se estabeleceu a cidade planejada, a marca deixada pela cidade de meados do século XIX foi apenas o formato 'xadrez' dos quarteirões e a localização definida pela influência dos templos católicos.

O seu próprio projeto inicial de construção já apresentava a necessidade de deslocar a área da construção da nova cidade das proximidades do encontro dos rios Poti e Parnaíba, área baixa e alagadiça, para uma área mais alta e plana apenas na margem piauiense do rio Parnaíba há alguns quilômetros rio acima, embora no decurso da sua constituição histórica a cidade voltasse a crescer em direção à região da vila de pescadores - Vila Nova do Poti, e também no sentido leste em direção ao rio Poti - um pouco mais acima do encontro com o Parnaíba.

A cidade de ontem ou a cidade de hoje eram 'vítimas' das mudanças que a acompanhavam desde o seu nascedouro. Mudanças físicas e estruturais, mudanças econômicas, sociais e culturais marcaram sua historicidade, legado este construído na sua formação social, população constituída na sua maioria por imigrantes.

III

A Modernização da Cidade de Teresina: Um ‘Eterno’ Embate Entre o Tradicional e o Moderno

Teresina e seu processo modernizador, ao longo de seus mais de um século e meio, é resultado dos conflitos históricos travados entre seus habitantes e/ou com aqueles que aqui se estabeleceram de alguma forma, fosse ela duradoura ou momentânea. De forma geral, esse processo foi resultado dialético das tensões ‘Novo’ *Versus* ‘Velho’, ‘Mudança’ *Versus* ‘Permanência’, ‘Tradição’, *Versus* ‘Transformação’¹⁶⁷.

Analisar Teresina no seu aspecto modernizante implica desvelar no seu tecido social, seus contrastes, seus conflitos de interesse aparentemente antagônicos, mas ao final, percebidos como comuns: a busca da construção de uma cidade utópica, a cidade harmônica - a cidade moderna. Nela, a passividade, a inércia eram elementos incompatíveis com os fluxos e demandas que lhes davam ‘vida’ e lhes fazia ‘pulsar’ cotidianamente.

Os escritos a seguir tiveram por objetivaram evidenciar as transformações e os elementos de ordem modernizante da cidade, tanto no aspecto urbanístico e arquitetônico, como nas práticas cotidiano de seus moradores. Nele, buscamos descrever as mudanças de hábitos e costumes dos seus atores sociais a partir do ‘eterno’ Dialogo entre a Permanência e a Ruptura, condição que alimentava em Teresina e no seu morador um ‘desejo’ igualmente ‘eterno’ de ser moderna. Percebido a existência desses conflitos e tensões no interior do cotidiano da cidade, os mesmos também acabaram se constituindo como objeto de estudo, o que nos levou tentar iluminá-los à luz da História nestes escritos.

Embora propensa a conflitos e tensões, a atuação humana na *urbe* parece objetivar a produção de um bem estar ora individual, ora coletivo. No entanto, a produção desta ‘zona de conforto’ no habitar, viver, consumir a cidade parecia algo ‘caro’ ao próprio ‘homem’. Freud (1930) já apontava como ‘ingênua’ a possibilidade de busca da felicidade humana sem tensões

¹⁶⁷ LIMA, Jurandir Gonçalves (autor).

entre seus pares. Na *urbe* estas tensões tendiam a se darem em números maiores e níveis mais complexos de ser dirimidas se comparadas, por exemplo, à cultura campesina.

Para Freud (1930), em “o mal estar na civilização”, as tensões advindas com a urbanização e a sociedade capitalista potencializavam um “mal-estar” que ameaçava o homem na modernidade. Sendo a cidade, um dos símbolos maiores da modernidade, era nela que residia com mais vigor este “mal-estar”. Mal estar este que colocava a própria existência humana em “cheque”, transformando, portanto, a *urbe* em ‘palco’ primário deste fenômeno.

Teresina e o seu processo modernizador, modernização que igualmente colocou seus habitantes diante do contato com novos bens, produtos, serviços, tecnologias, conhecimentos, vivências, práticas, foi constituída na dialética cotidiana do encontro da preservação e da alternância, da tradição e da mudança, do ontem e do hoje, do velho e do novo.

Teresina e seu Processo Modernizador: Resultado Dialético do Encontro “Novo” e “Velho”, “Mudança” e “Permanência”, “Tradição” e “Transformação”.

O processo de modernização da cidade de Teresina, como já afirmado anteriormente, se apresentava como bastante fluido e impreciso temporalmente e fazia parte de toda a História da Cidade. Vários são os recortes temporais que abordam esta questão e em cada um deles, os elementos definidores de processo modernizador da cidade foi resultado de um contexto específico que pode ser ‘iluminado’, sobretudo, na observação do ‘diálogo’ e encontro de ‘forças da tradição’ e ‘forças da mudança’ que rotineira e costumeiramente se manifestam na cidade e na vida de seus atores sociais.

O que se apresentava como novo, transformado, mudado tanto na cidade como nas formas de sentir, viver e consumir a cidade, no seu morador e nos seus visitantes, parece-nos insuficiente para dar conta de caracterizar o seu processo modernizador, situação que nos levou a, igualmente, buscar evidenciar as tradições preservadas para, só a partir daí, perceber as mudanças de viés modernizante que se processaram em Teresina ao longo de sua historicidade, notadamente as três décadas finais do século XX. Era o mesmo que tentar mostrar o que havia de moderno em Teresina não pela mudança, mas pelo seu oposto, ou seja, ao que nela foi preservado – o tradicional da cidade.

Considerando o Estado como um dos maiores agentes interventores na estrutura urbana da cidade, Teresina no último terço do século XX passou por várias propostas de

reformas urbanas visando melhorar as condições de habitabilidade e de urbanidade para seus moradores e visitantes. Entre fins da década de 1960 e fim da década de 1990 foram elaborados pelo menos Teresina três importantes planos de reformas urbanas e de organização do uso do solo e das práticas de seus cidadãos. Em 1969 foi elaborado o Plano Diretor Local Integrado (PDLI); em 1977, o I Plano Estrutural de Teresina (I PET) e em 1983 o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano (PDDU), já em 1987 ocorreu o ‘Seminário Planejando Teresina’. Dele surgiram as recomendações para o II PET, concebido em 1988. O II Plano Estrutural de Teresina era composto por um conjunto de dez leis: a Lei nº 1932, que institui o II Plano Estrutural de Teresina; a Lei nº 1933, que delimita o perímetro da zona urbana de Teresina; a Lei nº 1934, que delimita o perímetro dos bairros de Teresina; a Lei nº 1935, que delimita o perímetro dos setores urbanos de Teresina; a Lei nº 1936, que definia diretrizes para ocupação do solo urbano; a Lei nº 1937, que define diretrizes para o uso do solo urbano; a Lei nº 1938, que dispõe sobre o parcelamento do solo urbano do município de Teresina; a Lei nº 1939, que cria zonas de proteção ambiental, institui normas de proteção dos bens de valor cultural; a Lei nº 1940, que instituiu o Código Municipal de Posturas do Município; a Lei nº 1942, que dispõe sobre o tombamento e preservação do patrimônio cultural, histórico, artístico e paisagístico, localizado no território do município de Teresina, todas elas entraram em vigor em 16 de agosto de 1988.

Embora envolto de Planos, Leis e intervenções reais, neste processo, quase que naturalmente, o centro da cidade parecia ser o foco histórico destas intervenções por ser este local, por essência, espaço ‘guardião’ de ‘Monumentos’, de ‘Lugares de memória’ que muito significativamente constituem parte das identidades da cidade, a considerar que este local preserva parte da arquitetura urbana que deu origem a Teresina, embora igualmente, nas franjas das cidades, estes monumentos e lugares também estejam potencialmente instalados, porém, quase sempre resguardados de certa ‘juventude’ se comparados ao centro histórico da cidade, à exceção, quero crer, da Vila do Poti.

Para Nora (1993, p. 12-13),

Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. [...] São os rituais de uma sociedade sem ritual; sacralizações passageiras numa sociedade que dessacraliza; fidelidades particulares de uma sociedade que aplana os particularismos; diferenciações efetivas numa sociedade que nivela por princípio; sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos iguais e idênticos.

Do ponto de vista das intervenções mediadas e executadas pelo poder público, as mudanças mais elaboradas no seu sítio urbano foram marcadas por processos interventivos higiênicos e estetizantes, tendo a saúde da população e o esteticamente belo sido colocados como argumento legitimador das mudanças que nele eram planejadas e executadas. Do ponto de vista da iniciativa privada, as intervenções focaram primeiramente a potencialização da área como centro dinâmico da economia mediante reforma, demolições ou construção de empreendimentos nos moldes da cidade capitalista. Num segundo plano, porém não menos importante, as intervenções com vistas a manter aquele espaço da cidade como área habitacional e não só comercial.

O antigo formato de ocupação do solo na construção de moradias e edificações comerciais no formato horizontal foi gradativamente sofrendo a concorrência da verticalização das construções. Os primeiros “arranha-céus” da cidade surgiram no centro velho da capital. A manutenção do centro da cidade como espaço magnético, atrativo do morador e do visitante da *urbe*, precisava ser repensado constantemente, precisava estar o tempo todo sendo elaborado e reelaborado, pois, a condição de centro, fazia com que para aquela área convergissem muitas - quase todas - das demandas da cidade.

Historicamente nessa área, as mudanças físicas e estruturais coletivas, quase sempre estiveram cargo do poder público, fosse para a construção, abertura ou alargamento de vias como ruas e avenidas, fosse à construção, reforma e ampliação de áreas de lazer e passeios como praças e calçadões. Outro legado da tradição na história das grandes cidades brasileiras era a centralização de muitos serviços públicos e privados, motivo que acarretava a construção de muitos edifícios para oferta desses serviços nesta área da cidade, convergindo a ela outras demandas da população.

Embora muitos prédios e edificações que comportavam órgãos da estrutura do poder público nas suas três esferas - União, Estado e Município – estivessem situados no centro da capital, quantitativamente, as intervenções estetizantes do centro da cidade da Teresina, eram, na sua maioria, edificações privadas e constituíam construções ou reformas para a implantação de empreendimentos tanto na área comercial, como as lojas e edifícios de escritórios ou para a prestação de serviços como escolas, clínicas, hospitais, laboratórios, etc. Havia ainda as intervenções privadas com vistas a preservar o aspecto residencial do centro, intervenções essas numericamente inferiores aos outros dois objetos de intervenção:

comercial e de serviços¹⁶⁸.

A cidade, a ‘grande morada’ dos homens e mulheres (Rezende, 1992), se constituía como espaço da modernização na eterna busca de se consolidar como o ‘Lugar do Novo’. Centralizado ou disperso pelas franjas da cidade, a concepção de ‘novo’, de moderno, a aproximava e a colocava como guardiã do Progresso e do Desenvolvimento, talvez, por isto, seu aspecto ‘sempre’ magnético.

Considerando estes aspectos, ficava complexo analisar a cidade de Teresina do ponto de vista social, cultural e urbanístico, buscando apontar e entender as tensões e conflitos históricos emergentes da relação ‘moderno’ *versus* ‘tradicional’ no processo de modernização da cidade entre os anos de 1970 e 2000, sem que esta análise perpassasse pelo estudo e análise de categorias como cultura, tradição, moderno, modernidade, modernização, desenvolvimento, progresso e globalização e outras que delas derivam como cidade capitalista, migração, mobilidade, violência, higiene, estético, adensamento populacional, urbanização, civilidade, favelização, horizontalização, revitalização do centro, indústria, comércio, serviços, política habitacional, conjuntos habitacionais, poder público, agentes imobiliários, agentes especulativos, grupos sociais, entre outros¹⁶⁹.

Em alguns momentos das análises, muitas dessas categorias poderão aparecer por mais de uma vez no corpo do texto, colocando-as como repetitivas, no entanto, estas se justificam pela capacidade de influência das mesmas nas transformações impostas a Teresina, mudanças modernizantes estas quase sempre executadas tencionadas no dialético encontro moderno *versus* tradicional.

O ‘tempo’ em que vivemos, tempo ‘proclamado’ por uns como ‘modernidade’ (GUIDDENS, 1991; BERMAN, 1986) e por outros como ‘pós-modernidade’ (HARVEY, 1993; HALL, 2003), é tempo de complexidades e de incertezas pelo seu aspecto ‘extremamente paradoxal’. Contemplamos um tempo-mundo de muitas e rápidas mudanças, tempo da meta-transformação: tempos de globalização; da sociedade do consumo; da informação *on-line* e da comunicação digital; da microeletrônica e da nanotecnologia; tempo

¹⁶⁸ Historicamente, a tradição industrial do centro da capital piauiense se encerrou ainda na primeira metade do século XX com o fim das atividades das indústrias de fiação às margens do rio Parnaíba. Outrossim, a decadência da navegação desse rio contribuiu para o agravamento da crise desses setor. Por outro lado, esses aspectos não influenciaram negativamente para fragilizar ou até mesmo impedir que se formasse naquela região da cidade uma importante área de concentração comercial e de prestação de serviços de Teresina.

¹⁶⁹ As categorias citadas não seguem uma ordem de relevância. Todas são igualmente importantes para uma compreensão razoável do objeto proposto ainda que algumas delas estejam no centro da análise do objeto de estudo.

onde se discute muito sobre eco preservação e ao mesmo tempo em que mais se agride a natureza e mais se destrói recursos naturais; tempo onde se desenvolvem e se aplicam tecnologias na produção de alimentos com números fabulosos, inclusive de desperdício, quando quase metade da população mundial passa fome. Todas elas comprimem, suprimem, exprimem ou ‘trucidam’ formas de ver, viver, ser, sentir e agir em convívios sociais até bem pouco tempo consolidados, sustentados em certas tradições.

O tempo da mudança imprime o ‘novo’ sem dar chances ao ‘velho’. O ‘novo’ tem se lançado impiedosamente sobre o ‘velho’ em nome de uma nova tradição: a incerteza. O tempo das transformações impõe ao ‘hoje’ um ‘amanha’ antecipado sem dar chances de reação ao ‘ontem’, muitas vezes negando-o na sua ‘quase’ totalidade. Nunca foi tão grande e tão evidente a discrepância entre a possibilidade técnica de uma sociedade melhor, mais humana, mais justa e mais solidária e sua impossibilidade racional econômica, política e social. Observando os imensos fossos sociais, as dicotomias riqueza-pobreza, fome-desperdício, letramento-analfabetismo, parece que paradoxalmente andamos vertiginosamente à velocidade da luz em algumas questões, ao ponto que, estamos parados ou até mesmo retrocedendo, em outras. Nunca como antes se investiu e se chegou a tanto conhecimento em nome da manutenção da vida no mesmo espaço-tempo em que se tem igualmente utilizado este mesmo conhecimento para disseminar a vidas em nome do ‘Poder’¹⁷⁰.

No interior destes paradoxos, categorias como Modernidade, Modernização, Progresso, Globalização, Sociedade do Consumo, Qualidade Total, Informação, Comunicação, Democracia, entre outras, estão colocadas na ordem do dia e, embora não sejam expressões não tão novas, apresentam-se recheadas de novas significações, o ‘velho’ com embalagem de ‘novo’, mais que afinal, embora cercadas pelo signo do ineditismo, não passam de certos modismos, de velhos experimentos já conhecidos nossos.

As cidades, sobretudo no ocidente nos últimos séculos, têm passado por transformações que as tem colocado como *locus* privilegiado da vida. Nela, a novidade, o novo, tem igualmente lugar especial e grande aceitação entre seus atores sociais. O gosto pelo novo, a pré-disposição para a novidade fazia da cidade um lugar de tensões, de conflitos, uma vez que nela também existiam elementos historicamente consolidados, materializados numa tradição que se esforçava para se manter ‘viva’ frente à concorrência do sempre contemporâneo.

Mesmo se tratando de uma cidade de médio porte, este texto compreende uma

¹⁷⁰ Aplique-se o aspecto plural ao termo ‘Poder’ a depender do contexto espaço-temporal em questão: Poder econômico, militar, religioso, político, territorial, intelectual, cultural, etc.

tentativa de analisar como experiências tão paradoxais aconteceram em Teresina colocando em choque o novo e o velho, o moderno e o tradicional. Nele buscamos compreender como o imperativo da modernidade e do progresso se instalou em Teresina nas três últimas décadas do século XX ‘empurrando’ a cidade, nos hábitos e costumes de seus moradores, rumo à ‘utopia’ da sociedade moderna¹⁷¹.

Observando de forma mais geral, era possível afirmar que as práticas culturais que contribuíam na construção de identidades individuais e coletivas de sociedades e lugares, especialmente no Brasil - quando da observância da constituição, construção, reconstrução das cidades capitalistas - criou uma falsa noção de heterogeneidade cultural que, mesmo observando seus deslocamentos e apesar das suas particularidades, acabou por buscar reproduzir elementos ora da cultura europeia, ora da cultura norte americana. Neste processo, as próprias identidades e culturas regionais locais se transformaram quase que na sua totalidade, à luz do uso das imagens e costumes destes outros modelos, a justificar o fato daquelas culturas terem experimentado primeiramente os elementos ditos modernos.

Mesmo se tratando de centros urbanos há muito tempo existentes e desenvolvidos, se comparados com outras regiões do Brasil, as reformas urbanas de cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, na segunda metade do século XIX e décadas iniciais do século XX, muitos dos novos elementos experimentados ou consolidados nessas cidades, foram inspiração das reformas feitas em cidades como Paris e Londres.

A inspiração e importação daqueles modelos encontravam parâmetros tanto materiais como imateriais. Do ponto de vista material, o estético, o plástico, o urbanístico, a arquitetura e a organização planejada das cidades, de alguma forma, seguiam modelos que se configuraram na Europa portuguesa, hispânica, francesa ou inglesa. Fora da Europa, o exemplo a ser seguido era a cultura norte-americana. Do ponto de vista imaterial, o *modus* de vida europeu ou americano considerados modernos, civilizados, transformaram-se em modelos a ser adotados - mundo a fora. O *modus* de vida europeu ou americano representavam no imaginário de vida do latino uma forma superior de organização e de comportamento, motivos pelos quais eram buscados reproduzir, pois, representavam uma espécie de *status* social, um estágio superior do ponto de vista civilizacional a atingir.

Internamente, a maioria das médias e grandes cidades brasileiras durante o século XX¹⁷² vivenciaram uma dupla tentativa de modernização. A primeira passava pela reprodução

¹⁷¹ Moderna urbanística, arquitetônica, social, econômica e culturalmente.

¹⁷² Em algumas delas esse processo se iniciou ainda no século XIX a exemplo do Rio de Janeiro, de São Paulo, de Recife, de São Luís e de Salvador. Um caso interessante a observar é que no decurso do século XIX, ainda

do modelo de organização social europeu ou norte americano, notadamente o primeiro. A segunda dizia respeito à própria superação do *modus* de vida predominantemente ruralesco, herança da colonização de exploração ibérica assentada no escravismo, no latifúndio, na agropecuária voltada para a exportação e no patriarcalismo. Estes fenômenos produziram tensões internamente, uma vez que, alguns se demonstravam adeptos e receptivos ao projeto modernista e civilizador de matriz europeia, no entanto, outros demonstravam insatisfação, motivo pelo qual buscaram manter a tradição de matriz campesina mediante a resistência a o estilo de vida exógeno.

Diante do advento da urbanização e das reformas modernizadoras em muitas cidades brasileiras, exemplos clássicos das tensões entre tradição e mudança podem ser sentidos fosse tentando-se executar reformas modernizantes fosse tentando preservar na *urbe* hábitos e costumes de uma cultura campesina. De um lado tínhamos uma dupla urbanização das cidades marcadas por um lado pelo aumento da população urbana em relação à população rural e por outro por transformações urbanas e arquitetônicas de viés estético e higienista.

O novo no urbano estava relacionado à novidade na arquitetura, na urbanidade, na civilidade, no estético, no higiênico, na mobilidade, nos transportes de massa, nas tecnologias, na racionalidade técnica e na racionalização do conhecimento em nome da qualidade de vida, ainda que aqui e ali, estes se voltassem contra seus criadores. A tradição podia ser percebida em hábitos e costumes como o uso de transportes de tração animal, a criação animais ou cultivo de plantas nos quintais com fins alimentícios ou ainda no uso de fogões a lenha que favorecia a permanência do uso de madeira como combustível na cozinha. Ou seja, estas práticas bastante recorrentes ainda no ambiente ruralesco conflitavam, ao ponto que se tornaram incompatíveis, com o modo de vida urbano, tido como moderno, que passava a adotar o uso de fogões a gás de cozinha, o uso de geladeiras, o uso da energia elétrica. Os quintais das casas, por exemplo, passaram a ter outras funções, de lugar de criar animais ou cultivar pequenos roçados passaram a ter mais função estética para a montagem de jardins ou para a construção de garagens para veículos.

As formas de organização do labor e das atividades produtivas que outrora se praticavam quase que exclusivamente na zona rural, atividades estas ligadas ao setor primário da economia (agricultura, pecuária e extrativismo), como forma de resistência eram buscadas

que numa província bastante debilitada economicamente e de pouca importância política no cenário imperial, a construção de uma nova capital provincial para o Piauí em substituição a Oeiras, representava claramente tentativa de modernização e de desenvolvimento econômico regional, situação que a antiga capital da província do Piauí – Oeiras- não faziam prosperar.

transferir para as cidades, situação que acabava por conflitar com a cultura citadina que prospectava suas próprias práticas laborais e de produção ligadas ao setor secundário e terciário da economia. Assim, as cidades como novos empórios de estilos acabavam por produzir e definir nos atores sociais urbanos, novas formas de pensar, agir e viver na *urbe*, formas estas tidas como modernas, diferentes da cultura campesina que passava a representar o ‘atraso’, o ‘antimoderno’, o velho.

Submetido ao movimento de modernização, desenvolvimento e progresso imposto pela cultura hegemônica ocidental nos moldes da dinâmica capitalista e sua ideologia, o Estado, na primeira metade do século XX, assumiu o papel de agente planejador e executor das bases de uma nova política industrial e comercial que privilegiava formas de organização da produção e do trabalho nas novas relações sociais capitalistas e as cidades se transformaram no grande *locus* destas transformações.

Na segunda metade do século XX, este processo se intensificou de tal forma, que se passou buscar a execução de projetos desenvolvimentistas que objetivava recuperar o atraso ao qual se atribuiu o país ter vivenciado no exercício da resistência da tradição ruralesca.

De Getúlio Vargas e Juscelino Kubitschek o projeto desenvolvimentista pensado e executado no Brasil passava pelo urbano e pelos setores secundário e terciário da economia como prioridade, ainda que não excluísse o rural e as atividades a ele ligados (agricultura, pecuária e extrativismo vegetal ou mineral), até mesmo porque, a indústria de transformação que se buscava consolidar na *urbe* dele dependia como fonte de matérias prima ou de matrizes energéticas.

O ‘Plano de metas’, proposta que previa um desenvolvimento equivalente a meio século para o país a ser executado em apenas cinco anos, representava bem a fase desenvolvimentista no qual o Brasil vivenciava, tornando-se um dos maiores exemplos de ações do protagonismo do Estado como agente modernizador do país com impactos diretos na vida e na estrutura das cidades brasileiras. Brasília podia inclusive ser colocada como o símbolo máximo deste projeto, construída para ser o novo distrito administrativo do país.

Ainda na segunda metade do século XX, o I Plano Nacional de Desenvolvimento - I PND, executado entre os anos de 1972 e 1974 no Governo Emilio Garrastazu Médici, o II Plano Nacional de desenvolvimento - II PND implantado de 1975 a 1979 já no governo Ernesto Geisel e a política habitacional executada entre as décadas de 1960 e 1990 através do Sistema Financeiro de Habitação - SFH, Banco Nacional da Habitação - BNH e Companhias Estaduais de Habitação – COHAB’s foram alguns dos exemplos de intensificação da ação do poder público como agente fomentador do desenvolvimento, do progresso e da modernização

do país, fenômeno este que acabou colocando as cidades como protagonistas da vida moderna. Neste aspecto, não há como negar a repercussão dos impactos destes planos nos estados e nas cidades brasileiras, ainda que eles tenham se manifestado de forma e intensidades diferentes de uma região para outra. Igualmente, o legado de ‘milagre econômico’ brasileiro impactou muito fortemente as políticas de urbanização das capitais do país, a notar, a força da política habitacional, que alterou em muito a cartografia das médias e grandes cidades. As consequências mais imediatas deste processo para a sociedade brasileira não esteve colocada apenas na diminuição da influencia da cultura ruralesca na organização social, mas como este processo repercutia na inclusão/exclusão dos fluxos populacionais diversos diante destas novas demandas.

Aqui tinha-se que, a relação entre modernidade - entendida como racionalidade normativa e ideológica, e modernização - racionalidade técnica e instrumental, apresentam-se como, se não antagônicas, mas pelo menos, conflituosas, visto que, a primeira era uma ameaça à integração cultural nacional, pois, quando não negava o velho e a tradição, a colocava como algo superado ou inválido. A segunda era motivadora de uma integração transnacional que por sua vez atendia mais aos interesses do capital do que da qualidade de vida e do conforto da sociedade brasileira.

No espaço urbano brasileiro, a segunda metade do século XX, foi marcada pelo gradativo processo de ‘inserção’ da maioria das populações que residiam nas cidades ao acesso de bens materiais e imateriais, fosse pelo emprego, fosse pela educação ou pelo usufruto dos bens, produtos e serviços modernos, materializados nos moldes da cidade capitalista, apesar das diferenças classes sociais ali existentes. Neste mesmo contexto, populações rurais ou ribeirinhas, sobretudo das áreas mais afastadas dos grandes centros, configuravam-se como excluídos social e culturalmente destes mesmos bens advindos com a modernidade, pois, o acesso a eles eram dificultados muitas vezes tanto pelo isolamento geográfico como pela falta de recursos financeiros ou mesmo conhecimento e acesso à informação.

No Brasil ou no Piauí, a emergência de uma nova ordem cultural, percebida mais explicitamente pelo modo de organização social predominantemente urbano, demandava um novo tipo de organização social, cujo acesso a educação, ao trabalho, à informação e ao consumo tinha papel fundamental. Nela, a montagem do aparato educacional público ou privado de instrução formal da população tanto em nível fundamental¹⁷³, como médio¹⁷⁴ ou

¹⁷³ Desde as escolas de primeiras letras.

superior¹⁷⁵ teve papel fundamental¹⁷⁶.

Na modernidade, a modernização representava o processo pelo qual não podíamos recusar experimentar a novidade sempre contemporânea. Nela, a noção de progresso e de desenvolvimento era a todo instante solapada pelo desejo e pelo experimento do novo. Nela, um ‘amanhã’ melhor era potencializado pelo uso da racionalidade técnica que, em escala ascendente, devia contemplar a todos, pelo menos do ponto de vista discursivo. Na *urbe*, além do poder político e econômico, a educação escolar consolidou-se como um paradigma moderno potencializador desta que se apresentava como a ‘nova ordem’, a sociedade do saber, da informação e do consumo.

A complexidade do projeto de modernização que visava o desenvolvimento urbano industrial do Brasil era tão emblemática que até hábitos e costumes tidos como civilizados, hábitos estes que perpassavam questões morais, higiênicas, econômicas e educacionais (até religiosas), não foram esquecidos. Em todos eles, ou por todos eles, o fator instrução desempenhou papel fulcral.

Nas sociedades modernas, o signo do ‘novo’, da ‘tecnologia’, da ‘qualidade’, do ‘progresso’, do ‘desenvolvimento’, entre outros, passaram a ser seguidos e buscados concretizar constantemente. Nelas, as formas de ver, viver, sentir a cidade, as formas de apresentação estética e plástica, os hábitos e costumes do morador da *urbe*, em maior ou menor grau, passaram a está quase todos, de alguma forma, circunscritos e dimensionados pelo enquadramento em alguma destas categorias - modernidade, progresso, desenvolvimento - que acabavam por definir o papel social que cada sujeito desempenharia na sociedade em que vivia. Elas serviam e eram aplicados como rótulos que diziam o que cada um era ou representava no tempo-espço por ele ocupado.

Nas novas e diversas concepções e práticas de modernização *da e na urbe*, modernizar também implicava controle, normatização e disciplinamento de todos os atores sociais, inclusive aqueles que resistiam a este fenômeno, mas que acabavam sendo tomados ou dominados por ele, pois, na *urbe*, as normas de controle e disciplinamento social eram postas

¹⁷⁴ Propedêutico e posteriormente profissionalizante, desde a criação das escolas e colégios confessionais ou laicos como a Escola montada pelo Padre Marcos na Fazenda Boa Esperança em Jalcós, o Liceu Piauiense e a Escola Normal Oficial.

¹⁷⁵ Desde a criação da Faculdade de Direito do Piauí, da Faculdade de Filosofia do Piauí, da Universidade Federal do Piauí, da Universidade Estadual do Piauí e das várias Faculdades Privadas.

¹⁷⁶ Ao entendermos que há um processo de modernização da cidade de Teresina desde a sua fundação em 1852 ate os dias atuais, modernização esta que impactou hábitos, costumes, formas de pensar, agir e viver a cidade, é incontestante para este fenômeno, a importância nos processos formativos de instrução formal de sua população pelo advento da escola regular, desde suas primeiras experiências com as escolas de primeiras letras, passando pelas escolas e colégios confessionais ou laicos até a chegada e consolidação do ensino superior.

independentemente da vontade ou colaboração do cidadão individualmente. Negá-las ou refutá-las quase sempre tinha algum tipo de implicação, das quais a mais comum era a imediata associação ao atraso, situação que colocava aquele que a negava como rude, matuto, ‘caboclo’, ‘atrasado’. Isto de certa forma fundamenta a nossa ideia - tese - de que os termos *Modernização, Progresso, Desenvolvimento*, quando se tratar das mudanças e transformações que se processaram nas *urbes*, mundo a fora, depois dos experimentos em Paris na França¹⁷⁷ e Londres na Inglaterra¹⁷⁸ ainda no século XIX, são sinônimos e servem para expressar o fenômeno ‘mutacional’ que transformou as grandes cidades, tanto no ocidente como no oriente, em ‘espaços metamórficos’, em ‘empórios de estilos’, em *locus* preferencial da produção e do consumo.

No contexto da sociedade capitalista, os espaços urbanos de médio e de grande porte passaram por processos de transformações intencionais cujas alterações internas objetivavam adaptá-las ou transformá-las em espaços novos, modernos e, quase sempre, buscavam atender a dinâmica capitalista consubstanciadas em categorias como progresso, desenvolvimento e modernização. Nas cidades, as mudanças e transformações que se processavam no seu espaço

¹⁷⁷ Criação de Leis urbanísticas; aumento, alargamento ou criação de novas vias; criação de rotatórias para maior distribuição das vias; criação de bosques, parques e praças para melhor apresentação paisagista da cidade; criação de novos bairros; transformação do centro da cidade em espaço de atividades ligadas a produção, ao consumo e ao setor de serviços e lazer. Os objetivos destas mudanças foram diversos, notadamente destacaram-se a necessidade de controlar revoltas, a destruição sistemática de vielas e moradias inóspitas sujeitas a focos de epidemias, o alargamento ou abertura de vias, criando *Boulevards* por onde podiam circular as tropas e, por fim, facilitar o acesso às estações ferroviárias por intermédio da criação de vias que levassem tanto a população local como os viajantes a pontos de comércio, serviços e lazer através de um sistema de tráfego urbano racionalmente eficiente. O diferencial da reforma de Haussmann para Paris foi o planejamento das reformas a implementar com vistas a sanar problemas que ‘incomodavam’ a cidade à época. As modificações da *urbe* deveriam conectar a cidade por um plano global de cidade planejada. O projeto não deveria apenas embelezar determinadas áreas da cidade, mas sim arrumá-la no seu conjunto de modo a romper com suas divisões. A cidade deveria funcionar numa dinâmica de redes e sistemas. Entenda-se por Redes na capacidade organizativa da cidade de dispôs de vários elementos como ruas ligadas a estações de trem ou na disposição funcional do sistema de fornecimento de água, esgotos, gás, etc. Entenda-se por Sistema a capacidade organizativa de dispor todos os equipamentos das Redes técnicas de infra-estrutura para estar a serviço de todas as regiões da cidade. Estas e outras intervenções fizeram de Paris um paradigma de metrópole industrial não só para o ocidente contemporâneo. Para maiores esclarecimentos das transformações urbanas e sócias vivenciadas pela cidade de Paris no século XIX ver entre outros: BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 2004; ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade: a França no século XIX**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1991; RÉMOND, René. **O Século XIX: 1815 – 1914**. São Paulo: Editora Cultrix, 1974.

¹⁷⁸ A considerar o rápido crescimento populacional que levou Londres a conviver com graves problemas urbanos como pobreza, doenças e epidemias, prostituição, desorganização, poluição, isso acabou por levar o estado Vitoriano a adotar medidas reguladoras da vida social, através de intervenções medicas e sanitaristas, esta última pela construção de sistemas de esgoto e fornecimento de água ou mesmo pela Lei dos Pobres, e medidas organizadoras da cidade como alargamento e construção de ruas, melhoramento das habitações, sobretudo, nos bairros operários ou até mesmo pela construção do primeiro metrô da Europa, elemento que seria copiado por várias cidades pelo mundo. Para maiores esclarecimentos das transformações urbanas e sócias vivenciadas pela cidade de Paris no século XIX ver entre outros: BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 2004; CHARLOT, Monica; MARX, Roland. **Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou triunfo das desigualdades**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993; DE DECCA, Edgar Salvadori. **O Nascimento das Fábricas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

físico eram igualmente modificadores e transformadores dos modos de sentir, pensar e agir dos cidadãos. Neste ambiente ‘mutacional’, hábitos e costumes até outrora arraigados às culturas locais e regionais, eram rapidamente ‘implodidos’ diante da possibilidade da emergência do ‘novo’.

Na Europa a partir do século XIX, na América do Norte e na América Latina, vigorosamente percebidos e praticados no século XX, as concepções de ‘modernidade’ e de ‘progresso’ chegaram marcadamente, para além do debate acadêmico, pelo advento dos avanços tecnológicos, notadamente voltado o setor produtivo na dinâmica da cidade capitalista. Filhos dos avanços e das conquistas educacionais que se processavam desde o ‘Iluminismo’ no mundo ocidental, em nome do ‘novo’, ‘progresso’ e ‘modernização’ tornaram-se obsessões do morador da *urbe* e inclusive dos que habitavam fora dela também.

Nelas ou fora delas, as *urbes*, o surgimento das ‘novidades’ advindas do conhecimento sistematizado e científico, marca do mundo moderno, produzia nas mais diversas civilizações o desejo do consumo e do usufruto de novos ‘produtos’, novos ‘bens’ ou ‘serviços’. Estes por sua vez alteravam formas de pensar e agir, hábitos e costumes do cidadão. Na *urbe*, o advento do conhecimento, sua aplicação racionalizada e controlada, possibilitou a melhor aplicação dos saberes científicos que possibilitaram uma revolução nos meios de transporte e de comunicação. Esta revolução propiciou que distâncias geográficas ‘abissais’, outrora percorridas em semanas ou meses fossem percorridas em dias ou horas. Igualmente, correspondências, mensagens e informações que levavam semanas ou meses para chegar aos seus destinos puderam ser feitas em minutos ou segundos.

Nos transportes, o advento de ‘maquinas maravilhosas’ como navios a vapor, depois os trens, os automóveis e os aviões modificaram a concepção de mundo encurtando distâncias e ajudaram a romper as fronteiras da geografia política mundial. Nas telecomunicações, a criação do telegrafo, do telefone, do fax e depois da telefonia móvel colocou lado a lado, ainda que geograficamente distantes pessoas que outrora, para se comunicar, precisavam de mensageiros que transportavam correspondências escritas por milhares de quilômetros e em dezenas de dias ou semanas.

No Brasil, toda esta ‘parafernália’ tecnológica representava a novidade. Era um invento atrás do outros, eram tecnologias que não paravam de ser inventadas ou reinventadas, modernizadas. Dependendo do espaço-tempo e do contexto histórico observado, aqui elas chegavam sendo primeiramente experimentadas pela população da sede da República, a cidade do Rio de Janeiro. Tendo sido por lá que estas novidades chegaram ao Brasil, foi

igualmente por lá que elas foram sendo disseminadas para as demais capitais¹⁷⁹ e cidades do país. Nelas, passaram a prevalecer novas visões de mundo ligadas à estética, à arquitetura, à higiene (individual e coletiva), à medicina, ao urbanismo, ao consumo, etc. Nesta onda progressista e modernizante, o modelo urbano francês e inglês ofereceu os caminhos a serem seguidos por parte de alguns seguimentos sociais desejosos de tornar suas cidades e suas vidas cada vez mais modernas.

No século XX, a revolução nos meios de transporte de pessoas, bens e mercadorias - trens, navios, caminhões, ônibus, automóveis, motocicletas e aeronaves - transformaram o dia a dia das cidades e de seus habitantes. Nelas, o setor de transportes foram os grandes responsáveis pelas mudanças mais substanciais da estrutura urbana e passaram a representar o 'signo' máximo da modernização das cidades. Outros meios de transporte popular a exemplo das bicicletas e motocicletas também marcaram espaço nas mudanças que marcaram a metamorfose das cidades por todo o mundo, fenômeno este que também se repetiu no Brasil. Estes produtos da tecnologia moderna modificaram também hábitos e costumes do morador da *urbe* e da zona rural. Modificaram também relações sociais e empreenderam novos papéis e novas condutas ao cidadão tanto no campo como na cidade.

O fluxo e a demanda de embarcações alimentadas pela nova dinâmica do comércio mundial alteraram as áreas portuárias de muitas cidades brasileiras, sobretudo, no Rio de Janeiro. Neste aspecto, cidades como Santos, Recife, Salvador e Belém também tiveram a oportunidade de ver suas zonas portuárias desempenhar importante papel nas mudanças estruturais, urbanísticas e econômicas locais e nacionais, além de possibilitarem ainda mudanças culturais com impacto direto nos hábitos e costumes de seus moradores, pois, foram pelos portos destas cidades que milhares de imigrantes europeus ou até mesmo africanos, asiáticos e americanos, durante décadas entraram em 'terras *brasilis*' com objetivos de se estabelecer¹⁸⁰.

Igualmente aos automóveis, trens e embarcações, a telegrafia e a telefonia modificam hábitos e costumes alterando a rotina do morador da cidade empreendendo a estes novas práticas de comunicar-se. Os efeitos deles nas comunicações não se restringiam à individualidade dos contatos que eles propiciavam entre quem falava e quem ouvia ou entre quem transmitia e quem recebia as mensagens. Estes equipamentos influenciavam a imprensa

¹⁷⁹ Províncias ou Estados a depender do contexto histórico.

¹⁸⁰ A segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX foi marcada por intensos processos migratórios de povos de outros continentes em direção ao Brasil a exemplo de italianos, alemães, sírio-libaneses, japoneses, entre outros que aqui passaram a se estabelecer em colônias nas mais diversas regiões do país.

escrita - os jornais, que a partir de então passaram a dispor, quase que imediatamente, de informações que outrora levariam muito tempo¹⁸¹ para chegar aos seus destinatários - e a falada, pois, a radiofonia passava a contar com um novo equipamento de transmissão de dados e informações muito mais veloz que mensageiros ou radialistas que trabalhavam em campo. Toda aquela parafernália tecnológica não modificou apenas hábitos e costumes, elas passaram a interferir em setores chaves da organização da sociedade, uma vez que afetavam setores como a economia e a política.

Castelo Branco (1996) recorre a Hobsbawn (1988) para ajudar a conceituar e caracterizar e, portanto, facilitar uma melhor compreensão da noção de ‘progresso’ circunscritas por todas essas invenções e inovações tecnológicas. Para este último, progresso, não se restringia apenas à capacidade de diminuição (virtual) das distancias ou à velocidade de locomoção, que diminuía o tempo do deslocamento das pessoas, das informações ou das mercadorias, provocadas pelos meios de transporte ou pelos novos meios de comunicação, ‘progresso’ poderia ser compreendido, mensurado, “pela curva sempre ascendente de tudo que podia ser medido, ou que os homens escolhessem medir” (CASTELO BRANCO , 1996, p. 101 apud. HOBSEBAWN 1987).

Se no Brasil a modernidade quase sempre chegava pela cidade do Rio de Janeiro, no Piauí, era por sua capital – Teresina - que ela era conhecida e experimentada, para só depois chegar às demais cidades e piauienses, sobretudo os mais abastados.

No Brasil, mesmo na sua capital, Rio de Janeiro, estas tecnologias deixavam as pessoas ‘espantadas’, ‘encantadas’, ‘seduzidas’, ‘desejosos’ destas criações tecnológicas. Tê-las, acessá-las, consumi-las representava não só a modernização da cidade, mas também a modernização chegando pela imposição de novos hábitos e novos costumes ao morador da *urbe*. Significa fazer parte de um momento e de um movimento de intenso ‘progresso’ e do ‘desenvolvimento’ já experimentado pela sociedade europeia, modelo a ser seguido.

A adoção da noção de modernidade, de progresso e de desenvolvimento na *urbe* e em seus moradores não chegava apenas pelo usufruto das tecnologias representadas por novos bens, era preciso que eles produzissem melhoramentos imediatos na *urbe* e na vida das pessoas, ainda que não fosse a todos e mesmo que depois também produzissem ‘efeitos colaterais’ imprevistos ou não calculados. Em Teresina, fenômeno mais vigoroso na segunda metade do século XX, o uso de bens como trens e automóveis, bicicletas e as transformações advindas pela construção de ferrovias, rodovias, ruas e avenidas, pontes e viadutos, alteraram

¹⁸¹ As vezes dias, semanas ou mesmo meses.

drasticamente a estrutura urbana e viária da cidade e igualmente impuseram a seus atores sociais novas práticas, novas formas de viver e consumir a cidade (capitalista).

A modernização das cidades e o progresso tecnológico produziram bens e serviços que foram colocados à disposição de seus cidadãos. Estes por sua vez alteraram drasticamente as formas de sociabilidade no interior da *urbe*. Relações de sociabilidade estas que foram se consolidando entorno do acúmulo (de capital) ou do consumo, situação que definia *status* social. As relações sociais se modificaram de tal forma que o lazer, os hábitos higiênicos e alguns costumes alimentícios, por exemplo, modificaram-se incorporando práticas e comportamentos ‘refinados’, entendidos como mais civilizados, característicos do modo de vida burguês, parâmetro de referencia para as concepções tanto de progresso, como de modernização e de desenvolvimento praticados e buscados na contemporaneidade.

Neste aspecto, podemos afirmar que as concepções de modernização, progresso e desenvolvimento não só eram sinônimas ou complementares entre si, como eram também originárias, influenciadoras e definidoras do modo de vida burguês que passou a vigorar e predominar em ambientes urbanos. A este respeito, Castelo Branco (1996), chamava a atenção para o fato de que qualquer pessoa que se quisesse mostrar civilizado e ser entendido como moderno, progressista ou desenvolvido, teria que aplicar cotidianamente modelos comportamentais provenientes da Europa, que no Brasil tinha, comumente, o Rio de Janeiro como porta de entrada.

No caso do Piauí, por todo o século XX, timidamente, trens, bicicletas, automóveis e motocicletas passaram a fazer parte do cotidiano do Teresinense. De bens em número bastante reduzidos e restritos geralmente à famílias abastadas da capital, foram se popularizando e no final do século passado se tornaram possíveis inclusive entre grupos sociais menos abastados. Por toda a primeira metade do século XX, o uso das bicicletas na área urbana concorria com o transporte de pessoas e mercadorias feitas em lombos de animais, situação que mantinha a estrutura urbana da cidade pouco ou quase nada inalterada. Já na segunda metade do século XX, por força do avanço da indústria automobilística e petroquímica, não demorou muito para que o automóvel se transformasse no objeto do desejo e da cobiça tanto do cidadão como do homem do campo. Não demorou muito para que o número crescente de veículos automotores nas cidades acabasse forçosamente contribuindo para a reestruturação urbana e viária das cidades, condição que provocou a abertura, alargamento ou expansão de ruas e avenidas, pontes e viadutos, rebaixados e elevados, tornando as cidades, criação e grande morada dos homens, em locais do domínio das máquinas. Em Teresina, embora esse fenômeno tenha ocorrido desde a primeira metade do século XX, foi nas três últimas décadas daquele mesmo

século que essas práticas modernizadoras das cidades e dos costumes de seus moradores¹⁸² ganharam vigor. Neste ou naquele contexto, um aspecto importante se fazia necessário evidenciar, a importância da intervenção do poder público como agente promotor ou financiador de obras estruturantes do país, dos estados e dos municípios, concentradamente em suas capitais.

Como afirmado anteriormente, o modelo de modernização vivenciado no Brasil seguia parâmetros, sobretudo, europeus. O vestuário ou o *modus* de vida das famílias mais abastadas do eixo Rio-São Paulo - que reproduziam padrões europeus - virou preocupação das famílias mais abastadas e, respeitadas as limitações, até mesmo em famílias mais pobres no Piauí, situação que tinha Teresina como sua porta de entrada. Cortes de cabelos, maquiagens, joias e bijuterias, calçados, eram pouco a pouco incorporados no uso cotidiano de alguns moradores da cidade, situação que se intensificava à medida que os jornais impressos, as revistas, o rádio e o aparelho de televisão foram se tornando bens cada vez mais acessíveis a várias famílias teresinenses. No caso da televisão, ainda que ela fosse um bem de reduzida quantidade de famílias teresinenses nos anos finais da década de 1970 e início dos anos 80, já em meados da década de 1990 se tornou um bem popular, apesar de não muito barato, acessível a quase todas as famílias teresinenses, situação que favoreceu o contato com novos hábitos, novos costumes, sobretudo alimentares e de vestuário. O forte apelo visual da televisão era a ‘arma’ pelo qual a mudança de comportamento, hábitos e costumes, ganhava novos e intrépidos adeptos.

No Censo demográfico de 1970 no Piauí, na análise dos ‘domicílios particulares permanentes por instalação e utensílios existentes’ segundo as microrregiões ou municípios, no item ‘instalação e utensílios existentes’ identificou-se a existência nos diferentes tipos de domicílios da capital piauiense a existência de 1.432 fogões a lenha para 13.417 fogões a gás e 6.842 fogões a outros combustíveis¹⁸³. Este mesmo item apontou ainda a existência de

¹⁸² A aplicação da expressão modernização ao conjunto de transformações urbanas e sociais vivenciadas em Teresina entre as décadas de 1970 e 1990 deve ser entendida como um momento em que a cidade dar sinais mais evidentes de superação da condição de cidade pacata, tacanha, com ares provinciana, sendo influenciada, mas também influenciando, pelas transformações que se processam nas grandes cidades do Brasil e do Mundo ocidental, sobretudo. Momento em que a cidade passa a consumir elementos modernizantes, consubstanciados no modelo da cidade capitalista, na produção e no consumo, na técnica e na razão formalizada. Momento em que Teresina entra num processo de decadência de hábitos e costumes ligados a uma tradição rústica, provinciana, interiorana. Momento em que fecunda na cidade os germes de uma nova sociedade urbanística e socialmente moderna. Ideia de modernização esta não compreendida por todos naquele momento, situação só melhor compreendida com o passar dos anos e da percepção que novas mudanças precisam continuar acontecendo com vistas a atender as demandas atuais e futuras da cidade.

¹⁸³ O Censo não aponta que outros combustíveis são estes, mas deduzimos que sejam residências que utilizam carvão como combustível, haja vista a forte tradição da extração de madeira para a produção de carvão em ‘caeiras’.

19.223 rádios, 7.178 geladeiras, 4.085 televisores e 1.881 automóveis. Parnaíba, por exemplo, que era a segunda maior cidade do Piauí naquela década, nestes mesmos itens apresentou o número de 35 fogões à lenha, 3.258 fogões a gás e 157 fogões a outros combustíveis, 4.864 rádios, 1.625 geladeiras, 1.408 televisores e apenas 489 carros (IBGE, CENSO, 1970, p. 435).

A concepção de modernização da cidade e também dos hábitos dos seus moradores não eram incorporados tão somente pela adoção de modos civilizados que outrora passaram a ser utilizados pelos moradores dos grandes centros da Europa ou do sudeste do Brasil. A relação produção-consumo nos moldes capitalista, típicos das cidades pós-industrialização, se materializaram em Teresina também pelo aumento do consumo de bens e serviços advindos com as tecnologias típicas da modernidade¹⁸⁴. A quantidade de equipamentos eletroeletrônicos apontados no censo da década de 1970 era um demonstrador claro do prospecto do modelo modernizante dos grandes centros se notabilizando como hábitos do teresinense. Os usos diferenciados destes utensílios domésticos traziam consigo novos costumes alimentares e novas formas de higiene e alimentação.

Incorporar novos hábitos alimentícios e de higienização por parte da elite e também de camadas sociais menos abastadas demonstrava não só o apego ao progresso, mas significava ainda superar o atraso, situação esta que incomodava a todos, uma vez que a condição de colônia agrícola e escravista portuguesa na América ‘soava’ como uma ‘herança maldita’ para muitas famílias nos trópicos, ainda que muitas delas tivessem consolidado poderio econômico e político na tradição colonial. Ainda assim era necessário superar esta fase entendida como atrasada e arcaica da história do Brasil. O *modus* de vida urbano no Brasil consolidava na segunda metade do século XX o predomínio da população, da cultura e das atividades urbanas sobre o *modus* de vida ruralesco, condição que tinha progressivamente tornado o campo espaço secundário nas múltiplas relações da sociedade brasileira.

Ainda que o modelo de modernização do país tenha sido colocado de ‘cima para baixo’, de início da Europa para cá, depois do Rio de Janeiro e de São Paulo para os demais estados e suas respectivas capitais, em Teresina a relação de contato com o ‘novo’ ‘contaminava’ a todos, até mesmo a tradição rural foi se tornando dependente do aparato modernizante que se propagavam nas cidades. Assim, a segunda metade do século XX se apresentou como o momento de marcar a diferença entre o tradicional e o moderno, o atraso e

¹⁸⁴ Ainda que fora do recorte proposto e ainda que não específicos para Teresina, o Plano Nacional por Amostra de Domicílios – PNAD de 2009, com base em dados do IBGE, aponta a existência em todo o Piauí de 861 mil domicílios com fogão dos quais 551 mil estão na zona urbana. Aponta ainda a existência de 454 mil rádios, 542 mil televisões e 520 mil geladeiras somente nos domicílios urbanos do estado. Para maiores detalhamentos desses números ver: CEPRO. **Piauí em Números**, 9ª Ed. p. 46.

progresso, o retrocesso e o desenvolvimento, o velho e o novo, o tradicional e o sempre contemporâneo. Para quase toda a população piauiense e não só teresinense este período significou a busca da tentativa de superação não só do modo de vida campesino e ruralesco, mas a própria superação deste modo de vida tido para muitos como atrasada. A cidade como ‘empório de estilos, reafirmava o estilo de vida civilizado como típico da *urbe* e como o modelo a ser ‘eternamente’ buscado, a se consolidar como padrão de comportamento até mesmo por aqueles que vivam no campo - espaço de práticas próprias, particulares e bem peculiares.

A concepção de civilidade incorporada como típica do morador da *urbe* passou a ser o ‘modelo’ a ser seguido. No entanto, nem sempre isto foi assim. Tornar-se civilizado compreendia deixar para traz certas práticas estigmatizadas como incivilizadas, grosseiras e ultrapassadas a exemplo de falar alto, gritar, cuspir no chão, mascar, fumar cigarro de palha ou cachimbo, comer pegando diretamente nos alimentos, jogar lixo pela rua, praticar a pecuária doméstica na cidade, cultivar plantas com fins alimentícios nos quintais, entre outras práticas. Tornar-se civilizado compreendia ainda incorporar novas noções de higiene como banhar diversas vezes ao dia - principalmente as crianças; não deixá-las perambulando pelas ruas; lavar as mãos antes das refeições; não andar descalços; usar fossas e latrinas para o descarte de dejetos humanos. Às mulheres adultas ou ainda muito jovens, incentivavam-se cuidados como a lavagem e escovação dos cabelos e trocas constantes das roupas, sobretudo as mais íntimas. Aos homens, cuidados com o cabelo, barba e bigode, cuidados com o vestuário e uso de roupas limpas. Quanto aos hábitos alimentares, até mesmo cuidados especiais com a origem das carnes de ‘criação’ como suínos, caprinos e ovinos passaram a tornar-se uma preocupação cada vez mais constante. Por elas buscava-se evitar a existência de matadouros clandestinos pela cidade, ainda que as carnes oriundas destes locais ‘seduzissem’ potenciais compradores por conta do menor preço.

A Lei nº 1940, de 16 de agosto de 1988 que instituiu o Código Municipal de Posturas de Teresina era rigorosa quanto à criação de animais para fins alimentícios na cidade.

CAPÍTULO V - DAS MEDIDAS REFERENTES AOS ANIMAIS

É vedada a permanência de animais nas vias e logradouros públicos.

Os animais encontrados nas vias e logradouros públicos serão recolhidos ao depósito da municipalidade.

O animal recolhido em virtude do disposto neste capítulo deverá ser retirado no prazo máximo de sete (7) dias, mediante o pagamento de multa e da taxa de manutenção respectiva.

Parágrafo Único - Não sendo o animal retirado neste prazo, deverá a Prefeitura Municipal efetuar sua venda em hasta pública, precedida da necessária publicação.

É vedada a criação e engorda de porcos em escala comercial no perímetro urbanizado do município

§ 1º Aos proprietários de cevas atualmente existentes no perímetro urbano do município, fica determinado o prazo de noventa (90) dias, a contar da publicação deste Código, para remoção dos animais.

§ 2º É igualmente vedada a criação, na área urbanizada do município, de qualquer outra espécie de gado, ficando o prazo estabelecido no § 1º deste artigo, estipulado para os seus proprietários fazerem a necessária remoção dos animais.

As cocheiras e estábulos, cuja existência dependerá de prévia licença da Prefeitura Municipal, além da observância de outras disposições deste Código que lhes forem aplicáveis, deverão obedecer ao seguinte (TERESINA, LEI Nº 1940 de 16/08/1988).

Como podemos observar, de acordo com o Código de Postura de Teresina, a permanência de animais nas vias e logradouros públicos era proibido, situação que provocava o recolhimento aos depósitos da municipalidade os animais que fossem encontrados a solta pela cidade. Outra forma encontrada de punir aqueles menos desavisados que insistia em criar animais a solta em vias e logradouros públicos era além da apreensão do animal, a aplicação de multa a seus proprietários e quando da sua não retirada em prazo legal, a sua venda pela municipalidade. A criação e engorda de porcos, assim como a criação de gado *vacum* em escala comercial no perímetro urbanizado do município era igualmente proibida sob o risco de punições àqueles que insistissem em desrespeitar a lei e que não removessem os animais do perímetro urbano da cidade no prazo legal estabelecido. Situação mais amena era dada às cocheiras e estábulos, cuja existência no perímetro urbano da cidade dependia de prévia licença e autorização da Prefeitura Municipal em observância a outros artigos do referido código.

Nem mesmo os animais domésticos escapavam ao controle do poder público que, em linhas gerais, pretendia manter minimamente condições de salubridade e higiene na cidade,

medidas que visavam proteger o morador no seu precioso bem, a saúde. Neste mesmo capítulo V, no tópico ‘das medidas referentes aos animais’, ainda podemos encontrar:

Somente será permitida a criação de cães com fins comerciais em canis legais e adequadamente instalados, desde que observada a distância mínima de cem (100) metros das residências mais próximas.

Os cães que forem encontrados nas vias e logradouros públicos serão apreendidos e recolhidos ao depósito da Prefeitura Municipal.

§ 1º Tratando-se de cão não registrado, será o mesmo sacrificado, caso não seja retirado por seu dono no prazo de quarenta e oito (48) horas, mediante o pagamento da multa e das taxas respectivas.

§ 2º Os proprietários dos cães registrados serão notificados, devendo retirá-los em idêntico prazo, sem o que serão igualmente sacrificados.

§ 3º Quando se tratar de animal de raça, poderá a Prefeitura Municipal, a seu critério, agir em conformidade com o parágrafo único do artigo 114 deste Código.

Haverá, na Prefeitura Municipal, o registro anual de cães mediante o pagamento da taxa respectiva.

§ 1º Aos proprietários de cães, registrados, a Prefeitura Municipal fornecerá uma placa de identificação a ser colocada na coleira do animal.

§ 2º Para registro dos cães, é obrigatória a apresentação de comprovante de vacinação anti-rábica, que poderá ser feita às expensas da Prefeitura Municipal.

É vedado o trânsito de animais ou rebanhos no perímetro urbanizado da cidade, exceto em logradouros para isso, previamente designados, e desde que estes não ofereçam riscos à segurança e à saúde pública, estando os mesmos devidamente atrelados e/ou acondicionados e vacinados, conforme previsão legal (TERESINA, LEI Nº 1940 de 16/08/1988).

A preocupação com os animais domésticos como cães e gatos era justificada pela grande quantidade deles a solta pelas ruas e pela grande quantidade de famílias que tinham acesso a eles, potencializando o risco de doenças ou epidemias que deles pudessem provir. Uma forma de controlar o aumento da população destes animais na cidade era proibir suas criações com fins comerciais em residências, situação só permitida, no caso dos cães, em canis legais e adequadamente instalados - observada a distância mínima de cem metros das residências mais próximas. Aos cães e gatos encontrados em vias e logradouros públicos apreendidos e recolhidos ao depósito da Prefeitura Municipal, não registrados ou não reclamados, eram sacrificados. E se reclamados, a sua retirada deveria dar-se mediante o pagamento de taxas e multas, além da obrigatória apresentação de comprovante de vacinação antirrábica, que poderia ser feita à custa da Prefeitura Municipal. Outro aspecto a considerar

neste código com vista à manutenção da salubridade e do controle de doenças eventualmente transmitidas por animais era a proibição do trânsito de animais ou rebanhos no perímetro urbanizado da cidade, exceto em logradouros previamente designados desde que não oferecessem riscos à segurança e à saúde pública, devendo os mesmos estar devidamente atrelados e/ou acondicionados e vacinados, conforme previsão legal.

As concepções de civilidade, modernidade, progresso e de desenvolvimento também foram incorporadas no imaginário do morador da *urbe* de forma a repercutir na estrutura urbanística da cidade. Nela, as ruas e vielas estreitas e tortas passaram a ser substituídas por ruas e avenidas mais largas, mais longas e pavimentadas, inicialmente com paralelepípedos e depois com asfalto, possibilitando assim o fluxo mais harmonioso de pessoas, veículos e o transporte de mercadorias. Assim, os moradores da *urbe* passaram a entender que em uma cidade moderna, as avenidas deveriam ser apresentadas largas, pavimentadas, bem iluminadas e com áreas modernamente urbanizadas (CASTELO BRANCO, 1996).

Estas intervenções na estrutura urbanística das cidades através de ruas, avenidas, pontes, viadutos, praças e passeios, tinham implicações importantes sobre a vida e o modo de organização dos moradores dos locais onde estas obras eram realizadas. A modernização e o progresso traziam novas obras e empreendimentos para a cidade e o cotidiano dos seus moradores, no entanto, igualmente traziam consigo conflitos e tensões nos mais diferentes grupos sociais no interior da *urbe*, muitos deles primeiramente manifestados pela própria necessidade de remoção dos moradores dos espaços onde as intervenções (infra) estruturantes da cidade necessitavam ser realizadas.

Até mesmo antes do usufruto dos bens estruturantes de viés modernizantes ou estetizantes, as obras e intervenções na cidade provocavam em alguns moradores, outrora territorializados, sua desterritorialização dos locais onde moravam ou trabalhavam há anos ou até mesmo décadas. Esta situação implicava aos moradores removidos se estabelecerem em outras regiões da cidade, o que os submetia a novas experiências vivenciais, sobretudo, no contato com uma nova vizinhança, com outros espaços de lazer, com novos meios de transportes e com o comércio local, notadamente o de ‘secos e molhados’ cotidianamente adquiridos para a alimentação das famílias. Esse deslocamento de moradores tinha implicações outras para a cidade e para muitos de seus moradores, uma vez que, alguns destes precisavam ser remanejados para outros locais ocasionando uma série de problemas difíceis de serem superados em curto prazo como a adaptação à nova moradia, à vizinhança, ao deslocamento para o centro ou para visitar familiares e amigos que não foram remanejados,

dificuldades de locomoção para o emprego, dificuldades para se estabelecer financeiramente e encontrar novos empregos, entre outros.

Os discursos oficiais que buscavam dar legitimidade à locomoção destas pessoas passavam pelas questões normativas de ordem estetizante, higienista e modernizadora da cidade, ainda que estas pessoas e locais, em algumas situações, não representassem perigo ou ameaça insalubre para a cidade. Ainda que encontrassem resistência por parte dos moradores, em muitos casos, essas intervenções eram racionalmente justificáveis e necessárias, até mesmo porque, o fenômeno da favelização e da ocupação de áreas íngremes, alagadiças, portanto, inóspitas, se transformaram em práticas comuns em quase todas as cidades de médio e grande porte do país. Situação muito comum a Teresina, duplamente comprometida pela influência hidrográfica dos rios Poti e Parnaíba, além de outras áreas mais íngremes.

Quando se tratava do centro da cidade, os discursos normativos e reguladores referentes a questões higienistas e estetizantes do uso do solo urbano e de práticas sociais nesta área, a atuação dos gestores via instituições reguladoras eram mais severas. Bom exemplo de alvo destas intervenções eram as casas de pau-a-pique, casas de madeira ou casarões destruídos ou abandonados no centro da grande cidade que incomodavam não só os agentes públicos responsáveis imediatos pela regulação do uso do solo, mas igualmente incomodavam outros agentes promotores urbanos da cidade a exemplo dos promotores imobiliários e dos especuladores imobiliários que viam seus negócios comprometidos, em avaliação de mercado, por conta da existência destas ‘ilhas de atraso e resistência’ em pleno centro da cidade, área de grande valor imobiliário.

No caso de áreas tombadas do centro da cidade e em que haviam edificações demolidas ou danificadas, se por um lado a legislação buscava proteger essas construções, por outro, a própria legislação dificultava intervenções nessas edificações, o que acabava por torná-las áreas inóspitas propícias à ocupação por moradores de ruas, delinquentes ou mesmo eram transformadas em latrinas e depósitos de descarte de lixo e entulhos. Igualmente incomodavam ainda, os moradores de rua, ambulantes, mendigos e pedintes que ocupavam o centro comercial e os principais cruzamentos das principais ruas e avenidas da cidade. Sobre eles, vez por outra, via-se a investida de agentes públicos empreendendo ações com o objetivo de eliminar sua presença em determinados espaços da *urbe*, sobretudo naqueles que comprometessem sua imagem interna e externamente como o caso dos mercados, do terminal rodoviário, do aeroporto, das praças e de toda zona central comercial da Cidade. Neste aspecto Teresina não fugia à regra e alguns destes espaços passaram a sofrer maior controle, inclusive normatizando em legislação específica as condutas e posturas do cidadão.

O controle era tão severo e esteve presente em áreas tão diversas que não escapavam aos olhos dos legisladores nem mesmo situações e hábitos cotidianos dos moradores, pois, situações consolidadas na tradição e na cultura popular ligada à higiene pessoal individual e coletiva como o lavar roupas, o banhar-se, a varrição de casas e quintais, o cuidado com o lixo, o escoamento das águas servidas em casa, eram rigorosamente disciplinados.

Práticas outras como a disposição de animais em logradouros públicos; o banho em chafarizes, fontes ou torneiras públicas; o destino do lixo dos estabelecimentos comerciais ou industriais; o destino de resíduos, papéis, detritos, animais mortos, material de construção e entulhos, mobiliário usado, folhagem, material de podas de árvores, resíduos de limpeza de fossas, óleo, graxa, tintas e quaisquer materiais eram atentamente disciplinados e tinham por objetivo manter a cidade cuidadosamente higienizada, mantendo assim distância de certas doenças e epidemias (TERESINA, LEI Nº 1940 de 16/08/1988).

O Código Municipal de Posturas de Teresina de 1988 no seu capítulo II que tratava ‘da higiene e conservação das vias públicas’ expunha o regramento de normas sobre este aspecto:

Art. 3º Para preservar a estética e higiene pública, fica vedada:

I - lavar roupas ou animais em logradouros públicos e banhar-se em chafarizes, fontes ou torneiras públicas;

II - fazer varrição de lixo do interior das residências, estabelecimentos comerciais ou industriais, terrenos ou veículos, jogando-os nas vias públicas;

III - colocar, nas janelas das habitações ou estabelecimentos, vasos e outros objetos que possam cair nas vias públicas;

IV - pintar, reformar ou conservar veículos ou equipamentos nas vias públicas;

V - derramar nas vias públicas óleos, graxa, cal e outros produtos capazes de afetar-lhes a estética e a higiene;

VI - varrer lixo ou detritos sólidos de qualquer natureza para os ralos dos logradouros públicos;

VII - admitir o escoamento de águas servidas das residências, comércio e indústrias para a rua, quando por esta passar a rede de esgotos;

VIII - obstruir, com material ou resíduos, caixas públicas receptoras, sarjetas, valas e outras passagens de águas pluviais, bem como reduzir sua vazão, por meio de tubulações;

IX - depositar lixo, resíduos, papéis, detritos, animais mortos, material de construção e entulhos, mobiliário usado, folhagem, material de poda, resíduos de limpeza de fossas, óleo, graxa, tintas e qualquer material ou sobras em logradouros públicos, terrenos baldios, margens e leitos dos rios e avenidas da cidade (TERESINA, LEI Nº 1940 de 16/08/1988).

A concepção higienista e estetizante da cidade não aparecia apenas no planejamento e construção de obras (infra) estruturantes, ela estava presente inclusive nas práticas cotidianas do morador da *urbe* e servia como parâmetro civilizado de comportamento. Conforme observado no capítulo II do item ‘da higiene e conservação das vias públicas’ no seu artigo terceiro que expunha que ‘para preservar a estética e higiene pública’ ficava vedada, entre outras práticas: lavar roupas ou animais nos logradouros públicos; banhar-se nos chafarizes, fontes ou torneiras públicas; fazer varrição e jogar lixo nas vias públicas; colocar em janelas das habitações ou estabelecimentos objetos que pudessem cair nas vias públicas; ‘pintar, reformar ou conservar veículos ou equipamentos nas vias públicas; derramar nas vias públicas óleos, graxas, cal e outros produtos capazes de afetar-lhes a estética e a higiene das vias; permitir o escoamento de águas servidas das residências, comércios e indústrias para a rua; depositar lixo, resíduos, papéis, detritos, animais mortos, material de construção e entulhos, mobiliário usado, folhagem, material de podaões, resíduos de limpeza de fossas, óleo, graxa, tintas e quaisquer outros materiais ou sobras em logradouros públicos, terrenos baldios, margens e leitos dos rios e avenidas da cidade.

Nestes casos, o regramento do comportamento esperado por parte do morador da cidade não estava condicionado apenas à educação informal ou aos bons costumes construídos no interior da família e da sociedade, ele deveria provir inclusive de leis e normas de conduta, outro instrumento da modernidade, já que em tempos mais remotos¹⁸⁵ o regramento do comportamento social era baseado primeiramente na educação familiar e depois pela tradição e pelos bons costumes transmitidos de geração em geração.

O exemplo do código de postura, onde práticas disciplinadoras e sanitaristas foram levadas a cabo pelo poder público criando elementos normativos e reguladores que buscavam coibir os ‘maus costumes’, aqueles considerados incivilizados como criar animais no perímetro urbano da cidade, cuspir no chão, vender alimentos sem cuidados higiênicos mínimos, entre outros, passaram a ser disciplinados tanto legalmente como discursivamente, já que, hábitos e costumes tidos como civilizados eram constantemente reclamados por moradores mais ‘educados’ e também divulgado em meios de comunicação como rádio, jornais e a televisão. Nas escolas também se ensinavam os bons modos e os bons costumes. Disciplinas como ‘educação moral e cívica’ e ‘educação para o lar’ também ajudavam a difundir nos jovens bons modos e práticas colaborativas no lar e na sociedade.

¹⁸⁵ No ocidente, até pelo menos a baixa Idade Média.

A legislação municipal mencionada, a Lei Nº 1940/1988 que institui o Código Municipal de Posturas do município de Teresina, impunha vedações e controles até dentro das unidades privadas. O capítulo III – ‘da higiene das habitações’, expunha em linhas gerais o que podia e o que não podia ser feito em casas, prédios e outras edificações particulares:

Art. 18. As residências urbanas e suburbanas deverão receber pintura externa e interna, e, sempre que seja necessário, restaurar as suas condições de asseio, higiene e estética.

Art. 19. É vedado conservar água estagnada nos quintais ou pátios dos prédios situados na área urbana do município.

Parágrafo Único - As providências para o escoamento em terrenos particulares competem ao respectivo proprietário.

Art. 20. As edificações de habitação coletiva deverão ser dotadas de instalação coletora de lixo, convenientemente disposta, perfeitamente vedada e dotada de dispositivo para limpeza e lavagem.

Art. 21. Nenhum prédio situado em via pública dotada de redes de abastecimento de água e esgotos poderá ser habitado sem que disponha dessas utilidades e seja provido de instalações sanitárias.

Parágrafo Único - Nos prédios localizados em vias públicas não dotadas de rede de esgoto, deverão ser construídos sumidouros ou filtros biológicos.

Art. 22. As chaminés de qualquer espécie de fogões de casas particulares, de restaurantes, pensões, hotéis e de estabelecimentos comerciais e industriais de qualquer natureza, terão altura suficiente para que a fumaça, a fuligem ou outros resíduos que possam expedir não incomodem os vizinhos.

Os cuidados com a higiene urbana tanto de áreas públicas como de áreas privadas, estavam igualmente presentes nas normas de regulação do uso do solo. A vedação de conservação de água estagnada nos quintais ou pátios das construções situadas na área urbana do município era um bom exemplo deste cuidado. Por ele, nos casos de águas servidas se acumular nos quintais, a municipalidade passava a instituir a obrigatoriedade da construção de sumidouros ou filtros biológicos nos prédios localizados em vias públicas não dotadas de rede de esgoto. Outra exigência era a que todos os prédios situados em via pública só pudessem ser habitados se obrigatoriamente dotados de redes de abastecimento de água e de esgotos.

Estes e outros aspectos presentes no código demonstrava a preocupação do poder público com questões relativas a higiene e a saúde dos moradores da cidade, no entanto, demonstrava igualmente a ineficiência dele próprio em ‘atender’ a população do município com rede de coleta e tratamento de esgotos e resíduos sanitários. Mesmo que propagandeada

desde a década de 1960, quando da criação da AGESPISA, até a virada do século XX para o XXI, Teresina apresentava apenas e tão somente aproximadamente 13% de cobertura sanitária¹⁸⁶ com apenas 23.780 casas ou estabelecimentos ligados à rede coletora de esgotos¹⁸⁷, número ainda muito inexpressivo para uma capital do estado, a considerar o fato de ser cidade sede política e administrativa, além da condição de centro econômico e polo cultural e de saúde do ‘Meio Norte’¹⁸⁸ do Brasil.

No centro da cidade, ainda que o controle fosse intenso, muitos espaços da geografia de Teresina como casarios antigos ou desabitados e praças acabavam sendo usados indevidamente como banheiros públicos e latrinas. Neles, moradores de rua ou transeuntes urinavam e até defecavam provocando uma fedentina que incomoda àqueles que buscavam o centro da cidade para compra de bens, produtos ou contratação de serviços diversos. Nestes mesmos espaços, o acúmulo de lixo orgânico ou sólido, oriundos de restos de alimentação de moradores de rua ou de demolições, entre outros, acabavam contribuindo para a proliferação de pragas de insetos e roedores agentes potencializadores de várias doenças. Neste aspecto, os arredores dos mercados públicos do centro da cidade a exemplo do Mercado Central, do Mercado do Cajueiro e do Mercado do Mafuá, além de outros mais próximos como os mercados da Vermelha e da Piçarra, o acúmulo de lixo e os restos de alimentos como frutas e legumes e até mesmo sangue ou sobras de carnes e vísceras de animais dispensados pelos feirantes transformavam estas regiões em locais infectados por pragas urbanas como insetos e roedores ou ainda por urubus, cães e gatos que buscavam se alimentar destes dejetos e sobras de alimentos.

As investidas e intervenções modernizadoras, progressistas, disciplinadas, higienizadoras, estetizantes e sanitaristas da Capital Federal durante o fim do século XIX e primeira metade do século XX, repetem-se quando da mudança de capital para o Planalto

¹⁸⁶Até 1997 os esgotos domésticos coletados e tratados em Teresina correspondiam a apenas 4% do total de ligações de água. [...] A partir de 1998, com o Projeto SANEAR, o sistema de esgotos de Teresina começou a ser ampliado. Em 2.002 a rede coletora atingiu 325 km, correspondendo a um atendimento de 13% da população abastecida com água, o que, embora configure um progresso no período recente, ainda é um baixo índice de cobertura [...]”. In: TERESINA, Prefeitura Municipal de. **Teresina Agenda 2015, a cidade que queremos: diagnóstico e cenário, revitalização do centro**, s/d. disponível em <http://www.teresina.pi.gov.br/portaltpm/>. Acesso em 29 de maio de 2014, p. 17.

¹⁸⁷ Mapa de área com cobertura de coleta de resíduos sólidos e esgoto da cidade de Teresina. **Banco do Nordeste do Brasil** – BNB: Ruschimenn Consultores, s/d. Disponível em <http://www.bnb.gov.br>. Acessado em 28 de maio de 2014.

¹⁸⁸O Meio Norte é uma das sub-regiões do Nordeste do Brasil. Possui duas das nove capitais da região, São Luiz no Estado do Maranhão e Teresina no Estado do Piauí. Possui ainda importantes cidades no interior à exemplo de Imperatriz e Caxias e Timon no Maranhão e Parnaíba, Picos e Floriano no Piauí. O Meio-Norte é uma faixa de transição entre a Amazônia e o Cerrado também conhecida como Mata dos Cocais devido às palmeiras de babaçu e carnaúba encontradas na região. In: IBGE, **Censo**, 2010.

Central com a construção da nova sede do Governo Federal em Brasília. Aliás, Brasília já nasce sobre o signo do novo, do moderno, do esteticamente belo, do planejado, da organização, do disciplinamento. A sua geografia urbana e sua arquitetura foram planejadas e executadas sobre o signo da praticidade e da funcionalidade. Nela a vida foi pensada para transcorrer nos moldes da burocracia estatal política e administrativa que ali se instalou.

Foi nessa ‘onda’ desenvolvimentista de fins da década de 1960 que Teresina passou a sofrer fortes mudanças e transformações na sua geografia urbana com efeitos nos hábitos e costumes de seus moradores, transformações estas potencializadas por um processo de reformas na estrutura urbana e habitacional da cidade, das quais a construção de dezenas de conjuntos habitacionais desempenhou importância contumaz no seu processo modernizador, à medida que favoreceram uma urbanização minimamente organizada e planejada, ao contrário do que ocorreu nas vilas e favelas.

Se Teresina, assim como as demais grandes cidades brasileiras tiveram dificuldades de melhor estruturação via investimentos públicos e privados na primeira metade do século XX, devido às limitações orçamentárias internas (do Governo do Estado e da Prefeitura) e externas (do Governo Federal), os anos áureos da economia brasileira durante o regime civil/militar que se inaugurou em 1964 abriu um novo momento para que esta recebesse várias obras de infraestrutura urbana com efeitos sociais.

A este respeito Castelo Branco (1996, p. 102) assim se referiu:

Ter acesso a melhoramentos urbanos e bens materiais, fruto do desenvolvimento tecnológico e do progresso, requeria certo dispêndio de capitais, o que dificultava em muito o acesso a certas áreas do Brasil aos melhoramentos materiais e refinamentos de comportamentos típicos de uma vida burguesa.

O advento da sociedade moderna no Brasil culminava com a urbanização e com a gradativa superação do *modus* de vida predominantemente ruralesco, pois, o desenvolvimento tecnológico e o progresso que chegava ao país produziam legados muito mais percebidos nas cidades - repercutindo, sobretudo no seu melhoramento - do que no campo que inclusive passava a perder demandas populacionais diante do advento do crescimento de importância e de papéis sociais que as cidades passavam a desempenhar no país. Neste aspecto, o século XX inaugurou no Brasil republicano uma necessidade quase que orgânica de superar o passado

agrário, escravista e patriarcal. Igualmente precisava superar a tradição do Estado assistencialista, pensado para todos, mais que na prática funcionava em detrimento da proteção e da ‘doação’ de privilégios a poucos.

A ‘investida’ modernizante para Teresina implicava que ela superasse não só elementos da tradição agrária, mais o seu próprio isolamento interno e externo. Era preciso que a cidade se integrasse no projeto modernista regional e nacional.

Referindo-se a Teresina neste aspecto Castelo Branco (1996) expõe:

Para que Teresina pudesse receber melhoramentos e serviços urbanos mais adequados aos modelos civilizados, era necessário que o Piauí conseguisse integrar-se dentro da economia regional e nacional e assim adquirir os capitais que possibilitassem investimentos públicos e privados na sua capital e em outras cidades.

Considerando que Teresina e até mesmo o próprio Estado do Piauí não tinham esta tradição de produção de algum bem, um produto integrador – *commodity* - com a economia regional e nacional, nem tão pouco representava significativamente na economia nacional via PIB até pelo menos fins do século XX, quando a produção de soja nos cerrados piauiense começou a ter representatividade regional apontando para esta integração, tanto a capital quanto o estado viveram tempos de isolamento do restante do país¹⁸⁹.

Por conta da ausência de uma *commodity* ou elemento integrador com a economia regional ou nacional, não restava alternativa a classe política e empresarial local a não ser depender dos repasses do Governo Federal, repasses estes que foram repassadas vigorosamente nas três últimas décadas do século XX, receitas essas decorrentes na década de 1960 e 1970 do ‘boom’ econômico causa-efeito do ‘milagre econômico’ brasileiro e nas décadas de 1980 e 1990 por conta do novo pacto federativo que melhor se firmou institucionalmente decorrente da redemocratização o que fortaleceu a continuidade dos repasses de recursos oriundos de Brasília.

¹⁸⁹ Embora a tradição econômica do estado e de sua capital em relação à economia regional e nacional seja historicamente tímida, inócua, houve alguns momentos ainda que desconexos que a economia piauiense conseguiu oferecer alguns produtos no mercado interno lhe proporcionando algum destaque no cenário nacional. Foram exemplos a fase de fornecimento de rebanho bovino para a região mineradora, o fornecimento de produtos extrativos como a borracha da maniçoba, a cera de carnaúba e o coco babaçu. Para melhor compreender a economia piauiense ver MENDES, Felipe. **Economia e desenvolvimento do Piauí**. Teresina: Fundação Monsenhor Chaves, 2003 e QUEIROZ, Teresinha. **Economia Piauiense: da pecuária ao extrativismo**. Teresina: ApeCH/UFPI, 1993.

Em nível local, o incremento de receitas e a garantia de repasses constitucionais continuaram a permitir obras e intervenções estruturais da cidade. Se as décadas de 1960 e 1970 foram marcadas por obras em Teresina como o Estádio Albertão, a Maternidade Dona Evangelina Rosa, o Terminal de Petróleo, o Terminal Rodoviário, as décadas seguintes, 1980 e 1990, ficaram registradas urbanisticamente na capital por obras como o Pré-metrô, o Anel viário das BR's 343 e 316, a execução do Projeto Sanear¹⁹⁰, a construção do Park Potycabana, da ponte Presidente Jose Sarney, mais conhecida como Ponte da Amizade ligando Teresina a Timon no Maranhão e por dezenas de conjuntos habitacionais.

Na iniciativa privada, a última década do século XX em Teresina ficou marcada pela construção de dois grandes centros comerciais particulares, o shopping Riverside e o Teresina shopping, centros esses que mudaram hábitos e costumes do teresinense desde o lugar e as formas de comprar, de passear, de lazer e até de alimentação dos moradores da cidade. A grande concentração de lojas de variedades e alimentos e de prestação de serviços em um só lugar alterou a concepção de consumo, alimentação, lazer e trabalho na cidade que passou a contar com duas grandes edificações de centros comerciais, a exemplo das maiores capitais do país.

Em Teresina, considerando as transformações que se processaram na estrutura urbana da cidade com vistas a modernizá-la, potencializando novos empreendimentos, mais também, mais qualidade de vida ao seu morador, favoreceu o incremento de novos empreendimentos com vistas a fortalecer a economia da cidade. Se em alguns bairros da cidade novos centros comerciais surgiam ou se consolidavam a exemplo do Dirceu, do Parque Piauí, do São Joaquim, do Mocambinho. Outro aspecto importante foi a influencia dos shoppings na consolidação de uma extensa área de vigorosa valorização fundiária e imobiliária o que

¹⁹⁰ “Até 1997 os esgotos domésticos coletados e tratados em Teresina correspondiam a apenas 4% do total de ligações de água. Era um baixíssimo índice de tratamento de esgotos e, evidentemente, implicava em sérias condições de insalubridade para a comunidade. A partir de 1998, com o Projeto SANEAR, o sistema de esgotos de Teresina começou a ser ampliado. Em 2.002 a rede coletora atingiu 325 km, correspondendo a um atendimento de 13% da população abastecida com água, o que, embora configure um progresso no período recente, ainda é um baixo índice de cobertura. Na maior parte da cidade os esgotos escorrem pelas sarjetas, ruas e terrenos, desaguando nos rios Parnaíba e Poti, diretamente ou através de lagoas ribeirinhas. Estas lagoas, terrenos, córregos e rios poluídos se transformam em focos de doenças. Uma vantagem do sistema local é que o esgoto coletado é todo ele tratado, em três estações de tratamento, ETE Alegria, ETE Leste e ETE Pirajá. Entretanto, esta última, mais antiga, tem uma localização incômoda, devido à implantação de moradias em áreas próximas. É também uma vantagem a topografia e solos favoráveis à implantação das redes de esgoto, e a disponibilidade de terrenos de baixo custo para construção de ETE's em várias bacias. Uma questão importante é a reserva de áreas para a instalação futura de lagoas de estabilização, que já estão selecionadas e devem ser consideradas áreas *non edificandi*, para a construção de estações de tratamento”. In: TERESINA, Prefeitura Municipal de. **Teresina Agenda 2015, a cidade que queremos:** diagnostico e cenário, revitalização do centro, s/d. disponível em <http://www.teresina.pi.gov.br/portalpmt/orgao/SEMPLAN/doc/20080924-160-592-D.pdf>. Acesso em 29 de maio de 2014, p. 17.

favoreceu para que ali se instalassem empreendimentos comerciais e de prestação de serviços em bairros da zona leste como o Jôquei Clube, Ininga, Fátima, São Cristovam e São João. A considerar que aquela região da cidade já se notabilizava como área de alto *status* social desde os anos de 1970, a construção dos shoppings contribuiu para ampliar ainda mais seu potencial habitacional e empresarial, condição que fez daquela área da cidade importante polo de saúde, de comércio, de educação e de dezenas de ‘espigões’ tanto para negócios como para moradia, incrementando o fenômeno da verticalização da cidade.

Considerando as dificuldades de demonstrar o mapa das atividades informais em Teresina, ainda que eles tenha se apresentado crescentes nas últimas décadas, a tabela a seguir aponta em números, a ‘evolução do crescimento do número de estabelecimentos formais da capital do Piauí entre os anos de 1985 e o ano 2000.

Tabela 03 - Evolução do número de estabelecimentos formais por porte em Teresina 1985-2000.

PORTE	1985	1990	1995	2000
Micro	1.960	2.578	4.198	6.672
Pequena	326	327	416	610
Média	102	89	108	124
Grande	36	40	33	33
Total	2.424	3.034	4.755	7.439

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (RAIS). **Fundação CEPRO**. 2010.

A evolução do número de estabelecimentos formais de micro porte mais que triplicou em aproximadamente 15 anos saindo de 1.960 estabelecimentos para mais de 6.670. Neste mesmo período percebe-se que os percentuais referentes às pequenas empresas quase que dobram saindo de 326 no ano de 1985 para 610 em 2000. No entanto, os empreendimentos de médio porte aumentaram muito pouco com breve ascendência de 102 para 124 estabelecimentos, porém com decréscimo nos grandes estabelecimentos que foram reduzidos de 36 em 1985 para apenas 33 no ano 2000.

No movimento de modernização urbana de Teresina e de crescimento das atividades de comércio e prestação de serviços, a cidade tem se notabilizado no ‘Meio Norte’ do país em alguns segmentos com destaque na área educacional com dezenas de escolas voltadas para a educação básica e universidades e faculdades que atendem a educação superior, tanto pública como privada. No segmento médico hospitalar, dezenas de hospitais, clínicas, laboratórios, consultórios, farmácias, distribuidoras, igualmente públicos e privados, atendem tanto a

população da capital como do estado e de cidades e estados vizinhos. A própria concepção de progresso e de modernização da cidade de Teresina passava pelo desenvolvimento dessas duas importantes áreas para a economia e a cultura da cidade: a área médico-hospitalar e a área educacional.

Importante observar que fosse no centro da cidade ou em regiões de alto *status* como a zona leste de Teresina, a montagem desses empreendimentos voltados para a educação ou para a saúde, não se fizeram sem conflitos ou tensões, a considerar pelo menos três deles bastante recorrentes: a necessidade de desapropriação de antigos moradores; a descaracterização arquitetônica decorrentes das demolições e da construção das novas edificações ou fachadas e, por fim, da organização dos espaços próximos a estes empreendimentos que passaram a ter sérios problemas de mobilidade pela concentração de pessoas ou de automóveis, este último favorecendo a construção de estacionamentos assim como outrora já tinha ocorrido no centro antigo da cidade, o que muitas vezes levou a demolição de muitos casarões.

Foram muitos os aspectos que favorecem a existência de conflitos e tensões entre os diversos seguimentos econômicos e atores sociais da cidade no trato da necessidade de elementos modernizantes capazes de transformar a cidade num lugar melhor de se viver e se relacionar com o cidadão. Neste contexto, questões como transporte público e mobilidade urbana, educação formal, segurança pública, geração de emprego e renda, saúde e saneamento básico, etc., passaram a estar na pauta diária dos reclames da população.

No aspecto saúde, o hospital Getúlio Vargas, construído também para substituir a Santa Casa de Misericórdia, respondia quase que sozinho pelas demandas da capital e do interior do estado, funcionando inclusive como hospital maternidade, situação que merecia ser enfrentada e encontrada solução.

O Hospital Getúlio Vargas como instituição médica de pequena, média e alta complexidade, inaugurado na década de 1940, assegurou quase que sozinho as demandas de saúde pública da capital até meados da década de 1970 quando surgiram novos estabelecimentos públicos e privados, fenômeno que se intensificou nos anos de 1980 e 90 quando Teresina se consolidou de vez como polo de regional de saúde.

Neste aspecto, além de hospitais públicos e privados construídos no centro ou na periferia da cidade, a construção da Maternidade Dona Evangelina Rosa abriu uma nova fase da pediatria e da obstetrícia da capital e do estado.

Durante muito tempo Teresina carecia de uma maternidade capaz de dar conta à demanda da capital e dos demais municípios do Piauí e até de estados vizinhos. A Maternidade ‘Dona Evangelina Rosa’, localizada na zona sul da cidade, embora sua idealização e construção tenha sido atribuída ao governante Alberto Silva, sua inauguração deu-se no governo do médico Dirceu Mendes Arcoverde, a 15 de julho de 1976, quando da administração do médico Jurandir Mendes Soares à frente da Secretaria de Saúde do Estado tendo o senhor Carlos Burlamaqui da Silva à frente da Secretaria de Obras do estado.

Essa obra foi importante para amenizar os problemas da saúde neonatal e da mulher no estado sob três aspectos: o primeiro foi substituir a antiga Maternidade São Vicente, que funcionou entre 1954 e 1976 (SOUSA, 2005). O segundo foi que possibilitou a centralização das ações de saúde pública ligadas à mulher quanto à obstetrícia, à ginecologia e à pediatria num lugar exclusivamente para este fim. O terceiro foi que liberou o HGV que tinha muito dos seus leitos comprometidos com o atendimento a mulheres gestantes em situação de risco ou paridas, situação essa que favorecia mais atendimentos e internações em outras áreas da saúde no maior e principal hospital do estado. A condição de maior e melhor hospital da cidade esteve sob ameaça nas décadas de 1970 a 1990, momento em que o HGV foi responsável pelos atendimentos de urgência e emergência em decorrência da instalação do Pronto Socorro da cidade naquele hospital que, mesmo sendo auxiliado por hospitais municipais em alguns bairros da cidade, acabou ele respondendo pela quase totalidade dos procedimentos de urgência e emergência, além dos atendimentos ambulatoriais e eletivos de baixa, média e alta complexidade, tanto de Teresina como das cidades do interior do Piauí e de outros estados circunvizinhos, condição que o sobrecarregava, comprometendo a qualidade dos atendimentos e dos serviços médicos ali prestados.

O destaque da construção da Maternidade Dona Evangelina Rosa ficou a cargo da sua estrutura e dos materiais nela utilizados. Sua estrutura física pré-moldada, bem como todos os equipamentos e materiais necessários para seu funcionamento foram adquiridos na Inglaterra. Por esta técnica, considerada barata, prática e moderna à época, construiu-se em breve espaço de tempo a primeira maternidade pública da cidade de Teresina, uma vez que a ‘Santa Casa’ - que era o espaço médico utilizado como espaço obstétrico da cidade - foi substituída pela HGV, situação que sobrecarregou aquele hospital que passou a atender a todas as demandas de saúde do ‘Meio-norte’ do Brasil (PIAÚÍ, SESAPI, s/d). O que tornou premente a necessidade de construção de uma maternidade pública na capital.

Imagem 16: **Fachada da Maternidade Dona Evangelina Rosa**



Fonte: Acervo **SESAPI**.

Sua capacidade de leitos quando foi inaugurada era de 240 leitos obstétricos e ao longo dos anos foram acrescidos oito leitos perfazendo um total de 248 leitos obstétricos. Além destes, ainda conta com 167 leitos neonatais. Era a maior maternidade do estado e responsável por 63% dos nascimentos ocorridos na cidade de Teresina. Apresentava em média 1200 internações por mês das quais 900 eram partos (PIAUI, SESAPI, s/d).

Considerando que a cidade de Teresina se tornou importante polo de saúde da região Nordeste, esta maternidade passou a servir como ‘maternidade-escola’ e espaço de formação teórico-prático oferecendo estágios a alunos acadêmicos oriundos dos cursos de graduação tanto da Universidade Federal do Piauí (UFPI), como da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), de faculdades particulares nos cursos de medicina, enfermagem, nutrição, assistente social, farmácia, psicologia, odontologia, fisioterapia, entre outros. Servia ela ainda como espaço de estágio para alunos das diversas escolas públicas e privadas de formação de técnicos e auxiliares de enfermagem e radiologia em nível médio. Mais recentemente se tornou também espaço de práticas de pós-graduação e de Programas de Residência Médica em Obstetrícia/ Ginecologia e de Pediatria (área de concentração, neonatologia) da UFPI, credenciados pela Comissão Nacional de Residência Médica (SESAPI).

As décadas finais do século XX foram importantes para a instalação de um importante polo de saúde na capital do Piauí. Fator inicial para a ocorrência desse fenômeno esteve

ligado à instalação da Faculdade de Medicina (e de Odontologia) na capital e depois alicerçada pelas instalações definitivas do campus da UFPI em Teresina na década de 1970. A partir de então, a cidade passou a contar com inúmeros estabelecimentos na área de saúde que a transformou em referência local, regional e nacional.

A importância de Teresina como polo regional de saúde foi causa efeito do volume de atendimentos de baixa, média e alta complexidade que passou a realizar em pacientes das mais diversas regiões do país, notadamente dos estados do Piauí, Maranhão, Para e Ceará. A variedade de especialidades oferecidas, sobretudo as de alta complexidade, contribuiu para fortalecer este aspecto positivo da cidade quando comparada a outras capitais do Norte e Nordeste.

O relatório da Prefeitura Municipal de Teresina (PMT) ‘Teresina Agenda 2015: a cidade que queremos, diagnósticos e cenários’ no caderno ‘Polo Saúde’, elaborado pelo médico Antônio Dib Tajra e coordenado por Ana Célia Santos Márcia Arruda, apontou que os procedimentos de alta complexidade que caracterizavam Teresina como centro de referência na área de saúde, eram os seguintes: transplante renal e de córnea; central de transplante: coração e pâncreas; cirurgia cardíaca, marca passo cardíaco e hemodinâmica; neurocirurgia avançada; cirurgia corretiva de fissuras lábio palatinas; oncologia: cirurgia, quimioterapia, radioterapia; nefrologia terapia renal substitutiva; cirurgia endoscópica e vídeo cirurgia; cirurgia torácica; cirurgia oftalmológica e *excimer laser*; urologia, uroginecologia, cirurgia endoscópica e por vídeo; cirurgia da obesidade; cirurgia ortopédica e traumatologia; ginecologia e obstetrícia; pediatria e cirurgia pediátrica; e as várias UTI’s públicas e privadas existentes na rede¹⁹¹.

A construção de vários outros empreendimentos na área médico-hospitalar da cidade ajudaram a fortalecer o papel e destaque da capital do Piauí como polo de saúde regional depois da construção do HGV. Na década de 1960, Teresina passou a contar com o hospital ‘Casamater’ e a Clínica São Lucas. Nos anos 70 foram inaugurados os Hospitais Santa Maria, São Marcos, Hospital do 2º BEC (2º Batalhão de Engenharia e Construção), o Hospital de Doenças Infectocontagiosas (HDIC), a Maternidade Dona Evangelina Rosa e o Hospital da Polícia Militar do Piauí (Hospital Dirceu Mendes Arcoverde). Na década de 1980, prossegue o fomento da área médica mediante a construção de várias clínicas, entre elas, a Clínica Santa Clara, Santa Fé e Clinefro. Nos anos 90, novos empreendimentos públicos e privados

¹⁹¹ Relatório PMT: TERESINA, Prefeitura Municipal de. **Teresina Agenda 2015: a cidade que queremos. Diagnósticos e cenários: Polo Saúde.** Teresina-PI: s/d. p. 8.

passaram a compor o polo de saúde da capital com destaque para o Centro Integrado de Saúde Dr. Lineu Araújo, mais conhecido como Ambulatório Central, o Hospital de Terapia Intensiva (HTI) em 1998; Hospital das Clínicas de Teresina (HCT) e o Espaço Saúde do Teresina Shopping com dezenas de clínicas e consultórios. Na década que inaugurou o novo século (XXI), foram inaugurados ainda o Medical Center Teresina, o Hospital São Paulo e Centro Médico Dr. Dirceu Arcoverde¹⁹².

Neste mesmo espaço-tempo (1970-2000), a cidade passou a contar com hospitais e maternidades municipais a exemplo do Hospital e Maternidade do Buenos Aires, do Hospital da Primavera, e do Hospital do Mocambinho, todos na zona norte. Na zona sul foi inaugurado o Hospital do Monte Castelo e o Hospital e Maternidade do Promorar. Na zona leste o Hospital e Maternidade do Satélite. Na zona sudeste o Hospital e Maternidade do Dirceu. Além dessas obras, foram construídas ainda dezenas de postos de saúde por quase todos os bairros em todas as regiões da cidade com equipes de médicos e técnicos. No final da década de 1990, os postos de saúde do município passaram a contar com profissionais do programa ‘saúde da família’.

Tabela 04: **Quantidade de Unidades de Saúde e Número de Leitos na Rede Municipal de Saúde sob a Responsabilidade da PMT**

Rede de Unidades de Saúde (Municipal)	Quantidade de Unidades de Saúde	Numero de Leitos na Rede de Saúde
• Hospitais	04	249
• Maternidade	01	38
• Unidades Mistas	04	86
Total de Unidades com Internação	09	373
• Centros de saúde na zona urbana	31	-
• Centros de saúde na zona rural	15	-
• Policlínica	01	-
• Unidades móveis	02	-
• Centro de diagnóstico por imagem	01	-
Total geral de unidades	80	-

Fonte: PMT. **Teresina Agenda 2015**: A cidade que queremos. Diagnósticos e cenários: Polo Saúde. Elaboração. Dr. Antônio Dib Tajra. Coord.: Ana Célia Santos Márcia Arruda. Teresina-PI: s/d. p. 11. Disponível em <http://www.teresina.pi.gov.br/portalpmt/orgao/SEMPPLAN/doc/20080924-160-600-D.pdf>. Acessado em 27 de fevereiro de 2015.

¹⁹² Idem Relatório PMT: TERESINA, Prefeitura Municipal de. **Teresina Agenda 2015**: a cidade que queremos. Diagnósticos e cenários: Polo Saúde. Teresina-PI: s/d.

Como citado anteriormente, a constituição da cidade de Teresina como polo de saúde e referência no ‘Meio Norte’ do Brasil na área médica podia ser atribuída à construção do HGV, à criação das faculdades de Odontologia (1956) e Medicina (1966) e da incorporação destas pela UFPI (1971) e pela criação da Faculdade de Medicina do Estado ligada à UESPI, ainda que vários outros fatores possam a eles ser somados. Esses e outros fatores ajudam ainda a compreender a evolução da formação e capacitação de profissionais especializados na área de saúde favorecendo a criação do polo de saúde de Teresina, assim como também das transformações urbanas que se processaram no entorno do HGV, a ponto de descaracterizar aquela área da cidade como área habitacional e transformá-la área médico-hospitalar.

Por ordem cronológica destacamos os seguintes fatores: em 1941 a inauguração do HGV; a construção da Maternidade São Vicente que funcionou entre 1954 e 1976; em 1956 a criação da Faculdade de Odontologia do Piauí e em 1966 a criação da Faculdade de Medicina do Piauí, hoje ambas incorporadas à UFPI; no ano de 1971 a instalação da Universidade Federal do Piauí (UFPI); em 1981 a implantação do Programa de Residência Médica, iniciando-se com a Oftalmologia e hoje funciona com 07 (sete) especialidades, possuindo ainda um Mestrado em Saúde Pública; no ano de 1993 a instalação da Universidade Estadual do Piauí (UESPI) e início da Residência Médica em Cirurgia Geral do Hospital Santa Maria reconhecida pelo MEC; em 1999: Criação da Faculdade de Ciências Médicas do Estado do Piauí (FACIME); no ano 2000 a implantação de um curso de Mestrado interinstitucional em Ciências Médicas em parceria com a UNICAMP/SP; em 2002 o início da Residência Médica em Urologia do Hospital Santa Maria também reconhecida pelo Ministério da Educação (PMR: TERESINA, AGENDA 2015: DIAGNÓSTICOS E CENÁRIOS: POLO SAÚDE. s/d).

Some-se ainda a esses eventos a inauguração do Hospital Zenon Rocha, popularmente conhecido como HUT ou Hospital de Urgência de Teresina em maio de 2008, principal Pronto Socorro do estado que igualmente ao HGV acabou se transformando em um hospital de urgência de todo o ‘Meio Norte’ do Brasil e em novembro de 2012 a inauguração do Hospital Universitário (HU), ‘Hospital-Escola’ da UFPI.

Ao analisar o relatório da Prefeitura Municipal de Teresina (PMT) ‘Teresina Agenda 2015: a cidade que queremos, diagnósticos e cenários’ no caderno ‘Polo Saúde’ (p. 5-6), os fatores apontados como potencializadores da transformação de Teresina em centro de referência na área de saúde regional foram diferentes dos apontados acima, condição esta que não anulam nem um nem outro, mas os tornam complementares. São eles:

Desenvolvimento da rede hospitalar e dos demais estabelecimentos de serviços de saúde;

Crescente desenvolvimento tecnológico da engenharia médico-hospitalar;

Desenvolvimento dos recursos humanos em todos os níveis: superior, técnico, auxiliar e administrativo;

Localização privilegiada, situada na região Meio Norte do Brasil, que contribui de forma favorável para o fluxo natural das pessoas dos estados do Piauí, Maranhão, Tocantins, Ceará, Pará, entre outros.

Ainda que a grande quantidade de empreendimentos públicos e privados ligados a atividade médico-hospitalar estejam situados no centro da cidade, Teresina disponibilizava atendimento médico em várias regiões da cidade, o que fortalecia a condição de polo de saúde regional. O mesmo relatório da Prefeitura Municipal de Teresina (p. 5-6), distribuiu em sub-áreas o ‘Polo Saúde’, como definidos a seguir:

Sub-Área 01: *Bairro Mafuá* – Hospital de Terapia Intensiva, Clínica e Maternidade Santa Fé e Hospital das Clínicas de Teresina, Sanatório Meduna, Hospital Areolino de Abreu e SEPAM;

Sub-Área 02: *Centro* – Hospital Getúlio Vargas, Hospital de Doenças Infecto Contagiosas, Hospital Infantil Lucídio Portela, Hospital São Marcos, Hospital Santa Maria, São Lucas, Procardíaco, Itacor, Med Imagem, Clínica Lucídio Portela, Max Imagem, Instituto Lívio Parente, Radimagem Medical Center, Clinefro, Clínica Santa Clara, COT, Clínica Dr. Vilar, Centro de Catarata, Santa Luzia, CPO, Clínica Santo Antônio e Unidade de Diagnóstico por Imagem - UDI.

Sub-Área 03: *Bairro Piçarra e Ilhotas* – Hospital da Polícia Militar, Maternidade Evangelina Rosa, Casamater, França Filho, Prontocor e SAMIU.

Apesar de distribuídas por quase todas as regiões da cidade, as atividades médico-hospitalar estavam, desde suas origens, fortemente enraizadas no centro da cidade. Nele, o entorno da Avenida Frei Serafim se transformou num lugar de intensas atividades ligadas e ou dependentes dos serviços médicos. Nela, o Hospital Getúlio Vargas talvez fosse aquela edificação que mais influencia exerceu e ainda exerce nas transformações daquela região da cidade como *locus* de intensas atividades ligadas ou dependentes da área de saúde e de intensos conflitos na organização e uso racional do solo.

Ao atrair pacientes das mais variadas regiões do estado e do Norte-Nordeste, no entorno do HGV foi se constituindo dezenas de outras atividades ligadas ao setor médico: hospitais, clínicas, laboratórios, consultórios, óticas, administradoras de plano de saúde e farmácias. Paralelo a estas atividades, o comércio formal e informal passou a se fortalecer naquela área dando origem a cantinas, lanchonetes, restaurantes, pensões e hotéis da cidade e até um entro de comercial informal com vendedores ambulantes.

A Prefeitura Municipal de Teresina no relatório que buscou diagnosticar as condições do polo de saúde da capital apontava em números absolutos a quantidade e a variedade de serviços por nele oferecidos. Nele podemos constatar que a imensa maioria dos empreendimentos médicos e hospitalares estavam situados no centro da cidade.

Tabela 05: Estabelecimentos de Serviços de Saúde e Atividades Produtivas Vinculadas Direta ou Indiretamente ao Polo de Saúde de Teresina

Discriminação	Quantidade
1. Clínicas Médicas e de Diagnósticos	181
2. Consultórios Médicos e Odontológicos	170
3. Hospitais (Públicos e Privados)	25
4. Ambulatório	01
5. Maternidades	03
6. Laboratórios	27
7. Banco de Sangue	01
ATIVIDADES DIRETAS (SUBTOTAL)	408
8. Administradora de Plano de Saúde - locais	05
9. Comércio de Materiais e Equipamentos Médico-Hospitalar	05
10. Faculdades Relacionadas à Saúde (Federal, Estadual e Particulares)	18
11. Unidade de Ass. Social aos Pacientes	01
12. Comércio de Alimentos	131
13. Comércio de Medicamentos	61
14. Pensões/Hotéis	37
15. Administração de Previdência Pública (IAPEP/IPMT)	02
16. Fábrica de Medicamentos e Materiais Médico-Hospitalar	02
ATIVIDADES INDIRETAS (SUBTOTAL)	262
TOTAL	670

Fonte: SEMPLAN / SINDHOSPI. In: PMT. **Teresina Agenda 2015**: A cidade que queremos. Diagnósticos e cenários: Polo Saúde. Elaboração. Teresina-PI: s/d, p. 12.

Nestes estabelecimentos, além dos serviços por eles prestados existiam ainda milhares de pessoas deles dependente direta ou indiretamente, fosse na condição de empregados, de prestador de serviço, além de diversas atividades informais, todas elas ajudando a dinamizar a estrutura urbana da cidade, favoreceram novas práticas, possibilitaram resoluções de demandas, contribuindo para dar movimento à cidade rumo seu desenvolvimento.

Ainda que o poder público, por atuar isoladamente, apareça como agente responsável por grande quantidade das obras e intervenções modernizadoras da cidade, até mesmo porque têm direitos e deveres a exercer neste aspecto, as ações do setor privado quando observadas coletivamente, acabam representando maior volume de intervenções sobre a *urbe*, pois, todos os dias, nas mais diversas regiões da cidade, obras são iniciadas ou concluídas alterando o dia a dia da arquitetura da cidade e das práticas de seus moradores. Desde simples reformas em casas ou apartamentos, salas, lojas ou galpões até grandes edifícios, prédios comerciais ou condomínios residências. Por eles, a arquitetura e a paisagem urbana da cidade passou a estar em constante movimento construção e reconstrução, reformulação e reordenamento. Nele, embora consequências negativas possam ter sido observadas *a posteriori*, a quase que totalidade das intervenções e obras foram realizadas numa perspectiva renovadora e modernizadora dos espaços onde estas construções eram inseridas.

O que definindo aqui como ‘práticas modernizantes da cidade’ materializadas através de intervenções estetizantes, higienistas, sanitaristas, comerciais e de prestação de serviços visavam, entre outras coisas, acabar com os velhos hábitos desregrados de ocupação da cidade, do centro até a mais longínqua periferia da cidade. Estas intervenções acabavam disciplinando e normatizando os maus hábitos e costumes, além de atuar “eliminando os indesejáveis da área, saneando e higienizando a cidade e suas práticas” (MATOS, 2007, p. 49). Por todo o século XX, em praticamente todas as capitais brasileiras, as questões higiênicas e sanitaristas movimentaram esforços de agentes públicos e de especialistas como médicos, engenheiros e arquitetos que conjugavam esforços para executarem políticas interventivas na solução destes problemas das grandes cidades. Na segunda metade do século XX, com o incremento de políticas de urbanização, estes aspectos se mantiveram, porém foram incrementados com aspectos como o estético, o racional ou funcional e o ecologicamente correto ou sustentável.

Considerando o adensamento urbano que Teresina sofreu durante os anos de 1970 a fins da década de 1990, o processo de expansão do seu perímetro urbano quase que triplicou entre a emergência do governo dos militares (1964-1985) e a subida da ‘Esquerda’ ao poder com a eleição de Luiz Inácio Lula da Silva, crescimento alimentado pela agressiva política habitacional que caracterizou este período da história do Brasil. Nesse aspecto, fatores ligados a interesses imobiliários, o elevado custo de terrenos ou a indisponibilidade de áreas próximas ao centro da cidade, favoreceu para que os grandes conjuntos habitacionais construídos em Teresina entre fins dos anos de 1960 e fins dos anos 80, fossem situados na periferia da

cidade, em áreas relativamente distantes do centro da capital¹⁹³, forçando assim a ampliação do sítio urbano da cidade nos sentidos norte, nordeste, leste, sudeste e sul da cidade e ao mesmo tempo criando grandes espaços inabitados na cidade, áreas estas que iam alimentar a especulação imobiliária até seus respectivos preenchimentos. Esta prática favorecia duplamente os promotores imobiliários que negociavam tanto o terreno para a construção dos conjuntos habitacionais como os lotes intermediários de terra que eram criados entre estes conjuntos e o centro da cidade. Era a cidade capitalista se manifestando e montando estratégias de ‘acúmulo’ no seu fluxo modernizante.

Na década de 1990, com o surgimento de novos conjuntos habitacionais em novos espaços da periferia dilatada da cidade, fez com que aqueles conjuntos outrora construídos nos anos de 1960 e 1970 passassem a compor o sítio urbano da cidade gerando espaços habitacionais e comerciais tradicionais a exemplo do Dirceu Arcoverde e Renascença na região sudeste; do Parque Piauí, Bela Vista, Promorar e Saci na zona sul e do São Joaquim e Mocambinho na zona norte.

A construção dos conjuntos habitacionais afetavam as formas de viver do cidadão tanto dos que neles passaram a residir como naqueles que não moravam lá. O impacto do morar distante do centro ou de bairros mais próximos que compunham a geografia do sítio urbano da cidade implicava, quase sempre, a adoção de novos hábitos e costumes ou mesmo outras demandas e práticas sociais. Dessas, aquela que mais impactava o cotidiano dos moradores destas novas áreas era a distância da nova moradia em relação aos antigos lugares e pessoas com quem mantinham relações de trabalho, lazer, vizinhança, parentesco, moradia, estudo, etc. Condição que igualmente implicava a adoção do uso de meios de transportes diversos - a pé ou a ônibus, bicicletas, motocicletas, carros e mais recentemente, trens - todos acabavam tendo que se deslocar entre a periferia e o centro, pois era neste último que se concentravam a maioria dos serviços e demandas dos moradores da cidade, embora gradativamente, nas franjas da cidade fossem se formando espaços fomentadores de muitas de suas demandas cotidianas.

A locomoção e o transporte dos moradores dos bairros mais distantes até o centro da cidade, ou entre bairros, davam-se quase sempre a pé ou em transportes como bicicletas e ônibus, já que até meados dos anos de 1970, o automóvel era um bem acessível a pouquíssimas pessoas, situação esta que foi se modificando à medida que se aproximava dos

¹⁹³ Muitos destes conjuntos habitacionais, mais também algumas ocupações irregulares que originaram Vilas e Favelas acabaram se situando a 5 ou mesmo 10 km de distância do centro da cidade.

anos de 1990. Dependendo do transporte público precário da cidade configurou-se como um problema geral das populações que moravam distante do centro e que diariamente tinham que se deslocar até aquela região da cidade, fosse a trabalho, a lazer, para fazer compras ou vender, estudar ou procurar serviços médico-hospitalares.

A construção dos conjuntos habitacionais cada vez mais distantes do centro da cidade fez ampliar o sistema de transporte público de massa da capital. O transporte feito por ônibus urbano ganhava vigor ainda que, historicamente, fosse como colocado um problema a ser resolvido na maioria das grandes cidades brasileiras. Em Teresina, o problema do transporte urbano, alegado como insuficiente, apresentou no início da década de 1990 o sistema de trens de superfície como alternativa possível para o transporte público da capital. Nele foi aproveitando a malha ferroviária urbana que cortava parte da cidade no sentido sudeste-centro. Seu projeto básico consistiu colocar locomotivas e vagões adaptados para o transporte de passageiros entre o ‘Grande Dirceu’ e as diversas estações construídas até o centro da cidade nas estações ‘Central’ e Matinha’. Popularmente, este sistema de trens urbanos passou a ser chamado de ‘Pré-metrô’ por influência de seu idealizador, o governador Alberto Silva, ainda em 1989, embora só tenha vindo a funcionar em 1991.

O crescimento horizontal da cidade, associado aos problemas com transporte público urbano forçava a busca de soluções tanto do Governo do Estado como da municipalidade. A ação do poder público estadual veio por intermédio da criação do sistema de trem de superfície. Seu objetivo era impactar positivamente o transporte de pessoas de uma das regiões mais populosas da cidade - a região sudeste - de forma a transportar um número maior de passageiros por viagens e por uma passagem com valor inferior ao preço cobrado nos ônibus urbanos. Embora planejado para ter pelo menos três linhas ligando o centro da cidade às zonas sudeste, sul e norte, o ‘Pré-metrô’ da capital permaneceu apenas com uma única linha, aquela construída na sua primeira etapa do projeto, interligando o centro da capital através da linha da RFFESA no sentido sudeste em direção ao ‘Grande Dirceu’, inicialmente até a ‘Estação Matinha’, depois foi estendida até a ‘Estação Gov. Alberto Silva’ no centro da capital, ao lado do Shopping Cidadão e ao Troca-Troca. Entre outros aspectos, propunha ainda atuar auxiliando o sistema de transporte público feito através de ônibus, até mesmo porque o ‘Pré-metrô’ só conseguia atender aos passageiros que transitavam entre a zona sudeste e o centro de Teresina, nunca tendo saído do papel a sua proposta de chegar às zonas norte e sul.

Imagem 17: Manchete de Propaganda do Governo do Estado do Piauí sobre a Construção do Pré-metrô (Trem de Superfície) da Capital do Piauí

METRÔ DE TERESINA: A COMPETÊNCIA DE UMA ADMINISTRAÇÃO DINÂMICA.

O GOVERNO DO PIAUÍ sentindo a grande necessidade de melhorar a situação do transporte coletivo na capital do estado, Teresina, teve a visão que a solução deste problema estava em operacionalizar um metrô, que ligasse os bairros da cidade.

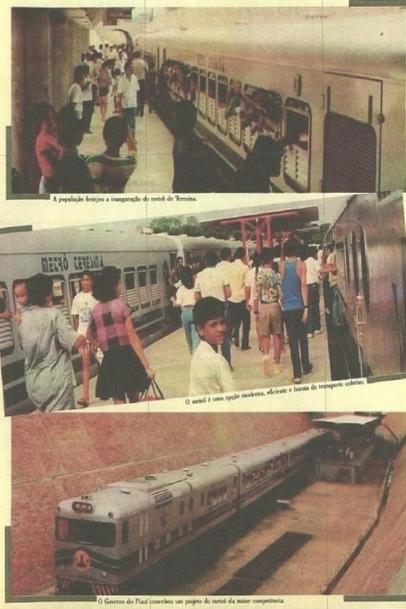
Como a construção de um metrô é uma obra que requer investimentos vultuosos, o GOVERNO DO PIAUÍ teve a idéia de aproveitar o fato de Teresina ser uma cidade cortada por linhas da RFFSA. Deste modo, rebaixou as linhas em relação ao tráfego rodoviário, construiu viadutos e passagens de nível nos cruzamentos, fez novas estações viabilizando, assim, o metrô de Teresina a um custo por quilômetro cerca de 50 vezes menor que os custos usuais em obras deste porte.

Nesta iniciativa, o GOVERNO DO PIAUÍ contou com a colaboração da RFFSA na cessão e adaptação dos trens.

O metrô de Teresina é um metrô de superfície com as mesmas características de um metrô subterrâneo.

E, se há algum tempo, Teresina se encontrava em uma situação de total abandono em relação aos transportes coletivos, hoje, a capital do Piauí está servida por um meio de transporte moderno, eficiente e barato, demonstrando mais uma vez o compromisso do GOVERNO DO PIAUÍ em fazer uma política que vá de encontro aos anseios da população mais carente e necessitada.

P · I · A · U · Í



A população espera a inauguração do metrô de Teresina.

O metrô é um tipo moderno, eficiente e barato de transporte coletivo.

O Governo do Piauí inaugura um projeto de metrô de maior abrangência.

Fonte. Revista **Veja** nº 1162, Edição de 26 de dezembro de 1990.

A Revista *Veja* nº 1162, edição publicada em 26 de dezembro de 1990, anunciava o feito auspicioso do Governo do Estado no empreendimento que, ‘em tese’, representaria a solução dos problemas do sistema de transporte público da capital. O título da manchete: ‘Metrô de Teresina: a competência de uma administração dinâmica’ revela, no nosso entendimento, os aspectos de um espaço publicitário comprado pelo governo para propagandear seus feitos, neste caso, a construção do ‘Pré-Metrô’.

O destaque do teor ‘auto promotor’ do Governo do Estado no conteúdo da matéria - ou melhor, propaganda – podia ser visto tanto no título da manchete como no parágrafo final, onde, o primeiro enfocava a ‘competência’ e a ‘dinamicidade’ de empreender daquela administração, já no parágrafo final o enfoque dado foi a capacidade da administração de realizar políticas de Estado que resultassem na superação da situação de abandono do sistema de transporte coletivo da capital piauiense. Para o poder público na esfera estadual, com a inauguração do Pré-metrô, a capital do Piauí passaria a estar servida por um meio de transporte moderno, eficiente e barato, demonstrando mais uma vez o compromisso do Governo do Estado do Piauí em fazer uma política que fosse de encontro aos anseios da

população mais carente e necessitada.

Outro aspecto a considerar no conteúdo da matéria era o fato da utilização de recursos que baratearia a obra pelo uso da malha ferroviária já existente na capital, situação que não se configurou de fato, pois, o uso de boa parte dela, sobretudo na sua zona central, só se tornou possível mediante rebaixamento¹⁹⁴ da linha férrea, intervenção que consumiu vultosas somas de recursos contribuindo para que as finanças públicas do Estado e da capital passassem por severas dificuldades, ocasião que levou, tanto, ao atraso de pagamento de salários dos servidores públicos como do pagamento de fornecedores por quase um seis meses.

O ‘Pré-metrô’ de Teresina que nasceu para resolver parte dos problemas do transporte de passageiros urbano da capital, acabou por criar outros graves problemas para a capital tanto financeiro como de mobilidade urbana. O primeiro por que trouxe graves consequências econômicas para a economia do estado e da capital e o outro porque dividiu parte do centro de Teresina da zona norte por conta do corte do rebaixamento dado no solo para a construção da linha férrea. Neste aspecto, várias ruas ou avenidas que interligavam o centro de Teresina aos bairros Ilhotas, Noivos, Marquês, Vila Operaria e Matinha ficaram interrompidas pela enorme cratera a céu aberto que foi construída na cidade por ocasião do ‘Pré-metrô’, o que requeria mais e mais recursos para a construção de viadutos ou elevados, problema minimamente resolvido mais de duas décadas depois pela construção dos viadutos das ruas Anísio de Abreu, Aréa Leão, Quintino Bocaiuva, Arlindo Nogueira e Francisco Almeida.

Urbanização e (D)Migração como Fenômenos ‘Dilatadores’ das Cidades

A dilatação do sítio urbano e o adensamento populacional da cidade de Teresina, causa-efeito da imigração e da urbanização, fenômeno vigoroso em toda a segunda metade do século XX, comprometeu sobremaneira a organização e o uso do solo urbano na capital piauiense. Em alguns momentos esses dois fenômenos se tornaram mais agudos a exemplo do período do ‘Milagre econômico’, momento de muitas realizações (infra) estruturais em nível nacional, regional e local. Embalados pela força econômica do Estado na época do “milagre

¹⁹⁴ A construção e aproveitamento da linha férrea da REFFSA, conforme imagem anterior, para uso do metrô de superfície de Teresina requereu a necessidade de rebaixamento da linha para evitar o cruzamento com as ruas e avenidas mais importantes da região central da cidade. Este aspecto encareceu a obra ao ponto em que dividiu parte importante da região central da cidade por uma enorme vala por onde corria os trilhos. Se por um lado favoreceu o transporte de passageiro pelo trem, por outro, dividiu importantes regiões tradicionais do centro como os bairros Noivos, Matinha, Vila Operária, Centro, Ilhotas e Marques de Paranaguá.

econômico”, o projeto de desenvolvimento a qualquer custo favoreceu este tipo de intervenção do estado nas suas principais capitais e, no Nordeste, em Teresina não foi diferente.

Em âmbito nacional observou-se o fomento industrial e desenvolvimentista. Em nível regional, a interligação das regiões entre si buscando a centralidade do projeto desenvolvimentista ao aproveitar as potencialidades de cada região, ambos dando continuidade à política de fomento rodoviário inicializada em décadas anteriores. Em nível, local ocorreu uma política habitacional que objetivava melhorar as condições de habitação e organizar melhor a estrutura das grandes cidades abaladas pelo fenômeno do êxodo rural, principal causa do agravamento do surgimento de novas vilas favelas nos grandes centros do país. Recém chegados à cidade, os moradores insistiam nos hábitos e costumes ruralescos, práticas essas que se chocavam com os hábitos e costumes mais regrados da vida na *urbe*. Nos conjuntos habitacionais ou mesmos nas favelas, por exemplo, os moradores se viram impedidos de praticar hábitos até pouco tempo bastante comuns na cultura campesina como criar animais ou cultivar determinadas plantas em roçados e nos quintas de casa - ambos para alimentação - o que os obrigava a gradativamente incorporar novas práticas típicas da *urbe*. Nelas, as questões ligadas à sobrevivência familiar estavam condicionadas às novas formas de trabalho e de relações produtivas, práticas estas agora ligadas ao comércio, à indústria e à prestação de serviços, ou seja, ligadas às práticas do modelo de cidade capitalista. Ainda assim, questões essenciais como habitação e trabalho acabavam atravessando a ‘pauta’ sempre contemporânea da cidade moderna, mesmo estando ela ‘prenhe’ de concepções acumulativas.

Em Teresina, a demanda por habitação entre os anos de 1970 e 1990 não foram plenamente atendidas, fenômenos este que provocou o surgimento de muitas favelas e vilas. Em Teresina, as formas mais eficazes de tentar combater esta questão urbana - a favelização - deram-se mediante duas ações do poder público: uma foi a construção de dezenas de conjuntos habitacionais e casas ou apartamentos mediante programas de habitação popular que se espalharam por todas as regiões de Teresina¹⁹⁵, a outra foi através de programas de melhoria urbana e habitacional em áreas ocupadas e posteriormente desapropriadas pelo poder público a exemplo dos Projetos Vila Bairro, Morar Bem e Minha Casa Melhor¹⁹⁶. Programas de intervenções planejadas que se destacaram pela execução de políticas públicas de urbanização através de calçamento, fossas sépticas, drenagem das águas pluviais, serviços de

¹⁹⁵ Fenômeno marcante nas quatro últimas décadas do século XX.

¹⁹⁶ Projetos realizados no final da década de 1990 e início dos anos 2000.

transporte público, energia elétrica, água tratada, coleta de lixo, etc.

As favelas sofriam pela ausência de políticas de estado no oferecimento de serviços essenciais básicos como os anteriormente mencionados. Isto se dava por conta da impossibilidade legal do estado ‘investir’ recursos e serviços públicos em áreas de ocupação irregular no caso de propriedades privadas. Quando as áreas ocupadas irregularmente se tratavam de terras públicas, nos casos onde o poder público reconhecia a ocupação e abria mão do imóvel, a chegada de serviços públicos àquelas áreas acabava ocorrendo mais facilmente.

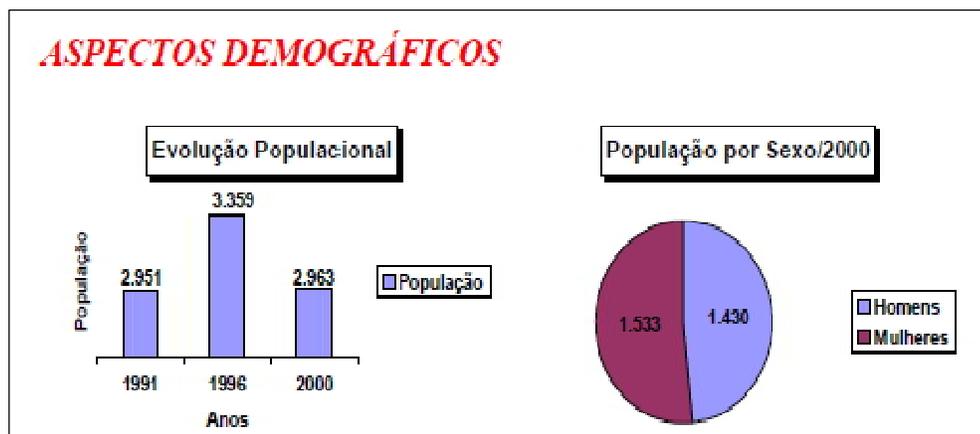
No aspecto habitacional, tanto nas antigas áreas urbanas do centro ou bairros próximos, como nas novas áreas recém ocupadas, fossem nos conjuntos, favelas ou vilas, o morador “civilizado”, organizado a partir do núcleo familiar deveria estimular e desenvolver práticas sociais que se adequassem à modernidade.

No aspecto empresarial, a expansão e crescimento do sítio urbano de Teresina entre os anos de 1970 e 1990 foi alimentado por tentativas ora bem, ora mal sucedidas de implantação de um Parque Industrial, já que, apesar de ser a capital do estado, Teresina não tinha essa tradição industrial, sendo o poder público, o comércio e o setor de serviços - a exemplo do setor educacional e de saúde - seus maiores empregadores e fomentadores econômicos.

Foi nesta ‘onda’ desenvolvimentista em âmbito nacional, que ações visando fomentar o desenvolvimento industrial no Piauí passaram a ocorrer, primeiramente pela sua capital, depois em algumas cidades polos do interior a exemplo de Parnaíba, Picos e Floriano, ainda que muito timidamente. Industrializar, desenvolver, crescer, modernizar, acabaram se constituindo em palavras sinônimas para o processo que se verificou em Teresina nas três últimas décadas do século XX com vistas a torná-la uma importante capital regional. Foi neste contexto que houve a criação de um espaço apropriado para o fomento industrial na capital piauiense, “localizado numa área baixa que pertencia a Fazenda Angelim, de João Angeline, adquirida pelo governo para a localização do polo industrial, daí seu nome”¹⁹⁷.

¹⁹⁷ Fonte: <http://www.teresina.pi.gov.br/portaltmt/orgao/SEMPLAN/doc.pdf>. Acessado em 07 de março de 2015. s/d.

Gráfico 01: Aspectos Demográficos do Distrito Industrial de Teresina 1991-2000



Fonte: <http://www.teresina.pi.gov.br/portallpmt/orgao/SEMPPLAN/doc.pdf>. Acessado em 07 de março de 2015.

Fosse no aspecto habitacional de cidade como a grande moradia dos homens (REZENDE, 1997), fosse no aspecto econômico, na condição de cidade capitalista, fosse pelo ecletismo como empório de estilos, as questões urbanas que demandavam ações interventivas na cidade de viés estetizantes, higienistas, sanitaristas, urbanísticas ou arquitetônicas, lá estava a figura do poder público. Para uns essas intervenções melhoravam a cidade, para outros, embora necessárias, elas eram excludentes exatamente porque não chegavam a todos. Ou melhor, eram excludentes, já que, na maioria dos casos afetavam ou negavam a igualdade de direito de acesso a estes bens pelos grupos sociais mais pobres da cidade, entre eles os negros e os imigrantes oriundos do campo em crise ou das pequenas cidades em busca de melhores oportunidades na “cidade grande”.

Foi neste cenário pouco incluyente, apesar da forte política habitacional pública e privada realizada no país na segunda metade do século XX, que Teresina viu sua população urbana superar a população rural, condição fundante das reformas que marcaram a história da cidade na segunda metade do século passado, sobretudo entre os anos de 1970 e 2000.

A condição de centro político-administrativo - por ser a capital do Estado; de centro econômico - por concentrar o maior e mais importante centro comercial e polo industrial do Piauí; cultural - por ser importante polo educacional e de saúde - pelo fato de possuir diversificada rede de hospitais, clínicas, consultórios e laboratórios na área médica do ‘Meio Norte’ do país, além de outros fatores, transformou Teresina em uma cidade referencia para os experimentos modernos que a maioria das cidades e capitais brasileiras experimentaram ao

longo do século XX, ainda que algumas delas tenham experimentado este fenômeno até mesmo antes, já no século XIX, a exemplo do Rio de Janeiro e de São Paulo.

Ainda que as condições anteriormente mencionadas tenham sido marca da maioria das capitais brasileiras, mesmo que em temporalidades diferentes, em Teresina elas encontraram as condições mais favoráveis nos anos que sucederam ao ‘golpe civil-militar de 1964’, período este em que a cidade passou a vivenciar um processo diferenciado de verticalização, horizontalização, rodoviarismo, urbanização e consolidação de dois importantes polos de serviços: um na área de saúde e outro na área educacional. Todos eles, fenômenos vigorosamente influenciados pelo aumento substancial de sua população na segunda metade do século XX.

Considerando que a população de Teresina aumentou mais de seis vezes em apenas cinco décadas, passando de 90.723 mil habitantes em 1950 para mais de 715 mil habitantes no ano 2000, há de se considerar que seria impossível que a cidade recebesse esse fluxo populacional sem que a mesma, por um lado, sofresse grandes e profundas transformações urbanas e sociais e, por outro, que estas mesmas transformações não influenciasses aumentando a população da capital ao estimular a imigração de novos moradores para a cidade em consequência das demandas modernizantes que a mesma acabava incorporando. (CENSO: IBGE, 1970, 2000).

Tabela 06: **Evolução da População do Município de Teresina (1950-2010)**

Anos/ Década	População Total de Teresina	População de Urbana	Percentual (%)	População Rural	Percentual (%)	População Total do Piauí (Hab.)
1950	90.723	51.417	56.67 %	39.306	43.33 %	1.045.696
1960	142.691	98.329	68.90 %	44.362	31.09 %	1.242.136
1970	220.487	181.062	82.11 %	39.425	17.88 %	1.680.573
1980	377.174	339.042	89.74 %	38.732	10.25 %	2.139.021
1991	598.323	555.985	92.92 %	42.338	7.07 %	2.582.137
1996	654.273	613.767	93.80 %	40.509	6.19 %	2.673.085
2000	715.360	677.470	94.70 %	37.890	5.30 %	2.843.278
2010	814.439	767.777	94.27	46.662	5.73 %	3.118.360

Fonte: **IBGE**, Censo Demográfico 1950-2010 e contagem da população em 1996. IBGE, 2010a¹⁹⁸.

¹⁹⁸ Destacamos os dados referentes ao período que compreende a década de 1970 e o ano 2000 em decorrência do recorte temporal deste estudo compreender esta temporalidade.

Este incremento populacional nas capitais não foi um fenômeno apenas do período pós 1964, ele já era observado desde a década de 1950 quando a população urbana teresinense (e piauiense) começou a dar sinais de superação da população rural. Naquela década (1950), a população da capital beirava o número de 90.723 habitantes, dos quais 51.417 (56.67%) moravam na zona urbana e 39.306 (43.33%) moravam na zona rural.

Esse fenômeno não ocorreu apenas do ponto de vista quantitativo, quando a população urbana veio a superar a população rural, mas qualitativo, uma vez que hábitos e costumes predominantemente ruralescos, marcados pela rusticidade - tido como incivilizado - foram gradativamente sendo transformados pelo *modus* de vida urbano, considerado mais refinado - dito civilizado. A todas essas transformações era incontestável negar a influência transformadora da instrução formal via escolarização, fosse ela sofrendo a influência do advento das práticas modernas ou ela mesma influenciando novos hábitos, novos costumes, novas práticas sociais.

Porque colocamos como novos hábitos, novos costumes, novas práticas sociais? Este fluxo populacional que elevou a população teresinense de mais de 90 mil habitantes em 1950 para mais de 715 mil habitantes no ano 2000 era composto na sua grande maioria de piauienses que migraram para Teresina trazendo consigo hábitos e costumes ruralescos e estes por sua vez acabavam por entrar em ‘conflito’, ‘aqui e acolá’, com o *modus* de vida urbano.

Diante da influência do *modus* de vida citadino, as práticas de uma cultura rural que fazia resistência foi sendo transformada paulatinamente à medida que os ex-moradores do campo experimentavam as demandas e complexidades que marcavam o cotidiano das cidades, fossem elas pequenas, médias ou grandes cidades. Muito desses fluxos migratórios também se deram de outras cidades do Nordeste e de outras regiões do Brasil ajudando a construir novas formas de ver, sentir e viver *a e na cidade*¹⁹⁹.

Durante este fenômeno migratório que aumentava a população de Teresina dia a dia, muitos foram os piauienses que migraram para outras regiões do país em busca de novas oportunidades de vida e emprego. Neste processo migratório, muitos buscaram grandes cidades outros buscaram zonas rurais por conta da facilidade de emprego neste setor produtivo que demandava pouco ou quase nada de saberes douto, bastando apenas a experiência que já carregavam da dura vida no campo. Destes, muitos não se estabeleceram e

¹⁹⁹ Há de considerar que nas pequenas cidades, o *modus* de vida pacato até mesmo influenciado pela resistência de permanência das práticas ruralescas, difere em demandas e em complexidade das práticas citadinas dos médios e grandes centros urbanos.

fizeram o caminho de volta para o Estado preferindo ficar na capital, Teresina, cidade grande esta mais próxima de suas cidadezinhas do interior do Piauí.

Qual o contributo desses fluxos migratórios nas transformações que Teresina sofreu na segunda metade do século XX?

Os imigrantes vindos do interior do Piauí ou de outros estados não só se transformaram em novos moradores da cidade, mas igualmente ajudaram a erguer, construir e reconstruir a cidade, contribuindo assim para a formação de uma mistura de ‘culturas’, de contrastes, ambiguidades e desigualdades que marcam a história de Teresina, do Piauí e do Brasil.

O adensamento demográfico de Teresina constituído por pessoas originárias de diversas cidades do interior do estado do Piauí ou mesmo de outras regiões do país, ajudou a fazer da capital piauiense um espaço de diferentes culturas, de vários grupos familiares com hábitos e costumes diversificados. Inerte às tensões que se configuravam em espaços tão disparees como o que se formava em Teresina na segunda metade do século XX, não restou a capital alternativa a não ser a polissemia e a multiplicidade de culturas, tradições e tensões típicas da *urbe*.

No Brasil, na segunda metade do século XX, as reformas urbanas inauguradas pelos governos populistas entre a década de 1950 e o golpe de governo de 1964 ajudaram a transformar a estrutura urbana das principais cidades brasileiras destacadamente as capitais de estado. Apesar do golpe de 1964, essas transformações não se interromperam, tendo inclusive um reforço na política reformista e urbanizadora adotada entre 1968 e 1973 por força dos ajustes econômicos impostos pelo militares. Com o advento da redemocratização e a consolidação do modelo de cidade capitalista, as reformas urbanas continuaram como política de estado, até mesmo porque, os fluxos populacionais continuaram a buscar as médias e grandes cidades do país como *lócus* preferencial para morar e trabalhar no contexto na modernidade.

Embora marcada pela intensificação dos debates políticos em torno da retomada da democracia no país, as reformas urbanas continuaram ainda que mais tímidas. Se a horizontalização da cidade de Teresina teve forte vigor por quase toda a segunda metade do século XX, concentradamente pós 1964, a verticalização da cidade só encontrou condições mais favoráveis na década de 1980 concentradamente na zona central da cidade expandindo-se em direção do Bairro Ilhotas às margens do rio Poti nos anos de 1990. O início dos anos

2000 fez este fenômeno se intensificar na zona leste em bairros como Jôquei Clube, Ininga, Fátima, São Cristóvão e São João.

Na região central a ocupação vertical deu-se sob o modelo habitacional e de negócios. Já na região do bairro Ilhotas foi quase que exclusivamente habitacional. Marca do processo de verticalização não habitacional na região do bairro Ilhotas podemos citar o prédio do Rio Poty Hotel com leve predominância no formato de um templo Zígrate, o prédio da AGESPISA no formato de trevo, o prédio do Tribunal de Justiça do Piauí e o prédio da Assembleia Legislativa, estes dois últimos marcados pela exposição de concreto armado em suas estruturas.

Se o fenômeno urbano da verticalização surgiu em Teresina com prédios construídos isoladamente, já em fins da década de 1990, a verticalização marcou a construção de vários prédios numa mesma região ou até mesmo de ‘espigões’ de condomínios a exemplo das três torres levantadas para o condomínio Beverly Hills na Avenida Marechal Castelo Branco, o primeiro condomínio vertical fechado de Teresina de alto padrão. A proximidade com o centro comercial da cidade e o fato de ser zona residencial e comercial de alto status fizeram do bairro Ilhotas e da região leste nos bairros Jôquei Clube, Ininga, São João e São Cristóvão, áreas favoráveis à verticalização da cidade.

Imagem 18: Três Torres do Condomínio Beverly Hills



Fonte: **Construtora Sucesso**. Condomínio Beverly Hills na Avenida Marechal Castelo Branco

No centro comercial da cidade, as primeiras construções com aspectos verticais bem acentuadas foram os prédios do Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS) que depois passou a se chamar Instituto Nacional de Previdência Social (INPS)²⁰⁰ situado na Praça João Luiz Ferreira; o prédio da Receita Federal (inaugurado em XXX); o prédio do Palácio do Comércio e o Edifício Thomas Tajra, estes dois últimos projetados para funcionar lojas, escritórios, consultórios ou salas de atividades empresariais diversas.

Imagem 19: Edifício Sede da Receita Federal no Piauí



Fonte: Prédio da Receita Federal no Piauí. Acervo **Folhas de Campo Maior**. Disponível em: <http://www.folhasdecampomaior.blogspot>. Acessado em 10 de março de 2015.

Na Avenida Frei Serafim, cruzamento com a Avenida Miguel Rosa, o prédio do Departamento Estadual de Estradas e Rodagem (DER) construído em 1955 oferece destaque à arquitetura da cidade em um dos mais importantes e tradicionais cruzamentos de avenidas de

²⁰⁰ O Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social (INAMPS), criado em 1974 durante o regime militar, desdobramento do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), deu origem ao instituto nacional de seguridade social (INSS).

Teresina²⁰¹, a Miguel Rosa com Frei Serafim. Por ele passaram os projetos de desenvolvimento rodoviário do Piauí na segunda metade do século XX.

Imagem 20: Fachada Principal do Prédio do Departamento de Estradas e Rodagens do Piauí – DER-PI



Fonte: Edifício Sede do Departamento de Estradas e Rodagens do Piauí – DER. Acervo **Teresina Panorâmica**. Disponível em: WWW.teresinapanoramica.com/pesquisar-por-imagem. Acessado em 10 de março de 2015.

Fonte: Aquarelas dos 162 anos de Teresina. Gravura da Fachada do Edifício do DER-PI. Disponível em <https://www.google.com.br/url/https.wordpress.com/arquitetura-historia-memoria-documentario-aquarelas-dos-162-anos-de-teresina>. Acessado em 10 de março de 2015.

Ainda que tenha sido um fenômeno que se iniciou no centro da cidade, mudando a dinâmica de organização espacial daquela região com efeitos nas práticas e comportamentos dos sujeitos sociais que utilizavam aquela área da cidade, o crescimento vertical de Teresina foi ocorrendo de forma lenta, porém, contínua só que com breve deslocamento para outras áreas da cidade, predominantemente, se concentrando na zona leste, área de elevada estratificação social e imobiliária, local onde se estabeleceu a partir dos anos de 1990, não só os maiores investimentos imobiliários da capital, mas igualmente, grandes investimentos em ‘equipamentos’ estruturantes a exemplo de grandes e largas avenidas; pontes, como a da Primavera e Frei Serafim; praças, parques, pavimentação - asfáltica ou de calçamento - e principalmente o saneamento básico.

Naquela região, o saneamento básico nela implantado através do ‘Projeto Sanear’, favoreceu positivamente sua consolidação como espaço de alto *status* social e de elevado

²⁰¹ Autarquia Estadual vinculada à Secretaria dos Transportes, responsável pela gestão do Transporte Rodoviário do Estado do Piauí, quanto à ampliação, manutenção e operação da malha rodoviária estadual, para atendimento às demandas econômicas e sociais do Estado, de forma a transportar bens e pessoas com segurança, fluidez e economia. Disponível em <http://www.der.pi.gov.br/institucional.php>. Acessado em 01 de dezembro de 2015.

valor imobiliário, potencializando sua verticalização, uma vez que a rede de coleta de esgotos sanitários e dejetos contribuíram para evitar que prédios e condomínios tivessem que coletar e tratar grandes quantidades de águas servidas e dejetos, evitando assim que se construíssem nesses mesmos edifícios unidades para tratamento de esgotos ou ainda evitando que os mesmos despejassem seus esgotos (com ou sem tratamento) no leito do rio Poti.

Na década de 1950, a população urbana de Teresina compreendia 56.67% do total absoluto, enquanto que a população rural correspondia a apenas 43.33%, condição que fazia manter certo equilíbrio entre população urbana e população rural. Já no ano 2000, sua população urbana chegou a incríveis 94.70% e apenas 5.30% de moradores residentes na zona rural. Destes números podemos concluir que este aumento considerável da população residindo no sítio urbano de Teresina, acabou produzindo mudanças profundas na cidade, mas também, fomentou seu próprio processo de modernização urbanística que teve que acomodar as demandas de uma população que saiu de um pouco mais de 90 mil habitantes em 1950 para mais de 715 mil no ano 2000, condição que alterou drasticamente a organização do espaço urbano tanto vertical como horizontalmente. Neste processo composto de um misto de crescimento e desenvolvimento, a cidade acabou atraindo novos moradores mais também contribuindo para a criação de novos problemas, a exemplo do déficit habitacional, do desemprego ou subemprego, da favelização, do aumento dos índices de violência, entre outros.

As transformações urbanas que se processaram em Teresina na segunda metade do século XX foram tão densas que seria impossível que estas não impactassem a vida de seus moradores produzindo novas maneiras de ser e agir até então não experimentados. Estes novos hábitos e costumes foram modificados tanto pelo novo estilo de vida urbana diante da resistência dos modos de vida rural mais presentes nas franjas da cidade, como por conta da própria urbanização, fenômeno que transformou as cidades em *locus* preferencial da vida moderna no contexto da sociedade capitalista que impôs o modelo de organização social urbano a um número cada vez maior de pessoas no mundo todo.

Neste aspecto, o novo estilo de vida capitalista e urbanizado passou a estar associado à modernidade, tendo as cidades como *locus* da modernização, enquanto que a manutenção da tradição agrária acabava sendo associada ao atraso. O fenômeno 'evolutivo', transformador da sociedade ocidental apontava para a *urbe* como espaço-tempo do futuro, enquanto que o campo apontava para um passado atrasado e comprometedor. Uma tentativa de aproximação da noção de moderno e tradicional perpassava também à análise da tradição urbana - ligada ao

setor secundário e terciário, *versus* a tradição agrária - ligada ao setor primário da economia de viés rústico. Neste aspecto, durante a segunda metade do século XX, embora Teresina tenha sofrido influencia cultural rural por conta dos fluxos migratórios campo-cidade, uma vez na *urbe*, seus moradores passavam a incorporar hábitos e costumes da cultura urbana, ainda que neles estivessem presentes ‘resquícios’ de resistências dos hábitos trazidos da zona rural, hábitos estes ‘nunca’ eliminados na sua totalidade.

A tabela abaixo apresenta dados dos últimos quinze anos daquele século e os seis anos iniciais do novo milênio no aspecto ‘evolução’ dos estabelecimentos agropecuaristas formais.

Tabela 07: Evolução do Numero de Estabelecimentos Formais na Agropecuária por Porte 1985-2006

PORTE	1985	1990	1995	2000	2005	2006	VARIAÇ %
Micro	25	48	77	117	93	118	26.88
Pequena	3	4	13	10	2	3	50.00
Média	0	0	1	2	1	0	-100.00
Grande	0	0	0	0	0	0	-
TORTAL	28	52	91	129	96	121	26.04

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (RAIS). **Fundação Cepro**. In: PIAUI, Governo do Estado do. Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí – CEPRO. Síntese Tabular da Evolução do Emprego Formal no Piauí 1985/2006. Relatório, abril de 2008.

A grande quantidade de micro estabelecimentos formais no ramo agropecuário, os baixíssimos números para os médios empreendimentos e a inexistência de empreendimentos de grande porte na agropecuária, indicam a concentração de pequenos empreendimentos agropecuarista o que nos levou a deduzir a importância desta atividade nos setores menos abastados da sociedade piauiense.

Em Teresina, na década de 1960 a população urbana praticamente dobrou em relação ao número de habitantes da zona rural já que a mesma atingiu 98.329 habitantes enquanto a população rural atingiu apenas 44.362 habitantes (IBGE. In: TERESINA. s/d. DRZ GEOTECNOLOGIA E CONSULTORIA, p. 38).

Quais foram os impactos imediatos deste crescente aumento da população de Teresina, sobretudo se observado o aumento progressivo da população urbana em relação à população rural do município?

O aumento da população urbana de Teresina em números absolutos explica ainda que a oferta de moradias e residências não acompanhou em proporção o aumento da população. Este fenômeno acabou ocasionando assim grande déficit habitacional que por sua vez ocasionou o agravamento das condições mínimas de vida desses moradores da capital.

Diante dos graves problemas de ordem da organização urbana e habitacional das principais cidades brasileiras, já que este fenômeno não era apenas da cidade de Teresina, foi que o governo Federal atuou fortemente com uma política habitacional via Banco Nacional de Habitação – BNH e Serviço Federal de Habitação - SFH, fomentada e administrada regionalmente pelas COHAB's, órgão esses criados em 1964.

Em Teresina, a atuação desses órgãos de fomento habitacional foi imediata e já em 1966 iniciaram-se as obras de construção e inauguração dos conjuntos habitacionais Primavera norte com 187 unidades e o Monte Castelo com 302 casas, ambos em áreas no perímetro urbano da cidade ao contrario do conjunto Parque Piauí com 2.294 casas, que foi construindo na zona sul da cidade numa área bastante distante do centro e de outros bairros mais centralizados ocasionando um “vazio habitacional” entre aquele novo conjunto a o perímetro urbano da cidade. Este elemento levou a cidade, recorrentemente, a sofrer por uma nova prática de especulação imobiliária, marcada pela construção de grandes conjuntos habitacionais em áreas cada vez mais distantes do centro da capital, promovendo a valorização tanto das terras fora do perímetro urbano onde passaram a se instalar os novos conjuntos, como do ‘entre lugares’ destas novas instalações e a área urbana da cidade. Estes bolsões ou vazios populacionais geravam áreas valorizadas em médio e longo prazo já que a tendência era que os novos conjuntos habitacionais que surgiam em áreas longínquas, fossem gradativamente sendo ocupadas (MELO, 2009) tornando as vias que o interligava ao centro, áreas de especulação imobiliária.

Imagem 21: **Vista Aérea do Conjunto Parque Piauí na Década de 1970**



Foto: Acervo da **SEAMPLAM/PMT**. Panorâmica do Conjunto Parque Piauí.

Fonte: **MELO**, 2009, p. 12. In: **Cabo Verde, Redes e Desenvolvimento Regional**. I Congresso Regional de Desenvolvimento Urbano de Cabo Verde.

Analisando a imagem com vista aérea panorâmica do Conjunto Parque Piauí, podemos observar ao fundo, no prolongamento da margem piauiense do Rio Parnaíba, as vias de acesso ao centro da cidade, a PI 130 - que no seu trecho urbano corresponde a Avenida Henri Wall de Carvalho - que liga Teresina a Palmeirais e a BR 316 que liga Teresina ao sul do Piauí, como únicas vias de interligação ao novo conjunto habitacional. Nela podemos ainda observar o enorme vazio habitacional e imobiliário entre o conjunto e o sítio urbano da cidade de Teresina. Situação que se repetiu com o conjunto Dirceu Arcoverde e o Renascença, com o Mocambinho, com o Bela Vista, com o Saci, o Promorar e outros grandes conjuntos que foram construídos em todas as direções da cidade, visto que aqueles bairros ficavam bastantes distantes do perímetro urbano central da capital, atualmente estando eles totalmente integrados ao tecido urbano da capital.

Em Teresina, a intensificação do processo de horizontalização da cidade se deu tanto pela construção planejada de casas populares - fenômeno intensificado formalmente pela construção de vários conjuntos habitacionais - como pelo crescimento informal e sem planejamento através da favelização e surgimento de vilas nas franjas da cidade - fenômeno que marcou negativamente a história da cidade pelos graves problemas sociais, econômicos e

infra estruturais que marcaram a origem dessas ocupações ao longo das últimas quatro décadas do século XX.

Como nem sempre o poder puder público atuava controlando e ordenando essas ocupações, parte delas acabavam acontecendo de forma desordenada comprometendo a estrutura urbana da cidade assim como também o modernização da malha viária interna no formato de tabuleiro de xadrez como tinha sido planejada na planta original da cidade quando da sua fundação. Assim tínhamos que, se por um lado a cidade recebia intervenções planejadas mediante a construção dos conjuntos habitacionais, por outro lado faltavam políticas públicas de regulação da ocupação do solo urbano na capital, condição que era agravada pelas ocupações sem planejamento, a exemplo das invasões que faziam surgir vilas e favelas na cidade.

O histórico de ausência de políticas públicas urbanas de estado de regulamentação da ocupação racional do uso do solo nas grandes cidades, a exemplo de Teresina, provocou muitas discussões que, em médio e longo prazo, culminaram em programas ou projetos de regulação do solo e de desenvolvimento urbanístico da cidade, projetos ou programas esses que quase sempre ficavam apenas no papel, e despeito da ‘desculpa’ da ausência de recursos capazes de garantir a execução dessas propostas. Apesar de alguns deles terem saído do papel, a política habitacional do governo federal em toda a segunda metade do século XX, via construção de casas populares e apartamentos, foi aquele que mais impactos urbanos provocaram nas médias e grandes cidades do país.

Foram exemplos de planos que tentaram ordenar, regular e planejar o desenvolvimento urbano de Teresina o Plano Diretor Local Integrado – PDLI de 1969, o I Plano Estrutural de Teresina - I PET de em 1977; o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano - PDDU de 1983; o ‘Seminário Planejando Teresina’ de 1987 que recomendou e orientou a elaboração do II Plano Estrutural de Teresina - II PET, concebido em 1988, plano este composto por um conjunto de dez leis, entre elas a Lei nº 1940/1988 que criou o Código de Postura do Município de Teresina.

Segundo Viana (2005, p. 3) o Plano Diretor Local Integrado – PDLI de 1969 “nunca foi concluído”, ou mesmo executado, até mesmo porque, as constantes transformações pelo qual passava a cidade demandavam novos planos de desenvolvimento urbano da capital piauiense a exemplo da criação do segundo Plano Estrutural de Teresina - PET II de 1988,

que igualmente acabou encaminhando as transformações pelas quais a cidade deveria passar para o Plano ‘Teresina Agenda 2015’,²⁰².

Já em fins da década de 1990 e início dos anos 2000, várias foram as tentativas de ordenar, ou melhor, regular a ocupação do solo urbano da capital, muitos deles concentraram-se na revitalização ou melhorias da acessibilidade no centro da cidade, região da cidade que vinha sofrendo ‘agressões’ no seu patrimônio arquitetônico ameaçando a sua estrutura urbana e seu acervo histórico e cultural²⁰³.

Observando as variações da população urbana e rural do município de Teresina na segunda metade do século XX, observamos que na década de 1970 a população da cidade chegou a 220.487 habitantes, dos quais 181.062 deles residindo na zona urbana. Nessa década a política habitacional no Piauí se intensificou e o número de residências construídas, formalmente via conjuntos habitacionais e informalmente via favelas, ganhou proporções assustadoras, ainda que as mesmas fossem insuficientes para atender a demanda de pessoas e famílias que reclamavam a ausência de teto. Observados e comparados os números de habitantes urbanos e rurais da cidade naquela década, tinha-se um total equivalente a aproximadamente 82% da população total da cidade morando no perímetro urbano, enquanto os outros 18 % aproximadamente morando na sua área rural. O aumento da população no sítio urbano acabou contribuindo assim para o agravamento do problema da moradia e a manutenção de serviços públicos essenciais para a manutenção de níveis minimamente dignos para essas populações²⁰⁴.

O fomento urbano de Teresina das décadas de 1960 e 1970 se intensificou na década de 1980 apesar da efervescência da vida política do país por conta do movimento de “Redemocratização” política, com destaque para a campanha das “Diretas já”. A eleição indireta - feita pelo Congresso Nacional - do novo presidente da República e a elaboração e promulgação do novo texto constitucional, a “Constituição Cidadã” de 1988, marcaram ainda positivamente a história do país naquela década. Os anos de 1990 foram de retomada de projetos outrora momentaneamente comprometidos com os embates políticos travados em fins da década anterior a exemplo da política habitacional que ressurgiu, porém, fortemente

²⁰² E mais recentemente, no momento de elaboração destes escritos, para o plano Teresina Agenda 2030.

²⁰³ Os Planos de Desenvolvimento Urbanos da capital acabaram servindo de parâmetros para os planos ou programas de organização e revitalização do centro da capital da década de 1990.

²⁰⁴ Emprego e renda, moradia, água, luz, coleta de lixo, saúde, segurança, educação escolar, entre outras necessidades básicas e essenciais.

elaborada e executada pela iniciativa privada via setores especulativos imobiliários, embora financiadas por recursos públicos ou do Fundo de Amparo ao Trabalhador – FAT, recursos estes administrados pela Caixa Econômica Federal.

Se houve um incremento na política habitacional por conta do aumento do número de conjuntos e do número de casas e apartamentos populares para seguimentos ‘baixos’ e ‘médios’ da sociedade brasileira, piauiense e teresinense, naquela época ocorreu o início de uma nova fase da urbanização da cidade, aquela que culminaria com sua ‘corrida’ de verticalização urbana, já que boa parte dos empreendimentos privados migrou de edificações horizontais do tipo conjuntos habitacionais para edificações verticais do tipo condomínios residenciais em grandes ‘espigões’ do tipo ‘torres que se espalharam na região do bairro Ilhotas e nos bairros mais tradicionais da zona leste: Ininga, Jóquei, Fátima, São Cristóvão, São João, Horto, etc.

É bom ressaltar que mesmo passada a fase de grande esplendor econômico vivenciado no contexto do “milagre econômico”, a economia piauiense, especialmente a teresinense continuou a apresentar sinais positivos ainda que os índices de crescimento estivessem bem abaixo daqueles vivenciados no período áureo da economia durante o regime civil-militar – 1964-1985. Os setores industrial, comercial, hospitalar, educacional e imobiliário não sofreram retração ainda que a dinâmica econômica nacional tenha sofrido por conta do deslocamento do foco das questões do país para as discussões políticas em torno da redemocratização e da “eleição/escolha” do novo presidente da República.

Em Teresina naquele contexto ampliou-se significativamente as atividades industriais com foco na revitalização do Parque Industrial na zona sul. Ampliaram-se também os empreendimentos na área de saúde pública e privada com a construção de hospitais, clínicas e laboratórios. Na área educacional, a utopia do ingresso na Universidade Federal do Piauí - desde início dos anos de 1970 e na Universidade Estadual do Piauí - desde meados da década de 1980, alimentava o sonho de muitos jovens e adultos. Os anos iniciais da década de 1990 assinalaram de imediato alguns problemas que precisavam ser resolvidos com alguma urgência a exemplo da crise econômica no estado que culminou no atraso de salário de servidores, no atraso de pagamento de fornecedores, no fechamento do Banco do Estado do Piauí – BEP, em greves na educação pública estadual que culminou com a perda do ano letivo (em 1990), entre outros. Um aspecto a considerar neste contexto foi que mesmo as escolas estaduais passando por dificuldades, isto não foi empecilho para que a cidade acumulasse

ganhos no setor educacional, pois nesta época, surgiram vários empreendimentos escolares privados na cidade.

Ainda que algumas escolas já existissem há décadas, fazendo parte da história educacional da cidade, Teresina na década de 1990 já contava ao passar a contar com dezenas de escolas particulares a exemplo do Instituto Dom Barreto, do Educandário Santa Maria Goretti, do Colégio Sagrado Coração de Jesus, do Colégio São Francisco de Sales, da Escola Popular Madre Maria Villac, do Colégio Teresina, da Escola Cidadão Cidadã, do Colégio Dom Bosco, da Escola Santa Helena, do Instituto Educacional da Criança (INEC), do Colégio Certo, do Colégio Exatus, do Colégio Esquadrus, do Colégio Corujão, do Colégio Antares, da Escola Madre Savina, da Escola Magister, do Colégio Sapiens, da Escola Santa Angélica, do Colégio e Curso Sinopse, do Colégio Madre Deus, da Escola Cenecista Popular de Teresina, do Colégio Nova Geração, do Colégio Cidade, do Curso Pro *Juris*, do Colégio Anglo Sistema de Ensino (com várias unidades), do Colégio Andreas, do Andreas Objetivo, do Colégio Pró Campos, do Colégio Sagra, do Colégio Roberto Alencar, do Colégio Santa Marcelina, do Educandário Cavalinho Azul, do Colégio São Mateus, do Colégio Visão, entre muitas outras escolas que surgiram em diferentes bairros e grandes conjuntos habitacionais densamente povoados da capital.

No aspecto educacional, os anos finais da década de 1980 e por toda a década de 1990, em Teresina, a condição de cidade capitalista repercutiu fortemente entre muitas escolas particulares no tocante à garantia do acesso de seus egressos aos cursos superiores oferecidos pela UFPI e pela UESPI. À época, escolas tradicionais, novas escolas e franquias de escolas renomadas nacionalmente, passaram a disputar o mercado educacional da capital piauiense com ênfase nos cursos de pré-vestibular ou 3º ano do ensino médio, voltados para exames de vestibulares das universidades públicas do Estado e até mesmo fora dele. Esta prática da disputa entre escolas por alunos e aprovações nos vestibulares das principais instituições de ensino superior da capital (UFPI e UESPI) e do país se tornou ‘febre entre as escolas privadas em Teresina, inclusive provocando uma disputa midiática muito grande entre elas em *outdoors*, jornais, rádios e TV’s, período em que foram oferecidas diferentes premiações aos alunos melhor classificados, a exemplo de bolsas de estudo integral, dinheiro, computadores, viagens e até mesmo de automóveis para os primeiros colocados nos vestibulares²⁰⁵.

²⁰⁵ Pela tradição e pela concorrência nos vestibulares da UFPI, havia cursinho de pré-vestibular em Teresina que anunciava ao primeiro colocado do vestibular daquela IFES a premiação de um automóvel.

O acirramento entre as escolas, a disputa para mostrar às famílias e à sociedade teresinense qual escola aprovava mais alunos em cursos cada vez mais concorridos nos vestibulares da UFPI saltava aos olhos de todos e representava até mesmo a sobrevivência dessas instituições. Nela e por ela se iniciavam novos ciclos de vida de milhares de jovens teresinenses. Escolas, cursos preparatórios para vestibular surgiram por toda a cidade. Redes de ensino de âmbito regional ou nacional se instalaram em Teresina. Na rede pública, o Liceu Piauiense - Escola Estadual Zacarias de Góis manteve sua tradição de escola pública de referencia para filhos de famílias de classe média baixa da sociedade que pretendiam ingressar na UFPI e também a UESPI. No mesmo nível de ensino, porém com formação técnico-profissionalizante, a Escola Técnica - depois CEFET²⁰⁶, contribuiu na formação em nível de milhares de jovens para áreas como contabilidade, saneamento, eletrônica, eletrotécnica, informática, topografia, etc. O Instituto de Educação Antonino Freire, Escola Normal, continuou a formar centenas de profissionais para o trabalho educativos nas séries iniciais do ensino infantil e fundamental, gestão e supervisão escolar, tradição interrompida legalmente em 1996 pela Lei 9.394/96 – LDB, que tornou obrigatório o ensino superior para o exercício da docência.

Na década de 1980, a educação superior pública do estado ganhou novo vigor com a criação da Universidade Estadual do Piauí – UESPI em Teresina, rapidamente chegando a outras cidades do interior do estado, mais ainda assim, a UFPI continuou a gozar do *status* de melhor e maior instituição de ensino do Piauí e da capital Teresina. No aspecto educacional e cultural, a década de 1990 ficou marcada pelo surgimento de várias faculdades particulares na capital piauiense, faculdades estas que buscaram preencher um ‘nicho’ de mercado deixado pela crise da educação pública não só superior, mas em todos os seus níveis da educação no Brasil, condição que favoreceu a continuação da expansão das escolas privadas na capital.

Vale ressaltar que os problemas na educação pública brasileira, piauiense e teresinense na década de 1980 chegaram vigorosamente à década de 1990 e se agravaram ainda mais na gestão de Fernando Henrique Cardoso - FHC à frente do país por conta da política neoliberal adotada em seu governo. Esta situação fomentou o surgimento de dezenas de Instituições de Ensino Superior privadas na cidade de Teresina e despeito do que ocorreu na educação básica. As chamadas ‘Faculdades Privadas’ abriram uma nova fase da história da educação superior

²⁰⁶ A antiga Escola Técnica Federal do Piauí foi transformada em Centros Federais de Educação Tecnológica - CEFET, que mais recentemente foi transformado em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí - IFPI.

privada no Piauí - situação que atingiu também o ensino fundamental e médio, marcada pela mercantilização da educação, pela queda na qualidade do ensino, pela proletarização da profissão docente e o sucateamento das escolas públicas com efeitos nefastos para as duas principais Instituições de Ensino Superior - IES públicas do Estado - a UFPI e a UESPI - e toda a rede pública de ensino estadual e municipal.

Causa-efeito da crise de investimentos e qualidade da educação pública superior no Brasil e no Piauí, nos anos de 1990 e 2000, Teresina viu surgir várias de faculdades a exemplo da Faculdade de Ciências Humanas e Jurídicas de Teresina - CEUT, Faculdade Santo Agostinho - FSA, Instituto de Ciências Jurídicas e Sociais Professor Camilo Filho, Faculdade de Saúde, Ciências Humanas e Tecnológicas do Piauí - NOVAFAPI, Faculdade de Ensino Superior do Piauí - FAESPI, Faculdade de Tecnologia do Piauí - FATEPI, Centro de Ensino Superior Piauiense - FAP, Faculdade Integral Diferencial - FACID, Faculdade de Tecnologia de Teresina, Faculdade de Administração de Teresina, Faculdade Ademar Rosado - FAR, Faculdade Piauiense - FAPI, Faculdade das Atividades Empresariais de Teresina - FAET, Faculdade de Ciências e Tecnologia de Teresina, entre outras.

No aspecto desenvolvimento e modernização do sistema educacional formal em Teresina, há de considerar tanto a importância do Liceu Piauiense como da Escola Normal como 'divisores de águas' na história da educação e nas transformações culturais da cidade até meados da década de 1970, condição inegavelmente importante que foi sendo transferida para a Universidade Federal do Piauí – UFPI, instituição que abriu um novo tempo e um novo patamar na história da educação da cidade e nas práticas de parcela significativa de seus moradores, inclusive fomentando o surgimento da Universidade Estadual do Piauí - outra importante instituição de ensino superior do estado - e dezenas de faculdades particulares, além de formar 'massa crítica' e mão de obra qualificada para as mais diferentes áreas dos diversos setores produtivos da cidade.

A capacidade da UFPI de influenciar na modificação tanto geográfica da cidade como no dia a dia de seus moradores podia ser constatado de diversas formas. Geograficamente, ampliou o sítio urbano da cidade em direção ao leito baixo (norte, nordeste, leste) do rio Poti e da zona leste da capital, considerando a enorme área disponível para a instalação do campus, desde as proximidades da ponte do bairro Primavera até as proximidades com a Avenida Presidente Kennedy, saída de Teresina para União, local este último onde mais tarde também foi construído o Parque Zoobotânico - primeiro e único Zoológico da cidade. Culturalmente, possibilitou às camadas baixas, médias e altas da sociedade teresinense e das mais diversas

idades do ‘Meio-norte’ do Brasil a ter acesso ao ensino superior público, gratuito e de qualidade, já que antes de 1970 este tipo de ensino estava limitado a Faculdade de Direito, de Medicina, de Odontologia e de Filosofia, bastante ‘elitizadas’ em seu acesso. Ainda culturalmente, as escolas de ensino médio do estado, fossem elas públicas ou privadas, passaram a modificar suas práticas educativas e suas concepções de ensino à medida que recebiam egressos da UFPI que formava novos profissionais cada vez mais preparados fosse para o magistério, fosse para os diferentes setores produtivos e de serviços do estado. Em síntese, a UFPI preparava profissionais para os novos desafios modernizantes da cidade. Por ela, o ensino médio regular não seria mais o ‘fim’ dos estudos para muitos jovens, era apenas o início de novos tempos e novos desafios, era a possibilidade de ter um diploma de nível superior e de galgar novo status social.

Na segunda metade do século XX, Teresina construía os caminhos do progresso e do desenvolvimento, embora convivendo com a tradição rural e relativa dependência do setor primário. De olho nos novos rumos que o Brasil e o mundo buscavam trilhar, a capital piauiense passou a fomentar os setores secundário e terciário da economia e da produção, sem negar a tradição rural, que igualmente, passou a ser trabalhada numa perspectiva modernizante²⁰⁷.

O crescimento acelerado das atividades ligadas ao setor secundário e terciário da economia local, somados ao conjunto de intervenções do poder público nas suas três esferas pós década de 1960 transformaram Teresina numa metrópole regional. Internamente, a condição de capital do Piauí a colocou historicamente como cidade mais importante e centro de referência na busca de resolutividade das demandas e dos problemas da sociedade piauiense.

A condição de cidade de referência no Estado durante os anos de crescimento urbano e de desenvolvimento econômico regional favoreceu o aumento significativo do número de migrantes, pessoas estas que ajudaram a dar continuidade, de forma mais acelerada, ao processo de reconstrução da cidade, situação que já existia desde sua fundação, porém, enquanto predominou em sua população um número maior de habitantes *da e na* zona rural do que na zona urbana do município, sua feição ruralesca, pacata, tranquila prevaleceu. Nela, por toda a primeira metade do século XX, por conta da influência da cultura ruralesca, sua feição

²⁰⁷ O setor agroexportador do Brasil por toda a segunda metade do século XX buscou a todo instante se estabelecer a partir de padrões mecânicos e tecnológicos para a produção em larga escala e voltada para o mercado externo, aspecto que também passou a se repetir na mineração.

de cidade moderna, cidade progresso, cidade desenvolvimento parecia distante, mesmo que o discurso de modernidade tenha perpassado toda a sua existência.

Parte deste discurso era sustentado pelo fato de Teresina apresentar-se como cidade ‘babel’²⁰⁸ local e regional, condição que recrudescer ainda mais na segunda metade do século XX, fenômeno decorrente da urbanização que se repetiu em várias cidades brasileiras, notadamente, as capitais e as principais cidades de cada Estado. Em todas elas, a presença de pessoas das mais variadas regiões tanto do próprio estado de origem, como de outros estados do país, as transformaram em espaços de verdadeiras misturas, tanto étnicas quanto culturais, formando várias ‘cidades’ dentro de uma cidade.

Em Teresina, este processo não foi diferente. A polissemia de povos dos mais diferentes municípios do Piauí ou mesmo de outros estados transformaram a capital do Piauí numa cidade de muitas caras. Colônias de moradores de origem de diferentes municípios povoaram o tecido urbano e cultural da cidade. Altoenses, campo-maiorenses, altolongaenses, barrenses, batalhenses, parnaibanos, pipiririenses, florianenses, oeirenses, picoenses, entre tantos outros, faziam de Teresina, ‘Teresinas’. Em todas elas, havia um pouco de hábitos e de costumes de cada um desses imigrantes.

Na capital, estes (i)migrantes buscaram formas diversas de sobrevivência. Fosse na política, no comércio, no setor de serviços, na indústria ou no serviço público, na iniciativa privada, na formalidade e na informalidade, na legalidade e na ilegalidade, quase todos buscaram manter vínculos definitivos como morador da capital, ainda que para alguns este vínculo tenha sido provisório, situação que os levou a retornarem à suas cidades de origem ou ainda a buscar novas cidades para habitar e trabalhar. Neste aspecto, Teresina foi cidade transitória para muitos piauienses que buscavam melhores condições de vida para si e para sua família, mas que, aqui não conseguindo se estabelecer, buscaram cidades como São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, entre outras, durante quase toda a segunda metade do século XX. Vale aqui ressaltar que estas cidades acima citadas foram fortemente influenciadas pelas culturas dos diferentes povos do Norte e Nordeste e de outras regiões, que para lá migraram e ajudaram a construir estas cidades.

Os fluxos migratórios campo-cidade, quase sempre, estiveram condicionados a questões de sobrevivência ligadas a busca de novas oportunidades de trabalho ou mesmo de moradia. A saída do campo implicou quase sempre o afastamento das atividades ligadas ao

²⁰⁸ ‘Babel’ no sentido de espaço polissêmico, diverso, multifacetado e pluricultural.

setor primário e a aproximação de atividades típicas da *urbe* como o comércio, a indústria e o setor de serviços, ainda que nestes fluxos migratórios muitos tenham buscado a zona rural dos estados do Goiás, do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, de São Paulo ou mesmo do Pará.

No setor da industrial, setor modelador da estrutura urbana da cidade, mais também setor que altera hábitos e costumes do morador, Teresina teve em quinze anos o número de estabelecimentos industriais mais que triplicado saindo de 249 estabelecimentos para um total de 796 no ano 2000. É importante frisar que a adoção de perfil de cidade industrial era elemento que fortemente influenciava a concepção de modernização da cidade e de seus moradores.

Tabela 08: Evolução do Número de Estabelecimentos Formais na Indústria por Porte 1985-2006

PORTE	1985	1990	1995	2000	2005	2006	VARIAÇ %
Micro	184	327	476	667	894	946	5.82
Pequena	48	44	55	108	119	124	4.20
Média	13	12	14	17	21	20	-4.76
Grande	4	8	6	4	4	4	0.00
TORTAL	249	391	551	796	1.038	1.094	5.39

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (RAIS). **Fundação Cepro**. In: PIAUI, Governo do Estado do. Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí – CEPRO. Síntese Tabular da Evolução do Emprego Formal no Piauí 1985/2006. Relatório, abril de 2008.

Considerando que a segunda metade do século XX foi período de fortes processos migratórios, a transferência desses para as médias e grandes cidades, contribuiu de alguma forma para agravar o problema habitacional, situação esta que levou a uma política habitacional mais agressiva como a que ocorreu no Brasil, no Piauí e em Teresina nas quatro últimas décadas do século XX.

Os efeitos mais imediatos de políticas planejadas para tentar resolver as questões urbanas, consequência das migrações campo-cidade, foi a mudança estrutural do espaço urbano de muitas cidades tanto pela horizontalização das mesmas via construção de conjuntos habitacionais, como pela verticalização via construção de condomínios habitacionais ou edificações empresariais. Neste mesmo contexto, parte das cidades de médio e grande porte sofreram com ações interventivas informais ou sem planejamento no setor habitacional, notadamente marcadas pela favelização de áreas inóspitas ou íngremes dessas cidades.

Em muitas delas, favelas, palafitas, cortiços, vilas e até mesmo moradores vivendo sob pontes e viadutos ou em edificações abandonadas contribuíram para agravar ainda mais os problemas sociais e urbanos dessas cidades. Seus efeitos foram diversos, porém todos convergiam para a degradação da condição de sujeito social - de direito e de deveres – ou seja, de cidadão.

Na dinâmica da expansão demográfica e espacial do sítio urbano da cidade capitalista, marca da segunda metade do século XX, novos espaços surgiram e se consolidaram social, econômica e urbanisticamente. Em Teresina, os casos da região do grande Dirceu, do Tancredo Neves, do Morada Nova, do Saci, do Parque Piauí, do Promorar, do Bela Vista, do São Joaquim, do Mocambinho, da grande Santa Maria da Codipi, do Pedra Mole, da Piçarreira, do Satélite, do Planalto Uruguai, entre outros, todos eles fortemente marcados por processos de ocupação do solo, de habitação e de urbanização delineados a partir da construção de grandes conjuntos habitacionais, foram bons exemplos da criação e consolidação de novos espaços que emergiram fruto do crescimento urbano e demográfico e porque não dizer econômico da capital.

Fosse pela ação do poder público, fosse pela determinação de setores privados, entre as décadas de 1970 a 1990, a cidade se transformou em um canteiro de obras em todas as direções. Desde pequenas obras, aquelas mais voltadas à construção ou reforma de casas com fins residenciais ou edificações com finalidades econômica ou social até as grandes obras infra estruturais da cidade como ruas, avenidas, pontes, viadutos, ferrovias, estações de tratamento de água. Foram bons exemplos dessas grandes obras ou de construções impactantes na cidade e na vida de seus moradores, a construção do metrô de superfície, do estádio de futebol Albertão, do Ginásio Verdão, dos conjuntos habitacionais, dos condomínios residências fechados tanto horizontais como verticais, dos diversos arranha-céus, dos dois shoppings, dos prédios públicos como Centro Administrativo²⁰⁹, da Assembleia Legislativa, do Palácio da Justiça, das emissoras de radio - Rádio Difusora de Teresina; Rádio Pioneira de Teresina; Rádio Clube AM; Radio Poti FM; Rádio O Dia FM; Radio Mirante, hoje Rádio Meio Norte; da Rádio Antares; a Rádio Cidade Verde, entre outras; e televisão - TV Rádio Clube; TV Pioneira, que depois passou a se chamar TV Cidade Verde; TV Mirante, depois denominada de TV Meio Norte; TV Antena 10; Rádio e TV Antares; dos hospitais e

²⁰⁹ Aglomerado de prédios situados entre as avenidas maranhão e Pedro Freitas à altura da antiga Prainha que comporta varia secretarias de estado de governo à exemplo da secretaria de fazenda, da educação e cultura, de administração, da saúde.

maternidades, das creches e escolas, do Terminal Rodoviário, do Terminal Ferroviário, entre outros.

À medida que Teresina era transformada no seu aspecto urbano, ganhava ares de cidade moderna e de cidade Progresso passando a cobrar dos seus moradores ou visitantes novas posturas, novos hábitos, novos costumes. A cultura (hábitos, costumes, posturas, práticas) a ser cultivada era aquela ligada ao racional, ao higiênico, ao consumo, ao moderno. A cultura - hábitos, costumes, posturas, práticas - a ser superada era aquela ligada ao rústico, aos maus hábitos, ao ruralesco, ao atraso.

No processo de modernização da cidade coexistiam, harmônica e conflituosamente, permanências e rupturas, reformas, demolições e construções, intervenções públicas e privadas. Causa-efeito desse processo, a cidade era reinventada a todo instante tanto na sua estrutura urbana como nas práticas de seus moradores e visitantes. Velhas ou novas áreas da cidade ganhavam nova aparência, novos equipamentos e se transformavam em novos espaços comerciais, residências ou de lazer. Neste ínterim, o centro da cidade resistiu como espaço de negócios, de passeio, de lazer, da compra, da venda, do meretrício, ainda que aberto de forma recorrente à necessidade de novas intervenções e da sua revitalização.

Essas intervenções constantes e transformadoras do centro da cidade ocasionaram, em médio e longo prazo, a perda de suas marcas originais, até mesmo porque, o perímetro pensado e planejado para ser o centro da cidade foi se dilatando em dimensão à medida que a cidade foi crescendo horizontalmente. Apesar do volume de intervenções modificadoras daquele espaço, contraditoriamente, o entorno do quadrante geográfico que marcou as origens da cidade²¹⁰, foi aquele espaço que mais sofreu com o processo modernizador da cidade. Nele, algumas intervenções vez por outra contribuía para sua perda de identidade a exemplo da

²¹⁰ Teresina foi fundada em 16 de agosto de 1852, em substituição a Oeiras, para ser a nova capital da província do Piauí. Marca este momento a transferência da Paróquia de Nossa Senhora do Amparo para a Vila Do Poti, local de referência onde seria erguida a nova cidade e a nova a igreja matriz. Considerado a geografia da região, o sítio da cidade foi planejado e construído alguns quilômetros antes do encontro das águas dos rios Poti e Parnaíba. Seu formato geográfico obedece ao formato de um tabuleiro de xadrez com ruas com localização geográfica dispostas simetricamente de forma a interligar os templos católicos entre si, mais também a espaços de lazer (praças) e prédios onde funcionou a estrutura pública administrativa da província. A determinação de localização das praças ou templos católicos foram dispostas a partir de linhas paralelas que partiam do rio Parnaíba em direção ao rio Poti no sentido oeste-leste. Nesse espaço foram edificados os primeiros prédios públicos necessários ao estabelecimento da administração do governo da província na chapada do corisco (local onde se instalou Teresina). Este quadrante do sítio urbano original da cidade de Teresina obedecendo a um rígido formato de xadrez deveriam ter ruas paralelas tanto no sentido oeste-leste, como no sentido norte-sul correspondendo inicialmente a um espaço urbano delimitado por 18 quadras no sentido norte-sul - correspondente à Rua José dos Santos e Silva e a Avenida Miguel Rosa nas proximidades da estação de trem (metrô) do bairro Matinha - e 12 outros quarteirões no sentido Leste-Oeste compreendendo ao trecho que liga os rios Parnaíba ao Poti.

mudança do terminal rodoviário rural nas proximidades do Mercado Central para a construção do Shopping da Cidade ou o abandono o ligava a um histórico de atraso. No entorno do mercado central, na área do cais do Rio Parnaíba nas proximidades do ‘Troca-Troca’, ou em toda sua extensão, espaço que compreende a Avenida Maranhão desde a ‘Prainha’ até o Iate Clube, apesar da importância geográfica e comercial para a cidade, parece ter sido abandonado condenando aquela região ao atraso no tocante a ausência de grandes investimentos ou mesmo intervenções urbanísticas, exceto pela construção da ponte Presidente Jose Sarney (Ponte da Amizade) que liga Teresina a Timon (MA)²¹¹.

Ali a sujeira, a fedentina, o desrespeito ao rio e sua importância fulcral para Teresina parecia passar despercebido aos olhos dos moradores e dos gestores da cidade. Até fins do século XX, as obras de grande envergadura naquela região da cidade restringiram-se, quase que exclusivamente, a Ponte Jose Sarney ou Ponte da Amizade que interligou o centro de Teresina ao centro da vizinha cidade de Timon no Maranhão e o prédio da sede da empresa fornecedora de energia elétrica do estado à época, a Centrais Elétricas do Piauí S.A - CEPISA²¹², companhia esta que passou em 1997 ao controle econômico-administrativo do Governo Federal, passando a compor patrimônio da Eletrobrás²¹³ - Centrais Elétrica Brasileiras S/A, Distribuição Piauí.

²¹¹ Na primeira década do século XXI, aquela região da cidade recebeu três grandes obras: o prolongamento da linha férrea do ‘Pré-metrô’ em um elevado até a Praça da Bandeira, uma Estação Ferroviária do trem de superfície (Pré-metrô) e o Shopping Cidadão.

²¹² “A CEPISA foi constituída como sociedade anônima em 08 de agosto de 1962, com a razão social de centrais elétricas do Piauí S/A. No final da década de 60 inicia-se a construção, em padrões técnicos, de um sistema integrado de produção, transmissão e distribuição de energia, possibilitando o surgimento de uma mentalidade empresarial para os serviços elétricos. Em 1969 a CEPISA tem apenas 13.805 consumidores. Em 1970, entra em operação a usina hidrelétrica de boa esperança, construída pela COHEBE - companhia hidrelétrica de boa esperança, e o estado começa a dispor de energia suficiente para criar condições de implantação de atividades econômicas de grande consumo de energia. No mesmo ano, a CEPISA incorpora os acervos da Companhia De Eletrificação do Nordeste - CERNE e da Companhia Luz e Força da Parnaíba - CLFP e passa a ser a única concessionária de distribuição de energia elétrica no Piauí. De 1973 a 1978, a CEPISA desenvolve um plano de eletrificação para o Piauí, interligando o sistema com a energia hidrelétrica de boa esperança. No final de 1978, ano da conclusão da rede básica de distribuição, a CEPISA conta com 93.457 consumidores. Em 1982 são construídas as duas grandes subestações de 69/13.8 KV - 40 MVA, nos bairros Jockey e Marquês, em Teresina, o anel de transmissão de 69 KV, interligados à subestação da CHESF. Até então, são as maiores obras da CEPISA em porte físico e volume de recursos”. Fonte: ELETROBRAS distribuição Piauí. Relatório de responsabilidade socioambiental – 2008. Disponível em <http://www.eletobraspiaui.com/download/>. Acessado em 03 de dezembro de 2014.

²¹³ “Em 1997, a ELETROBRÁS assume controle acionário da CEPISA. Autorizado pela lei estadual nº 4.868, o poder executivo iniciou em 19 de dezembro de 1996, o processo de alienação das ações de propriedade do estado que integravam o capital social da CEPISA. Numa primeira fase, a ELETROBRÁS amplia sua participação acionária na empresa para 48,86% das ações ordinárias e assume em 13 de janeiro de 1997 a gestão da CEPISA de forma compartilhada com o governo do estado. No mesmo ano, em 20 de outubro, a ELETROBRÁS, adquire o controle acionário da CEPISA, ou seja 98,8%, e assume o compromisso de preparar a empresa para a privatização”. Fonte: ELETROBRAS distribuição Piauí. Relatório de responsabilidade

O processo de modernização que impunha nova aparência a várias áreas da cidade, causa-efeito dos novos equipamentos públicos e privados, dos novos espaços comerciais, residências e de lazer impulsionaram o setor imobiliário, possibilitando novas edificações, tornando Teresina centro dinâmico da economia do Estado do Piauí. Este dinamismo do setor imobiliário fez com que ao longo das três ou quatro últimas décadas surgissem em Teresina além de vários conjuntos habitacionais, centenas de novos edifícios multiuso, ao ponto da capital do Piauí se transformar na cidade em que surgiam novas grandes edificações a cada mês.

Tabela 09: **Evolução do Número de Estabelecimentos Formais em Teresina na Construção Civil por Porte 1985-2006**

PORTE	1985	1990	1995	2000	2005	2006	VARIAÇ %
Micro	95	215	282	449	506	559	10.47
Pequena	30	28	54	59	67	86	28.36
Média	13	11	13	18	17	19	11.76
Grande	5	4	2	2	3	4	33.33
TORTAL	143	258	351	528	593	668	12.65

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego (RAIS). **Fundação CEPRO**. In: PIAUI, Governo do Estado do. Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí – CEPRO. Síntese Tabular da Evolução do Emprego Formal no Piauí 1985/2006. Relatório, abril de 2008.

Fruto da aplicação de capitais tanto de grupos empresariais internos como externos, o setor imobiliário de Teresina cresceu a passos largos nas últimas décadas do século XX potencializando o mercado da capital para novos empreendimentos empresariais também no setor comercial de serviços, a exemplo de hospitais e clínicas, escolas e faculdades, redes de supermercados e centros comerciais (shoppings), revendedoras de automóveis e lojas de departamento, entre outros. Estes investimentos eram provenientes de diferentes atividades que encontrando no setor imobiliário segurança para boa lucratividade, acabaram em Teresina se estabelecendo.

O volume de obras pequenas, médias ou grandes, alterava o cotidiano da cidade e criava nos seus moradores sentimentos nostálgicos e de curiosidades ou ainda de recusa. Em alguns momentos, saudades de uma Teresina - estrutural, física e arquitetônica - que não existia mais, fruto das demolições e da emergência do 'novo'. Em outros momentos, resgates

de uma Teresina que só existia nas memórias de pessoas e de lugares agora transformados. O início da construção de qualquer obra despertava a curiosidade do morador da cidade. A ansiedade por ver como a obra ficaria depois de pronta acelerava o tempo vivido do morador na sua relação com a cidade. As simples notícias de novos empreendimentos, de novas construções geravam especulações diversas alterando formas de vivenciar a cidade, condição que igualmente transformava a valorização de determinadas regiões.

Embora a novidade das reformas ou construções de novas edificações fascinasse o teresinense, algumas delas eram vistas mesmo que momentaneamente com ‘maus’ olhos. Neste aspecto, as obras de construção de ruas e avenidas eram aquelas que mais traziam transtornos, sobretudo na questão da mobilidade, ao morador da cidade. Aqui, as escavações para o rebaixamento da linha férrea para a construção do trem de superfície da capital ocupou lugar de destaque negativo como uma das obras que mais efeito negativo provocou para a mobilidade urbana da cidade. Nela e por ela, um ‘caos’ na mobilidade urbana de parte da cidade se estabeleceu por quase duas décadas, pois, a enorme vala aberta para o rebaixamento da linha férrea dificultava ou mesmo impedia que muitos moradores da cidade que precisavam cotidianamente se locomover entre parte da zona norte ao centro de Teresina e vice versa fizessem este percurso sem andar vários quarteirões ou mesmo enfrentassem grandes congestionamentos.

Imagem 22: **Rebaixamento da Linha Férrea do Pré-metrô na Estação Central de Teresina**



Foto: **Estação Central do Pré-metrô**. Linha Férrea no Trecho Urbano de Teresina. Disponível em <http://www.mobilize.org.br>. Acessado em 02 de dezembro de 2015.

Apesar dos transtornos por vez provocados por essas obras à cidade, suas conclusões eram também ansiosamente esperadas pelos moradores. Neste caso, a inauguração do 'Pré-metrô' levou milhares de pessoas às estações de trem da cidade, sobretudo à estação Central. Fato igualmente repetido na inauguração de grandes obras como o Albertão, a Potycabana, a Ponte da Amizade, os shoppings, etc.

As obras que focavam melhorar a questão da mobilidade urbana da cidade, mas não só elas, foram aquelas que mais tensões ocasionaram entre moradores e o poder público, este último o agente promotor da obra. Estes conflitos perpassavam aspectos como a real necessidade ou não da obra; a necessidade ou não de eventuais desapropriações; a legitimidade da posse da terra; a legalidade da desapropriação; os valores das desapropriações; os locais para onde se removeriam as famílias; as condições estruturais das novas áreas onde se colocariam as famílias removidas; o sentir-se desterritorializado com o afastamento da antiga vizinhança, do emprego, das famílias, etc. Estes e outros fatores pautavam as discussões e quase sempre não se chegava a pontos comuns, motivos que não impediam que o poder público colocasse em execução seus projetos para a cidade. Para esta questão, a alegação dos interesses públicos e coletivos era colocada como superiores ou prioritários frente aos interesses privados ainda que coletivos ou mesmo individuais.

O binômio demolição/construção (e vice versa) marcaram a história urbana e arquitetônica de Teresina nas décadas que se seguem aos anos de 1970. Neste percurso transformador da cidade numa perspectiva modernizadora ou desenvolvimentista, estranhamentos contínuos que oscilavam entre alegrias e tristezas, nostalgia e vivacidade marcaram trajetórias de vida de muitos teresinenses. Uns viam a tudo isto com bastante ansiedade, outros observam angustiados ou temerosos. Enquanto uns esperam ansiosamente o resultado destas intervenções, outros amargavam os dissabores de perder parte de suas vidas nos laços de identidade que tinham com os locais que, agora, não existe mais, há não ser nas memórias individuais e coletivas do morador (desterritorializado) ou da cidade.

Os planos de intervenções urbanas e as obras realizadas que remodelavam Teresina diariamente acabavam levando o morador de Teresina a novas formas de viver e usufruir da cidade. A condição de capital do Piauí obrigava Teresina a estar na frente de todas as demais cidades do estado quanto ao moderno, ao progresso, ao desenvolvimento.

A cidade sede administrativa do estado, tinha que racionalizar espaços, integrar culturas, zelar por seus moradores. Se para uns o progresso chegava pelas rodovias ou ferrovias, pela energia, pela telefonia ou pela água tratada, para outros ela chegava via

educação. Embora envolta em processos migratórios que traziam pessoas de muitas regiões circunvizinhas a Teresina para morar, trabalhar ou fazer tratamento médico, o fator estudos aparece como aquele que maior número de novos habitantes trouxe a Teresina. Justificaram estes fluxos migratórios a enorme quantidade de escolas da rede pública municipal responsável pela educação infantil e fundamental, a rede estadual responsável pelo ensino médio e a rede federal responsável pelo ensino superior e ensino técnico e profissionalizante. Some-se a estes, a grande quantidade de escolas privadas de ensino infantil, fundamental e médio, além de dezenas de faculdades como já citados anteriormente²¹⁴.

Os projetos e obras de intervenção urbana, feitos pelo poder público, na cidade eram visual e estruturalmente mais perceptíveis e impactantes, porém, não havia como negar a importância das intervenções individuais particulares feitas na cidade, uma vez que elas quando vistas coletivamente – somadas - acabavam gerando muito mais impactos transformativos na cidade. Aquelas obras estruturalmente mais densas, como as intervenções feitas através de pontes, viadutos, ruas, avenidas, parques, praças ou prédios para instalação de serviços públicos - estruturantes - acabavam apresentando-se como mais impactantes na percepção das transformações modernizadoras dos serviços prestados pelo estado em qualquer uma de suas três esferas.

Não menos impactantes no processo de transformação da *urbe* e dos comportamentos que envolveram seus moradores, porém menos visíveis ao conjunto da população, eram as transformações dadas no interior dos próprios órgãos ou instituições que prestavam serviços públicos à população de Teresina. Ainda que de forma lenta, os governos estadual e municipal ao longo das décadas de 1980 e 1990 se preocuparam em modernizar, informatizando e equipando com tecnologias eletroeletrônicas à estrutura administrativa de seus órgãos, departamentos ou secretarias. Isto favoreceu a criação e novos espaços formativos de mão de obra qualificado e novos postos de trabalho, ajudando a dinamizar a economia e as práticas de milhares de jovens da capital. Boa parte desta modernização se deu no gerenciamento de dados e informações ou na arrecadação e controle de receitas e de pessoal.

²¹⁴ Nas décadas de 1970 e 1980 não estava claramente definido a responsabilidade de cada ente federativo pelo modalidade, tipo e nível de ensino que poderiam ou deveriam oferecer. Isto levou estes entes federativos a oferecer livremente diversas modalidades e níveis de ensino. Exemplo desta imprecisão estava no município oferecendo ensino médio noturno; do estado oferecendo ensino fundamental, técnico e superior através da UESPI na década de 1980 e, por fim, do governo federal oferecendo ensino médio profissionalizante através da Escola Técnica e ensino superior através da UFPI. A partir de 1996 através da Lei 9.394/96 que estabeleceu as novas diretrizes e bases da educação nacional, estas responsabilidades ficaram melhor definidas.

Outro aspecto que marcou este período esteve no melhoramento dos quadros de servidores públicos que foi favorecido pelo critério da meritocracia como mecanismo de acesso ao serviço público depois da Constituição Cidadã de 1988. Neste aspecto, tanto estado como município realizaram ampla reforma e reestruturação da máquina administrativa criando novos departamentos ou secretarias ou dando novos papéis e funções a órgãos já existentes, inclusive extinguindo aqueles considerados inoperantes.

Embora as intervenções remodeladoras e modernizantes da cidade tenham ocorrido por todo seu sítio urbano, sejam estas intervenções patrocinadas pelo poder público ou pela iniciativa privada, aquelas que se concentraram no centro ou nos bairros mais centrais, ou ainda em regiões de alto *status*, acabaram adquirindo maior visibilidade.

Em Teresina, nas décadas finais do século XX era inconteste negar a força de impacto visual, funcional e até simbólico na estratificação de espaços de alto *status* em termos de modernização da cidade, obras como a Estação Ferroviária central; o Pré-metrô; o Parque Potycabana; os shoppings Teresina e Riverside; o edifício Sede do Tribunal de Justiça do Estado; o prédio Sede da AGESPISA; o prédio da Assembleia Legislativa do estado; o alargamento da Avenida João XXIII desde as proximidades da ponte Juscelino Kubitschek até a ladeira do Uruguai (saída leste da capital); da construção da ponte Jose Sarney que passou a interligar o centro de Teresina ao centro da vizinha cidade de Timon no Maranhão. Um pouco mais distante do centro, mas igualmente importante a criação da UFPI, do Parque Zoobotânico, do Terminal Rodoviário, do Terminal de Petróleo, do Pátio da REFFSA, entre outros, desempenharam papel importante na definição de espaços urbanos melhor planejados, portanto, seguramente importantes da cidade.

A modernização, o progresso ou o embelezamento da cidade em algumas áreas teve um preço alto a pagar. Como as intervenções modernizantes não ocorreram por todo o sítio arquitetônico ou em toda a estrutura do tecido viário da cidade, podia-se observar, em alguns casos, o envelhecimento precoce da arquitetura em áreas próxima onde as intervenções modeladoras, estetizantes e modernizantes foram implantadas na cidade. Exemplo deste fenômeno, foi o caso do próprio centro da cidade, marcado por um processo de envelhecimento ou abandono de prédios como o Mercado Central, o Museu, a Praça da Bandeira, o Troca-troca e outros casarões, momento em que simultaneamente este espaço viu surgir uma nova arquitetura presentes no prédio da Polícia Federal, na Ponte da Amizade, no prédio da CEPISA e no Centro Administrativo.

Nestes prédios e casarões do centro de Teresina, um duplo processo corroborava para sua deteriorização nas últimas décadas: o primeiro foi que o centro foi se transformando em ‘*habitat* natural’ de moradores de rua, em locais para consumo de drogas, prática de sexo, despejo de lixo ou mesmo transformados em banheiros improvisados. O outro, dizia respeito às demolições irregulares de casarões para dar lugar a estacionamentos, prática esta que violava o Código de Postura do Município. As demolições ou mau uso dos casarões antigos do centro da capital colaboravam para a desfiguração da arquitetura da cidade, além de transformar alguns espaços daquela região em lugares promíscuos ou insalubres. Do ponto de vista econômico, este fenômeno fomentou a mercantilização do espaço central de Teresina favorecendo aos proprietários dos meios de produção, especialmente os proprietários fundiários e os promotores imobiliários, na utilização dos locais demolidos ou destruídos, outrora tombados, em imóveis aptos para novas edificações no formato da cidade capitalista.

Em alguns prédios antigos do centro de Teresina surgiu um verdadeiro “bota a baixo” ou “derruba tudo”, tudo em nome da nova “indústria do estacionamento”, já que o poder público em nível municipal não conseguiu promover ou desenvolver políticas públicas suficientemente capazes de barrar este fenômeno²¹⁵.

Nesta mesma ‘onda’ desenvolvimentista e como causa-efeito do aumento do número de automóveis em Teresina, o ‘bota a baixo’ atingiu muitas casas que tiveram que ser removidas para abertura, ampliação ou alargamento de ruas e avenidas em todas as direções da cidade. Este fenômeno levou a muitos acirramentos e conflitos entre proprietários dos imóveis e o poder público municipal. Quase sempre o valor das indenizações ou os locais para onde seriam removidos os antigos moradores eram os motivos mais comuns dos atritos.

No final dos anos de 1990 um caso emblemático marcou a disputa entre o poder público municipal, a Prefeitura Municipal de Teresina e a família dos proprietários de uma importante rede de lojas de material de construção da cidade à época, as Lojas Globo das Ferragens. O conflito foi travado por conta da necessidade de ligação do cruzamento da Avenida Miguel Rosa no bairro Piçarra à Avenida Higino Cunha. Esta ligação permitiria que o tráfego de veículos e pessoas das avenidas Jose dos Santos e Silva e Joaquim Ribeiro

²¹⁵ A transformação do centro da cidade de Teresina em espaço quase que exclusivamente comercial nas últimas décadas, não só o transformou em área cada vez menos habitada, mas também, tem contribuído para a perda de identidade arquitetônica à medida que os casarões antigos ou até mesmo as lojas de comércio mais antigas têm suas estruturas e fachadas comprometidas, seja pela colocação de placas, letreiros ou luminosos das lojas, seja pelas reformas ou até mesmo pelas demolições. Causa-efeito deste processo, o centro da cidade passou a sofrer da desertificação diariamente a noite e nos finais de semana, situação que demandava do poder público e da sociedade, medidas para sua revitalização.

pudessem ser interligado à Avenida Higino Cunha formando um importante corredor urbano de distribuição do trânsito entre o centro sul e a região leste e sudeste de Teresina através da Ponte Prefeito Wall Ferraz sobre o rio Poti nas proximidades da Maternidade Dona Evangelina Rosa.

Naquela ocasião, a disputa judicial foi levada a diante em decorrência da Prefeitura Municipal de Teresina entender a necessidade e urgência na demolição do casarão onde funcionava a loja comercial Globo das Ferragens no bairro Piçarra que ficou obstruindo a ampliação da nova avenida. Por outro lado, os proprietários da loja entenderam que seus negócios foram prejudicados pela construção da avenida e pelo isolamento da construção em pleno espaço por onde passaria a avenida. Se por um lado o poder municipal reclamava a demolição do imóvel, por outro, os proprietários cobravam a devida e justa indenização pela desapropriação do imóvel.

Entre liminares e sentenças ora favoráveis a PMT - Prefeitura Municipal de Teresina, ora favoráveis à família dos proprietários, a demolição do casarão acabou ocorrendo por demanda judicial. Nela, dois aspectos foram levados em consideração: uma, a legitimidade da família em reclamar o valor estabelecido pelo decreto de desapropriação que acabou sendo revisto, valor este entendido pela família como subavaliado, o outro, os interesses coletivos que acabaram se sobrepondo aos interesses individuais, ainda que o direito da propriedade privada ali estivesse assegurada, condição que inclusive favoreceu a reavaliação do imóvel. Neste caso, consideradas as argumentações das partes envolvidas no conflito judicial, a expropriante, a Prefeitura Municipal de Teresina e a expropriada, a família proprietária da loja Globo das Ferragens, coube à justiça em sentença condenar a expropriante a indenizar o imóvel desapropriado para a construção da Avenida Higino Cunha.

Analisando os autos do processo litigioso para a desapropriação e indenização do imóvel, podemos observar que a natureza do litígio dizia respeito à indenização por 'objeto de desapropriação com reparos por danos materiais ao desapropriado' (AMAPI, s/d.). A iniciativa de desapropriação foi promovida pela Prefeitura Municipal de Teresina, assim disposta:

[...] com fundamentação no Decreto-Lei nº 3.365, de 21.06.41 e alterações da legislação específica, alegando, em resumo, a necessidade de interligação das Avenidas Higino Cunha e Joaquim Ribeiro, zona sul de Teresina, que fazem parte do plano de urbanização da área de acesso à nova ponte construída sobre o rio Poti, que seria de inestimável utilidade pública para os habitantes das zonas SUL/LESTE/SUL.

Para fazer vigorar a desapropriação, a PMT editou o Decreto nº 2.909, de 30 de agosto de 1995. Nele. Estabeleceu o valor de R\$. 161.626,64 (cento e sessenta e um mil, seiscentos e vinte e seis reais e sessenta e quatro centavos), como ‘espólio’ da desapropriação. Este valor foi levantado conforme avaliação da comissão criada para avaliar o preço do imóvel, como justa e prévia indenização em dinheiro, requerendo, liminarmente, a imissão provisória na posse do imóvel²¹⁶.

A empresa Globo das Ferragens, réu no processo, através de seus proprietários e advogados contestaram o valor estipulado no decreto, pleiteando nomeação de perito oficial para proceder a nova avaliação, facultando às partes, a indicação de assistentes, caso sentisse necessidade.²¹⁷

O laudo pericial apontou um novo valor que foi prontamente contestado pela desapropriante, motivo pelo qual, levou o litígio judicial a se prolongar mediante laudos, periciais e recursos de ambas as partes por vários anos. O laudo pericial oficial oferecido pela justiça a pedido da parte desapropriada trouxe em seu teor a apresentação do valor de indenização do imóvel em R\$. 618.230,00 (seiscentos e dezoito mil e duzentos e trinta reais), observados que neste valor não estava inclusão ainda os valores correspondentes a lucros presumíveis, prejuízos e despesas de mudança e transporte²¹⁸.

A desapropriante, Prefeitura municipal de Teresina, através de seus representantes, passou a contestar o valor apresentado pela pericia oficial, sobretudo porque o mesmo ainda deveria ser acrescido de valores referentes a lucros presumíveis, prejuízos e despesas de mudança e transporte, o que elevaria ainda mais o valor contestado do imóvel pelo desapropriado distanciando-o (em valor) da proposta apresentada pela desapropriante - PMT. A meta da PMT era indenizar o imóvel em questão de acordo com o valor oferecido inicialmente via decreto de desapropriação.

²¹⁶ De acordo com as folhas 8 a 20 do processo.

²¹⁷ De acordo com a folha 22 do processo.

²¹⁸ De acordo com relatório de laudo pericial das folhas 65 a 89 do processo.

Justifica a contestação da expropriante os valores requeridos pela expropriada, quais sejam: pela indenização do imóvel o valor de R\$. 618.230,00 (seiscentos e dezoito mil e duzentos e trinta reais), acrescidos dos valores referentes ao fundo de comércio, em R\$. 562.603,76 (quinhentos e sessenta e dois mil, seiscentos e três reais e setenta e seis centavos), mais instalações, em R\$ 52.900,00 (cinquenta e dois mil e novecentos reais), e despesas de mudança e transporte, em R\$. 82.000,00 (oitenta e dois mil reais), totalizando R\$. 1.315.733,76 (um milhão, trezentos e quinze mil, setecentos e trinta e três reais e setenta e seis centavos).

A expropriante na tentativa de compor conciliação ofereceu na instrução e finalização do pleito o valor de R\$300.000,00 (trezentos mil reais) a título de indenização total do imóvel, menos da metade daquele encontrado na perícia e menos de um quarto do valor total da causa pleiteada pela expropriada Globo das Ferragens. Proposta não aceita pelos representantes da família da empresa expropriada.

Não havendo acordo entre as partes litigantes no processo, a 18 de setembro de 1996, o Dr. José Alves de Paula, Juiz de Direito da 2ª Vara dos Feitos da Fazenda Pública, foro de Teresina, assim proferiu sentença:

Ex positis, considerando tudo o mais que dos autos consta, consoante lúcido e abalizado parecer do Órgão Ministerial, julgo procedente esta ação, reconhecendo a legalidade da desapropriação, fixando o valor total da indenização em R\$. 900.000,00 (novecentos mil reais), na forma do art. 25 do Decreto-Lei nº 3.365/41, assim distribuído: 1. terreno e edificação-R\$. 470.000,00 (quatrocentos e setenta mil reais); 2.fundo de comércio-R\$. 300.000,00 (trezentos mil reais); 3. Instalações-R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais); e 4. mudança e transporte-R\$. 80.000,00 (oitenta mil reais), condicionando a imissão definitiva na posse do imóvel ao pagamento dessa indenização, com o prazo de 60 (sessenta) dias, para a sua desocupação.

Arbitro os honorários advocatícios em 5% (cinco por cento) sobre a diferença do valor oferecido e a indenização total, em obediência à Súmula 617 do Supremo Tribunal Federal, mais as custas processuais.

Por fim, em razão do disposto no § 1º, do art. 27, do Decreto-Lei nº 3.365/41, recorro desta decisão ao Egrégio Tribunal de Justiça, para onde os autos devem ser remetidos, esgotado o prazo para recursos voluntários²¹⁹.

²¹⁹ Síntese de sentença condenatória da ação de desapropriação movida pela Prefeitura Municipal de Teresina contra a empresa Globo das Ferragens LTDA, loja estabelecida em Teresina à Avenida Odilon Araújo, 314, Bairro Piçarra, zona sul. Fundamentou e justificou a Ação o Decreto-Lei nº 3.365/41 de desapropriação do terreno e da loja 'Globo das Ferragens' cuja localização situava-se em área onde passaria prolongamento de interligação da Avenida Higino Cunha com a Joaquim Ribeiro, zona sul da capital, como parte do plano de urbanização da área de acesso à nova ponte construída sobre o rio Poti para facilitar o acesso e a mobilidade dos moradores das diversas regiões da cidade na utilização daquela via de acesso urbano coletivo. Disponível em <http://www.amapi.org.br/banco-de-decisoes/16-c-c-indenizacao-por-danos-materiais>

O caso da desapropriação deste imóvel foi um exemplo emblemático das disputas e tensões travadas pelos diversos atores sociais e também destes com órgãos ou instituições públicas (de direito). Neles, interesses diversos nem sempre convergentes estiveram presentes. As divergências levaram acirramentos, conflitos e tensões. Divergências estas consequências das diversas formas de intervenções feitas na cidade sob a alegação de seu progresso, do seu desenvolvimento, portanto, de sua modernização, porém, nem sempre 'aceitas passivamente' por determinados atores sociais da cidade.

Esses conflitos e acirramentos quase sempre colocaram, frente a frente, discursos da necessidade de modernização da cidade contra discursos da manutenção (aqui e ali) da tradição; a necessidade de mudança *versus* o da preservação; o novo em confronto com o velho; o estetizante em conflito com o disforme; a transformação e a permanência; em síntese, o moderno *versus* o tradicional.

Observadas as necessidades de transformações da cidade com vistas a atender as demandas da população e a própria dinâmica desenvolvimentista da segunda metade do século XX, os discursos e as práticas de modernização da cidade não conseguiam escapar a outra proposta que não fosse aquela que fomentava um modelo de cidade nos moldes das cidades capitalistas. Neste contexto, Teresina não conseguiu se libertar deste estigma desde o seu nascedouro - o de cidade progresso, cidade desenvolvimento, cidade moderna, situação que Oeiras não conseguiu manter vivo por muito tempo.

Teresina, desde suas origens, teve o estabelecimento da expansão do seu sítio urbano vinculadas a diversos fatores, dentre eles destacaram-se: a) o fato de ter sido assentada nos princípios da centralidade ou da estratificação elitizada de determinadas áreas da cidade; b) expansão urbana da cidade através da incorporação de determinadas áreas de alta valorização imobiliária; c) pela construção dos conjuntos habitacionais; d) pela verticalização via construção de prédios comerciais, residenciais e repartições públicas; e) pela verticalização com fins habitacionais que se deu em áreas de alto valor imobiliário e, por fim, f) pelo rodoviarismo tanto interno - com a criação, ampliação ou alargamentos de ruas, avenidas, construção de pontes, viadutos, como externo - pela construção de pistas auxiliares às BR's no trecho urbano da cidade ajudando a dar mobilidade no estrangulamento do trânsito nas principais entradas/saídas da cidade no sentido sul na BR 316 com a construção do alargamento de pistas do anel viário sul desde o balão da Avenida Miguel Rosa até a Casa de Custódia do sistema prisional do estado e no sentido norte na BR 343 com a construção de pistas auxiliares no 'Anel Viário' leste desde a ponte sob o rio Poti na Avenida João XXIII até

a ladeira do Uruguai.

Não menos importante, porém ligado ao crescimento da cidade, a favelização comprometia sobremaneira as tentativas de melhor organização e utilização do solo urbano numa perspectiva modernizante da cidade. Pois, por ela, Teresina passava a sofrer por um crescimento desordenado que ameaçava o projeto estetizante e higienista em todas as regiões da cidade, tanto na sua periferia, como em áreas residenciais e comerciais da cidade, desde o centro até bairros de classe média e alta da capital.

A necessidade de conter este fenômeno podia ser justificada por aspectos tanto de ordem interna como externa a favelização. Internamente marcaram os surgimentos das favelas e vilas em Teresina a especulação imobiliária e fundiária feitas por alguns sujeitos que participavam da ocupação - via 'indústria' da comercialização de lotes de terrenos invadidos ou barracos ali construídos. Neste aspecto, a dinâmica era invadir terras, se apropriar de lotes, forçar ações públicas de regularização da posse do imóvel e depois vender. Externamente, quando a posse legal da terra era da iniciativa privada e mesmo assim as ocupações se consolidavam, os proprietários da terra ajuizavam pleitos de retomada da posse da terra, condição que acabava mobilizando a sociedade, o legislativo municipal, o judiciário e o próprio executivo pela desapropriação e indenização do terreno sob a alegação do caos e dos problemas sociais que a desocupação das áreas ocupadas traria aos seus invasores e à cidade, já que eles iriam acabar ocupando outras áreas ou até mesmo prédios públicos. Neste aspecto, a dinâmica era diminuir os impactos sociais pela retomada da posse da terra pelo seu titular, condição que forçava o poder público a indenizar as ocupações irregulares favorecendo forçosamente alguns especuladores imobiliários. Outro aspecto a considerar era a capacidade que este fenômeno tinha na transformação da dinâmica urbana da cidade obrigando os governos estadual e municipal na realização de intervenções com vistas a dotar estes espaços de serviços essenciais que favorecesse condições mínimas de habitabilidade nestas áreas.

Ainda que no limiar do século XX estas áreas ainda convivam com muitos problemas, muitas delas foram contempladas com políticas de melhoramento habitacional, a exemplo do Projeto Vila Bairro criado em 1997 - que objetivou levar serviços públicos como coleta de lixo, pavimentação, saneamento e a construção de fossas sépticas, áreas de lazer e esportes como praças e quadras esportivas a fim de oportunizar melhores condições de vida aos moradores destas regiões - e do Projeto Casa Melhor, que consistia na distribuição de material de construção como telhas, tijolos, madeira para a substituição de casa de taipa cobertas com palhas de palmeiras por casas de tijolos cobertas com telhas.

Além do Projeto Vila Bairro e do Projeto Casa Melhor que de forma geral visavam a proporcionar ações de melhoria habitacional, Teresina também contou com o Plano Municipal de Habitação que propunha organizar melhor a questão da terra e da ocupação do solo no município. Ele previa ainda entre outras intervenções criar os projetos ‘Banco de Terras Municipais’, que visava à reserva de terras no perímetro urbano destinadas ao assentamento de famílias provenientes de áreas caracterizadas como de risco; ‘Minha Casa’, que compreendia a construção de moradias populares sob regime de mutirão; ‘Morar Legal’, que buscava a regularização da posse de terrenos ocupados por ‘sem tetos’ e ‘Lotes Urbanizados’, que consistia na venda de lotes de terra mediante condições de financiamento especialmente facilitadas para o fim de assentamento (TERESINA, 1997c). Ainda assim, Teresina passou a conviver com dezenas de favelas e ocupações irregulares.

Fluida como seus dois Rios: Teresina, Cultura e Lazer

Igualmente a algumas avenidas e ruas, edificações ou praças, por exemplo, parte da história da cidade de Teresina podia ser buscada e certamente encontrada em diversos de seus moradores ou monumentos. A relação de dependência da cidade de Teresina com os dois rios que ora unia, ora separava a cidade - Poti e Parnaíba - faziam deles, importantes ‘monumentos’ de Teresina e de seus moradores. Buscar estas histórias ou compreender um pouco desta importância parece-nos aqui bastante pertinente.

Aliás, a própria história de Teresina se confunde com a destes importantes rios da cidade, rios que influenciaram no seu planejamento, construção e a sua sobrevivência. Importância que fez destes rios elementos capazes de ‘atravessar’ a história de modernização da Cidade, pois, desde a escolha do local, o planejamento e fundação de Teresina - capital da outrora província, agora estado do Piauí - que a cidade desenvolve forte e amistosa relação e dependência com os rios Poti e Parnaíba.

Desta relação, a primeira delas a considerar foi o ‘embate’ da definição do lugar para a instalação da nova capital, questão prontamente resolvida pelas condições geográficas e hidrográficas encontradas na bacia e confluência desses dois, sendo eles inclusive, um dos fatores determinantes para sua instalação na ‘Chapada do Corisco’.

Embora fartamente encontrada em historiografia que descreve as origens da cidade de Teresina, encontramos no relatório ‘Teresina Agenda 2015: A cidade que queremos.

Diagnósticos e cenários: Meio Ambiente’, elaborado pela Secretaria de Planejamento – SEPLAN da Prefeitura Municipal de Teresina, os seguintes aspectos relativos à sua construção e relação de interdependência com os rios Poti e Parnaíba (p. 4-5):

O desenho da cidade de Teresina foi cuidadosamente planejado, porque seria construída para ser a nova Capital do Piauí, a partir de 1852. O seu fundador, o Conselheiro Saraiva, então Presidente da Província do Piauí, escolheu um local “alto e aprazível” à margem direita do rio Parnaíba, no topo mais regular do planalto que se forma entre as últimas curvas dos rios Parnaíba e Poti, antes do seu encontro, na barra do Poti.

Inicialmente foi batizada como Vila Nova do Poti, para onde Saraiva convenceu os habitantes da Vila do Poti (hoje bairro Poti Velho) a se mudarem e nela fixarem suas novas residências. Nessa tarefa recebeu o apoio dos fazendeiros da região norte do Piauí, dos deputados provinciais e do Padre Antônio Mamede de Lima. Este já vinha sentindo a necessidade de ajudar seus fiéis a encontrarem um lugar a salvo das enchentes que periodicamente atingiam a Vila do Poti, trazendo-lhes problemas econômicos e de insalubridade, uma vez que aquela Vila se situava no terraço fluvial formado pela confluência do Rio Poti, no Parnaíba.

A Vila Nova se localizava na sesmaria “Data Covas” entre os rios Parnaíba e Poti, sendo chamado *Chapada do Corisco*, devido à frequência da queda de faíscas elétricas no período chuvoso. A área construída correspondia a 4 léguas quadradas, entre o Largo das Dores (rua Santo Antônio, hoje Olavo Bilac) até o Rio Parnaíba; o Alto da Jurubeba (onde ficava o cemitério antigo e hoje se encontra a Igreja de São Benedito); a Rua da Estrela (hoje Desembargador Freitas) até o rio Parnaíba. Mas a área total do novo município extrapolava o baixo platô entre esses dois rios, correspondendo às terras da Vila do Poti (que se transformara em Teresina) e à uma porção de área desmembrada de Campo Maior.

No período de sua formação, a população de Teresina era constituída por pessoas que vinham da Vila (Velha) do Poty, de Oeiras - a antiga Capital, autoridades e componentes das funções administrativas do executivo, legislativo, judiciário e militares, além de outras vindas das áreas vizinhas, como Campo Maior (PI) e Caxias (MA) [...].

Prossegue o relatório descrevendo como Teresina nasceu:

E, assim, Teresina nasceu como uma bela cidade. Emoldurada por dois grandes rios “que a abraçam” e com formas de relevo que se elevam em topos planos, densas de verde onde muitos pássaros habitavam, dois anos depois de fundada, a cidade já contava com uma população de cerca de 8.000 habitantes. Nesses primeiros tempos, o verde da cidade que era formado pelos pomares particulares, praças e ruas arborizadas, era tão expressivo que chamava a atenção dos visitantes, tendo sido apelidada de “cidade verde” pelo poeta maranhense Coelho Neto, no final do século XIX.

Em volta desse espaço urbano encontrava-se o “subúrbio”, formado pelos sítios e logo após as fazendas. Com a expansão da cidade esses sítios e fazendas foram incorporados à cidade e a ocupação crescente das margens das estradas fez nascer bairros com ruas e avenidas que iniciaram o processo de anomalia ao plano inicial da cidade de ruas paralelas e perpendiculares entre si, passando, com sua evolução, a perder esse traçado regular. Também foram surgindo os primeiros problemas de ocupação em relação à drenagem, pois com a expansão dos serviços de calçamento as lagoas e os vales dos riachos (chamados de “grotas” ou “grotões”) foram sendo pavimentados formando as primeiras “baixas” do relevo do sítio urbano, que entre outras podem ser citadas a “baixa do Chicão” ao sul (hoje Av. José dos Santos e Silva), a “Baixa da Égua” ao norte (atual Praça Landri Sales) e a lagoa da “palha de arroz” (hoje Praça Da Costa e Silva), no centro-sul. A partir da década de 1960, a população foi ocupando as porções mais elevadas dessa Chapada, para o Sul e para o Leste, bem como as porções de relevo mais baixo da zona Norte (Ibdem. p. 5).

De acordo com o texto, o desenho da cidade de Teresina foi “cuidadosamente planejado” para ser “a nova Capital do Piauí, a partir de 1852”. Mas entre os critérios da escolha de seu fundador - o Conselheiro Saraiva, então Presidente da Província do Piauí e seus apoiadores – estava a questão da boa localização definida como um local alto e aprazível, no topo mais regular do planalto que se formava entre as últimas curvas dos rios Parnaíba e Poti, rios que a abraçavam antes do seu encontro, na barra do Poti. Foi assim e ali, banhada e ‘emoldurada’ por dois rios, que nasceu Teresina, uma bela cidade com formas de relevo que se elevam em topos planos, densas de muito verde, onde pássaros habitavam - condição que certamente influenciou Coelho Neto, poeta maranhense, a ‘batiza-la’ de ‘Cidade Verde’ ainda no início do século XX.

A condição geográfica de aspecto ‘mesopotâmico’, fazia com que a cidade de Teresina tenha convivido historicamente com a possibilidade de enchentes, situações esta que ocorrem vez por outra quando nos períodos chuvoso esses rios têm elevado o volume de suas águas. A vulnerabilidade a enchentes em algumas regiões da cidade era favorecida ainda pela grande quantidade de lagoas situadas no sítio urbano da cidade, sobretudo nas proximidades dos leitos naturais destes mesmos rios na região do encontro de suas águas, ocasião em que o Rio

Poti se torna afluente do Rio Parnaíba.

Se a cidade conviveu muitas décadas com os riscos de enchentes por conta da proximidade com esses rios, apesar de mais densos e volumosos, as águas do rio Parnaíba tem oferecido menos riscos de enchentes à cidade desde a década de 1970, quando da inauguração da Barragem de Boa Esperança que, por conta da formação do lago para aquela Hidrelétrica - entre os municípios de Guadalupe e Uruçuí no sul do estado - este tem servido para controlar melhor a vazão e o volume de água do rio. Apesar dessa importante obra, Teresina passou por algumas enchentes alagações a exemplo daquela ocorrida no ano de 1985.

Imagem 23: Enchentes no Rio Parnaíba em 1985 e Alagamento na Avenida Maranhão



Fotos: Valmira Cabral. In: TV Cidade Verde. **Enchente em 1985 alagou a Avenida Maranhão.**

Fonte: **Acervo TV Cidade Verde**. Disponível em <http://cidadeverde.com/enchente-em-1985-alagou-a-avenida-maranhao-veja-fotos-37453>. Acesso em 10 de novembro de 2014.

O Registro fotográfico feito do alto do prédio da Companhia Energética do Piauí (CEPISA), na Avenida Maranhão no Centro de Teresina no ano de 1995, retratou a dimensão das cheias, igualmente demonstrou a vulnerabilidade das avenidas e vias que margeiam o Rio Parnaíba nos períodos de grandes cheias e enchentes comprometendo a urbanidade e mobilidade naquela região da cidade.

Quase sempre, as enchentes do rio Parnaíba na cidade de Teresina, também afetava o rio Poti que tinha suas águas represadas pelo Parnaíba fazendo com seu volume de águas excedesse a capacidade do seu leito natural ocasionando enchentes nas regiões mais baixas da cidade nas proximidades desses rios. No rio Poti as regiões mais críticas são a curva São Paulo, a Alegria e os bairros Mocambinho e Poti Velho.

No caso do rio Parnaíba, toda a região da cidade desde o bairro Saci até o Centro e deste até o Acarape, São Joaquim, Mafrense e Poti Velho na região do ‘Encontro das águas’ dos dois rios, em períodos de grandes enchentes têm parte de suas margens comprometidas pela subida do volume de suas águas.

Visando conter, se não pelo menos diminuir, os impactos das enchentes dos rios Poti e Parnaíba em Teresina, o poder público estadual e municipal fizeram três obras de intervenção hidráulica na cidade. A primeira consistiu na construção do cais do rio Parnaíba na região central da cidade entre o ‘Troca-Troca’ e a Ponte Metálica (ferroviária). Esta obra serviu tanto para conter o avanço das águas na região central da cidade como serviu ainda de cais por onde aportavam embarcações vindas de cidades ribeirinhas tanto lado piauiense como maranhense, sobretudo como local de embarque e desembarque de pessoas que transitavam cotidianamente entre Timon (MA) e Teresina por via fluvial em pequenas embarcações. A segunda obra sobre o rio Parnaíba deu-se mediante a construção da Avenida Boa Esperança na margem direita do rio no sentido sul-norte (norte-sul), entre o Iate Clube e o Bairro Poti Velho. Esta avenida foi construída para servir como dique de contenção das águas do rio evitando que as mesmas avançassem sob as ruas e casas dos bairros ribeirinhos. Ao mesmo tempo, esta obra serviu ainda de importante corredor de trânsito entre as regiões norte da cidade - nos bairros Acarape, São Joaquim, Mafrense e Poti Velho – até a zona sul no bairro Saci, através da Avenida Maranhão (continuação da Boa Esperança na beira rio). A terceira obra diz respeito à construção do dique do Poti Velho, obra de contenção das águas do rio Poti desde o bairro de mesmo nome até a Vila Mocambinho e conjuntos Mocambinho e Santa Sofia nas proximidades da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária – EMBRAPA no bairro Buenos Aires.

Considerando que nos períodos chuvosos tanto o volume de águas dos rios como das lagoas próximos a eles aumentavam bastante, o poder público construiu ainda duas casas de bombas e passagens d’água para bombeamento do volume excedente das lagoas que se formam nos bairros Mafrense e Poti Velho na região das olarias para o rio Parnaíba e outra na vila Mocambinho que bombeia água da lagoa nas proximidades do Hospital do Mocambinho para o rio Poti.

Imagem 24: Estação de Bombeamento das Águas das Lagoas dos Bairros Mafrense e Poti Velho para o Rio Parnaíba



Foto. Casa de Bombas para transferência de águas das lagoas da zona norte para o Rio Parnaíba.
Acervo PMT-SEMPPLAN. Disponível em <http://www.semplan.teresina.pi.gov.br>

A execução dessas obras de contenção do avanço das águas dos rios que ‘cortam’ a cidade serviram, entre outros aspectos, para dar maior segurança aos moradores das regiões ribeirinhas aos rios; para minimizar os problemas de drenagem destas águas com efeitos diretos na melhoria da qualidade de vida dos moradores; para diminuir aspectos insalubres das provocados pelas inundações; serviram para assegurar melhor trânsito de pedestres e veículos; controle de erosões; proteção das propriedades localizadas em áreas sujeitas a inundações; proteção dos logradouros e vias públicas; proteção e preservação dos fundos de vales e os cursos de água; diminuição ou eliminação dos riscos de proliferação de doenças transmissíveis por vetores ou por águas contaminadas nestas áreas.

Nas regiões da cidade onde estas obras foram realizadas, elas serviram, sobretudo, para dar mais segurança à população das áreas ribeirinhas a estes rios ou às suas lagoas desde o centro da cidade até as demais áreas da periferia que estavam vulneráveis pela proximidade da bacia hidrográfica destes dois importantes rios da cidade. Serviram ainda para a melhoria da mobilidade de pessoas e veículos contribuindo para a execução de outras obras de estruturação urbana e habitacional em áreas outrora insalubres e alagadiças da cidade.

Neste aspecto, se por um lado os rios favoreceram o planejamento, transferência e construção da nova capital às suas margens, por outro, à medida que a cidade crescia

acompanhando os seus leitos, os mesmos se transformaram em obstáculos para o desenvolvimento salubre da cidade.

Os rios Poti e Parnaíba são patrimônios naturais da cidade e do teresinense. Deles dependem direto ou indiretamente para o fornecimento de água, na influencia climática, no embelezamento, no lazer ou no fornecimento de alimento às comunidades ribeirinhas a exemplo do Poti Velho, Mafrense, São Joaquim. Economicamente inviável para a navegação comercial por quase toda a segunda metade do século XX, o rio Parnaíba se tornou responsável pelo abastecimento de água para o consumo de quase toda a população teresinense ao longo da existência da cidade ou até mesmo antes de sua criação. Fosse através do transporte de água em cabaças, ancoretas ou mesmo em latas carregadas na cabeça ou em lombos de animais, o teresinense tinha no rio Parnaíba fonte natural de sobrevivência.

Com o advento da modernidade, em decorrência dela teve a criação da Companhia de Águas e Esgotos do Piauí S/A – AGESPISA na década de 1960, empresa fornecedora de água tratada por onde a maioria da população passou a receber água em casa através de modernos reservatórios e tubulações que foram paulatinamente sendo implantados em todos os bairros da cidade. Neste aspecto, vale ressaltar a sempre insuficiência deste serviço, uma vez que a cidade ganhava uma nova área ocupada a cada instante.

Climaticamente, os dois rios que cortam a capital do Piauí exercem função primaria na definição climática de Teresina pela alta umidade que oferecem ao clima quente e úmido na maioria dos meses do ano. Condição que favoreceu a formação de áreas arborizadas em várias regiões da cidade e que lhes fez receber o pseudônimo de “Cidade Verde”, apesar desse ‘título’ ser contestado por estudiosos ambientalista que consideram o número de árvores da cidade muito baixo na sua área urbana.

Durante muitas décadas, os rios da capital fizeram a alegria de muitos moradores de Teresina como área de lazer e diversão, principalmente nos finais de semana. Fosse para pescar ou nadar, as águas desses rios estavam sempre a fazer a alegria de muitos moradores, ainda que histórias de tragédia ligadas a afogamentos e alagações também tenham povoado a memória de muitos teresinenses que perderam familiares, amigos, vizinhos ou que tiveram suas casas alagadas e destruídas. Além dos afogamentos ou enchentes, situação que ocasionava pranto, tristeza e dor, os rios de Teresina ofereciam a sua população momentos de alegria e lazer a exemplo dos banhos, venda de comida e consumo de bebidas alcoólicas nas barraquinhas sazonais nas ‘coroas’ que se formavam nos leitos destes rios nos períodos de

estiagem. Nestas 'praias' sazonais, vez por outra, a embriaguez levava a muitas brigas, bate-bocas e pequenas confusões entre banhistas ou destes com os barraqueiros.

Para aqueles que consideram Teresina uma 'bela cidade', se tornou impossível conceber tal beleza sem atribuir parte dela ao fato da cidade ser banhada por estes dois rios. Fonte de vida para a cidade e para seu morador, estes rios foram responsáveis por muitas das transformações que a cidade sofreu ao longo de décadas. Neles, o banho nas coroas; os passeios ao encontro das águas; o frenético 'vai-e-vem', o 'sobe-e-desce' de pessoas no cais do Parnaíba nas proximidades do da Praça da Bandeira, do Mercado Velho e do 'Troca-troca'; o por do sol nos fins de tarde, momento em que Teresina 'perdia' seu 'impiedoso' sol que era 'engolido' pelo horizonte das terras maranhenses; as pequenas embarcações que 'levavam e traziam' maranhenses e piauienses e vice-versa na umbilicalidade Teresina-Timon.

Fosse nas 'coroas' da 'Prainha' no Rio Parnaíba ou nos banhos de rio no Poti e nas pescarias próximos ao Restaurante Pesqueirinho no Poti Velho, por exemplo, nadar, pescar, negociar peixes, alimentos e bebidas, entre outras práticas, fez parte da história da cidade e marcou igualmente a importância desses dois rios para a cidade de Teresina e seus moradores.

Ao influenciar na organização urbana e espacial da cidade, esses rios acabaram por constituir elemento segregador ou definidor de espaços segregados da cidade criando territórios de alta valorização especulativa imobiliária, mas também definindo áreas pouco valorizadas. Para o primeiro caso influenciou na formação de espaços elitizados como o Bairro Ilhotas e parte da zona leste nos bairros Jóquei, Fátima, Ininga. No segundo caso contribuiu para que áreas alagadiças, íngremes e insalubres da cidade fossem pouco valorizadas no mercado imobiliário da cidade a exemplo dos bairros Mafrense, Poti Velho, São Joaquim nas proximidades do Parnaíba e Buenos Aires, Água Mineral, Risoleta Neves no rio Poti.

As relações de interdependência entre a cidade e seus moradores para com os rios que cortam a cidade eram diversas, dentre elas merecem destaque os pescadores e as lavadeiras. Nela a importância destes rios para a sobrevivência dos pescadores ficou 'imortalizado' na lenda o 'Cabeça de Cuia'. Noé Mendes de Oliveira (1999), no livro *Folclore brasileiro: Piauí*, apresentou a seguinte versão para ela:

[...] É um monstro. Costuma aparecer na superfície da água, nas noites de lua cheia. Uma enorme cujuba (cuia) surge e desaparece, metade do ano no rio Parnaíba e a outra metade no Poti (Teresina fica entre esses dois rios). Dizem, ainda, que ele costuma se incorporar em algum louco que perambula pelas ruas de Teresina. Mas a estória é a seguinte:

Um pescador, chamado Crispim, morava com sua velha mãe viúva na antiga vila do Poti. Certo dia, voltou para casa muito zangado porque não tinha pescado nada. A mãe lhe deu pra comer um pirão de osso. Ele, enraivecido, bate na mãe e quebra-lhe a cabeça com um “corredor” da ossada do pirão. Caída no terreiro, antes de morrer, a mãe lhe joga uma maldição: ‘Serás transformado num monstro, filho ingrato!’ E Crispim desaparece nas águas barrentas do rio [...]. (1999, p. 30).

Neste aspecto, a lenda do pescador Crispim representa não só as dificuldades vividas por estes ‘personagens’ do rio [mães, filhos, pescadores] na luta cotidiana pela sobrevivência, mas igualmente representa uma, dentre várias, relações de identidade da cidade e de alguns de seus moradores com essas duas importantes ‘artérias’ por onde correm parte importante da vida de muitos teresinenses.

A atividade de lavadeira de roupas também aparecia como uma das mais facilmente identificadas nas águas dos rios que cortam Teresina. Apesar de também se tratar de atividade cansativa, não eram poucos os casos de mulheres que se sentiam felizes ao desempenhar esta atividade. As lavadeiras de roupa povoavam as margens dos rios Poti e Parnaíba nas mais diversas regiões da cidade. Com suas trouxas de roupas (sujas ou limpas) na cabeça, ‘desfilavam’ rua abaixo, rua acima, ‘rio-a-baixo, rio-a-riba’. Nas margens dos rios, lavando ou enxaguando, cantavam alegremente. Aqueles momentos também serviam para se atualizarem nas conversas - fuxicos e fofocas - com suas companheiras. Entre uma peça e outra de roupa a ensaboar ou a enxaguar, o assunto preferido era a vida alheia. Outros assuntos povoavam essas conversas a exemplo das receitas de remédios caseiros, receitas de comida, rezas e ‘meizinhas’,²²⁰ eram transmitidas entre elas ao longo das intermináveis jornadas de trabalho de ‘bater a roupa’ da própria família ou da classe média teresinense.

As lavadeiras de roupas faziam alegria de muitos homens, já que muitas, mesmo que já bastante calejadas - maduras da idade, batiam e lavavam roupas com partes íntimas - como peitos e coxas - à amostra. Outras banhavam no rio e suas saias, blusas ou vestidos, embebidos pela água, marcavam a silhueta de seus corpos, bem ou maus trabalhados, deixando-os quase sempre algo em amostra. Isto era o suficiente para que muitos homens

²²⁰ ‘Meizinha’ é um termo popular aplicado, sobretudo no Norte e no Nordeste, para fazer referência a um tipo de remédio caseiro, via de regra, feito mediante mistura de itens retirados das plantas típicas de uma dada região.

ficassem a beira do rio, mesmo que a certa distância, a observarem-nas com suas roupas coladas, buscando o melhor ângulo ou as silhuetas mais extravagantes. Muitas delas, aquelas mais pudicas, mas não só elas, juntavam as partes dianteira e trazeira de suas vestes - saias, anáguas ou vestidos - objetivando se proteger dos olhares mais atrevidos e mal intencionados de descuidistas, pescadores ou algum beberão a flunar nas coroas dos rios.

Considerando que as margens dos rios eram locais de passagem e de vivências cotidianas dos mais diversos atores sociais - trabalhadores como barqueiros, pescadores, canoieiros, carroceiros e estivadores - esses locais também se tornavam locais de paqueras, flertes e assédios a essas mulheres. Muitos eram os maridos que acompanhavam suas esposas a estes espaços, alguns sob a desculpa de ajudar a levar as trouxas de roupa até o lugar da lavagem, temerosos pelo assédio de estranhos e outros por saber que ali era local de ‘presas’ fáceis para homens em busca de prazer e diversão, já que, o ‘can-ta-ro-lá’ das lavadeiras funcionava como uma espécie de instrumento de ‘encanto’ daqueles mais atrevidos. Embaladas pelos movimentos de molhar, esfregar, bater e torcer as roupas, muitas foram as letras de músicas, versos, poemas, canções ou ‘ladainhas’,²²¹ que elas criaram ou popularizaram nas margens dos rios da cidade.

O grupo Ensaio Vocal homenageou essas mulheres que de alguma forma contribuíram para a história de suas famílias e também da cidade ao consagrarem seus rios como território do trabalho, do lazer e do prazer.

²²¹ ‘Ladainhas’, espécie de cantos, preces ou orações dialogadas, em série, com que na igreja (e fora dela) se honra ou se conclama a Deus, à Virgem e aos santos católicos. Forma de oração dialogada, na qual os fiéis se ocupam das respostas. Nela e por ela, nos templos católicos, o sacerdote recita uma frase e os fiéis recitam a seguinte, e assim por diante.

‘Rio Parnaíba’

A chuva bate lá na cabeceira
 Desce o rio e a ribanceira
 E só vai parar no mar, no mar
 Leva, velho monge, vida afora
 O poeta canta as glórias
 E as histórias de um lugar

Meu santo São Gonçalo do Amarante
 Este pregoeiro vem em preces te rogar
 Dá-me o que beber, dá-me o que pescar
 E resta, agora, navegar
 Dá-me o que beber, dá-me o que pescar
 E resta, agora, navegar

Vem nadando ô ô, navegando
 O peixe voa, salta fora da canoa
 Vai lavando ó ó, enxaguando
 Na pedra grande, a lavadeira
 Ganha a vida e ensaboa

Nesses versos vou dizer
 Toda fartura que do nosso Parnaíba vem
 Rio acima tem, rio abaixo dá
 E resta, agora, navegar
 Rio acima tem, rio abaixo dá
 E resta, agora, navegar ²²².

Os compositores exaltavam um Rio Parnaíba que oferecia vida, que dava o que beber e o que pescar, que oferecia às lavadeiras a oportunidade de ganhar a vida, num rio de fartura por onde se podia navegar. Era a exaltação dos rios da cidade e da cidade dos rios.

Segundo Matos (2007, p. 59), seguindo a tradição da tagarelice, da amizade e da camaradagem, peculiar a grupos de lavadeiras à época, por todo o país, nas atividades abeira d’água, “informavam-se sobre os problemas da vizinhança, transmitiam e mantinham as tradições, como receitas, remédios, histórias e rezas”. A beira do rio e em grupos “o trabalho coletivo revigorava vínculos de vizinhança que significavam lazer, solidariedade material e afetiva, mas também controle e regulação das condutas e procedimentos” que garantiam suas sobrevivências e de suas famílias.

A modernidade trouxe consigo o advento tecnológico e este por sua vez, ‘condenou’ a profissão das lavadeiras como meio de vida ao fim nas médias e grandes cidades. À medida que a cidade crescia e se desenvolvia, chegavam novos equipamentos modernizadores *da e na*

²²² ‘Rio Parnaíba’. Composição de Magno Aurélio e Peinha do Cavaco. Musica em homenagem as lavadeiras de roupas do Rio Parnaíba. Disponível em <http://letras.mus.br/ensaio-vocal/rio-parnaiba/> Acessado em 07 de abril de 2015.

cidade. Junto com a chegada da água encanada em alguns bairros da cidade, vieram os chafarizes e as lavanderias coletivas. Por eles, os lavados de roupas nas águas às margens dos rios foram sendo substituídos como lugares de trabalho e lazer, por chafarizes coletivos com espaços tanto para as lavadeiras como para as passadeiras, quase sempre as mesmas pessoas. Um pouco mais avante no tempo, diante do advento e do acesso às máquinas de lavar roupas, essas atividades perderam espaço ou foram sendo substituída por lavanderias - espaços profissionalizados especializados em lavar, secar e passar roupas – ou mesmo pela praticidade de lavar roupas em casa.

As relações entre os moradores, a cidade e os rios de Teresina, historicamente representou um misto de fonte natural de sobrevivência, mas também de lazer e diversão. Comparada à maioria das capitais costeiras, Teresina carregava a ‘sina’ de ‘pobre’ no aspecto diversão e lazer, parte disto devia-se a ausência de praias marítimas, situação que os rios Poti e Parnaíba pareciam apontar solução.

A condição de cidade não costeira, ‘obrigava’ seus moradores a reinventar formas de diversão e de lazer, sobretudo numa cidade que nascera sob o signo do trabalho e da administração. Neste aspecto, constituir novas formas identitárias ligadas ao lazer dos seus moradores, consolidando a cidade como lugar aprazível, bom para se morar, era igualmente necessário. Distanciar-se das concepções de ‘promiscuidade’ que poderia pairar sob a diversão e o lazer - sobretudo aqueles ligados a boemia, a bebedeira, a jogatina e à noite, como formas de sociabilidade - era outra necessidade premente no teresinense. Esse e outros fatores levaram a cidade e seus moradores a comporem novas formas e novos territórios de lazer e diversão, promíscuos ou não.

Embora não tendo praias litorâneas, o morador da cidade aprendeu a se relacionar com a flora, a fauna, o relevo e a hidrografia local, representada prioritariamente nos rios que cortam o seu sítio urbano, os rios Poti e Parnaíba. Economicamente, o pertencimento a determinada classe social era igualmente elemento definidor ou assimilador de determinadas práticas como formas de lazer e diversão.

Enquanto o desenvolvimento industrial e a urbanização com a consequente produção de dejetos e esgotos – domésticos, comerciais e hospitalares - não ameaçaram esses rios pela poluição, os mesmos se constituíram como espaços de lazer para a população em suas praias naturais que se formavam em determinadas épocas do ano. Dia e noite, sobretudo nos finais de semana, dezenas, centenas e até mesmo milhares de pessoas buscavam suas praias para tomar banho, consumir bebidas alcoólicas, praticar esporte - futebol, voleibol - e namorar.

Com o crescimento da produção industrial, sobretudo a partir da criação do parque industrial sul, acrescido do número de esgotos e galerias lançados diretamente no leito desses rios, gradativamente suas 'coroas' ou margens foram deixando de ser buscadas como espaço de lazer.

Se a cidade já era carente de áreas naturais de lazer e nela os rios passaram a tornar-se cada vez menos utilizados por banhistas por conta de dejetos poluentes neles lançados - por conta do baixo atendimento sanitário da cidade - em meados da década de 1990, a margem do rio Parnaíba que se estende desde o Iate Clube (área central da cidade) até a ponte da Tabuleta nas proximidades do bairro Saci foi tomada por dezenas de lavadores de carro e motos, atividade bastante agressiva ao rio já que lançava direto no leito do rio, poluentes químicos como sabão, detergente, óleo, graxa e derivados, implicando graves questões ambientais no bioma que envolve este rio e as áreas afetadas.

As relações conflituosas, as tensões que envolvem os diversos atores sociais da cidade estiveram fortemente colocadas nesta questão do uso da beira do rio como lugar de lavar carros e do desempenho de uma atividade econômica, pois, embora fosse uma importante atividade geradora de emprego e renda para muitas famílias de teresinenses e timonenses, igualmente contribuía para degradar ambientalmente o espaço e o rio de onde eles próprios tiravam o seu sustento.

Nos tempos em que as beiras de rio de Teresina eram 'visitados' como territórios de lazer e diversão, eram as praias sazonais que se formavam nas margens dos rios Poti e Parnaíba os locais onde se montavam barracas para a venda de bebidas e comida. Nesses espaços, a população permanecia por várias horas bebendo, comendo, banhando, praticando esporte até o anoitecer. Com o cair da noite, muitos casais aproveitavam a 'penumbra' da noite para a troca de carícias mais acaloradas e quem sabe uma transa.

Imagem 25: Grupos de Amigos e Familiares em Manhãs de Lazer nas Coroas dos Rios de Teresina



Foto: **Amparo Fontenelle** e amigos na Coroa do Rio Parnaíba na década de 1970.
 Fonte: **Acervo TV Cidade Verde**. Disponível em <http://www.cidadeverde.com/teresina160anos/>. Acessado em 14 de novembro de 2014.

Além das barracas que eram construídas nas praias naturais que se formavam nas proximidades do centro administrativo, local onde se vendia comida e bebidas, foram construídos ainda dezenas de quiosques, bares e churrascaria na Avenida Maranhão, local que ficou conhecido como ‘Prainha’. Durante décadas, parte da população da cidade frequentava aquela parte da beira do rio Parnaíba no lado teresinense, como importante espaço de lazer.

Imagem 26: Banhistas nas ‘Coroas’ do Rio Parnaíba na Região da ‘Prainha’



Foto: Banhistas nas coroas do rio Parnaíba na “Prainha”. Ao fundo o prédio do Centro Administrativo. Na segunda imagem, banhistas sob a sombra de uma barraca. Disponível em <https://pt-br.facebook.com/teresinameuamor>. Acessado em 12 de fevereiro de 2015.

As margens dos rios da cidade, a exemplo do que ocorria na Avenida Maranhão, também se transformaram em importantes territórios de lazer e diversão ‘visitados’ por teresinenses e visitantes. Durante a década de 1980, a região da ‘Prainha’ foi a ‘praia’ fluvial do teresinense e dela muitas recordações saudosistas ou não ajudaram a constituir aquele espaço como um dos muitos ‘Lugares de memória’ da cidade.

A “Prainha”, foi durante anos o local encontrado pelo teresinense para frequentar a orla do rio Parnaíba como local de lazer e diversão, fosse se refrescando nos banhos de rios, fosse para consumir bebidas e comidas oferecidas nos comércios da região, uma vez que nem sempre foi muito fácil ou mesmo acessíveis os passeios até o litoral piauiense em Luiz Correia, sobretudo no aspecto distancia já que o litoral piauiense está a mais de 330 km da capital ou mesmo no aspecto econômico, visto que passeios ao litoral tinham custos bem mais elevados do que os banhos de rio na própria capital.

Imagem 27: Banhista e Quiosques da Prainha do Rio Parnaíba em Teresina na década de 1980.



Foto: Acervo Fundac. Quiosques da Prainha na década de 1980

As festas com música ao vivo, o consumo de bebidas alcoólicas, os namoricos, a prostituição, a jogatina e até o uso de drogas representaram formas de lazer e diversão para muitos que buscavam aquela área da cidade.

Imagem 28: Quiosques e Bares da Prainha do Rio Parnaíba em Teresina na década de 1980.



Foto: Alcide Filho - Acervo **FUNDAC**: Bares da “Prainha” na década de 1980. Antiga área de Lazer na Avenida Maranhão à beira do Rio Parnaíba

Outra forma de lazer e diversão bastante comum para o teresinense eram as excursões em ônibus realizadas em bairros das mais diferentes regiões da cidade para levar banhistas para a cidade de Luiz Correia no litoral piauiense. Por estas excursões milhares de teresinenses nos finais de semana, sobretudo nos meses de julho a novembro pegavam a estrada com destino ao litoral. Destino igualmente buscado nas férias nos meses de julho, dezembro, janeiro e no período de carnaval, só que geralmente por famílias mais abastadas, a considerar os períodos de temporada no litoral piauiense, ainda que as mesmas pudessem ser ‘visitadas’ por todas as classes sociais.

Com o fim dos bares e churrascarias da “Prainha” e com a baixa procura da Paissandu como lugar de prazer e diversão (diurna e noturna), a prostituição, a jogatina, o consumo de bebida alcoólica e outras formas de diversão realizadas nestas regiões da cidade passaram por transformações. Entre elas podia-se citar o aumento do número de motéis, locais para a prática sexual que aos poucos foi sendo incorporado como locais frequentemente e habitualmente utilizados por jovens e adultos ‘sedentos de amor pra dar’. As boates e danceterias, além de bares e churrascarias em diversas regiões da cidade foram sendo incorporados como novos espaços de lazer e diversão. Na década de 1990, os shoppings da cidade se transformaram em locais para onde convergiam centenas de jovens e adultos para passear, conversar, se alimentar, ver cinema e fazer compras. Neste aspecto, as novas formas

de lazer e diversão fizeram surgir novos e variados locais para estas práticas, uns mais, outros menos sofisticados, mais todos unidos pelo símbolo do lazer em uma cidade não praiana – o hábito do consumo de bebida alcoólica. Teresina e seus rios, estes rios e Teresina, uma relação de interdependência infinita.

(In)Conclusões

[...] Teresina surgiu do ideário progressista de um grupo de políticos liderados por Jose Antônio Saraiva, que acreditavam ser este espaço favorável à comunicação e à criação de alternativas capazes de solucionar os problemas da vida moderna do homem piauiense (RAUJO, 1997, p. 43).

Antes de qualquer análise, a citação de Araújo (1997) nos levava a um questionamento sobre Teresina enquanto cidade criada para ser a nova capital do Piauí, mas também sobre a mesma como nosso objeto de estudo buscando observá-la a partir das ‘memórias afetivas’ e das ‘tensões entre tradição e modernidade no seu processo de modernizador entre 1970-2000’, condição que nos remete à tentativa de buscar compreender: Que ‘alternativas’ modernizantes a cidade poderia ser capaz de apresentar como ‘solução’ aos ‘problemas da vida moderna do homem piauiense’?

Antes mesmo de apontar elementos que nos ajude a melhor refletir esta questão de forma elucidativa, se faz necessário associar a invenção do projeto de uma Teresina moderna à nossa tese, condição que se equipara à concepção de modernidade encontrada no pensamento de Habermas (2002). Primeiro aspecto: Teresina, desde a sua origem foi pensada para ser uma Cidade moderna; segundo, sua invenção e realização buscava atender demandas que Oeiras não conseguia mais dar conta, mesmo que esta justificativa fosse real ou mesmo mera invenção discursiva daqueles adeptos do malogro da velha capital e da emergência de um novo projeto; terceiro aspecto, Teresina e seus moradores precisariam incorporar o discurso modernizante como ‘eterno’, sempre renovado e se renovando; e por fim, o quarto e mais importante aspecto e pela capacidade de fundir todos eles num só, Teresina acabava se enquadrando exatamente na concepção do projeto da modernidade pensado por Habermas (2002), o de cidade como um projeto sempre inacabado, buscado a todo instante, ‘eterno’, sempre incompleto. A quem entendia a modernidade como o próprio mundo racionalizado da economia capitalista, do Estado burocrático moderno, das ‘esferas de valor’ da ciência, arte e moral.

Desta concepção de modernidade como fenômeno em eterno movimento, o próprio Habermas (2002) sugeriu outra interpretação de modernidade apresentada a partir de uma mudança de paradigma: da ação instrumental para a ação comunicativa, da subjetividade para

a intersubjetividade, da razão monológica para a razão dialógica, buscando-se através da ação orientada para a compreensão, as soluções para as ‘patologias da humanidade’.

Os escritos a seguir compreendem um misto de reflexões que buscam não só responder à questão anteriormente levantada, mas igualmente ‘captar’ nas fontes pesquisadas as mudanças urbanísticas e culturais no movimento de modernização da cidade, as ‘memórias afetivas de Teresina’ que nos ajudaram a caracterizar e a descrever tal fenômeno nas décadas finais do século XX, mesmo que, vez por outra, percorrendo outros contextos de sua historicidade.

Na construção de uma História da Cidade de Teresina, embora sabendo dos riscos e das armadilhas que eventuais lacunas possam ocasionar, buscamos apontar de forma elucidativa, se não, pelo menos, sensitiva, as experiências de homens e mulheres, velhos, jovens ou crianças, boêmios, *Voyeur's*, *Flaneur's* ou trabalhadores, teresinense ou migrante, destacando desde os burburinhos ou mesmo a calma do interior das casas até a sonoridade das ruas, dos bares e botecos, da serenata, do som dos automóveis, dos apitos e buzinas das máquinas maravilhosas da modernidade: os automóveis.

As ‘alternativas’ modernizantes da cidade apresentadas como capazes de solucionar os problemas da vida moderna do homem piauiense, especialmente o teresinense, vieram acompanhadas das transformações que a concepção de cidade capitalista impôs a Teresina, entre elas as de ordem interna – a vontade de Jose Antônio Saraiva, Presidente da Província do Piauí; o declínio da economia pecuarista da província; a incapacidade da elite política Oeirense de oferecer alternativas econômicas e administrativas viáveis para a Província e para Oeiras; o isolamento geográfico de Oeiras em relação a outras importantes cidades da Província e do Nordeste; as dificuldades de acesso à sede provincial desde o norte em São Jose da Parnaíba, e externas - a pujança econômica da rota de comércio que colocava a cidade de Caxias (MA) como importante rota de comércio do ‘Meio Norte’; a possibilidade de explorar o Rio Parnaíba como rota de comércio e de transporte de pessoas e mercadorias; a localização da Vila do Poti, situada às margens do Rio Parnaíba, interligando dezenas de cidades ribeirinhas do Piauí e do Maranhão, entre outros motivos, pesaram para a decadência política da antiga capital e conseqüentemente para o fortalecimento da ideia de transferência e construção da nova capital do Piauí - Teresina.

A mudança da capital provincial foi fundamental para a uma nova fase da história social, cultural, política e econômica do Piauí, pois, significou não só a possibilidade de ‘oxigenação’ da vida econômica e da vida administrativa da província, mas a inserção da

mesma no ideário novecentista de ‘progresso’, de ‘desenvolvimento’ e de ‘modernização’ da nova capital (SANTANA, 1995; NUNES, 2007), ideário este que atravessou séculos, passando a compor um eterno desejo a realizar da cidade e de seus moradores.

As ‘alternativas’ modernizantes da cidade capazes de solucionar os anseios da vida moderna dos teresinenses vieram igualmente através de obras e intervenções na arquitetura e no tecido urbano da cidade, obras estas planejadas e executadas tanto pelo poder público como pela iniciativa privada como vistas a transformar Teresina num lugar mais aprazível, mais harmônico, num lugar tranquilo e pitoresco para se morar, trabalhar ou mesmo ‘passar’.

O projeto de modernização de Teresina para se locupletar era igualmente necessário que se estendesse aos seus moradores, a quem hábitos, costumes e práticas consideradas modernas deveriam ‘incorporar’ em substituição a hábitos considerados rústicos, grosseiros, atrasados. Neste aspecto, práticas ligadas à educação formal, a higiene, a ternura e a gentileza, além de sentimentos de vergonha, de repugnância, de limpeza, de delicadeza, de desagrado e medo passaram a compor formas de viver e de se relacionar na cidade. (ARAUJO, 1997; ELIAS, 1994).

No eterno movimento de transformações da cidade, mudanças estas consubstanciadas nas novas construções, nas reformas e até mesmo demolições, as paisagens da cidade e o movimento que os moradores empreenderam sobre ela também foram buscados registrar. As transformações registradas na arquitetura das casas e edifícios, no conflito da paisagem urbana e seus monumentos, desvendando o movimento da ‘teia’ de relações, tensões e disputas, representações diversas, envolvidas e materializadas no movimento de reconstrução da cidade a cada instante pelos seus moradores, fazendo da cidade um lugar melhor de se morar (MATOS, 2007), buscamos registrar.

Teresina, cidade espaço do ecletismo e das tensões fruto da sua essência de concepção ‘babélica’, mas também, dos seus diferentes atores históricos. Ainda que ela tenha sido pensada como cidade autônoma, independente e projetada para desempenhar um papel/função que Oeiras não conseguiu realizar, sua historicidade e modernização estiveram associadas a experiências vivenciadas por outras cidades brasileiras, sobretudo algumas capitais tanto do Sudeste como do próprio Nordeste.

Diferentemente de São Paulo que vivenciou seus anos dourados na década de 1950 (MATOS, 2007), Teresina teve a partir da década de 1970 a emergência de um acelerado processo de urbanização e de modernização no contato com outros estados e cidades tanto

pelas rodovias como pela telefonia, radiofonia e televisão, ampliando a sua demanda de consumo na “onda” dos grandes centros a exemplo de Salvador, Recife e São Paulo. Estiveram à frente deste projeto, aspectos ligados à estética, a funcionalidade, a higiene e a mobilidade da cidade, está última estimulada pela a indústria automobilística que transformou o carro em um dos signos desta modernização.

Ainda que o automóvel tenha aparecido por todo o século XX como um dos símbolos da modernidade, foi por consequência dele que as cidades brasileiras passaram por grandes mudanças na sua estrutura urbana. Para harmonizar a convivência entre transeuntes e automóveis as cidade tiveram seus sítios urbanos profundamente alterados, situação essa que atingiu também a concepção mais elementar de função/papel da cidade - ‘a de grande morada dos homens’ (REZENDE, 1992) ou a de ser um ‘empório de estilos’ (CASTELO BRANCO, 2006).

Considerando a ‘vocação’ de cidade moderna, condição que fez de Teresina ‘espaço-tempo da mutação’ e de variadas transformações urbanas e sociais na segunda metade do século XX, as representações do urbano na cidade acabaram sendo marcadas por elementos que ‘circulavam’ entre tradição, modernidade, subversão e identidades plurais, notadamente percebidas por um lado pela cidade objetiva, concreta e por outro, pela cidade subjetiva existente nas representações de cidade que cada morador internaliza de Teresina.

Como diversas vezes afirmadas ao longo do texto, a segunda metade do século XX foi marcado por mudanças que alteraram bastante o espaço urbano Brasileiro. Mudanças estas causa-efeito dos desdobramentos do advento da sociedade industrial que fez emergir, a partir da Europa, o modelo de cidade capitalista baseada na produção e no consumo, sociedade essa que se apresentou como modelo para o resto do mundo, chegando ao Brasil pela cidade do Rio de Janeiro e logo ganhando eco em outros grandes centros como São Paulo, Salvador e Recife ainda no início do século XX, mas que se fortaleceu sobremaneira na segunda metade deste mesmo século.

Os desdobramentos da resistência potencializadas na década de 1960 deixaram um legado para próximas décadas contaminando comportamentos e ações, mas também definindo as transformações da cidade e as mudanças nos hábitos e costumes cotidianos do morador de Teresina.

No campo das mudanças materiais, a cidade visível, a cidade concreta, a cidade objetiva pululava urbanisticamente e arquitetonicamente. Obras e intervenções públicas e

privadas se espalham pela cidade igualmente fazendo a cidade se espalhar, derramando sobre suas próprias franjas, novas periferias, novos espaços que passavam a rapidamente compor o perímetro urbano da cidade. A face mais visível deste aspecto podia ser exemplificada nos conjuntos habitacionais, nas vilas e favelas, nas novas ruas e avenidas, mas também, na própria organização de espaços ordenados dentro da ótica da cidade capitalista a exemplo do Parque Industrial Sul.

No campo das mudanças não materiais, a cidade invisível, a cidade movimento, a cidade subjetiva aparecia explicitada nas mudanças de hábitos e costumes, na busca do *modus* de vida civilizado, intelectualizado, higienista, estetizante, moral, ético ou mesmo na simples valorização do aspecto artístico e cultural.

Considerando estas duas concepções de modernização da cidade de Teresina, fenômeno que se consolidou nas três últimas décadas do século XX, momento de profusão do processo de estreitamento entre o local e o global, ou seja, no aguçamento das relações entre Teresina e o mundo (e vice versa), fosse sob o prisma da cidade capitalista, vitimada por um sistema racionalizado e automatizado de produção e consumo de massa de bens materiais, fosse pelo prisma da produção de novos signos e imagens que transformaram a cidade num ‘empório de estilos’.

Paralelo a uma análise mais macro, sobretudo aquela que busca apresentar à luz do objeto, as obras, as transformações urbanísticas e arquitetônicas de viés modernizante da cidade, buscou-se realizar uma análise ‘micro analítica’ objetivando evidenciar as mudanças de hábitos dos moradores da *urbe* em decorrência da assimilação das representações do moderno no dia a dia do morador de Teresina. Ou seja, pelo elemento micro buscou-se evidenciar as práticas sociais compreendidas como modernas no terreno movediço da modernização de Teresina.

Observar e analisar a cidade a partir de uma visão aérea, cartesianamente falando, nos permitia mapear e traçar as linhas que nos ajudava a perceber a mudança, a transformação, o crescimento, o desenvolvimento, a evolução e até mesmo a involução, esta última visível na periferia extirpada para fora dos domínios da cidade moderna. Mas, analisar a cidade e o cotidiano de seus moradores, dentro ou fora da tradição, embebida ou não nos ‘orvalhos’ da modernidade, nos forçava a caminhar na cidade por suas ‘artérias’ – as avenidas, ‘veias’ – as ruas e ‘vasos capilares’ – as vielas.

A cidade que buscamos descrever era um espaço/tempo das representações, com seus

signos e expressões auto definidora e caracterizadora, que a colocavam dentro de uma ‘lógica’ histórica onde se consolidavam as ‘mascaras/linguagens’ que davam identidade ou ‘cara’ a ela própria. Buscamos nas mais diversas fontes, levantar aspectos da cidade, sua cultura, suas tramas implícitas ou explicitadas no cotidiano do seu morador.

Nesta trajetória, a ‘ânsia’ de analisar fragmentos de história e de memória de Teresina, nos impunha dificuldades inumeráveis por que exigia ‘viajar’ à luz da história, buscando compor elementos tanto de ordem teórica como metodológica, tanto empírica como fictícia, tanto real como impreciso, tanto objetivo como subjetivo, tanto iconográficos com hemerográficos, tanto narrativos como descritivos, o que exigia da análise um campo de possibilidade igualmente imprevisíveis, incertos, inimaginável, porém, possível.

Foi esta a sensação que tivemos, pois, quanto mais buscávamos saber e descrever uma Teresina que não existe mais, mais nos deparávamos com uma Teresina que existia sim, sempre única enquanto capital, porém, sempre plural, diversa porque se manifestava polissêmica a cada nova fonte, a cada foto, a cada novo documento, a cada morador, a cada visitante, a cada narrador fosse ele jornalista, cronista, político, profissional liberal, engenheiro, arquiteto, morador de rua, transeunte, etc.

Enraizamentos, identidades por um lado. Desterritorialização, diversidade por outro. Cidade lugar de possibilidades, de estabilidade, mas também de instabilidade. Na cidade de muitas cidades têm-se casas, palacetes e mansões onde se vive confortavelmente. Igualmente vive-se em belos e confortáveis apartamentos de torres de arranha-céus. No entanto, nesta mesma cidade, tem também as moradias e vidas do improvisado, do lugar provisório, da vulnerabilidade e da adversidade. Lugares de escassez e do expurgo e exclusão. Ainda assim, vive-se a nostalgia da vida na cidade como local de refúgio e de solidariedade, como lugar bom de morar e de se viver, sendo a moradia dos ‘homens’ e sinônimo de estabilidade e de pertencimento, como empório de estilos configurou-se como a utopia de todos e a realidade de alguns poucos, sobretudo quando dela emergia sua ‘condição’ de cidade capitalista.

Aos que não tiveram a realidade da moradia digna realizada, restou a vida na rua ou em favelas e vilas. Nestes espaços, a moradia estava condicionada a casebres, taperas, barracas, palhoças ou choupanas, locais onde abrigar-se parecia um desafio constante, porém a ‘última’ alternativa de cidade, da ‘cidade selva’. Neste aspecto, os conjuntos habitacionais residenciais ou prediais modificaram substancialmente as condições de habitação de milhares de teresinense nas quatro últimas décadas do século passado.

As cidades são unidades de convivências coletivas que se constituem das múltiplas tramas urbanas forjadas nas ações de repressão e liberdade, reivindicação e doação, inclusão e exclusão, ingresso e expurgo, autonomia e dependência, liberdade e tutela, em fim, tramas, dramas, tensões, conflitos, ajustes, concessões.

Nela, contrapondo-se a sua tradição solidária, coletiva, civilizada e civilizadora, práticas egoístas, individuais, ‘inurbanas’ e arrogantes fazem da *urbe*, espaço de constantes e múltiplas transformações. Nela convivem ora harmônica, ora conflituosamente, interesses, desejos, sonhos, utopias, ordenamento, desordem. Era ela inda lugar de paz, sossego, alegria, amor, encontros, lembranças, privilégios, mas era igualmente, lugar de atritos, agitação, tristezas, dissabores, desencontros, esquecimento, isenção. Se local da tradição e de enraizamentos, nela também se arrancam pessoas outrora estabelecidas e lhes impõem mudanças não planejadas, não esperadas, não aceitas. Extirpar, desenraizar, desarraigar, contrariar, contrapor, impor, sujeitar, causar conflitos, provocar tensões, igualmente constituem movimentos de ordenamentos, organização, construção de formas de sociabilidades que, se divergentes ou convergentes, fazem da cidade, espaço de constantes transformações e movimentos. Cidade, lugar plural e ao mesmo tempo singular. Cidades, espaços feitos por monumentos e obeliscos físicos, mas também lugar de monumentos imateriais - lugares de memórias. Experimente ouvir alguém falar mal de sua cidade - da cidade que você nasceu, vivi, viveu, escolheu ou foi escolhido para morar.

O que esta mesmo por traz da expressão “eu sou teresinense”? Que carga de significados esta expressão podia carregar? O que fazia com que as pessoas gostassem de determinadas cidades? Porque gostamos de Teresina? Quais as imagens positivas que carregamos das cidades que gostamos? Sabemos que reflexões opostas podem ser postas para expressar porque não gostamos de uma cidade, porém, não é nosso foco neste estudo.

As transformações - construção/reconstrução - pelas quais passavam as cidades, para além de descaracterizá-las, ainda que isso ocorresse, serviam exatamente para mostrar o quanto elas não eram estáticas, estanques, finitas. Nela coexistia a tradição e culturas emergentes, o tradicional e o moderno, o novo e o velho, o arcaico e o contemporâneo.

Quantos lugares, práticas, pessoas, monumentos nos remete imediatamente a Teresina? Penso que, sem expressar ordem de importância, o ‘Troca-Troca’; o ‘Mercado Velho’; as Praças Marechal Deodoro da Fonseca ou Praça da Bandeira; Landri Sales ou Praça do Liceu, João Luiz Ferreira; Praça Demostenes Avelino ou Praça do Fripsa; Praça Saraiva; Da Costa e Silva ou Praça da CEPISA; Pedro II, que os colégios Sagrado Coração de Jesus o Colégio da

Irmãs; Colégio São Francisco Sales ou Diocesano; Escola Zacarias de Góes ou Liceu Piauiense; Instituto de Educação Antonino Freire o Escola Normal; a UFPI; a UESPI, que as avenidas Frei Serafim; Miguel Rosa; Marechal Castelo Branco; Barão de Gurguéia; Kenedy, Nossa Senhora de Fátima; Boa Esperança; Maranhão; Duque de Caxias, que o Hospital Getúlio Vargas e a maternidade Dona Evangelina Rosa, o Estádio Albertão e o Lindolfo Monteiro, o verdão, a Estação Ferroviária, entre tantos outros lugares/monumentos nos remetam nos façam lembrar imediatamente de Teresina.

Igualmente penso que frequentar estes locais, ir ao ‘Troca-Troca’ ao Mercado Velho comprar algo ou apenas olhar seus fluxos contínuos de pessoas, suas variedades de produtos, seus vendedores, seus compradores, seus sons, seus cheiros sejam elementos construtores de identidade única.

Penso ainda que passear ou simplesmente passar pelas praças de Teresina com seus atores sociais, pessoas com diferentes interesses, locais com funções ou papéis diferentes para a cidade: praça ponto de encontro, praça espaço de comércio, praça religiosa, praça festeira, praça cultura, praça musicalidade, ajudam a compor sentimentos de gosto, de zelo, de apego pela cidade de Teresina.

Estudar, apreciar a arquitetura, conviver com quem estudou, reconhecer o legado dos colégios de educação básica, públicos e privados; da educação técnica e tecnológica; da normalistas, dos(as) graduandos(as) das universidades e faculdades eram também práticas e ações que nos remete a uma Teresina saudosista, interessante, importante, única, porém plural.

Andar pelas avenidas, ruas e passeis a trabalho ou simplesmente a flunar também nos ajude a compor uma imagem idílica da cidade. Imagino que ter ido a uma partida de futebol, um clássico local ou jogo das grandes equipes de futebol do país no Estádio Albertão ou no pacato Lindolfo Monteiro nos finais de semana à tarde ou mesmo a noite tenha sido uma experiência única e que tenha feito criar vínculos com a cidade.

Quantas alegrias, mas também quantas tristezas marcam a história de vida de muitos teresinenses, piauienses, brasileiros que passaram pelos leitos do HGV e da Maternidade Dona Evangelina Rosa como visitas e como pacientes? Quantas pessoas que ajudaram a construir a história de Teresina e de muitas outras pessoas nasceram ou morreram nestes locais?

Passar, passear, utilizar a Estação Ferroviária, o Centro artesanal, o Museu do Piauí, o Terminal Rodoviário, o Centro Administrativo, o Rio Parnaíba ou Poti, entre tantos outros

lugares e monumentos de memória que nos remetia e nos fazia lembrar saudosamente de Teresina. Apesar de obras físicas e dos monumentos físicos se constituírem como importantes Lugares de memória, nem só de obeliscos, torres ou arcos vivem as cidades. Práticas, hábitos, costumes são igualmente ‘patrimônios’ da cidade e de seus moradores.

O Teatro 4 de setembro, o Cine Rex, o Clube dos Diários, o Bar Carnaúba, o Voley Bar; o Nós & Elis; a Feirinha da Praça Saraiva, o Carnaval de rua ou os desfiles das Escolas de Samba ou mesmo os passeios aos shoppings, são patrimônios da cidade porque fizeram parte do cotidiano da cidade e igualmente porque são ‘Lugares de memória’. São monumentos de memórias da cidade que nos remetem a uma Teresina única.

Embora carreguem as marcas da perpetuidade dos administradores que os ergueram, carregam igualmente memórias peculiares, diferenciadas, multifacetadas, daqueles que tinham nessas construções mais do que monumentos concretos - de cimento armado, tinha-os como signos de memória da cidade.

Matos (2007, p. 164) assim se expressou para falar da cidade como lugar de múltiplas possibilidades: “As cidades não são só caracterizadas e identificadas pelos seus ícones; possuem outras memórias peculiares, diferenciadas e multifacetadas, como múltiplos sons, diferentes vozes, idiomas, sotaques e canções que se constituem enquanto ‘paisagens sonoras’”.

As cidades - médias e grandes - são “coisas” que não sabemos bem onde vão parar. A cidadezinha pacata e calma de outrora, rapidamente era ‘consumida’ por processos de modificação, construção, reconstrução, reforma, transformação que acaba produzindo uma nova cidade a cada momento do interior da cidade tradição.

A Teresina tranquila e pitoresca das conversas de calçada nos fins de tarde, na sombra das árvores; a cidade de crianças a brincar em ruas, quintais e campinhos de várzea; a cidade dos animais soltos pela rua; a Teresina dos passeios e namoros de mãos dadas nas ruas, praças e parques; a cidade da pesca, da navegação, do banho nas coroas dos rios Poti e Parnaíba; a cidade dos passeios de bicicleta ou a cavalo; a cidade dos padeiros e dos leiteiros fazendo entregas pela manhã cedinho ou nos finais de tarde, outrora de bicicletas cargueiras, depois de motocicletas; a cidade da compra ‘fiado’ nas quitandas e bodegas do bairro anotadas em cadernetas; a cidade das vizinhas ou comadres conversando, fofocando, fuxicando nas calçadas ou pelas portas e janelas nos quintais; a cidade das reuniões de amigos ao redor das bancas de baralho ou dominó; a cidade da molecada passeando com suas gaiolas a baladeiras

à procura de passarinhos como ‘bigodes’, ‘papa-capins’, ‘pipiras’, ‘sabias’, ‘galo de campina’, ‘rolinhas’; a cidade das feiras dos finais de semana; a cidade dos quintais repletos de porcos, galinhas, patos; a cidade dos quintais repletos de roçados plantados com feijão, milho, mandioca, abobora e dos canteiros de cebolinha, cheiro verde e pimenta; a cidade da solidariedade onde vizinhos pediam ou emprestavam entre si gêneros alimentício como arroz, óleo, feijão, açúcar, café, sal, entre outros, era cada vez mais difícil de ser vista, de ser encontrada, de ser praticada.

Estas cidades mencionadas que não vemos mais ou que temos dificuldade de encontrar²²³ deram lugar a outras cidades e a outras práticas de seus moradores. As bicicletas e os animais como meios de transportes deram lugar aos automóveis - carros, caminhões, ônibus, motocicletas; as quitandas, as ‘bodegas’, as ‘banquinhas’ de comércio deram lugar aos grandes supermercados com suas lojas cada vez maiores e cada vez mais diversificadas, onde se vende de tudo, desde alimentos até móveis eletroeletrônicos; os quintais cercados com arame ou talos de palmeiras deram lugar a imensos muros com grandes portões de metal, cercas elétricas, sistemas de vigilância eletrônica com câmeras que auxiliam o olho humano; os recados de ligações telefônicas aos vizinhos deram lugar universalização do telefone fixo e depois o móvel; a carta, o telegrama, o fax como meio de comunicação deram lugar a formas ‘online’ de comunicação - por telefone fixo e móvel [celular] ou por internet; os avisos e mensagens transmitidos pelo rádio perderam ‘vez e voz’ com o advento e universalização da telefonia; as compras nas quitandas feitas no ‘fiado’, anotadas em cadernetas, deram lugar ao ‘cheque pré-datado’ e ao cartão de crédito; em síntese, as práticas cidadinas de outrora, estão constantemente dando lugar a novas práticas, práticas sempre modernas necessárias para acompanhar os processos de mudanças da *urbe*; as cidades de outrora, estão constantemente dando lugar a novas cidades, às cidades modernas, modernização, fenômeno sempre inacabado.

Nela, há sempre uma cidade que está acabando ou que já acabou, igualmente há nela sempre práticas que estão acabando ou que já acabaram, mas, simultaneamente, nela surge a todo instante novas cidades, novas práticas, novos sons, ruídos, cheiros, odores, dores, sofrimentos, tristezas, alegrias, amores, experiências, dificuldades, caminhos a serem percorridos por seus habitantes. Cidade, lugar que enquanto nela existir habitante, visitante,

²²³ Cidades que não existem mais (ou que estão em processo de desaparecimento) enquanto práticas de seus moradores, mas que existe como cidades monumentos de memórias - local de praticas e costumes, de lembranças, de tradição e cultura.

morador, sempre se reinventará, sempre se renovará, sempre se modernizará. Até em ruínas, a cidade está em constante transformação, sempre se renovando, ainda que em direção a inexistência e existência: *'inexistência'* física talvez, porém, *'existência'* em memória eterna. Cidade, lugar de sentimentos, sensações, sentidos, sensibilidades, testemunhos e emoções.

A cidade é o lugar do efêmero. A cidade é feita não por monumentos, mas por homens e mulheres que, quando querem, dão significado aos monumentos físicos e abstratos. Nela coexistem vários sujeitos e várias cidades numa só cidade.

Na cidade de Teresina encontramos vários tipos, várias pessoas, vários personagens com sotaques e misturas cujas matrizes são também diversas e resultam dos vários grupos de pessoas que migraram dos mais diferentes lugares do estado ou mesmo do país, vindos do campo ou de outras cidades, movidas pela multiplicidade de magnetismos inerentes à capital do Estado: polo atrativo administrativo, econômico, educacional, cultural e de saúde, entre tantos outros. Estes diversos tipos de sujeitos são forjados nos traços culturais que carregam dos seus locais de origem, somados aos valores locais. Isto resulta em entonações, falas, sotaques, misturas, trejeitos observáveis nas diferentes regiões da cidade. Estas diferenças e estes vários tipos de sujeitos ajudam a compor as várias cidades dentro de uma só Teresina. Eram estes tipos *'pretéritos'*, de diversos personagens e de diferentes sotaques que faziam de Teresina uma cidade em eterna mudança, mudança essa sempre buscada tendo como parâmetro e utopia o *'moderno'*, o *'progresso'*, o *'desenvolvimento'*, o *'novo'*, ainda que feito da tradição, do residual, do arcaico, do antigo, do *'velho'*.

A cidade que em algumas regiões parece apresentar certa homogeneidade social, fosse dentro dos belos condomínios - verticais ou horizontais - ou nas belas e espaçosas mansões, parece esconder ou não querer reconhecer sua face miserável, presentes nas paisagens periféricas da cidade, desde os lixões até os morros ou áreas alagadiças ocupadas por sujeitos sociais sedentos de desejo de inclusão, de participação, de cidadania, historicamente negada.

Dentro da Teresina, capital, *Pólis* regional, polo magnético de várias demandas, convivem harmônicas e ao mesmo tempo conflituosamente várias *'Teresinas'*. Presentes na sua paisagem urbana, composta de arranjos e desarranjos, convivem ou conflitam cotidianamente sujeitos que só querem ser *'felizes'*.

Casas de pau-a-pique, com goteiras pelo teto, quase sempre coberta de palha de palmeiras típicas da região, sem água potável, ruas sem pavimentação, banho tomado de cuia, mosquitos por todos os lados, até bem pouco tempo - anos 30 e 40 do século XX - sob a

ameaça constante do fogo, caracterizavam e ao mesmo tempo contrastavam com uma Teresina que se pretendia moderna, auspiciosa. As casas cobertas de palha quase não existem mais, salvaguardadas as vezes que nascem mais uma vila ou mais uma favela *da e na* cidade.

Ainda assim, convive nela formas de comportamento ou práticas sociais pouco amistosas e indesejadas como o preconceito (étnico, social, religioso e de gênero), a desigualdade, a fome, o desemprego ou subemprego, a criminalidade, a violência, a corrupção e muita, muita esperança de ascensão social.

Por outro lado, a cidade dos arranha-céus, de palacetes e mansões contrasta com uma Teresina 'plana, alagadiça, quase subterrânea e obscura, onde a luta pela sobrevivência era crucial, era cotidiana e ininterrupta. Tudo isto contrasta com a propalada Teresina do futuro, do progresso, do desenvolvimento, do trabalho e de gente trabalhadora - vistos por toda parte. Na prática, estas contradições podem mais facilmente ser percebidas diariamente nas páginas policiais dos jornais escritos, falados e televisados. Mas também aparecem nas estatísticas e nos relatórios anuais dos órgãos e instituições públicas e privados responsáveis por esses mapeamentos ou por combater esses problemas.

O cotidiano urbano de Teresina era composto por enredos e tramas que envolvem amor e paixão versus traição e sedução; tragédia versus e comédia, aventuras e desventuras amorosas. Problemas sociais que estão além da pobreza como um dos polos de sua face cruel. Nela têm-se ainda os despejos e seus choros de lamento, os atropelamentos e os 'vácuos' familiares. Nela, lares se formam e lares são desfeitos na velocidade do tempo lazer, do tempo prazer, do tempo paixão e do tempo caixão.

Em Teresina convivem, tencionados ou harmonicamente, excessos e privações, abundância e escassez, fartura e miséria, riqueza e pobreza, inclusão e exclusão, emprego e desemprego. Contraditórios ou antagônicos, eles se 'complementam' e fazem a Teresina que temos, mas que necessariamente não era a Teresina que queremos. Uma Teresina de muitos personagens, de muitas linguagens, de muitos jeitos de falar, dramas que envolviam ricos e pobres e que quase sempre escondiam a dura realidade do cotidiano da cidade, mas que ainda assim, fazia-se merecedora do amor de seus moradores.

Atitudes afetuosas, ações defensoras, práticas enaltecidas da cidade estão presentes no dia a dia do seu morador e são mais visivelmente perceptíveis no esforço e no trabalho de se manter, mas também de construir a cidade. Podia ainda ser vista naqueles que narravam a cidade em poemas e contos líricos ou ainda naqueles que cantam a cidade em músicas e

melodias paradisíacas. Tanto num como noutra, a Teresina descrita ou cantada aparecia como uma cidade encantadora, acolhedora e irradiante, ‘quente’ mais ‘pitoresca e acolhedora’.

Na composição do Maestro Aurélio Mel, na música “Teresina”, a descrição de uma cidade lírica, encantadora, romântica, expressa um bom exemplo das paixões declaradas de muitos moradores da cidade com o local onde vivem.

“Teresina”

Você me deixa **tonto, zozzo**
 Quase como **louco de encantamento**
 Eu desanoiteço no seu todo de mulher
No verde dos seus olhos de menina
 Seu **olhar de querubina** faz o sol me esquentar
 E quando é noite a lua nina Teresina
 Que desatina até o sol raiar

De manhã, eu olho pra Timom
 E sinto o gosto bom do Parnaíba desaguar
 Então eu **choro transbordantemente**
 Que alegre enchente no meu coração
 São dois rios lindos com as águas claras
 Desse Parnaíba que não volta mais
 Apenas olho minha Teresina
 Como quem delira na beira do cais

Ai, troca, quem troca destroca
Minha Teresina não troco jamais
 No troca-troca, quem troca destroca
 Minha Teresina não troco jamais

(Grifos nosso).

Na música, a cidade não só encanta o compositor (e porque não dizer, seu morador) pelo ‘*verde dos seus olhos de menina*’, mas deixa-o um tanto quanto ‘*tonto, zozzo*’, embriagado’ de amor pela cidade. Cidade que, com ‘*seu olhar de querubina*’ fazia ‘*o sol me esquentar*’, traduzia a ideia de cidade ‘calorosa’, quente, porém, angelical, que fazia chorar ‘*transbordantemente*’ um coração cheio de alegria. Na composição, mas também no dia a dia daqueles que vivem nela, a cidade de Teresina torna-se espaço de identidade tão forte para seu morador a ponto deste não trocá-la ‘*jamais*’ por outra cidade ou por outro lugar.

Na maioria das músicas, dos poemas, das crônicas que descrevem a cidade, o aspecto da exaltação, da consagração das condições físicas, econômicas, sociais e políticas da cidade são evidenciados ainda que, contraditoriamente, problemas de ordens diversas saltem aos olhos tanto dos moradores como dos visitantes. Enaltecer a cidade era preciso em curto prazo,

corrigir seus problemas era algo que podia ser feito mais lentamente, no dia a dia, no trabalho de seus moradores. Os adjetivos lançados sobre a cidade acabavam repercutindo em seus moradores, assim, portanto, fazia-se necessário enaltecê-la como forma de enaltecer-se.

Cantar a cidade exaltando-a explicitava o orgulho do pertencimento à mesma, ao ponto em que explicitava o que havia de melhor, de belo do lugar e das pessoas. Exaltar o grandioso, o progresso, o desenvolvimento, o crescimento da cidade, era exaltar as qualidades dela e do seu povo. No entanto, nem tudo na cidade era esplendoroso e este por sua vez era ocultado ou explicitado, dependendo das circunstâncias e dos interesses nele envolvidos. Assim como enaltecer fazia parte da ‘trama’ que levava à demonstração das ‘qualidades’ da *urbe*, ocultar problemas, por exemplo, igualmente, escondia o indesejável, favorecendo a visibilidade daquilo que havia de positivo da cidade. Os ocultamentos dos problemas fazem parte das ‘tramas’ da exaltação, “mas os silêncios e ocultamentos acumulam energias, emoções complexas e profundas, invisíveis, mais carregadas de significados” (MATOS, 2007, p. 84), que não deixavam calar os moradores diante do indesejável - vez por outra ocultado, diante da necessidade de defender, zelar pela cidade.

O orgulho de ser teresinense - de viver na cidade verde, de morar na capital do estado - espécie de ‘ufanismo’ representado pelo morador da cidade, muitas vezes acabava por ocultar as questões mais prementes e urgentes – os problemas cotidianos da cidade e do seu morador - problemas estes enfrentados cotidianamente no intenso processo de ‘metropolização’ da *urbe* e da própria ‘batalha’ diária pela sobrevivência.

As transformações urbanas sejam elas demográficas, arquitetônicas, urbanísticas, viárias, sócias, culturais, habitacionais e econômicas produziam impactos diretos no modo de vida do morador da cidade, colocando-os constantemente diante de equipamentos e serviços novos, típicos da *urbe*, num momento em que a tradição rural (agrícola, campesina) fazia resistência às mudanças, condição que provocava perplexidade em muitos dos moradores da cidade, solapando destes, memórias saudosistas de uma Teresina metamórfica que se apagavam a cada amanhecer de um novo dia.

Teresina e uma parte de seus moradores tentavam resistir às mudanças que chegavam em ritmo assustador, mas seu estigma modernizante atuava na tradição imprimindo-lhes novos sentidos, novos significados, novas práticas. A cidade mesmo na resistência não conseguia fazer força suficiente para suportar o ‘empório de estilos’ que a ela e aos seus moradores eram imputados cotidianamente. Práticas rotineiras ligadas à tradição cotidiana do trabalho, por exemplo, eram atravessadas por flanâncias e por estilos de vida boêmios. Se para

uns a preocupação com sobrevivência era a rotina, para outros, a ausência dela possibilitava experimentos até outrora incompatíveis com a tradição da cidade²²⁴.

Novas práticas e novas concepções de mundo e de homem ‘atravessavam’ comportamentos centrados na tradição rural ou cristã e desafiavam o patriarcalismo urbano sustentado na permissão ou proibição de comportamentos e práticas sociais definidas na instituição familiar. A condição moderna, imposta ao cidadão teresinense, possibilitava agora, mesmo que à revelia da família ou da tradição, que parcela da juventude piauiense experimentasse novas práticas artísticas, musicais, filmográficas, etc. Novos ambientes culturais informativos e intelectuais passavam a compor não só a estrutura da urbe, mais as práticas de muitos dos seus atores sociais. Fosse pela busca da graduação, condição que imprimia ao portador de curso superior diferenciação e certo *status* social, fosse pelo gosto musical, literário, teatral e até mesmo religioso, o experimento de novas formas de pensar, agir e vivenciar a cidade marcou o cotidiano do teresinense desde o alvorecer dos anos de 1970.

Pela TV, pelo cinema, pela musicalidade, pelas revistas e jornais, pelas ‘ondas’ do rádio, o novo ‘contaminava’ práticas e imprimia novos comportamentos, novas concepções de mundo, de lazer, de trabalho, em síntese, de novas formas de vida na capital piauiense. Esses experimentos ‘inéditos’ ou ‘mutantes’ exigiam dos seus novos adeptos ou simpatizantes ‘táticas’ que possibilitassem seu usufruto tanto de *juvenes* como de *senes*, ou seja, tanto de jovens quanto de adultos.

Os ‘ventos’ do Festival de Woodstock e do Movimento Hippie produziam algum legado já no início da década de 1970 em Teresina e por ele novas influências musicais, de gênero, de moda, de estilo de vida, de sexualidade e de consumo passaram a compor o imaginário e as práticas de jovens e adultos que procuravam externalizá-las de forma mais ‘libertina’, ainda que sob o ‘olhar desconfiado’ da família, da sociedade e de tradicionais instituições como a igreja, as forças de segurança e a escola. O uso de brincos, tatuagens, cabelos longos, tamancos pelos jovens rapazes eram vistos simultaneamente como liberdade para uns, mais como transgressão para outros. Se o consumo de bebidas alcoólicas, cigarros ou mesmo entorpecentes como maconha era sinal de liberdade, porque eram carregados de signos ‘modernos’, para outros essas práticas agrediam a tradição e os bons costumes. Situação que se repetia com a iniciação sexual precoce, sobretudo feminina, vista como um

²²⁴ Nas médias e grandes cidades o binômio trabalho-boemia circunstanciava a polissemia da *urbe* no aspecto sobrevivência ou ponto que quebrava o paradigma ‘é o trabalho que dignifica o homem’.

afronte à família, à igreja e a sociedade. Era o choque modernidade e tradição definindo os novos códigos, novas práticas, novas forma de ver, viver e sentir a cidade.

Os cerceamentos de certas liberdades de pensamento e de expressão não eram tão-somente ação do estado ditatorial, eram também da sociedade, que sustentadas em tradições e costumes, sobretudo, cristãos, viam com ‘maus olhos’ essas novidades tidas como libertinas, desviantes ou errantes e seus praticantes ou adeptos eram muitas vezes vistos ou como ‘inimigos do estado’ ou como ‘inimigos da família’. A ideologia do Estado repressor ou da tradição religiosa ‘escolhia’ e ‘construía’ seus próprios ‘inimigos’ como forma de justificar suas ações, seus interesses, suas práticas, sua existência. Os Atos Institucionais, a Teologia da Libertação, o Anticomunismo, o uso das forças de segurança, entre outras, foram algumas ferramentas de tentativa de manutenção da tradição e do combate às práticas consideradas desviantes, elementos vigorosamente vivenciados no Brasil e em Teresina ate pelo menos fins dos anos de 1980.

Se por um lado a resistência social se dava, ainda que em número reduzido, pela conformação e adoção de práticas desviantes a exemplo das flanâncias ou práticas desviantes, por outro, a resistência era igualmente consolidada na política, na música, no cinema, na literatura, na poesia, entre outras formas, a ponto das mudanças irem se instalando mesmo que à luz da resignação e da resistência institucionalizada do Estado e da Igreja. Os desdobramentos políticos, jurídicos, ideológicos, econômicos e sociais da década de 1980, representaram bem esse espaço-tempo metamórfico tanto em Teresina como em todo o país e abriram espaço para os anos de 1990 como *locus* de vivencias e experiências renovadas, buscadas legitimar e se consolidar nos ‘ventos da modernidade’, condição alimentada pela ‘utopia republicana’, democrática e constitucional que ‘pelejava’ para varrer e extirpar da sociedade brasileira as ‘cicatrices’ ainda abertas da experiência ditatorial.

A concepção de estado e de economia executados a qualquer custo pelos militares ao longo de duas décadas (1970-80), se por um lado proporcionou perdas de poderes políticos e civis, por outro e ao mesmo tempo contraditoriamente, possibilitou conquistas sociais, sobretudo aumentando o poder de compra das camadas médias da sociedade, assim como também executando políticas de melhoramentos urbanos a exemplo da politica habitacional, da universalização da educação básica em nível fundamental e da descentralização das Universidades outrora situadas nas regiões Sul e Sudeste, levando-as aos rincões do Norte, Nordeste e Centro-oeste do Brasil.

As décadas finais do século XX ampliou sem fronteiras, o processo de globalização

econômica, cultural, tecnológica, informacional, fenômeno que potencializou a intensificação nesse período de mudanças materiais e imateriais em todo o mundo, ainda que essas mudanças tenham ocorrido de forma mais substancial nas economias e países capitalistas mais desenvolvidos. No cerne dessas mudanças, concepções temporais e espaciais implodiram, descentrando os sujeitos, solapando a natureza e fragmentando a paisagem cultural.

Concepções de masculino e feminino relativos à sexualidade não só foram revistas ou revisitadas, como impuseram socialmente a existência de novas concepções de gênero, fazendo implodir a heterogenia como modelo. A tradição religiosa cristã católica, hegemônica desde a colonização, passou a sofrer concorrência e discordância interna fazendo surgir por todo o país, novas crenças, novas religiões, inclusive não cristãs. O ‘caldo cultural’ demoliu a concepção clássica de arte e esta teve seu grau de ressonância ampliado, chegando inclusive ao ‘subterrâneo’ de grupos e de espaços outrora marginalizados, excluídos. Novas manifestações artísticas desafiam a concepção clássica de arte e nela, corpo, imagem, estética, plástica, mentalidade, sonoridade, apresentam-se como ‘lugares’ de vanguarda artística.

Nela, o projeto de modernidade, originariamente ocidental de origens diversas - Renascimento, Reforma Protestante, Revoluções Burguesas: Revoluções Industriais e Revolução Francesa - porém, sempre inacabado, sustentado na racionalidade técnica de viés mercantil-capitalista de produção e de consumo com vistas a (re)criar bens, produtos e serviços que possibilitassem ‘melhor qualidade de vida’ a ‘determinados’ grupos sociais, mas que se expandiu, tornou-se hegemônico por quase todo o mundo.

Neste contexto, Teresina, a cidade que já nasceu sob o ‘signo’ do progresso, do Desenvolvimento e da modernidade continuava a manter sua ‘sina’, a de ser eternamente moderna, mesmo que para isto, seus atores sociais ou mesmo seus gestores públicos ‘incorporassem’ e ‘replicassem’ a todo instante, para além das práticas, um discurso de modernidade sempre a atingir.

O processo de modernização *da e na* cidade de Teresina, movimento igualmente inacabado que ‘contaminou’ o ideário de parte da população teresinense se manifestava numa ‘eterna’ tentativa de construção de uma cidade mais bela - esteticamente; mais funcional - higiênica, urbanística e economicamente e mais harmônica - cordial, hospitaleira, acolhedora com seus cidadãos, constitui-se como fenômeno que ao tentar se consolidar, encontrava tanto apoio de alas renovadas, como encontrava ‘resistência’ de forças da tradição. Essa resistência, de certa forma, levava a cidade a vivenciar tensões e conflitos em seus atores sociais ou

instituições, numa ‘eterna dialética’ da modernização, elemento que transformou Teresina, historicamente, palco de ‘rupturas’ e ‘permanências’ *do e no* seu ‘movimento’ de modernização, movimento que se agudizou nas décadas finais do século XX, ‘causa-efeito’ de maior autonomia técnica e econômica e cultural tanto da iniciativa privada como do poder público.

Estes esforços reflexivos e analíticos demonstraram e descreveram como o fenômeno da Urbanização da cidade produziu conflitos, tensões, mas ao mesmo tempo conseguiu ‘impor’ novas práticas, novos hábitos e novos costumes no teresinense, processo que implicou igualmente a superação de hábitos considerados superados, atrasados e deselegantes. Em síntese, o ‘novo’ apresenta-se como o maior desafio para a cidade de Teresina, pois, nele reside ou não a resistência e a sobrevivência das forças da tradição da cidade.

Referencias e Bibliografias

ABREU, Irlane Gonçalves de. **O crescimento da zona leste de Teresina.** Um caso de Segregação? 1983. Dissertação: Mestrado em Geografia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.

ADAD, Shara Jane Holanda Costa. **O Rio Parnaíba:** um olhar sobre a história de sua navegabilidade. Monografia: Especialização em História do Piauí. s/d.

ALMEIDA, Gelson Rozentino. **História de uma década quase perdida:** 1979-1989. Tese de Doutorado em História, Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2000.

ARAÚJO, Cristina Cunha de. **Trilhas e Estradas:** a formação dos bairros Fátima e Jóquey Clube (1960-1980). Dissertação: Mestrado em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2009.

ARAÚJO, Maria Mafalda Baldoíno de. **Cotidiano e Pobreza:** a magia da sobrevivência em Teresina (1877-1914). Teresina: FCMC, 1995.

_____: Imagens de Teresina no século XIX. In: **Revista Espaço-Tempo.** Vol. I, Nº IV. Editora Gráfica da UFPI: Teresina, 1996.

BARBOSA, Edison Gayoso Castelo Branco. **O Rio Parnaíba:** contribuição à história de sua navegação. Teresina, Projeto Petrônio Portella, 1986;

BARROS, José D' Assunção. **Cidade e História.** Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **O Campo da História.** 3ª edição. Petrópolis: Vozes, 2004.

BAUDELAIRE, Charles. **Sobre a Modernidade:** o pintor da vida moderna. São Paulo: Paz e Terra, 2007.

BENÉVOLO, Leonardo. **História da Cidade.** São Paulo. Perspectiva S.A. 1993.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo.** Tradução José Martins Barbosa; Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense (Obras escolhidas), 2000.

BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar:** a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BHABHA, Homi. **O Local da Cultura.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

BLOCH, Adolpho. **Cinquenta Anos em Cinco.** 3º volume de meu caminho para Brasília. Rio de Janeiro: 1978.

BONFIM, W. L.; SANTOS JÚNIOR, R. B. Formação Política. In **PIAUI:** Formação, Desenvolvimento, Perspectivas. R. N. Monteiro de Santana. (Org.). Teresina: Halley, 1995.

BORGES, Jóina Freitas. **A História Negada: Em Busca de Novos Caminhos**. Teresina: FUNDAPI, 2004.

BRANDÃO, Wilson de Andrade. **História da independência no Piauí**. Teresina: FUNDAPI, 2006.

BRAZ E SILVA, Ângela Martins Napoleão. Planejamento e fundação da primeira cidade no Brasil Império. **Cadernos PROARQ18** (p. 215-236). Disponível em: http://www.proarq.fau.ufrj.br/revista/public/docs/Proarq18_Planejamento_AngelaSilva.pdf. Acessado em 28 de maio de 2014.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. Metrôpoles: As Faces do Monstro Urbano (A Cidades no Século XIX). In: **Revista Brasileira de História**. São Paulo, ANPUH/Editora Marco Zero, 1985, v. 5, nº 8/9, p. 36-40.

_____. Lógica e dissonância. Sociedade de trabalho: lei, ciência e resistência operária. **Revista Brasileira de História** - ANPUH/Marco Zero, n. 11.

_____. 1992b. Permanência e ruptura no estudo das cidades. **Cidade & História**, FAU-UFBA. 1992b.

_____. As sete portas da cidade. **Espaço & Debates**, São Paulo, Neru, n. 34. 1992c

_____. **Cidade e História**. In: OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.). **Cidade: História e Desafios**. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2002, p.17-35.

_____. O literato, o cronista e o urbanista. Imagens de São Paulo nos anos 1910-1920. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy (org.). **Escrita, Linguagem, Objetos: Leituras de História Cultural**. Bauru, SP: EDUSC, 2004, p. 115-145.

BRITO, Anísio. **A Independência do Piauí**. Teresina, 1931

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo: Edusp, 2003.

CARDOSO, Ciro Flamarion. **América pré-colombiana**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

CARLOS, Ana Fani A. **Espaço-tempo na Metrópole: a fragmentação da vida cotidiana**. São Paulo: Contexto, 2001.

CARLOS, Ana Fani A. **O Espaço Urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: Contexto. 2001.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil. O longo Caminho**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação**. São Paulo: Paz e Terra, 1999, 3v.

CASTELO BRANCO, Edwar de A. **Todos os dias de Paupéria**: Torquato Neto e a invenção da Tropicália. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. A cidade que me guarda: um estudo histórico sobre “Tristeresina”, a cidade subjetiva de Torquato Neto. In: Fênix - **Revista de História e Estudos Culturais**. Janeiro/ Fevereiro/ Março de 2006 Vol. 3, Ano III, nº 1.

_____. Táticas caminhanças: cinema marginal e flâncias juvenis pela cidade. In: **Revista Brasileira de História**. Dossiê "Cidades". São Paulo, ANPUH, v. 27, n 53, jan-jul 2007, p. 177-194.

_____. Tristeresina, um lugar triste e lindo, capaz de nos ensinar que as cidades existem em sua forma invisível. In: VASCONCELOS, José Gerardo; ADAD, Shara Jane Holanda Costa (Orgs.). **Coisas de cidade**. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho. Desejos, Tramas e Impasses da Modernização. (Teresina 1900-1930) In: **Scientia et Spes**: revista do Instituto Camilo Filho, ICF. Teresina, v. 1, n.2, 2002.

_____. Progresso: máquina de criar desejo e espanto. In: **Revista Espaço-Tempo**. Vol. I, Nº IV. Editora Gráfica da UFPI: Teresina, 1996.

CASTILHO, Denis. **Os Sentidos da Modernização**. B.goiano.geogr. Goiânia, v. 30, n. 2, p. 125-140, jul./dez. 2010. Disponível em <http://www.revistas.ufg.br/index.php/bgg>. Acessado em 10 de janeiro de 2014.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1**: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. **A invenção do cotidiano 2**: morar e cozinhar. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

CHARLOT, Monica; MARX, Roland. **Londres, 1851-1901**: a era vitoriana ou triunfo das desigualdades, Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1993.

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa; Rio de Janeiro: Difel; Bertrand do Brasil, 1990.

CHAVES, Joaquim. **Como Nasceu Teresina**. 2º ed. Teresina: PMT/Fundação Cultural, 1987.

_____. **O Piauí nas lutas pela independência do Brasil**. Teresina: Alínea Publicações Editora, 2005.

_____. **Obra completa**. 2ª edição. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves - FCMC, 2005.

CLARCK, David. **Introdução a Geografia Urbana**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

CLARK, Antônio Castelo Branco. **O Rio Parnaíba**: Grandeza e decadência. Almanaque da Parnaíba. 49ª ed. ANO XLVI, 1969.

CORRÊA, Roberto Lobato. **A Rede Urbana**. 2ª Edição. São Paulo. Ática. 1994.

_____: **O Espaço urbano**. 4ª edição. Editora Ática. São Paulo: 2002.

_____: **Região e Organização Espacial**. 4ª Edição. São Paulo: Ática, 1991.

COSTA, Renato Sérgio Soares. **Riscos socioambientais e ocupação irregular em áreas de enchentes nos Bairros: Olarias, Poti Velho, Alto Alegre, São Francisco e Mocambinho - Teresina (PI)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. Rio Claro – SP, 2010.

CRISANTO, Nelimária de Macedo Silveira. **A Política Habitacional para a população de baixa renda em Teresina**. Monografia de Especialização em Educação de Direitos Humanos. Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2002.

DA MATTA, Roberto. **Carnaval, malandros e heróis**. 5. Ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1983.

_____. **O que faz o Brasil, Brasil?** 5. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

_____. **A casa e a Rua**. Rio de Janeiro, Guanabara Koogan. 1991.

DE DECCA, Edgar Salvadori. **O Nascimento das Fábricas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar 1990.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias do cotidiano**. São Paulo: Contexto, 2001.

DIAS, Cid de Castro. **Piauí Projetos Estruturantes**. Teresina: Alínea publicações, 2006.

DOBAL, H. **O Tempo Consequente**. Teresina: Corisco, 1998.

_____. **Obra Completa II: Prosa**. 2ª edição. Teresina: Plug, 2007.

DOMINGOS NETO, Manoel. Reflexão em torno da estagnação de Parnaíba. In: **Almanaque da Parnaíba**, 1982, n. 59.

DURKHEIM, Emile. **A Educação Moral**. Petrópolis: Vozes, 2008

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: uma história dos costumes**. Vol. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

EUGENIO, Arnaldo. A Bruxa Má de Teresina: Um estudo do estigma sobre a Vila Irmã Dulce como um lugar violento (1998-2005). In: **Surveillance in Latin America**. Vigilância, Segurança e Controle Social'. PUCPR. Curitiba, 2009. Disponível em: www2.pucpr.br/sssccla/papers/SessaoH_A14_443-453.pdf. Acessado em 7 de agosto de 2015

FAÇANHA, Antônio Cardoso. **A evolução urbana de Teresina: agentes, processos e formas espaciais da cidade**. Universidade Federal de Pernambuco (Dissertação do Mestrado em Geografia), Recife, 1998.

- FEITOSA, Sônia Maria Ribeiro. **Alterações Climáticas em Teresina (PI) decorrentes da Urbanização e Supressão de Áreas Verdes**. Teresina, 2010. Dissertação de Mestrado. Programa Regional de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente (PRODEMA/UFPI/TROPEN), Universidade Federal do Piauí (UFPI).
- FERNANDES, Ana; GOMES, Marco Aurélio. **Cidade e história: modernização das cidades brasileiras nos séculos XIX e XX**. Salvador: FAU/UFBA, 1992.
- FERREIRA, Antônio Celso. Literatura: a fonte fecunda. In.: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011.
- FIDIÉ, João José da Cunha. **Vária fortuna de um soldado português**. Teresina, FUNDAPI, 2006.
- FIRME, Denise Penna. **Projeto vila-bairro: estudo de caso em Teresina-Piauí (versão condensada)**. Rio de Janeiro: IBAM, 2002. Disponível em http://www.innovacionlocal.org/files/e_vilabairro_port.pdf. Acessado em 14 de julho de 2014.
- FONTINELIS, Cláudia Cristina da Silva. Reminiscências de um tempo de euforia. ANPUH-XXV **Simpósio Nacional de História**. Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1345.pdf>
- FREIRE, Pedro Augusto. **Teresina e o Futuro**. Jornal O Estado: Teresina-PI, 27 de maio de 1980.
- FREITAG, Bárbara. **Habermas e a Teoria da Modernidade**. Cad. CRH. Salvador, nº 22. jan/jun. 1995, p.138-163. Disponível em: www.cadernocrh.ufba.br/include/getdoc.php?id=1423&article=326. Acessado em 11 de novembro de 2014.
- FREITAS, Clodoaldo. **História de Teresina**. Teresina: FCMC, 1988.
- FREUD, Sigmund. (1930). **O mal estar da civilização**. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. 21. Imago: Rio de Janeiro, s/d.
- FURTADO, Celso. **O mito do desenvolvimento econômico**. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.
- GALVÃO, Demétrios Gomes. **A Fabricação de Teresinas: subjetividades e imagens fotográficas na experiência teresinense do Salão Municipal de Fotografias (1995-2005)**. Dissertação do Mestrado em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.
- GANDARA, Gercinair Silvério. **Rio Parnaíba...** Cidades-Beira. 2008. Tese (Doutorado em História). Brasília: UnB, 2008;
- _____. **Teresina: a Capital sonhada do Brasil Oitocentista**. In: História (São Paulo) v.30, n.1, p.90-113, jan/jun, São Paulo, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/his/v30n1/v30n1a05.pdf>. Acessado em 23 de julho de 2015.
- _____. **URUAÇU: Uma Cidade-Beira**. Uma Cidade-Fronteira. (1910-1960). Goiânia. Programa de Pós-Graduação em História da UFG, 2002. Dissertação de Mestrado.

- GEERTZ, C. **Interpretação da cultura**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1989.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.
- _____. Teoria da modernização e sua crítica. In: GIDDENS, Antony. **Sociologia**: uma breve porém crítica introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1984. p. 111-119.
- GOMES, Paulo César da Costa. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- HABERMAS, Jürgen - **The theory of the communicative action**: reason and the rationalization of society (V. I). Boston: Beacon Press, 1996.
- _____. **O discurso filosófico da modernidade**: doze lições. São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- HALBWACKS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 9. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.
- HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- HOBSBAWM, Eric. **O novo século**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (Orgs.). Introdução. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984, p. 9-23.
- HOLANDA, S. B. **Raízes do Brasil. Rio de Janeiro**: J. Olympio, 1973.
- IANNI, O. **Enigmas da modernidade**: Mundo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000
- IBIAPINA, João Nonon de Moura Fontes. **Palha de arroz**. Teresina: oficina da palavra, 2007.
- JACOBS, Jane. **Morte e vida de grandes cidades**. Tradução Carlos S. Mendes Rosa; Revisão da Tradução Maria Estela Heider Cavalheiro; revisão técnica Cheila Aparecida Gomes Bailão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- JENKINS, Keith. **A História Repensada**. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- KURZ, Robert. **O colapso da modernização**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 185-207.
- LAGO, L. C; RIBEIRO, L. C. Q. A casa própria em tempo de crise. In: **A crise da moradia nas grandes cidades**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.
- LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- LE FEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana**. Editora da UFMG: Belo Horizonte, 1999.
- LE GOFF, J. (Org.). **A Nova História**. São Paulo: Martins Fontes, 1990a.

LE GOFF, J. **História e Memória**. 2ª ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

_____. **Por amor às cidades**. São Paulo: UNESP, 2001b

_____; NORA, P. (Org.). **História**: Novos Problemas, Novas Abordagens, Novos Objetos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988. v. 3.

_____. **História e memória**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1994.

LIMA, Antônia jesuíta de. **Favela COHEBE**: uma história de luta por habitação popular. Teresina: EDUFPI, 1996.

_____; XIMENESNETO, Edmundo. **Movimentos Sociais e Governo Local no processo de gestão da moradia**: o caso do município de Teresina, capital do Piauí. VI Congresso Português de Sociologia: Mundos Sociais, saberes e práticas. Universidade de Lisboa. Lisboa, 2008.

_____. **As multifaces da pobreza**: formas de vida e representações simbólicas dos pobres urbanos. Teresina: Halley, 2003.

LIMA, Francisca Lidiane de Sousa. **Rupturas, permanências e vivências cotidianas**: o bairro Mafuá de 1970 a 1990. Dissertação do Mestrado em História da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.

LIMA, G. P. (Org.). **Atlas da exclusão social do Piauí**: a herança deixada. Teresina: Fundação CEPRO, 2003.

LIMA, Iracilde Maria de Moura Fé (Et. Al.). **Teresina Tempo e Espaço**. Teresina: 1997.

_____. Teresina: urbanização e meio ambiente. IN: **Scientia. Scientia et Spes**: Revista do Instituto Camilo Filho, Teresina: ICF, v. 1, n.º 2, 2002.

LIMA, José Júlio. **Vila-Bairro**: habitação, infraestrutura e erradicação da pobreza em vilas e favelas, Teresina-PI. Rio de Janeiro: IBAM/CEF, 2002. Disponível em http://downloads.caixa.gov.br/_arquivos/melhorespraticas/manual_portugues/PDF. Acessado em 14 de julho de 2014.

LIMA, Marconis Fernandes. **Cidade da Boa Esperança**: Memórias da construção da usina hidrelétrica em Guadalupe-Piauí. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2007.

LIMA, Paulo Henrique Gomes de. **Promoção Imobiliária em Teresina/PI**: uma análise do desenvolvimento da produção privada de habitações – 1984/1999. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2001.

LINCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fortes, 1997.

LISBOA, Severina Sarah. Os fatores determinantes dos novos movimentos migratórios. **Revista Ponto de Vista** – Vol.5, p. 83-96. Disponível em <http://www.coluni.ufv.br/revista/docs/volume05/fatoresDeterminantes.pdf>

MARQUES, Adhemar; BERUTTI, Flávio; FARIA, Ricardo. **Mentalidades e cotidiano.** História moderna através de textos. 10. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

MARTINS, Agenor de S. et al. **Piauí:** evolução, realidade e desenvolvimento. 3ª edição. Teresina: Fundação CEPRO, 2003.

MARTINS, Edilberto. **Guia Turístico de Teresina 1959.** Teresina: Gráfica do IBGE, 1959.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **A Cidade, a Noite e o Cronista:** São Paulo e Adoniram Barbosa. Bauru, SP; EDUSC, 2007.

_____: **Cotidiano e Cultura, História Cidade e Trabalho.** Bauru, SP: EDUSC, 2002.

_____; SOLLER, Maria Angélica (Orgs.). **A cidade em debate.** 3. ed. São Paulo: Olho d'Água, 2002.

MEDEIROS, Hermano Carvalho. **Acordes na Cidade:** Teresina e música popular nos anos 1980. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História do Brasil (UFPI), Teresina, 2013.

MELO, Claudio. Duas Capitais. In: **Piauí:** Formação. Desenvolvimento. Perspectivas. R. N. Monteiro de Santana. (Org.). Teresina: Halley, 1995.

MELO, Constance de Carvalho Correia Jacob. Desenvolvimento Urbano e Regional de Teresina, Piauí, Brasil e sua importância no atual quadro de influência na rede urbana regional no Brasil. In: **Cabo Verde, Redes e Desenvolvimento Regional.** I Congresso Regional de Desenvolvimento Urbano de Cabo Verde. Disponível em: <http://www.apdr.pt/congresso/2009/pdf>. Acessado em 26 de abril de 2014.

MENDES, Felipe. Formação econômica. IN: **Piauí:** formação, desenvolvimento, perspectivas. R. N. Monteiro de Santana (Org.). Teresina: Halley, 1995, p. 55-81

MENDONÇA, Sonia Regina de; FONTES, Virgínia Maria. **História do Brasil Recente.** 1964 – 1992. 4ª Edição. Editora Ática: Rio de Janeiro, 1996.

MERRINGTON, Jonh. A cidade e o campo na transição para o capitalismo. In: SWEEZY, Paul; DOOB, Maurice, et al. **A Transição do feudalismo para o Capitalismo.** Tradução de Isabel Didonnet. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MONTE, Regianny Lima. **A cidade esquecida:** (res) sentimentos e representações dos pobres em Teresina na década de 1970. (Dissertação de Mestrado) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

_____. **Teresina sob os anos de chumbo:** as interfaces de uma modernização autoritária e excludente. (Monografia de História) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2007.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História oral e Memória:** A cultura popular revisada. São Paulo: Contexto, 1997.

MUMFORD, Levis. **A Cultura das Cidades.** Trad. Neil R. da Silva, Ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1961.

_____. **A Cidade na História**. Ed. Itatiaia: Belo Horizonte, 1992.

NASCIMENTO NETO, Jose Ribeiro do. **Terror da Macaúba**: História e memória da construção lendária do “Negão da Macaúba”. Teresina-PI [1945-1987]. Teresina, 2012. Disponível em www.encontro2012.historiaoral.org.br/ARQUIVO_Terror-da-macauba. Acessado em 7 de agosto de 2015.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do. **A cidade sob o fogo**: modernização e violência policial em Teresina (1937-1945). Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2002.

_____. As Comemorações do Centenário de Teresina: Novas sensibilidades do Viver Urbano In: **Congresso Internacional de História e Patrimônio Cultural**, 2008, Teresina. **Anais**.

_____. Cajuína e cristalina: as transformações espaciais vistas pelos cronistas que atuaram nos jornais de Teresina entre 1950 e 1970. **Revista Brasileira de História**. Vol. 27 n° 53, São Paulo Jan./Jun 2007.

_____. Cidade e memória: o processo de modernização de Teresina nos anos 1930 e 1940. In. EUGÊNIO, João Kennedy (org.). **Histórias de vários feitio e circunstância**. Teresina: Instituto Dom Barreto, 2001.

_____. Em busca de uma cidade perdida. In: PINHEIRO, Áurea da Paz; NASCIMENTO, Francisco Alcides do (Orgs.) **Cidade, História e Memória**. EDUFPI: Teresina, 2004.

_____. História e memória: lembranças de uma cidade ardente. In. SIMPSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. (org.). **Os desafios contemporâneos da história oral**. Campinas: Unicamp, 1997

_____. Sonhos e pesadelos dos moradores da periferia de Teresina nas décadas de 1960 e 1970. **XXV Simpósio Nacional de História da ANPUH**. Fortaleza, 2009. Disponível em: <http://anpuh.org/anais/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0297.pdf>. Acessado em 03 de junho de 2014.

_____; OLIVEIRA, Marylu Alves de; DIAS, Laécio Barros. **Teresina dos Anos Dourados aos Anos de Chumbo**: O Processo de Modernização e Intervenção do Estado Autoritário. Teresina, 2004. Disponível em <http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT.11/GT28.PDF>. Acesso em 06 de novembro de 2014.

NASCIMENTO, João Batista Sousa do. **Itararé**: Um Olhar Histórico e social entre 1976 e 1983. Monografia: TCC em História. Universidade Estadual do Piauí - UESPI, Teresina, 2005.

NEGT, Oscar. Espaço público e experiência. In. PALLAMIN, Vera M. Pallamin (Org.). **Cidade e Cultura**: esfera pública e transformação urbana. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

NETO, Edmundo X. R; LIMA, Antônia. J. Governo local e movimentos sociais por moradia: dilemas da gestão urbana. **Revista Textos & Contextos**. Porto Alegre, v. 6 n. 1, p. 105-125. jan./jun. 2007.

- NORA, Pierre. **Entre Memória e História a problemática dos lugares**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós- Graduação em História. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 1981
- NUNES, M. C. P.; ABREU, I. G. Vilas e Cidades do Piauí. In: **Piauí: Formação. Desenvolvimento. Perspectivas**. R. N. Monteiro de Santana. (Org.). Teresina: Halley, 1995.
- NUNES, Maria Cecília Silva de Almeida, O trem de ferro no imaginário popular piauiense. **Revista Espaço-Tempo**. Vol. I, Nº 4, Editora Gráfica da UFPI, Teresina, 199
- NUNES, Odilon. **Pesquisas para a História do Piauí**. Vol. I, II, III, IV. Teresina: FUNDAPI, 2007.
- OLIVEIRA, Noé Mendes de. **Folclore brasileiro: Piauí**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1999.
- OLIVEIRA, Rosa Gabriela Uchoa Lima; SANTOS, Livia Maria Macêdo; MACHADO, Cíntia Bartz; SANTOS, Valério de Araújo. **O centro de Teresina: avaliação dos programas de Requalificação Teresina agenda 2015**. III Seminário Internacional Urbicentros. Salvador, 2012. Disponível em <http://www.ppgau.ufba.br/urbicentros/2012/ST245.pdf>. Acesso em 03 de junho de 2014.
- PALLAMIN, Vera M. Pallamin (Org.). **Cidade e Cultura: esfera pública e transformação urbana**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- PECHMAN, Robert Moses. **Olhares sobre a cidade**. Rio de Janeiro: ed. UFRJ, 1994.
- PEREIRA, Luiz Antônio da Costa. A Cidade e a Modernidade. In: **Presença Revista de Educação, Cultura e Meio Ambiente**, Nº23, Vol. V, 2000.
- PESAVENTO, Sandra Jatthy. **História e História cultural**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- _____. Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.8, n.16, p.279-290, 1995.
- PINSKY, Carla Bassanezi, (org.). **Fontes Históricas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2006
- POLLAK, Michael. Memória, esquecimento e silêncio. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, p.3-15, 1989.
- PRADO JR., C. **Formação do Brasil Contemporâneo**. 3. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1948.
- QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Dialética do rural e do urbano: exemplos brasileiros. In **Cultura, sociedade rural, sociedade urbana no Brasil: ensaios**. RJ: Livros Técnicos e Científicos; SP: Ed. USP, 1978. p. 263-314.
- QUEIROZ, Teresinha. **Economia Piauiense - da pecuária ao extrativismo**. Teresina: ApeCH/UFPI, 1993.
- _____. **Os Literatos e a República: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo**. 2. ed. Teresina: EDUFPI; João Pessoa: EDUFPB, 1998.

- REIS FILHO, Nestor Goulart. Urbanização e modernidade. Entre o passado e o futuro (1808-1945). In. MOTA, Carlos Guilherme (org.). **Viagem incompleta**. São Paulo. Ed. do SENAC, 2000, 2º vol.
- REIS, Eudã Soares dos. **A política habitacional no Piauí e a construção do Itararé (1975-1982)** (Monografia de História). Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2006.
- REZENDE, Antônio Paulo de M. **(Des)Encantos Modernos: História da Cidade de Recife na década de 20**. São Paulo: USP, 1992.
- RIBEIRO, Darcy. **O Povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- RIBEIRO; Azevedo, 1996, p. 79. In. Façanha, Antônio Cardoso. **A evolução urbana de Teresina: agentes, processos e formas espaciais da cidade**. UFPE (Dissertação de mestrado em geografia), Recife, 1998.
- RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora UNICAMP. 2007.
- RODRIGUES. Rodrigo da Silva; VELOSO FILHO, Francisco de Assis. **A evolução dos Planos Urbanos de Teresina no contexto do Planejamento Urbano no Brasil**. Disponível em <http://www.geociencias.ufpb.br/posgrad/sernne/artigo59.pdf>. Acessado em 10 de agosto de 2015.
- ROLINK, Raquel. **O que é cidade**. São Paulo. Editora Brasiliense, 1995.
- ROSSI, Aldo. **A Arquitetura da Cidade: Tradução Eduardo Brandão**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ROUANET, Sérgio Paulo. É a cidade que habita os homens ou são eles que moram nela? **Revista USP**: São Paulo, v. 1, n. 15, set./nov. 1990, p. 49-75.
- _____. **Mal-estar na modernidade: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- SÁ FILHO, Bernardo Pereira de. **Cartografias do prazer: boemia e prostituição em Teresina (1930-1970)**. Dissertação: Mestrado em História. Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2006.
- SANTANA, R. N. Monteiro de; SANTOS, Cineas. **O Piauí e a Unidade Nacional**. Teresina: FUNDAPI, 2007.
- SANTANA, Raimundo Nonato Monteiro de. (Org.) **Piauí: Formação, Desenvolvimento, Perspectivas**. Teresina: Halley, 1995.
- _____. **Evolução histórica da economia piauiense**. Teresina: Academia Piauiense de Letras, 2001.
- _____. **Perspectiva Histórica do Piauí**. Teresina: Ed. Cultura, 1965.
- SANTOS, Jair Ferreira dos. **O que é pós-moderno**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

SANTOS, José Lopes dos. **Piauí: a força do poder municipal**. Vol. III. Teresina, gráfica Mendes, 1989.

_____. **Piauí: a Força do Poder Municipal**. Vol. II. Teresina, Gráfica Mendes, 1991.

_____. **Política e Outros Temas**. Vol. II. Teresina, Gráfica Mendes, 1991

_____. **Política e políticos: eleições 86**. Vol. II. Teresina, Gráfica Mendes, 1988.

SANTOS, Maria Lindalva Silva. **A força de um ideal: história e memória da primeira TV piauiense**. Dissertação. Mestrado em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí. Teresina, 2010.

SANTOS, Milton. **A urbanização Brasileira**. 5 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

_____. **Espaço e Método**. São Paulo: Nobel, 1985.

_____. **Por uma outra Globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SANTOS, Raimundo Nonato Lima dos. **História, Memória e Identidade na Cidade de Timon na Década de 1980**. Dissertação de Mestrado - PPHB. Universidade Federal do Piauí. Teresina 2007.

SAULE JR, Nelson; CARDOSO, Patrícia de Menezes (Coord.). Relatório da Missão da Relatoria Nacional à Moradia e à Terra Urbana em Teresina, PI, em dezembro de 2005. In: **A Exigibilidade do direito à moradia: a experiência de Teresina**. São Paulo: Instituto Pólis, 2008.

SCHMIDT, Benício Viero. **O Estado e a Política Urbana no Brasil**. Ed. da Universidade, UFRGS, L&PM, Porto Alegre, 1983.

SEVCENKO, Nicolau. **Orfeu Extático - São Paulo: sociedade e cultura nos frementes anos 20**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SILVA FILHO, O. P. S. F. **Carnaúba , pedra e barro na Capitania de São José do Piauí**. Belo Horizonte: Ed. Do Autor, 2007.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos Históricos**. São Paulo : Contexto, 2009.

SIMPSON, Olga Rodrigues de Moraes Von. (org.). **Os desafios contemporâneos da história oral**. Campinas: Unicamp, 1997.

SINGER, Paul. **A crise do 'Milagre'**. 7ª Edição, Rio de Janeiro, Paz e terra, 1982.

SKIDMORE, Thomas E (1932). **De Castelo a Tancredo, 1964 – 1985**. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1991.

SOARES, Wellington. **Por um triz: crônicas**. Teresina: Fundação Quixote, 2007.

SOUSA, Aldi Lima de. **A História da enfermagem obstétrica na Maternidade São Vicente (1954-1976)**. Teresina, 2005.

TAVARES, Zózimo. **100 fatos da história do Piauí no Século XX**. 3. Ed. Teresina: Halley, 2000.

TITO FILHO, Arimathéa. **Teresina, meu amor**. Teresina: COMEPI. 1973.

UFPI. **Revista Espaço-Tempo**. Vol. I, nº IV. Editora Gráfica da UFPI: Teresina, 1996.

VELHO, Gilberto. **Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

VEYNE, Paul Marie. **Como se escreve a história: Foucault revoluciona a história**. 4ª edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1982, 1992, 1995, 1998.

VIANA, Bartira Araújo da Silva. O sentido da Cidade: entre evolução urbana e o processo de verticalização. **Carta CEPRO**, v. 23, nº 1, 2005. Disponível em:
http://www.cepro.pi.gov.br/download/200806/CEPRO04_7f55491295.pdf

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade: na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

Fontes

ACERVO Fotográfico de Teresina. Disponível em: <https://www.facebook.com/pages/TERESINA-MEU-AMOR/272388342841711>. Acessado em 12 de fevereiro de 2015.

ASSOCIAÇÃO dos Magistrados do Piauí - AMAPI. Ação de Indenização por Danos Materiais contra a PMT. In: <http://www.amapi.org.br/banco-de-decisoes/16-c-c-indenizacao-por-danos-materiais>.

BARCA do sal, um sonho que afundou. **Portal Parnaíba Notícias**. Disponível em <http://portalparnaibanoticias.blogspot.com.br/2014/03/barca-do-salum-sonho-que-afundou.html>. Acessado em 14 de novembro de 2014.

BRAIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Revista Brasileira dos Municípios. Nº 67/68, ano XVII, jun/dez. 1964. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/periodicos/periodicos.pdf>. Acessado em 23 de maio de 2014.

_____. Banco do Nordeste do (BNB). Escritório Técnico de Estudos Econômicos do Nordeste – ETENE. **Informe Técnico ETENE Macroeconomia, Indústria e Serviços: As Maiores Empresas do Nordeste em 2008, Ano 4 – Nº. 13, 2008.**

_____. **Mapa de área com cobertura de coleta de resíduos sólidos e esgoto da cidade de Teresina.** BNB. Ruschimenn Consultores, s/d

_____. Banco Nacional da Habitação - BNH. **Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina.** Financiamento: Ministério do Interior SERFHAU/FIPLAN/BNH.

_____. **Câmara dos Deputados.** Discurso do Deputado Federal do PT/PI Wellington Dias. Brasília, 2002. Disponível em: www.camara.gov.br/sileg/integras/28041.doc. Acessado em 23 de maio de 2014.

_____. **Decreto Federal nº 4.367**, de 9 de setembro de 2002 que criou a Região da ‘Grande Teresina’. Teresina, 2002.

_____. **Decreto nº 78.672** de 05 de Novembro de 1976, vinculou o Colégio Agrícola de Teresina à Universidade Federal do Piauí.

_____. **Eletróbrás** - Distribuição Piauí. Relatório de Responsabilidade Socioambiental – 2008. Disponível em <http://www.eletrabraspiaui.com/download/>. Acessado em 03 de dezembro de 2014.

_____. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Censos demográficos e estimativas populacionais. In: TERESINA. Prefeitura Municipal de. **Plano municipal de saneamento básico de Teresina.** Produto 02: diagnóstico da citação do saneamento básico. Teresina, s/d. DRZ Geotecnologia e Consultoria, s/d.

_____. **Censo Demográfico 1950-2010 e contagem da população em 1996.** IBGE, 2010a.

_____. **Perfil dos Municípios Brasileiros** - Finanças Públicas 1998-2000. s/d.

_____. IX Recenseamento Geral do Brasil 1980: **Piauí**. Vol. I, Tomo I, N° VII. Rio de Janeiro, 1981.

_____. Congresso Nacional. LEI 9.394-96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** – LDB: Brasília, 1996.

_____. Ministério do Planejamento e Coordenação Geral. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico Piauí**. Serie Regional. Vol. I, tomo VI, 1970.

_____. Universidade Federal do Piauí. - UFPI. História. Disponível em: <http://www.ufpi.br/page.php?Id=1>. Acessado em 08 de novembro de 2014.

_____. **Resolução N° 003/13**. Disponível em <http://www.ufpi.br/cat/index/pagina/id/237>. Acessado em 12 de agosto de 2015.

CEGED. **Dados da Rais**. In: <http://sg.caged.gov.br/xolapw.dll/fsmMain>. Nov/2009.

DESENHO. Edifício-Prédio do DER-PI: autoria desconhecido. Acervo **circuito86wordpress.com/pesquisar-por-imagem**. Acessado em 23 de abril de 2014.

DOCUMENTARIO de 162 de Teresina. Fonte: <https://www.google.com.br/url/https://www.wordpress.com/arquitetura-historia-memoria-documentario-aquarelas-dos-162-anos-de-teresina>. Acessado em 10 de março de 2015.

FREIRE, Pedro Augusto Freire. **Teresina e o futuro**. Jornal O Estado: Teresina-PI, 27 de maio de 1980, p. 03.

<HTTP://www.eletobraspiaui.com/historico.php>. Acessado em 08 de novembro de 2014.

<HTTP://www.teresina.pi.gov.br/portalmpt/orgao/SEMPLAN/doc.pdf>. Acessado em 07 de março de 2015. s/d.

<HTTP://www.ufpi.br/page.php?Id=1>. Acessado em 08 de novembro de 2014.

Imagem 01: Bar Carnaúba na Rua 13 de Maio ao lado do Teatro 4 de Setembro. Foto: Acervo **FUNDAC**.

_____. 02: Vista Aérea do Campus da Universidade Federal do Piauí em Teresina na década de 1980. Foto: Acervo **FUNDAC**.

_____. 03: Entrada do Centro de Convenções de Teresina. Foto. José de Araújo Veras, no Centro de Convenções em 1980. Disponível em <http://www.cidadeverde.com/teresina160anos/>. Acessado em 14 de novembro de 2014.

_____. 04: Instituto de Educação Antonino Freire Inaugurado em 1973 – Nova Edificação onde funcionou a Escola Normal de Teresina. Fonte. Acervo: **Academia Piauiense de Letras - APL**.

_____. 05: Vista Noturna do Prédio do Tribunal de Justiça do Piauí. Fonte: Acervo **TJPI** – Tribunal de Justiça do Piauí

_____. 06: Prédio da Assembleia Legislativa do Estado do Piauí – década de 1990. Foto. Edson C. Delgado. Cartão Postal (recortado). **Editora Cluposil**. Campina Grande – PB.

_____. 07: Pontão da Santa Maria da Codipi em Travessia sobre o Rio Poti no bairro Poti Velho em 1978. Fonte: Foto de Assaí Campelo: In. Prefeitura Municipal de Teresina. **Teresina 155 anos**. Caderno: Lentes de Teresina: a cidade que queremos ter. PLUG Propaganda e Marketing: Teresina, 2007.

_____. 08: Ponte sobre o Rio Poti construída em 1993 - interligação do bairro Poti Velho com a Santa Maria da Codipi em Teresina. Fonte: **Itamar Neiva** (editada).

_____. 09: Embarcações Ancoradas no Cais do Porto no Centro de Teresina em 1979. *Foto*: Assaí Campelo. In. Teresina 155 anos. **Lentes de Teresina**: PMT. Teresina, 2007.

Imagem 10: Navio Comandante Fausto Fernandes e Silva em Teresina em 1988. Fonte: Acervo **Academia Piauiense de Letras- APL**.

_____. 11: Casas de ‘Pau-a-Pique’ construídas na Margem Leste do Rio Poti em Teresina na década de 1970. Fonte: Acervo **FUNDAC**.

_____. 12: Margem Centro e Leste do Rio Poti na Ponte JK no final da década de 1980. Foto: Ponte JK e Marginais Oeste/Leste do Rio Poti. Fonte - Acervo **FUNDAC**.

_____. 13: Prolongamento da Avenida Maranhão e o Centro Administrativo. Foto: Avenida Maranhão e Centro Administrativo do Estado do Piauí (projetado em 1976). Fonte. Acervo **FUNDAC**.

_____. 14: Mapa da Região Integrada dos Municípios da ‘Grande Teresina’. Fonte: Ministério da Integração Nacional. In: CEPRO, Fundação. **Piauí em Números**. 9ª edição. Teresina, 2012

_____. 15: Obelisco em Homenagem ao Conselheiro Saraiva na Praça da Bandeira em frente à Igreja de Nossa Senhora do Amparo. Foto: **Thiago Amaral**.

_____. 16: Maternidade Dona Evangelina Rosa. Fonte: Acervo **SESAPI**.

_____. 17: Manchete de Propaganda do Governo do Estado do Piauí sobre a Construção do Prémétrô (Trem de Superfície) da Capital do Piauí. Fonte. Revista **Veja** nº 1162, Edição de 26 de dezembro de 1990.

_____. 18: Três Torres do Condomínio Beverly Hills na Avenida Marechal Castelo Branco. Fonte: **Construtora Sucesso**.

_____. 19: Edifício Sede da Receita Federal no Piauí. Fonte: Prédio da Receita Federal no Piauí. Acervo **Folhas de Campo Maior**. Disponível em: <http://www.folhasdecampomaior.blogspot>. Acessado em 10 de março de 2015.

_____. 20: Fachada Principal do Prédio do Departamento de Estradas e Rodagens do Piauí – DER-PI. Fonte: Edifício Sede do Departamento de Estradas e Rodagens do Piauí – DER. Acervo **Teresina Panorâmica**. Disponível em: WWW.teresinapanoramica.com/pesquisar-por-imagem. Acessado em 10 de março de 2015. Fonte: Imagem complementar: **Aquarelas dos 162 anos de Teresina**. Gravura da Fachada do Edifício do DER-PI. Disponível em

<https://www.google.com.br/url/https.wordpress.com/arquitetura-historia-memoria-documentario-aquarelas-dos-162-anos-de-teresina>. Acessado em 10 de março de 2015.

_____. 21: Vista Aérea do Conjunto Parque Piauí na Década de 1970. Foto: Acervo da SEMPLAM/PMT. Panorâmica do Conjunto Parque Piauí. Fonte: **MELO**, 2009, p. 12. In: **Cabo Verde, Redes e Desenvolvimento Regional**. I Congresso Regional de Desenvolvimento Urbano de Cabo Verde.

_____. 22: Rebaixamento da Linha Férrea do Pré-metrô na Estação Central de Teresina. Foto: **Estação Central do Pré-metrô**. Disponível em <http://www.mobilize.org.br>. Acessado em 02 de dezembro de 2015.

_____. 23: Enchentes no Rio Parnaíba em 1985 e Alagamento na Avenida Maranhão. *Fotos*: Valmira Cabral. In: TV Cidade Verde. **Enchente em 1985 alagou a Avenida Maranhão**. Fonte: **Acervo TV Cidade Verde**. Disponível em <http://cidadeverde.com/enchente-em-1985-alagou-a-avenida-maranhao-veja-fotos-37453>. Acesso em 10 de novembro de 2014.

_____. 24: Estação de Bombeamento das Águas das Lagoas dos Bairros Mafrense e Poti Velho para o Rio Parnaíba. *Foto*. **Casa de Bombas** para transferência de águas das lagoas da zona norte para o Rio Parnaíba. Acervo PMT-SEMPPLAN. Disponível em <http://www.semplan.teresina.pi.gov.br>

_____. 25: Grupos de Amigos e Familiares em Manhãs de Lazer nas Coroas dos Rios de Teresina. Foto: Amparo Fontenelle. Fonte: **Acervo TV Cidade Verde**. Disponível em <http://www.cidadeverde.com/teresina160anos/>. Acessado em 14 de novembro de 2014.

_____. 26: Banhistas nas ‘Coroas’ do Rio Parnaíba na Região da ‘Prainha’. Foto: Banhistas nas coroas do rio Parnaíba na “Prainha”. Na segunda imagem, banhistas sob a sombra de uma barraca. Disponível em <https://pt-br.facebook.com/teresinameuamor>. Acessado em 12 de fevereiro de 2015.

_____. 27: Banhista e Quiosques da Prainha do Rio Parnaíba em Teresina na década de 1980. *Foto*: Acervo **FUNDAC**.

_____. 28: Quiosques e Bares da Prainha do Rio Parnaíba em Teresina na década de 1980. *Foto*: Alcide Filho - Acervo **FUNDAC**.

JORNAL DO PIAUÍ: **AGESPISA conclui reservatórios**. Teresina, 27 de janeiro de 1983.

_____: **Anunciada inaugurações**. Teresina, 31 de dezembro de 1972.

_____: **As obras da Miguel Rosa**. Teresina 29 de janeiro de 1970.

_____: **Avenida pronta: Haroldo opera**. Teresina 24 de outubro de 1970.

_____: **COHAB - PI: Aviso**. Teresina, 21 de dezembro de 1972, p. 07.

_____: **Helvídio vai falar com o Presidente**. Teresina 17 de janeiro de 1970, p. 09.

_____: **Manchetes** das comemorações de um ano de governo Alberto Silva (grifos nosso). Teresina, 15 de março de 1972.

_____: **O Piauí de ontem pedia, o Piauí de hoje convida.** Teresina 15 de março de 1972.

_____: **O Piauí não estende as mãos pedindo mais sim abre os braços para receber.** Teresina 15 de março de 1974.

_____: **Obras de fachada.** Teresina, 19 de fevereiro de 1982, p. 2.

_____: **Prefeitura inaugura amanhã várias obras.** Teresina 17 de março de 1972, p. 08.

_____: **Uma obra que merece ser conhecida.** Teresina 21 de junho de 1977.

_____: **Urbanização.** Teresina, 01 de março de 1972.

_____: **Viadutos ficam prontos antes de maio.** Teresina, 09 de fevereiro 1982.

JORNAL O DIA: **Calçamento.** Teresina, 19-20 agosto de 1971.

JORNAL O ESTADO. Por Pedro Augusto Freire. **Teresina e o Futuro.** Teresina-PI, 27 de maio de 1980, p. 03

_____: **Teresina e o futuro.** Teresina-PI, 27 de maio de 1980, p. 03.

_____: **Viadutos.** Teresina, 10 de janeiro de 1981.

MATERNIDADE Dona Evangelina Rosa: **História.** PIAUÍ, Governo do Estado. Secretaria Estadual de Saúde. Disponível em <http://www.saude.pi.gov.br/paginas/33-maternidade-evangelina-rosa>. Acessado em 12 de fevereiro de 2015

MÚSICA. **Rio Parnaíba.** Composição de Magno Aurélio e Peíña do Cavaco. Música em homenagem as lavadeiras de roupas do Rio Parnaíba. Disponível em <http://letras.mus.br/ensaio-vocal/rio-parnaiba/> Acessado em 07 de abril de 2015.

NASCIMENTO, Luiz Gonzaga do. **'De Teresina a São Luiz'**. Autoria de João do Vale e Helena Gonzaga. RCA, 1962.

PIAUI, Governo do Estado do. Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí – CEPRO. **Síntese Tabular da Evolução do Emprego Formal no Piauí 1985/2006.** Relatório, abril de 2008.

_____: Assembleia Legislativa do estado do Piauí. **LEI ° 5.402** de 14 de julho de 2004, criando o Instituto Superior de Educação Antonino Freire — ISEAF, sendo regulamentada pelo Decreto n° 11.561, de 01 de dezembro de 2004. Disponível em <http://www.iseaf.pi.gov.br/historia.php>. Acessado em 12 de agosto de 2015.

_____: **LEI Estadual n° 2.281** de 27 de julho de 1962 que criou a Companhia de Águas e Esgotos do Piauí S/A – AGESPISA.

_____: **LEI Estadual n° 2.387** de 12 de dezembro de 1962 que criou a Companhia de Águas e Esgotos do Piauí S/A – AGESPISA.

_____: **LEI estadual n° 2.742** de 31 de janeiro de 1966, transformando a Caixa Beneficente em Instituto de Assistência e Previdência do Estado do Piauí – IAPEP, com natureza jurídica de Autarquia e sediado na Capital do Estado do Piauí.

_____: **Decreto nº 12.049**, de 26 de dezembro de 2005. Disponível em <http://www.iapep.pi.gov.br/historia.php>. Acessado em 12 de agosto de 2015.

_____: **RELATÓRIO: Síntese Tabular da Evolução do Emprego Formal no Piauí 1985/2006**. Fundação Centro de Pesquisas Econômicas e Sociais do Piauí – CEPRO. Relatório, abril de 2008.

_____: Relatório das Ações e Metas do Mês de Outubro/2013 do Parque Nova Potytabana. **Associação de Promoção da Juventude** – APROJUV. Teresina, 2013.

_____: TV Educativa do Piauí. **O Navio do Sal**. Seis Vídeos Documentários sobre a Navegabilidade do Rio Parnaíba. Disponíveis em <http://portalparnaibanoticias.blogspot.com.br/2014/03/barca-do-salum-sonho-que-afundou.html>. Acessado em 14 de novembro de 2014.

_____: **AGESPISA**: História. Disponível em: <http://www.agespisa.com.br/historia.php>. Acessado em 08 de novembro de 2014.

_____: **FUNDAC**. Acervo Fotográfico de Teresina. Disponível em <https://crcfundacpiaui.wordpress.com/2014/05/13/patrimonio-fotografico-fotos-do-inicio-de-seculo-xx/>.

_____: **PIAUI em Números** - 9ª edição. CEPRO, Fundação. Teresina, 2012.

_____: Universidade Estadual do Piauí - UESPI. História. Disponível em <http://www.uespi.br/site/>. Acessado em 08 de novembro de 2014.

RADIO Pioneira: História. Disponíveis em <http://radiopioneira.am.br/index.php/quem-somos>

REVISTA: **Teresina em Revista**. Nº 1. 1990.

SÃO PAULO. Câmara Municipal. **Projeto de Lei 01-0051-2010**. Dispõe sobre a Mudança de Denominação da EMEI Paraisópolis para EMEI Roberto Burle Marx. Disponível em <http://www2.camara.sp.gov.br/projetos/2010>. Acessado em 03 de agosto de 2015.

TERESINA, Comércio Exterior de. In: <http://www.desenvolvimento.gov.br/sitio/sistema/sitio/sistema/balancacomercial>. Jun/2009. Acessado em 08 de dezembro de 2015.

TERESINA, Prefeitura Municipal de. **Censo das Vilas e Favelas de Teresina**. SEMHUR, Teresina, 1999.

_____: **Censo de Vilas e Favelas de Teresina**. Teresina, Alínea, 2000.

_____: **I Plano Estrutural de Teresina** - I PET, 1976.

_____: **II Plano Estrutural de Teresina**. Teresina: 1988.

_____: **Lei nº 1940**, de 16 de agosto de 1988. Institui o Código Municipal de Posturas e dá Outras Providências. Disponível em <https://www.leismunicipais.com.br/login>. Acessado em 25 de novembro de 2014.

_____: **LEI municipal nº 2.062**, de 18 de julho de 1991 criou o Instituto de Previdência e Assistência dos Servidores do Município de Teresina – IPMT.
<http://ipmt.teresina.pi.gov.br/wp-content/uploads>. Acessado em 12 de agosto de 2015.

_____: **LEI municipal nº 2.969**, de 11/01/2001 que passou a assegurar cobertura previdenciária a todos os seus segurados e dependentes. Disponível em
<http://ipmt.teresina.pi.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/Lei-2969>. Acessado em 12 de agosto de 2015.

_____: **Plano de Desenvolvimento Local Integrado de Teresina**. Financiamento: Ministério do Interior SERFHAU/ FIPLAN/ BNH. COPLAN, 1969.

_____: **Plano de Desenvolvimento Local Integrado**. PMT. <http://www.teresina-pi.gov.br/portalpmt>. s/d. Acessado em 04 de maio de 2014

_____: **Plano de Desenvolvimento Sustentável – Teresina Agenda 2015**.

_____: **Plano Decenal de Educação para Teresina - PDET Teresina**: PMT, 2003.

_____: **Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano**. PMT. <http://www.teresina-pi.gov.br/portalpmt>. Acessado em 04 de maio de 2014.

_____: **Plano Diretor de Drenagem Urbana de Teresina**. Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação, 2010.

_____: **Plano Diretor de Transportes e Mobilidade Urbana de Teresina**. Superintendência Municipal de Transporte e Transito (STRANS). OFICINA – Consultores Associados. Relatório, 2008.

_____: **Plano Estrutural de Teresina - PET**. Teresina 1976. Disponível em:
<http://www.teresina-pi.gov.br/portalpmt>. Acesso em 12 de abril 2014.

_____: **Plano Municipal de Saneamento Básico de Teresina**. Produto 02: diagnostico da citação do saneamento básico. Teresina s/d. DRZ - Geotecnologia e Consultoria. Acessado em 27 de abril de 2015. Disponível em:
<http://www.teresina.pi.gov.br/sistemas/portalpmt/admin/upload/documentos/ba90e00ad7.pdf>

_____: **Projeto Vila-Bairro Teresina**, SEMPLAN, 1997b.

_____: **Relatório**: Prefeitura Municipal Teresina. Administração Wall Ferraz. 1976.

_____: Relatório: **Teresina, Agenda 2015**: A cidade que temos, Teresina: s/d. Disponível em:
<http://www.teresina.pi.gov.br/portalpmt.pdf>. Acessado em 10 de agosto de 2015.

_____: Secretaria Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo – SEMDEC. **Perfil de Teresina**: Econômico, Social, Físico e Demográfico. Raimundo Leôncio Ferraz Fortes (coord.) Teresina, 2010.

_____: Secretaria Municipal de Habitação e Urbanismo. **Plano Municipal de Habitação**. Teresina, SEMHUR, 1997c.

_____: **Secretaria Municipal de Meio Ambiente - SEPLAM**. Teresina, 2000.

_____: **Secretaria Municipal de Planejamento** - SEPLAM. Aspectos e Características - Perfil. Teresina, 1993.

_____: Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação Geral - SEMPLAN. **Plano de Desenvolvimento Integrado**: 1997-2000. Teresina, 1997a.

_____: Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação Geral – SEMPLAN. **Unidade Técnica Central do Projeto Vila Bairro**, Teresina, 2004.

_____: Secretaria Municipal de Planejamento e Coordenação, **Plano Diretor de Drenagem Urbana de Teresina**. Teresina, 2010.

_____: Secretaria Municipal do Trabalho e de Assistência Social. **Censo de Vilas e Favelas de Teresina**. Teresina, 1996.

_____: **Teresina 155 anos**. Caderno: Lentes de Teresina: a cidade que queremos ter. PLUG Propaganda e Marketing: Teresina, 2007.

_____: **Teresina Agenda 2015** - a cidade que queremos: diagnóstico e cenário, revitalização do centro. Teresina, s/d. disponível em <http://www.teresina.pi.gov.br/portalpmt/orgao/SEMPLAN>. Acesso em 29 de maio de 2014.

_____: **Teresina Agenda 2015**. Plano de Desenvolvimento Sustentável. Teresina: Prefeitura Municipal de Teresina. 2002.

_____: **Teresina Agenda 2015**: A cidade que queremos. Diagnósticos e cenários: Habitação. Plano Estratégico de Desenvolvimento Sustentável. Teresina-PI: s/d. disponível em <http://www.teresina.pi.gov.br/portalpmt/orgao/SEMPLAN/doc/20080924-160-599-D.pdf>. Acessado em 27 de fevereiro de 2015.

_____: **Teresina Agenda 2015**: A cidade que queremos. Diagnósticos e cenários: Meio Ambiente. Elaboração PMT. Teresina-PI: s/d. disponível em <http://teresina.pi.gov.br/portalpmt/orgao/SEMPLAN/doc/20080924-160-591-D.pdf>.

_____: **Teresina Agenda 2015**: A cidade que queremos. Diagnósticos e cenários: Polo Saúde. Elaboração. PMT. Teresina-PI: s/d. Disponível em <http://www.teresina.pi.gov.br/portalpmt/orgao/SEMPLAN/doc/20080924-160.pdf>. Acessado em 27 de fevereiro de 2015.

_____: **Teresina Agenda 2015**: Plano de Desenvolvimento Sustentável. Teresina, 2002.

_____: **Teresina em Dados**, 2005. 1 CD-ROM.

_____: **Teresina em Dados**. In: [http://www.teresina-pi.gov.br/portalpmt/órgão/downloads](http://www.teresina-pi.gov.br/portalpmt/órgão/downloads/Set/2009). Set/2009.

TERESINA: História. Fonte: <http://semplan.teresina.pi.gov.br/historia-de-teresina>

TITO FILHO, Arimathéa. A **Televisão**. Jornal O Dia: Teresina, 07 de fevereiro 1992.

TITO FILHO, Arimathéa. **A velha Teresina**. Jornal O Dia: Teresina, 17 de agosto de 1989. Disponível em <http://acervoatitofilho6.blogspot.com.br/2011/08/velha-teresina.html>.

Acessado em 12 de agosto de 2015.

TITO FILHO, Arimathéa. Caderno de Anotações. **Jornal do Piauí**: Teresina, 30 de janeiro de 1979, p. 02.

_____: **Empacotamento**. Jornal O Dia, Teresina, 19 de maio de 1988.

_____: **Escolas**. Jornal O Dia, Teresina-PI 2 de abril de 1992.

_____: **Esportes**. Jornal O Dia: Teresina, 08 de maio de 1992.

_____: **Estádios**. Jornal O Dia: Teresina, 12 de fevereiro 1992.

_____: **Jornal O Dia**. Teresina, 27 de fevereiro de 1992.

_____: **Licenciosidade**. Jornal O Dia. Teresina, 27 de fevereiro de 1992.

_____: **Monotonia**. Jornal o Dia. Teresina, 23 de março de 1992.

_____: **Namorados**. Jornal O Dia: Teresina, 20 de março de 1992.

_____: **Ontem e Hoje**. Jornal O Dia. Teresina, 06 de março de 1992.

_____: **Teresina**. Jornal O Dia. Teresina, 12 de setembro de 1990.

_____: **Tombação I**. Jornal O Dia, Teresina, 19 de agosto de 1988.

_____: **Tombação II**. Jornal O Dia, Teresina, 20 de agosto de 1988.

_____: **Tombação III**. Jornal O Dia, Teresina, 22 de agosto de 1988.

TV CIDADE Verde. Acervo. Disponível em <http://www.cidadeverde.com/teresina160anos/>. Acessado em 14 de novembro de 2014.

TV CLUBE: História. Disponível em: http://portaldaclube.profissional.ws/tv_clube. Acessado em 14 de abril de 2015.

VEJA. Revista **Veja** nº 1162, Edição de 26 de dezembro de 1990. Disponível em <http://gamaquetes.blogspot.com.br/2011/10/metro-de-teresina.html>. Acessado em 05 de março de 2015.

VÍDEO o Navio do Sal. Documentário. TV Educativa do Piauí. Disponíveis em <http://portalparnaibanoticias.blogspot.com.br/2014/03/barca-do-salum-sonho-que-afundou.html>. Acessado em 14 de novembro de 2014.

VIDEO: TV Educativa do Piauí. Vídeo o Navio do Sal. Disponíveis em <http://portalparnaibanoticias.blogspot.com.br/2014/03/barca-do-salum-sonho-que-afundou.html>. Acessado em 14 de novembro de 2014.

VOCAL, Ensaio. **Canto da Solidão**. Composição de Afonso Lima e Aurélio Melo. Disponível em <http://letras.mus.br/ensaio-vocal/1779639>. Acessado em 20 de abril de 2015.